



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ROSILENE FELIX MAMEDES

MARCAS PSICANALÍTICAS E LITERÁRIAS NA ESCRITA
INTIMISTA UMA ADOLESCENTE

JOÃO PESSOA-PB

2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M264m Mamedes, Rosilene Felix.

Marcas psicanalíticas e literárias na escrita
intimista uma adolescente / Rosilene Felix Mamedes. -
João Pessoa, 2021.
325 f.

Orientação: Hermano de França Rodrigues.
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Literatura - Psicanálise. 2. Escrita feminina. 3.
Adolescência. 4. Diário pessoal. 5. Narrativa. I.
Rodrigues, Hermano de França. II. Título.

UFPB/BC

CDU 82-9(043)

ROSILENE FELIX MAMEDES

**MARCAS PSICANALÍTICAS E LITERÁRIAS NA ESCRITA
INTIMISTA DE DIÁRIOS PESSOAIS DE UMA ADOLESCENTE**

Texto entregue ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, área de concentração LITERATURA, TEORIA E CRÍTICA, linha de pesquisa POÉTICAS DA SUBJETIVIDADE, com vistas à obtenção do grau de Doutora em Letras, como obtenção do título do doutorado.

Orientador: Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues

JOÃO PESSOA – PB

2021

TERMO DE APROVAÇÃO

ROSILENE FELIX MAMEDES

MARCAS PSICANALÍTICAS E LITERÁRIAS NA ESCRITA INTIMISTA DE DIÁRIOS PESSOAIS DE UMA ADOLESCENTE

Esta TESE foi julgada e aprovada para a obtenção do título de doutor em Letras, área de concentração LITERATURA, TEORIA E CRÍTICA, linha de pesquisa POÉTICAS DA SUBJETIVIDADE, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

Aprovação: João Pessoa, ____ / ____ / 2021.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Daniela Segabinazi (UFPB)
Coordenadora PPGL/UFPB

Hermano de França Rodrigues

Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues
(UFPB-PPGL- Orientador)

Maria do Socorro Brito de Aragão

Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Aragão
(UFPB-PPGL -Membro interno)

M. Almeida

Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Almeida
(UFPB-PROLING-Membro Externo)

Ana Patrícia Frederico Silveira

Ana Patrícia Frederico Silveira

IFSPE (Membro externo- Suplente)

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado o dom da vida e ter me proporcionado a capacidade da aprendizagem para seguir o caminho da profissão que escolhi com amor e esmero;

A minha mãe, alicerce da minha base, mulher forte e guerreira que criou seus quatro filhos sozinha, dando-lhes educação, amor e dedicação. A ela minha eterna gratidão e amor;

Aos meus irmãos, parte de mim, amor infinito e sem igual, gratidão por dividir essa existência com tamanho amor... Ao meu irmão Robson Felix, em especial, pela parceria de vida e pelo apoio de sempre;

Aos meus sobrinhos, Pedro e Maria Júlia por darem cor a minha vida e me mostrar o maior amor: o de tia;

Ao meu esposo, Josean Aquino, por ter compartilhado comigo, diariamente, todos os momentos dessa trajetória. Gratidão pela nossa jornada juntos.

A todos os meus mestres da UFPB que me constituem como profissional que sou, gratidão por cada aula, por cada acolhida, por cada vínculo entrelaçado e pelas vozes teóricas que fazem parte do meu Eu. Em especial agradeço à Prof^a Dr^a Emília Prestes, professora do Centro da Educação que me apresentou a pesquisa, ainda como aluna da graduação de Letras, pelo Programa Prolicen; à Prof^a Dr^a Graça Carvalho, do DLCV- CCHLA, por ter me guiado para o mestrado e ter me ensinado os caminhos e o amor pela Linguística. À Prof^a Dr^a Fátima Almeida e ao Prof^o Dr Pedro Francelino, ambos do Proling-UFPB, por terem me apresentado ao Bakhtin e ter me direcionado para os estudos bakhinianos. Em mim, há muitos outros, e muitos da UFPB;

Ao Francisco José, o “Chico” (*in memoriam*) do CCHLA, funcionário querido que a Covid -19 levou, em 2021, meu amigo fiel, que sempre me recebeu com abraço, sorriso largo e muitos cafezinhos. A você, meu amigo, o céu está em festa, e em nós do CCHLA, sempre estarás presente. Você fez parte de mim como aluna da graduação de Letras, como mestranda, como doutoranda e como profissional. Gratidão por cada porta aberta, por cada Datashow

colocado para as minhas aulas ou em nossos congressos. Chico sua presença sempre foi fundamental, e fará muita falta. Eternas saudades, meu amigo;

Aos meus alunos do grupo de mestrado e doutorado, missão que venho exercendo há mais de 10 anos, coordenando e direcionando professores da rede pública de ensino para o ingresso na pós-graduação pública. A cada um dos alunos que lapidei para iniciar essa trajetória e àqueles que estão se constituindo o quanto pesquisadores, estejam cientes que aprendo a cada dia com cada um de vocês, nas nossas trocas diárias. Cada um dos inúmeros alunos é fruto do meu caminhar na docência, na pesquisa e de todas as vozes que me constituem. Com eles pesquisei sobre a educação em seu mais amplo sentido, contribuindo, assim, para um mundo melhor com a formação de professores;

À amiga Márcia Gean (*in memoriam*) que tive o prazer de ser orientadora no grupo de estudo, orientando-a para o mestrado no PPGE-UFPB, depois acompanhando a sua escrita acadêmica para a sua qualificação, e que infelizmente, a vida fez com que ela partisse dessa existência, prematuramente, em dezembro de 2020. A Márcia foi a prova cabal que amizades se constroem entre professores e alunos. A você, minha querida, obrigada por tudo e por tanto;

Às funcionárias do Polo Uniasselvi, Michele Teixeira e Andréa Coelho, e da Contatos Empreendimentos por ter me dado condições de me afastar das tarefas laborais e me dedicar à escrita desse trabalho;

À Nadja Maria Menezes por ser ombro amigo e acolhedor na construção desse trabalho, ajudando-me nas trocas dialógicas sobre o ser humano em construção que sou;

À Priciane Ribeiro, amiga que o doutorado me trouxe, obrigada por se fazer presente nessa tese, pela parceria profissional e amizade construída desde que cumprimos créditos juntas no período das disciplinas do doutorado;

Ao meu orientador e amigo, Prof Dr Hermano de França Rodrigues, pelo apoio acadêmico, pela acolhida, confiança dedicada ao meu trabalho e vínculos criados. Gratidão eterna pelo carinho e zelo ao longo dessa trajetória;

Ao Ligepsi- grupo de pesquisa coordenado pelo meu orientador, Prof Dr Hermano de França Rodrigues, que contribuiu decisivamente com essa construção coletiva. Meus

agradecimentos a cada integrante do grupo que contribuiu direta ou indiretamente com essa história;

Ao CNPq que financiou essa pesquisa, concedendo-me bolsa de pesquisadora com taxa bancada. Instituições comprometidas com a pesquisa, como o CNPQ, colaboram para um Brasil melhor e seguro;

Aos meus familiares e amigos que contribuíram direta ou indiretamente com essa pesquisa e que me constituem enquanto sujeito social que sou.

A todos vocês, meus sinceros agradecimentos.

DEDICATÓRIA

Aqui, começo a escrever a última página desse trabalho, a mais difícil, certamente, escrita em partes, dias alternados, devido à intensidade da memória afetiva que há em mim. Dedico essa trajetória do doutorado à minha irmã, Rosiana Márlia (*in memoriam*), para uns, Diana para outros, para mim, apenas Eninha. Diana, como ela gostava de ser mais chamada é o nome de uma Deusa romana, deusa da lua e da caça, filha de Júpiter. Era assim, que era a sua personalidade, forte e sonhadora. Amou sem limites a tudo e a todos, lutou bravamente contra o câncer, como uma verdadeira guerreira. Em algumas batalhas travadas, ela foi vitoriosa ao longo dos oito anos, por fim, a doença a venceu em 2016. Ela foi e é a nossa heroína que deixou um lindo legado de amor e resiliência.

A ela devo as maiores lições de dor, resiliência e vontade de viver... foi com ela que aprendi o significado de resiliência, palavra linda, sublime, que apenas poucos humanos a conhecem em sua plenitude. Ela foi assim: RESILIENTE, tinha em si “*a capacidade de quem se adapta às intempéries, às alterações ou aos infortúnios*”. Ela se adaptou sem murmúrio, sem lamento ao passar das horas, das noites e dos longos dias das dores oncológicas, sendo sustentada pela fé, certamente, foi a sua fé e devoção à Virgem Maria que fez com que o sofrimento do seu corpo fosse amenizado. Ela era a minha doutora de jaleco branco, doutora sem o título acadêmico, que ora conquisto, mas, como era enfermeira, no seu trabalho era a “doutora” Rosiana, estudou para cuidar de vidas, e precisou ser tão cuidada por tantas mãos.

Ao longo desses anos, o doutorado me apresentou muitas situações, mas nada se comparou ter feito o processo seletivo com a minha única irmã, em estado terminal, foi dela que ouvi a primeira vez a palavra doutora, entre uma morfina e outra, a notícia de eu ter passado na seleção chegou, ela mais do que ninguém torceu para “essa doutora”, e essa foi a última alegria que eu a dei, a de ser a “doutora das Letras”. Foi dela que ouvi a “doutora das letras” toda orgulhosa. É assim, que me reconheço como “doutora”, tendo buscado coragem e força para o ingresso naquele ano, como forma de respirar fora daqueles últimos dias da minha irmã, na luta contra o câncer. Foi assim, que aprendi a ser no mundo, por meio de lutas e vitórias. E ela, a minha irmã, foi o maior exemplo disso.

Ao iniciar os estudos, como doutoranda, encontrei na minha casa um caderno dela, na sua última página tinha “*aceite-me como eu sou... que esta semana e todos os dias da sua vida, sejam sempre voltados para a presença e o amor de Deus*”. Essas últimas palavras chegaram como um consolo, como um acalento. Este caderno me acompanhou em todo o processo de

escrita, foi nele que registrei as minhas anotações, inclusive, nesse desfecho para que eu pudesse colocar as últimas palavras que vieram me acalantar e me fizeram ressignificar a partida precoce da minha irmã, aos 37 anos de idade.

A ela, a minha Eninha, dedico toda a minha trajetória, como mulher, sertaneja e doutora “das Letras” como ela me nomeou. O céu está em festa e em nós há uma eterna saudade. Gratidão, Eninha, por me ensinar os maiores amores do mundo: o de Deus e o da família.

RESUMO

Esta pesquisa norteou-se a partir dos postulados da escrita intimista, da construção psicanalítica e social de uma adolescente (12 a 17 anos) por meio da escrita dos seus diários pessoais, buscando refletir sobre o lugar da mulher na sociedade por meio dos seus registros. Dessa forma, esta pesquisa busca compreender a fase da adolescência por meio da escrita do diário e da relação intimista que a autora possui com este instrumento. Como objetivo geral buscou-se analisar o processo da escrita intimista do Eu- adolescente a partir das marcas que plasmam em diários pessoais a partir da óptica da Psicanálise e da escrita intimista. Para os objetivos específicos: Identificar na psicanálise e na literatura subsídios para compreender as subjetividades apresentadas nos diários pessoais da adolescente analisada; Compreender como a adolescente se constitui como sujeito psicanalítico; compreender o diário pessoal como uma narrativa intimista confessional; Identificar características ficcionais na escrita intimista. Assim, como metodologia, esta pesquisa teve fins qualitativos, bibliográficos e explicativos, além de ser um estudo de caso, já que teve como finalidade analisar diários de uma (única) adolescente. Já para o *corpus* da pesquisa foram utilizados três (03) diários pessoais com o recorte temporal de 1996 a 2000 e um texto escrito (2021) a partir de uma entrevista semiestruturada. A análise do *corpus* se deu a partir do diálogo entre os teóricos da Psicanálise, sobretudo, os postulados de Freud; da Literatura por meio das contribuições da teoria literária, da escrita e da escrita intimista, com autores como Aristóteles (2017); Cândido (2008); Compagnon (1999); Foucault (2016); Safouan (1987); Thomas (2005) entre outros; a mulher na ficção com Wolf (2019); Bakhtin (2016; 2017) com os estudos sobre Linguagem; além de teóricos que debruçam sobre o tema da adolescência, como Del Priori (2015); Rassial (2015); Le Breaton (2017) entre outros. Assim, esta pesquisa pretende contribuir com o debate sobre a escrita intimista, compreendendo o lugar da mulher como sujeito silenciado ao longo da História, mas, também, a evolução das conquistas por meio do seu lugar na escrita e na sociedade. Nesse sentido, sua escrita se dá a partir das suas marcas psicanalíticas, protagonistas na sua própria construção social, e, sobretudo, como sendo produto do seu meio e das relações com os “outros”.

Palavras-chave: Escrita feminina. Adolescência. Diário Pessoal/ Diário Intimista. Literatura- Psicanálise. Narrativa factual x Narrativa de ficção.

ABSTRACT

This research was guided from the postulates of intimate writing, the psychoanalytic and social construction of a teenager (12 to 17 years old) through the writing of her personal diaries, seeking to reflect on the place of women in society through her records. Thus, this research seeks to understand the phase of adolescence through the writing of the diary and the intimate relationship that the author has with this instrument. As a general objective, was sought to analyze the process of the intimate writing of the I-adolescent from the marks that form in personal diaries from the perspective of Psychoanalysis and intimate writing. For the specific objectives: To identify in psychoanalysis and in the literature subsidies to understand the subjectivities presented in the personal diaries of the analyzed adolescent; Understand how the adolescent constitutes herself as a psychoanalytic subject; understand the personal diary as an intimate confessional narrative; Identify fictional characteristics in intimate writing. Therefore, as a methodology, this research had qualitative, bibliographic and explanatory purposes, in addition to being a case study, since it aimed to analyze the diaries of a (single) teenager. As for the research *corpus*, three (03) personal diaries were used with the time frame from 1996 to 2000 and a written text (2021) from a semi-structured interview. The analysis of the *corpus* was based on the dialogue between psychoanalysis theorists, especially Freud's postulates; Literature through the contributions of literary theory, writing and intimate writing, with authors such as Aristotle (2017); Cândido (2008); Compagnon (1999); Foucault (2016); Safouan (1987); Thomas (2005) among others; the woman in fiction with Wolf (2019); Bakhtin (2016; 2017) with studies on Language; in addition to theorists who focus on the topic of adolescence, such as Del Priori (2015); Rassial (2015); Le Breaton (2017) and others. In this regard, this research intends to contribute to the debate on intimate writing, understanding the place of women as a silenced subject throughout history, but also the evolution of achievements through their place in writing and in society. In this sense, her writing is based on her psychoanalytic marks, protagonists in her own social construction, and, above all, as a product of her environment and relationships with “others”.

Keywords: Feminine writing. Adolescence. Personal Diary / Intimate Diary. Literature-Psychoanalysis. Factual narrative versus fictional narrative.

RESUMEN

Esta investigación se orientó por los postulados de la escritura íntima, por la construcción psicoanalítica y social de una adolescente (12 a 17 años) a través de la redacción de sus diarios personales, buscando reflexionar sobre el lugar de la mujer en la sociedad a través de sus registros. Así, esta investigación busca comprender la etapa de la adolescencia a través de la escritura del diario y la íntima relación que la autora tiene con este instrumento. Como objetivo general, buscó analizar el proceso de escritura íntima del *yo-adolescente* a partir de las marcas que se forman en los diarios personales desde la perspectiva del Psicoanálisis y la escritura íntima. Para los objetivos específicos: Identificar la psicoanálisis y en la literatura subsidios para comprender las subjetividades presentadas en los diarios personales del adolescente analizado; Comprender cómo la adolescente se constituye como sujeto psicoanalítico; entender el diario personal como un relato íntimo confesional; Identificar características ficcionales en la escritura intimista. Así, como metodología, esta investigación tuvo propósitos cualitativos, bibliográficos y explicativos, además de ser un estudio de caso, ya que tuvo como objetivo analizar los diarios de una (única) adolescente. En cuanto al corpus de investigación, se utilizaron tres (03) diarios personales con el marco temporal de 1996 a 2000 y un texto escrito (2021) de una entrevista semiestructurada. El análisis del corpus se basó en el diálogo entre teóricos del psicoanálisis, en especial los postulados de Freud; La literatura a través de los aportes de la teoría literaria, la escritura y la escritura intimista, con autores como Aristóteles (2017); Cándido (2008); Compagnon (1999); Foucault (2016); Safouan (1987); Thomas (2005) entre otros; la mujer en la ficción con Wolf (2019); Bakhtin (2016; 2017) con estudios sobre Lenguaje; además de teóricos que se enfocan en el tema de la adolescencia, como Del Priori (2015); Rassial (2015); Le Breaton (2017) entre otros. Así, esta investigación pretende contribuir al debate sobre la escritura íntima, comprendiendo el lugar de la mujer como sujeto silenciado a lo largo de la historia, pero también la evolución de las conquistas a través de su lugar en la escritura y en la sociedad. En ese sentido, su escritura se sustenta en sus marcas psicoanalíticas, protagonistas de su propia construcción social, y, sobre todo, como producto de su entorno y de sus relaciones con los “otros”.

Palabras clave: Escritura femenina. Adolescencia. Diario Personal / Diario Íntimo. Literatura- Psicoanálisis. Narrativa fáctica versus narrativa ficcional.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Os símbolos foram se desenvolvendo até formarem os primeiros alfabetos da Antiguidade	39
Figura 2 – Evolução da escrita: grifos da argila- escrita cuneiforme	40
Figura 3 – Vênus Paleolítica.....	41
Figura 4 – Arte Rupestre	45
Figura 5 – coletividade e arte rupestre.....	45
Figura 6 – Trecho Inicial do diário de Anne Frank	58
Figura 7 – Eva pecadora e Vênus Sedutora.....	73
Figura 8 – As mulheres da elite e o romance sentimental	84
Figura 9 – As histórias das heroínas	85
Figura 10 – Teatro Grego	120
Figura 11 – Meninos na seção dos fornos da vidraçaria	164
Figura 12 – Codificação alfabética.....	210
Figura 13 – Meu primeiro Paquera.....	211
Figura 14 – Desfecho do diário pessoal 01.....	214
Figura 15 – Meu perfil.....	215
Figura 16 – Desfecho do diário pessoal de 1996.....	218
Figura 17 – Fragmentos de poesia 01	223
Figura 18 – vestígios de autoria poética	223
Figura 19 – versos poéticos	225
Figura 20 – Marcas poéticas	226
Figura 21 – Entre “dois amores”- o dito e o codificado	228
Figura 22 – A ou B, eis a questão?.....	229
Figura 23 – “História”	233
Figura 24 – História Especial	235
Figura 25 – Primeiros contatos com Paulo: do amigo ao “paquera” e, por fim, aos instintos.....	238
Figura 26 – Segundo passo com Paulo.....	241
Figura 27 – Das pulsões à saciedade na adolescência	243
Figura 28 – Retornando ao triângulo amoroso: Eu, Paulo e Pedro- eis a questão.....	249
Figura 29 – Conselho machista x aceitação	252
Figura 30 – Novo pretendente em comício- Real ou imaginário?.....	254
Figura 31 – do desejo ao delírio narcisista	256

Figura 32 – Como ser Feliz?	258
Figura 33 – novos romances e decepções.....	258
Figura 34 – Novo “amor”	259
Figura 35 – Dos beijos ao luar: características poética na prosa.....	260
Figura 36 – Interesse em ser modelo	263
Figura 37 – Desejo de ser modelo	263
Figura 38 – Carnaval e exibicionismo	264
Figura 39 – Presença de Deus	265
Figura 40 – Inicia-se a saga para ser modelo.....	266
Figura 41 – Dos sacramentos a religiosidade premente	267
Figura 42 – entre o profano e o religioso.....	267
Figura 43 – Gosto pela moda e desilusão	268
Figura 44 – Do vestido que vai ao desfile	269
Figura 45 – Os olhos do outros ou os meus?.....	269
Figura 46 – como a Maria se vê para o “grande dia”: o desfile da escola.....	271
Figura 47 – Do resultado: a mais bela garota de 2000	271
Figura 48 – da descrição das fotos do desfile e da repercussão no colégio.....	272
Figura 49 – Dos desejos aos sonhos... ..	273
Figura 50 – do relato de “casa” ao sagrado	274
Figura 51 – Pausa nos sonhos para retorno às pulsões carnis.....	274
Figura 52 – do desejo ao descontentamento	275
Figura 53 – um admirador sem possibilidades de realização das pulsões.....	276
Figura 54 – do descontentamento em não realizar o sonho de ser modelo	276
Figura 55 – Como se imagina no futuro?	278
Figura 56 – Meus 15 anos... ..	280
Figura 57 – Natal em família (2000)	281
Figura 58 – Enfim... o fim de 2000... ..	284

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	19
CAPUT I – METODOLOGIA	28
CAPÍTULO I – PERCURSO METODOLÓGICO	29
1.1 A PESQUISA	29
1.1.1 Novos rumos para a pesquisa devido à pandemia do Corona Vírus	32
1.2 SUJEITOS DE PESQUISA/ INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS E AMOSTRAGEM.....	33
1.2.1 Delineamento do sujeito de Pesquisa e o recorte temporal	33
1.3 MÉTODO DE PESQUISA.....	34
1.4 EXECUÇÃO DA PESQUISA	35
1.4.1 Coleta dos dados.....	35
1.4.2 Da análise e da interpretação dos Resultados.....	35
1.4.3 Da análise da entrevista	36
CAPUT II – DA ESCRITA FORMAL À ESCRITA SOBRE SI.....	38
CAPÍTULO II – O CAMINHO ENTRE A ORALIDADE E A ESCRITA: DA ESCRITA FORMAL À INTIMISTA	39
2.1 DA ORALIDADE À ESCRITA	39
2.2 A ESCRITA E A CONTEMPORANEIDADE.....	52
2.2.1 A palavra silenciada na Mulher: um panorama das origens (Gênesis) ao contemporâneo	68
Caput III- DA LITERATURA À PSICANÁLISE.....	87
CAPÍTULO III – PSICANÁLISE E LITERATURA: CONFRONTOS TEÓRICOS POSSÍVEIS	88
3.1 A SUBVERSÃO PSICANALÍTICA: DA LITERATURA À PSICANÁLISE.....	103
3.2 DOS GRANDES HERÓIS DAS TRAGÉDIAS AO SILENCIAMENTO DAS PERSONAGENS FEMININAS.....	117

3.2.1 A vossa majestade a palavra: um olhar sobre si pelos olhos do outro por meio da escrita	128
3.2.2 Das narrativas de ficção aos textos confessionais: um caminho entre o real e o imaginário na escrita intimista do diário pessoal	139
CAPUT IV – O ADOLESCENTE COMO SER SOCIAL E PSICANALÍTICO: UM SUJEITO QUE ESCREVE IN (CONSCIENTE) SOBRE SI	155
CAPÍTULO IV – PERCURSO HISTÓRICO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA CRIANÇA E DOS ADOLESCENTES EM TERRAS BRASILEIRAS: A CONSTRUÇÃO DE UM “EU” PSICANALÍTICO	156
4.1 CONTINUIDADE E DESCONTINUIDADE NA CONSTRUÇÃO HUMANA: DO SER MENINA AO SER MULHER COMO SUJEITO PSICANALÍTICO	170
4.4.1 A adolescência: do princípio do prazer à histeria	192
4.1.1.2 Do silenciamento ao estado de luto e melancolia	199
CAPÍTULO V – ANÁLISES DO CORPUS	206
5.1 SITUANDO QUEM É O SUJEITO DE PESQUISA	207
5.1.1 O lugar do sujeito no discurso: Quem é este sujeito socio-discursivo?	207
5.2.2 Do ato do dizer ao uso da palavra: O Eu feminino (adolescente) na escrita dos diários pessoais x marcas de autoria nas narrativas de ficção	221
5.2.3 Marcas poéticas e subjetivas na escrita do diário pessoal	221
5.2 UMA ADOLESCENTE QUE ESCREVE SOBRE SI SOB A ÓPTICA DA PSICANÁLISE: DA PALAVRA ÀS DESCOBERTAS DA ADOLESCÊNCIA	226
5.2.1 As transferências objetais e a descoberta do “prazer”	226
5.2.1.1 Do “princípio do Prazer” às inconstâncias nas relações dos amores efêmeros	231
5.2.1.2 Das narrativas dos encontros amorosos- Entre um e outro: Por que escolher se posso ter os dois?	236
5.2.1.3 Das traições “consentidas”	244
5.2.1.4 Recortes dos diários pessoais (02 e 03/ Período 1999- 2000) : Os anos passaram e o que mudou em Maria e na sua escrita intimista?	257

5.3 ENTRE O SAGRADO E O PROFANO: DO NARCISISMO E DESEJO DA CARNE À RELIGIOSIDADE	262
5.3.1 A ausência do núcleo familiar nos registros dos diários pessoais e o regresso “para casa” aos 16 anos: a incógnita a ser compreendida.....	278
5.4 RESULTADOS – “MARIA”, MAIS UMA ENTRE TANTAS NORDESTINAS: VÍTIMA DO PATRIARCALISMO	288
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	300
REFERÊNCIAS	312
APÊNDICE A – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	319
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	320
ANEXO B – AUTORIZAÇÃO DO CONSELHO DE ÉTICA	323
ANEXO C – TEXTO ENVIADO (2021)	325

Se tudo existe é porque sou. Mas por que esse mal estar? É porque não estou vivendo do único modo que existe para cada um de se viver e nem sei qual é. Desconfortável. Não me sinto bem. Não sei o que é que há. Mas alguma coisa está errada e dá mal estar. No entanto estou sendo franca e meu jogo é limpo. Abro o jogo. Só não conto os fatos de minha vida: sou secreta por natureza.

Clarice Lispector

1 INTRODUÇÃO

Eu escrevo para nada e para ninguém. Se alguém me ler será por conta própria e auto-risco. Eu não faço literatura: eu apenas vivo ao correr do tempo. O resultado fatal de eu viver é o ato de escrever.
(Clarice Lispector)

Falar na adolescência é buscar compreender a constituição humana a partir das relações sociais desde a mais tenra idade. É reconhecer que o homem é reflexo do meio e as marcas deixadas na infância o acompanharão, delimitando-o e moldando o seu comportamento e, conseqüentemente, a sua psiquê. Nesse sentido, o homem, como ser social, é reflexo do meio, e é condicionado em seu agir por meio do outro e de tudo que o cerca.

Sabe-se que a humanidade passou por transformações ao longo da evolução histórica, e, com isso houve uma série de mudanças que passaram a fazer parte não apenas da sociedade, mas também do núcleo familiar. Com o tempo, os lugares sociais foram ressignificados, a criança e o adolescente ganharam espaço no seio familiar, já que antes eles eram vistos como “pequenos adultos”, sem direitos à infância e tudo o que ela poderia lhe proporcionar. Por muito tempo, esses “pequenos adultos” eram força de trabalho para mão de obra escrava nas lavouras e nas indústrias.

Como explica Del Priori (2015, p.10) “no século XIX, o trabalho infantil continua sendo visto pelas camadas subalternas como a “melhor escola (...) se não estiverem trabalhados, vão inventar moda, fazer o que não presta. No Nordeste quase 60% desses pequenos trabalhadores são analfabetos.”

Além disso, para as meninas cabiam-lhes o trabalho do lar, da cozinha, arrumar a casa de forma obrigatória. É bem verdade, que embora já tenhamos tido muitos avanços em relação aos direitos da mulher, em muitas famílias, a educação da menina, ainda, é voltada para o lar, sendo educada para se casar e cuidar dos filhos, para isso as suas mães as ensinam os serviços domésticos. Essas meninas eram vistas como pequenas “mulherzinhas” que cuidam dos “homens da casa”, tal qual a sua mãe. A esse despeito Beauvoir (1971) assevera que:

Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. Entre meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o universo.

Esse lugar entre meninos e meninas é delimitado desde o princípio do desejo de se ter um filho, os pais, em geral, optam pelo menino para deixar a sua descendência, e por muito

tempo a mulher que não geraria um filho “macho”, como forma de dá a descendência ao seu esposo era tida como incapaz, já que as meninas não eram desejadas. Assim, a sexualidade e a preferência, por um, em detrimento ao outro não pode demarcar a subjetividade e o existir humano. Com efeito, conforme Del Priori (2004, p. 17)

as meninas aprendiam todos os deveres da mulher: fiar algodão, tecer redes, cuidar das roças, fabricar farinha e vinhos e, sobretudo, preparar a alimentação diária. Nas reuniões, guardavam completo silêncio e aprendiam a seguir os desígnios do mundo masculino.

Por muitos séculos a mulher era mantida no enclausuramento patriarcal, cabendo a ela apenas a lida doméstica e os que homens a impunha, com as obrigatoriedades de uma sociedade em que a mulher não tinha “vez” nem “voz”. Nesse sentido, conforme Del Priori (2004), com o passar do tempo, a educação das meninas era restrita a ler e a escrever, apenas o mínimo da educação formal em domicílio, não era permitida a ida à escola, a espaços públicos, assim, como “um estilo de vida conventual, em ambiente de clausura. (Id. p.41)”. Cabe destacar, que historicamente o lugar da mulher era apontando como o da malícia, o do feitiço. Para a Igreja a mulher já nascia com o domínio do desejo e de enfeitiçar os homens, assim, como o mito de Eva e Adão, em que a partir da mulher o homem caiu em pecado. Essa representatividade simbólica perdurou na História e na Literatura por muitos séculos, como por exemplo, no mito de Pandora, que a mulher é dada de presente ao homem com todos os atributos femininos para fazê-lo cair em derrocada e, assim, punir toda a humanidade.

Nesse sentido, a partir dos preceitos da Igreja e da orientação moral da família, a menina se afastava do pecado e se aproximava do ato sublime de ser mãe, assim, como Maria, a mãe de Jesus, vivendo para o lar e para os cuidados para com os homens da família, e dessa forma, tal educação se perpetuou por longo séculos. Conforme Lerner (2019, p.274) “A discriminação educacional trouxe desvantagem no acesso ao conhecimento o “estímulo cultural”, institucionalizado nos pontos mais altos dos estabelecimentos religiosos e acadêmicos, não estava disposto para ela.”

Com a chegada da burguesia as relações foram ressignificadas, e a mulher passou a ter mais espaços na sociedade, as crianças passaram a ter mais cuidados e afetos dos seus pais, e fazer parte do núcleo familiar. É bem verdade, que na elite privilegiada burguesa as meninas tinham a educação semelhante a dos meninos, diferentemente, das classes menos favorecidas. Foi exatamente “da fileira dessas mulheres que surgiram as pensadoras, escritoras, artistas (Id.)”. Mesmo assim, o lugar da palavra concedida a mulher, ainda era moldado e direcionado pelos

homens, em suas vozes não eclodiam o lugar da mulher, mas o que os homens queriam que elas escrevessem. Para Lerner (2019, p.276):

As vozes das mulheres anônimas estavam presentes como uma tendência na tradição oral, música folclórica e nas cantigas de roda, nos contos de bruxas poderosas e fadas boas. Costurando, bordando e fazendo colchas de retalhos, a criatividade da mulher expressou uma visão alternativa. Em cartas, diários, orações e canções, a força criadora de símbolos das mulheres pulsou e persistiu.

É desse lugar de persistência e ressignificação que se alicerça essa pesquisa em que a voz de uma adolescente que escreve diários pessoais na década de 90, com o recorte temporal de 1996-2000, escreve a partir do seu lugar, do Seridó do Rio Grande do Norte, onde passava por limitações sociais, violência física e psicológica desde a mais tenra infância e, mesmo assim, conseguiu ressignificar as suas dores por meio dos seus registros e da palavra.

Nesse sentido, esta pesquisa transita entre o termo “ser mulher” e “ser adolescente” para compreender e descrever o universo e o perfil da Maria, nome dado de forma simbólica, não apenas para manter a sua identidade e o sigilo, mas devido à representatividade do nome para o nordeste brasileiro, de onde brota tantas Marias vítimas de uma sociedade patriarcal. Essas “Marias” que mesmo imersas nos “nãos” da vida, na dura lida do campo, elas ressignificam e persistem em reescrever a sua História por meio do lápis, papel e muita força de vontade em vencer.

É nesse contexto de desigualdade e violência infantil que a adolescência e a infância chegam aos anos 90 no Brasil, em que a partir das novas garantias impostas pelas Constituição Federal (CF, 1988) estipula o cuidado à criança e a educação como garantias subjetivas; e do ECA (1990) que traz como principal modificação o garantismo que assegura à criança e ao adolescente os seus direitos como sendo da obrigação do Estado, da Família e da Sociedade. Assim, a CF (1988) e o ECA (1990) e, posterior, LDB (Lei de diretrizes e bases educacionais, 1996) garantem os principais direitos para os meninos e meninas brasileiros, resguardando o direito à educação, à saúde, e, sobretudo, à cidadania como pilares basilares para o cidadão.

É fato que tais avanços legislativos somados ao capitalismo e à tecnologia causaram verdadeiras transformações sociais na década de 90, a população passou a ter acesso a serviços que não tinha. Com a nova abertura do capitalismo também houve uma aceleração do comércio e do consumo que juntos impactaram o comportamento dos sujeitos, especialmente, dos adolescentes que buscavam pela necessidade de pertencer a grupos e se encontravam em fase de transição entre a infância e a adolescência. Além de buscar por se aproximar dos ícones que se destacam nas mídias como grandes jogadores de futebol, modelos e artistas.

Nesse sentido, essa travessia na década de 90 tornou-se mais conflitante, haja vista havia mais novidades sociais, que eram reflexos da abertura capitalista e do novo aparato legislativo no Brasil. A adolescência se caracteriza por ser uma fase em que o sujeito rompe com a infância e com tudo o que ela representa, para adentrar em um novo momento de descobertas e transformações. Assim, é um público propenso a ser atingido por ações de marketing, grupos sociais e tantas outras novidades que o novo momento representa.

Conforme Le Breaton (2017, p.20) o termo adolescência tem como origem o *latim* “*adolecens*, particípio presente de *adolescere*, que significa crescer”. Além do crescimento humano, como um fenômeno biológico, a adolescência também é uma travessia que caracteriza o “rito de passagem”. Assim, esse sujeito se encontra, paradoxalmente, imbuído em si e nas situações adversas impostas por este novo momento que é, sobretudo, conflitante. O adolescente se encontra perdido em si mesmo, em suas inconstâncias, em suas formas, no contexto social e na própria adolescência. Ao passo que não é mais crianças com as regalias de tal condição, ao mesmo tempo ainda não é adulto, mesmo assim, há novas exigências e “os outros” esperam dele novos comportamentos frente a si e ao mundo que o cerca.

Para Le Breaton (2017, p.11) “o adolescente encontra-se, então, em sua instável procura de si, com uma família igualmente em permanente reconstrução (...)às mudanças do adolescente em relação à criança que outrora fora, responde a uma família em metamorfose.” É preciso entender que a adolescência se apresenta para este ser, como algo novo, que assusta e amedronta. Este mundo que se apresenta para ele, é estranho, composto por novas inquietações e estereótipos que lhes são imputados. Como sujeito social, o adolescente está condicionado às relações dialógicas e tudo que está em seu redor, portanto ele está imerso na linguagem e com tudo que a representa.

Assim, como houve a evolução da humanidade e da sociedade as relações sociais foram se transformadas, os lugares no seio da família foram ressignificados, na verdade, até o conceito de família, há algum tempo já vem sendo sinônimo de diversidade e pluralidade, embora a Maria, a adolescente que é o nosso estudo de caso, faça parte de uma família tida como tradicional e patriarcal. A mulher representada por este núcleo familiar é a que é oprimida, agredida e que vive uma relação abusiva com o seu esposo, esta mulher é representada pela mãe da Maria, que só será apresentada e analisada na última análise, após a Maria enviar para esta pesquisa um texto, intitulado como “Voltando à escrita de si: Revirando as memórias”, que relata os reais fatos do apagamento na escrita do seu núcleo familiar.

É notório que o lugar da mulher, ainda, está longe de ser o ideal, que há um longo caminho para ser trilhado, até que se chegue a tão sonhada equidade. No entanto, se comparar

aos períodos da História em que a mulher era destinada à procriação e aos cuidados dos filhos, já houve muitas conquistas desde o século XVIII. Nesse sentido, a partir desse recorte temporal os lugares da mulher foram redesenhados, passando a ter permissão para usar a palavra como “arena” para suas lutas, como é o caso da Maria.

Assim, essa pesquisa se alicerça em duas categorias: a mulher, representada pela adolescente, caracterizada pelo seu processo de construção e o uso da palavra na busca da redefinição do seu lugar na sociedade; e a adolescência - fase que significa o crescimento e o amadurecimento humano. Posto isso, o sujeito de pesquisa é uma adolescente, do sexo feminino, em que se buscou compreendê-la a partir do lugar da mulher e da palavra em meio à sociedade e ao seu tempo socio-histórico. Para isso, usou-se como arcabouço teórico a Literatura e a Psicanálise, além da filosofia da Linguagem, proposta por Bakhtin e teóricos que abordem o tema da adolescência.

Para entender esse Eu interior, que é feminino e social, buscou-se na Psicanálise e nos conceitos freudianos compreender os impactos das imagens que permanecem no Eu da Maria e como elas impactaram na sua construção. Assim, foi necessário, especialmente, a teoria da Histeria, narcisismo, luto e melancolia, além de outras categorias de Freud como, por exemplo, pulsão/instinto e recalque/ repressão.

Para Nasio (2011, p.13):

A adolescência é uma passagem obrigatória, a passagem delicada, atormentada mas igualmente criativa, que vai do fim da infância ao limiar da maturidade. Um adolescente é um menino ou menina que cessa gradativamente de ser uma criança e rumo com dificuldade para o adulto que virá a ser.

Conforme este autor, na adolescência ocorre o que ele nomeia de “histeria salutar”, para ele o luto e a histeria são necessários para se tornar adulto. Assim, mesmo o adolescente “dito normal é moderadamente neurótico – do ponto de vista psicanalítico” (2011, p. 30)”. Para ele, “a adolescência é aqui não apenas uma neurose histérica ruidosa, mas um processo silencioso, doloroso, lento e subterrâneo de desligamento do mundo infantil (Id. p.31).” outro conceito abordado por Freud, em sua vasta obra, que é fulcral é o de “transferência”, nesse sentido ele assevera que: “Também nas neuroses de transferência as identificações com o objeto não são de modo algum raras e constituem até mesmo um conhecido mecanismo da formação de sintomas, em especial na histeria” (FREUD [1983-1985], 2010i, p.39)

Somado à histeria foram utilizados a teoria sobre a melancolia e o luto para compreender o estado em que a Maria conclui a escrita dos diários pessoais. Freud (*ibd.*) explica que: “uma

parte das características da melancolia é tomada de empréstimo ao luto e outra parte do processo de regressão da escolha narcísica de objeto ao narcisismo.”

Ademais, como o sujeito é social, ele, também, é constituído a partir de vários outros que a constituem por meio das relações dialógicas (BAKHTIN, 2016). Nesse sentido, esse sujeito feminino é plural, por excelência, do ponto de vista social, e singular em suas especificidades de ser uma mulher em construção, visto que está na adolescência. Assim, este sujeito que é adolescente, do sexo feminino, está imerso em duas situações que serão analisadas: a adolescência como fase complexa, conflitante e líquida; e mulher – historicamente silenciada, imbuída em desejos e anseios que nem sempre são acessíveis em uma sociedade patriarcal que a limita e a encarcera a partir das imposições e estereótipos sociais.

Dessa forma, como a mais premente vontade humana é a de se comunicar por meio da linguagem, sendo por meio dela que o sujeito se reconhece a partir do outro. Da mesma forma, a linguagem concretiza o desejo humano de se comunicar com o outro, da necessidade de agir e exteriorizar o seu eu por meio da palavra, mesmo porque essa exteriorização é uma necessidade humana. Conforme Bakhtin (2016a, p.34) “a palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social.”

É nesse interim, que o silenciamento da mulher ao longo da História causa um dano no processo do conhecimento da própria humanidade, haja vista a História é constituída por homens e mulheres, e não apenas pelos homens. No entanto, muitos historiadores alegam que o que se tem na História é o conhecimento da humanidade pelos olhos do homem, pelo lugar do homem. Assim, desvendar o que foram os lugares das mulheres, os papéis e funções exercidas por elas, tornam-se dificultoso, e até impossível em dadas épocas pelas ausências dos registros.

Como objeto de pesquisa essa pesquisa se alicerça na escrita intimista de uma adolescente da década de 90, no recorte temporal entre 1996-2000, buscando compreendê-la a partir da sua construção social e psicanalítica a partir das marcas de subjetividade presentes na sua escrita intimista. Nesse sentido, esta pesquisa buscou conhecer o perfil e a psique da Maria, sujeito de pesquisa, pelo olhar da Psicanálise e da filosofia da linguagem, a partir dos conceitos freudianos e de Bakhtin, além e explorar o papel da mulher na sociedade por meio da escrita intimista, dando lugar a escrita subjetiva.

Como objetivo geral: analisar o processo a escrita intimista do Eu- adolescente a partir das marcas que plasmam em diários pessoais a partir da óptica da Psicanálise e da escrita intimista. Já para os objetivos específicos: Identificar na psicanálise e na literatura subsídios

para compreender as subjetividades apresentadas nos diários pessoais de uma adolescente da década no período temporal de 1996-2000; Compreender como a adolescente se constitui como sujeito psicanalítico por meio de sua escrita; compreender o diário pessoal como além de um mero registro, concebendo-o como uma escrita intimista e confessional; Identificar características ficcionais na escrita intimista.

Para atender os objetivos da pesquisa os capítulos foram organizados da seguinte maneira: No capítulo I há o delineamento metodológico dessa pesquisa, apoiando-se na teoria de Marconi e Lakatos (2003), Gil (2008) e Minayo (2003) para subsidiar os preceitos que alicerçam a pesquisa científica. Este estudo tem fins qualitativos, pois busca compreender a subjetividade do sujeito por meio da sua escrita intimista, ao passo que também é descritivo, uma vez que descreve como este ser é constituído por meio dos vários outros que o constitui. Além disso, também é bibliográfica, já que foi necessária uma ampla pesquisa teórica tendo como principais bases a Literatura, a Psicanálise, filosofia da Linguagem, além de teóricos da adolescência. Como instrumento de pesquisa têm-se três (03) diários pessoais (1996-2000) e um texto intimista que a pesquisada encaminhou para que se pudesse responder algumas lacunas na sua escrita intimista nos diários pessoais. Como sujeito de pesquisa há uma adolescente, entre 12 e 17 anos de idade, em que para manter o sigilo da sua identidade a nomeamos como Maria, pela representatividade do nome, para a mulher nordestina. A Maria dessa pesquisa é uma adolescente, que assim, como todo humano é reflexo de um ambiente social, que reflete em si, no seu Eu a violência e a rejeição sofrida pelo seu genitor, e que, mesmo em meio a escassez e as limitações da vida rural, do Seridó do Rio Grande do Norte, ela buscou ressignificar os fatos que lhe atormentavam, retratando em sua escrita apenas os momentos bons. Como espaço para as suas narrativas, ela escolheu a sua escola, a praça da cidade, as ruas e as festas que frequentavam com seus amigos e que representava para elas os momentos alegres.

Para isso, foi apresentado no capítulo II o percurso histórico da escrita, com o lugar da palavra e do silenciamento da mulher ao longo da história. O capítulo intitulado de **O caminho entre a oralidade e a escrita: da escrita formal à intimista** tem a função de tecer sobre a escrita, o lugar da mulher e do seu silenciamento ao longo do processo histórico da sociedade. Como subtemas: *Da oralidade à escrita; A escrita e a contemporaneidade; A palavra silenciada na Mulher: das origens (Gênesis) ao contemporâneo*. Como base teórica este capítulo se alicerça nas teorias de Aristóteles (2007); Lerner (2019) que aborda o papel da mulher na História; Rosalind (2005) letramento e oralidade; Higounet (2003) da pré-história ao advento da escrita; Thomas (2005) e Coulmas (2014) - a constituição do homem grego e da sociedade; Além de outros teóricos para discutir o processo da escrita e a contribuição para o

avanço das sociedades, refletindo sobre o silenciamento da mulher ao longo da História. Para o tópico destinado à escrita e a contemporaneidade tem-se: Bakhtin (2016); Cândido *et al* (1981); Platão (2017); Compagnon (2001); Bauman (2001), Cândido (2010), Gameiro (2012); Derrida (2002) e outros.

O Capítulo III intitulado de: **Psicanálise e Literatura: confrontos teóricos possíveis** há o confronto teórico da Literatura e da Psicanálise, buscando compreender a representatividade e o silenciamento da mulher na Literatura e conceitos psicanalíticos que contribuem para este embate. Como base teórica serão utilizados autores da Literatura, Psicanálise, Filosofia da Linguagem, além de autores que se detém ao estudo do universo sobre a escrita feminina, confessional, gênero e identidade. Tais como: Aristóteles (2017); Frye (2006, p.145); Bellemin-Noel (2003); Compagnon (2001), Eaglington (2006). Para o subtema da *Subversão psicanalítica: da Literatura à Psicanálise* será norteado pela teoria de Freud e suas contribuições a partir do complexo de Édipo. Para o subtema *Dos grandes heróis das tragédias ao silenciamento das personagens femininas* os teóricos norteadores serão: Lerner (2019), Saint-Victor (2003); Brandão (1986). Por fim, no tópico destinado às *Narrativas de ficção aos textos confessionais: um caminho entre o real e o imaginário na escrita feminina* os autores norteadores serão: Woolf (2019); Butlher (2021), Zinani (2013, p.107), Beauvoir (1970/1971), além de Freud, Bellemin-Noel (2003) e Safouan (1987).

No IV capítulo teórico há o perfil do adolescente à luz da psicanálise e da filosofia da Linguagem, tendo como principais contribuições os estudos freudianos e de Bakhtin. Este capítulo é intitulado de: **Percurso histórico sobre a construção da criança e dos adolescentes em terras brasileiras: a construção de um “eu” psicanalítico**. E com subtemas: *Continuidade e descontinuidade na construção humana: do ser menina ao ser mulher como sujeito psicanalítico; A adolescente: do princípio do prazer à histeria; Do silenciamento ao estado de luto e melancolia*. Para isso, fez-se um percurso histórico à luz das obras de Ariès (2015); Del Priori (2015); Piaget (1994); Cardoso (2011), Le Breaton (2017), Blos (1998), Dolto (1990), Ramos (2015) e Birman (2011); Klein (1983), Adorno (1955), Laplanche (2000), Násio (2011), Winnicott (1958), Roudinesco (1944), Bauman (2001), Içami Tiba (2002), Beauvoir (1970), Compagnon, (2001), Bellemin-Noel (2003), Safouan (1987), Vigostski (2008); Bakhtin (2016a/ 2016b); e Freud (e sua obra), além de outros autores que contribuem para a pesquisa no universo da adolescência, da sociedade e da psicanálise.

O capítulo V é destinado às análises dos diários pessoais, com o recorte temporal dos quase 04 anos de escrita e um texto intimista (2021) que tem com o intuito de reencontro entre a Maria de hoje a da adolescência com as suas dores, amores e ausências. Com isso, buscou-se

organizar as análises em categorias, dividindo-as em tópicos que contemplassem e mapeassem toda a sua escrita ao longo dos três diários pessoais, buscando compreender a adolescente nas esferas sociais, que ela transitava, e a partir dos personagens (dos vários “outros”) que participavam das suas narrativas. Para análise dos conteúdos usou-se as teorias freudianas, de Bakhtin e autores da literatura que pudessem contribuir com a compreensão das categorias selecionadas para estas análises, a partir da Literatura e da Psicanálise, ambas representadas no diário pessoal como gênero híbrido, ora ficcional, ora realista, que carrega em suas especificidades uma relação pessoal- confessional com o seu “proprietário”. Esta relação foi discutida ao longo do capítulo das análises a partir das relações de pertencimento, por meio de conceitos da Psicanálise como a noção do inconsciente; a teoria da sexualidade, o princípio do prazer e do desprazer; a teoria das pulsões, tendo como base primordial a discussão acerca da continuidade e da descontinuidade da fase da adolescência. Além de destacar a importância da Histeria e do Narcisismo como princípios norteadores para compreender a adolescente em estudo.

Como relevância para essa pesquisa, almeja-se ampliar o debate sobre a fase da adolescência, buscando compreender o sujeito-adolescente a partir do seu lugar de Eufeminino, em que mesmo passando por conflitos psicossociais, e em meio a escassez limitante do solo nordestino, a mulher por meio da sua resiliência e coragem consegue ressignificar suas chagas sociais e se refazer o quanto mulher e parte do seu meio.

Nesse sentido, a Maria, estudo de caso dessa pesquisa, rompe com o estereótipo a ela imposto, de vitimismo e de fragilidade, o quanto Ser-mulher, e ressignifica suas memórias, voltando à escrita do diário pessoal, em 2021, mais de vinte anos após, para dar respostas a si, e a quem for de interesse, de quem foi a Maria menina, a Maria adolescente e quais os males e traumas que a afligiam e que não foram retratados em suas escritas.

CAPUT I – METODOLOGIA

Este capítulo tem o intuito de mostrar o delineamento metodológico, apoiando-se na teoria de Marconi e Lakatos (2003), Gil (2008) e Minayo (2003) para subsidiar os preceitos que alicerçam a pesquisa científica. Nesse sentido, o percurso realizado para a construção desse estudo parte da necessidade de se compreender a construção social e psicanalítica de uma adolescente, da década de 90, procurando entender como ela se constitui na condição de sujeito psicanalítico e como os vários outros presentes do seu Eu dialogam consigo e com a sua escrita.

Para isso, será apresentado no capítulo II, um percurso histórico da escrita, com o lugar da palavra e do silenciamento da mulher ao longo da história; no Capítulo III abordaremos o confronto teórico da Literatura e da Psicanálise, buscando compreender a representatividade da mulher na literatura e como esta foi silenciada nas grandes obras literárias, no IV e último capítulo teórico discorreremos acerca da figura do adolescente à luz da psicanálise e da filosofia da Linguagem, tendo como principais teóricos Freud e seus seguidores, além de Bakhtin. Nesse capítulo foi discutido o lugar da palavra e do diário pessoal como escrita confessional. O V capítulo foi destinado à análise do *corpus*.

Já nesse capítulo metodológico será justificada a escolha pelo tipo de pesquisa, bem como os instrumentos e a constituição do *corpus*. Além disso, será relatado o passo a passo para a constituição do arcabouço metodológico e o caminho desenvolvido para o êxito dessa pesquisa.

CAPÍTULO I – PERCURSO METODOLÓGICO

1.1 A PESQUISA

Para desenvolver esse trabalho optou-se por desenhar o caminho teórico em três vieses: 1- entender o caminho da escrita, desde a sua origem até a atualidade, com o modelo da escrita feminina intimista, haja vista o *corpus* que ser constituído por diários pessoais escritos na década de 90, e por este motivo, fez-se necessário compreender como a escrita impactou na construção social humana, desde a sua égide, para só assim tecer sobre a escrita intimista à luz da escrita feminina; 2- no segundo momento, apresenta-se um capítulo teórico respaldado em estudiosos da Literatura e da Psicanálise. Para este capítulo, a teoria apresentada buscou atrelar estes dois campos de estudo, buscando o entrelaçamento teórico entre ambos, a partir da tragédia do mito de Édipo, haja vista este conceito ser basilar para a Psicanálise por obter valor e importância no universo literário e na mitologia grega, por meio da obra *Édipo Rei*, obra-prima de Sófocles. Buscou-se apontar a importância da tragédia para o mundo grego e refletir como a Mulher, ao longo da história, fora silenciada e renegada dos seus direitos. Nesse caminho, busca-se compreender como a mulher, de acordo com o a cronologia histórica e as transformações sociais, passou a ter direito à “Palavra” e a sair das sombras da ocultação dos seus registros escritos, chegando à atualidade com grandes nomes de destaques na Literatura contemporânea. No terceiro momento, objetiva-se apresentar o sujeito adolescente como fruto do social por meio do olhar da Psicanálise e de teóricos que abordam a adolescência, fase de grandes transformações humanas e que traz, em si, o contexto de ruptura com a infância para que o sujeito ingresse no mundo adulto. Nesse sentido, foi mostrado como a menina é diferenciada do menino, e como ela passa por sanções sociais, pois o lugar de ser mulher, desde a infância, é marcado pela exclusão e estereótipos sociais que a inferiorizam em relação ao homem.

Assim, conforme Marcone e Lakatos (2003, p.19),

É necessário ler muito, continuada e constantemente, pois a maior parte dos conhecimentos é obtida por intermédio da leitura: ler significa conhecer, interpretar, decifrar, distinguir os elementos mais importantes dos secundários e, optando pelos mais representativos e sugestivos, utilizá-los como fonte de novas idéias e do saber, através dos processos de busca, assimilação, retenção, crítica, comparação, verificação e integração do conhecimento: Por esse motivo, havendo disponíveis muitas fontes para leitura e não sendo todas importantes, impõe-se uma seleção.

Nesse sentido, para atender o desenho realizado para os capítulos teóricos foi necessário fazer um mapeamento dos autores das quatro grandes áreas que dão sustentação teórica a esta pesquisa: escrita, literatura, psicanálise e da adolescência para fazer a escolha e o recorte teórico que seria utilizado nessa pesquisa. Posto isto, foram dedicados três capítulos para a fundamentação teórica dessa tese, assim, estabeleceu-se uma discussão teórica para dar respaldo à análise do *corpus* que é constituído por diários pessoais de uma adolescente. Como esta pesquisa tem cunho social e o *corpus* é constituído por escrita, foi necessário realizar o processo do conselho de ética para que a pesquisa fosse autorizada.

No que se refere à metodologia esta pesquisa terá fins qualitativos, bibliográficos e explicativos, além de ser um estudo de caso, já que teremos como a finalidade analisar diários de uma (única) adolescente. É bibliográfica à medida que foi necessário um levantamento teórico para que tivesse respaldo científico, pois a “pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográfica (GIL, 1998, p.49).”

Dessa forma, essa pesquisa é bibliográfica à medida que “usa de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.183).

Conforme Minayo (2003, p.224)

A finalidade da pesquisa científica não é apenas um relatório ou descrição de fatos levantados empiricamente, mas o desenvolvimento de um caráter interpretativo, no que se refere aos dados obtidos. Para tal, é imprescindível correlacionar a pesquisa com o universo teórico, optando-se por um modelo teórico que serve de embasamento à interpretação do significado dos dados e fatos colhidos ou levantados.

É qualitativa, pois, conforme Gil (1998, p 15), é

A pesquisa fenomenológica parte do cotidiano, da compreensão do modo de viver das pessoas, e não de definições e conceitos, como ocorre nas pesquisas desenvolvidas segundo a abordagem positivista. Assim, a pesquisa desenvolvida sob o enfoque fenomenológico procura resgatar os significados atribuídos pelos sujeitos ao objeto que está sendo estudado. As técnicas de pesquisa mais utilizadas são, portanto, de natureza qualitativa e não estruturada.

É explicativa, pois segundo Gil (1998, p.28),

contribui “para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. Por isso mesmo é o tipo mais complexo e delicado, já que o risco de cometer erros aumenta consideravelmente.”

Nesse sentido, à medida que se buscou entender e explicar a adolescência, o quanto fenômeno biológico e social a pesquisa estava explicando a partir dos comportamentos apresentados na escrita como a adolescente se constituía o quanto sujeito social. Assim, essa pesquisa busca explicar o fenômeno da continuidade e da descontinuidade da adolescência, usando um estudo de caso, para que a partir dele possa se identificar as categorias freudianas, como pulsão, recalque, transferências, além de buscar compreender a transição da infância para a adolescência e para a vida adulta. Os objetivos são explicativos, por buscar explicar o fenômeno da adolescência a partir da análise da escrita dos diários. Nesse sentido, intentou-se compreender o adolescente como reflexo do meio, sendo singular em suas especificidade e plural na sua constituição. Por fim, de acordo com Gil (2008) também consiste como estudo de caso por ter poucos objetos de análise, e buscou investigá-lo exaustivamente para responder os objetivos da pesquisa.

No que tange ao caráter exploratório-descritivo desta pesquisa, Marconi e Lakatos (2003, p.188) destaca que:

Estudos exploratório-descritivos combinados - são estudos exploratórios que têm por objetivo descrever completamente determinado fenômeno, como, por exemplo, o estudo de um caso para o qual são realizadas análises empíricas e teóricas. Podem ser encontradas tanto descrições quantitativas e/ou qualitativas quanto acumulação de informações detalhadas como as obtidas por intermédio da observação participante. Dá-se precedência ao caráter representativo sistemático e, em consequência, os procedimentos de amostragem são flexíveis.

E é um estudo de caso, pois faz parte de uma análise realizada a partir dos diários de uma única participante da pesquisa, buscando explicar o fenômeno da adolescência a partir da análise empírica, a partir das evidências encontradas nos diários pessoais que foram cedidos para a pesquisa.

Assim, do ponto de vista da ciência:

Para que um conhecimento possa ser considerado científico, torna-se necessário identificar as operações mentais e técnicas que possibilitam a sua verificação. ou, em outras palavras, determinar o método que possibilitou chegar a esse conhecimento. Pode-se definir método como caminho para se chegar a determinado fim. E método científico como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento. (GIL,2008, p.08)

Para este autor:

Pode-se considerar a ciência como uma forma de conhecimento que tem por objetivo formular, mediante linguagem rigorosa e apropriada - se possível, com auxílio da linguagem matemática -, leis que regem os fenômenos. Embora sendo as mais variadas, essas leis apresentam vários pontos em comum: são capazes de descrever séries de fenômenos; são comprováveis por meio da observação e da experimentação; são capazes de prever - pelo menos de forma probabilística - acontecimentos futuros (Ibd., p.06)

Assim, trazer a ciência e a imparcialidade para a pesquisa é um a forma de se refletir acerca da adolescência à luz da ciência a partir das suas categorias, agregando-as à Literatura e a Psicanálise, como forma de compreender este adolescente como ser social e psicanalítico.

Minayo (2016, p. 14) define o termo metodologia como “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. [...] inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas), e a criatividade do pesquisador”. A autora enfatiza aponta a impossibilidade de se separar a teoria e metodologia. Nesse sentido, Minayo assevera que:

[...] numa elabora suas teorias, seus métodos, seus princípios e estabelece seus resultados; noutra, inventa, ratifica seu caminho, abandona certas vias e encaminha-se para certas direções privilegiadas. E, ao fazer tal percurso, os investigadores aceitam os critérios da historicidade, da colaboração e, sobretudo, revestem-se da humildade de quem sabe que qualquer conhecimento é aproximado e construído, portanto, passível de mudanças (MINAYO, 2016, p. 12).

Espera-se com essa pesquisa contribuir com os estudos sobre a adolescência e sobre os enfrentamentos sociais da mulher ao longo da história. Nesse sentido, este trabalho foi norteado pelos métodos científicos que primam pela qualidade e veracidade dos fatos, para dá respostas a inquietações sociais.

1.1.1 Novos rumos para a pesquisa devido à pandemia do Corona Vírus

Em 2020, com o impacto da pandemia que assolou todo o mundo, esta pesquisa precisou passar por mudanças significativas que impactam a sua conclusão. Um impasse que surgiu no percurso foi a solicitação da devolução dos diários cedidos, em 2017, pela primeira pesquisada que estava sendo analisada. Ela alegou não estar mais interessada em ser pesquisada e, por isso, foi preciso reorganizar a pesquisa e o *corpus*. A partir disso, foi necessário constituir um novo *corpus* e dar entrada no Conselho de Ética a partir das novas diretrizes, solicitando, assim, novo

prazo para a conclusão do Doutorado. Com o recebimento dos novos diários, apenas em janeiro de 2021, foi percebido que a pesquisa poderia seguir o caminho da escrita intimista pelo viés do lugar da mulher na sociedade. Dessa forma, foi reformulado o desenho teórico-metodológico da pesquisa, sendo incluído novos instrumentos para a sua execução.

1.2 SUJEITOS DE PESQUISA/ INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS E AMOSTRAGEM

O sujeito da pesquisa é uma adolescente, que residiu no sertão do Rio Grande do Norte, entre os anos 1996 a 2000. Parte-se da premissa de que os indivíduos interagem com o contexto social. Nesse sentido, será realizado um levantamento do contexto socio-histórico pesquisa.

Essa pesquisa apresenta uma amostragem da análise de 03 diários pessoais, com um recorte temporal entre 1996 a 2000. Para isso, o sujeito de pesquisa, hoje adulta, cedeu os diários e autorizou a pesquisa, de modo formal, por meio do termo de consentimento esclarecido (*anexo à pesquisa*) e de acordo com as exigências do Conselho de Ética da Universidade Federal da Paraíba- UFPB. Após as primeiras leituras do *corpus*, percebeu-se a necessidade de investigar como essa mulher, que foi adolescente na década de 90, se reconheceria, hoje, a partir da sua constituição, e para responder questões sobre o *corpus*, a pesquisadora optou por realizar uma entrevista, como novo instrumento. Em 2021 ela cedeu mais um texto, solicitando que o mesmo entrasse no *corpus* porque entendia ser importante para que fosse possível entender Maria adolescente.

Esse texto escrito em 2021, na fase adulta, foi possível de modo que o sujeito de pesquisa pudesse fazer uso da palavra escrita para se definir como mulher e falar, do seu lugar de mulher, utilizando a escrita para se redefinir o quanto adolescente que fora, e se autodefinir como mulher a partir das suas memórias. Assim, foi enviado um roteiro com questões semiestruturadas, e a partir do roteiro, a Maria elaborou um texto (2021), como forma de responder as lacunas deixadas nos diários pessoais.

1.2.1 Delineamento do sujeito de Pesquisa e o recorte temporal

O Sujeito de pesquisa é uma adolescente entre os 12 e 17 anos de idade, no recorte temporal entre 1996 a 2000, residente no município de São José do Seridó, no Rio Grande do Norte. A adolescente narra suas histórias em registros de três diários datados nos anos de 1996-

1997 e dois datados entre os anos 1998/1999 e 1999/2000. A adolescente possui uma realidade social bem característica do nordeste brasileiro, na década de 90, já que é moradora da zona rural e vem à cidade para estudar em carro de pau de arara. A Maria, como a nomeamos, para manter sua identidade em sigilo, é fruto de uma família humilde, que vivenciou além da pobreza social e da escassez daquela região, passou por violência familiar e trabalho infantil na lida do sítio que residia com a sua família. Suas aventuras são marcadas por narrativas de contornos reais e fictícios, que ela nomeia nos diários como “minhas histórias”¹.

1.3 MÉTODO DE PESQUISA

Como método para as análises serão utilizados, especialmente, os postulados de Bakhtin e Freud, tendo como princípio norteador a análise do discurso a partir da teoria exposta nos capítulos teóricos à luz da Literatura, da Psicanálise e da visão bakhtiniana. No que tange à Literatura será usada a teoria literária de Compagnon (2003) e Eaglington (2001); a teoria sobre a escrita feminina e intimista; além das narrativas de ficção, conceitos de Cândido (1983) para descrever sobre a escrita de diários pessoais a partir dos registros realizados.

Quanto aos métodos de pesquisa:

Podem ser identificados vários métodos desta natureza nas ciências sociais. Nem sempre um método é adotado rigorosa ou exclusivamente numa investigação. Com frequência, dois ou mais métodos são combinados. Isto porque nem sempre um único método é suficiente para orientar todos os procedimentos a serem desenvolvidos ao longo da investigação. Os métodos específicos mais adotados nas ciências sociais são: o experimental, o observacional, o comparativo, o estatístico, o clínico e o monográfico. Alguns autores ampliam consideravelmente o elenco desses métodos, incluindo aí o método do questionário, da entrevista, dos testes e muitos outros. (GIL, 1998, p.15)

Nesse sentido, buscou-se analisar o conteúdo a partir da interpretação dos dados confrontando-os com a base teórica, a partir do método dialético, dialogando com a escrita dos diários com o texto com escritas sobre si enviado em 2021. Para Gil (2008):

A dialética fornece as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, já que estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas, culturais etc. Por outro lado, como a dialética privilegia as mudanças qualitativas, opõe-se naturalmente a qualquer modo de pensar em que a ordem quantitativa se torne norma. Assim, as pesquisas fundamentadas no método dialético distinguem-se

¹ No capítulo V trazemos as análises de algumas escritas intituladas de “minhas histórias”.

bastante das pesquisas desenvolvidas segundo a ótica positivista, que enfatiza os procedimentos quantitativos (GIL, 2008, p.14)

Assim, a pesquisadora usou além da interpretação dinâmica, conforme postula Gil (2008), a dialogicidade exposta por Bakhtin em que os sujeitos dialogam com ele, com os vários outros que nele existe, além do contexto de comunicação por eles produzidos. Dessa forma, busca-se absorver a essência dos sujeitos sociais por meio dos registros escritos nos diários.

1.4 EXECUÇÃO DA PESQUISA

1.4.1 Coleta dos dados

Os dados foram coletados a partir dos registros realizados nos diários pessoais cedidos para a pesquisa. A partir desse primeiro momento, foi necessário mapear as categorias psicanalíticas a serem analisadas e confrontadas com a teoria exposta nos capítulos teóricos.

Para Minayo (2003, p.165)

Etapa da pesquisa em que se inicia a aplicação dos instrumentos elaborados e das técnicas selecionadas, a fim de se efetuar a coleta dos dados previstos. É tarefa cansativa e toma, quase sempre, mais tempo do que se espera. Exige do pesquisador paciência, perseverança e esforço pessoal, além do cuidadoso registro dos dados e de um bom preparo anterior. Outro aspecto importante é o perfeito entrosamento das tarefas organizacionais e administrativas com as científicas, obedecendo aos prazos estipulados, aos orçamentos previstos, ao preparo do pessoal. Quanto mais planejamento for feito previamente, menos desperdício de tempo haverá no trabalho de campo propriamente dito, facilitando a etapa seguinte.

Minayo destaca a importância da elaboração e aplicação da coleta de dados, além de apontar o trabalho minucioso do pesquisador que precisa ficar atento para os registros das informações, sobretudo, para a percepção da capacidade de dialogar e de gerir a organização do desenho metodológico e para o caminho da execução da pesquisa, a fim de que haja otimização do tempo para a realização do estudo.

1.4.2 Da análise e da interpretação dos Resultados

A análise e interpretação dos resultados serão realizadas mediante ao confronto teórico entre os postulados da escrita intimista e da literatura de ficção e aqueles estipulados pela

Psicanálise, para que possamos analisar os achados nas escritas dos diários pessoais.

Minayo (2003, p. 76) afirma que avanços foram percebidos como

(a) a existência de mais uma técnica para analisar conteúdos de mensagens; (b) a possibilidade de se analisar conteúdos a partir da perspectiva qualitativa; (c) o uso de inferências que partem da descrição dos conteúdos explícitos da comunicação para se chegar a dimensões que vão para além da mensagem.

Nesse sentido, buscou-se compreender os discursos presentes nos diários a partir dos atravessamentos de várias vozes que perpassam os sujeitos, para o além do dito e das palavras, já que, à luz da linguagem e da psicanálise, os humanos são seres sociais e psicanalíticos e agem por meio do seu lugar.

Após a leitura minuciosa dos diários, foram mapeadas as categorias de análises para confronto com a teoria abordada. Como categorias de análises destaca-se: Do ponto de vista da teoria Freudiana alguns conceitos como: pulsão, narcisismo, recalque, o inconsciente, histeria, luto e melancolia como os principais que se encontram em maior evidência. Para as análises, à luz da filosofia da linguagem, pela óptica de Bakhtin temos como principais percursos: discurso, enunciado, sujeito, dialogicidade e gênero do discurso. Já pelo viés da teoria literária e da Literatura, destaca-se: o debate do gênero e da diversidade a partir do lugar da mulher, ficção, autoria, e conceitos apresentados na obra *Demônio da Teoria* do autor Compagnon (2003), Eaglington (2001) e dos postulados sobre a Literatura de Antônio Cândido (1983).

1.4.3 Da análise da entrevista

Esta pesquisa teve a necessidade de agregar a entrevista semiestruturada, como novo instrumento, para que a Maria pudesse esclarecer alguns pontos obscuros dos diários. Para isso, devido à pandemia e a impossibilidade de gravar a entrevista, a pesquisada, a partir das questões da entrevista encaminhada, a Maria elaborou um texto que foi colocado junto aos resultados e discutido para o confronto das análises dos diários. Assim, para a realização das análises, a entrevista semiestruturada, em forma de roteiro, aplicada como instrumento, teve o objetivo de acrescentar informações para se entender a construção social e psicanalítica do sujeito que estava sendo analisada. Nesse sentido,

A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. A entrevista é uma das técnicas de coleta de

dados mais utilizada no âmbito das ciências sociais. Psicólogos, sociólogos, pedagogos, assistentes sociais e praticamente todos os outros profissionais que tratam de problemas humanos valem-se dessa técnica, não apenas para coleta de dados, mas também com objetivos voltados para diagnóstico e orientação. (GIL, 1998, p.109)

Para tanto, tendo em mãos os novos dados pôde-se compreender como a adolescente, hoje mulher, se enxerga a partir da sua construção social e psicanalítica.

Gil afirma (1998, p.110) que:

A intensa investigação social, atribuindo-lhe valor semelhante ao tubo de ensaio na Química e ao microscópio na Microbiologia. Por sua flexibilidade é adotada como técnica fundamental de investigação nos mais diversos campos e pode-se afirmar que parte importante do desenvolvimento das ciências sociais nas últimas décadas foi obtida graças à sua aplicação.

Para Gil a flexibilidade do sujeito de se colocar na entrevista é fundamental para a investigação, pois possibilita que o pesquisador possa ter mais informações, a partir daquelas que já foram apresentadas, além da entrevista ser um dos instrumentos adotado como técnica para as ciências sociais. Nesse sentido, a aplicação desse instrumento tem como objetivo ter respostas para questões que não foram reveladas nos registros ou ficaram obscuras, além de possibilitar a interação da mulher, de hoje, com a adolescente e a menina de outrora.

CAPUT II – DA ESCRITA FORMAL À ESCRITA SOBRE SI

O debate sobre a Literatura e a Psicanálise, a partir da mitologia grega e dos ritos, busca entender como a sociedade, desde o princípio, foi e é o reflexo do seu meio, tendo o seu caráter mimético. Dessa forma, é a partir da antiguidade clássica, em que a oralidade e o dito valiam mais do que a palavra escrita, que será iniciada a reflexão sobre a gênese da Literatura, sobretudo, nos postulados Aristotélicos em *Arte Poética*, nos quais há um estudo apurado sobre o gênero, a tragédia e suas características. Além disso, buscar-se-á compreender o gênero tragédia, como reflexo de um contexto social que marca uma fase importante da Antiguidade Clássica. Para isso, será apresentado um panorama desse mundo clássico, mostrando desde a oralidade aos primórdios da escrita e como a sociedade foi se transformando e se expressando, por meio do gênero da tragédia. Dentre as obras trágicas Édipo Rei, em especial, reflete os costumes e os ritos da época clássica e torna-se nossa ponte de relações entre a tragédia e as teorias freudianas, servindo de alicerce à psicanálise.

Com a escrita, o homem do período arcaico e clássico foi favorecido em relação à expansão e difusão da cultura. Neste sentido, este capítulo estará alicerçado nos postulados sobre a escrita em seu período inicial, com o seu caráter formal, até chegar no momento contemporâneo em que passa a ter, também, a função intimista, em que o sujeito a utiliza como instrumento para escrever sobre si mesmo, como forma de expressão de um Eu que nem sempre é consciente, porém deixa marcas sobre suas subjetividades de um Eu que dialoga consigo e com os outros que habitam em si.

Ao longo desse capítulo, será pontuado o silenciamento da mulher e como a ela foi renegada o direito do dizer, devido à imposição de uma sociedade patriarcal. Para isso, a discussão seguirá o seguinte caminho teórico a partir dos tópicos: *O caminho entre a oralidade e a escrita: da escrita formal à intimista; Da oralidade à escrita; A escrita e a contemporaneidade e A palavra silenciada na Mulher: das origens (Gênesis) ao contemporâneo.*

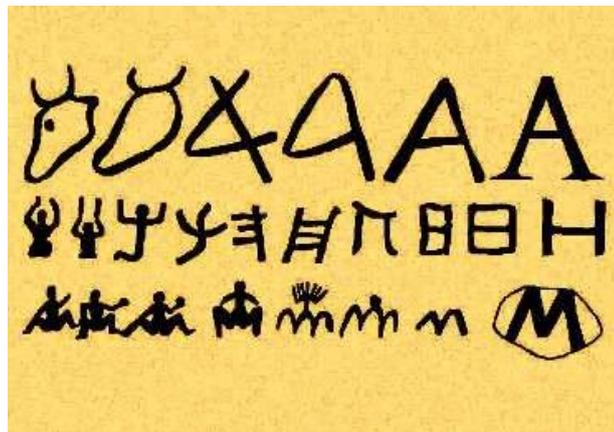
CAPÍTULO II – O CAMINHO ENTRE A ORALIDADE E A ESCRITA: DA ESCRITA FORMAL À INTIMISTA

*A palavra é meu domínio sobre o mundo.
(Clarice Lispector)*

2.1 DA ORALIDADE À ESCRITA

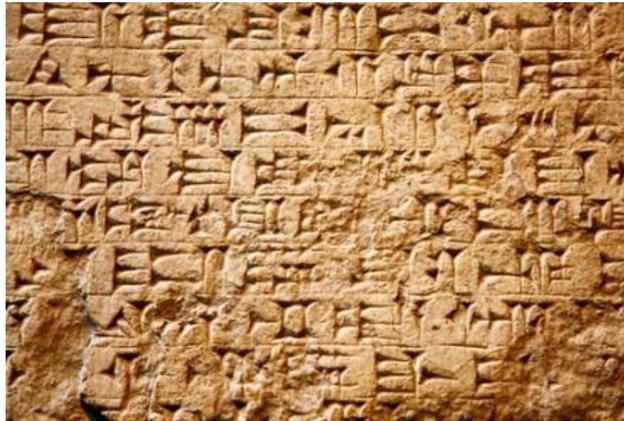
Pensar na Antiguidade Clássica é retomar um período em que a arte era transmitida por meio da oralidade. Diferentemente da modernidade, neste momento, “Letramento e civilizações eram irrelevantes”, entende-se que o letramento está atrelado apenas à escrita, porém, se compreendermos o termo letramento na sua amplitude, entendendo-o como reflexo das práticas sociais, não só da escrita, mas das diversas formas textuais, percebemos que mesmo antes da escrita havia diversas formas de letramento (s). Neste sentido, compreendemos que a Grécia não só é o berço da humanidade, como é um período de intensa cultura que reverbera em inúmeras sociedades atuais. Assim, “as linhas entre a cultura e a falta de cultura, educação e rusticidade, eram trançadas de modos diferentes, a relação entre comunicação escrita e oral, e de ambas com a educação mais elevada, assumiam formas diferentes (ROSALIND, 2005, p.2)”.

Figura 1 – Os símbolos foram se desenvolvendo até formarem os primeiros alfabetos da Antiguidade



Fonte: <https://hav120142.wordpress.com/2014/11/29/evolucao-da-escrita-dos-desenhos-parietais-e-rupestres-ao-alfabeto-grego/>

Figura 2 – Evolução da escrita: grifos da argila- escrita cuneiforme



Fonte: <https://hav120142.wordpress.com/2014/11/29/evolucao-da-escrita-dos-desenhos-parietais-e-rupestres-ao-alfabeto-grego/>

Na Grécia Clássica, “as linhas entre cultura e falta de cultura, educação e rusticidade, eram traçadas de modo diferente (THOMAS, 2005, p.2)”. Para o autor “o mundo moderno é inconcebível sem a palavra escrita” (idem). Na verdade, o mundo ocidental herdou a herança da palavra escrita da Grécia Antiga, já que nesta sociedade a escrita já se fazia presente. Para Thomas (2005, p.3) “a Grécia antiga parece claramente uma sociedade extensivamente apoiada na palavra escrita, que incluía um mundo muito grande de letrados entre sua população, a qual em suma, poderia ser considerada uma “sociedade letrada”.

Nesse sentido, “a escrita é mais um instrumento. Mesmo emudecendo a palavra, ela não apenas a guarda, mas realiza o pensamento que até então permanece em estado de possibilidades” (HIGOUNET, 2003, p.5). Assim, é por meio da escrita que os acordos passam a ser traçados, guardando e registrando o que o homem daquela época, em seu primeiro momento, teve resistência em aceitar. Aos poucos, o registro formal deu lugar à palavra oral. Desse modo, a sociedade foi se transformando, reconstruindo-se e sendo refletida em seus traços escritos.

No princípio, mesmo antes da escrita, o homem do período paleolítico, deixou suas marcas nas cavernas por meio de pinturas rupestres que representavam o seu contexto. Dialogando com o meio em que vivia, com a sua rotina e com os personagens daquela época, foram eternizados pelos registros que passaram a fazer parte da história. É comum encontrarmos desenhos que representem o homem e o seu universo, com imagens de animais, das famílias, do fogo, das plantas, até de quando surgiu a descoberta da roda. Dessa forma, mesmo no período arcaico da humanidade, a arte já era usada como representação da realidade. Segue a imagem da Vênus Paleolítica como ilustração.

Figura 3 – Vênus Paleolítica²

Fonte: <https://netnature.wordpress.com/2016/12/07/as-deusas-venus-do-paleolitico/>

A Vênus Paleolítica foi a primeira representação de uma mulher despida, embora não haja relação com o nome da Deusa. Com a descoberta do fogo, o homem passou a usar a argila como arte, dando formas e representando, em especial, a figura feminina, enfatizando os seios e as nádegas, atribuindo a essas formas a fecundidade feminina. Pela gravura da Vênus Paleolítica percebe-se que, desde os primórdios sempre coube à mulher o lugar de ser retratada pelas suas curvas, pelo seu corpo desnudo, imagem essa que se propagou ao longo de toda nossa história. A mulher é situada no lugar do silenciamento, exposta pelo seu corpo como objeto, tendo como principal papel a procriação em dado tempo histórico, e depois como objeto do prazer para um modelo patriarcal. Então, “o fazer História, por outro lado, é uma criação que remota à época da invenção escrita na Antiga Mesopotâmia (LERNER, 2019, p.28)

O fato é que ao longo da História, parte dessa humanidade não fora registrada, há um silêncio em grande parte de História sobre a mulher e o seu universo e as vozes masculinas retratando o seu tempo. Para Lerner (2019) o que se tem são suposições e interpretações, a partir de registros que nem sempre são reais, já que eram contados e registrados por outros. Logo, “tal estrutura nunca é isenta de valores. Fazemos as perguntas do passado que queremos que sejam respondidas no presente” (2019, p.41). Nesse sentido, tais respostas nem sempre serão efetivadas ou podem vir com uma carga de valorização atribuída pelo pesquisador, já que são interpretações.

Na sociedade mesopotâmica houve uma restrição e um novo desenho sobre o que as mulheres estavam designadas ou restritas. Dessa forma, conforme Lerner (2019, p.183):

² Arte Pré-histórica. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-na-antiguidade/pre-historia/> acesso em: 29-03-2018

A dependência vitalícia que as mulheres tinham de seus pais e maridos estabeleceu-se de forma tão firme na lei e no hábito, a ponto de ser considerada ‘natural’ e uma dádiva divina. Para mulheres de classe baixa, sua força de trabalho estava a serviço da família ou de quem possuísse a servidão de sua família. Suas funções sexuais e reprodutivas foram transformadas em mercadoria, comercializadas, alugadas ou vendidas conforme interesse dos homens da família.

Partindo dessa afirmação percebe-se que a mulher era vista não apenas como objeto, mais como produto e estava relacionada com o que os homens da família destinava à sua função. Além disso, vale destacar que a mulher que não era da casta social mais elevada se tornava alvo de uma lei mais severa, já que era considerada, não apenas escrava, mas prestadora de serviço aos homens da sua família, cabendo a eles o poder de decisão do que ela tinha que cumprir. Embora a classe mais privilegiada fosse menos impactada, de acordo com Lerner (2019), toda a mulher, sem exceção, era “excluída do poder militar, até a virada do primeiro milênio a.C., excluídas da educação formal à medida que foi sendo institucionalizada (*Ibid.*p.83).”

Destaca-se o fato de, neste período, o poder da mulher está voltado para “representações religiosas e em símbolos”, conforme destaca Lerner (2019). Vestígios apontam que a religiosidade, nessa época, era voltada para a servidão aos deuses, como algo de suma importância para a sociedade daquela sociedade. Esses atos eram realizados pelos homens e mulheres que tinham como hábitos consultas de “oráculos” ou “adivinhos” para tomarem decisões, tanto em casos mais simples, bem como em ações do Estado, como guerras, por exemplo. A História aponta que estes “adivinhos” eram de ambos os sexos.

Como exemplo disso, temos a tragédia de Édipo e as revelações dos oráculos que predisseram o parricídio, que será abordado mais adiante nesse trabalho. A sociedade dessa época clamava aos deuses pelos seus desejos e necessidades, em frente à sua sacerdotisa, que era tida como uma mulher temente aos deuses com poderes. A deusa Ishtar, por exemplo, era tida como “senhora do campo de batalhas. A esta deusa, era apontado como a sacralidade e o dom da vida, tinha como símbolo a vulva da deusa, que representava a fertilidade e a sexualidade feminina” (LERNER, 2019, p.178).

Achados arqueológicos mostram várias estatuetas que representam o corpo feminino como “seios, umbigo e vulva, em geral em posição agachadas, que é a posição que costuma ser adotada para o parto dessa região” (LERNER, 2019, p.189). Aponta-se que esses achados estavam correlacionados com a forte presença da Deusa-Mãe, para essa civilização, no período do Neolítico, com “evidências do quarto milênio em diante derivadas de mitos, rituais e histórias de criação” (LERNER, 2019, p.190). Conforme os registros arqueológicos, os pesquisadores possuem mais certeza da presença do feminino nas deusas a partir do IV milênio em diante, visto que estas aparecem em cenários mais elaborados e com atributos simbólicos

distintos e recorrentes. A Deusa é mostrada entre pilares ou árvores, acompanhadas de bodes, serpentes, pássaros. Ovos e símbolos de vegetação são associados a ela. Esses símbolos indicam que era adorada como fonte de fertilidade vegetal, animal e humana. Ela é representada pela deusa das serpentes monoica, com seios expostos. (LERNER, 2019, p.191)

O culto à Grande Deusa era devido à sua relação com o dom da criação, embora também fosse associado à morte, como proveniente da figura divina. Ishtar era apontada pela sua virgindade e pela maternidade. Além disso, ela era “sexualmente livre, a protetora das prostitutas, padroeira das tabernas e, simultaneamente, a noiva virginal dos deuses” (LERNER, 2019, p.191). É importante destacar que mesmo com atribuições, paradoxalmente opostas, a sociedade da época não enxergava tais contradições. Essa “dualidade” era apontada como os pares opostos “dia e noite, nascimento e morte, luz e escuridão” (*Idem*).

Embora a criação seja direcionada para a Deusa, o deus masculino também aparecia. Aponta-se que “o reconhecimento da cooperação necessária do princípio feminino e masculino no processo da criação parece se estabelecer com firmeza na mitologia suméria e acádia” (LERNER, 2019, p.192).

Após o desenvolvimento da pecuária, a presença do homem para o acasalamento com a Deusa fica mais evidente. Essa figura masculina era representada por “um filho, irmão que ajuda nos ritos de fertilidade. Percebe-se que, nesse período, não havia preocupação com o incesto, uma vez que a Deusa acasalava com filhos ou irmão do mesmo clã. Mesmo a Deusa sendo responsável pela criação e pela morte, a presença do homem na procriação recebe destaque.

Lerner (2019) observa que, em algum momento da História houve uma mudança nos conceitos da criação, deixando de ser apenas uma “força mística da fertilidade feminina” (p.194) e passando a ser de forma “consciente”. Após essa consciência, as imagens retratam a presença da figura feminina e masculina, retratando à mudança de padrão da sociedade. Destaca-se, ainda, a importância na escrita nesse movimento de mudança, devido à sua principal função de registrar, assim, “a escrita, os registros, o pensamento matemático e a elaboração de vários sistemas de símbolos alteraram a percepção que as pessoas tinham de sua relação com o tempo e o espaço” (LERNER, 2019, p.194)

Essa mudança foi refletida na percepção dos mitos e na origem da criação, trazendo novos símbolos, como por exemplo, “o deus do ar, o deus dos ventos, o deus do trovão”, que traz à vida seres moldados de maneira mecânica com o seu ‘sopro da vida’. Tais mudanças, que se estendem “por mais de mil anos”, teve como culminância, na perspectiva judaico-cristã, o Livro Gênesis que traz a figura de Adão e Eva no paraíso e na criação da realidade, por um

único deus e a vida gerada por meio do ato sexual do homem e da mulher, que abordaremos mais adiante.

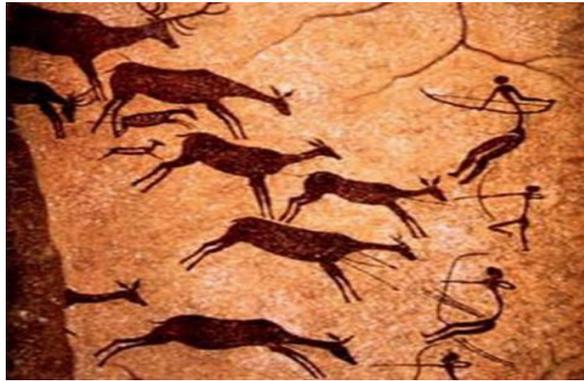
Nos registros do Antigo Oriente Próximo já há vestígios preservados da Literatura e religiosos em tábula de argila, tais escritos são apontados para os escribas que viviam nos palácios. Embora haja os vestígios, quanto à sua interpretação, é provável que haja distorções, porém o interesse, aqui, é relatar apenas os mitos daquela época e o papel da escrita em seu apogeu. Mesmo com a supressão da Deusa-Mãe pelo deus trovão e o surgimento do patriarcalismo, houve a prosperidade da difusão de certas deusas.

Como exemplo há a figura da Grande Deusa Isis, “a mulher do trono no início, ela havia incorporado a realeza sagrada e o conhecimento dos mistérios; depois se tornou o protótipo da mãe e esposa fiel” (LERNER, 2019, p.202).

Lerner (2019) aponta que o “aspecto erótico” da Isis foi “ênfatizado por Afrodite” na Grécia, e por Vênus em Roma. Sua difusão e popularidade, nesse período, são comprovadas pelos achados arqueológicos, nos quais foram encontrados, “não apenas nos templos, mas também em casas, indicando a posição importante de sua adoração na religião popular” (LERNER, 2019, p.203).

Na idade dos metais, o homem dessa época já era mais evoluído, conseguiu criar as primeiras instituições como a família e as relações de trabalho na lida com o campo. Foi nesse período que começaram a surgir as primeiras aldeias, e, conseqüentemente, as cidades. Assim, como houve a evolução do homem, com a coletividade, também há a representação dessas evoluções na arte e nas figuras que passaram a representar não mais seres individuais, mas figuras geométricas que demonstrassem a coletividade. Para este homem a razão já era mais aguçada, já havia uma preocupação com a beleza e com os detalhes das formas. Nesta época, por volta de 5 mil a.C., o homem já tinha o domínio dos metais e já manipulava a cerâmica. Com o domínio dos metais o homem inventou a roda, passou a utilizar não só o ferro, mas, também, o bronze e o cobre.

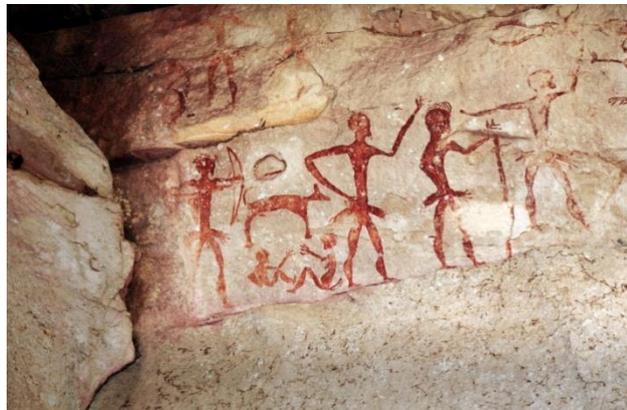
Figura 4 – Arte Rupestre



Fonte: <https://www.estudopratico.com.br/arte-rupestre/>

Neste período os homens já viviam em aldeias e já eram retratados a partir da coletividade, mostrando-se como caçadores. Já possuíam líderes políticos que os conduziam. Assim, a subsistência humana passou a ser por meio da agricultura, com o cultivo e a criação de animais como ovelhas e gados.

Figura 5 – coletividade e arte rupestre



Fonte: <http://ecologambiente.blogspot.com/2018/03/arte-rupestrea-mais-antiga.html>

Assim,

TUDO é certo em saindo das mãos do Autor das coisas, tudo degenera nas mãos do homem. Ele obriga uma terra a nutrir as produções de outra, uma árvore a dar frutos de outra; mistura e confunde os climas, as estações; mutila seu cão, seu cavalo, seu escravo; transtorna tudo, desfigura tudo; ama a deformidade, os monstros; não quer nada como o fez a natureza, nem o homem; tem de ensiná-lo para si, como um cavalo de picadeiro; tem que moldá-lo a seu jeito como uma árvore de seu jardim. (ROUSSEU, 1977, p.11)

Ou seja, nesta fase, já não tinha mais em prevalência o nomadismo, em que o homem apenas consumia o que a natureza dava e, de acordo com a escassez do solo, tinha que mudar de região em região. Neste novo momento, na idade dos metais, o homem já sabia cultivar,

plantar, colher, criar bichos para sua subsistência. E o que não tínhamos até então na história, já estavam vivendo os grupos, em *pólis*, tendo líderes políticos para conduzir os grupos sociais.

O homem dos primeiros tempos incessantemente na presença da natureza; os hábitos da vida civilizada não erguiam ainda um véu entre ela e ele. O olhar do homem encantava-se com essas belezas ou deslumbrava-se com essas grandezas. Desfrutava a luz e receava a noite, e quando observava o retorno da santa claridade dos céus experimentava o reconhecimento. Sua vida repousava nas mãos da natureza. (COULANGES, p.102, 2009)

Na obra *Padeia: A formação do homem grego* (JAEGER, 1995) há um panorama sobre a importância e o lugar do grego na educação. O próprio título da obra define o seu real conceito, postulando sobre as nossas origens e os vários aspectos da humanidade, colocando o homem, não só como agente do seu meio, mas, sobretudo, como reflexo do seu contexto social. Nesse sentido, o homem já era visto como ser social, em que ele poderia agir em seu meio, e sobretudo, ser influenciado por ele e por tudo que o cercava.

Para Rousseau,

Amanham-se as plantas pela cultura e os homens pela educação. Se o homem nascesse grande e forte, seu porte e sua força seriam inúteis até que ele tivesse aprendido a deles servir-se. Ser-lhe-iam prejudiciais, impedindo os outros de pensar em assistilo e, abandonado a si mesmo, ele morreria de miséria antes de ter conhecido suas necessidades. Deplora-se o estado da infância; não se vê que a raça humana teria perecido se o homem não começasse sendo criança. Nascemos fracos, precisamos de força; nascemos desprovidos de tudo, temos necessidade de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer, e de que precisamos adultos, é nos dado pela educação. (ROUSSEAU, 1977, p. 11/12)

Conforme Rousseau (1997), o homem nasce desprovido de tudo e é ensinado em contexto educacional, na relação de interação com o outro. É por meio da educação que se aprende a viver na sociedade, sendo ensinado tudo que lhe é preciso para ser adulto, desde a força ao juízo moral, pois “se não aprendemos nos tornamos insanos (*Id.*)”. Desses preceitos, tem-se o quão importante é a educação desde a origem do homem grego, naquela época já se era reconhecida a importância de se educar a criança pelos valores morais e éticos.

Assim, na *Padeia* (JAEGER, 1995) o autor justifica a escolha do título, procurando colocar não apenas o valor simbólico do termo “Padeia”, mas, sobretudo, ressaltando que o conceito que há na atualidade, nada remete para o que os gregos entendiam em sua origem. Segundo Jaeger, “ao empregar um termo grego para exprimir uma coisa grega, quero dar a

entender que essa coisa se contempla, não com os olhos do homem moderno, mas, sim, com os olhos do homem grego (JAEGER, 1995, p.3)”³

Jaeger (1995) inicia a *Padeia* explanando sobre o lugar do grego na história da educação, para ele: “Todo povo que atinge certo grau de desenvolvimento sente-se naturalmente inclinado à prática da educação. Ela é o princípio por meio do qual a comunidade humana conserva e transmite a sua peculiaridade física e espiritual (*Id.*)” Além disso, para o autor,

A educação participa na vida e no crescimento da sociedade, tanto no seu destino exterior, como na estrutura interna e desenvolvimento espiritual; e uma vez, que o desenvolvimento social depende da consciência dos valores que regem a vida humana, a história da educação está condicionada pela transformação dos valores válidos para cada sociedade (JAEGER, 1995, p.4).

O homem grego estava no centro do seu pensamento, sendo um “povo filosófico por excelência” (JAEGER, 1995, p.16). Para o helenista, a filosofia estava atrelada à arte e à poesia. Além da racionalidade na arte e poesia, desse tempo, tínhamos uma acepção integral, que era possível absorver o termo em sua totalidade.

Essa educação nos vem da natureza, ou dos homens ou das coisas. O desenvolvimento interno de nossas faculdades e de nossos órgãos é a educação da natureza; o uso que nos ensinam a fazer desse desenvolvimento é a educação dos homens; e o ganho de nossa própria experiência sobre os objetos que nos afetam é a educação das coisas. (ROUSSEAU, 1979, p. 12)

Rousseau (1979) reconhece a fragilidade humana em que é necessária a construção desse Eu, frágil, desprovido, pelos laços sociais, com o outro, para que se construa esse Eu com valores educacionais em interação com o meio em que ele habita.

Mas, primeiramente, antes de as ler pode-se ouvi-las e um canto mais facilmente impressiona os ouvidos do que os olhos. Demais para bem saber música não basta expressá-la, é preciso compô-la e uma coisa deve ser aprendida com a outra, sem o que nunca se sabe bem. Exercitai inicialmente vosso pequeno músico a fazer frases bem regulares, bem cadenciadas; em seguida a ligá-las mediante uma modulação muito simples, finalmente a marcar suas relações através de uma pontuação correta, o que se faz pela boa escolha das cadências e das pausas. Nunca principalmente cantos estranhos, nada de patético nem de expressão. Uma melodia sempre cantante e simples, sempre derivante das cordas essenciais do tom, e sempre indicando de tal maneira a baixa que ele a sinta e a acompanhe sem dificuldade; pois para se formar a voz e o ouvido nunca se deve cantar senão ao cravo. (ROUSSEAU, 1979, p. 172)

Dessa forma, ele distingue a educação interior, que é biológica, da educação que ocorre em relação com o Outro, que é ensinada. Posto isso, o sujeito deve lidar com o uso que precisa

³ Na *Padeia*, o autor, logo na introdução, traz a explicação do termo escolhido para o título (JAEGER, 1995). Justifica ainda que o termo para os gregos agrega valores globais, que vão além de si mesmo, e por este motivo, não há um único termo atual que expressa o real valor semântico para os gregos.

fazer das coisas a partir de códigos sociais que são impostos como regras, que, se este sujeito infringir, será imputado a ele penas sociais. É assim quando uma criança, por exemplo, vai de encontro à moral.

Para isso, Piaget (1994) postula que:

Do ponto de vista da psicologia, podemos considerar a coação social como oriunda em parte da coação exercida pelo adulto sobre a criança, e exercendo, por consequência, um efeito de “consolidação” sobre a mentalidade infantil (se verdadeiramente, como vimos no decorrer de nossas pesquisas, a coação adulta não basta para ‘socializar’ realmente a criança, mas acentua o egocentrismo próprio a esta). A cooperação, por outro lado, surge como a relação social essencial, que tende para a eliminação dos fenômenos infantis. (PIAGET, 1994, p. 260)

Dessa forma, como os indivíduos são seres sociais, estes se moldam à sociedade a partir de preceitos éticos e morais postulados. Assim, o adulto tem como função essencial ensinar a criança tais códigos, de modo que ela apreenda e possa conviver na sociedade. Retomando, “nascemos fracos, precisamos de força; nascemos desprovidos de tudo, temos necessidade de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo.” (ROUSSEAU, 1979)

Piaget continua a tecer sobre o juízo moral da criança, como ser em construção, distinguindo dois pontos: “a teoria do dever ou da obrigação moral e a do bem ou da anatomia da consciência” (1994, p. 260). Para ele, o dever se relaciona com as imposições sociais que estipulam como “obrigações sociais”. Já no que tange “ao ponto de vista genético”, este se dá no exercício da coação do adulto sobre a criança, de modo que a faça internalizar tais preceitos em sua consciência, “como sentimento de dever”. Nesse sentido,

Todo ato moral participa, ao mesmo tempo, da obrigação do dever e da desejabilidade que caracteriza o bem. Também as duas noções nos são dadas como tendo a mesma origem: o bem e o dever derivam ambos do sentimento do “sagrado”, sendo o “sagrado” imperativo e desejável ao mesmo tempo, como a própria sociedade da qual não é senão o reflexo. (PIAGET, 1994, p. 260)

É nessa interação adulto x criança que o psiquismo infantil é construído, por meio de condutas e práticas assistidas pelos adultos que convivem com este ser em construção. Assim, como a sociedade é alicerçada pelas ações dos sujeitos que a compõem, estes também são refletidos pelos preceitos morais impostos. Para Aristóteles, há uma relação entre o instrumento e o produto realizado por este. Na relação entre adulto x criança, este adulto é responsável pelo “produto” que a criança se tornará, já que ele é o responsável moral por esta construção psicológica. Assim, para Aristóteles (2007):

Chama-se "instrumento" o que realiza o efeito, e "propriedade doméstica" o que ele produz. O tear, por exemplo, e o torno, além do exercício que nos proporciona seu uso, fornecem-nos ainda pano e camas; ao passo que o pano e a cama que eles nos

produzem se imitam ao nosso simples uso. Há também diferença entre "fazer" e "agir" e, como ambos precisam de instrumentos, deve haver entre seus instrumentos a mesma diferença. A vida consiste no uso, não na produção.

Em meio a essa explanação alicerçada no instrumento, a partir do uso e não da produção, é que a escrita é refletida e tece teias de sentidos e registros entre diferentes sociedades, para que as futuras possam inspirar-se em seus ancestrais para as construções de sociedades melhores, ou, simplesmente, para que se possa entender a partir de uma construção social, em que a história foi desenhada e refletida por meio de vários códigos e preceitos, sobretudo, entrelaçados pelas relações humanas. É por meio desses resquícios históricos sejam escritos ou achados que se compreende a sociedade como em estado em construção, sendo capaz de perscrutá-la por meio da ciência e dos vestígios deixados pelos antepassados. Nesse sentido,

A natureza, por assim dizer, imprimiu a liberdade e a servidão até nos hábitos corporais. Vemos corpos robustos talhados especialmente para carregar fardos e outros usos igualmente necessários; outros, pelo contrário, mais disciplinados, mas também mais esguios e incapazes de tais trabalhos, são bons apenas para a vida política, isto é, para os exercícios da paz e da educação não é certamente senão um hábito. Mas não há pessoas que esquecem e perdem sua educação e outras que a conservam? De onde vem essa diferença? Se devemos restringir o nome de natureza aos hábitos conformes à natureza, é de se poupar este galimatias. (ROUSSEAU, 1979, p. 13)

Dito de outra maneira, o discurso oral estava presente na cultura clássica em todas as esferas sociais, e era por meio dele que os políticos conduziam a democracia. Dessa forma, “a palavra escrita era mais frequentemente usada a serviço da fala (HIGOUNET, 2003, p.6)”.

No princípio, como vimos, o homem buscou a comunicação por meio de desenhos em cavernas, por meio da representação que refletissem o seu meio social. Neste período, a escrita teve como função comunicar-se através de registros, nos quais fossem possíveis transmitir algo para outras pessoas. Nesta fase inicial dos registros, não havia uma linearidade, por este motivo, não é considerado como escrita, uma vez que não há uma sequência lógica gráfica.

A História nega à mulher os seus resquícios. Pouco se tem sobre a mulher e tudo que a envolvia no período paleolítico. Quando se fala em seres humanos, nessa época, há registros sobre os homens e como eles viviam, as imagens encontradas nas cavernas trazem em sua maioria, imagens de homens, mesmo quando estes estão em coletividade, trazem atividades masculinas, como por exemplo, a caça com vários homens caçando as suas presas para a alimentação. Mesmo quando se encontram registros que possam ser atribuídos às mulheres, esses são do universo masculino ou de animas da época.

Com o surgimento da escrita, houve um avanço significativo nas relações humanas, já que é a partir dela que há uma ferramenta importante para a memória humana, posto que, ainda

em sua fase inicial, a finalidade maior da escrita era o auxílio do comércio e dos acordos financeiros, ou seja, apenas para “registrar”. Com o tempo, mais uma vez, essa finalidade passou a ser ampliada para registros em diferentes situações e finalidades. Com este advento tornou-se possível ultrapassar limites históricos, geográficos e levar informações para diferentes povos em diferentes tempos. Assim, se existe a escrita, de um lado, há a sociedade do outro, e em meio as duas, temos alguns agentes que influenciam o processo da escrita.

Por outro lado, temos o sujeito repleto de desejos e vontades que busca, por meio das palavras, formas para expressar o seu eu. Em meio a tudo isso temos a palavra que é “prehe de respostas” (BAKHTIN, 2006), e de sentidos plurais que se expressam pela singularidade da escrita uma forma multifacetada de se expor.

Muito embora se tenha herdado a escrita dos ancestrais, sua relevância nem sempre foi vista como algo consistente e essencial, pois nem sempre ela existiu, tendo em vista o seu surgimento apenas no século IV a.C. Ademais, a partir da escrita os gregos perduram, até hoje, uma herança significativa para a Literatura, sobretudo, os caminhos para ajudar a entender a História da humanidade, por meio dos seus registros. Assim, “a extensão da comunicação oral necessita de uma ênfase específica para os estudiosos da cultura clássica” (HIGOUNET, 2003, p.4).

A maior parte da literatura grega, porém, tinha por finalidade ser ouvida ou cantada-transmitida oralmente, portanto, - e havia uma forte corrente de aversão pela palavra escrita, mesmo em entre os altamente letrados: documentos escritos não eram considerados, por si mesmos, prova adequada em contextos legais até a segunda metade do séc. IV a.C. (id.)

Na gênese da escrita havia uma marginalização e uma descrença em relação à sua legitimidade, já que, nesse período, a oralidade tinha supremacia sobre a escrita. Mesmo quando já tinham documentos escritos, para que recebessem legitimidade e fossem vistos como algo verídico, era realizada a leitura em voz alta, para que o discurso oral continuasse em supremacia. Cabe ressaltar três importantes divisões da oralidade: composição oral, comunicação oral e, por último, a transmissão oral. Para cada uma dessas divisões há uma relação distinta com a escrita.

A história da humanidade se divide em duas imensas eras: antes e a partir da escrita. (...) Vivemos os séculos da civilização da escrita. Todas as nossas sociedades baseiam-se sobre o escrito. A lei escrita substituiu a lei oral, o contrato escrito substituiu a convenção verbal, a religião escrita se seguiu à tradição lendária. E, sobretudo não existe história que não se funde sobre textos (HIGOUNET, 2003, p.9)

Thomas acrescenta (2005, p.6) que “a Atenas do século V a.C. não era uma sociedade letrada, mas também não era uma sociedade oral”. Sabe-se, que, na verdade, a escrita é reflexo da oralidade, portanto, não há uma incompatibilidade, uma vez que esta reflete aquela. Além

disso, com a escrita, não houve a exclusão da oralidade, pelo contrário, o que há, na verdade, é a necessidade de “uma atividade complexa”. Dessa forma, “desde o início, ambas, devem ser examinadas juntas”, já que uma é complemento da outra. (THOMAS, 2005, p.6).

O mesmo autor ainda esclarece que:

A oralidade é freqüentemente idealizada, revestia de idéias românticas e nostálgicas vinculadas ao folclore, à cultura folclórica e à tradição folclórica e ao nobre selvagem. O termo cultura oral, muitas vezes, é usado com o mesmo sentido de folclore; este, por sua vez, é visto como tradição oral [...] A cultura oral é inocente, pura e natural, não corrompida pela palavra escrita, ou talvez, dependendo do ponto de vista, a pura manifestação do caráter de um povo. (THOMAS, 2005, p.9)

Com isso, percebe-se a força cultural do povo antigo, em que mesmo sem tanto domínio da escrita era transmitida por meio da oralidade, passando de geração para geração por meio da cultura oral. Apenas na segunda metade do século VIII a .C., na Grécia, iniciou-se a inserção das vogais nas palavras no alfabeto, que foi herdado dos fenícios. Na verdade, há indícios reais da precisão dessa data, com recentes achados escritos pelos arqueólogos, mas como ainda há muitas coisas que não foram descobertas, esse período pode ser mais remoto do que o que a ciência postula até então.

O apogeu da escrita só veio ter maior força a partir do século V a.C, quando a cidade de Atenas teve o seu arquivo central. Já no século IV a.C, “a palavra escrita passou a ter respeito” (THOMAS, 2005, p. 19). Mesmo assim, a Literatura ainda era lida em voz alta, devido à importância da oratória. É notório que a escrita teve um grande impacto na vida e no cotidiano dos gregos, mas também é consensual que estas mudanças foram graduais, mesmo porque, durante um longo período, a escrita ainda foi colocada em oposição à oralidade, como algo sem credibilidade, principalmente, na Literatura.

No período arcaico o principal uso da escrita foi, especialmente, “pensada como instrumento mnemônico para o que deveria ser comunicado oralmente”, além de ter a função de “reforçar os costumes” (THOMAS, 2005, p.87). Além disso, é necessário, também, não dissociar a escrita da forma de eternizar mensagens aos mortos, pois a escrita passou a ser grafada nas tumbas e estátuas, em formas de mensagens, como maneira de aumentar o simbolismo. Já no que tange à escrita pública, essa função teve, prioritariamente, duas acepções: listar funcionários e leis escritas. Foi assim, com o conhecido código de Hamurábi, escrito na língua antiga dos babilônicos, com “caracteres cuneiformes”. O nome Hamurábi se refere ao rei, em nome de quem ela foi “produzida por volta de 1772 a.C. O Código de Hamurábi “é um conjunto de leis”, sendo este conjunto “o primeiro exemplo legal” (COULMAS, 2014, p.42)

Coulmas (2014) relata, ainda, que a *Ágora*, também conhecida vulgarmente como o mercado da Grécia antiga, era vista como um espaço coletivo, onde as pessoas se reuniam para dirimir questões corriqueiras. Era nesse espaço barulhento, que, na descrição de Coulmas, lembram o nosso atual mercado público, “a *Ágora* era barulhenta, povoada como era os mascates, peixeiros, vendedores de vinhos, de tecidos, sapateiros (...)” (p. 2014, p.38)

Neste espaço tão misto, onde se faziam e se registravam acordos, aos poucos foi dando lugar a escrita, “é que a escrita também estava se tornando parte da “mistura de mídias da antiga praça do mercado Coulmas (2014, p. 38).” Ele ainda salienta que essa “nova forma de se instrumentalizar a palavra, por meio de registros, como “expressões primeiras do letramento popular grego remontam ao século VIII a.C (*Id.*)”.

Além disso, “desde o mais remoto testemunho literário do grego antigo até o grego moderno falado e escrito, muitas características da língua grega sobreviveram da língua grega mais ou menos inalteradas” (COULMAS *apud* GER; RUGE, 2008, p. 105)

A escrita atesta a veracidade dos fatos históricos, uma vez que sem ela tudo vira subjetivo, e, até mesmo duvidoso, já que não se é possível provar. Sem ela é possível supor como era com os nossos ancestrais, mas nunca provar como eles se comportavam, seus hábitos, seus registros. Por este motivo, a escrita se tornou tão essencial para a sociedade, porque não se trata apenas de um instrumento de comunicação, mas, de um instrumento de registro. Assim, “inscrições da antiguidade dão testemunho de várias outras línguas” (COULMAS, 2014, p.40).

Coulmas (2014) destaca que na antiguidade, apesar da escrita ser uma forma de letramento, como já mencionado, era voltada à “elite educada”, ou seja, desde os seus primórdios, a escrita foi a gênese que retrata a desigualdade entre o rico e o pobre, o que tem o domínio da escrita e o que vive a margem da sociedade letrada.

2.2 A ESCRITA E A CONTEMPORANEIDADE

A escrita e a sua relação com o homem foi ganhando novos aspectos e formas com o passar do tempo. Aos poucos a relação foi se construindo de maneira formal e ganhando espaço apenas em situações bem distintas, especialmente, quando substituiu à oralidade, sendo elevada ao *status* que hoje conhecemos. Assim, aos poucos, a escrita foi sendo convertida ao lugar comum, ao lugar do eu, da intimidade desse eu, com ele mesmo, onde ele pode tecer diálogos consigo mesmo e com os outros que habitam dentro de si e de um universo plural. É nesse lugar comum desses vários Eus que a escrita contemporânea se solidifica e atravessa caminhos nunca conhecidos, levando-nos a conhecer lugares distantes, e desconhecidos, ganhando novas esferas

e cenários de debates, em que o falar do Eu também é possível. Escrever sobre tudo, ou sobre nada, sobre os outros, ou sobre o Eu que está em mim e no outro. É nesse espaço de convergências e de embates sociais que a escrita contemporânea se desenha e se alicerça.

Assim, como falar em escrita sem retomar o conceito de linguagem e o que ela representa para a humanidade? Falar em linguagem é, sobretudo, retomar o momento inicial da concepção humana, em que o feto, ainda no ventre, tem contato com o mundo exterior e reage aos toques na barriga da mãe, aos sons, seja de uma música ou a voz materna, por exemplo. A linguagem perpassa apenas a decodificação da escrita e nos coloca em contato com o além do gráfico. Ao vir ao mundo o bebê chorando reage ao mundo exterior, e o novo que lhe é apresentado. Assim, ao longo das próximas horas e dias serão apresentados a ele o mundo exterior ao ventre materno, ele terá acesso a sons, cheiros, toques, além da visão, que é o meio por onde ele enxerga esse novo mundo. Ainda no primeiro contato, ele interage com esse novo Outro, que não é apenas sons, é o todo, são todos os sentidos, é o som, mas também, é o todo que lhe cerca, é o cheiro do alento materno, é o toque de um outro que aos poucos ele vai criando intimidade e vai agindo e reagindo para saciar a sua fome e suas necessidades fisiológicas.

É por meio da linguagem que as relações sociais se estabelecem, assim, esse bebê vai desenvolvendo outras formas de linguagem, emitindo seus próprios sons que irão representar, para quem cuida dele, uma singularidade, como por exemplo, o choro de fome, de dor, de apenas querendo colo e alento. Ele chega ao seio familiar, mas é bem verdade, que ele já existia muito antes da sua concretude, ele já existia no desejo dos seus pais e na expectativa da chegada do filho do casal.

Assim,

A primeira palavra e a última, o começo e o fim de uma enunciação permitem-nos já colocar o problema do todo. O processo da fala, compreendida no sentido amplo como processo de atividade de linguagem tanto exterior como interior, é ininterrupto, não tem começo nem fim. A enunciação realizada é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior. As dimensões e as formas dessa ilha são determinadas pela situação da enunciação e por seu auditório. (BAKHTIN, 2016b, p.127)

Dessa forma, a escolha da palavra nunca será feita de modo aleatório, o sujeito será sempre social e falará de um dado lugar. Mesmo na infância, quando ainda está na fase da construção da personalidade, a criança já nos primeiros anos de vida, consegue interagir com o Outro por meio da linguagem, apontando as suas necessidades e saberá reconhecer como é a melhor forma e discurso para conseguir o que precisa, de acordo com o sujeito a quem ela se dirige.

Com as relações sociais, a criança aprenderá a reconhecer a diversidade dos gêneros textuais, e lhes serão apresentados alguns deles, de acordo com a sua faixa etária, como por exemplo, os jogos, a contação de história, dentre outros. E naquele universo, no mundo do faz de conta, ela aprenderá a criar personagens, a fantasiar suas estórias, passeando no imaginário, que para ela é tão real e tão seu. Os personagens das histórias mesclam-se com a realidade. Muitas vezes, o infante se vê na pele de um dos super-heróis das histórias em quadrinhos, outras, será uma princesa e um conto de fadas o seu universo desejado.

Sobre as personagens Cândido *et al* diz que: “a personagem é um ser fictício (...) há afinidades e diferenças entre os ser vivo e os entes de ficção, e que as diferenças são tão importantes quanto as afinidades para criar o sentimento de verdade, que é a verossimilhança (1981, p.55)”

Assim, de acordo com os nossos universos e as nossas relações com o mundo, identificamo-nos ou não com tais seres fictícios, seja em um filme, novela ou como no exemplo dos personagens infantis, que as crianças se identificam e reproduzem de acordo com a relação dialógica entre a personagem e o seu Eu. Para tudo isso, será determinado o mundo em que esta criança será inserida, como os adultos lhes apresentam esse mundo imaginário, e quais as cores dos recortes que lhes são apresentados. Se será azul para meninos ou rosa para meninas dependerá de como a família conduzirá a construção social dessa criança e de como ela agirá no mundo, uma vez que somos construídos a partir dos Outros. Ou simplesmente, uma cor neutra, demarcando o novo contexto de gênero neutro, vigente na sociedade atual.

E toda a palavra, quando repassada de um para outro, igualmente para aqueles que a compreendem e aqueles que nela não tem interesse, e não sabem a quem indagar ou não indagar; quando maltratada e injustamente vilipendiada, precisa sempre da ajuda de seu pai, pois não consegue proteger-se por conta própria (PLATÃO, 275d-575e.)

Da mesma forma que a escrita se modificou ao longo dos séculos, assumindo novas formas, na contemporaneidade, o que é público e o que é privado se mesclam em uma teia discursiva de lugares sociais nem sempre tão bem definidos. A Literatura se amplia com categorias e enredos nunca imaginados, dando lugar a um Eu que se encontra entre o público e o privado, um Eu tão solitário e, ao mesmo tempo, tão repleto de tudo e de todos. Este lugar é conduzido por uma tecnologia e formas que transcendem o meramente formal, o possivelmente estrutural e momentâneo. A escrita que em sua égide tinha a função de registrar e de eternizar acordos públicos, hoje está sendo publicizada em redes sociais, levando ao conhecimento do público o que antes era privado.

Com efeito, para Compagnon (2001, p.87)

O texto tem o sentido original (o que ele quer dizer para um intérprete contemporâneo), mas, também, sentidos, ulteriores e anacrônicos (o que ele quer dizer para sucessíveis intérpretes): ele tem uma significação original (ao relacionar seus sentidos com valores contemporâneos), mas, também, significações ulteriores (relacionando, a todo momento, seu sentido anacrônico com valores atuais).

Nesse sentido, o autor admite que o texto é atemporal, pois ele dialoga não só com a contemporaneidade, com os valores para os sujeitos daquela época, bem como pode ultrapassar os limites anacrônicos e atingir sujeitos de épocas posteriores, muitas vezes, novos leitores podem, inclusive, atribuírem novos valores e significados que nem mesmo o autor conseguiu atingi-los no momento da criação. Bauman (2001), a teorizar sobre a modernidade, conclui que vivemos tempos líquidos, nesse sentido,

Os fluidos se movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem”, “esvaem-se”, “respingam”, “transbordam”, “vazam”, “inundam”, “borrifam”, “pingam”; são “filtrados”, “destilados”; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos — contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. Do encontro com sólidos emergem intactos, enquanto os sólidos que encontraram, se permanecem sólidos, são alterados — ficam molhados ou encharcados. (BAUMAN, 2001, p.3)

Para este autor:

O “derretimento dos sólidos”, traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e, mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo, e um dos principais efeitos desse redirecionamento foi a dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema na agenda política. Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas — os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro. (*Ibid.*, p.7)

Com efeito, essa fluidez dos novos tempos, em que os valores são líquidos e passageiros, também foi refletido na escrita contemporânea, em que o texto se moldou às novas práticas dos novos tempos, dos novos Eus, com um narcisismo exacerbado, em que mesmo quando falo de mim, desse Eu, tão privado, tão íntimo está posto em suportes de escritas públicas como nas redes sociais que primam pela liquidez apontada por Bauman. Nesse sentido, este Eu, posto como íntimo, em que usava a escrita confessional como uma forma de “confissão” a si mesmo, hoje o faz isso, de forma intencional se colocando a julgamentos de Outros que quase sempre nem ao menos se relacionam ou se conhecem fisicamente, são elos midiáticos que geram uma relação muitas vezes fantasiosas. Em tempos modernos, assim, como os líquidos as relações são momentâneas, fluidas.

Mesmo em meio a textos com valores questionados, no que tange à Literatura e à estética, na contemporaneidade, a Mulher, a quem historicamente lhe foi negado o direito do público, na contemporaneidade, ganha nomes e vozes. A História do feminino começa a ser escrita no século XIX e, aos poucos, vai ganhando identidade e representatividade feminina. O universo que antes era espaço apenas para homens, agora ganha novos rostos, é o lugar da mulher e da diversidade de todas as cores e de todos os credos. A cultura passa a ser retratada como nunca fora, o grito dos silenciados passa a ser ouvido por meio das palavras e transfigurados em enredos reais ou fictícios.

Por outro lado, ganhamos em amplitude e na representatividade da diversidade de gênero, porém a escrita também foi transfigurada para um lugar desconhecido, mesmo ainda com o seu caráter de registros, por meio dela, os gêneros textuais foram se moldando à fluidez dos discursos. O valor do texto, que está atrelado à sociedade e aos sujeitos da época, agora passam a ter o antagonismo da fluidez, do momentâneo, nem todas as obras são atemporais.

Para Cândido (2010, .46)

é importante observar que não poderá aprender esteticamente a totalidade e a plenitude de uma obra de arte ficcional, quem não for capaz de sentir vivamente todas as nuances dos valores não-estéticos – religiosos, morais, político-sociais, vitais, hedonísticos etc. – que sempre estão em jogo, onde se defrontam os seres humanos.

Para este autor “o valor estético suspende o preço real dos outros valores (embora os faça “aparecer” em toda sua seriedade e força); integra-os no reino lúdico da ficção, transforma-os em parte da organização estética, assimila-os e lhes dá certo papel no todo” (CÂNDIDO, 2010, p.47). Assim,

No momento presente, encontramos-nos perante a abundância de obras autobiográficas, de memórias, de diários, de romances onde o narrador se apresenta na primeira pessoa, num desfilar que começa a se tornar-se monótono e quase obsessivo e nos faz questionar sobre o porquê de tal tendência (GAMEIRO, 2012, p. 17)

É em meio a uma sociedade “líquida” de valores invertidos que a escrita, hoje, se orna de outros sentidos. A partir de novos códigos linguísticos que se adaptam às novas práticas, o Eu ganha evidência em uma sociedade de julgamentos de imposições de valores, biótipos, hábitos e, por que não dizer, de rótulos sociais?

Posto isso,

multiplicam-se os testemunhos pessoais, diferenciam-se as situações de enunciação, os textos e os canais dão novos contornos (...). O fenômeno do narcisismo manifesta-se, no mundo contemporâneo, com tal força que o que presenciamos em todas as manifestações de arte, não sendo exceção a literatura. (*Ibid.* 2012, p.17)

É bem verdade que os textos em primeira pessoa remontam a antiguidade. Encontramos tais exemplos, em textos bíblicos, como nos Cânticos, nos Salmos ou no Êxodo, por exemplo. Temos como exemplo desses textos, Êxodo,

Moisés perguntou: "Quando eu chegar diante dos israelitas e lhes disser: O Deus dos seus antepassados me enviou a vocês, e eles me perguntarem: 'Qual é o nome dele?' Que lhes direi?" Disse Deus a Moisés: "Eu Sou o que Sou. É isto que você dirá aos israelitas: Eu Sou me enviou a vocês".
Êxodo 3:13-14

Embora tais evidências sejam levadas em consideração, veja a semântica do contexto impregnado na expressão “Eu sou”, que vai muito além do que a colocação em primeira pessoa, ou um viés intimista. Nesse contexto, o “Eu sou”, significa, o sujeito, o todo. Nesse sentido, o efeito do Eu, na contemporaneidade, nunca foi sentido e refletido com o valor fluido atual, em que paradoxalmente, este Eu responde por um esvaziamento quase que completo de si e, ao mesmo tempo, é um Eu que emerge do nada e sucumbe às práticas sociais que o encarcera em um esvaziamento, e ao mesmo em uma pluralidade de valores controversos. Este Eu, que grita, em palavras, por meio da escrita, para o nada e para o tudo, é o mesmo que é solitário e que clama por um Outro que não está disposto a ouvi-lo.

A escrita do EU pode assim ser encarada como uma forma de salvação num mundo que começa a descer de sucessivos modelos ideológicos de salvação coletiva. E para muitos a vivência da intimidade e uma garantia de autenticidade num tempo em que a vida pública se tornou uma espécie de “teatro do mundo”.(GAMEIRO, 2012, p. 21)

Neste ínterim, este impacto também trouxe novas perspectivas teóricas e de gêneros textuais, na Literatura, que nos possibilitam ir para além do previsível, novos gêneros se mesclam e se recriam, outros, eternizados pelas esferas sociais, ganham novas roupagens para se adaptarem ao contexto, à situação comunicativa, aos novos hábitos e, por que não dizer, a uma nova sociedade que está em constante transformação. Com os gêneros autobiográficos, muitas obras foram consagradas como *bestsellers*, e com a publicação de diários pessoais, como por exemplo, a obra *O Diário de Anne Frank*, que traz a narrativa de uma menina judia, de 13 anos de idade, e seu olhar sobre o período sombrio da Segunda Guerra Mundial.

Figura 6 – Trecho Inicial do diário de Anne Frank

Domingo, 14 de junho de 1942

Na sexta-feira, 12 de junho, acordei às seis horas. Pudera! Era dia do meu aniversário. É claro que eu não tinha permissão para levantar àquela hora, e por isso tive de reprimir a minha curiosidade até as quinze para as sete. Aí então não agüentei mais e corri até a sala de jantar, onde recebi as mais efusivas saudações de Moortie (a gata).

Logo depois das sete fui dar bom-dia à mamãe e ao papai, e, depois, corri à sala de estar para desembulhar meus presentes. O primeiro que me saudou foi você, possivelmente o melhor de todos. Sobre a mesa havia também um ramo de rosas, uma planta e algumas peônias; durante o dia chegaram outros.

Ganhei uma porção de coisas de mamãe e papai e fui devidamente presenteada por vários amigos. Entre outras coisas, deram-me um jogo de salão chamado Câmara Escura, muitos doces, chocolates, um quebra-cabeça, um broche, os Contos e lendas dos Países Baixos, de Joseph Cohen, Daisy e suas férias nas montanhas (um livro espetacular) e algum dinheiro. Agora posso comprar Os mitos da Grécia e Roma — que legal!

Lies veio então apanhar-me para irmos à escola. No recreio, distribuí biscoitinhos doces para todo mundo, e então tivemos de voltar às aulas.

Agora preciso parar. Até logo. Acho que vamos ser grandes amigos.

Fonte: Diário de Anne Frank

Percebe-se a relação dialógica que ela já cria com o diário, narrando sua rotina, e no final ela usa a despedida: “até logo. Acho que vamos ser grandes amigos”. Nos trechos que se seguem ela usa o diário, como seu aliado e confidente, para narrar a rotina de uma das cenas mais tristes na História: O holocausto. Outra característica do diário é a manutenção do diálogo com ele, como se ele fosse o interlocutor, o outro que nos escuta, que nos acolhe. O texto em primeira pessoa é essencialmente emotivo, para isso Bakhtin pontua que:

Temos de examinar as condições em que se efetua o trabalho estético que molda a determinação interna: uma emoção considerada isoladamente, um estado interior e, finalmente, o todo da vida interior. (...) As formas específicas da criação verbal adotadas pela expressão dessa alma — confissão, autobiografia, caráter, tipo, etc. (BAKHTIN, 2006a, p.127)

Textos autobiográficos ou em primeira pessoa, como é o caso da escrita íntima, trazem em si a “expressão da alma”, característica que vem impregnada de outros condicionantes, ao mesmo tempo em que este Eu escreve sobre si, ele se encontra repleto de vozes que só traz completude a partir de um todo significativo. Conforme Bakhtin (2006 a, p. 109),

É evidente que o diálogo constitui um caso particularmente evidente e ostensivo de contextos diversamente orientados. Pode-se, no entanto, dizer que toda enunciação efetiva, seja qual for a sua forma, contém sempre, com maior ou menor nitidez, a indicação de um acordo ou de um desacordo com alguma coisa.

Aos poucos tais gêneros foram ganhando impacto e se proliferando nas publicações e, da mesma forma, foram ganhando novos formatos, bem como novos valores sociais. Sobre tal aspecto Aristóteles pontua que:

No povo, cada um tem sua parte de prudência e de virtude, e quando estão reunidos o conjunto é mais ou menos como um homem que tivesse vários pés, várias mãos e um número maior de sentidos. A mesma estimativa deve ser feita sobre sua inteligência e seus hábitos morais. Assim, vemos que o público julga melhor do que ninguém sobre música ou poesia. Uns criticam um trecho, os demais outro e todos captam o forte e o fraco do conjunto da obra. As pessoas de bem diferem do vulgo quando as comparamos uma a uma, assim como uma pessoa bonita difere de uma feia, mas uma pintura é superior à realidade (refiro-me a estes quadros onde se reuniram num único sujeito os traços de beleza dispersos entre vários objetos reais), mesmo se as partes destes corpos - o olho de um, e tal outro membro de outro -, quando comparadas separadamente com a obra de arte, a ultrapassem. (ARISTÓTELES, 2007, p.118)

Assim, esse espaço comum, entre a folha em branco, a antiga pena e o tinteiro, aos poucos foi sendo substituído por lápis, canetas e hoje pelo computador e até os sofisticados celulares que estão em constante evolução tecnológica, deixando de lado ou substituindo o que “é novo”, já obsoleto em relação à tecnologia e às diferentes funções que estes suportes da escrita podem exercer.

É em meio ao paradoxo entre o “sólido” e o “fluído”, o “valor” e o “sem valor”, o “novo” e o “obsoleto” que a escrita se redefine em uma sociedade que pulsa pela transformação, pelo imediatismo e que, junto à tecnologia, ganha espaço, vai coibindo outras práticas necessárias à humanidade, como é o caso do ato de escrever.

No que tange à Literatura na década de 20, no Brasil, mais precisamente em 1922, com a Semana de Arte Moderna, tivemos um impulso para que a escrita passasse a refletir os problemas sociais brasileiros, já que até então toda a nossa literatura era importada. Com este movimento a Literatura brasileira ganhou um novo perfil que primava pelas características nacionais, inclusive, com linguagens e formas estéticas. A escrita passou a refletir a conjuntura política, social e ideológica de um Brasil que se transformava, ganhando, assim, a sua alforria literária.

Tivemos, então, que reaprender a escrever a nossa literatura, uma Literatura que pulsava o cotidiano e os dilemas do Brasil, trazendo em sua escrita os registros dos heróis genuinamente brasileiros, como, por exemplo, o homem nordestino, representado pela Era de 30. Com a chegada da década de 30 e 40, este reflexo passou a ser visto em obras que retratavam o homem e a mulher brasileira, sobretudo, a atmosfera de tensão que o mundo estava vivenciando, no que tange à segunda Guerra Mundial e seus conflitos sócio-políticos. Em termos de Brasil a escrita refletia o contexto histórico da Era Vargas, com o Estado Novo. Na Literatura a escrita foi

redefinida por nomes de autores nacionais como, por exemplo, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Jorge Amado, uma literatura marcada pela representação do homem nordestino e do retirante.

Assim, para Cândia⁴,

De fato, antes procurava-se mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial. Depois, chegou-se à posição oposta, procurando-se mostrar que a matéria de uma obra é secundária, e que a sua importância deriva das operações formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social, considerado inoperante como elemento de compreensão. Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra (2010, p. 13-14)

Para Cândia as partes das obras são inseparáveis, além disso, o texto e o contexto são dialéticos. Em cada momento, há uma literatura que tende a ser bem aceita ou não pelos leitores/sociedade. Assim, conforme Compagnon “as obras transcendem a intensão primeira dos seus autores e querem dizer algo de novo a cada época. A significação de uma obra não poderia ser determinada, nem controlada pelo intensão do autor, ou pelo contexto de origem (COMPAGNON, 2001, p. 85)”. Segundo este autor “o texto escrito sobrevive à enunciação e não permite reparos da comunicação, que a palavra falada permite (2001, p.83)”. Isso ocorre devido ao fato de que, na comunicação mediada pela fala, o autor possui o recurso de reorganizar o seu pensamento, reproduzir o discurso, de modo que dê melhor clareza e entendimento ao que foi dito, para que possa atender, assim, a situação comunicativa e a interpretação do seu receptor. Já no texto escrito, como a característica na escrita é de registrar, uma vez cumprido, já foi registrado, não cabendo novas interpretações ou arranjos para sanar inconsistências, sejam linguísticas, sejam de teor textual. É possível reescrever, reproduzir, mas aquele enunciado primeiro já foi registrado.

De 1945 a 1980 tivemos no Brasil a última fase do modernismo ou fase pós-moderna, de acordo com o cânone, o qual nos chama atenção pelo modelo da escrita, em especial, a intimista, que trazemos aqui, como exemplo, a autora Clarice Lispector⁵, que explora uma escrita de cunho mais pessoal, humanista, intimista, que fala de si e do outro com o viés

⁴ Antônio Candido. Crítica e sociologia. In: Literatura e sociedade. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010, p. 13 e 14.

⁵ Este modelo de escrita será abordado no capítulo destinado à Literatura intimista.

psicológico. É nesse momento que se enquadra o interesse principal do nosso trabalho, o Eu que usa a escrita para falar de si, sendo caracterizada pela subjetividade desse Eu. A Literatura ganhou novos olhares inseridos por novos sujeitos, sejam mulheres ou homens, de gêneros diversos e falando sobre temas plurais a partir de suas singularidades. É o florescer da escrita da alma feminina, da subjetividade desse Eu que fora tão silenciado ao longo da história e, que agora pode ser interpretado a partir da sua autoconfissão, da sua marca pessoal deixada na escrita como símbolo de sua identidade.

Com efeito, é válido refletir sobre este Eu que se expressa, do seu lugar social, da veracidade da sua escrita ou da ficção de um Eu, na teia tênue que se constrói entre a verossimilhança dos fatos, a realidade e a ficção do que se é narrado em primeira pessoa, falando sobre si mesmo. Pois,

O eu não passa, afinal, de um extraordinário truque mágico que utilizamos a cada instante (conscientemente ou não) para nos escondermos de nós próprios e/ ou dos outros no preciso momento em que, aparentemente, nos revelamos: máscara, verdadeira persona, que não permite aos outros que nos vejam, mas que curiosamente, não nos permite ter uma visão perfeita. (...) o eu e o outro vivendo e passando neste mundo, com as suas margens, na postura ambígua de quem resguarda o íntimo. (GAMEIRO, 2012, p. 23)

Nesse sentido, a escrita é uma forma de o sujeito se conectar consigo mesmo, formando uma teia discursiva com o Eu que habita no seu interior, é o que Foucault (1983) intitula como a “escrita dos movimentos interiores”. Segundo o autor, esta escrita propicia que o sujeito “revele todas as fragilidades da alma, usando-a como “combate espiritual⁶ (*Id.*)”. Assim, essa mesma escrita, que antes teve o caráter factual, hoje possui o valor simbólico em que uma narrativa pode estar sendo camuflada pela ficção, pelo irreal. Esse mesmo eu que escreve sobre si, sobre seus desejos, pode estar colocando seus anseios, por meio de ações ficcionais, que representam a vontade do seu Eu, mas não necessariamente reais. Assim, “escrever para si, para se repensar, para confrontar e analisar ou apenas desabafar é uma das características do diário” (GAMEIRO, 2012, p. 33).

Assim, para Massaud Moisés (2004)

Designa um relato pessoal, inscrito no espaço da autobiografia, do diário e das memórias, não raro em mescla, já evidente no título da obra, já no seu conteúdo. À semelhança dessas modalidades limítrofes, o foco narrativo é o da primeira pessoa do singular, mas diversamente dela, sobretudo da autobiografia e do diário, não se presta obediência à cronologia (MOISÉS, 2004, p. 83)

⁶ Foucault cita a linha da espiritualidade evagriana.

Nesse sentido, o diário está alicerçado em relato pessoal, a partir de características confessionais que tem o intuito de registrar as suas memórias. Posto isso, Moisés (2004) define o diário como “designa o relato de acontecimentos ocorridos durante as vinte e quatro horas do dia. Obediente ao calendário, ao presente fugaz de cada dia, o diário pode ser de vários tipos, conforme a ênfase recaia nos acontecimentos ou nas reflexões que suscitam (MOISES, 2004, p. 121).”

Como o diário possui a característica confessional o Eu de quem escreve mesclasse com o instrumento, criando relações dialógicas. Assim, “a privacidade proporcionava um apoio esplêndido para o desenvolvimento do Eu. Uma vez conquistada, essa fortaleza garantia certa liberdade para a vida interior; na verdade, quanto menos vulnerável suas muralhas, maior essa liberdade (GAY, 1999, p. 191).”

O Eu que narra é um Eu que relata suas experiências que podem ser factuais, ou não, uma vez que a narrativa é o espaço da criação, nesse sentido, “A narração não é uma cópia, ela é recriação de uma existência através das palavras, reinvenção da linguagem pelo Eu do discurso e seus Eus sucessivos. Por isso, é o modo ou modelo de narração que molda a “nossa” vida. (DOUBROVSKY, 2001, p. 22 *apud* FAEDRICH, 2014, p. 24).”

Além disso, (...) “o diário retém a atitude confessional, o desejo de purificação e absolvição, a regularidade da contrição que o aparenta à oração, o exame da consciência” (GAMEIRO, 2012, p. 33 *apud* Rocha, 1979). Ao mesmo tempo em que a escrita foi responsável por transformações sociais por meio de acordos políticos, transações comerciais e grandes feitos registrados por ela, contraditoriamente a este advento, ainda há populações, povos que não têm acesso à escrita. Rousseau (1979) esclarece que:

Sigamos com nosso aluno uma prática mais simples e mais clara; que só haja para ele dois modos cujas relações sejam sempre as mesmas e sempre indicadas pelas mesmas sílabas. Tocando ou cantando, que ele saiba estabelecer seu modo segundo cada um dos doze sons que podem servir de base e que modulando em D, em C, em G, a final seja sempre lá ou ut segundo o modo. Dessa maneira, ele vos compreenderá sempre; as relações essenciais do modo para cantar e tocar com justeza estarão sempre presentes em seu espírito, sua execução será mais nítida e seus progressos mais rápidos. (ROUSSEAU, 1979, p. 117)

Na sociedade atual, da mesma forma que a escrita insere o sujeito em práticas de leituras mediadas por ela, abrindo o universo literário para viagens e descobertas plurais, ela também é responsável por medir o grau de desenvolvimento dos países, já que o analfabetismo, ainda é uma das grandes chagas sociais. “Assim como essas mulheres recorreram à prática da escrita de si para tentar se reinventar, costurando suas subjetividades a partir de suas trajetórias,

conflitos, frustrações e vitórias, utilizando essa escrita como ferramenta política” (RAGO, 2013, p.16)

Essa escrita do Eu é uma escrita que Gameiro (2012) denomina como um jogo de espelhos, em que o Eu “é condenado a nunca se ver, a não ser por imagens (2012, p.27)”. Além disso, “eis a evidência que se fala no texto labiríntico que a escrita desenvolve, tendo como objetivo o reencontro do *eu* consigo ou do *eu* com o mundo, mas enovelando-se cada vez mais no texto/tecido (*Id*)”. Ao tentar descrever o texto Gameiro (2012) retoma Barthes (2001)⁷

texto quer dizer tecido; mas enquanto até aqui esse tecido foi sempre tomado, por um véu acabado, por detrás do qual se conserva, mas ou menos escondido, o sentido (verdadeiro), nós acentuamos agora, no tecido, a ideia generativa de que o texto se faz, se trabalha, através de um entrelaçamento perpétuo; perdido neste tecido- nessa textura-, o sujeito desfaz-se como uma aranha que se dissolvesse a si própria nas secreções da sua teia. (GAMEIRO *apud* BARTHES, 2012, p.27-28)

Assim, ao definir o sujeito que escreve sobre si, como uma aranha, ele o coloca em uma teia discursiva que ao mesmo tempo que o delimita, o encurrala e o destrói, haja vista ele é o dono do seu dizer e o responsável pela palavra que emite. Nesse sentido, da escrita labiríntica, Gameiro completa o seu conceito à luz de Clara Rocha que afirma que: “A escrita autobiográfica é também um percurso de labirinto: o *eu* move-se tateante nos corredores da sua intimidade, do seu psiquismo ou da sua vida, avança e volta atrás [...] (GAMEIRO, *apud* Clara Rocha, 2012, p.28)”

Sobre a escrita, Gameiro (2012, *Id.*) ainda assevera que: “que em cada autobiografia há dois Narcisos- o que escreve e o que se lê [...]” Para Gameiro é preciso se retirar da definição autobiográfica os diários, conforme, este autor, o diário “o nome em francês é mais explícito: *journal intime*. Portanto, em princípio, o seu leitor, é tão-só o seu autor. Escrever para si, para se repensar, para se confrontar, se analisar ou apenas para desabar é uma das características do diário. (id.)”. Assim, como assevera Cândido (1981, p.11-12) “a Literatura é tudo que aparece fixado por meio de letras [...]. Dentro desse vasto campo das letras, as belas letras representam um setor restrito. Seu traço distinto parece ser menos a beleza das letras do que seu caráter fictício ou imaginário.” Para Compagnon (2001) no que tange à intenção do autor é um “critério em suma aceitável para a palavra e a comunicação orais, torna-se um conceito normativo demais, e, aliás, irrealista, no que concerne a literatura e a tradição escrita em geral” (2001, p. 83). O autor vai além, para ele, a obra de arte transcende uma época, e a sua amplitude vai além da intenção pensada pelo autor (p.85). Nesse sentido, ele salienta que, se uma obra passa a

⁷ Roland Bathes. O Prazer de Ler o Texto, Lisboa, Edições 70, col. 2001.

despertar o interesse a outras gerações, é porque a intenção atribuída pelo autor na sua origem foi além do seu tempo. Dessa forma, se ainda há produção de efeito e ressonância é porque há a “recepção”, que nada mais é do que a dialética do texto com os sujeitos que o lê, havendo a identificação, o prazer, uma vez que somos sujeitos sociais e dialogamos com os outros contidos nas práticas de leituras.

Já para Derrida (2002) o significado está atrelado a escolha das palavras mais o significante⁸, dessa forma, o sentido das palavras estaria relacionado à “referência” atribuídas a elas. Assim, para ele:

Onde e como se produz esse descentramento como pensamento da estruturalidade da estrutura? Para designar esta produção, seria algum tanto ingênuo referirmo-nos a um acontecimento, a uma doutrina ou ao nome de um autor. Esta produção pertence certamente à totalidade de uma época, que é a nossa, mas ela já começou há muito a anunciar-se e a trabalhar. (DERRIDA⁹, 2002, p. 232)

Cabe enfatizar o papel da linguagem na Literatura, uma vez que ela é a “mimese” da realidade, ou seja, os autores de uma dada época transfiguram em literatura os costumes e as práticas vivenciadas naquele contexto social. Assim, a literatura também é dialética, conforme afirma Derrida, na citação acima, não há uma estagnação, uma mudança abrupta de início, meio e fim dessa Literatura, já que, em certo momento, o velho e o novo se mesclam, em um rito de passagem, para que o novo se sobreponha ao que agora já é velho.

Assim, conforme Bakhtin (2006, p.331):

O texto como enunciado na comunicação verbal (na cadeia de textos) de uma dada esfera. O texto como mônada específica que refrata (no limite) todos os textos de uma dada esfera. Interdependência do sentido (na medida em que se realiza através do enunciado). As relações dialógicas intertextuais e intratextuais. Seu caráter específico (extralingüístico). Diálogo e dialética.

Essa dialética se dá à medida em que os discursos são atravessados por outras vozes, além de se efetivar na esfera intra e extra-textual, seja entre as vozes presentes dos outros Eus no texto, ou até mesmo entre autor-texto-leitor. Dessa forma, à medida que lemos ou escrevemos agimos dialeticamente com os outros que estão em nós e que ficaram evidenciados no enunciado, seja ele escrito ou oral. Nesse sentido, o texto sempre será um produto inacabado, passível de novos atravessamentos, o Eu a enunciar se destaca como sujeito social, deixando

⁸ Conceito atribuído por Saussure que representa o sentido atribuído as coisas, ou no caso do Derrida, seria o termo referências.

⁹ Derrida, Jacques. A escritura e a diferença. Trad. Maria Beatriz M.N. da Silva. 3.^a ed., São Paulo: Ed. Perspectiva, 2002. p. 232.

suas marcas expressivas que dialogam não apenas com ele, como sujeito, mas com o contexto social daquela época, já que o discurso é ideológico, e a ideologia é impregnada do social.

Para este autor “o texto representa uma realidade imediata”, portanto, não é algo fechado, estagnado, ele é sempre possível de um novo olhar, e de novas interpretações. Desse modo, “no campo das ciências humanas, o pensamento, enquanto pensamento, nasce no pensamento do outro que manifesta sua vontade, sua presença, sua expressão, seus signos, por trás dos quais estão as revelações divinas ou humanas (leis dos poderosos, mandamentos dos antepassados, ditados anônimos)” (BAKHTIN, 2006, p. 330).

Assim, dialogamos com o dito e com o não-dito, com o que subjaz as linhas escritas ou as palavras pronunciadas, o pensamento passa a ser concretizado à medida que é organizado de forma sistemática e reproduzido ou escrito para um dado fim. Nessas escolhas dos léxicos das palavras, é onde temos o autor e sua individualidade. Na percepção bakhtiniana, “todo texto tem um sujeito, um autor (que fala, escreve). Formas, aspectos e sub-aspectos que o ato do autor pode assumir (*Ibid.*)”

É importante ressaltar, ainda, que:

Dois fatores determinam um texto e o tornam um enunciado: seu projeto (a intenção) e a execução desse projeto. Inter-relação dinâmica desses dois fatores, a luta entre eles que imprime o caráter no texto. Uma divergência entre os dois fatores pode ser muito significativa. O exemplo de Tolstoi. O lapso escrito e oral, segundo Freud (expressão do inconsciente). A modificação do projeto ao longo de execução. O descumprimento da intenção fônica. (BAKHTIN, 2016b, p.330)

Nestes dois polos “o projeto” e a “intenção” do autor há uma relação dialética, porém estreita que pode comprometer o êxito um do outro, já que a intenção pode não atender o primeiro passo que é o projeto. É interessante, ainda, refletir sobre o “lapso” que, conforme Freud, pode ser decisivo, e até mais significativo, pois pode dizer muito mais sobre este autor que deixa de forma inconsciente, as suas verdades intenções. Para Freud, o inconsciente está intrínseco ao homem. Assim como na sociedade, ele traz o debate sobre o inconsciente na Psicanálise. Para Laplace e Pontalis (1992),

o inconsciente Freudiano é, em primeiro lugar, indissolivelmente, uma noção **tópica** e **dinâmica**, que brotou da experiência de tratamento. Este mostrou que o psiquismo não é redutível ao consciente e que certos **conteúdos** só se tornam acessíveis a consciência depois de superadas certas resistências; revelou que a vida psíquica era [...] cheia de pensamentos eficientes, embora inconscientes, e que eram desses que emanavam os sintomas. (1992, p.236)

É nesse ínterim, entre o dito e o não dito, que reside o inconsciente e as nuances do sujeito social, que reflete, por meio das suas expressões, o seu Eu, seja de forma consciente ou não. Além disso,

[...] por trás de todo texto, encontra-se o sistema da língua; no texto, corresponde-lhe tudo quanto é repetitivo e reproduzível, tudo quanto pode existir fora do texto. Porém, ao mesmo tempo, cada texto (em sua qualidade de enunciado) é individual, único e irreproduzível, sendo nisso que reside seu sentido (seu desígnio, aquele para o qual foi criado). É com isso que ele remete à verdade, ao verídico, ao bem, à beleza, à história. Em relação a esta função, tudo o que é repetitivo. (BAKHTIN, 2016b, p.330)

Como já dito, mesmo que o texto seja reproduzido mais de uma vez, aquele primeiro ato nunca será igual, já que as condições de produções são diversas e nunca repetidas de igual maneira, pois dialogamos com as situações comunicativas presentes no contexto de produção, embora os receptores sejam os mesmos. Dito isso, tanto o leitor quanto o autor dialogam com um todo, com o que está intra e extra ao texto, e ao seu próprio eu que é constituído por muitos outros.

Dessa forma,

O ato humano é um texto potencial e não pode ser compreendido (na qualidade de ato humano distinto da ação física) fora do contexto dialógico de seu tempo (em que figura como réplica, posição de sentido, sistema de motivação). “O sublime e o belo” — o que temos aqui não é uma unidade fraseológica no sentido habitual, mas uma combinação de palavras de um gênero particular, com entonação e expressividade; é o testemunho de um estilo, de uma visão do mundo, de um tipo humano. Nele sentimos os contextos, ouvimos duas vozes, dois sujeitos (o que diria isso seriamente e o que parodia o primeiro) (BAKHTIN, 2019, p.334)

A força da palavra é impregnada de características humanas, que são apenas nossas. A palavra está imersa em diversas outras categorias que se pode expressar por meio da linguagem. É por meio delas que se constituem as grandes lutas, é pela ausência delas que as mulheres foram subjugadas e ainda travam batalhas em busca da equidade social. É exatamente, nessa tentativa, de se reconstruir a história do feminino que os historiadores atuais tentam reconstruir os discursos e a História das mulheres ao longo dos tempos, que, como já dito, a palavra e a linguagem são dialéticas e não há como se reconstruir uma palavra ou a ausência dela em um dado tempo, já que ela é impregnada de sentidos que só se constituem no momento da ação comunicativa. Sem isso, tem-se réplicas, mas nunca a verdade sobre as mulheres, sobre o seu tempo, seus amores, suas dores e suas palavras ditas ou não.

Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é orientação desse mundo; é reação às palavras do outro (uma reação infinitamente diversificada), a começar pela diversificação delas (no processo de domínio inicial do discurso) e terminando na assimilação da riqueza da assimilação humana (expressa em palavras ou em outros materiais semiótico) (BAKHTIN, 2019, p. 38)

A palavra é a maior representação da sociedade, é por meio dela que não só temos acesso aos registros, mas compreendemos como a humanidade foi desenvolvida. Nas nossas escolhas há a representação de Outros, e muitos outros estão em nós, nas mais genuínas expressões do dia a dia, até nas mais rebuscadas escolhas. Após o apogeu da escrita foi possível compreender a humanidade com mais propriedade, conhecendo, em sua amplitude, mesmo que em forma de registros que são sempre recortes de uma dada realidade. Bakhtin assevera que, na verdade, existe o Eu, o Tu e o Ele e “realidades primárias com minha palavra e a palavra do outro” que em ambas, há vários outros. Nesse sentido, “a tentativa de compreender com a interação com a palavra do outro por meio da psicanálise e do inconsciente coletivo” (BAKHTIN, 2019, p.38-39).

Além disso,

a mim não são dadas as minhas fronteiras temporais e espaciais, mas o outro me é dado integralmente. Eu vivo no mundo espacial, neste sempre se encontra o outro. [...] o pensamento cria um mundo único e geral do homem independentemente do eu e do outro. Na autossensação primitiva natural o eu e o outro estão fundidos (BAKHTIN, 2019, p.43).

É assim, por exemplo, nos períodos literários, em que as personagens e os escritos refletem os costumes e preceitos da época, foi assim, ao longo de todas as escolas literárias. No que tange à mulher, ficam mais evidentes as suas representações no período denominado pelo cânone literário como Realismo, concepção que surgiu no século XIX, em oposição ao idealismo da Mulher, aos “subjetivismos e ao realismo”, como, por exemplo, em personagens como a Luísa, da obra do “Primo Basílio”, de Eça de Queiroz, que demonstra como a mulher transgressora ao seu tempo, na época da burguesia. Em obras anteriores a esta época, a mulher não era tão “real”, pois o objetivo era a representação da realidade, por “verossimilhança”. Na obra de Eça, a personagem feminina é uma mulher que transgrede os preceitos morais, ela trai o marido, mente, finge, possui valores alheios à figura feminina até então apresentada nas obras romanescas, como a mulher “idealizada”. Houve momentos em que as mulheres eram silenciadas, eram vetadas do simples ato de ser mulher e ser humana, passível de erros. A situação da mulher dialoga com cada contexto histórico e com os avanços sociais. E na Literatura essa representação acaba por vezes sendo restringido ao conceito fechado do cânone literário, em que muitos autores já buscam coibir tais rótulos.

Assim, conforme Cândido *et al* (1981, p.8),

Não são mais as palavras que constituem as personagens e seu ambiente. São as personagens (e o mundo fictício da cena) que “absorveram” as palavras do texto e

passa a constituí-las, tornando-se a fonte delas — exatamente como ocorre na realidade. Contudo, o mundo mediado no palco pelos atôres e cenários é de objectualidade puramente intencional.

De acordo com o estudioso, as personagens, como verossimilhança do humano, também são constituídas por meio da palavra, sendo também refletidas pelo seu ambiente, ou seja, pelo meio social. Assim, para ele, “as palavras do texto e passa a constituí-las, tornando-se a fonte delas — exatamente como ocorre na realidade. (*Id.*, 1981)”

Além disso, apontar ainda que

A ficção ou mimesis reveste-se de tal fôrça que se substitui ou superpõe à realidade. É talvez devido à velha teoria da “ilusão” da realidade supostamente criada pela cena, devido, portanto, ao altíssimo vigor da ficção cênica, que não se atribui ao teatro o qualificativo de ficção. (*Id.* p.8)

Nesse sentido, a criação, aqui, denominada de ficção ou mimese, é compreendida em “tôdas as artes literárias e nas que exprimem, narram ou representam um estado ou estória, a personagem realmente “constitui” a ficção (CÂNDIDO *et al*, 1981, p.16). Assim, conceituando Literatura, “deve-se admitir, na delimitação do que seja literatura no sentido restrito, amplas zonas de transição em que se situariam obras de grande poder e precisão verbais, na medida em que se ligam à agudeza da observação, perspicácia psicológica e riqueza de ideias.” (CÂNDIDO *et al*, 1981, p.39).

É importante ressaltar, que, assim, como o período da transição da fase da oralidade para a escrita, também há períodos de transições na Literatura, como reflexo da sociedade, por isso há o momento em que as representações e significados mudam, em que as letras deixam de representar um dado momento e passam a mostrar outros valores subjacentes à sociedade. A cada época, na verdade, há o seu próprio reflexo e características que precisam ser levadas em consideração, quando um texto é analisado, seja ele literário ou não. Nesse sentido, o lugar da mulher e da palavra como silenciamento será abordado no próximo tópico.

2.2.1 A palavra silenciada na Mulher: um panorama das origens (Gênesis) ao contemporâneo

Viu, pois, a mulher que o fruto da árvore era bom para comer, e formoso aos olhos, e de aspecto agradável; e tirou do fruto dela, e comeu; e deu a seu marido, que também comeu. E os olhos de ambos se abriram; e tendo conhecido que estavam nus, coseram folhas de figueira, e fizeram para si cinturas. (Gênesis: 3, 6-7)

Refletir sobre a humanidade é também refletir sobre a origem de como tudo começou. Para uns, o início teve sua origem na evolução, para outros na *Bíblia*, com Adão e Eva. Se de um lado a mulher foi criada da costela do Adão, por outro lado, pelo viés da ciência viemos da teoria da evolução dos primatas, sendo submissa aos homens, do mesmo modo, que na primeira teoria, a mulher tem a figura inferior. Não nos cabe, aqui, teorizar sobre a evolução humana, mas refletir sobre a figura feminina e como esta é retratada por meio da palavra. Escolhemos usar como epígrafe um trecho que remete a criação do homem/ mulher, pela concepção bíblica, para analogamente buscar recriar esse universo feminino por meio da escrita e do que envolve o mito de Adão e Eva, para lançar luz sobre a sujeição da figura feminina para com o homem, desde a sua origem, pelo viés do cristianismo.

Nesse sentido,

Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora que lhe seja idônea. [...] 20 Assim o homem deu nomes a todos os animais domésticos, às aves do céu e a todos os animais do campo; mas para o homem não se achava ajudadora idônea. 21 Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre o homem, e este adormeceu; tomou-lhe, então, uma das costelas, e fechou a carne em seu lugar; 22 e da costela que o senhor Deus lhe tomara, formou a mulher e a trouxe ao homem. 23 Então disse o homem: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; ela será chamada varoa, porquanto do varão foi tomada. 24 Portanto deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e unir-se-á à sua mulher, e serão uma só carne. 25 E ambos estavam nus, o homem e sua mulher; e não se envergonhavam.” (GENESIS 2,18; 20-23)

Embora a *Bíblia* seja um texto de cunho religioso, situado historicamente, traz em sua essência no capítulo de *Gênesis* a criação por meio da figura do Homem (Adão) e de Eva (Mulher) que foi retirada da costela de Adão, sendo colocada como auxiliar do homem. Então, no trecho da criação, temos a ingenuidade do homem e da mulher, que mesmo estando nus, não tinham vergonha, sendo ambos necessários e complementares, já que a Eva foi criada da costela, nem de uma parte superior, nem inferior, mas do meio, do corpo do homem, para ser a sua ajudadora, a sua auxiliar. Deus ordenou a Adão que não comesse do fruto proibido e até o surgimento da mulher, o homem obedeceu ao Senhor.

Eis que, a criação da mulher levou o engano ao humano, pela serpente, como podemos ver do trecho a seguir:

1 Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais do campo, que o Senhor Deus tinha feito. E esta disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim? 2 Respondeu a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim podemos comer, 3 mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis, para que não morrais. 4 Disse a serpente à mulher: Certamente não morrereis. 5 Porque Deus sabe que no dia em que comerdes desse fruto, vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus, conhecendo o bem e o mal. 6 Então, vendo a

mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto, comeu, e deu a seu marido, e ele também comeu. 7 Então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus; pelo que coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais. (GÊNESIS 3, 1-7)

Conforme a citação acima, o pecado e o descumprimento da ordem, a desobediência teve sua origem na mulher, foi Eva que se deixou enfeitiçar pela serpente, foi a partir dela que o desejo de ter o “entendimento” foi alimentado pela mentira. Além de cobiçar a posição de Deus, ela comeu o fruto e deu a Adão, fazendo com que ele também cometesse o pecado. Após o evento proibido, ambos perderam a ingenuidade e perceberam que não tinham vestes, e se cobriram com as folhas das figueiras. Compreendendo que haviam feito algo errado, ao ouvir a voz de Deus, esconderam-se, como podemos ver na citação a seguir:

8 E, ouvindo a voz do Senhor Deus, que passeava no jardim à tardinha, esconderam-se o homem e sua mulher da presença do Senhor Deus, entre as árvores do jardim. 9 Mas chamou o Senhor Deus ao homem, e perguntou-lhe: Onde estás? 10 Respondeu-lhe o homem: Ouvei a tua voz no jardim e tive medo, porque estava nu; e escondi-me. 11 Deus perguntou-lhe mais: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste da árvore de que te ordenei que não comesses? 12 Ao que respondeu o homem: A mulher que me deste por companheira deu-me a árvore, e eu comi. 13 Perguntou o Senhor Deus à mulher: Que é isto que fizeste? Respondeu a mulher: A serpente enganou-me, e eu comi. 14 Então o Senhor Deus disse à serpente: Porquanto fizeste isso, maldita serás tu dentre todos os animais domésticos, e dentre todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás, e pó comerás todos os dias da tua vida. 15 Porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua descendência e a sua descendência; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar. 16 E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a dor da tua conceição; em dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará. 17 E ao homem disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei dizendo: Não comerás dela; maldita é a terra por tua causa; em fadiga comerás dela todos os dias da tua vida. 18 Ela te produzirá espinhos e abrolhos; e comerás das ervas do campo. 19 Do suor do teu rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, porque dela foste tomado; porquanto és pó, e ao pó tornarás. (GENESIS 3, 8-19)

Percebe-se pelo fragmento acima que o homem foi tentado por Eva para cair em pecado, assim, a culpa do ato transgressor e da punição na terra recai sobre Eva que se deixou enganar pela serpente, e não sobre Adão, uma vez que ele só caiu em tentação após a criação de Eva e seu único erro foi ouvir sua mulher. Isso fica bem nítido no trecho “Porquanto destes ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei dizendo: Não comerás dela; maldita é a terra por tua causa; em fadiga comerás dela todos os dias da tua vida” (GENESIS, 18)

O Livro *Gênesis* é de suma importância para compreendermos a percepção da mulher para a sociedade ocidental, haja vista “suas principais metáforas e definições de gênero e moralidade” (LERNER, 2019, p.205) impactam na sociedade atual. Para esta autora “o uso da Bíblia como documento histórico tem sólida base acadêmica, o que estabeleceu, nos últimos

cem anos, uma correlação próxima entre as descobertas arqueológicas das culturas do Antigo Oriente Próximo e a narrativa bíblica” (LERNER, 2019, p.205). Nesse sentido, tais registros refletem a sociedade da época, de acordo com Lerner (2019) é preciso ter cuidado nas fontes, pois há “complexidade na autoria e nos objetivos.”

Conforme apontam os registros as tribos patriarcais relatadas em Gênesis eram nômades ou seminômades no deserto. “criavam ovelhas e gados e se dedicavam à agricultura sazonal”. Estes povos já reconheciam os laços sanguíneos e entendiam a responsabilidade dos mais fortes para com os mais fracos (LERNER, 2019). Nos clãs não existiam tantas distinções econômicas, mesmo que alguns tivessem mais gados do que outros. No que tange ao monoteísmo judaico, associa-se sua criação à figura de Moisés, além do “Décimo, lei básica”. Em *Gênesis* encontra-se os vestígios da transição da sociedade “matrilocal e matrilinear para patrilocal e patrilinear em algumas tribos” (LEARNER 2019, p.2012).

O modelo de família que predomina nessa sociedade é a patriarcal, em que o patriarca tinha poder absoluto sobre a organização do seu núcleo familiar. A condição da mulher era de completa submissão, como a esposa era propriedade do marido que poderia vender as suas filhas como servas ou prostitutas. Com a instalação da monarquia as condições das filhas foram atenuadas e a venda foi proibida.

Lerner (2019) aponta que no texto bíblico, em *Números*, na ausência de um filho varão, a filha só poderia ser herdeira se contraísse matrimônio com alguém da mesma tribo (NÚMEROS ,27:7-8 e 36:6-9). Conforme Lerner (2019) a descendência era passada do pai para o filho mais velho. Quanto ao casamento, era negociado com a família da noiva e o pai dela pagava o dote ao pai do noivo. O homem hebreu, assim como o da Mesopotâmia tinha total liberdade sexual, já a mulher deveria casar-se virgem, sendo obrigada a manter fidelidade ao seu esposo. Em caso de adultério, a punição era a morte, seja para o homem ou para a mulher. Já em relação ao divórcio, era direito apenas para o homem. No que tange ao estupro, o estuprador era obrigado a casar com a mulher que havia estuprado, não sendo possível se divorciar. Nesse último ponto, a mulher era obrigada a se casar com o estuprador e não poderia se separar, e, cabia a ela cumprir as leis do casamento e da fidelidade para com o seu esposo. Percebe-se, aqui, como a mulher era vista como objeto, sem levar em conta as condições dela o quanto sujeito, sendo obrigada a se casar com quem a violentou e ainda ser obrigada a cumprir a função de esposa, dando filhos ao seu marido, de preferência homens, para garantir o patriarcalismo e o rito de passagem do pai para o filho varão. Caso ela fosse estéril ou não conseguisse ter filho varão, era vista como a detentora de “uma desgraça”. Para evitar tal desgraça o homem poderia casar-se com novas esposas ou concubinas para garantir a linhagem

da sua prole. Como problema para essa diversidade nas relações conjugais, as leis não estipulavam quem tinha prioridade nessa sucessão, se era o filho da esposa ou era o da escrava (LERNER, 2019).

Havia uma distinção entre a mulher judaica e a mesopotâmica, já que as da Babilônia podiam ter posses, serem donas de suas propriedades, assinar contratos e tinha direito a parte da herança do marido (LERNER, 2019). Destaca-se o avanço em relação à mulher e o papel de mãe no velho Testamento, cabendo a ela a função de professora dos filhos. Lerner (2019) ressalta que “o quinto mandamento ordena que os filhos honrem pai e mãe”, sem que haja distinção entre os gêneros. Dessa forma, percebe-se que o papel da mulher em relação à constituição da família era bem “positivo”, sendo, assim, “condizente com a ênfase em geral na família como unidade básica da sociedade. Tal característica é comum nas duas sociedades: hebraica e mesopotâmica. É fato que as narrativas bíblicas apontam ações e costumes que deveriam ser condizentes para aquela época, dialogando com o contexto sociocultural, isso não significa que tais preceitos eram seguidos por todos. Conforme Lerner (2019, p. 216) “podemos vislumbrar a verdadeira prática na narrativa bíblica observando as práticas e os valores que são aceitos como fatos, portanto permanecem sem explicação”. Pesquisadores divergem acerca da importância e do avanço da figura feminina nos textos bíblicos. Uns apontam tais avanços e dizem que há mulheres na Bíblia em situações de heroínas. Assim,

os que consideram que a narrativa bíblica mostra avanços para as mulheres apontam as poucas mulheres heroicas mencionadas na narrativa, falam sobre o papel das cinco profetizas citadas no texto, destacam as declarações positivas sobre os Provérbios e a riqueza erótica e o louvor à sexualidade feminina no Cântico dos Cânticos. (LERNER, 2019, p.221)

Embora haja pesquisadores que sustentem tais declarações, por outro lado a História não atesta tais fatos. Para Lerner (2019), “infelizmente, o método histórico não sustenta essa construção”, pois há evidências que apontam para o patriarcalismo e o silenciamento da mulher. É fato que, nas narrativas bíblicas, as “mulheres eram reconhecidas como profetizas”, porém os fatos históricos apontam que isso foi inferior ao tempo cronológico da monarquia. (LERNER, 2019).

Lerner aponta que a metáfora da Eva, criada a partir da costela do Adão, é uma forma de mostrar a subordinação da mulher à imagem do homem. Para ela, “como tal, tem exercido um poderoso efeito ao definir valores e práticas relativos às relações de gêneros (2019, p.227)

Esta interpretação segue ao longo da história como forma de expor a inferioridade da mulher que veio da costela, enquanto o Adão foi criado do barro. A partir disso, temos a criação do simbolismo patriarcal nessa passagem, já que há a superioridade masculina em relação à

mulher. Os simbolismos da passagem de *Gênesis* “sugere uma dicotomia entre Adão criado do pó, e Eva, sucessora da antiga deusa da fertilidade, criada a partir de uma parte do corpo humano, cada um imbuído de substância divina, através da intervenção de Jeová (id.)”. Nota-se que o sofrimento e a dor recai sobre Eva, sobre o seu corpo que é resultado da sua fertilidade e da sexualidade da mulher. Dessa forma, o trabalho passará a ser um fardo para o sustento para Adão e Eva sofrerá para dar à luz por meio da criação das novas gerações.

É bem verdade que a partir dessa subordinação feminina ao homem, e de serem estereotipadas como seres inferiores, coube a mulher, ao longo dos séculos, o lugar do silêncio, aspecto central do ser mulher em uma sociedade patriarcal. Independente de qual seja a sociedade e a época histórica, coube à mulher esse *status* inferior. Por carregar pelo cristianismo a culpa do pecado, a figura feminina é sempre associada a simbolismos do sacrilégio, do nefasto e do impuro, lançando muitas mulheres em situações degradantes, como, por exemplo, o rótulo de bruxas na idade média e de serem queimadas vivas. Para Del Priori (2004, p.39), “Mas as feiticeiras eram teimosas. (...) manipulavam anseios, reforçavam crenças, aguçavam ardores”.

Figura 7 – Eva pecadora e Vênus Sedutora¹⁰



Mistura de Eva pecadora e Vênus sedutora, a mulher corria sérios riscos de ser confundida com uma feiticeira, estando, por isso, sujeita a penas do Santo Ofício da Inquisição. (1)

A partir dessa imagem da mulher tudo que era associado à bruxaria, aos desejos, as formas de desvios e transgressões, mesmo quando eram cometidos pelos homens, eram ligados à mulher, pois é ela a indutora do homem ao pecado, a grande transgressora era mulher, figura estereotipada com a carga negativa do pecado, desde Eva. Foi por meio desses estereótipos que a mulher foi se construindo e sendo escondida da sociedade que, por vezes, a trancou na escuridão dos seus quartos para que pudessem não pecar, não desejar e tão pouco aguçar a cobiça do desejo do homem. Para George Duby e Michelle Perrot (1990, p.7),

¹⁰ Imagem retirada da obra: *Histórias da Mulher no Brasil* (Del Priori, 2004, p.39)

Escrever a história das mulheres? Durante muito tempo foi uma questão incongruente ou ausente. Voltadas ao silêncio da reprodução materna e doméstica, na sombra da domesticidade que não merece ser quantificada nem narrada, terão mesmo as mulheres uma história?

É fato que nem sempre foi fácil se debruçar sobre o papel e simplesmente escrever, especialmente se este autor fosse mulher. Sabemos que a relação da mulher com a sociedade foi sendo conquistada ao longo dos tempos. De forma paulatina e lenta a mulher foi travando lutas com a sociedade e ganhando espaços. Com a escrita não foi diferente, haja vista que o direito da alfabetização veio posterior ao dos homens. Além disso, essa regalia era voltada apenas a uma pequena parcela da sociedade: a elite. Desse modo,

As mulheres, sem dúvida, participaram/participam da produção histórica e literária, mas pela “porta dos fundos”, assim como em todos os setores da vida produtiva e ativa das sociedades. A “improdutividade” das mulheres nas narrativas históricas não pode ser avaliada sem a procura pelos aspectos que fundamentaram o imaginário social na história, bem como as representações que mostraram, em certos contextos históricos, as mulheres como seres do silêncio por sua própria natureza ou destinadas, na divisão do trabalho, às tarefas do corpo, da procriação, da casa e do privado. (TEDESCHI, 2016, p. 154)¹¹

Além disso, os desejos e anseios por muito tempo foram colocados em esconderijos, pois não cabiam vir a público, uma vez que a mulher não tinha o direito de falar, de se colocar socialmente. Por muito tempo, a mulher foi vista como posse, aos 15 anos era apresentada à sociedade para que os interessados pudessem apreciar a sua beleza e assim, se apresentarem como possíveis pretendentes, passando da posse do pai para os esposos. Sendo assim, a palavra era lugar de propriedade do universo masculino, seja a força da palavra para legitimar o direito do dizer, da ordem e da subjugação sobre o outro, lugar no qual há, apenas, a voz do homem, e para a mulher restava apenas a subserviência, o trabalho braçal na lida da casa, o cuidado com os filhos e, claro, o silêncio permeado das outras vozes recalçadas.

Nesse universo onde quem se cala é silenciado pelo outro dono do dizer e do poder autoritário, aos poucos a mulher foi tendo como companheira a escrita que, em forma de palavras, eram desenhadas a partir da escrita de si, dos seus desejos e das suas vontades. Como demonstrado pela história, muitas mulheres foram saindo desse enclausuramento e dando voz aos seus dizeres, mas durante muito tempo, a sua autoria era acobertada por pseudônimos, em que os nomes masculinos obtinham seus direitos preservados dos rótulos e da crítica da

¹¹ Fonte: Raído, Dourados, MS, v.10 , n.21, jan./jun. 2016

sociedade patriarcal. Para isso, tiveram seus direitos autorais atribuídos a Outros, do universo masculino. Perrot (2005, p. 10):

Evidentemente, as mulheres não respeitaram essas injunções. Seus sussurros e seus murmúrios correm na casa, insinuam-se nos vilarejos, fazedores de boas ou más reputações, circulam na cidade, misturados aos barulhos do mercado ou das lojas, inflado às vezes por suspeitos e insidiosos rumores que flutuam nas margens da opinião. Teme-se a sua conversa fiada e sua tagaralice, formas, no entanto, desvalorizadas da fala. Os dominados podem sempre esquivar-se, desviar as proibições, preencher os vazios do poder, as lacunas da História.

Aos poucos, com as mudanças de olhares influenciadas pelas conquistas sociais, a mulher foi tendo o seu espaço na sociedade, e, conseqüentemente, podendo se expor por meio da escrita. Para Rago (2014, p.14) “Assim, como essas mulheres recorrem à prática da escrita de si para tentar se reinventar, costurando suas subjetividades a partir de trajetórias, conflitos, frustrações e vitórias, utilizando essa escrita como ferramenta política, inspiradas pelas lutas femininas [...]” Para Foucault (1983) a escrita de si é uma forma de atenuar a solidão, é falar consigo mesmo. Para ele a escrita

Atenua os perigos da solidão; oferece aquilo que se faz ou se pensou a um olhar possível; o fato de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro, suscitando o respeito humano e a vergonha; é possível fazer então uma analogia o que os outros são para os asceta em uma comunidade, o cadernos de notas será para o solitário. (1983, p. 145)

É exatamente nesse sentido que nasce a escrita dos diários femininos, em que as jovens moças encontravam um confidente, aquele que guardava os seus segredos. Eram naquelas páginas que as mocinhas depositavam seus amores, suas dores, angústias, refugiando-se na sombria opressão do universo patriarcal. Conforme Lerner (2019),

O patriarcado mantém e sustenta a dominação masculina, baseando-se em instituições como família, as religiões, as escolas e as leis. São ideologias que nos ensinam que as mulheres são naturalmente inferiores. Foi por exemplo por meio do patriarcado que se estabeleceu que o trabalho doméstico deve ser exercido por mulheres, e que não se deve ser remunerado, sequer reconhecido como trabalho. (LERNER, 2019, p. 18)

Tais imposições ultrapassaram muitos séculos e a mulher era colocada como inferior ao homem. É bem verdade que muito já foi vencido e que muito ainda é preciso mudar, mas, embora tenha havido sérias conquistas, na contemporaneidade, as mulheres ainda travam batalhas, seja em seus lares, para a divisão igualitária das atividades do lar e do cuidado para com os seus filhos, seja nos campos profissionais, para salários iguais aos dos homens. Assim, durante muito tempo, a mulher foi vetada de todos os seus direitos e era condicionada a estereotipados conceitos que, conforme Lerner (2019), “os aspectos poderosos da criação da

mulher se torna simbolizado na heroína dotada de poderes mágicos ou em mulheres fortes (...). Outras escrevem em metáforas, elevando o espaço doméstico confinado, fazendo com que ele sirva, simbolicamente, como o mundo (*Id.* p.281).”

Nesses escritos, ao longo dos tempos, encontra-se confissões das suas rotinas de confinamentos, opressão, amores, desejos até narrativas de ficções que nunca chegaram a se realizar, mas que eram retratadas nas suas escritas. Conforme Foucault (1985), a escrita serve como um confessionário, em que “o constrangimento que a presença do outro exerce na ordem da conduta, a escrita o exercerá na ordem dos movimentos interiores da alma” (1983, p.145).

Para Foucault (1985) “a escrita está associada ao exercício de pensamento de duas maneiras diferentes. Uma toma a forma de uma série linear, vai da meditação à atividade da situação real e à experiência: trabalho de pensamento, trabalho pela escrita, trabalho na realidade [...]”. Além disso, “como elemento de treino para si, a escrita tem, para utilizar uma expressão que se encontra em Plutarco, uma função *ethopoieitica*: ela é operadora da transformação da verdade do *êthos*.” (1983, p.147)

Conforme Perrot (2005, p.13):

O uso [da escrita], essencial, repousa sobre o seu grau de alfabetização e o tipo de escrita que lhes é concedido. Inicialmente isoladas na escrita privada e familiar, autorizadas a formas específicas de escrita pública (educação, caridade, cozinha, etiqueta...), elas se apropriaram progressivamente de todos os campos da comunicação e da criação: poesia, romance sobretudo, história às vezes, ciência e filosofia mais dificilmente. Debates e combates balizam estas travessias de uma fronteira que tende a se reconstituir, mudando de lugar.

As escritoras do século XIX buscaram inspirações nas leituras realizadas das obras das poetizas do século XVIII, “as vozes das mulheres anônimas estavam presentes na tradição oral, músicas folclóricas e nas cantigas de rodas, nos contos de bruxas poderosas e fadas boas. Costurando, bordando e fazendo colchas de retalhos, a criatividade artística da mulher expressou uma visão alternativa.” (LERNER, 2019, p.288)

Nesse sentido, o fragmento acima destaca que a “falha está na criação”, já que muitos consideram a versão de Adão e Eva como verdade absoluta, e daí está a origem na imperfeição feminina passível de erros e enganar o homem e tudo que está em sua volta, como foi o caso da tentação no Paraíso para comer o fruto que Deus disse que não poderia comer. No fragmento bíblico, Eva usa a artimanha da linguagem para manipular o Adão e fazer com que ele caísse em tentação. A partir dessa óptica, a mulher sempre esteve condenada ao silêncio e a reclusão, como a justificativa e a lembrança do mito do Éden,

Não era de admirar, por exemplo, que o primeiro contato de Eva com as forças do mal, personificadas na serpente, inoculasse na própria natureza do feminino algo como um estigma atávico que predispunha fatalmente à transgressão, e esta, em sua medida extrema, revelava-se na prática das feiticeiras, detentoras de saberes e poderes ensinados e conferidos por Satanás. (LERNER, 2019, p.37)

Sendo apontada como traíçoeira, enganadora, feiticeira, e “detentora de saberes e poderes ensinados e conferidos por Satanás”, a mulher se “arrasta” por parte da história sendo caçada, sendo jogada em fogueira santa em nome da fé católica, e por uma culpa que lhe foi inculcada, sem que a ela fosse pelo menos atenuado tal lugar. Foi queimada em praça pública, por ter sido apontada como bruxas na Idade Média que trazia e fazia o mal. A Igreja ditou por longos séculos o lugar da mulher não apenas frente ao marido, mas ante à sociedade, e à própria Igreja.

Em termos de Brasil, nossos registros datam de 1500 d.C, com a carta de Pero Vás Caminha que nada mais é do que um diário de bordo, dos descobrimento do Brasil e a descrição de como eram as novas terras e o povo aqui encontrado. Tais narrativas tinham o intuito de descrever ao Rei os acontecimentos e as descobertas. Nela, Caminha descreve as belezas e as riquezas da nova terra encontrada, colocando-as como de fácil exploração para extração do ouro. Tais narrativas são estruturadas na carta como um diário, marcando cronologicamente as descobertas e o cotidiano das navegações e seus tripulantes.

Assim, no processo de colonização do Brasil a princípio, foram enviadas prostitutas para que os Colonos, senhores de engenhos e demais colonizadores pudessem se deleitar com os prazeres da carne. No que tange às índias, essas também eram vistas a partir da sua sexualidade e do que elas podiam representar pelos seus estereótipos concebidos pela Igreja Católica. Del Priori (2004, p.38) concorda que “houve uma falha na formação da primeira mulher, por ter sido criada de uma costela recurva, ou seja, uma costela do peito, cuja curvatura é, por assim dizer, contrária a retidão do homem. E, como virtude dessa falha, a mulher é animal imperfeito, sempre decepçiona a mente.”

Assim, como o gênero diário, a Carta de Caminha, predominantemente, possui narrativas com descrições do cotidiano, como forma de registrar a rotina diária. Destacaremos, aqui, como Caminha descreve as índias, para trazer o lugar da mulher no primeiro texto brasileiro. “Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam. (CAMINHA, 1500, p.5)”. Em outro fragmento, Caminha diz que:

E uma daquelas moças era toda tingida de baixo acima, daquela tintura e certo era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha tão graciosa que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhe tais feições envergonhara, por não terem as suas como ela. Nenhum deles era fanado, mas todos assim como nós. (1500, p.6)

Percebe-se pelo olhar dos “descobridores/ exploradores” como eles absorveram o primeiro contato com os gentis, observa-se em várias partes da Carta de Caminha, o impacto cultural entre os europeus e os povos que, aqui, habitavam em 1500. Em vários trechos da Carta o Caminha (1500) descreve o gentil, tanto o homem, como sendo ingênuo e de fácil acesso, já para as mulheres é descrito seus corpos, curvas e como suas “vergonhas” eram graciosas. No fragmento acima, ele compara a mulher portuguesa à gentil, no trecho: “e sua vergonha tão graciosa que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhe tais feições envergonhara, por não terem as suas como ela.” Colocando, assim, a mulher gentil, em termos de beleza de “suas vergonhas” acima da Portuguesa.

Outro ponto que nos chama atenção na Carta de Caminha é o poder da palavra e da enunciação, mediada pelo signo linguístico. Caminha (1500) afirma que: “ali por então não houve mais fala ou entendimento com eles” (p.5). Percebe-se nesse trecho o poder da palavra e da comunicação. Ao Rei, o autor diz não ser possível o ato de se comunicar, visto que havia o desconhecimento do código linguístico. Para ele, os gentis eram de fáceis “domesticação” devido à sua inocência. Assim, “ninguém não lhes ousa falar de rijo para não se esquivarem mais. E tudo se passa como eles querem — para os bem amansarmos!” (1500, p.9).

Assevera, ainda, que:

Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, E portanto se os degredados que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, se farão cristãos e hão de crer na nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque certamente esta gente é boa e de bela simplicidade (CAMINHA. 1500, p.11)

Nos trechos da Carta, acima, percebe-se que Caminha tinha a missão de relatar os acontecimentos, apresentar ao Rei, não só sobre a descoberta das novas terras, mas também a interação e a dificuldade de comunicação que se fazia necessária com os gentis. Ou seja, é importante que se haja o compartilhamento do código linguístico, para que haja a efetivação da compreensão. Desse modo, ele afirma que há a inocência, logo é fácil que sejam manipulados, além disso “esta gente é boa e de bela simplicidade”, sub-entendendo, assim, que o êxito na exploração só ocorrerá a partir do momento em que o colonizador possa “domesticá-lo, por meio da fé e da palavra, entendida, aqui, como compartilhamento da mesma língua (DEL PRIORI, 2004, p. 42).” Chama-nos atenção, ainda, a ausência de mulheres nas caravanas,

mesmo que fosse para os trabalhos domésticos. Não há relatos de mulheres que desbravaram o mar, em companhia dos seus maridos. Além disso, a mulher gentil é narrada pelos olhos da cobiça do homem, pelo desejo de possuí-la, como objeto da carne, conforme narrado na carta de Caminha (1500). Para Bakhtin (2006, p. 15)

Se a fala é o motor das transformações lingüísticas, ela não concerne os indivíduos; com efeito, a palavra é a arena onde se confrontam aos valores sociais contraditórios; os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior mesmo do sistema: comunidade semiótica e classe social não se recobrem. A comunicação verbal, inseparável das outras formas de comunicação, implica conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder etc.

Nesse sentido, para que houvesse a interação e plena comunicação entre o português e o gentil, a palavra precisava ser compartilhada. Bakhtin (2006) postula ainda que é por meio da comunicação verbal que é possível a “relação de dominação e de resistência, adaptação ou resistência”.

Chama-nos atenção as relações sociais dessa nova mulher que o Brasil colônia, nos apresenta, a indígena. Que se mostra em sua primeira descrição pelos olhos do outro, como sendo livre, liberta e bela com corpos esculturais. Para que esta mulher assumisse sua posição de mulher, de fato, era necessário passar pelo ritual de transição. Nas aldeias o incesto não era permitido, mas, conforme Del Priori:

Para os europeus, as relações de parentesco nas comunidades indígenas eram pouco rígidas, já que o tio poderia desposar a sobrinha. Entretanto, os casamentos entre filho e mãe, filho e irmã e pai e filha eram proibidos. Os enlances matrimoniais seguiam uma regra muito simples, segundo Léry. Desejando se unir, os varões se dirigiam a uma mulher, viúva ou donzela, e perguntavam sobre sua vontade de casar. Se o interesse fosse recíproco, pediam a permissão do pai ou do parente mais próximo. Depois de obtida a permissão dos parentes, os noivos consideravam-se casados. Não havia cerimônias, nem promessa recíproca de indissolubilidade ou perpetuidade da relação. O marido poderia expulsar a mulher e vice-versa. Se ficassem fartos do convívio, a união estaria desfeita. Ambos poderiam, então, procurar outros parceiros, sem maiores constrangimentos. Entre os selvagens era costume, quando o esposo se enfadava da companheira, presentear outro homem com sua mulher. A maioria dos índios tinha somente uma mulher. A poligamia, porém, era amplamente difundida entre os grandes guerreiros e caciques. Os chefes podiam viver com catorze mulheres sem causar estranhamento. (2019, p.7)

As relações de convivência entre os povos indígenas e os europeus eram bem diferentes. Por um lado, os europeus eram regidos por regras sociais com muitas restrições, até no que tange aos costumes e aos próprios hábitos das vestimentas. Já os gentis eram livres, “corpos nus”, viviam sem muitas regras, e, além disso, as relações familiares, especialmente, as matrimoniais, também tinham bastante liberdade, inclusive, pela permissividade do divórcio e

da diversidade de parceiros, mesmo, que na maioria dos casos havia a monogamia, e apenas os chefes das tribos assumiam mais de uma esposa, que residiam em cabanas distintas.

Outro fator que merece ser destacado está ligado ao cuidado que o homem tinha com a sua mulher. No fragmento abaixo, percebe-se que:

Os índios tratavam suas companheiras muito bem, exceto quando se embriagavam com cauim. Contudo, passados os momentos de embriaguez e de ódio, tornavam-se amistosos. Os homens protegiam suas mulheres de diversas formas: sempre andavam juntos; longe da aldeia, em lugares perigosos, eles caminhavam na frente para protegê-las de ciladas; se o inimigo aparecesse, eles lutavam, dando oportunidade para que elas fugissem. “Porém em terras seguras ou dentro da povoação sempre a mulher vai diante, e o marido atrás, porque são ciosos e querem sempre ver a mulher. (LERNER, 2019, p.8)”

Na colônia no que tange às mulheres, o processo histórico já havia modificado suas condições sociais, a Mulher já tinha um papel importante na família, mesmo que o regime continuasse patriarcal, mas a ela era dada a função de educar seus filhos(as). Claro que continuava sendo preferível filho varões, e a função da mulher casada, ainda, era a procriação.

Num certo sentido, os homens eram bastante dependentes da imagem que suas mulheres pudessem traduzir para o restante das pessoas de seu grupo de convívio. Em outras palavras, significavam um capital simbólico importante, embora a autoridade familiar se mantivesse em mãos masculinas, do pai ou do marido. Esposas, tias, filhas, irmãs, sobrinhas (e serviçais) cuidavam da imagem do homem público; esse homem aparentemente autônomo, envolto em questões de política e economia, estava na verdade rodeado por um conjunto de mulheres das quais esperava que o ajudassem a manter sua posição social. (*Id.*, p.191)

O despertar da sexualidade feminina era tida com muito cuidado e pudor, a sociedade reprimia e a Igreja era a responsável pelos dogmas e pelas punições. Nessa época, no que tange ao período literário e a cronologia, o homem passava pela transição do teocentrismo para o humanismo e vivia o paradoxo no existencialismo entre as antíteses: perdão e pecado; amor e ódio; céu e inferno, entre outras que pairavam na constituição desse homem. Para ele, o Deus não era mais o centro, por outro lado, a Igreja ainda detinha o poder e a de acordo com cânone literário o período do Barroco tinha como característica este homem em constante conflito interior, que refletia, exatamente, a transição social da época.

No que tange às mulheres:

Claro que as coisas nem sempre se passavam assim, e o esforço feito para que tudo corresse conforme o previsto indica de saída, contrário sensu, que a explosão do desejo da mocinha virgem à senhora casada era não raro difícil, muito difícil mesmo, de controlar. Das leis do Estado e da Igreja, com frequência bastante duras, à vigilância inquieta de pais, irmãos, tios, tutores, e à coerção informal, mas forte, de velhos costumes misóginos, tudo confluía para o mesmo objetivo: abafar a sexualidade feminina que, ao rebentar as amarras, ameaçava o equilíbrio doméstico,

a segurança do grupo social e a própria ordem das instituições civis e eclesiásticas.
(*Id.*, p.92)

Havia uma preocupação da família, da sociedade e da Igreja sobre a possibilidade do cometimento do pecado por parte da mulher, então a repressão para frear os ímpetos e os desejos das jovens era uma vigilância constante. Os costumes familiares eram de completa necessidade de “abafar a sexualidade feminina”, o que nem sempre alcançava êxito, pois fazia com os desejos recalçados recaíssem em outros desdobramentos, como por exemplo, era comum que as jovens tivessem encontros escondidos com os seus enamorados, muitas vezes as suas mães ou outras mulheres auxiliavam para que tudo acontecessem nas clandestinidades para que a exposição da jovem e da família não fosse exposta para a sociedade. Quando descobertos, em muitos casos, essas jovens eram enviadas para conventos como punição.

Ao chegar o período do Romantismo, no século XVIII, a escrita já era difundida, as mulheres da elite, da casta branca, as sinhazinhas, já tinham acesso à leitura, a sociedade estava no período da burguesia com o patriarcalismo e com capitalismo em ascensão. O homem da literatura, dessa época, era o boêmio, que escrevia sobre o Amor e sobre a “Mulher idealizada”. Nesse período, a sociedade passava por sérios conflitos dentre eles o impacto da Tuberculose que matou muitos dos nossos poetas. Nesse período, embora as mulheres tivessem acesso às leituras dos romances, a escrita era realizada pelos homens e mesmo quando mulheres ousavam escrever, essa escrita feminina recaía no silêncio dos pseudônimos. Nesse sentido,

O desenvolvimento das cidades e da vida burguesa no século XIX influenciou na disposição do espaço no interior da residência, tornando-a mais aconchegante; deixou ainda mais claros os limites do convívio e as distâncias sociais entre a nova classe e o povo, permitindo um processo de privatização da família marcado pela valorização da intimidade. Essa interiorização da vida doméstica, no entanto, deu-se ao mesmo tempo em que as casas mais ricas se abriam para uma espécie de apreciação pública por parte de um círculo restrito de familiares, parentes e amigos. As salas de visita e os salões - espaços intermediários entre o lar e a rua - eram abertos de tempos em tempos para a realização de saraus noturnos, jantares e festas (D'INCAO, in: DEL PRIORI, 2004, p.191)

A burguesia trouxe consigo mudanças significativas no comportamento dos sujeitos daquela época. De um lado, a família passou a ter mais relações de intimidades, as pessoas passaram a ter mais convívio social, umas com as outras, porém da mesma classe social. Passou a ter espaços públicos nos quais as mulheres também frequentavam, as salas das casas passaram a ser o palco de encontros, de conversas, embora estas estavam restritas a um pequeno ciclo de familiares ou amigos para, além de existirem espaços públicos para “a realização de saraus noturnos, jantares e festas (id).”

Com efeito,

Nesses lugares, a ideia de intimidade se ampliava e a família, em especial a mulher, submetia-se à avaliação e opinião dos “outros”. A mulher de elite passou a marcar presença em cafés, bailes, teatros e certos acontecimentos da vida social. Se agora era mais livre - “a convivência social dá maior liberalidade às emoções”¹¹ -, não só o marido ou o pai vigiavam seus passos, sua conduta era também submetida aos olhares atentos da sociedade. Essas mulheres tiveram de aprender a comportar-se em público, a conviver de maneira educada. (D'INCAO, in: DEL PRIORI, 2004, p.191)

Nesses espaços e, até mesmo, nas salas das casas havia regras de como se comportar em público e de como receber os convidados para os saraus com as leituras de poesias e romances, podendo ou não ser acompanhado por “piano ou harpa”. (D'INCAO, in: DEL PRIORI, 2004)

Tais leituras tinham como público, em maioria, o feminino, as mocinhas da classe média da burguesia, além da alta elite que eram consumidoras das novelas romanescas e eram guiadas e instruídas para o casamento. Desde pouca idade, as famílias as preparavam para casar e ser uma boa dona de casa, prendadas, que tinha como base na sua formação o bordado e a culinária. Além disso, possuíam o convívio com as amigas da mesma classe, guardadoras dos seus segredos e confidências. Com as novelas romanescas, elas tinham contato com as personagens das heroínas que sofriam pelos seus amores, isso fazia com que as moças desejassem viver romances como das obras românticas, indo de encontro ao casamento arranjado pelas famílias, como forma de negócio, já que queriam se casar com um homem por amor, assim, como os grandes amores dos personagens das obras lidas.

Nesse sentido,

O casamento entre famílias ricas e burguesas era usado como um degrau de ascensão social ou uma forma de manutenção do status (ainda que os romances alentassem, muitas vezes, uniões “por amor”). Mulheres casadas ganhavam uma nova função: contribuir para o projeto familiar de mobilidade social através de sua postura nos salões como anfitriãs e na vida cotidiana, em geral, como esposas modelares e boas mães. Cada vez mais é reforçada a ideia de que ser mulher é ser quase integralmente mãe dedicada e atenciosa, um ideal que só pode ser plenamente atingido dentro da esfera da família “burguesa e higienizada”.¹⁵ Os cuidados e a supervisão da mãe passam a ser muito valorizados nessa época, ganha força a ideia de que é muito importante que as próprias mães cuidem da primeira educação dos filhos e não os deixem simplesmente soltos sob influência de amas, negras ou “estranhos”, “moleques” da rua. (D'INCAO, In: DEL PRIORI, 2004, p.191)

Mesmo com tais aberturas sociais a Igreja e os dogmas dela, ainda, eram muito presentes no Brasil, “a todo-poderosa Igreja exercia forte pressão sobre o adestramento da sexualidade feminina. O fundamento escolhido para justificar a repressão da mulher era simples: o homem era superior, e, portanto, cabia a ele exercer a autoridade” (LERNER, 2019, p.37). No que se refere às mulheres e seu comportamento:

[...] tenham roupas decentes, se enfeitem com pudor e modéstia; nem tranças, nem objetos de ouro, pérolas ou vestuário suntuoso; mas que se ornem, ao contrário, com boas obras, como convém a mulheres que se professam piedosas. Durante a instrução, a mulher conserve o silêncio, com toda submissão. Eu não permito que a mulher ensine ou doutrine o homem. Que ela conserve, pois, o silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão. Entretanto, ela será salva pela sua maternidade, desde que, com modéstia, permaneça na fé, no amor e na santidade. (LERNER, 2019, p.37)

Este fragmento deixa bem claro a concepção da postura que a mulher deveria ter em relação à palavra e ao silenciamento. No trecho: “durante a instrução, a mulher conserve o silêncio, com toda submissão. Eu não permito que a mulher ensine ou doutrine o homem. Que ela conserve, pois, o silêncio”. Percebe-se, aqui, o lugar de subordinação imposta à mulher, além de ser excluída do lugar de fala, da voz. Era “domesticada” para o silenciamento, além de colocar a maternidade como forma para a sua salvação.

A construção da burguesia foi o espaço histórico perfeito para a desconstrução da “santidade” e do “mundo perfeito” da sociedade. Foi nesse período que tivemos as chagas humanas expostas, “A máscara social será um índice das contradições profundas da sociedade burguesa e capitalista [...] em função da repressão dos sentimentos, o amor vai restringir-se à idealização da alma e à supressão do corpo.” (D'INCAO, in: DEL PRIORI, 2004, p.191)

É bem verdade que o papel da mulher foi redefinido na burguesia e no século XIX, foi possível que ela tivesse acesso à leitura, passasse a configurar em espaços públicos. Ela poderia “ser mãe, irmã, filha, religiosa, mas de modo algum amante. (DEL PRIORE, 2004, p.60)”

Dito isso,

O desejo muitas vezes rebentava o grilhão das convenções e das imposições, e aí mesmo, no momento da transgressão, é que o historiador pode aproximar-se do sentimento que, em peças incriminatórias, sobreviveu aos séculos. Aquelas mulheres hoje são pó, são nada, ao contrário de sua dor, seu momento de prazer, seu sentir, que nos chegam aos pedaços, mas com a mesma força da paixão que comoveu, agitou e incitou os corações a reinventarem a cada situação a velha arte de seduzir. (DEL PRIORE, 2004, p.60)

Coube a essas mulheres o lugar do silêncio, da dor, de fazer muitas vezes casamentos arranjados por acordos familiares, a suportarem uma carga insuportável, para outras lhes couberam o confinamento e a reclusão dos conventos para abafar os seus sentimentos e as suas emoções. Mesmo com restrições e muitas limitações, é bem verdade que a burguesia foi palco de um novo tempo, de uma nova era para a sociedade. Assim,

Presenciamos ainda nesse período o nascimento de uma nova mulher nas relações da chamada família burguesa, agora marcada pela valorização da intimidade e da maternidade. Um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa

dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo representavam o ideal de retidão e probidade, um tesouro social imprescindível. Verdadeiros emblemas desse mundo relativamente fechado, a boa reputação financeira e a articulação com a parentela como forma de proteção ao mundo externo também marcaram o processo de urbanização do país. (D'INCAO, in: DEL PRIORI, 2004, p.187)

A História ficou devendo à mulher o lugar da palavra, a ser contada pela voz da mulher o que foi vivido naquela época, sobre as suas dores, já que mesmo nos romances os autores eram masculinos, falando sobre o lugar da mulher, a exemplo, retomamos, mais uma vez, a personagem Luísa, de Eça de Queiroz.

Figura 8 – As mulheres da elite e o romance sentimental¹²



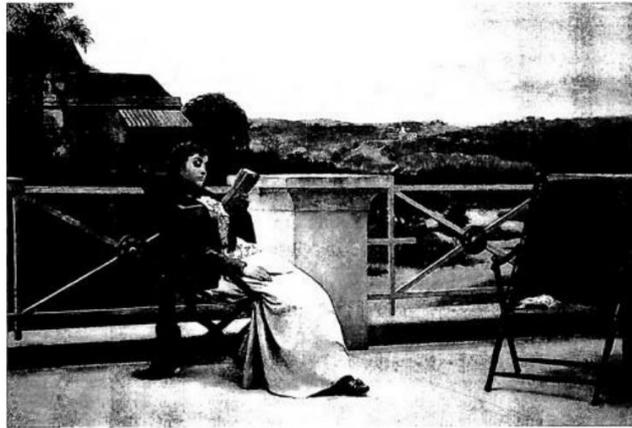
O romance sentimental conquistou um público feminino para a literatura: as mulheres de elite, com tempo livre para se dedicarem à leitura entre as aulas de piano e de dança, os bordados e as costuras.
(III)

A figura acima demonstra a mulher já em espaços públicos, assim, mesmo que o lugar da Mulher ainda não fosse o ideal, é notório o significativo avanço até mesmo dentro da família, cabendo a ela a educação dos filhos e o lugar ao lado do seu marido, podendo conviver socialmente em espaços públicos. A burguesia deixou o legado de uma “redenção” camuflada por muitos outros sentimentos e o silenciamento da palavra. “Nas alcovas, espaço do segredo e da individualidade, forneciam toda a privacidade necessária para a explosão dos sentimentos: lágrimas de dor ou ciúmes, saudades, declarações amorosas, cartinhas afetuosas e leitura de romances pouco recomendáveis.” (D'INCAO, in: DEL PRIORE, 2004, p. 193)

O romance sentimental passou a ser apreciado pelo universo feminino em que muitas das mulheres da elite passaram a ir a público para ouvi-los.

¹² Fonte: História das mulheres no Brasil / Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2004. p.193.

Figura 9 – As histórias das heroínas¹³



As histórias de heroínas românticas e sentimentos platônicos acabaram alimentando a idealização do relacionamento amoroso. (IV)

É certo que os relatos dos cronistas, viajantes e historiadores do período nos exibem um quadro em que a menina ou a mulher candidata ao casamento é extremamente bem cuidada, é trancafiada nas casas etc. Não há como negar ou interpretar de outra maneira fatos tão conhecidos. Todavia, essa rigidez pode ser vista como o único mecanismo existente para a manutenção do sistema de casamento, que envolvia a um só tempo aliança política e econômica. Em outras palavras, nos casamentos das classes altas, a respeito dos quais temos documentos e informações, a virgindade feminina era um requisito fundamental. Independentemente de ter sido ou não praticada como um valor ético propriamente dito, a virgindade funcionava como um dispositivo para manter o status da noiva como objeto de valor econômico e político, sobre o qual se assentaria o sistema de herança de propriedade que garantia linhagem da parentela. (In: DEL PRIORI, 2004, p.196)

No século XIX e XX, foram travadas batalhas diárias com avanços legislativos, novas formas de escrever, inclusive, com mulheres, ainda em pouca quantidade, mas com o direito a voz na política, no jornalismo e na Literatura. Nesta contemporaneidade os modelos de famílias tradicionais passaram a conviver com a diversidade, é possível compreender as várias formas de amar, a diversidade no padrão familiar, o debate sobre o gênero e novos conceitos que pairam a sociedade moderna, ainda impregnados de rótulos e preconceitos, mas sendo retratado nas páginas das obras literárias pelo direito do livre pensamento de expressão. Hoje é permitido a livre expressão, ainda com formas estereotipadas e com julgamentos tortuosos de sujeitos que ideologicamente possuem valores morais e éticos divergentes. Mesmo com avanços nos hábitos de convivência, ainda, eram destinados às mulheres o controle para que não saíssem dos padrões estipulados pela sociedade e pelo universo patriarcal. Assim, “Todavia, essa rigidez pode ser vista como o único mecanismo

¹³ Idem., p. 194

existente para a manutenção do sistema de casamento, que envolvia a um só tempo aliança política e econômica. (Idem).

Em escritos como cartas, diários e pela tradição da oralidade, a força da mulher e a história foi sendo tecida, muito embora muito se tenha perdido pelo tempo, devido à história da sujeição e da marginalização da história sobre a mulher. Se a História sempre foi contada pelos homens, eram por meio do olhar do homem que se era falado sobre a mulher, quando se era falado, e como, vimos no capítulo anterior, todos os registros eram feitos por homens. Se o homem entrou na história no terceiro milênio a.C, para a mulher isso só veio acontecer no século XIX. Na verdade, a ausência dos registros sobre a nossa história feminina é uma das formas de nos mantermos amarradas ao julgo masculino, pela ignorância do que fomos.

É nessa arena da palavra que adentramos ao universo do próximo capítulo destinado aos confrontos da Literatura e da Psicanálise, já que a palavra é o melhor lugar de tecer o combate de ideias, sendo apenas por ela que conseguiremos mudar a nossa condição de silenciamento e de negação.

Caput III- DA LITERATURA À PSICANÁLISE

Com o intuito de discorrer sobre a Literatura, retoma-se os primórdios da sociedade, ainda no momento ágrafo, período da escrita, com a transição da oralidade para o letramento, como a escrita impactou o contexto sócio-histórico e como impulsionou o desenvolvimento da civilização grega. Antes de tudo o gênero tragédia era uma forma artística de representações e, conforme postula Aristóteles, “a tragédia é a mimese de uma ação, e, sobretudo, por causa da ação, a mimese de homens... (ARISTÓTELES, 2017, p.85).”

Com o avanço da humanidade o homem passou a vivenciar novas situações que afetaram o seu desenvolvimento humano. Algumas dessas situações foram positivas, como por exemplo, a criação de novas formas de trabalho, capitalismo, urbanização, globalização e a tecnologia, que, por sua vez, vem favorecendo a ciência, como campo de estudo, para melhorias na qualidade da vida humana com descobertas que vêm propiciando curas para enfermidades, sejam elas de caráter físico ou psicológico.

Nesse capítulo será traçada uma discussão sobre a Literatura e a Psicanálise com o intuito de compreender como, especialmente, como a Mulher foi desenhada e silenciada na Literatura até chegar na escrita intimista e confessional, por meio da escrita nos diários confessionais. Para isso, foi feito o caminho desde a tragédia grega, em que a mulher não tinha espaço, e foi silenciada em suas personagens femininas, como, por exemplo, na tragédia de Édipo Rei e no mito de Pandora, tendo como lugar principal a arena da “palavra suprimida”.

Para tratar sobre a Literatura feminina optou-se pelo caminho da escrita intimista, que ora reflete a realidade, ora a ficção do desejo não realizado. Como base teórica para este capítulo será feito um embate entre autores da Literatura, Psicanálise, Filosofia da Linguagem, além de autores que se detém ao estudo do universo sobre a escrita feminina, confessional, gênero e identidade. Para o subtema- *Dos grandes heróis das tragédias ao silenciamento das personagens femininas*; Por fim, no tópico destinado às *narrativas de ficção aos textos confessionais: um caminho entre o real e o imaginário na escrita feminina*.

CAPÍTULO III – PSICANÁLISE E LITERATURA: CONFRONTOS TEÓRICOS POSSÍVEIS

Não somos apenas o que pensamos ser. Somos mais: somos também o que lembramos e aquilo de que nos esquecemos; somos as palavras que trocamos, os enganos que cometemos, os impulsos a que cedemos 'sem querer'.
Sigmund Freud

Paralelamente ao crescimento das ciências, juntamente com as suas contribuições para a humanidade, eis que começaremos a discutir o impacto da Literatura, não apenas como arte, mas como o reflexo do cotidiano humano. É por ela que conseguimos descrever o tempo sincrônico e, também, o diacrônico de uma dada sociedade ou grupo social.

A Literatura se constitui de diversas formas, ora singularizada pelas belezas das suas construções e métricas, ora pluralizada representando as “formais plurais” de um povo, raça, gênero, ou simplesmente, na simplicidade da construção do repente popular ou de um cordel. Em todas as suas formas, a Literatura, por verossimilhança, simboliza o seu povo, sendo representação da realidade, seja real ou fictícia, além de ser:

[...] por ela que tomamos consciência de nossa humanidade, que pensa, que fala. Pois a língua que se aprende nas relações quotidianas com os pais e amigos só serve para agir: perguntar, responder, para viver. Em suma, só com alguma coisa como literatura (mesmo que tenha sido oral nas eras e civilizações sem escrita) que o homem se interroga sobre si mesmo, sobre seu destino cósmico, sua história, seu funcionamento social e mental. (BELLEMIN-NOEL, 2003, p.12)

Em outras palavras, conceituar a Literatura não é uma das tarefas mais fáceis, pois se “a Literatura inclui muito da escrita factual, também exclui uma boa margem de ficção” (BELLEMIN-NOEL, 2003, p. 02). Ademais, a Literatura é uma das formas de se representar e de se retratar não apenas uma sociedade, mas o homem em sua mais genuína essência. Assim, ao tentar desconstruir o conceito da estranheza dos formalistas russos, Bellemin-Noel (2003, p. 13) conceitua a Literatura como “escrita imaginativa” de caráter fictício, não sendo “literalmente verídica”. Dessa forma, buscando definir Literatura, Bellemin-Noel se questiona a despeito da distinção entre fato e ficção, uma vez que “a própria definição é muitas vezes questionável”. Retomaremos, então, a arte e literatura grega para explicar as origens não apenas da nossa composição artística, mas, sobretudo, da nossa cultura e do lugar da mulher ao longo do tempo, uma vez que a Grécia é o berço da nossa civilização.

Para os formalistas russos, a literatura era engessada, seu objeto era a palavra, com regras bem definidas, não era lugar de sentimentos ou simbolismos. Para eles não se podia

entendê-la como expressão do pensamento do autor, sendo “uma reunião mais ou menos arbitrária de artifícios (EAGLINTON, 2006, p.5)”. Assim, esses artifícios estavam relacionados a “imagens, ritmo, sintaxe, métrica, na verdade, incluíam todo o estoque de elementos formais” (Idem). Dito de outro modo, este período, foi, na verdade, a aplicação da linguística na literatura.

Dessa forma, pensar em sociedade e cultura é, sobretudo, retomar este berço civilizatório, para entendermos a nossa construção social. Para Bakhtin (2019, p.11) “a Literatura deve estabelecer o vínculo mais estreito com a história da cultura. A Literatura parece inseparável da cultura, já que não pode ser entendida fora do contexto pleno de toda a cultura de uma época”. É com base nessa afirmação que, ao pensar, por exemplo, sobre a literatura no período burguês, no capítulo anterior, mencionamos a necessidade de se compreender o contexto sociocultural da época, e, como a literatura, em geral, era escrita por homens, mesmo em texto com personagens femininas, como a Luísa, não haveria como compreender toda a dimensão social das mulheres daquele período, já que a voz da mulher fora silenciada, e, nesse caso específico, era um homem narrando o enredo.

Já no caso da Grécia, os enredos trágicos, nada mais eram do que narrativas de famílias, mas não de qualquer família,

É por este motivo, que como já dissemos as tragédias não se reportam a um grande número de famílias. Os poetas procuravam, mas era por acaso e não em função da arte poética que encontravam nos mitos tradicionais as histórias já bem construídas; eis por que eram compelidos a recorrer, necessariamente, à história das famílias em que semelhantes calamidades haviam ocorrido. (ARISTÓTELES, 2017, p.125)

Assim, trazendo à tona essas narrativas, suscitava naqueles que tinham acesso a essas narrativas o que Aristóteles nomeou como as origens das emoções dramáticas: pavor e compaixão. Para ele: “certamente o pavor e a compaixão podem ser gerados a partir do espetáculo, mas também podem surgir da própria trama dos fatos [...] (ARISTÓTELES, 2017, p.118)

Em diferentes sociedades ocidentais ou orientais há preceitos morais, éticos e sociais que direcionam os seus povos para posturas frente à sociedade que demandam determinadas ações ou valores sejam eles culturais ou sociais. Dessa forma, a inserção do homem em sua sociedade dependerá dos valores estabelecidos por ela e de como ele será moldado para fazer parte do seu grupo.

Para Bakhtin (2019, p.11) “é inaceitável” dissociar a Literatura da cultura, ou relacioná-la apenas a problemas socioeconômicos, já que ambos estão embricados, agindo e influenciando. Assim, para este autor:

O chamado processo literário de uma época se estudado isoladamente de uma análise profunda da cultura, reduz-se há uma luta superficial entre as correntes literárias e, para a modernidade (particularmente para o século XIX), reduz-se a essência ao sensacionalismo das revistas e jornais, que não exercem influência de peso sobre a grande, a autêntica literatura de uma época. (BAKHTIN, 2019. p.12)

Nesse sentido, a cultura está embricada ao social, mas muito além do recorte de uma dada época, ela é o reflexo do social, valores, folclore e muitas outras características que retratam um povo. Dessa forma, não se pode isolá-la da compreensão de um dado texto, assim, como não se pode entendê-lo isoladamente, visto que ele é parte de um todo, que se completa e se mescla formando uma teia discursiva. É assim com a literatura que é a representação de uma sociedade, não apenas naquela época, ela ultrapassa gerações, assumindo novos valores. Porquanto, falar em jornais e revistas no século XIX não é o mesmo que pensar na Literatura. Lá, nesses suportes podem até ter fragmentos literários, como as crônicas, por exemplo, mas no seu todo, acaba usando artifícios textuais chamativos de popularidade, que não há valor literário em sua estrutura integral.

Para Compagnon (2001) do ponto de vista da extensão, a Literatura está em tudo que é escrito (impresso ou manuscrito) ou até mesmo no “que se chama de literatura oral”. Para ele a literatura é “equivalente à cultura (2001, p.31)”. Para tanto, “a filologia do século XIX ambicionava ser, na verdade, o estudo de toda a cultura (*Id*)”, para isso ela tinha a Literatura como “testemunho” por meio dos registros. Assim, é nesse conjunto que Compagnon (2001) nomeia como o conjunto orgânico o que é constituído pela filologia, língua, cultura e literatura que tinham como por estes meios identificar uma raça ou nação.

Para este autor a Literatura pode ser alterada ou variada, de acordo com a época. No século XIX, esse novo olhar sobre a Literatura vai dissociar do conceito apresentado por Aristóteles em *Arte Poética* com a diluição dos gêneros poéticos subdividido em épico e dramático exposto na obra. Para Aristóteles, um dos pontos importantes é a condição do poeta atribuir a tecitura ao enredo (*mýthos*), uma vez que “a atividade do poeta é pensada, sobretudo, a partir da noção da trama (composição) dos fatos (acontecimentos), construindo toda a narrativa de maneira a conceber todas as características. Dessa forma, é possível absorver dos escritos de Aristóteles uma *tékhne*:

Não apenas como um conjunto de regras a ser seguido pelo autor mimético, mas também como um sistema de divisão, que contempla o número de partes envolvidas no processo de criação, e de valoração, que permite determinar o grau de importância das partes envolvidas no processo. Assim, na verdade, a *tékhne* é a atividade que permitiu a distinção entre o homem e o animal selvagem (ARISTÓTELES, 2017, p.12)

Em sua *Arte Poética*, Aristóteles, mesmo sem deixar evidente uma definição sobre a caracterização do personagem, afirma que só há caráter se a ação e o discurso do personagem expressarem visivelmente uma escolha (ou intenção). Ademais, qualquer percepção acerca do caráter do personagem trágico se enviesará para os discursos e ações do herói, em que se configura a escolha ou a intenção.

O que figura a ligação desses dois pontos é a qualidade da escolha revelada. Contudo, os discursos nem sempre esclarecem uma escolha ou algo conjurado. Por isso, a ação torna-se a principal mola propulsora da modelação do caráter, visto que “Haverá caráter se, como se disse, as palavras ou as ações da personagem mostrarem que está animada de um certo propósito, e o caráter será bom se esse propósito for bom.” – (*Poética*, 1454a, 17-19)

A escolha, então, engloba a esfera prática. E mesmo que uma ação seja compreendida sem levar em conta uma deliberação, mas um hábito ou costume, ainda assim o ato exprime uma disposição moral, cuja raiz tenha sido uma escolha precedente. O próprio caráter do agente transparece no agir, e, a prática repetitiva da mesma maneira constrói um caráter de determinado tipo. Dito isso, a escolha (ou intenção) e o caráter determinam-se mutuamente.

Analogamente, usando os conceitos aristotélicos, assim, se estabelece o processo da continuidade e da descontinuidade do desenvolvimento humano, em que o sujeito é colocado a fazer parte, ao longo do seu ciclo, e como este irá reagir às imposições históricas, culturais e biopsicossociais. O que para algumas sociedades é natural, para outras não o é. Dessa forma, por exemplo, em alguns povos tidos como primitivos, as crianças aprendem a caçar com os adultos, e o dia em que a criança consegue a caça é comemorado, como dia de festa, assim, nessas sociedades, desde a mais tenra infância, a criança é direcionada para o desenvolvimento das suas competências e habilidades a partir das responsabilidades para com ela e para com a sua família, sendo essa responsabilidade colocada para a criança de forma gradual.

Neste sentido, no ensaio sobre os *Modos ficcionais*, Frye (2014) retoma os conceitos aristotélicos abordados na *Arte Poética* sobre os textos ficcionais, caracterizando os personagens como melhores ou piores em relação aos humanos. Além disso, ele destaca a importância atribuída por Aristóteles à “bondade e a maldade”, criticando tal postura como: “uma visão um tanto quanto moralista da literatura”.

No século XIX com os novos conceitos para a literatura passou a ser entendido como parte dessa arte/ciência o “romance, a poesia e o teatro”, tendo assim um retorno ao período pós-aristotélico com o “dramático, o épico e o lírico”. Aos dois primeiros gêneros nomeados, agora, como prosa, e o último como verso. Para Compagnon (2001, p.33)

Evidentemente, identificar a literatura com o valor literário (os grandes escritores) é, ao mesmo tempo, negar (de fato e de direito) o valor do resto dos romances, dramas e poemas, e, de modo mais geral, de outros gêneros de versos e prosa. Todo julgamento de valor, repousa em um atestado de exclusão.

Para este autor o cânone literário é instável, há “entradas e saídas”, logo, não cabe apenas delimitarmos A ou B, como literatura, haja vista que o próprio cânone tem as suas nuances. Assim, pensando nos cânones clássicos, ele traz o exemplo do Romantismo que se reinventou e refletiu a época da burguesia e suas peculiaridades, com a abertura, por exemplo, das novelas romanescas, da mulher idealizada e do homem boêmio. Para Compagnon “o sistema tradicional literário é sincrônico”, a cada nova obra, ele se reorganiza em sua totalidade, modificando “o sentido e o valor de cada obra pertencente à tradição” (2001, p.34)

Conforme Bakhtin, o ato do dizer

reside na singularidade do ato a possibilidade da religação entre a cultura e a vida, entre consciência cultural e consciência viva. Diversamente, os valores culturais, estéticos, políticos tornam-se valores em si e perdem toda possibilidade de verificação, de funcionalidade, de transformação. (2017, p.25)

Assim, conforme o autor, o ato sendo singular, ele jamais se repetirá da mesma forma, com as mesmas nuances. Dito de outro modo, este ato estará sempre relacionado ao contexto de produção emitido, sendo afetado pelo todo daquele ato, inclusive, pelo sujeito que é sempre social. Dessa forma, Bakhtin (2017, p.13) salienta que a “Literatura é um fenômeno complexo, além de ser multifacetada”. Para ele, não se pode reduzir a literatura a sua época, haja vista as grandes obras que perpassam essa ordem cronológica. Dessa forma, não se pode estudá-la “isolada de toda a cultura de uma época”, sendo “nocivo” associar a criação apenas ao contexto daquela época.

Ao longo dos séculos as obras vão sendo construídas e se projetando com valores diferentes sem que haja fronteiras e limites entre as épocas, vão sendo atribuídos valores de acordo com o público. Para Bakhtin (2017, p.14) “no processo de sua vida *post mortem* elas(obras) se enriquecem com novos significados, novos sentidos; é como se essas obras superassem o que foram na época de sua criação.”

É assim, por exemplo, com os textos de Machado de Assis e Shakespeare, que hoje certamente possuem valores e significados bem distintos da sua época. Para redefinir a literatura pelo olhar do feminino, foi necessário buscar absolver a essência de textos em épocas em que a mulher não poderia vir a público, nos quais muitos textos tinham suas autorias atribuídas para homens e, mesmo sendo de autoria feminina, essa era omitida por meio dos pseudônimos. Como redimensionar tais discursos? Como entendê-los a partir daquela época se

até outrora a mulher não tinha o direito a palavra? Vimos no capítulo anterior que essa conquista é algo recente, que remonta ao século XIX. Logo, há uma lacuna a esse respeito, já que não há registros em muitos períodos. Há na verdade um grande vácuo na sociedade sobre o eu feminino. Em Cândido (2006, p.47),

O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. Os artistas incompreendidos, ou desconhecidos em seu tempo, passam realmente a viver quando a posteridade define afinal o seu valor. Deste modo, o público é fator de ligação entre o autor e a sua própria obra.

Nesse contexto temos a égide do processo dialético da interação, em que o autor, dialoga com o texto, que por sua vez dialoga com o leitor, trazendo, assim, a tríade autor-texto-leitor. Para Bakhtin

[...] independente dessa posição concreta que um indivíduo é o único a ocupar, e onde a relação “eu e todos os Outros” não é absolutamente não-invertível, pois a relação “eu e o outro” é, no abstrato, relativa e invertível, porque o sujeito cognoscente como tal não ocupa um lugar concreto na existência. (1997, p.44)

Em outras palavras, esse Eu, seja o autor ou o leitor, será dialético e social, dialogando com o todo que o cerca. O leitor, do ponto de vista contemporâneo, é dialético, interage não só com a obra, mas com tudo que o envolve, inclusive, com o tempo histórico e com a cultura daquela dada época. Para Bakhtin (1997, p.44) “as palavras se dividem, para cada um de nós, em palavras pessoais e palavras do outro, mas as fronteiras entre essas categorias podem ser flutuantes, sendo nas fronteiras que se trava o duro combate dialógico.”

Trazer esse eu revestido do outro na Literatura é, antes de tudo, refletir o fenômeno do social, em que os sujeitos interagem no meio, através de vários componentes, sobretudo, os culturais, imbuídos de costumes e crenças da sua esfera social. Esses sujeitos vêm, ao longo do tempo, construindo história e sendo refletido na literatura por meio da palavra. Bakhtin vai além ao discorrer sobre o homem. Para ele,

Esta substituição do homem pelo homem, esta abstração do eu e do tu, é possível (embora seja provavelmente possível só até certo ponto) no campo do conhecimento científico abstrato, do pensamento abstrato. Na vida, concebida como objeto do pensamento (abstrato), existe o homem em geral, existe o terceiro, porém na vivência viva da vida só há: eu, tu, ele (2006, p.386)

É nesse ínterim, que devemos compreender o eu em relação ao outro, quem é esse outro a quem me dirijo? quais são as minhas escolhas e por que as fiz? Tais questões são pertinentes para entender quem é esse sujeito que escreve e como ele será compreendido pelos Outros.

Além disso, a minha palavra está sempre impregnada desse outro, que acaba “escapando a nossa compreensão”, porque esse limite entre Eu e o outro é um liame contraditório e de difícil acesso, haja vista que, na psique humana, ainda há muitas nuances a serem reveladas, sendo revestidas de cortinas que nem mesmo o Eu as conhecem.

Para Cândido (2006, p.22)

Esta liberdade, mesmo dentro da orientação documentária, é o quinhão da fantasia, que às vezes precisa modificar a ordem do mundo justamente para torná-la mais expressiva; de tal maneira que o sentimento da verdade se constitui no leitor graças a esta traição metódica. Tal paradoxo está no cerne do trabalho literário e garante a sua eficácia como representação do mundo. Achar, pois, que basta aferir a obra com a realidade exterior para entendê-la é correr o risco de uma perigosa simplificação causai. Mas se tomarmos o cuidado de considerar os **fatores sociais** (como foi exposto) no seu papel de formadores da estrutura, veremos que tanto eles **quanto os psíquicos** são decisivos para a análise literária [...]

Conforme Bakhtin (2006, p.63)

Uma análise mais aprofundada revelaria que as formas mínimas do discurso interior são constituídas por monólogos completos, análogos a parágrafos, ou então por enunciações completas. Mas elas assemelham-se ainda mais às réplicas de um diálogo. Não é por acaso que os pensadores da Antiguidade já concebiam o discurso interior como um diálogo interior.

Assim, trazer à tona o debate sobre os monólogos interiores a partir da óptica bakhtiniana é entender esse Eu a partir de vários outros que habitam “no seu interior”. Em suma, na verdade, este Eu dialoga com o seu interior, já que esses discursos “assemelham-se ainda mais às réplicas de um diálogo (*Id.*)”. Além disso, entender esse sujeito por meio dos fatores sociais e psíquicos é buscar compreender este sujeito-autor ou sujeito-leitor a partir das suas particularidades, do que foi dito, escrito ou verbalizado, ou daquilo que não foi dito, que ficou silenciado, seja por opção do autor consciente ou não, seja pelos interditos sociais. Conceitos estes que iremos analisar sob óptica da Psicanálise e de Freud.

A noção que ele nos apresenta para a cultura está embricada com os conflitos do Eu, Id e super-eu. Assim, para Freud esses três conceitos são o que formam a psiquê humana. Nascemos com o Id, que é como a nossa identidade, é natural, é o instinto; já o Eu (ego) relaciona-se com o meio em que vive, a partir das interações humanas, e o super-eu (super-ego) é oriundo do ego, mas se relaciona com os valores morais e culturais do indivíduo. O super-ego é o norte para o ego, como um guia que deve ser seguido.

Normalmente nada nos é mais seguro do que o sentimento de nós mesmos, de nosso Eu. Este Eu nos aparece como autônomo, unitário, bem demarcado de tudo o mais. Que esta aparência é enganosa, que o Eu na verdade se prolonga para dentro, sem fronteira nítida, numa entidade psíquica inconsciente a que denominamos Id, à qual

ele serve como uma espécie de fachada — isto aprendemos somente com a pesquisa psicanalítica, que ainda nos deve informar muita coisa sobre a relação entre o Eu e o Id. Mas ao menos para fora o Eu parece manter limites claros e precisos. (FREUD, [1923-1925], 2010b, p.11)

O Eu para nós é o nosso terreno conhecido, onde andamos conhecendo os nossos limites, porém é justamente na zona do interior, do limite do consciente que encontramos o Id, conforme bem demarca Freud, na citação acima. O Id está para o interior, assim, como o Eu está para o exterior, com limites bem definidos. Assim, o Id é a parte mais primitiva do inconsciente.

Freud na obra *Totem e Tabu* ([1912-1914], 2016b) aborda os conceitos de sujeito e ideologia e tantos outros aspectos sociais, a partir do que ele traz sobre a noção de cultura. Dito isso, traremos nesta obra, a explicação sobre o que ele denomina de “aspectos culturais”¹⁴. Para começarmos discorrer sobre esses conceitos, nada mais justo do que buscar na fonte tais respostas. Para ele, o Totem é:

O mais singular é que quem chega a violar uma proibição dessas adquire ele mesmo a característica do que é proibido, como que assumindo toda a perigosa carga. Tal força é inerente a todos os que são algo especial, como reis, sacerdotes, recém-nascidos, a todas as condições excepcionais, como os estados físicos da menstruação, da puberdade, do nascimento, a tudo o que é inquietante, como a doença e a morte, e ao que a eles se relaciona por força de contágio ou difusão. Mas “tabu” é igualmente tudo, tanto as pessoas como os lugares, objetos e estados passageiros, que são depositários ou fonte dessa misteriosa característica. Também se chama tabu a proibição que deriva dessa característica; é denominado tabu, enfim, conforme seu sentido literal, algo simultaneamente sagrado, acima do habitual, e perigoso, impuro, inquietante. (FREUD, [1912-1914], 2016b, p.30)

A constituição da sociedade parte do princípio da dialética social. Este princípio pode ser observado em muitos teóricos, dentre eles, beberemos na fonte freudiana para traduzir essa dialética, em um fenômeno contínuo. Ademais, em *Totem e Tabu* (2016) podemos absorver conceitos que dialogam com a sociedade contemporânea, trazendo a noção da dialética e dos tabus que são passados em diversos clãs. Assim, por meio dessa interação, entre passado longínquo e o presente, podemos fazer uma ponte e aproximar esses dois tempos cronológicos, vislumbrando o futuro mediante algumas considerações freudianas. Para Freud, a sociedade é caracterizada por meio da:

A análise dos tabus é apresentada como um esforço seguro e exaustivo para a solução do problema. A investigação sobre o totemismo não faz mais que declarar que ‘isso é o que a psicanálise pode, no momento, oferecer para a elucidação do problema do totem’. A diferença está ligada ao fato de que os tabus ainda existem entre nós. Embora expressos sob uma forma negativa e dirigidos a um outro objeto, não diferem, em sua natureza psicológica, do ‘imperativo categórico’ de Kant, que opera de uma

¹⁴ Estes aspectos são mostrados por meio dos tabus ao longo da obra.

maneira compulsiva e rejeita quaisquer motivos conscientes. O totemismo, pelo contrário, é algo estranho aos nossos sentimentos contemporâneos — uma instituição social-religiosa que foi há muito tempo relegada como realidade e substituída por formas mais novas (FREUD, 2016b, p.5)

É nesse prisma que mora a teoria de Freud sobre a continuidade e a dialética dos acontecimentos. E por que não dizer a continuidade humana? Para ele, o sujeito psicanalítico precisa matar simbolicamente o totem para que possa nascer o novo. Por analogia, aqui, faremos uma reflexão simbólica com a dialética e continuidade do comportamento humano.

Freud explica que:

Deve ter passado por uma evolução que compreensivelmente não pode ser demonstrada, mas que podemos construir* com certo grau de probabilidade. O bebê lactante ainda não separa seu Eu de um mundo exterior, como fonte das sensações que lhe sobre vêm. Aprende a fazê-lo aos poucos, em resposta a estímulos diversos. Deve impressioná-lo muito que várias das fontes de excitação, em que depois reconhecerá órgãos de seu corpo, possam enviar-lhe sensações a qualquer momento, enquanto outras — entre elas a mais desejada, o peito materno — furtam-se temporariamente a ele, e são trazidas apenas por um grito requisitando ajuda. É assim que ao Eu se contrapõe inicialmente um “objeto”, como algo que se acha “fora” e somente através de uma ação particular é obrigado a aparecer. Um outro incentivo para que o Eu se desprenda da massa de sensações, para que reconheça um “fora”, um mundo exterior, é dado pelas frequentes, varia das, inevitáveis sensações de dor e desprazer que, em sua ilimitada vigência, o princípio do prazer busca eliminar e evitar. Surge a tendência a isolar do Eu tudo o que pode se tornar fonte de tal desprazer, a jogar isso para fora, formando um puro Eu-de-prazer, ao qual se opõe um desconhecido, ameaçador “fora”. As fronteiras desse primitivo Eu-de-prazer não podem escapar à retificação mediante a experiência. (FREUD, (1933), 2010f, p.12-13)

Nesse sentido, para que possamos compreender melhor, esse bebê é estimulado a ter o seu objeto, o peito materno, quando solicita, por meio do choro, ele vai entender que é preciso ter estímulo (choro) para ter o objeto do desejo (o peito) que lhe saciará. Do mesmo modo, é preciso que esse objeto aos poucos seja redirecionado para que ele saia, se isole dele, e assim possa estar “fora dele”. Dessa forma, em alusão a isso, o sujeito acaba por entender que as sensações sejam prazerosas ou não, estão vinculadas a um dado objeto, seja de prazer ou não, e para que se isole disso, é preciso ausentar, sair desse ato do “eu-de prazer” ou não.

Para Bakhtin (2006),

O que constituiu a diferença entre o signo interior e o signo exterior, entre o psíquico e o ideológico? A significação realizada por meio do movimento interior é dirigida ao próprio organismo, a um indivíduo dado, e determina-se, antes de tudo, no contexto de sua individualidade. Neste ponto, as afirmações dos representantes da escola funcionalista contêm uma parcela de verdade. Não se pode deixar de distinguir a natureza específica do psiquismo da natureza dos sistemas ideológicos. Mas o caráter específico da entidade psíquica é inteiramente compatível com uma concepção ideológico-sociológica do psiquismo. (BAKHTIN, 2006, p. 42)

Bakhtin (2006) dialoga com os preceitos freudianos nessa relação entre o interior x psiquismo e ideologia. Para ele, tais conceitos estão imbricados e tal movimento é condicionado à individualidade, porém o psiquismo (que é o individual) está “inteiramente compatível com uma concepção ideológico-sociológica do psiquismo.” Assim, para que um bebê passe a ser uma criança, características de bebês precisam ser mortas metaforicamente. Da mesma maneira se dá com a adolescência e com a fase adulta. O peito materno, que o alimenta, precisa ser morto simbolicamente, para que tenha seu objeto redirecionado. Dessa forma, é preciso que seja seguido os ritos de passagens da infância para adolescência, da adolescência para a vida adulta e assim, em todas as mudanças transitórias da vida humana. Para que um adolescente passe pelas transformações biossociais, ele precisa matar a criança que vive dentro dele, e bruscamente passar a fase adulta.

Freud ([1912-1914], 2016b, p.6), esclarece que:

A palavra ‘tabu’ denota tudo — seja uma pessoa, um lugar, uma coisa ou uma condição transitória — que é o veículo ou fonte desse misterioso atributo. Também denota as proibições advindas do mesmo atributo. E, finalmente, possui uma conotação que abrange igualmente ‘sagrado’ e ‘acima do comum’, bem como ‘perigoso’, ‘impuro’ e ‘misterioso’. Essa palavra e o sistema por ela denotado dão expressão a um grupo de atitudes mentais e idéias que parecem realmente distantes de nossa compreensão. Em particular, parece não haver nenhuma possibilidade de entrarmos em contato mais íntimo.

E é, exatamente, na fase da adolescência que eclode com mais ênfase estes tabus e as imposições sociais. O que antes era apenas visto de forma lúdica e mistificada pela figura da família, agora a relação de dependência passa a ser vista de outra maneira. O adolescente precisa ser consciente dos seus atos, responsáveis por suas escolhas e brigar com os seus demônios e medos, para que as suas decisões não afetem a sociedade e nem o seu clã (família). Pensar em convivência social é retomar os primórdios e compreender o quanto o homem é um fruto do social, sendo passível a sanções sociais por desrespeito às regras estabelecidas pelo seu grupo (clã) social.

Em compensação, os integrantes do clã estão na obrigação sagrada (sujeita a sanções automáticas) de não matar nem destruir seu totem e evitar comer sua carne (ou tirar proveito dele de outras maneiras). O caráter totêmico é inerente, não apenas a algum animal ou entidade individual, mas a todos os indivíduos de uma determinada classe. De tempos em tempos, celebram-se festivais em que os integrantes do clã representam ou imitam os movimentos e atributos de seu totem em danças cerimoniais. (FREUD, [1912-1914], 2016b, p. 7)

No recorte acima podemos perceber como, na visão de Freud, as regras sociais são estabelecidas. Para ele, o clã (grupo social) impõem tais regras e os pertencentes do grupo

precisam segui-las. Uma das regras primordiais é a de que não devemos matar os nossos pares e nem comer as suas carnes. Veja que essa regra é comum na maioria das sociedades, assim como é repúdio para a maioria dos povos o incesto (sexo entre pessoas pertencente à mesma família). Uma das características de igual importância que podemos apontar, ainda na citação acima, é a característica da dialética social, em que há a imitação dos pertencentes do clã como forma de manter viva a memória cultural deste clã. Assim, para Freud ([1912-1914], 2016b),

O totem pode ser herdado tanto pela linha feminina quanto pela masculina. É possível que originalmente o primeiro método de descendência predominasse em toda parte e só subseqüentemente fosse substituído pelo último. A relação de um australiano com seu totem é a base de todas as suas obrigações sociais: sobrepõe-se à sua filiação tribal e às suas relações consanguíneas. O totem não está vinculado a um determinado lugar. Os integrantes do clã distribuem-se por diferentes localidades e vivem pacificamente, lado a lado, com membros de outros clãs totêmicos.

Um ponto importante na noção do conceito de Totem é que o preceito de memória e herança do totem se sobressai a outras dialéticas sociais, inclusive, “filiação tribal e às suas relações consanguíneas”. Assim, para que algo nasça é preciso o seu antecessor morrer (metaforicamente). Além disso, a noção de totem é na perspectiva macro, e não está atrelada apenas ao grupo do mesmo clã, na verdade, há uma dialética maior do que apenas o lugar ou o clã, pois é possível haver uma relação pacífica entre diferentes clãs totêmicos. Aqui, temos a noção da pacificação entre os povos, que se sobressai apenas ao seu grupo e perpassa para a pluralidade dos povos e nações.

Lacan (1946, p.183),

O próprio desejo do homem constitui-se, diz-nos ele [Hegel], sob o signo da mediação: ele é desejo de fazer seu próprio desejo reconhecido. Ele tem por objeto um desejo, o do outro, no sentido de que o homem não tem objeto que se constitua para seu desejo sem alguma mediação, o que transparece em suas necessidades mais primitivas [...], e que encontramos em todo o desenvolvimento de sua satisfação, a partir do conflito do mestre/senhor e do escravo, através de toda a dialética do trabalho. Essa dialética, que é a do próprio ser do homem, deve realizar numa série de crises a síntese de sua particularidade e sua universalidade, chegando a universalizar essa particularidade mesma.

Dessa forma, para Lacan, o que o homem deseja está inserido nas suas vontades a partir dos significados impostos socialmente. Portanto até mesmo a sua individualidade parte da universalidade. Em outras palavras, os nossos desejos são reconhecidos a partir de outros desejos sociais que são colocados ora como atraentes para os nossos olhos, ora como necessários e urgentes para as nossas aquisições de consumo.

Um conceito forjado no rastro daquilo que opera para constituir o sujeito. O inconsciente não é uma espécie que defina na realidade psíquica o círculo daquilo que

não tem o atributo (ou a virtude) da consciência. Pode haver fenômenos que decorrem do inconsciente sob essas duas acepções: nem por isso elas deixam de continuar estranhas uma à outra. Não tem entre si nenhuma relação senão a de homonímia. O peso que conferimos à linguagem como causa do sujeito força-nos a precisar: a aberração floresce por reduzir o primeiro conceito indicado, ao aplicá-los aos fenômenos ad libitum registráveis na categoria homônima; restabelecer o conceito a partir desses fenômenos não é pensável. (LACAN, 1960b, p.844)

O inconsciente é definido por Lacan como uma cadeia de significante que, segundo Freud se repete, entretanto, para Lacan o sujeito está entre os significantes. “O significante é o que representa o sujeito para outro significante” (LACAN, 1960a, 833). O autor vai além dessa definição e completa que o sujeito está atrelado ao “efeito do significante”. Para ele, o sujeito produzido como efeito do Outro surge como reflexo do significante.

Outro exemplo, é que nós não paramos para pensar na fonte das nossas ansiedades, todas às vezes que as sentimos. Mas estas ansiedades, que nos perturbam, têm suas origens na nossa história que pode estar guardada em nosso inconsciente. É bem comum encontrarmos pessoas adotadas que possuem problemas para se relacionarem com os outros. Isso ocorre pelo trauma do abandono. A relação entre a mãe e o bebê é a relação prototípica para estabelecermos relacionamentos com as outras pessoas. Para Freud, temos chances de resolvermos nossos conflitos, mas, quando não são resolvidos, eles aparecem em nosso inconsciente e, para ele, por meio da palavra, podemos mediar e resolvê-los.

No prefácio da obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* nos é apresentado novos conceitos e substituições necessárias para Psicanálise “ao ler essas traduções, apenas precisarão fazer o pequeno esforço de substituir mentalmente "instinto" por "pulsão", "instintual" por "pulsional", "repressão" por "recalque", ou "Eu" por "ego" (FREUD [1856-1939], 2016a, p.13).” Conceitos, estes, que retomaremos no IV capítulo destinado *ao adolescente como ser psicanalítico*.

Nesse sentido, para Freud a pulsão está relacionada ao instinto, a vontade, ao desejo da saciedade, ela procurará caminhos para ser saciada. É nessa fase humana que se deparam com as descobertas sexuais, os desejos dos primeiros encontros com “parceiros”, sejam héteros ou não, para que possamos desvendar esse novo mundo que nos apresenta tão novo e tão instintivamente excitante. É nesse momento que, também, afloram conceitos psicanalíticos como recalque que nada mais é do que a repressão, que pode ser entendida, aqui, tanto como a repressão imposta no seio da família, com pais castradores, bem como as imposições sociais. Tais categorias se fazem bem presente na literatura.

Assim, para Freud (2009, p.16):

a existência de necessidades sexuais no ser humano e nos animais é expressa, na biologia, com a suposição de um "instinto sexual". Nisso faz-se analogia com o instinto de nutrição, a fome. A linguagem corrente não tem uma designação correspondente à palavra "fome". A ciência emprega o termo "libido".

Freud ainda (2009, p. 250-251) esclarece que:

Portanto, o conteúdo reprimido de uma ideia ou imagem pode abrir caminho até a consciência, sob a condição de ser negado. A negação é uma forma de tomar conhecimento do que foi reprimido, já é mesmo um levantamento da repressão, mas não, certamente, uma aceitação do reprimido.

Quando negamos algo, há certa tendência para isto. Nessa negação está a nossa verdade omitida ou dita de forma velada. Assim, “com ajuda da negação é anulada apenas uma consequência do processo de repressão, o fato de seu conteúdo ideativo não chegar à consciência. Daí resulta uma espécie de aceitação intelectual do reprimido, enquanto se mantém o essencial da repressão (*Idem*).” Nesse sentido, a repressão acaba por ser uma forma de negar o outro algo ou alguma coisa, no nosso caso, como vimos nos capítulos anteriores.

Para a mulher, ao longo do processo histórico da construção da sociedade, foram negados seus direitos, que hoje lhes são garantidos, mas que, naquela época, não lhe cabiam reivindicar, pois não eram legitimados para os padrões patriarcais, seja no período grego, ou até mesmo na burguesia, quando o papel da mulher foi reinventado e aos poucos sendo aprimorado para a nova estrutura que surgia.

Com efeito, essa repressão passou a ser retratada e reconsiderada na escrita, no primeiro momento, em cartas e gêneros intimistas que não eram publicados. Séculos após, a Literatura foi dando lugar a essa mulher que até outrora não poderia se expor, e vemos, a partir do século XIX, um novo modelo não apenas social, mas, sobretudo, novas configurações para o papel da mulher na sociedade. A elas era negado o direito de escolha dos seus maridos, de estudar, direitos mínimos sociais e subjetivos do humano, como por exemplo, o direito de sentir dor e prazer. A mulher era tida como mero objeto para reprodução, sendo o sexo apenas para esta função. Elas eram vigiadas e reprimidas no seu cotidiano, não só pela família, mas também pela sociedade e, sobretudo, pela Igreja Católica, que lhe imputam penas religiosas como forma de pagar pelos seus pecados.

A partir dos ditos de Freud pode-se justificar tal fato a partir do próprio desenvolvimento social que:

se impõe à humanidade torna necessárias as restrições e repressões dos impulsos sexuais, requerendo maior ou menor sacrifício conforme a constituição individual. É raro que o desenvolvimento ocorra sem problemas, e os distúrbios que se apresentam — devido à constituição individual ou a incidentes sexuais prematuros — deixam

alguma predisposição para futuras neuroses. Essas predisposições podem não ter efeito se a vida adulta transcorrer de modo tranquilo e satisfatório; mas se tornam patogênicas se as condições impedirem a satisfação da libido ou pedirem exageradamente a sua supressão. (FREUD, [1911-1913], 2010a, p. 207)

A mulher contemporânea mesmo ainda submetida a muitas repressões e imposições, já traçou um grande caminho de conquistas. Hoje, os direitos humanos concedem à mulher o direito de igualdade perante o homem. Apesar disso, ainda há muitas sociedades em que a mulher é inferiorizada e tem seus direitos negligenciados em nome da Cultura. É assim, por exemplo, em países do Oriente Médio em que mulheres usam burcas, meninas são obrigadas a se casarem com homens as quais, em muitos casos, devido ao pouco desenvolvimento do seu corpo, acaba falecendo nas noites de núpcias. Estes fatos não são vistos no Ocidente, já que desse lado, do hemisfério, as leis e os direitos humanos já foram evoluídos para a igualdade entre os sexos, além das garantias para a criança e adolescente, como ser em construção.

É fato, porém, que mesmo com tais avanços ainda há relações abusivas e repressões sociais que deixam nas meninas e nas adolescentes sérias sequelas na fase adulta, que podem ser desenvolvidas em algo de menor impacto à saúde mental e física, ou algo mais grave como neuroses e patologias devido aos desejos reprimidos. É fato, também, que, conforme postula Freud (2010a) acerca do conceito de transferências, a repressão das pulsões/ instintos podem acarretar a transferência por parte do sujeito desse desejo reprimido para outro objeto, de forma inconsciente. Assim, como “o sonho é a realização disfarçada de um desejo reprimido”. A interpretação dos sonhos tem como objetivo a eliminação do disfarce que sofreram os pensamentos do sonhador (FREUD [1911-1913], 2010a, p.208). Nesse sentido, o “mecanismo da transferência é explicado se o referimos à prontidão da libido, que permaneceu de posse de imagos infantis; mas só chegamos ao esclarecimento de seu papel na terapia se abordamos os seus vínculos com a resistência” (*Id.*, p.104). A teoria de Lacan aborda a negação da “consciência como essencial ao sujeito”, uma vez que ele a coloca como “acentuação enganosa da transparência do Eu (id)”.

Conforme Freud, o ser humano, de acordo com a sua infância e as experiências vividas nela, será condicionado para a sua vida amorosa, para suas pulsões, para ele:

isto é, as condições que estabelece para o amor, os instintos que satisfaz então, os objetivos que se coloca. Outra parte desses impulsos libidinais foi detida em seu desenvolvimento, está separada tanto da personalidade consciente como da realidade, pôde expandir-se apenas na fantasia ou permaneceu de todo no inconsciente, de forma que é desconhecida para a consciência da personalidade. (FREUD, [1911-1913], 2010a, p.101)

Nesse sentido, no processo de transferência, o sujeito tende a transferir para “outro objeto” o desejo, o anseio que foi reprimido, assim, a transferência passa a ser uma forma de ele resistir à repressão dos seus instintos, uma forma de negar o não desejo. Mesmo que de forma consciente o sujeito negue, este ímpeto de transferir, de forma inconsciente vai de encontro a saciar “a sua fome”, o seu desejo. Assim, mesmo de forma resistente, quando ele direciona o seu afeto para outro objeto, ele transfere seu desejo para aquele novo objeto, como forma de saciar o primeiro objeto do desejo. Para Freud, uma relação de terno e dedicado afeto pode, pelo contrário, ajudar a vencer todas as dificuldades da admissão. Em condições reais análogas, costuma-se dizer: “Na sua frente não me envergonho, a você posso falar tudo” (*Id.*, p. 105).

A escrita do diário surge como um processo de transferência na criação do vínculo criado entre o sujeito que escreve e o diário e, da mesma forma, surge como uma terapia, a escrita passa a ser o meio em que o sujeito usa a fala para se confessar “ao seu médico”, amigo, o diário. O sujeito que se expõe por meio das palavras, na verdade, usa aquele momento como divã para contar suas necessidades ao seu psicanalista: o diário, que apenas lhe houve, de forma a não lhe imputar penas, não reprimir os seus impulsos, por mais fora dos padrões sociais que estejam. Ali ele pode colocar o seu Id, o seu universo interior de forma externada sem que haja castrações.

A literatura, como representação da realidade, nem sempre o é, pois traz, em suas páginas, escritas por um Eu inconsciente, muitas das suas fantasias que não são reais, são idealizações de desejos que o Eu acredita e anseia, então há um misto entre fatos reais e fictícios, com personagens reais ou não, criações e delírios de um Eu que precisa de alguma forma se expor e usa a escrita como este meio.

Assim, Bellemin-Noel (1978) ao definir Literatura diz que é

por ela que tomamos consciência de nossa humanidade, que pensa, que fala. [...] a fala informam-nos, a escrita forma-nos. E deforma-nos necessariamente, já que o que foi escrito nos vem de outro lugar, longe ou perto na ausência, de um outro tempo, de outrora, ou de há pouco: nunca daqui, ou de ali, onde o falar é suficiente (1978, p. 12)

Para este autor a literatura tem uma forma peculiar plural e particular de usar as palavras do dia a dia, de maneira prazerosa e ao mesmo tempo imprevisível. Não é possível ler apenas de um único prisma, com um único significado, pois a literatura é plural, e nem sempre será real, em suas palavras que tocam o Eu do leitor, que mergulha em suas leituras, estão imersas lágrimas de dor, e produzem suspiros de prazer que nem sempre são reais, são reflexos de um Eu que idealiza, que deseja, que tem instintos e que se deixa viajar por meio das palavras de

forma inconsciente ou não. Portanto, “se o sentido excede o texto, existe falta de consciência em alguma parte (BELLEMIN-NOEL, 1978, p.13). Aí está a égide da Literatura pelo viés da psicanálise, de entender esse Eu que se reflete e refrata por meio da sua essência e da linguagem escrita.

Para Compagnon (2001, p. 34) “o critério de valor que inclui um texto não é, em si mesmo, literário nem teórico, mas ético, social e ideológico, de qualquer forma extralinguístico”. Nesse sentido, Compagnon comunga com Cândido, Freud e Bakhtin em conceber o texto, o dito como além do que está impresso ou falado, já que não é só o que está ali, mas é o extralinguístico, no dizer, de Bakhtin e Freud, inclusive, no que foi omitido, podendo ser consciente ou não.

No próximo tópico trataremos sobre a subversão da Psicanálise, em que Freud buscou conceitos cristalizados na sociedade e na Literatura para edificar a Psicanálise a partir da tragédia de Édipo Rei, consagrado texto literário de Sófocles, do mundo greco-latino.

3.1 A SUBVERSÃO PSICANALÍTICA: DA LITERATURA À PSICANÁLISE

Introduzir a Psicanálise como ciência significa dizer que Freud ousou tentar descobrir os segredos humanos mais escondidos, buscando compreender comportamentos, inquietações da nossa subjetividade. Dessa forma, a psicanálise nasceu da área de convergência entre muitas áreas do conhecimento tais como: medicina, neurologia, filosofia e psiquiatria. Seu maior objetivo era compreender os fenômenos da mente. Freud é contemporâneo ao Iluminismo, trazendo consigo tudo o que essa corrente propõe. Apesar disso, sua formação foi em uma escola de medicina alemã que tinha princípios “fiscalista e mecanicista”.¹⁵

Assim,

No início, o movimento psicanalítico mostrou com experiências que era mais fácil penetrar nos mistérios do neurótico do que repelir os preconceitos triunfantes dos conventículos científicos e mundanos. As censuras da ideologia tinham mais eficácia e determinação do que o recai que no interior de cada indivíduo. (BELLEMIN-NOEL, 2003, p.11)

Com a Psicanálise, Freud busca compreender a subjetividade humana, trazendo à tona a teoria do inconsciente que, de forma singular, busca compreender as nuances humana por meio do inconsciente. Por outro lado, para ele, “sofremos de reminiscências que se curam

¹⁵ Conceito abstraído do artigo: CORDEIRO, Ewerton Fernandes. O inconsciente em Freud. In: Portal da Psicologia. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0745.pdf>.

lembrando” (FREUD, 1895). O método psicanalítico de Freud trata-se da “cura pela palavra”, ou seja, o paciente ao se expor para o outro (psicanalista) se reconhece em suas limitações e busca no inconsciente o consciente. Dito de outra maneira, o inconsciente freudiano é o consciente psicanalítico. Para ele, o consciente ressurge do inconsciente, sendo que:

A descoberta do inconsciente questiona o conhecimento que temos do psiquismo humano, conhecimento do qual vivemos a cada minuto. O que se escreveu e se escreve ainda, aquilo que leu, tudo é trabalhado, sem que eu saiba, por energias fabulosas (e fabuladoras): o que acontece com minha leitura hoje? Por outro lado, a psicanálise opera sobre a linguagem, fator de verdade e alienação nas relações entre pessoas e no próprio interior da pessoa: o que me ensina ela sobre este lugar de exercício privilegiado da linguagem que é o conjunto da literatura, onde a realidade secreta do indivíduo se exprime melhor que em outra parte? Ei saí perguntas verossímeis. A finalidade da investigação torna-se então esta: descrever os princípios e o leque de meios que a psicanálise colocou à nossa disposição para nos permitir ler melhor a literatura. Teremos, pois, de explorar não somente na sua diversificação. (BELLEMIN-NOEL, 2003, p. 13)

Embora Freud tenha formulado teorias sobre a psique humana, não encontramos em sua vasta obra a noção de sujeito e de ideologia. A menos que estes conceitos estejam associados à noção da Cultura, segundo este autor, a cultura é ditada por meio de estereótipos e tabus que moldam a sociedade. Sendo assim, tanto o sujeito como a ideologia e tantos outros aspectos sociais que podem ser absorvidos da obra freudiana, a partir do que ele traz sobre a cultura. Dito isso, em *Totem e Tabu* (1914) temos a explicação sobre o que ele denomina de “aspectos culturais”¹⁶. Para ele, o Totem é:

[...]Via de regra é um animal (comível e inofensivo, ou perigoso e temido) e mais raramente um vegetal ou um fenômeno natural (como a chuva ou a água), que mantém relação peculiar com todo o clã. Em primeiro lugar, o totem é o antepassado comum do clã; ao mesmo tempo, é o seu espírito guardião e auxiliar, que lhe envia oráculos, e embora perigoso para os outros, reconhece e poupa os seus próprios filhos. (FREUD, [1912-1914], 2016b, p.5)

Aqui, temos a primeira premissa de Freud, correlacionando com o mito de Édipo. No recorte acima podemos perceber como, na visão de Freud, as regras sociais são estabelecidas. Para ele, o clã (grupo social) impõe tais regras e os pertencentes do grupo precisam segui-las. Uma das regras primordiais é a de que não devemos matar os nossos pares e nem comer as suas carnes. Como já mencionado, essa regra é comum na maioria das sociedades, assim como é repúdio para a maioria dos povos o incesto (sexo entre pessoas pertencente à mesma família). Uma das características de igual importância que podemos apontar, ainda na citação acima, é a

¹⁶ Estes aspectos são mostrados por meio dos tabus ao longo da obra, e é exatamente nessa premissa que alicerçamos a tragédia de Édipo como uma das manifestações dos tabus apreciados por Freud quando ele estipulou o complexo de Édipo, na Psicanálise.

característica da dialética social, em que há a imitação dos pertencentes do clã como forma de manter viva a memória cultural deste clã.

Agregadas às discussões sobre o totem ressaltamos a importância da linguagem e da palavra para a Psicanálise, uma vez que estas são de bastante relevância não apenas no período que antecedeu a escrita, quando a oralidade era usada como forma de expressar a palavra em todos os meios sociais, em especial, na Literatura por meio das tragédias, comédias e encenações teatrais. Da mesma forma, sua relevância foi expandida com o advento da escrita, e, conseqüentemente, expansão cultural. Assim, na mesma época em que nascia a Psicanálise surgiam outras discussões na busca de se entender características humanas, sobretudo, como o homem se expressava por meio da linguagem e como este consciente aflora. Na verdade, em Freud encontramos que mesmo inconscientemente agimos. Assim, Freud alicerça os pilares da Psicanálise a partir de conceitos já cristalizados como o tabu do incesto e do conceito basilar do inconsciente. Para isso, ele traz à Psicanálise o mito de Édipo e a força do inconsciente que o fez ir de encontro a sua profecia do incesto, que é um outro grande tabu social.

A tragédia foi um dos gêneros mais explorados no período antigo, dividindo espaço com a comédia. Ambas foram as formas literárias mais consagradas pelo povo grego. Desse modo, foi por meio desses dois gêneros que a literatura tomou corpo e resistiu durante todo o período clássico, especialmente, no século V a.C. Embora Aristóteles tenha escrito a *Arte Poética*, obra que fala sobre a estrutura da tragédia, ele não teve a oportunidade de contemplar uma peça teatral, em sua real origem de sacralidade, uma vez que, no seu tempo, já haviam perdido este sentido. Para desvendarmos as peculiaridades da tragédia, iremos nos deter à obra *Arte Poética* de Aristóteles (2017). Para ele,

O agente primeiro das mimeses é, para Aristóteles, o poeta, ou seja, aquele que elabora a releitura dos antigos mitos da civilização grega e que, do caso do poeta trágico seria capaz de produzir, por meio dessa releitura mimética, um efeito catártico, fruto da manipulação de emoções precisas que nos levariam à depuração (*kátharsis*) do pavor e da compaixão evocados. (ARISTÓTELES, 2017, p.8/9)

Portanto, a tragédia, “tão criativa quanto imitativa” (ARISTÓTELES, 2017, p.9), retoma um acontecimento sob a visão do seu tragediógrafo, que dá uma nova roupagem a um acontecimento, a partir do seu olhar e da sua arte. Além disso, como postulado, na introdução do texto aristotélico “a tragédia é o apogeu das manifestações poéticas do seu tempo” (p.11). Embora ela tenha dividido o cenário com a comédia, a tragédia é uma mistura de elementos artísticos que vão desde a música ao teatro, com todos os elementos da encenação e da oralidade que contemplam os atores, a produção do cenário e a encenação do espetáculo. Assim, para

Aristóteles, um dos pontos importantes é a condição do poeta, ou seja, o modo como ele tece o enredo (*mýthos*), uma vez que “a atividade do poeta é pensada, sobretudo, a partir da noção da trama (composição) dos fatos (acontecimentos), construindo toda a narrativa de maneira a conceber todas as características, dessa forma, é possível absorver dos escritos de Aristóteles uma *tékhne*

Não apenas como um conjunto de regras a ser seguido pelo autor mimético, mas também como um sistema de divisão, que contempla o número de partes envolvidas no processo de criação, e de valorização, que permite determinar o grau de importância das partes envolvidas no processo. Assim, na verdade, a *tékhne* é a atividade que permitiu a distinção entre o homem e o animal selvagem (ARISTOTELES, 2017, p.12)

Um dos pontos importantes da tragédia, para a nossa discussão, é a condição do herói trágico, uma vez que esta categoria, na tragédia, está imersa em um enredo trágico, sendo o protagonista da sua própria derrocada. Os heróis clássicos são acompanhados pelos deuses, tanto para o bem, quanto para o mal. O herói problemático surge embrionariamente na tragédia. Além disso, é na tragédia que temos o retrato das famílias e das inadequações do herói, com os preceitos que está em sua sociedade. Neste período da história, já temos o homem como produto do meio, com suas problemáticas e, sobretudo, sendo humano. Dessa forma, o mito neste período, nada mais é do que reflexo do meio, tendo, assim, um valor específico para a sociedade. Já em Platão temos o mito como alegoria, tendo como base o sagrado e o religioso.

No início, a tragédia era realizada semelhante à sátira, mais associada à dança. A partir do incremento com o diálogo, foram necessárias adaptações, em sua estrutura, de modo que passasse a uma forma mais apropriada para a oralidade. Embora a epopeia seja semelhante à tragédia, ela se diferencia na métrica e na consistência de sua narrativa uniforme, enquanto, na tragédia, há um espaço de tempo curto, que não passa de “um período de sol”, ou excede minimamente a este período. Já em oposição a este curto período temporal, a epopeia não possui delimitação. Embora esse tempo na tragédia seja minimamente excedido a um dia de sol, em sua origem, assim, como na epopeia não havia limitações.

Já no que tange à estrutura há partes comuns aos dois gêneros, porém, há partes constitutivas que pertencem apenas à tragédia. Ademais, há partes da epopeia que podem conter na tragédia, mas inversamente, não é possível. Assim,

A tragédia é uma ação de caráter elevado, completa e de certa extensão, com cada uma das espécies de ornamentos distintamente distribuídas em partes, com a mimese que se efetua por meio de ações dramatizadas e não por meio de uma narração, e que, em função da compaixão e do pavor, realiza a catarse e tais emoções (ARISTOTELES, 2017, p.73)

Embora haja seis partes na tragédia, na *Arte Poética* há a ênfase na importância da trama dos fatos, uma vez que a tragédia é a mimese, não do homem, mas das ações e da vida. Porquanto, “sem ação não poderia haver tragédia, mas sem poderia havê-la se caráter (ARISTÓTELES, 2017, p.81)”. Assim, Aristóteles postula que o infortúnio está para a tragédia, da mesma forma, que este também está para o herói trágico, como é o caso do Édipo *Rei*, objeto de nossas análises. Para Aristóteles há diferença entre a ação, que determina o destino do herói, e a qualidade do seu caráter.

Na tragédia a ironia se apresenta “no estudo do isolamento trágico em si, e, por meio disso, abandona o elemento do caso especial” que está nos demais modos apresentados por Frye. O herói trágico acaba sendo isolado no seu meio pelo erro cometido. É importante salientar que este erro está profundamente relacionado ao *ethos*, uma vez que o infortúnio do herói paira sobre a escolha realizada dele. Esta escolha está, paradoxalmente, oposta ao que ele crê ter feito. Quando pensou estar fugindo do oráculo que lhe declarava o parricídio e o incesto, Édipo apenas ia mais ainda ao encontro dele.

Neste sentido, o herói não é colocado como vítima, mas como responsável pelo erro, em função das suas escolhas. Ironicamente, na tragédia, não temos a possibilidade de o herói ser punido por algo que não cometeu, tendo em vista que a ironia basilar está no desdobramento do enredo em consequência de uma escolha que vai de encontro à moral deste herói. Dessa forma, para Frye (2014, p.146) “as ficções, podem ser classificadas não moralmente, mas pelo poder da ação do herói”, uma vez que ela é a condutora da tragédia encenada.

Em Frye (2006, p.145), “as funções, portanto, podem ser classificadas não moralmente, mas pelo poder de ação do herói, que pode ser maior do que o nosso, menor ou aproximadamente o mesmo.” É possível, então, contrastar dois modelos de heróis: Jesus Cristo, colocado como modo *mimético baixo*, e Édipo, *mimético elevado*. Ambos configurados como heróis, mas com características distintas. O Édipo, que será analisado, posteriormente, como herói trágico, enquadra-se pela teoria dos modos como *mimético elevado*, uma vez que, ele é superior ao homem em grau, mas está submisso ao seu ambiente. “ele possui autoridade, paixões e faculdades de expressão muito maiores que as nossas, mas o que faz está sujeito tanto à crítica social, como a ordem da natureza (FRYE, 2006, p. 146).

É importante considerar que a tragédia é “uma ação de caráter elevado, completa e de certa extensão” (ARISTÓTELES, 2017, p. 71), além disso, “esta mimese se efetua por meio das ações dramatizadas e não por meio de uma narração, e que, em função da compaixão e do pavor, realiza a catarse de tais emoções” (ARISTÓTELES, 2017, p. 73). É pelo caráter que podemos reconhecer as qualidades dos personagens, que, no caso, é o herói trágico.

Frye (2014) aponta que:

O evento peculiar chamado de tragédia que ocorre com o herói trágico não depende de seu status moral. Se isso estiver correlacionado com algo que ele fez, como geralmente está, a tragédia repousa na inevitabilidade das consequências do ato, não em sua significância moral como ato. Daí o paradoxo de que, na tragédia, piedade e temor são criados e expulsos. (FRYE, 2014, p.151)

Nessa citação de Frye (2014), temos o que situamos como “piedade” e “comoção”, não do ato em si, mas da situação em sua totalidade, uma vez que o resultado era algo inevitável, mesmo que Édipo tenha tentado fugir da profecia do incesto e do parricídio, ambos foram inevitáveis. Neste caso, ele, na condição de herói trágico, apenas cumpriu o que já estava previsto, como destino, como inevitável. Assim, fugindo do destino, na verdade, foi de encontro ao que ele mais temia. Assim, no caráter do herói e nas suas disposições morais, está essa força transcendental da insolubilidade do ato. O herói trágico é uma reiterada tentativa de evitar o inevitável.

Dessa forma, com a chegada da filosofia, desse novo homem e de novos conceitos, o homem helenista foi transfigurado, passou a ter novos valores e novas metas. Muito disso foi possível com a chegada da escrita e com o avanço da sociedade. Já para outros historiadores foi o cristianismo que banuiu a tragédia, por entender que a redenção do herói, não estava no reconhecimento e na derrocada, mas no arrependimento e na redenção pela graça. Para outros estudiosos, um grande exemplo da tragédia é a narrativa de Jesus Cristo que, até hoje, se perpetua entre os cristãos. Nessa narrativa, a comoção popular e o drama de Jesus Cristo são perpetuados, pelo seu drama e martírio não deixando espaço, para mais outras tragédias. De acordo com a teoria dos modos, Jesus Cristo se enquadraria no modo *mimético baixo*, uma vez que ele não é superior nem aos homens, nem ao seu ambiente, ele aparece como humano, como igual a nós.

Para Frye (2006, p150) é a “a ficção da queda de um líder (ele tem que cair porque é a única forma pela qual um líder pode ser isolado de sua sociedade), mescla o heroico com o irônico. Para este autor a tragédia “é um fato moral e social”, por isso que é oriunda de acontecimentos de alguma família, como bem pontua Aristóteles (2005, p.125)

Assim, para Frye (2006), a tragédia está entre o divino e o humano em demasia, estando de forma paradoxal, porém antagônicas, uma vez que esta ironia está posicionada de modo que gere, em quem assiste à peça, ou quem escuta a obra, de maneira a “deslocar as emoções tanto para o medo quando para a piedade. Ao tomarmos a palavra “medo” para abordar o herói, estamos colocando-o como submissos ao divino, passível de ser castigado, e impossibilitado de

fugir do seu destino. No caso de Édipo, o seu medo de cometer o incesto e o parricídio não o anulou de ir de encontro a ele, cumprindo assim o que estava previsto. De forma irônica, ele é colocado como alheio aos fatos, mostrando-se cego aos fatos, até a sua derrocada.

Já em Lukács (2000, p.33) “o herói na tragédia sucede ao homem vivo de Homero, e o explica e o transfigura justamente pelo fato de tomar-lhe a tocha bruxuleante e inflamá-la com brilho renovado”. Ao colocar o herói trágico em oposição ao homem de Platão, Lukács assevera que este “novo homem é sábio” e, por este motivo, desmascara o “herói” de modo a “transfigurá-lo” (LUKÁCS, 2000, p.33). Lukács coloca este homem sábio, como

Último tipo humano, e seu mundo é a última configuração paradigmática da vida que foi o espírito grego. A elucidação das questões platônicas não rendeu novos frutos: o mundo tornou-se grego no correr dos tempos, mas o espírito grego, nesse sentido, cada vez, menos grego. (LUKÁCS, 2000, p.33)

Neste novo mundo, em que o homem é sábio, ser homem significa ser solitário, no interior humano não há mais tantas repostas, como no helenismo. Agora, o que temos é o mundo exterior nos guiando para o passo seguinte. A arte não é mais uma cópia, apenas uma mimese, como postulada Aristóteles, a arte agora, para Lukács é “realidade visionária do mundo que nos é adequado, tornou-se, assim, independente: ela não é uma cópia, pois todos os modelos desapareceram; é uma totalidade criada” (LUKÁCS, 2000, p.34)

Não há dúvida de que as relações sociais bem como a relação do homem consigo mesmo modificaram muitos dos conceitos e dos valores da sociedade grega, sobretudo, o conceito de vida e do divino foram alterados. Concordar ou não com a teoria que o cristianismo foi o responsável por banir a tragédia, não é a nossa tarefa, mas, sim, a de reafirmar que ele superou a importância da tragédia e do mito, uma vez que reverberou e vem se consolidando e ressonando em diversas outras sociedades, sejam ocidentais e /ou orientais.

A tragédia é uma das mais genuínas criações dos gregos que chegaram até nós, mas não com a mesma força que para eles tinha. Aristóteles (2017) aponta que:

Com efeito, é preciso compor o enredo de tal modo que, mesmo sem assistir, aquele que escuta o desenrolar dos acontecimentos efetuados possa ser tomado pelo pavor e pelo compadecimento, como ocorrerá com todo aqueles que for afetado pela escrita do Édipo. (ARISTÓTELOS, 2017, p.118/119)

Para Freud o inconsciente não representa um lugar “anatômico, mas como lugar um psíquico, com conteúdos e mecanismos”. Para ele, o inconsciente só pode existir por meio da consciência e da pré-consciência. Por este motivo que Freud opta pela versão de Sófocles da Tragédia de *Édipo Rei*, uma vez que nessa versão, o herói age o tempo todo inconscientemente,

porém em função dos seus instintos que estão conscientes. Para entendermos melhor, o dicionário de Psicanálise nos mostra que:

A partir de então seria preciso conceber, ao lado do consciente, dois tipos de inconsciente, ambos inconscientes no sentido descritivo, porém muito diferentes quanto à sua dinâmica e quanto ao futuro de seus conteúdos: os do inconsciente propriamente dito nunca poderiam chegar à consciência, ao passo que os conteúdos do outro, por isso denominado de pré-consciente, podiam atingi-la sob certas condições, em especial após o controle de uma espécie de censura. (ROUDINESCO, 1994)

Dito de outra maneira, o inconsciente, como dizia Freud, é necessário, pois existem lacunas na consciência. Dessa forma, Freud traça o conceito do inconsciente, mas não aborda a noção de sujeito e nem do discurso, conceitos estes abordados na Psicanálise por Lacan. Para ambos os teóricos psicanalíticos, em suas obras, podemos desprender que o sujeito se “constitui e não nasce pronto”.

Para Freud, a ideia da existência de uma criança já é suficiente para ela existir, pois já existe o desejo, dos seus pais, ela pode não existir na maneira carnal, viva, mas a vontade, o desejo de outros sujeitos já é suficiente para esta criança existir na psicanálise. Em outras palavras, na tragédia *Édipo Rei*, mesmo antes do nascimento de Édipo ele já existia, não apenas na vontade dos seus pais de estabelecer sua prole, mas na profecia do oráculo. Assim, ele veio apenas para cumprir o que já era posto.

Dessa forma, pelo simples fato do desejo, a criança já existe, já está concebida no campo dos desejos de Freud, assim, Édipo apenas cumpriu o seu destino, que por sua vez foi tocado pela maldição dos Labdácidas, que já existia muito antes de Laios (pai de Édipo). Ele já vem marcado por uma origem amaldiçoada, e, da mesma forma, seus filhos também estarão amaldiçoados.

A teoria de Freud acredita que nossa história de vida nos constitui e, inclusive, nossos traumas na infância, principalmente, são fontes dos nossos problemas de hoje. Tudo o que se vive é registrado pelo cérebro, mas não recordamos tudo, parte disso é guardada no inconsciente. Por este inconsciente podem eclodir situações que são retratadas de formas positivas ou negativas

Se o sentido excede o texto, existe falta de consciência em alguma parte. O fato literário só vive de receptor em si uma parte de inconsciência, ou de inconsciente. A tarefa que desde sempre a crítica literária se atribuiu consiste em revelar esta falta ou este excesso. Em suma, já que a literatura carrega nos seus flancos o não-consciente e já que a psicanálise traz uma teoria daquilo que escapa ao consciente, somos tentados a aproximá-las até confundi-las. (BELLEMIN-NOEL, 2003, p.13)

Concorda-se com o autor que todo texto é inacabado, é dialético com o meio que ele foi escrito, e, sobretudo, com a consciência e a inconsciência, com o dito e o que não foi dito. Na Literatura, nem tudo que foi dito é essencialmente verdade e nem tampouco apenas fictício. Há uma constante interação entre o sujeito, seu consciente e inconsciente. Por este motivo, é frutífero buscar a compreensão humana a partir de suas marcas textuais, investigando como os sujeitos se colocam em determinados textos, especialmente, em textos que são caracterizados pela subjetividade e marcas pessoais em que subjazem as impressões deixadas em suas escritas, como por exemplo: cartas pessoais, diários pessoais, autobiografias etc. Nesses textos, podemos abstrair situações pessoais que demarcam as sensações e subjetividades humanas a partir da óptica do Eu que escreve, como ele pensa o seu cotidiano, suas frustrações, suas inquietudes, seus anseios, e por que não dizer seus amores? Neste sentido,

A doutrina psicanalítica apresenta-se de maneira quase análoga: um aparelho de conceitos quer constroem o psiquismo profundo, e modelos de decifração. Se o corpo dos textos e o instrumental teórico pertencem a ordens diferentes da realidade (um material contra instrumentos de investigação), é preciso não perder de vista que a visão do mundo das belas-letas e a marcação dos efeitos do inconsciente funcionam do mesmo modo: são duas espécies de interpretação, maneiras de ler, digamos leituras. (BELLEMIN-NOEL, 2003, p. 13)

O ser humano, como sujeito psicanalítico, se insere em um contexto social recheado de situações adversas, marcado pela sua própria essência humana, mas, sobretudo, pelo que lhe cerca. Nesse sentido, trazemos a importância de se refletir a Psicanálise pela óptica da mitologia grega, em que o mito de Édipo constitui uma importante tragédia grega, escrita por volta de 427 a.C. Nessas narrativas os telespectadores presenciavam textos que tinham um cunho moral, como forma de educação, de mostrar por meio da Literatura os preceitos e a moral de uma sociedade que impõe regras e tabus, e que, aqueles que vão de encontro a isso, são castigados e condenados a um triste fim, como foi o caso de Édipo que mesmo sendo rei, poderoso, foi condenado ao exílio, mesmo que suas ações tenham sido inconscientes, paga-se pelo fato de ter ido de encontro a um tabu, embora seja em consequência do destino. Ele se reconhece como culpado, e conscientemente se pune por ter agido de forma inconsciente. Esse saber inconsciente em agir, indo para a consumação do ato, o faz ser um herói trágico.

Para Freud, a tragédia grega, em *Édipo Rei*, traz:

Nele é ainda o herói que comete o crime. Mas sem atenuação e ocultamento não é possível a elaboração poética. A admissão crua da intenção do parricídio, tal como a obtemos na análise, parece intolerável sem preparação analítica. No drama grego, a necessária mitigação é magistralmente produzida, mantendo-se as circunstâncias do crime, ao se projetar na realidade o motivo inconsciente do herói, como coação do

destino que lhe é alheia. O herói realiza o ato sem intenção, e aparentemente não influenciado pela mulher, mas esse nexó é considerado quando, após repetir o ato com o monstro, que simboliza o pai, ele consegue obter a mãe rainha. Depois que sua culpa é descoberta, tornada consciente, não há tentativa de afastá-la de si, invocando a construção auxiliar da compulsão do destino; ela é, isto sim, reconhecida e castigada como uma plena culpa consciente, o que deve parecer injusto à reflexão, mas é perfeitamente correto em termos psicológicos. (FREUD, [1912-1914], 2016b, p.287)

Pela citação percebe-se que Édipo agiu conforme o seu destino o de ser parricida, uma vez que o destino dele, a sua fome, o instinto era de tomar o lugar do seu pai, de forma inconsciente o destino foi cumprido, mesmo que “o ato tenha sido realizado sem a intenção, e aparentemente, não influenciado pela mulher”, ele desposou sua própria mãe e assumiu o lugar do pai, como Rei de Tebas, salvando a cidade do enigma da Esfinge. Assim, quando ele descobre a realidade dos fatos, não se omite, e se pune, castigando-se pelo parricida e por ter matado o rei de Tebas. Ele deixa claro o quanto temia o cumprimento do oráculo e abandonou a sua mãe para que não se cumprisse a profecia, porém nesse instante ele estava indo inconscientemente para a realização da sua primeira “fome”, a pulsão, o instinto em desposar a sua mãe e ocupar o lugar do seu pai.

Para a conceituação psicanalítica sobre o Édipo, Freud explica, em *Totem e Tabu* que:

Entre as imagens de uma infância que geralmente não mais se conserva na memória, nenhuma é mais importante, para um jovem ou um homem, do que a de seu pai. A necessidade orgânica introduziu nessa relação uma ambivalência afetiva que encontramos expressa do modo mais comóvente no mito grego de Édipo. O garoto pequeno tem de amar e admirar seu pai, que lhe parece o mais forte, o melhor e mais sábio dos seres; o próprio Deus é uma elevação dessa imagem do pai, tal como ela se apresenta na psique infantil. Mas logo aparece o outro lado desse relacionamento afetivo. O pai é também percebido como o poderoso perturbador da vida instintual, torna-se o modelo que não apenas se quer imitar, mas também liquidar, a fim de lhe tomar o lugar. O impulso afetivo e o hostil em relação ao pai persistem lado a lado, muitas vezes por toda a vida, sem que um elimine o outro. Nessa coexistência de opostos se acha o caráter disso que denominamos ambivalência emocional. (FREUD [1912-1914], 2016b, p. 305)

Na primeira infância o menino vê o pai como seu herói, onipotente e onipresente, para a criança o pai está acima de tudo e de todos, é o que tem as maiores e melhores habilidades. Da mesma forma, essa criança enxerga o pai como um rival em relação ao afeto com a mãe, a criança duela com o seu oponente, querendo ser ele, e ao mesmo tempo querendo extingui-lo, para que assim, tenha o seu objeto desejado só para ele: a mãe. Mais tarde, quando a criança vai à escola passa a conviver com outras pessoas, então ela conhece novos heróis, novos personagens e enxerga que o seu pai, não era o único ser que tudo sabia e tudo podia. Nesse momento, há a transferência para os professores, do que ela, a criança achava do modelo ideal do pai, que então ele descobre que não existia, também transfere para os novos amigos da escola, o afeto dos irmãos, por exemplo. É nesse novo momento que o adolescente passa a ter

conflitos com o seu pai, como forma de negar o prazer, pelo desprazer de ser filho do falso herói.

Para Laplanche (1988, p.63) a castração representa uma ameaça vital para o menino. Assim, “no caso da posição masculina (o Édipo direto), a castração é a consequência dessa posição masculina”, ou seja, da rivalidade com o pai, em querer assumir o seu lugar.

Já em relação à figura feminina o lugar do desejo se dá pelo complexo da castração, o fato de ela não ter o pênis. Nas palavras de Laplanche (1988, p.63) “é preciso a criança assumir a condição de ter sido castrada”. No volume XIX da obra de Freud, ele traz o tema: “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica dos sexos”, texto de 1920-1925. Nesta obra, ele traça seu pensamento sobre a sexualidade feminina. Não nos deteremos a este tópico, pois ele será abordado no capítulo destinado à construção psicanalítica do adolescente contudo, nos restringiremos a mencionar a castração feminina a partir da óptica da ausência do pênis. Como explicado por Freud,

Há um grande número de fenômenos ligados à expressão corporal e à linguagem, e também processos de pensamento — tanto em pessoas normais como doentes —, que até agora não foram objeto da psicologia, porque foram vistos apenas como resultados de transtorno orgânico ou de anormal deficiência nas funções do aparelho psíquico. Refiro-me aos atos falhos (lapsos verbais e de escrita, esquecimentos etc.), às ações casuais e sonhos dos indivíduos normais e aos ataques convulsivos, delírios, visões, ideias e ações obsessivas dos neuróticos. (FREUD, [1912-1914], 2016b, p.240)

Assim, como explica Freud, há espaços vazios, nos lapsos de memória, também chamados de ato falho, que explica muito sobre o porquê, e como esses esquecimentos acontecem. Somos resultados de um todo significativo em que a linguagem se faz presente, em nossa constituição. Segundo, Freud:

Os atos falhos, o esquecimento de nomes e palavras normalmente familiares ou de algo que se pretendia fazer, os lapsos verbais, de escrita ou de leitura, pôr objetos em locais inabitais e depois não encontrá-los, perder objetos, cometer certos erros contrários ao nosso julgamento, vários gestos e movimentos habituais — todas as coisas que qualifico de atos falhos das pessoas sadias e normais — foram geralmente pouco apreciados pela psicologia, foram classificados de “distrações” e atribuídos ao cansaço, a desvios de atenção, a efeitos secundários de alguns leves estados doentios. Mas a investigação psicanalítica mostra, com uma certeza que satisfaz todas as exigências, que esses últimos fatores valem apenas como facilitadores que podem não estar presentes. Os atos falhos são fenômenos psíquicos plenos e são sempre dotados de significado e tendência. Eles servem a determinadas intenções, que devido à situação psicológica do momento não podem se expressar de outra forma. (FREUD, [1912-1914], 2016b, p.240)

Até as nossas reações e movimentos corporais dizem muito, falamos de um lugar social, que mesmo inconscientemente fala e age na linguagem e por meio dela. Sendo assim, os fenômenos ligados à mente, à nossa psique, estão condicionados, com o ser como um todo, com

toda a sua história e sua essência, reverberando e eclodindo em novas situações que tem como origem situações anteriores, que podem remontar, inclusive, em fatos que não recordamos na mais tenra infância. O não ter afeição por algo ou alguém, pode significar situações de desprazer já vivenciadas em relação a esta pessoa ou a este objeto, que o consciente trata de apagar da memória, mas fica de forma inconsciente e o sujeito continua respondendo de forma negativa, quando colocado em contato com a causa principal do desafeto ou do desprazer. Assim, não é por acaso que tomamos determinadas reações, ou agimos em prol ou a favor de algo, como já dito. Há um sentido em todas as nossas escolhas, já que nada é aleatório. Mesmo quando escolhemos um dado vocábulo, em detrimento a outro, em um simples rabisco, isso é feito de forma intencional para atingir um dado objetivo.

No prefácio de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* Jakobson diz que,

Em Bakhtin na estrutura da linguagem, todas as noções substanciais formam um sistema inabalável, constituído de pares indissolúveis e solidários: o reconhecimento e a compreensão, a cognição e a troca, o diálogo e o monólogo, sejam eles enunciados ou internos, a interlocução entre o destinador e o destinatário, todo signo provido de significação e toda significação associada ao signo, a identidade e a variabilidade, o universal e o particular, o social e o individual, a coesão e a divisibilidade, a enunciação e o enunciado. (2016a, p.5)

Nesse sentido, temos a complexidade e a completude do sistema linguístico mediado pela linguagem, nada é isolado, são partes constituintes de um todo significativo, então ao omitir um termo ou ao escolher, estamos indissolúvelmente imbuídos no contexto de produção que faz parte de um todo significativo, mesmo que esse significado não seja tão conscientemente percebido pelo sujeito que o produz. Dessa forma, é comum haver a supressão de alguns fatos, muitas vezes relevantes, mas que o autor do enunciado acaba por omitir, ou negligenciar a informação intencionalmente. Para isso, Freud destaca que o principal motivo é a tentativa de evitar o desprazer, em outras palavras é evitar vivenciar algo que não é agradável, assim o “esquecimento” acaba por acontecer de forma intencional.

Assim, esquecemo-nos teimosamente de um nome próprio, se temos um secreto rancor à pessoa com aquele nome; esquecemos de realizar um propósito, se no fundo o teríamos realizado a contragosto, apenas para seguir uma obrigação convencional, por exemplo. Perdemos um objeto quando nos incompatibilizamos com a pessoa que ele nos recorda, se foi um presente dela, por exemplo. Tomamos o trem errado quando fazemos a viagem a contragosto e preferíamos estar em outro lugar. (FREUD, [1912-1914], 2016b, p.240)

A partir desses pressupostos é possível afirmar que, quando se deseja realmente algo, quando se tem vontade mesmo, o sujeito não esquece, pelo contrário fica ansioso para que, diante da sua satisfação, o prazer aconteça, porque, quando realizamos algo que desejamos temos a sensação de saciedade. Identificamos tais esquecimentos nos registros escritos, nos

quais o autor, intencionalmente, pode deixar peças-chaves, que servem como pistas para ir orientando o leitor, ou da mesma maneira, intencionalmente, mas de forma inconsciente, pelos lapsos de memória detectados nos registros, também é possível identificar sentimentos de desprazer, recalques oriundos da castração e muitas outras categorias sejam psicanalíticas ou linguísticas. Nesse sentido, Freud conclui que:

A intenção de evitar o desprazer também não é a única a se realizar mediante atos falhos. Em muitos casos, a análise revela outras tendências que foram suprimidas naquela situação e que têm de se exprimir como distúrbios a partir dos bastidores, por assim dizer. Desse modo, o lapso verbal frequentemente trai opiniões que seriam mantidas em segredo perante o interlocutor. Nesse sentido os grandes escritores entenderam e utilizaram em suas obras os lapsos de fala. (FREUD, [1912-1914], 2016b, p.241)

Da mesma forma que a intenção é abordada por Freud como categoria da psicanálise e como uma forma de o autor ou sujeito que fala omitir intencionalmente algo, pelo que ele nomeia como ato falho, na literatura também há as colocações intencionais ou não, em que o autor deixa pistas para que o leitor dialogue com ele, na leitura do enredo. Dito isso, é possível encontrar o sujeito bem demarcado no dizer, seja ele escrito ou não, o sujeito como dito, em outras ocasiões é essencialmente social, então o seu lugar de fala diz muito sobre o seu eu. Isso significa dizer que o não dito também remete a condições não apenas psicanalíticas, mas também literárias e linguísticas. O discurso, seja literário ou não, vem impregnado de sentidos e pistas para que os emissores/leitores possam dialogar com o contexto (atemporal ou não), com o autor e com tudo que envolve o ato de produção, seja ele oral ou não. Tal afirmação dialoga com Bakhtin, na obra para uma filosofia do ato responsável, em que o sujeito fala de um dado lugar, a partir da singularidade do ato. Assim, para este autor:

O momento que o pensamento teórico discursivo (tanto nas ciências naturais como na filosofia), a descrição-exposição histórica e a intuição estética têm em comum, e que se reveste de particular importância para nossa investigação é: todas essas atividades estabelecem uma cisão fundamental entre o conteúdo ou sentido de um dado ato/atividade e a concretude histórica do ser desse ato/atividade, a experiência atual e unicorrente dele. E é em consequência disso que o ato dado vê-se privado de seu valor, bem como da unidade de seu vir-a-ser e de sua autodeterminação atuais [...] E, como resultado disso, dois mundos entram em confronto, dois mundos que não têm absolutamente nenhuma comunhão entre si e que são insensíveis um ao outro: o mundo da cultura e o mundo da vida, o único mundo em que criamos, aprendemos, contemplamos, vivemos nossa vida e morremos – ou o mundo em que os atos de nossa atividade são objetificados e o mundo em que esses atos se processam concretamente e são concretamente realizados uma só e única vez. (BAKHTIN, 2017, p.7-8)

Já no dizer de Eaglinton (2006), o que define a linguagem literária das demais é a capacidade “dele deformar a linguagem”, ou seja, de dizer de uma forma diferente, por meios

de artifícios, que podem inclusive fugir o padrão formal, dando beleza, encantando os leitores. Nesse sentido, “sob pressão dos artifícios literários, a linguagem comum era intensificada, condensada, torcida, reduzida, ampliada, invertida (2006, p.5)”.

O autor ainda alerta sobre a complicação de se unificar a linguagem, visto que ela é diversa, e para que possamos identificar a linguagem a qual a literatura se afasta é preciso saber a qual tipo de linguagem estamos querendo que ela se aproxime. Assim, a linguagem, entendida aqui, como discurso, é vasta, é heterogênea, e, sobretudo, revestida de sentidos.

Para Eaglinton (2006, p.13) “alguns textos nascem literários, outros atingem a condição de literário, e a outros tal condição é imposta. O que importa pode não ser a origem do texto, mas o modo pelo qual as pessoas o consideram”. Foi assim, por exemplo, com o diário da Anny Frank, que abordamos no capítulo destinado ao silenciamento da palavra, em que um diário pessoal, produzido por uma garota em condições adversa, tempos depois ganhou *status* de literatura, inclusive, de *bestseller*, pelo número de vendas atingidas. Naquele momento, provavelmente, a garotinha queria apenas narrar suas aflições e sua rotina, trazendo para o diário o caráter peculiar de seu confidente e amigo, ela não poderia imaginar o impacto que tal obra traria para os leitores tempos depois.

Compagnon (2001) diz que a importância da obra é oposta à intenção do autor, já que a intenção do autor é mais importante do que ele próprio, para que se possa interpretar o texto literário. Sendo assim, a nova crítica literária traz à cena o texto, como principal objeto, desviando no autor o ponto chave. Nesse sentido, esse retorno ao texto, não é apenas ao produto, mas a tudo que envolve o processo da criação. Assim, o autor e o meio fazem parte desse todo significativo, “não se trata apenas da estrutura literária, mas psicológica, sociológica... (2001, p.66).”

A este vácuo entre as intenções dos autores, o silenciamento imposto às mulheres e as personagens femininas, que mesmo tendo espaços em obras históricas como personagens nas narrativas realizadas pela tragédia, possuem lugares secundários, sem ênfase, e de pouco impacto dado pelo autor. É o caso da personagem Jocasta, mãe de Édipo, que também tinha conhecimento do oráculo, deixou que seu filho fosse abandonado às margens de um rio e da mesma forma, cometeu o incesto com o seu filho. Será que ela tinha escolha? Ou, simplesmente, a ela cabia o lugar da aceitação e do silenciamento?

No entanto, no fragmento da descoberta do incesto, a ênfase é dada apenas ao Édipo, como herói trágico, havendo, assim, o silenciamento sobre o papel da mãe, mulher, que também havia cometido o incesto, e, que certamente, também sofrera com o ato inconsciente. Na narrativa de *Édipo Rei*, Jocasta é colocada, desde o início, como subserviente ao marido e ao

julgo do que ele decide. A ela lhe é conferido apenas o lugar do desejo, da procriação e de ser obediente às demandas do matrimônio. Na primeira parte da história, pelo esposo Laio, e no segundo momento, casa-se com o Édipo, que vira Rei de Tebas e figura como personagem principal na narrativa.

No próximo tópico veremos algumas personagens femininas na Literatura e seus desdobramentos, inclusive, retomaremos a personagem da Jocasta em *Édipo Rei* para abordamos os lapsos da história sobre o lugar e a voz feminina.

3.2 DOS GRANDES HERÓIS DAS TRAGÉDIAS AO SILENCIAMENTO DAS PERSONAGENS FEMININAS

Os gregos foram os responsáveis pela origem do teatro, representação da Palavra em ação, categorizando-o em dois polos: comédia e tragédia, respectivamente, o choro e o riso. Assim, a mitologia grega ganha lugar na cena teatral em que a oralidade é a responsável pelos espetáculos da linguagem. Nesse ponto,

Os deuses foram referidos à sua origem natural, acompanhados em todas as etapas de seu crescimento plástico e moral, penetrados e elucidados nas mínimas fases de suas transformações e símbolos. Encontrou-se o sentido profundo e ingênuo, divino e infantil ao mesmo tempo, dos velhos mitos surgidos da imaginação primitiva. (VICTOR-SAINT, 2003, p. 9-10)

Para uma devida compreensão da importância dos deuses e dos ritos para o mundo grego, iremos, antes de qualquer coisa, retomar os significados dos termos: cidade e urbe. É muito comum haver uma aproximação desses dois conceitos, mas conforme apregoa Coulanges (2009, p. 110) “a cidade era a associação religiosa e política das famílias e das tribos; a urbe era o local de reunião, o domicílio, e, sobretudo, o santuário dessa associação”.

Um dos pontos cruciais para se entender o período clássico é compreender a origem dos mitos, dos ritos e suas importâncias para a sociedade da época. Para esse povo, a religião tinha vários ancestrais e como o principal símbolo o fogo doméstico. Partindo dessa premissa, o homem antigo acreditava que não existia apenas uma força que movia o todo, mas que o universo, em sua amplitude, era guiado pelos deuses. Dessa forma, era por força dos deuses que tudo o que era bom ou ruim atingia a humanidade. Para esta vertente, a religião tinha como principais figuras os deuses: Zeus, Hera, Atena e Juno. Nessas duas vertentes da religião, Coulanges (2009, p.100) postula que:

Dessas duas religiões, a primeira tomava seus deuses na alma humana; a segunda tomava os seus na natureza física. Se o sentimento da força viva e da

consciência que ele traz em si havia inspirado o homem a primeira idéia do divino [...]

Como este homem não tinha noção do universalismo, tampouco, compreendia o racionalismo, para ele não havia como pensar em apenas um Deus que comandava tudo: Terra, Sol, Universo. Assim, para ele:

Aos primeiros olhares que lançou sobre o mundo exterior, este lhe surgiu como uma espécie de república confusa, na qual forças antagônicas se faziam guerra. Como julgava as coisas exteriores em conformidade consigo mesmo e como se sentisse uma pessoa livre, via também em cada porção da criação, no solo, na árvore, na nuvem, na água do rio, no sol tantas outras pessoas semelhantes a si; assim ele lhes atribuiu o pensamento, vontade, escolha para a ação. Como as sentia poderosa e que estava submetido ao domínio, confessou-lhes sua dependência; lhes dirigia sãs súplicas e as venerava; fez delas deuses. (COULANGES, 2015, p.101,)

Além disso,

Na verdade, cada homem adorava apenas um número bastante limitado de divindades; mas os deuses de uma pareciam ser os de outro. Os nomes podiam, de fato, se assemelhar. Muitos homens puderam dar separadamente a seu deus o nome de Apolo ou o de Hércules, já que estas palavras pertenciam à língua ordinária e não passavam de adjetivos que designavam o Ser divino por um ou outro de seus atributos mais notáveis (COULANGES, p.102, 2015)

Dessa raça herdamos não só a escrita, mas também os costumes, entre eles muitos dos ritos e mitos. Essas narrativas ou lendas são histórias, que “podem servir de títulos à nobreza, às cidades ou às famílias [...]”

Segundo Brandão (2019),

De um lado o mito é sempre uma representação coletiva, transmitida através de várias gerações é que relata uma explicação do mundo. Mito é, por conseguinte, a parole, a palavra relatada, ao dito. E, desse modo, se o mito pode se exprimir ao nível da linguagem, ele é antes de tudo uma palavra que circunscreve e fixa um acontecimento. (BRANDÃO, 2010, p.10)

Assim,

O mito expressa o mundo e a realidade humana, mas cuja essência é efetivamente uma representação coletiva, que chegou até nós através de várias gerações. E, na medida em que pretende explicar o mundo e o homem, isto é, a complexidade do real, o mito não pode ser não pode ser lógico: ao revés, e ilógico e irracional (BRANDÃO, 2010, p.36)

Já para Hesíodo¹⁷, “a linguagem do mito enquanto objeto de uma experiência numinosa (sagrada). Esta experiência da linguagem está profunda e intrinsecamente ligada a uma certa concepção arcaica da linguagem, a uma certa concepção e tempo, a uma concepção de Ser e Verdade”. O rito é uma expressão de uma narrativa sagrada, repousando em uma verdade. Já o

¹⁷ HESÍODO. Teogonia: **a origem dos deuses**, pg. 14.

mito, com o tempo, perdeu a sua sacralidade e sobreviveu a partir da alegoria. Atualmente, o termo mito é distorcido e possui o caráter do humano, é exatamente, nessa representatividade do real e do humano que iremos discutir o mito a partir do que a Sigmund Freud absorveu desse valor para alicerçar a Psicanálise, como ciência, a partir dos princípios que a humanidade já tinha cristalizado como verdade absoluta. Como Freud tentava provar a veracidade e a legitimidade da Psicanálise ele absorveu dois mitos cristalizados na cultura grega, e que a cultura atual, tem como verdade: é o caso do Mito de Narciso, filho de uma ninfa do rio, que se encantou pela sua própria imagem refletida em um espelho d'água. E o segundo mito e objeto de nossas análises, a tragédia do mito de *Édipo Rei*, tendo como principal personagem um herói trágico, que ao ter seu destino nefasto decifrado por um oráculo, foge da sua família a fim de evitar seu infortúnio. Nessa fuga, acaba indo de encontro ao seu destino, ao casar com a sua mãe biológica, sem saber, cometendo um dos maiores tabus de toda a humanidade que é o incesto, temática muito abordada por Freud em *Totem e Tabu* que discute a cultura à luz dos tabus sociais.

O homem, ao entrar em contato com os deuses, fazia um rito, com o sacrifício que consistia em se reconhecer como homem, para conseguir o que desejava. Na verdade, o rito tem sua égide no mito, cumprindo um rito, estamos revivendo um mito, é assim, por exemplo nas comemorações dos nossos aniversários, anualmente, revivemos o mito do nosso nascimento, por meio dos festejos da data comemorativa.

Para explorar a essência da cultura grega e os principais elementos da tragédia e do mito de *Édipo Rei*, deter-nos-emos a tecer comentários sobre a tragédia, colocando-a como um dos principais gêneros da época, com suas características peculiares, sendo marco das novas roupagens com a escrita, como é o caso da tragédia do *Édipo Rei* que trataremos, como exemplo, já que nosso objeto de análise é a adolescência e conforme a Psicanálise o mito de Édipo retorna nesta fase.¹⁸

A tragédia foi um dos gêneros mais explorados no período antigo. Dividindo espaço com a comédia, ambas foram as formas literárias mais consagradas para o povo grego. Foi por meio desses dois gêneros que a literatura tomou corpo e resistiu durante todo o período clássico da Grécia, momento de profundo avanço do pensamento e das artes.

Embora a existência das reflexões aristotélicas acerca da tragédia, este autor não chegou a assistir a tragédia em sua real origem da sacralidade, uma vez que já havia perdido o teor do sagrado. Na época de Aristóteles, a tragédia já era mais próxima da criação, do valor atribuído

¹⁸ Abordaremos a Tragédia de Édipo Rei em outro momento desse trabalho, no tópico destinados às narrativas.

a sua origem, do que propriamente da sacralidade. Logo na introdução dessa obra que mais parece um tratado sobre o que é e como fazer a tragédia, o autor diz que a “antes o que interessa ao estagirita é a possibilidade de compreender a utilização artística de uma noção estética como a de mimese. Assim, para Aristóteles,

O agente primeiro da mimeses é, para Aristóteles, o poeta, ou seja, aquele que elabora a releitura dos antigos mitos da civilização grega e que, do caso do poeta trágico seria capaz de produzir, por meio dessa releitura mimética, um efeito catártico, fruto da manipulação de emoções precisas que nos levariam à depuração (*kátharsis*) do pavor e da compaixão evocados. (ARISTOTELES, 2017, p.8/9)

Portanto, “tão criativa quanto imitativa” (2017, p.9), assim, a tragédia retoma um acontecimento sob a visão do seu tragediógrafo, que dá novos contornos ao mito a partir do seu olhar e da sua arte. Além disso, como postulado, na introdução da *Arte Poética* “a tragédia é o apogeu das manifestações poéticas do seu tempo” (ARISTOTELES, 2017, p.11). Embora ela tenha dividido o cenário com a comédia, a tragédia, na verdade, é uma mistura de elementos artísticos que vão desde à música ao teatro, com todos os elementos da encenação e da oralidade que contemplam desde os atores à toda a produção do cenário para a encenação do espetáculo.

Figura 10 – Teatro Grego

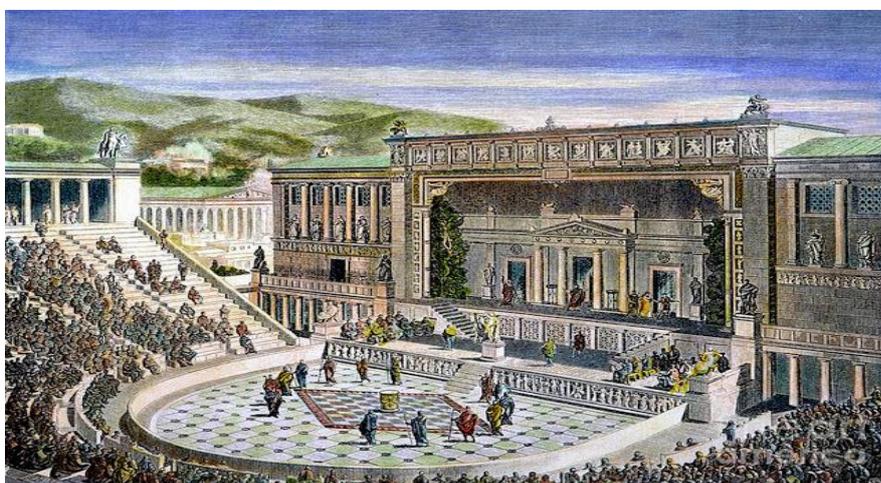


Ilustração de como possivelmente era a apresentação de uma peça grega¹⁹

O teatro grego, uma das maiores representações da arte, teve origem provavelmente em Athenas, na Grécia, 550 a.C, tendo como marco principal as festividades para o deus Dionísio. Com o tempo, esse gênero passou por transformações até chegar na estrutura da tragédia com

¹⁹ Fonte: <https://www.todamateria.com.br/teatro-grego/>

as categorias que conhecemos. “O teatro tem duas máscaras – tragédia e comédia-, a que chora e a que ri, frequentemente separadas, algumas vezes unidas (SAINT-VICTOR, 2003)

O autor ainda afirma que:

A Grécia criadora, mãe gloriosa de toda arte e de toda beleza inventou o teatro. De seu gênio é que saiu esse mundo apto a duplicar a vida, refletindo-a. (...) o primeiro germe foi, sem dúvida, o instinto inato de imitação que faz a criança simular os atos dos adultos e o selvagem, a caça de amanhã ou o combate de ontem. (SAINT-VICTOR, 2003, p.15)

Nesse sentido, o teatro nasce com a tentativa de imitar a vida, de dar vida ao que não tem. Para Victor (Ibid.), “o homem experimentou, desde sempre, a necessidade de idealizar ou parodiar sua própria existência, de repeti-la por meio do espetáculo e da ficção. É nesse contexto de criação e de ficção que nasce o teatro.

O passado se torna presente, os fantasmas que retomam seus corpos, as lendas imemoriais que voltam do fundo dos evos ao plano da vida, homens comuns, da rua, transformados pelos traje, pela subida de uma cortina em deuses visíveis, em heróis ressuscitados e palpáveis, que convencem tantos os olhos quanto ao espírito. (SAINT-VICTOR, 2003, p.16)

Como vemos acima, os personagens eram encenados apenas por homens, mesmo quando a personagem era feminina, visto que, nesse período, a mulher não fazia parte dos eventos sociais ou tinha qualquer papel que pudesse se colocar frente ao homem.

Destaca-se, para a nossa discussão, a figura do herói e suas características na tragédia que reflete o destino sob a óptica dos tabus²⁰ sociais. Os heróis antigos são acompanhados pelos deuses, tanto para o bem, quanto para o mal. O herói problemático surge embrionariamente na tragédia. Além disso, é na tragédia que temos o retrato das famílias e das inadequações do herói, com os preceitos que o circundam. Aqui, já temos, o homem como produto do meio, com suas problemáticas e, sobretudo, sendo humanos. Dessa forma, os mitos neste período, nada mais eram do que reflexo do meio, tendo, assim, um valor específico para a sociedade.

A tragédia para Aristóteles é composta por seis partes: Mito, diálogo, caráter, pensamento, espetáculo e o canto coral que configuram, na verdade, os estásimos²¹. Embora haja seis partes na tragédia, na concepção aristotélica. há a ênfase da importância da trama dos fatos, uma vez que a tragédia é a mimese, não do homem, mas das ações e da vida. Porquanto,

²⁰ Para este debate será usado Totem e Tabu de Freud, que traz a noção de cultura.

²¹ Os estásimos seria na tragédia cada uma das odes cantadas pelo coro. “a palavra vem do «gr[ego] stásimon, ou, "parte do coro do teatro grego que cantava sem sair do lugar", neutro subst[anti]v[ado] do adj[etivo] stasimós os, on, "fixo, parado, sedentário", der[ivado] de stásis "ato de deter-se, ficar parado"».’ in Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/o-significado-de-estasiado-e-de-parado-teatro/27935> [consultado em 12-07-2021]

“sem ação não poderia haver tragédia, mas poderia havê-la sem caráter” (ARISTÓTELES, 2017, p.81). Para Aristóteles o infortúnio está para a tragédia, da mesma forma, que este também está para o herói trágico, como é o caso da obra *Édipo Rei*, objeto de nossas análises. Para Aristóteles, há diferença entre a ação que determina o destino do herói e a qualidade do seu caráter.

Em Frye (2006, p.145) “as funções, portanto, podem ser classificadas não moralmente, mas pelo poder de ação do herói, que pode ser maior do que o nosso, menor ou aproximadamente o mesmo.” Como, exemplo, colocamos dois modelos de heróis: Jesus Cristo, colocado como modo *mimético baixo* e o Édipo- *mimético elevado*. Ambos colocado como heróis, mas com características distintas. O Édipo, como herói trágico, enquadra-se pela teoria dos modos como *mimético elevado*, uma vez que ele é superior ao homem em grau, mas está submisso ao seu ambiente. “ele possui autoridade, paixões e faculdades de expressão muito maiores que as nossas, mas o que faz está sujeito tanto à crítica social, como a ordem da natureza (FRYE, 2006, p. 146).

Dessa forma, este olhar do homem que escreve (autor) vai se metamorfoseando, se deslocando escrita do sacro, e vai escrevendo sobre o mundo real, e sobre o que o cerca, trazendo um homem, como ser contraditório que, apesar de ainda não ser totalmente humano, porque não se iguala a ele, é submisso ao meio, as imposições e aos ritos sociais.

Com a chegada da filosofia, para esse novo homem, construiu-se novos conceitos, o homem helenista foi transfigurado, passou a ter novos valores e novas metas. Muitos historiadores apontam estes feitos à chegada da escrita, que contribuiu para o avanço da sociedade. Já para outros historiadores foi o cristianismo que banuiu a tragédia, por entender que a redenção do herói, não estava no reconhecimento e na derrocada, mas para o cristianismo estaria no arrependimento e na redenção pela graça. Para outros estudiosos, um grande exemplo da tragédia é a narrativa de Jesus Cristo que até hoje se perpetua entre os cristãos. Nessa narrativa, a comoção popular e o drama de Jesus Cristo são perpetuados, pelo seu drama e martírio não deixando espaço, para mais outras tragédias. De acordo, com a teoria dos modos, de Frye (2006), Jesus Cristo se enquadraria no modo *mimético baixo*, uma vez que ele não é superior nem aos homens, nem ao seu ambiente, ele aparece como humano, como um ser igual a nós.

Para Frye (2006, p.150) “a ficção da queda de um líder (ele tem que cair porque é a única forma pela qual um líder pode ser isolado de sua sociedade), mescla o heroico com o irônico. Para este autor a tragédia “é um fato moral e social”, por isso que é oriunda de acontecimentos de alguma família, como bem pontua Aristóteles (2005, p.125)

Além disso, é necessário entender o enredo na tragédia, como fator educacional, uma vez que a função das encenações eram passar mensagens ao povo. Dessa forma, a mensagem e a forma como era transmitida, faziam com que o povo e a *pólis*²² refletissem sobre as suas próprias ações. Assim, nas tragédias o homem já tinha o conhecimento do racional, da problemática que infringia não só a ele, mas sobre a família e a *pólis*, portanto, traziam para este universo cultural inquietações humanas e tabus que eram colocados pela sociedade e, que na verdade, ainda imperam até hoje. Assim, conforme Rousseau (1979, p. 116)

É evidente que, tendo tão pouca pressa em ensinar-lhe a ler a escrita, não terei mais em ensinar-lhe a ler a música. Afastemos de seu cérebro toda atenção penosa e não nos apressemos em fixar seu espírito em sinais convencionais. Isto, confesso, parece-me ter certa dificuldade; pois se o conhecimento das notas não se afigura, de início, mais necessário para saber cantar do que o das letras para saber falar, há, contudo, a diferença de que, falando, exprimimos nossas próprias ideias e, cantando, as de outros. Ora, para exprimi-las é preciso lê-las.

Rousseau (1979) afirma que, uma vez sabendo ler a escrita, não será necessário “aprender ler para cantar”. Ou seja, uma vez que se tenha o domínio da leitura, ele se manifestará em outras esferas. Analogamente, ele diz que para ler é necessário fixar os códigos, mas este código alfabético não servirá para ler as notas musicais, já que são códigos distintos. Assim, ele compara as notas musicais à escrita. Como analogia, o ato de ensinar também era presente nas encenações, já que elas sempre traziam uma questão moral, educativa, como forma de instruir, por meio dos exemplos, à população.

Assim, conforme Aristóteles (2017, p.111)

De fato uma vez acordado que a composição da mais bela tragédia não deve ser “simples”, mas “complexa” e que tal tragédia deve ser a mimese de fatos temerosos e dignos de compaixão (o que é próprio a essa modalidade de mimese), fica a princípio evidente que não se devem apresentar homens excelentes que passam da prosperidade à adversidade- por isso não desperta pavor nem compaixão, mas repugnância.

Aristóteles ainda diz que:

Em suas diversas fases, a educação das crianças se revela um dos primeiros cuidados do legislador. Ninguém o contesta. A negligência das Cidades sobre este ponto é-lhes infinitamente nociva. Em toda parte a educação deve tomar como modelo a forma do governo. Cada Estado tem costumes que lhe são próprios, de que dependem sua conservação e até sua instituição. São os costumes democráticos que fazem a democracia e os costumes oligárquicos que fazem a oligarquia. Quanto mais os costumes são bons, mais o governo também o é. (ARISTÓTELES, 2007, p.55)

²² *Polis* é o nome atribuído às cidades na Grécia.

Nesse sentido, percebe-se o caráter educativo da tragédia, de modo que as encenações partam de fatos, “dignos de compaixão”, para assim chegar até o espectador (público), como forma educativa. Em *Édipo Rei*, por exemplo, temos um herói que na sua derrocada reconhece a sua fragilidade. Na verdade, quando ele sai de Corinto, por meio do conhecimento da profecia, ele já sai reconhecendo a sua humanidade e fragilidade, em temer a sua fragilidade humana. A cegueira de Édipo está ao longo de toda a narrativa, uma vez que ele caminha ao encontro do seu destino e não a enxerga. Assim, a sua necessidade de fugir da profecia não o permite ler as entrelinhas do destino. Neste momento da Tragédia de Édipo, o mundo e a Grécia já viviam novos contextos sócio-históricos, o homem já se questionava quanto aos poderes divinos e a força suprema que eles exerciam sobre a humanidade. A tragédia grega é fruto desse contexto histórico, tendo nascido e morrido no século V, com as inquietações do homem e as descobertas de novas estruturas sociais.

Para Aristóteles o melhor reconhecimento é de Édipo que é aquele “que advém dos próprios fatos, quando o efeito de surpresa se realiza em função dos acontecimentos verossímeis” (ARISTÓTELES, 2017, p.141).

Em Édipo há a metáfora em que a sua real cegueira está, não no fato dele cometer o ostracismo, mas no fato, de ele não enxergar as verdades que o norteiam: o rei de Tebas possui a mancha do assassinato de seu próprio pai em suas mãos. Já, ainda, no âmbito das categorias, temos a importância da retórica, que na verdade é a expressão do pensamento, sendo a concretização dele.

Assim, Édipo ao dizer “a sua dor é a minha dor”, se coloca acima de todos. Já quando descobre que caiu em derrocada, nos versos 218 - 273, ele faz uma impreciação, que nada mais é do que uma praga, uma maldição lançada para o assassino de Laio²³. Como podemos ver nos trechos: “E digo mais, se acaso no meu palácio consciente, acontecer de recebê-lo recaia em mim a impreciação que faço...” (Verso 249-253). O herói trágico não é dado à reflexão. Ao passo em que ele diz que a dor de todos é igual à dele, ele afirma que a dele é superior, dessa forma, ele se coloca acima de todos os demais que são cidadãos da *pólis*.

Quando Tirésias²⁴ diz: “-Verdade! Pois és tu o impuro miasmo dessa cidade”. Ele coloca Édipo como o poluidor, o que contamina a cidade. Aqui temos, mais uma das características do herói trágico: a cegueira obstinada; aquele que vê, mas não se reconhece como cumpridor do oráculo. Dessa forma, Édipo nem é humano, nem é sagrado, é um ser amaldiçoado. Mesmo

²³ Esposo de Jocasta.

²⁴ Tiresias – o Vidente

após ele reconhecer a maldição, toca em seus filhos, perpetuando, assim, a maldição em toda a sua prole.

Dessa forma, a Literatura será refletida pela tragédia, sobretudo, colocando os seus heróis, como reflexo de problemas, sendo humanos e atuando como tais. O trágico, aqui, é entendido como o inesperado, aquilo que é impactante, que causa espanto, que vai de encontro ao que é cristalizado socialmente. É nesse contexto em que se insere a Tragédia de *Édipo Rei*, um herói trágico que, ao tentar fugir do seu destino, vai de encontro a ele.

Lacan (1969-70/1992), diz “que seguramente, não é a partir de uma tentativa de explicar o que quer dizer dormir com a mãe que o assassinato do pai se introduz na doutrina freudiana. Muito pelo contrário, é a partir da morte do pai que se edifica a interdição desse gozo como primária” (p. 126).

Já em Freud ([1933], 2010f),

A teoria dos instintos [pulsões] é, por assim dizer, nossa mitologia. Os instintos [pulsões] são entidades míticas, magníficas em sua imprecisão. Em nosso trabalho, não podemos desprezá-los, nem por um só momento, de vez e que nunca estamos seguros de os estarmos vendo claramente. [...] Ora, os instintos [pulsões], nas quais acreditamos, dividem-se em dois grupos – os instintos [pulsões] eróticos, que buscam combinar cada vez mais substância viva em unidades cada vez maiores, e os instintos [pulsões] de morte, que se opõem a essa tendência e levam o que está vivo de volta a um estado inorgânico. Da ação concorrente e antagônica desses dois procedem os fenômenos da vida que chegam ao seu fim com a morte (pp. 98-109).

No que tange aos registros sobre a mulher, às personagens representadas no mundo grego, onde tivemos o apogeu da tragédia, era destinado apenas o lugar do silêncio, da submissão ou sendo ofertada pelos deuses como castigo. Como vimos no tópico relacionado ao lugar da mulher na palavra, o patriarcalismo dominou toda a nossa história, no primeiro milênio a.C. Mulheres eram tratadas como “mercadorias, eram vendidas ou alugadas”, como produto a ser comercializado, porém, conforme postula Lerner (2019), ainda na mesma época, “existiam mulheres poderosas em papéis de poder de culto, em representações religiosas e em símbolos. Houve um intervalo de tempo considerável entre a subordinação das mulheres na sociedade patriarcal e o rebaixamento das deusas” (LERNER, 2019, p. 183/184).

A partir dos achados arqueológicos, há subsídios que apontam para como foram as religiões naquela época. Com base nos achados é possível dizer que existiam “hinos e orações nos templos (Ibid. p.183). Nesse sentido, o mesmo autor aponta que:

À medida que traçarmos as mudanças na posição de imagens divinas masculinas e femininas no panteão de deuses em um período de mais de mil anos, devemos ter em mente que o poder das deusas e de suas sacerdotisas na vida cotidiana e na religião popular continuou em vigor, mesmo quando as deusas supremas foram destronadas. (2019, p.184)

Paradoxalmente, ao rebaixamento das deusas e da subordinação da mulher ao homem, nesses locais como mais restrições à mulher, “o poder espiritual e o metafísico das deusas tenha permanecido ativo e forte (*Id.*)”. Segundo Lerner (2019), havia todo um simbolismo em torno da vulva das deusas, havia uma imagem feita de “pedra preciosa que era ofertada”, como forma de “celebrar a sexualidade e a feminilidade de sua misteriosa força de dar a vida (*Id.*)”.

Nesse sentido, o lugar da mulher, mesmo com as deusas, era o da feminilidade, com especial destaque para o dom de dar a vida e para os contornos do seu corpo. Assim, o estereótipo da mulher como objeto sexual vem sendo vivenciado e perpetuado ao longo da história. Dessa forma, há o destaque da mulher como subordinada à figura masculina, como dona do lar, cuidadora dos filhos e da procriação, como a expressão da fecundidade.

Assim, nas grandes obras literárias, a mulher é renegada à personagens que tragam tais noções. Dessa forma, aponta-se especial destaque para o lugar da mulher na literatura grega sob a óptica de duas personagens: Jocasta, personagem feminina, da obra *Édipo Rei* e Pandora que foi concebida como dádiva e estratégia dos deuses aos homens.

Na tragédia *Édipo Rei*, Jocasta, rainha sem marido e sem rei, não poderia reinar sozinha. A cidade precisava de um líder e como Édipo havia desvendado o enigma da Esfinge que assolava a cidade, ela precisava dar o trono a ele. Além disso, após ser descoberto que ele era seu filho, o Édipo tem o apogeu da sua figura de herói trágico, cometendo o ostracismo²⁵ e se exilando como forma de se punir pelos seus erros. Já a Jocasta cabe sair do espaço e na obra, sabe-se apenas que ela se suicidou após tomar conhecimento de que o marido-filho (Édipo) descobriu a verdade. No fragmento da tragédia: “JOCASTA Infeliz! Tomara que tu jamais venhas a saber quem és! JOCASTA- Ai de ti, mísero infeliz! Eis o único título que te posso dar; e nunca mais te tratarei de outra forma! Sai JOCASTA. Momento de silêncio. (p.54)”

Fica nítido na narrativa que Jocasta já sabia do incesto e para poupar ou enganar Édipo, usa os artifícios que a História sempre colocou na mulher, assim, como Eva que conseguiu enganar ao Adão e, por isso, foram postos para fora do Paraíso. Dessa forma, a voz silenciada da mulher que não tinha escolhas e tinha de se manter ao lado do seu marido e protegê-lo acima de qualquer ato, cometeu dois terríveis erros, o de entregar seu filho para a própria sorte e de cometer/permanecer no incesto com Édipo, nos dois casos, não coube outra opção a ela, apenas a de ser renegada e silenciada.

No tocante aos mitos de origens, a mulher representativa desse papel é Pandora, personagem marcante da Literatura Clássica, que foi fruto da ira de Zeus contra Prometeu e os

²⁵ Furando seus olhos e ficando cego.

mortais. O titã criador, por tanto desejar favorecer os homens, dá aos mortais uma centelha do fogo sagrado, contra a vontade de Zeus.

Zeus enfurecido por ter sido enganado diz: “Filho de Iápeto, sutil entre todos, gabas-te de ter roubado o fogo e enganado meu espírito. Mas isso te será prejudicial quanto às raças futuras. Enviarei aos homens um mal que seduzirá suas almas e eles abraçarão com amor seu próprio flagelo.”

Não se sentindo satisfeito Zeus presenteou Epimeteu com uma mulher, que se esquecendo do aviso de Prometeu sobre não receber presente de Zeus, aceitou Pandora. - “a Eva pagã”. Epimeteu e Pandora são para a mitologia o que Eva e Adão são para o cristianismo, foi devido Pandora que o mundo grego passou a ser castigado e sofrer enfermidades, já que Zeus – o deus supremo, puniu Prometeu por ter dito aos demais homens sobre como usar o fogo.

Pandora, no mito de Hesíodo, é a primeira mulher modelada em argila, semelhante às deusas. Para que esse feito fosse possível, os demais imortais auxiliaram nessa criação. Em Brandão (2003)

Atenas ensinou a tecelagem, adornou-a com a mais bela indumentária e ofereceu-lhe seu próprio cinto; Afrodite deu-lhe a beleza e insuflou-lhe o desejo indomável que atormenta os membros e os sentidos; Hermes, o mensageiro, encheu-lhe o coração de artimanhas, imprudência, astúcias, ardis, fingimento e cinismo; as graças divinas e as augusta Persuasão embelezaram-na com lindíssimos colares dos deuses coroaram-na de flores primaveris... Por fim, o mensageiro dos deuses concedeu-lhe o dom da palavra e chamou-a Pandora. (BRANDÃO, 2003, p.31)

Quando todos viram Pandora “a admiração paralisou-os logo que viram a famosa calamidade. É dela que provém a raça das mulheres, o pior flagelo para homens mortais, pois apetecem a riqueza e não a pobreza (SAINT-VICTOR, 2003, p.177)”

Brandão (2009, p.32) nos direciona para um entendimento do mito, ao relatar que “a raça humana vivia tranquila, ao abrigo do mal, da fadiga e da doença, mas quando Pandora, por curiosidade feminina, abriu a jarra de larga tampa, que trouxera do Olimpo (...). Foi, pois, por Pandora que se iniciou a degradação da humanidade.”

Assim, como Adão mordeu o fruto de Eva, Epimeteu enamorou-se da beleza de Pandora. Ela lhe trazia por dote um grande escrínio fechado, que Zeus lhe confiava [...] Pandora abriu a tampa da caixa e todos os Males que os deuses ali haviam encerrado- misérias e doenças, guerras e crimes, violências e tribulações- espalharam-se pela terra (SAINT-VICTOR, 2003, p.178)

Percebe-se que a personagem da Pandora dialoga com o estereótipo da mulher que, por suas virtudes e astúcias, é capaz de enganar o homem, seja pelo seu encantamento e sua beleza, seja pela possibilidade de enganar e convencer o homem em fazer seus desejos, se construindo,

na percepção grega na figura de Eva, que incitou Adão ao pecado, como detalhamos anteriormente. Eva o fez duvidar de Deus e o convenceu a comer do fruto proibido, e, assim, também toda a humanidade foi castigada.

Há mais uma coincidência nos dois mitos: Eva é feita da costela do Adão que veio do barro, já Pandora, não é apenas retirada de uma parte do barro, mas, sim, ela é toda modelada em argila, então se Eva que era feita da costela conseguiu levar a humanidade a derrocada, o que a Pandora que foi toda feita e ornada por vários deuses imortais poderá fazer contra a humanidade? Diferentemente de Pandora, que Zeus retirou o dom da palavra, Eva a tinha e usou para convencer o Adão a ir de encontro a ordem de Deus.

Para Brandão (2009, p. 37) o “mito é o relato de uma história verdadeira, ocorrida nos tempos dos princípios, quando, com a interferência de entes sobrenaturais, uma realidade passou a existir. [...] Mito é, pois, a narrativa de uma criação: conta-nos de que modo algo, que não era, começou a ser.”

Nesse sentido, as figuras de Eva (cristã) e Pandora (pagã) colocaram a humanidade na ruína, trouxeram os males e as calamidades para os homens, uma vez que foi pelos seus encantamentos que os homens cederam ao proibido. É interessante que essas duas figuras trazem para a mulher o valor negativo, simbolizando que foi a partir da mulher que a humanidade se perdeu, além de ter o domínio e o poder da astúcia, engenhosidade em enganar e em tecer o mal para que os homens caíam na perdição.

Tal estereótipo perdurou por toda a história, e hoje, a contemporaneidade tenta trazer o lugar para a mulher que a história lhe negou, desmistificando o que esses mitos cristalizaram, e, sobretudo, colocando a mulher em igualdade perante o homem, desconstruindo narrativas que a colocam como algo ruim e negativo. Para isso, os historiadores vêm desmistificando e procurando compreender qual o papel da mulher na construção social e, sobretudo, como esta foi silenciada ao longo dos tempos.

3.2.1 A vossa majestade a palavra: um olhar sobre si pelos olhos do outro por meio da escrita

Com o surgimento da escrita a palavra ganhou novo sentido, o que antes era apenas verbalizado, a partir do surgimento da escrita, passou a ser registro, a palavra foi ressignificada. Nesse sentido, a escrita foi a responsável por mudanças no contexto social e econômico das sociedades. Com este advento tornou-se possível ultrapassar limites históricos e geográficos e levar informações para diferentes povos em diferentes tempos. Assim, se temos a escrita de

um lado, temos a sociedade de outro, e, em meio as duas, temos alguns agentes que influenciam este processo. De um lado, tem-se o sujeito repleto de desejos e vontades que busca, em palavras, uma forma para expressar o seu Eu. Do outro lado temos a palavra que é “preenche de respostas”²⁶ e de sentidos plurais que se expressa pela singularidade da escrita em uma forma multifacetada de se expor.

De fato, a comunicação sempre foi uma mola propulsora nas relações humanas, é por meio dela que nos comunicamos com os outros nas mais diferentes situações, sejam verbais ou não. É nesse sentido, que a palavra, com esse novo significado, ganha forças, ela se reveste de novos sentidos a partir dos contextos comunicativos. Para cada enunciado, a palavra se adapta e se reconfigura em uma cadeia de sentidos possíveis.

Assim, uma palavra lançada a outrem sempre volta revestida de outros valores. Com efeito, Bakhtin afirma que:

Tudo quanto pode nos assegurar um acabamento na consciência de outrem, logo presumido na nossa autoconsciência, perde a faculdade de efetuar nosso acabamento e apenas amplia em nossa consciência a orientação que lhe é própria; ainda que conseguíssemos apreender o todo de nossa consciência, no acabamento que ele adquire no outro, esse todo não poderia impor-se a nós e assegurar nosso próprio acabamento, nossa consciência o registraria e o superaria, assimilando-o a uma modalidade de sua unidade que, no essencial, é pré-dada e por-vir; a última palavra pertencerá sempre à nossa consciência e não à consciência do outro; quanto à nossa consciência, ela nunca dará a si mesma a ordem de seu próprio acabamento. (2006b, p.37)

Essa relação entre a escolha da palavra, o sujeito e a situação remetem ao lugar do dito, e, sobretudo, o porquê e como fez a escolha, nessa relação. O conceito do sujeito no mundo é de suma importância para as suas escolhas, ademais, como afirma Bakhtin “a última palavra pertencerá sempre à nossa consciência e não à consciência do outro; quanto à nossa consciência, ela nunca dará a si mesma a ordem de seu próprio acabamento.”

Nesse sentido, a importância do sujeito “nesse acabamento” está justamente, no lugar em que ele se insere, na condição de sujeito, agente e dono do seu dizer, haja vista a escolha final é sempre dita por ele. É bem verdade, que como seres sociais, o nosso discurso sempre será velado por outras vezes e atravessamentos linguísticos de outros.

Posto isso, Bakhtin (2017, p.42), ao abordar a filosofia do ato responsável, diz que

todas essas atividades estabelecem uma separação de princípio entre o conteúdo-sentido de um determinado ato-atividade e a realidade histórica de seu existir, sua vivência realmente irreparável; como consequência, este ato perde precisamente o seu valor, a sua unidade de vivo vir a ser autodeterminado.

²⁶ BAKHTIN, Marxismo e Filosofia da Linguagem (2006a).

Com efeito, o ato de dizer jamais será repetido da mesma forma, e tampouco, quando moldado, engessado para determinado fim, terá o mesmo efeito de sentido. O ato é vivo e não se repete do mesmo modo, pois a situação comunicativa é única. Assim, (*Idem*, p.42)

Somente na sua totalidade tal ato verdadeiramente real, pleno e irredutivelmente, existe, vem a ser, se realiza. É um componente real, vivo, do existir no evento: é incorporado na unidade singular do existir que se vai realizando, mas esta incorporação não penetra em seu aspecto de conteúdo-sentido [...]

Assim, o ato do dizer, é real vivo e irrepitível, porém o significado sempre dependerá das relações externas intra e extra-discursivas. Nesse sentido, Bakhtin aponta dois mundos onde ocorre o ato “o mundo da cultura e o mundo da vida”. Para este segundo, ele diz que cada um fala do seu lugar onde vive, das suas experiências. Em verdade, este é o lugar do sujeito social, em que age a parte de suas vivências, do seu mundo com os diversos outros que o habita.

Em outras palavras, Bakhtin (2017, p.43/44) diz que:

Somente o evento singular do existir no seu efetuar-se pode constituir esta unidade única; tudo que é teórico ou estético deve ser determinado como momento do evento singular do existir, embora não mais, é claro, em termos teóricos e estéticos. O ato deve encontrar um único plano unitário para refletir-se em ambas as direções, no seu sentido e em seu existir; deve encontrar na unidade de uma responsabilidade bidirecional, seja em relação ao seu conteúdo (responsabilidade especial), seja em relação ao seu existir (responsabilidade moral), de modo que a responsabilidade especial deve ser um momento incorporado de uma única e unitária responsabilidade moral.

Assim, falar em escrita é falar em autor, leitor e situações comunicativas. Para Compagnon, (2001, p.50) “a explicação da obra é sempre procurada do lado de quem produziu, como se, de uma maneira ou de outra, a obra fosse uma confissão, não podendo representar outra coisa que não a confidência”.

Fala-se sempre de uma dada situação comunicativa que se insere em uma esfera social, seja o lar e o ambiente familiar ou os diferentes espaços públicos. Para cada situação é preciso que a palavra seja adaptada ao contexto sociocomunicativo. A partir disso, Fiorin (2008, p.60) assevera que “essas esferas de atividades implicam a utilização da linguagem na forma de enunciados. Não se produzem enunciados fora da esfera de ação, o que significa que eles são determinados pelas condições específicas e pelas finalidades das esferas”.

Assim, a partir dos postulados bakhtinianos, Fiorin (2008) destaca que “falamos sempre por meio dos gêneros”, e ainda, “o gênero estabelece, pois, uma interconexão da linguagem com a vida social. A linguagem penetra na vida por meio dos enunciados concretos e, ao mesmo tempo, pelos enunciados a vida de introduz na linguagem. (*Id.* p.61)

Nesse sentido, tem-se de um lado o sujeito que precisa se expressar e, do outro lado, um texto que precisa seguir os moldes padronizados pela situação comunicativa. Assim, quando um sujeito escolhe um determinado gênero, ele precisa se adequar às formas estruturais para esta produção tanto no universo intratextual, de ordem microtextual, como no universo macrotextual, entendido, aqui, como todas as características alheias ao aspecto textual que interfere em sua produção.

Os objetos fantasmáticos com vocação estética são preparados no sistema pré-consciente-consciente para serem exteriorizados, e não encerrados na solidão própria do devaneio; isto não significa absolutamente que eles escapem à configuração narcísea particular a este tipo de formação: o sujeito só se despoja deles para reencontrá-los valorizados (admirados) pelo outro (o público) que, por sua vez, os retoma e os insere no seu narcisismo de leitor. (BELLEMIN-NOEL, 2003, p. 43)

Em outras palavras, assim, como a linguagem é dialética o texto, que também é uma forma de linguagem, em sua mais ampla significação, seja ele oral ou escrito, também o é. Ademais, como foi no início da escrita, há uma evolução contínua das formas de produções textuais, que acompanham o avanço social, bem como as tecnologias e a evolução humana.

Desde o início das discussões sobre os gêneros textuais, em Bakhtin, na obra *Estética da Criação Verbal* (2006), os gêneros textuais foram divididos em primários e secundários, a partir desse debate, muito já se estudou e muitas discussões foram travadas em torno dessa temática. Para Bakhtin o gênero “elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominam gêneros discursivos” (2006b, p. 262). Neste sentido, pensar no diário pessoal, é pensar em esferas discursivas que envolvam enunciados tecidos por uma teia dialógica que perpassam as linhas escritas na relação íntima existente entre o ser que escreve, e o ser que está transfigurado, por meio de diversos discursos ali impressos.

Mesmo assim, muito ainda há para se discutir, pois há uma infinidade de gêneros já determinados e muitos outros que se criam devido às necessidades sociais. Como os gêneros são reflexo do social e das necessidades que a sociedade demanda, há muitos gêneros primários, ou não, que se mesclam e formam novos gêneros textuais, criando assim gêneros híbridos. Neste momento histórico, o uso do diário era utilizado como confidente, era nele que as meninas colocavam suas descobertas, suas paixões, seus medos e seus desejos mais profundos. Mas, não era qualquer menina, eram as meninas brancas da elite que tinham acesso à escrita, já que esta era um divisor de classe social entre a “casa grande e a senzala”.

Como exemplo dessa evolução, pode-se citar a carta pessoal que evoluiu para o e-mail, mantendo características do seu gênero primário. Como nosso *corpus* é o diário pessoal, com o recorte temporal na década de 1990, era muito usado pelas adolescentes, como forma de se

legitimar a escrita por meio de escritos que guardavam em suas linhas seus segredos pessoais. Como característica principal, os diários eram fechados com cadeados, e as meninas ganhavam de presentes quando chegavam aos 15 anos, que debutavam para a adolescência. Assim, conforme postula Bakhtin,

O centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: Está situado no meio social que envolve o indivíduo. [...], a enunciação humana mais primitiva, ainda realizada por um organismo individual, é, do ponto de vista do seu conteúdo, de sua significação, organizada fora do indivíduo pelas condições extra-orgânicas ao meio social. A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social (BAKHTIN, 2006b, pp. 123-124).

Assim, o sujeito que é, sobretudo, social, mesmo em registros íntimos, ele fala a partir de um lugar de dialética, dele com o mundo o exterior. O eu interior dele, dialoga constantemente com os vários outros que ele abriga em si, e que por ele é constituído, além de dialogar com o mundo exterior e tudo que tem em sua volta. Desse modo, essa escrita intimista é configurada por uma dialética com outras vozes, repleta de ideologias e significados que nem sempre é do domínio apenas desse eu que escreve. Nessa constante interação com o mundo, esse Eu é constituído e tem esse conteúdo a partir de condições sociais que o torna plural, mesmo na sua singularidade.

Trazer à baila o debate dessa singularidade desse eu pelo viés da escrita plural é, não somente, compreender esse sujeito em sua essência, mas a partir de uma óptica que possibilita vários significados. Assim, quando o adolescente escreve, ele deixa a sua digital registrada por meio da palavra, em que é possível identificar suas marcas de subjetividades e categorias psicanalíticas, além de reconhecer situações comunicativas expressas naquelas linhas. Assim, é possível extrair da sua escrita o que pode ser factual ou ficção, o que é desejo ou, simplesmente, um fato que realmente aconteceu, e tudo que consta, ali, como uma narrativa factual com as suas categorias bem delimitadas.

Em suma, “o desejo é a representação da Coisa, ele é o testemunho de que a pulsão alcançou o significar. Por isso desejo é assunção simbólica, é o dito da Coisa. Consequência: inconsciente é representação, se constitui num discurso” (SAFOUAN, 1987, p.13). O sujeito da psicanálise não é o sujeito da fala, nem aquele que engana ao falar, mas aquele que emerge quando uma palavra foi lançada para além de toda intenção” (SAFOUAN, 1987, p. 12 *apud* NASIO).

Desse modo, quando esse sujeito escolhe uma dada palavra, essa não vem de modo aleatório, vem de forma intencional, com um intuito a ser atingido. Assim, o momento do dizer, do ato da enunciação, é singular, é único. Pois, conforme explica Bakhtin (*Ibd.*, p.44)

cada um de meus pensamentos, com o seu conteúdo, é um ato singular responsável meu; é um dos atos de que se compõe a minha vida singular inteira como agir ininterrupto, porque a vida inteira na sua totalidade pode ser considerada como uma espécie de ato complexo: eu ajo com toda a minha vida, e cada ato singular e cada experiência que vivo são um momento do meu viver-agir.

Dito de outra maneira, esse pensamento ou palavra é singular, pois não será mais repetido da mesma forma, uma vez que a situação comunicativa e seus entornos exteriores implicam no enunciado. Assim, a unicidade está no momento do enunciado, no ato do dizer. Se for um sujeito historicamente situado, assim, tanto o momento do sentido, quanto da situação comunicativa implicam no resultado da enunciação.

Bakhtin aponta um ponto da valoração realizada por quem produz o discurso: “eu, que realmente penso e sou responsável pelo ato [akt] do meu pensar, não tenho lugar no juízo teoricamente válido. O juízo teoricamente válido é, em todos os seus momentos, impenetrável para a minha atividade [aktivnost’] individualmente responsável (2006b, p.45)”

Para Vigostski (2008) há um liame entre o significado da palavra, entre o pensamento e a linguagem, no que tange aos fenômenos da fala ou do pensamento. Nesse sentido, para ele “uma palavra sem significado é um som vazio; o significado, portanto, é o critério da ‘palavra, seu componente indispensável (2008, p.150-151)”. A palavra está na ordem do pensamento, já que a essa lhes cabe as generalizações e os conceitos. Ele explica, ainda que:

O significado das palavras é um fenômeno de pensamento apenas na medida e que o pensamento ganha corpo por meio da fala, e só é um fenômeno da fala na medida em que esta é ligada ao pensamento verbal, ou da fala significativa-uma união da palavra e do pensamento. (2017, p.151)

Em outras palavras, para Bakhtin (2006, p.17)

A palavra é o signo ideológico por excelência; ela registra as menores variações das relações sociais, mas isso não vale somente para os sistemas ideológicos constituídos, já que a “ideologia do cotidiano”, que se exprime na vida corrente, é o cadinho onde se formam e se renovam as ideologias constituídas.

De todo modo, a palavra é uma representação do pensamento, sendo a sua concretização por meio da verbalização, seja oral ou escrita. Além disso, ela traz a carga ideológica do sujeito que a emite, sendo essencialmente social e refratando a carga social da sua época. Ainda assim, ela é renovada em cada emissão, sendo atribuída novos significados de acordo com o contexto da enunciação e dos participantes da interação. Para Bakhtin, sempre que emitimos uma palavra, ela é única e traz em si o contexto socio-discursivo daquela situação comunicativa, seja de cunho ideológico ou social, além de atender a esfera discursiva do gênero em questão utilizado.

Dito isso, Bakhtin assevera, ainda, que:

A vivência, enquanto algo determinado, não é vivenciada por aquele que a vive, ela é orientada para o sentido, para o objeto, e não para si mesma, ela não tende a determinar-se e a instaurar sua presença total na alma. Vivencio o objeto de meu pavor como objeto apavorante, o objeto de meu amor como objeto agradável, o objeto de meu sofrimento como objeto penoso (o grau da determinação cognitiva não é, claro, essencial para nosso intuito), mas não vivencio meu pavor, meu amor, meu sofrimento. (2016b, p.28)

Infere-se, então, que a vivência é norteada a partir de um dado fim, é preciso ter um objeto, seja de “pavor”, “amor”, “dor”, “luto” ou outro estado da alma humana. É preciso atribuir um fim para que essa vivência seja vivida. É assim quando estamos apaixonados, vivemos intensamente aquela sensação. Com o luto é preciso passar por suas etapas, para só depois de conseguir ressignificá-lo e direcionar novamente o nosso objeto para outro fim. Ser humano é ter dores, amores, angústias. É sermos constantemente minados por algum sentimento que seja agradável ou não, a forma como o nosso estado de alma vai se comportar a tais sentimentos dirá como a nossa vivência será produtiva, feliz ou melancólica. Assim,

A vivência corresponde a uma postura axiológica de todo o meu eu a respeito do objeto, e a “posição” que eu tomarei em função dessa postura não me é dada. Para viver minha sensação, devo torná-la o objeto especial de minha atividade. Para viver minha vivência, devo abstrair-me das coisas, dos objetivos e dos valores para os quais estava orientada minha vivência viva e dos quais ela recebia seu sentido. Para viver meu pavor em sua determinação interna (e não em sua materialidade), devo deixar de ter medo; para viver meu amor em sua atualidade interna, devo deixar de amar. Não se trata de uma impossibilidade psicológica, de uma exigüidade da consciência, mas de uma impossibilidade situada no nível dos valores e do sentido: para fazer que minha vivência em si, minha carne interna, se torne meu próprio objeto, devo sair dos limites do contexto de valores no qual se efetuava minha vivência, devo situar-me noutro horizonte de valores. Terei de tornar-me o outro relativamente a mim mesmo — a mim mesmo cuja vida é vivida em meu próprio mundo dos valores —, e esse outro deverá ocupar uma posição de valores que seja fundamentada, que seja situada fora de mim, fora do que sou (psicólogo, artista, etc.). (Id. p.128)

É exatamente, em um desses estados que se projeta o eu. E direciona para o próximo passo, se o Eu é condicionado a viver intensamente uma dor, ele viverá em estado melancólico e sucumbirá a sua dor, devido ao excesso de direcionamento para aquele objeto. Nesse sentido, é necessário que este eu direcione o seu objeto para outros fins, e é nesse liame entre a ação e o fazer que o eu se sente perdido e se desconecta da razão, pois não consegue sair do seu “eu” sucumbido e materializar o seu objeto para algo positivo. É nesse contexto que a “palavra” pode ser a “cura”, direcionar a “palavra”, que é o seu pensamento, a materialização do seu eu em textos autobiográficos como o diário, corrobora com essa materialização da palavra, dizer onde dói para algo ou alguém é um passo necessário. Quem escreve o diário metamorfoseia este

instrumento como o objeto do seu dizer, é nele que se deposita sua intimidade e sua dor. O diário passa a ser o Outro necessário para ouvir as suas queixas, as suas vontades, seus desejos e fantasias. Ali passa ser o seu lugar sagrado da palavra, onde tudo pode ser colocado sem que haja imposições e nem tão pouco julgamentos.

Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. (BAKHTIN, 1981, p.113)

Assim, toda palavra gera uma teia discursiva repleta de vários Eus que constituem seu eu interior. Nesse interior é a culminância de vários encontros, que dialogam, que se mesclam e se ressignificam em cada enunciado como uma grande teia dialógica. É, portanto, por meio dessa palavra que me defino e me lanço para o outro, no meu Eu e no nós, que é a coletividade.

Nesse sentido, Freud (1923-1925), 2010b) assevera que o psiquismo está atrelado a “consciência”. Então será que todas as palavras são ditas de formas conscientes? Como os discursos forjados passam a fazer sentidos? E aqueles que não são ditos, mas ficam subentendidos? O que considerar? Todos possuem a mesma significação? Em Freud temos que: “o psíquico é antes inconsciente em si, que estar consciente é apenas uma qualidade que pode ou não se juntar ao ato psíquico particular e nele nada mais altera, caso fique ausente?” (FREUD [1923-1925], 2010b, p.137)

O sujeito é também forjado pelas ausências de outros, de nós, do nosso eu, as ausências também dizem muito sobre o eu, já que, muitas vezes, uma palavra omitida traz toda a carga de verdade que o sujeito não quer que venha à tona. Vale ressaltar que dizer ou não a “palavra” está condicionado aos acordos e convenções sociais. Muitas vezes, o Eu é silenciado de forma forçosa para seguir a padrões impostos. Nesse sentido, Freud salienta que:

Mas a sociedade não deseja que essa questão seja ventilada, pois em vários aspectos tem má consciência. Primeiro, estabeleceu um alto ideal de moralidade — moralidade é restrição dos instintos — e exige que todos os seus membros o realizem, mas não se preocupa do quanto pode ser difícil, para o indivíduo, tal obediência. E tampouco é tão rica ou tão bem organizada que possa compensar o indivíduo por seu grau de renúncia instintual. Portanto, deixa-se que o indivíduo descubra de que forma pode obter compensação suficiente para o sacrifício que lhe foi imposto, a fim de preservar seu equilíbrio psíquicos. (FREUD [1923-1925], 2010b, p. 235)

No fragmento acima Freud relata sobre o “alto grau de moralidade” estabelecido pela sociedade. É amoral quem não segue os preceitos sociais e quem não se encaixa nos padrões impostos é rechaçado ou excluído de grupos. Dessa forma, muitos sujeitos, para não serem “punidos socialmente”, evitam tomar certas atitudes, moldam os seus discursos, passando a

demonstrar um eu que não é o real, buscando a aceitação dos outros. É nesse sentido, que muitos dos jovens passam por pressões psicológicas na busca de ser um eu que não é real para agradar a terceiros. Isso acarreta uma série de dano psicológico que pode levar ao adoecimento do corpo e da alma.

Para Beauvoir (1971, p.20),

através de cumprimentos e censuras, de imagens e de palavras, ela descobre o sentido das palavras "bonita" e "feia"; sabe, desde logo, que para agradar é preciso ser "bonita como uma imagem"; ela procura assemelhar-se a uma imagem, fantasia-se, olha-se no espelho, compara-se às princesas e às fadas dos contos.

É justamente nesse liame entre a palavra dita e o que ela pode projetar que se tem as imposições ideológicas, em que os rótulos são cristalizados e impostos para que os sujeitos se enquadrem nos estigmas. Dizer se é bonito ou feio dependerá sempre de diferentes situações para a concordância dessa adjetivação. Para cada um, cria-se o seu perfil, o seu gosto do seu lugar, além disso, as imagens são plurais e diversas, não se pode comparar o seu eu, a sua imagem com as de outros. Em um mundo imediatista e capitalista, que prima pelo consumismo desenfreado, especialmente, a partir da projeção de muitos aplicativos de filtros que circulam na internet em um eterno viver de rótulos, corre o risco de cair na ficção e na irreabilidade de padrões que são manipulados e impossíveis de se alcançar. É nesse momento, em que a adolescente, com personalidade em construção, pode correr o risco de querer alcançar um padrão que seja impossível de ser atingido.

Outro ponto importante, é o juízo de valor de tudo que se é pronunciado e exposto. Para Freud, “evidentemente - palavra a que ele também faria objeção -, a luta não diz respeito a tais palavras inofensivas, mas à tendência a inebriar-se com elas e esquecer, pelo realce na exposição assim obtido, as necessárias limitações de seus pronunciamentos e a inevitável relatividade dos seus juízos” (FREUD, 2016a, p. 376).

Além disso, a noção do que é ser consciente e inconsciente para o sujeito também são conceitos importantes para esta pesquisa. De acordo com Freud (*Id.* p.78),

A consciência proporciona a cada um de nós apenas o conhecimento dos próprios estados d'alma; que um outro ser humano tenha consciência é uma conclusão que se tira por analogia, com base nas manifestações e nos atos que percebemos desse outro, para nos tornar compreensível o seu comportamento.

Nesse sentido, o estado de consciência está muito mais próximo do estado d'alma do sujeito, haja vista, na verdade, por analogia, correlaciona-se também com os ouros e os atos que são perceptíveis do seu comportamento. Assim, só as pistas deixadas pelo autor é que poderão

apontar os caminhos necessários para as análises, para que possamos atestar que o que se escreve é real ou não, é consciente ou não. Com efeito, é possível compreender este eu por meio das pistas deixadas a partir do seu lugar de fala e de como ele se expõe nesse discurso, seja escrito ou não.

Por um lado, o inconsciente abrange atos que são apenas latentes, temporariamente inconscientes, mas que de resto não se diferenciam em nada dos conscientes, e, por outro lado, processos como os reprimidos, que, caso se tornassem conscientes, contrastariam da maneira mais crua com os restantes conscientes. (*Id.* pp.80-81)

Já as marcas do inconsciente podem aflorar de modo a demarcar situações reprimidas e recalçadas por este sujeito sem que ele mesmo perceba, deixando pistas para que o outro percebam tais marcas em seus discursos. Esse lugar tão marcado socialmente, também é impregnado de ideologias. Assim, conforme Bakhtin (2006 a, p. 49),

A ideologia é explicada em termos da psicologia – como a sua expressão e materialização – e não o inverso. É verdade que se diz haver entre o psiquismo e a ideologia uma proximidade, um denominador comum, a significação, que os distingue do resto da realidade, mas afirma-se que é a psicologia, não a ideologia, que dá o tom dessa aproximação.

Esse eu revestido de vários outros está condicionado não só aos estigmas sociais, mas também às ideologias, que mesmo sendo imposições, são absorvidas como verdades e o sujeito passa a segui-las em seu psiquismo interior. Como sujeito social responde por um todo que, embora seja singular, em suas particularidades, acaba sendo atravessado por vozes que os constituem. Nisso, esse “tom” de que trata Bakhtin, é atribuído pelo eu psicológico, não pelo ideológico. Tom esse que pode ser resignificado, acrescentado, ampliado, valorado pelo sujeito que faz uso da palavra. É esse sujeito social, dono do seu dizer, que escolhe o tom que dará aos seus enunciados, assim, “essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos.” (BAKHTIN, 2003, p. 295).

Para Baumam²⁷, na obra *Cegueira Moral*, nessa modernidade, os significados estão avessos à moralidade, e conforme o autor:

Tudo é permeado pela ambivalência. Não há mais nenhuma situação social inequívoca, da mesma forma que não há mais atores inflexíveis no palco da história. Tentar interpretar esse mundo em termos de categorias como bem e mal, pela ótica política e social do preto no branco e das separações quase maniqueístas, é hoje tanto impossível quanto grotesco. Este é um mundo em que há muito deixou de controlar a si mesmo (embora busque obsessivamente controlar os indivíduos), que não pode responder a seus próprios dilemas nem reduzir as tensões que ele mesmo semeou.

²⁷ Citação retirada da Introdução da Obra “cegueira moral”

Na introdução da referida obra o autor traz um apanhado de como os sujeitos estão moldados a uma modernidade líquida, imersa em valores controversos e situações adversas até outrora. Em tudo há duplo sentido, pode ser reconfigurado, o dito de hoje amanhã pode não ter mais valor, há uma flexibilidade que degenera o que antes era fixo, rígido, a começar pelos valores morais em que famílias sucumbem a falta de empatia e sentimentos frouxos, as antíteses e os paralelismos dos polos opostos não são mais verídicos, pois nem tudo é preto, nem tão pouco branco, há uma polissemia de sentidos, uma diversidade de cores que não comportam mais nos duetos. Conforme Bakhtin (2006 a, p. 53),

Tudo o que é significante encontra-se, no final das contas, excluído do campo psíquico, na medida em que tudo que é psíquico encontra-se subordinado ao funcionamento puro e simples de conteúdos objetivos isolados, formando uma espécie de constelação individual denominada “alma individual”. Se é preciso falar aqui de primazia, é certo que, na psicologia funcionalista, ao contrário da psicologia interpretativa, é a ideologia que tem a primazia sobre o psiquismo.

E nesse emaranhado de significados e de diversidade, que encontramos o eu, o tu, o nós, os vários Eus perdidos, à deriva de uma sociedade naufraga de valores e de verdades absolutas. Esses Eus que buscam por si, pelo outro, em uma caça incessante de se compreender o seu eu, o seu lugar, a sua própria alma que se encontra adoecida e atormentada por cargas psicológicas novas, oriundas desse novo mundo, dessa nova demanda. Nesse sentido, Bauman assevera, ainda que:

Por motivos de segurança emocional e psicológica, as pessoas geralmente tentam superar a dúvida e o estado de incerteza contínuos que encontram em si mesmas – e com isso o senso de insegurança que se torna muito forte quando não temos respostas claras e prontas para as questões que nos agitam ou até nos atormentam. É por isso que estereótipos e conjecturas são tão comuns na cultura popular e na mídia. Os seres humanos precisam deles como salvaguardas de sua segurança emocional.

Como entender o que não conhecemos? Tudo o que é novo amedronta, assusta! E esse eu, que se encontra acuado pelo caos social, é paradoxalmente, um eu liberto, livre de muitas amarras, porém acuado e preso em si pelas suas culpas, pelas suas dores, ou simplesmente, por suas ideologias que o privam de ser totalmente liberto. Como afirma Bauman, a insegurança emocional e psicológica corrobora para as “incertezas que se encontram em si mesmas”. A busca de se enquadrar nos estereótipos e a necessidade da aceitação por grupos sociais contribuem para que os sujeitos direcionem os seus objetos para o que está alheio ao eu, encontre-se no externo, na vontade do outro, do que ele espera de você. Acrescentado a isso, muitas vezes, esse outro é irreal, é apenas o eu interior que exterioriza seu desejo para objetos de idealizações ou consumismo, por exemplo. E afinal quem é este eu que busca tanto por si, que é dono da palavra e ao mesmo tempo é silenciado e abafado por diversos atravessamentos?

De que lugar ele fala? Suas narrativas são sempre reais ou tem fantasias? Ficções? O próximo tópico abordará tais questões.

3.2.2 Das narrativas de ficção aos textos confessionais: um caminho entre o real e o imaginário na escrita intimista do diário pessoal

No que tange à Literatura a ficção e a realidade são dois polos distintos, mas que convergem para que se possa entender o universo humano em meio às palavras ditas e não ditas. De um lado há a mimese da realidade, do outro, a ficção, o irreal, criado pelos seus autores. Assim, a mulher figura impregnada de estigmas, estereótipos e silenciamentos traz para a literatura uma forma nova de dizer, já que por muito tempo apenas a escrita masculina dominou o cenário literário.

A princípio, a escrita feminina foi moldada, ensinada para não dizer sobre a alma da mulher, mas para não escrever conforme os homens. Nesse sentido, Woolf (2019) diz que há muitas questões obscuras sobre a escrita da mulher, pois não há uma continuidade na produção feminina, muito embora houvesse épocas em que as mulheres produziam “tão habitualmente quanto os homens”, mas a arte feminina foi renegada ao *status* de ficção. Na verdade, essa particularidade que há nesses registros “está fechada em velhos diários, afundada em velhas gavetas, meio apagada da memória dos antigos (WOOLF, 2019, p.10)”, onde as mulheres eram despercebidas e irrelevantes para marcar registros da história. Como vimos, a História guarda os registros e os feitos masculinos, como soldados de guerra, heróis em grandes batalhas, homens das leis. E sobre as mulheres, o que se sabe? O que faziam? O que a história popular conta sobre as mulheres e seus antepassados? Há um vácuo irreparável sobre o universo feminino.

Para Woolf (2019) o que se sabe sobre as mulheres são sobre seus atributos, se eram bonitas e suas características físicas, nomes, datas dos seus casamentos e quantos filhos tiveram. Woolf, ainda, salienta que: “Estranhos intervalos de silêncio parecem separar um período de atividade do outro. Numa ilha grega houve Safro e um pequeno grupo de mulheres, todas escrevendo poesias seiscentos anos antes de Cristo. Mas, as mulheres se calaram” (2019, p.10).

O problema é que a maioria dos registros da escrita feminina se perdeu, mesmo que, seja possível a produção contínua, após a aquisição da escrita pela mulher, há “estranhas” ausências desses registros da história. Aponta-se o fato da possibilidade, de como para o mundo patriarcal o que vinha da mulher não era relevante. É possível que tais ausências sejam oriundas

da falta de credibilidade da escrita feminina. “Em nossa imensa era psicanalítica, estamos começando a entender, com memórias e cartas para ajudar-nos, como o esforço necessário à produção de uma obra de arte é anormal e que abrigo e suporte a mente o artista requer” (WOOLF, 2019, p.11). Essa autora diz que para compreender a mulher, é preciso entender a dependência entre a mulher comum e a incomum, haja vista para explicar a incomum, faz-se necessário compreender o universo da comum.

Com a chegada dos séculos XVIII e XIX é que a mulher teve uma mudança significativa não só no seu estilo de vida, com a burguesia, mas, sobretudo, no seu lugar na sociedade, isso se identifica também na Literatura. Sabe-se que o grande culpado desse silenciamento foi o patriarcalismo e toda a estrutura da época, que colocava a mulher em tal condição. A mulher desse novo tempo, já tinha mais liberdade, havia “tempo livre” e era “instruída”. Nesse momento, já era possível para as mulheres da classe alta, a escolha do seu marido. (WOOLF, 2019).

No que tange à escrita, conforme aponta Wolff (2019) havia um direcionamento para que as mulheres escrevessem romances, sobretudo, de ficção. Há uma explicação para este direcionamento. Este modelo de escrita exige menos do autor, por ser mais fácil a criação, dessa forma, o mundo patriarcal reduziria também o universo da escrita feminina a apenas o romance.

Assim, Woolf (2019, p 10) destaca que:

Mesmo no século XIX, uma mulher vivia quase exclusivamente em sua casa e em suas emoções. E esses romances do século XIX, embora sejam tão extraordinários, foram profundamente marcados pelo fato de as mulheres que os escreveram serem excluídas, por seu sexo, de certos tipos de experiência. É indiscutível que as experiências exercem grande influência sobre a ficção.

Diferentemente da escrita masculina, a feminina tem por característica, nesse período, a defesa de alguma causa, sendo “porta-voz de uma causa”. Além disso, a escrita feminina não se compara à masculina a menos que essa seja de um homem negro ou um trabalhador (Id., 2019). É notável o avanço na sociedade e o impacto no mundo feminino. A mulher ganhou mais liberdade, e, conseqüentemente, novas atribuições sociais. Tais mudanças passaram a ser refletidas na escrita, haja vista uma das características da escrita é o reflexo do social e de tudo que gira em torno do mundo do escritor.

Dessa forma, a escrita da mulher, que antes era marcada pela sua essência de enclausuramento e de “amargura”, sendo uma forma de dar voz a uma causa, como forma de protestar, passou a ter outras marcas, sendo mais suave, mais amena, marcada por novos tempos e novas características do universo feminino. De toda forma, essa escrita mais leve ficou menos

aprisionada e direcionada pelos homens. Assim, “o afastamento que esteve outrora ao alcance do gênio e da originalidade só agora está chegando ao alcance da mulher comum. Por isso, um romance médio de mulher é muito mais autêntico e muito mais interessante hoje do que há cem ou mesmo há cinquenta anos (*Ibid*, p.14).”

Mesmo assim, tais mudanças ainda não se aproximam da escrita masculina, já que a técnica ainda é muito distante. Especialmente, quando se trata do romance, visto que é um texto longo e que precisa de habilidade para conduzir o leitor. Woolf (2019) ressalta, ainda, que os avaliadores, que julgam o mérito das obras, “os árbitros das convenções são os homens”, estabelecem os valores a serem dados. Há de se concordar, no entanto, que os valores femininos divergem dos masculinos, sejam na arte, ficção, ou na vida real. Obviamente, ao ver a escrita feminina com valores que divergem dos seus, “os árbitros” criticaram, pois não era interessante mudar as regras do jogo, exclusivamente, feito por homens.

Assim,

Sua vida tem uma característica anônima que desconcerta e intriga ao extremo. Pela primeira vez, essa região obscura da mulher a ser explorada pela ficção; ao mesmo tempo, uma mulher tem de registrar a mudança nos hábitos e na mente que decorreram na abertura das profissões. Tem de observar como a sua vida está deixando de acontecer às ocultas, e descobrir que novas cores e sombras se mostram agora nelas quando são expostas ao mundo exterior. (*Ibid.*, p.16)

É bem verdade, que mesmo com mais liberdade, a mulher ainda era limitada aos afazeres domésticos. Logo, o universo que essas autoras poderiam explorar para a sua escrita ainda era restrito. Dessa forma, ainda havia muita divergência da escrita e do mundo masculino, visto que o homem tinha o mundo para lhe inspirar, já as mulheres tinham quartos, salas, cozinhas e jardins. Assim, a escrita passou a dar lugar à ficção, ao que se imaginava, ao que elas sonhavam em ser, a ficção passou a dar asas a escrita e aos desejos das mulheres.

Butler afirma que (2021, p.18):

Em sua essência, a teoria feminina tem presumido que existe uma identidade definida, compreendida pela categoria de mulheres, que não só deflagra os interesses e objetivos feministas no interior do seu próprio discurso, mas constitui o sujeito menos em nome de quem a representação política é almejada.

Essa política busca compreender como a representatividade da mulher está no seio da sociedade. Sabe-se, portanto, que mesmo diante da conquista já adquirida de espaço considerável, ainda há lacunas a serem vencidas. A própria semântica do ser mulher foi se metamorfoseando e ganhando novos contornos, em suma,

é significativa a quantidade de material ensaístico que não só questiona a viabilidade do sujeito como candidato último à representação, ou mesmo à libertação, como indica

que é muito pequena, afinal, a concordância quanto ao que constitui, ou deveria constituir, a categoria das mulheres (BUTLHER, 2021, p.18)

Nesse sentido, essa busca pela representatividade fica reprimida aos paradigmas do capitalismo e de uma sociedade machista que ainda vê a mulher como inferior ao homem em capacidades das mais diversas formas. Conforme Butlher (2021, p.18), “as qualificações do ser sujeito têm que ser atendidas para que as representações possam ser expandidas.”

Com efeito, o debate sobre a emancipação feminina e o lugar da mulher na sociedade vai além dos preceitos machistas, está enraizado em valores cristalizados socialmente, em que muitas mulheres, inclusive, se veem com menos valor do que o homem, elas acreditam que o papel da masculinidade é superior ao feminino, e se subjugam aos ditames sociais impostos.

Assim, o sujeito feminista se revela discursivamente constituído, e pelo próprio sistema político que supostamente deveria facilitar sua emancipação, o que se tornaria politicamente problemático, se fosse possível demonstrar que esse sistema produz sujeitos com traços de gênero determinados em conformidade com um eixo diferencial de dominação, ou os produz presumivelmente masculinos. (*Id.*, 2021, p.19)

Posto isso, verifica-se que o sujeito, como já dito, é moldável, é social, mas em uma sociedade hierarquicamente masculina, em termos de poder, a emancipação da mulher vem sendo “freada” por um sistema político que tem majoritariamente homens no poder e nas funções mais prestigiadas. Para Buthler (2021), é impossível separar o conceito de ser mulher de outras ações, ou simplesmente, reduzi-la a essa condição.

Para a autora,

Nem sempre o gênero se constitui de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece intersecções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e religiosas de identidades discursivamente constituídas. (BUTLHER, 2021, p.19)

Já Zinani (2013) assevera sobre a relação como pertencimento para teorizar sobre o gênero e a identidade. Para esta autora,

o gênero estabelece uma relação de pertencimento entre uma entidade e outras entidades previamente constituídas como uma classe. As concepções culturais formam sistemas de gêneros que estão sempre ligados a fatores econômicos e políticos de uma sociedade (ZINANI, 2013, p. 106)”.

Zinani ainda aponta que (2013, p.107):

É inviável pensar a questão de gênero sem considerar que a história das mulheres, até pouco tempo atrás, foi escrita por homens, que detinham o destino delas nas mãos. A nova história a partir de instrumental metodológico e de práticas historiográficas renovadas, ocupando-se, também, com questões de gênero, procura demonstrar que

as mulheres constituem uma categoria fixa, embora exercendo papéis sociais diferentes.

É nesse prisma do debate do gênero e do lugar da mulher que tece a escrita feminina. Como retrato do seu tempo, metamorfoseou-se para uma escrita de si, já que havia passado o desejo da busca pela sua liberdade e a angústia das restrições impostas pelo patriarcalismo mais severo. Agora, a escrita mais fluida refletia a nova mulher e suas novas vontades, uma escrita direcionada, condicionada, passou a dar lugar para uma em escrita de si e sobre as outras mulheres, ou seja, o universo feminino passou a ter vez, haja vista a escrita de outrora ser guiada pelos ditames masculinos e enclausurada nos rótulos impostos.

A matéria apropriada à ficção não existe; tudo serve de assunto à ficção, todos os sentimentos, todos os pensamentos; cada característica do cérebro e do espírito entra em causa; nenhuma percepção é descabida. E, se pudermos imaginar a arte da ficção bem viva e presente em nosso meio, ela mesma há de pedir sem dúvida que a provoquemos com transgressões, como pedirá que a respeitemos e que a amemos, pois assim a sua juventude se renova e sua soberania estrará garantida. (WOOLF, 2019, p.19)

Na atualidade, o debate gira em torno do sujeito, da sua constituição, identidade e gênero. Quem é essa mulher que escreve atualmente? De qual lugar ela escreve? O lugar vai muito além do espaço físico, esse termo está impregnado de sentidos e de possíveis respostas desde o lugar social até o psicossocial, é entender como que esta mulher está e se reconhece no mundo por meio do seu Eu e do outro que a constituem. Nesse liame, entre o Eu e o Outro, o sujeito se insere a partir da linguagem que é social.

Nesse sentido, os problemas atuais são bem maiores do que o lugar da sala, da cozinha e dos filhos que a mulher precisava alimentar, criar e educar. Hoje, a mulher responde socialmente, mesmo que ainda de forma limitada, em relação ao homem, por diferentes funções. O lugar da mulher na sociedade não é mais apenas da dona de casa, esposa, mulher, filha e dotada de atribuições domésticas, como até outrora, a mulher tem profissão, atua em diversas esferas e escreve sobre uma pluralidade de assuntos, visto que ela é um ser social e está imersa no contexto do mundo globalizado que não inicia e nem termina em sua casa. Assim, “o próprio sujeito da mulher não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes (BUTLER, 2021, p.18)”.

Conforme essa autora explica “o sujeito feminista se revela discursivamente construído, e pelo próprio sistema político que supostamente deveria facilitar sua emancipação, o que se tornaria politicamente problemático (*Idem*, p.19)”

Outro ponto abordado por Butler (2019, p.20) “é em relação ao termo “mulher”, que há o cunho político, dentre outras significações possíveis. Assim, para esta autora “ao invés de

um significante estável a comandar o consentimento daquelas a quem pretende descrever e representar, *mulheres* – mesmo no plural [...]”. Nesse sentido, não basta apenas compreender o termo mulher de forma restrita, tendo em vista que não dá para ser singular, em um universo plural. Ser mulher vai muito além do que meros conceitos ou restrições, ser mulher é ser singular em sua identidade e plural em suas diversas formas de agir e ser em mundo globalizado, que é social, histórico além de outros vários fatores plurais que impactam na forma de ser do sujeito.

O patriarcalismo e seu impacto sobre o julgo feminino, para Butler, “a noção de um patriarcado universal tem sido amplamente criticada em anos recente, por seu fracasso em explicar os mecanismos de opressão de gênero nos contextos culturais concretos em que ela existe” (Idem, 2019, p.21).

Na contemporaneidade, há uma vasta literatura feminina, com mulheres que dão vozes aos valores, preceitos e ao teor do “feminismo” nos padrões atuais que buscam o lugar da mulher em diversas situações sociais, tentando derrubar padrões estereotipados socialmente, dando relevância à representatividade feminina na sociedade. Nesse sentido, na atualidade, temos uma literatura, não apenas romanesca, como no século XIX, que prioriza a ficção, mas há uma literatura feminista, que não é apenas escrita por mulheres, mas fala sobre o ser mulher, do lugar da mulher, com valores femininos, buscando pela igualdade de gênero e não apenas de sexo.

Outra questão relevante é em relação ao gênero e a identidade desse ser “mulher”. Para Butler há uma ampla discussão atual sobre gênero e identidade. Porém, cabe destacar que na atual conjuntura, o universo sobre o gênero não gira em torno do binário masculino e feminino, há uma gama de possibilidades que ecoam do debate do gênero, assunto que não será adentrado com profundidade, visto que não é o foco desse trabalho, mas refletir sobre o ser mulher, como sujeito social e psicanalítico.

É bem verdade que mesmo sendo travadas árduas batalhas, ao longo da História, na atualidade, temos uma situação mais confortável para a mulher, haja vista se compararmos a épocas remotas em que a mulher era enclausurada. É notório, também, que tais avanços são representativos na cultura ocidental, em que a mulher possui liberdade de ir e vir, pode estudar, trabalhar, casar-se ou não, ter filhos ou não, é dona, de certa forma, do seu dizer e das suas vontades, mesmo que ainda haja resquícios do domínio do patriarcalismo, denominado, como uma sociedade machista, que ainda preza essencialmente pelo monopólio do homem em relação a mulher em muitos setores. Dados mostram que entre homens e mulheres, exercendo a mesma

função, ainda, há diferença em remunerações salariais. Isso é marca de uma cultura em que prevalece o homem, como detentor do poder.

No que tange à Literatura, temos uma diversidade de mulheres escritoras que se destacam, no Brasil, especialmente, da época do Modernismo até hoje. Como referência a essa escrita de si, da mulher, optou-se por abrir com epígrafe em todos os nossos capítulos, da Clarice Lispector, como forma de enfatizar a alma feminina falando sobre si e sobre a escrita. As mulheres hoje escrevem desde romances, a contos, poesias, livros infantis, infanto-juvenis, e por que não dizer autoajuda, como grandes *bestsellers*, com recordes de vendas ao público. Temos autoras que se espalham por todos os cantos do mundo e fazem da sua escrita seu modo de ver o mundo e de se curar dos males da alma, não apenas por meio da ficção, mas como forma de usar a escrita como uma maneira de documentar um fato, um acontecimento, como é o caso dos depoimentos, documentários, além de estarem presente, na teledramaturgia como autoras de novelas e filmes. Obviamente, se comparado, a presença dos homens, a mulher, ainda é minoria, mas com avanços significativos ela vem galgando espaço e se colocando em pé de igualdade de direitos.

Simone de Beauvoir, na obra *O segundo sexo*, autora representativa do universo feminino e consagrada pelas suas obras de cunho feminista, discorre sobre o ser mulher. Dentre tantas obras, destacaremos aqui, *O Segundo Sexo*, obra dividida em dois volumes: o primeiro sobre “Fatos e mitos”, e o segundo: “Experiências vividas”. Nesta obra, a autora delinea o seu lugar na escrita perante a Mulher, com a celebre frase: “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Na obra “fatos e mitos” (1970, p.171) Beauvoir cita “E Stendhal: "Todos os gênios nascidos mulher estão perdidos para a felicidade”, e ao explicar a citação ela afirma que: “Em verdade, ninguém nasce gênio: torna-se gênio; e a condição feminina impossibilitou até agora esse "tornar-se". (1970, p.172)

Nesse sentido, como já mostramos no capítulo anterior, as condições oferecidas às mulheres eram limitadoras e castradoras, impostas por uma sociedade patriarcal que ditavam regras para que as mulheres seguissem. Sendo assim, óbvio que havia as mulheres que se rebelavam e faziam seus destinos serem traçados às margens das imposições usando, muitas vezes, codinomes masculinos para seus feitos na escrita, fossem em folhetins, em jornais ou em livros. Mesmo assim, essas mulheres eram minorias, e em seu tempo não foram reconhecidas pelos seus feitos. Para Beauvoir (1970, p.172): “o período que atravessamos é um período de transição; este mundo que sempre pertenceu aos homens ainda continua nas mãos deles; as instituições e os valores da civilização patriarcal sobrevivem a si mesmos em grande parte.”

No volume dois, no capítulo destinado à infância, Beauvoir afirma que:

NINGUÉM nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. (BEAUVOIR, 1971, p.7)

Entende-se, que assim, como todo e qualquer sujeito, a mulher é um ser social, logo é moldada aos arquétipos sociais e condicionada a esses. Assim, no que tange às fases de transição do corpo, realmente não nascemos mulheres, nascemos bebês, passamos pela fase da criança, adolescência até o corpo se modificar para a fase adulta, e, conseqüentemente, a menina se torna mulher, inclusive, após a menstruação e várias outras descobertas do seu corpo psíquico-social.

O silenciamento da voz da mulher nas narrativas parece ser intrínseco à sociedade, já que tem sua origem em épocas remotas. Assim, os primeiros escritos femininos têm suas origens em registros intimistas, como diários, canções, poesias que eram colocadas em páginas que tinham como objetivo guardar segredos, já que a escrita não era lugar para a mulher.

Conforme Bakhtin (1997, p.277)

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua [...]

Em outras palavras, as esferas comunicativas são infinitas e os sujeitos do discurso se adaptam a situação do enunciado. Sendo assim, o contexto enunciativo irá reger as regras dessa comunicação, fazendo com que cada ato comunicativo seja único. Assim, mesmo no texto confessional, essas marcas são únicas, uma vez que refletem o todo da esfera e das condições de produções. Se retomar o exemplo do diário da Anne Frank, que foi usado, como exemplo, para ilustrar o lugar da palavra da mulher, naquele contexto de violência de todas as formas, o quanto aquela adolescente não foi silenciada? O quanto não foi violentada? Nesse sentido, a esfera comunicativa que ela usou para se representar o lugar de fala, foi o gênero diário, confessional, lugar em que ela se sentia acolhida, abraçada por um eu que plasmava em sua escrita, sem julgamento, que ela poderia ou não expor apenas fatos reais, muito embora estivesse descrevendo a sua rotina no campo de concentração, que marcou e marca tristes

páginas da humanidade. A Anne Frank, adolescente judia, escreveu, em seu diário, cenas que vivenciou ao longo de dois anos. Acredita-se que ela morreu aos 15 anos. Imaginem o lugar de fala dessa adolescente, quais os impactos para ela de tudo que presenciou nesse campo de concentração. Como repetir as cenas? Seus impactos? Como isso chegava até cada um que ali estava?

Assim, nesse debate sobre o gênero diário pessoal, junta-se a Literatura e a Psicanálise para entender como os sujeitos se comportam nessas duas esferas. Então, a

Literatura e psicanálise "lêem" o homem na sua vivência cotidiana tanto quanto no seu destino histórico. Elas se assemelham mais profundamente por excluírem qualquer metalinguagem: não há diferença entre o discurso que se faz sobre elas e os discursos que as constituem. (BELLEMIN-NOEL, p.13)

Nesse contexto, o discurso reverbera a partir das conjunturas sociais e da construção psicanalítica desse sujeito. Dessa forma, a Psicanálise e a Literatura serão analisadas no gênero diário pessoal, que possui marcas íntimas e confessionais, onde o eu que escreve de si, escreve de um dado lugar, do seu mundo, do seu contexto. É a partir da palavra que no registro no diário será encontrada a voz desse Eu, como a maior urgência humana, que é a necessidade da comunicação, de se expressar, de falar, mesmo que seja nos atos monológicos mentais.

O tempo todo, a linguagem está sendo evidenciada por meio dos discursos comunicativos. Nos gêneros confessionais se encontram as angústias, os medos, os desejos, os clamores de um eu que é silenciado pela sociedade, que não encontra o seu lugar de fala, em outras situações comunicativas, e buscam naquele espaço de acolhimento. Quando este Eu escreve, ele está registrando o seu eu interior, ele escreve sobre si, não para si, mas para o seu amigo diário.

A posição da qual se narra e se constrói a representação ou se comunica algo deve ser orientada em termos novos face a esse mundo novo, a esse mundo de sujeitos investidos de plenos direitos e não a um mundo de objetos. Os discursos narrativo, representativo e comunicativo devem elaborar uma atitude nova face ao seu objeto. (BAKHTIN, 2013, p.18)

A partir disso o lugar de quem narra e como narra dependerá das suas representações de como ele está diante a tudo lhe envolve. Por tudo que foi exposto, entende-se que o lugar de fala dos sujeitos, especialmente, da mulher, foi ressignificado. É bem verdade, que ainda há caminhos a serem percorridos, mas essa mulher, adolescente, que escreve sobre si, no diário pessoal, é uma adolescente, em construção humana, que mesmo que ainda haja repressão por parte da família ou da sociedade, ainda é possível perceber que esse sujeito faz parte de um contexto social com avanços, se for comparado a décadas ou séculos atrás. Embora sejam

identificadas marcas de repressão na escrita, percebe-se que o fato de ela ter o poder da escrita e o domínio da palavra já é um lugar diferente, um lugar de fala, mesmo que o seu espaço seja destinado apenas ao diário. É nesse contexto que este Eu utiliza a palavra para se expressar, ela sonha, ela cria, e nem sempre o que se registra ali são fatos, muitas vezes percebe-se na escrita confessional a fantasia e a ficção, haja vista o eu que fala também age pelo inconsciente, conforme vimos com Freud.

Neste ínterim, a obra de Freud intitulada de: *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (FREUD, [1914-1916], p. 226)

O diário é uma pequena joia. Realmente, creio que até hoje ninguém pôde enxergar com tamanha clareza e veracidade os impulsos psíquicos próprios do desenvolvimento de uma garota de nosso nível social e cultural nos anos que precedem a puberdade. Como os sentimentos nascem do egoísmo infantil até alcançarem a maturidade social, como se apresentam inicialmente as relações com os pais e irmãos e depois adquirem aos poucos seriedade e intensidade afetiva, como as amizades são tecidas e abandonadas, a afeição tateando em busca dos primeiros objetos, e, sobretudo, como o segredo do sexo começa a surgir difusamente, para depois tomar plena posse da alma infantil, como essa garota é afetada pela consciência do seu secreto saber, mas gradualmente supera isso, tudo é expresso de forma tão encantadora, tão séria e natural, nessas anotações despreziosas, que certamente despertará enorme interesse em educadores e psicólogos.

Na descrição sobre o diário no volume 12, da obra de Freud, encontra-se a descrição não apenas da criança que se transforma em adolescente, mas como ela vai se metamorfoseando e se construindo a partir das relações sociais desde o seu núcleo familiar até as relações objetais que são transfiguradas do primeiro núcleo para o exterior em busca de reconhecer outras sensações na vida sexual e se tornar mulher. Esta metamorfose perpassa o viés social e impacta o psíquico em que este Eu é construído. Nesse sentido, os registros dos diários nos dão margens para entender como este eu se reconhece no mundo e como ele é construído pelo outro, além de deixar marcas de forma literária das suas descobertas amorosas, sexuais e de si no mundo. Tais escritos não só falam de si, mas das suas relações com outros, nesse sentido, o diário é um gênero confessional, autobiográfico por escrever sobre si. Apontado por alguns autores como diário íntimo, Bakhtin (2006b, p.165) ressalta que:

Mas a vitória caberá ao valor biográfico. (É um combate análogo, feito de compromisso ou do triunfo de um ou outro dos princípios, que observamos no diário íntimo tal como ele aparece na época moderna. O diário se inspira quer na confissão, quer na biografia: todos os escritos íntimos, tardios, de Tolstoi parecem-se com a confissão, a julgar pelo que conhecemos deles; o diário de Puchkin é totalmente autobiográfico, como acontece, no conjunto, com o diário entre os clássicos, que nenhum tom penitente vem turvar.) Não existe em princípio uma demarcação nítida entre a autobiografia e a biografia, e este é um ponto essencial.

Para o autor, o diário além de confessional é uma biografia, trazendo exemplos de clássicos como Tolstói; já para os de Púnckin ele aponta que é autobiográfico, assim, ainda destaca não haver “em princípio uma demarcação nítida entre a autobiografia e a biografia, e este é um ponto essencial”. Para ele, a autobiografia é organizada, além de ser uma narrativa.

No que tange ao sujeito que escreve o diário íntimo ou pessoal é:

O sujeito da introspecção-confissão situa-se à minha frente no acontecimento existencial, ocupado na realização do seu ato, um ato que não implica, de minha parte, uma reprodução (mimética) ou uma contemplação artística, e sim uma reação-resposta correspondente (do mesmo modo que uma petição que me é dirigida não implica que eu a reproduza - que eu a vivencie, que a imite, nem que lhe perceba o aspecto artístico -, mas implica que eu lhe reaja com um ato-resposta: eu a acatarei ou a rejeitarei; ato este que não é imanente à petição, ao passo que a contemplação estética, a co-criatividade, é imanente à obra artística — não na forma de um dado empírico, por certo). Diante de mim, tenho um sujeito situado no interior do contexto do acontecimento existencial que nos engloba a ambos, e meu ato-resposta não deve isolá-lo no acontecimento; o futuro por-vir do acontecimento nos liga um ao outro e determina nossa correlação (estamos um em frente do outro neste mundo). (Id. p.163)

Para Bakhtin o sujeito que escreve de forma introspectiva e confessional não é apenas um mero reprodutor, que transfigura em palavras de forma mimética, o que está em seu meio, na verdade, ele está ali como autor. Reagindo, responde como tudo lhe toca, lhe causa dor, lhe impacta de modo ativo. Ele é um sujeito ativo que escreve como forma de resposta ao mundo e aos diversos outros que estão em sua volta. Nesse sentido, o sujeito não é apenas um mero reprodutor, mas uma agente em seu meio que age por meio das palavras, como uma forma de dar respostas ao que lhe causa dor, desejo ou outras sensações.

Se agir por meio das palavras é agir por meio dos gêneros do discurso, agir por meio das narrativas do diário pessoal é agregar, a este meio, categorias da Literatura como autor, enredos, narrativas, ficção, tempo e espaço, dentre tantos outros aspectos literários presentes nesse gênero. O conceito de texto, para muitos autores, está atrelado à codificação alfabética, porém sabemos que esta noção já foi sobreposta pela Linguística, sobretudo pela teoria dos gêneros discursivos, em que veicula o conceito de texto às diferentes esferas discursivas, na qual o autor segue uma estrutura fixa textual, adequando a linguagem ao que a esfera discursiva e o gênero textual propõem.

A partir do diário, o sujeito, quando escreve, está exteriorizando os seus monólogos por meio da escrita. É no seu diário, como seu melhor e maior confidente, que irá guardar seus segredos impúblicáveis, aqueles que subjazem no seu inconsciente. Nesses mesmos termos, esse texto, resultado do discurso confessional, também é literário, pois, segundo Compagnon

(2001), o que define um texto literário não é o contexto de origem desse texto, mas o uso que a sociedade faz dele, separando-o de seu contexto de origem.

Com efeito, na origem do diário, tinha-se a necessidade de contar os segredos para “alguém” que manteria total sigilo. Nele, seus relatos eram privados, para o conhecimento apenas do sujeito que escrevia. Nesse sentido,

O gesto da escritura refaz o trajeto do desejo entre sua ausência e o discurso verbal em que se registram suas figurações através de imagens e depois por palavras – bem entendido, com a condição de que se trate de uma escritura livre, de uma escritura solta, “de ficção, portanto, governada pelo desejo”. (BELLEMIN-NOEL, 2003, p. 48)

Percebe-se pela citação de Bellemin-Noel que este sujeito que narra seu discurso escreve “pelo trajeto do desejo”, usando do artifício da escrita livre, sem amarras. Assim, “de ficção, portanto, governada pelo desejo”. Assim, “de ficção, portanto, governada pelo desejo”.

As relações interpessoais contemporâneas adquiriram novas configurações decorrentes do modelo de sociedade atual. Relações estas que são mediadas por imagens, modas, tendências impostas pelos veículos de comunicação, globalização de costumes, necessidades, e modos de ser dos indivíduos enquanto atores da cena social. Essa “sociedade espetacular” acaba por ser, em sua essência, uma sociedade da aparência. Se por um lado, em um primeiro momento, o capitalismo impulsionou o sujeito para uma dialética do ter em detrimento do ser; hoje, por outro lado, temos o deslizamento do ter para o parecer. (TAVARES, 2010, p.13)

Para este autor, essa escrita que traz o diário como suporte pode ser identificada como uma fuga de um processo contínuo de solidão, a busca de ter algo ou alguém que possa dialogar sobre qualquer conteúdo sem julgamentos. Na década de 90, nosso recorte temporal, foi uma década de ajustes sociais e de adaptações, haja vista, no final de 80, teve a Constituição Federal e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990) que só veio a público nessa década. Logo, as famílias e os espaços sociais estavam ressignificando o lugar da criança e do adolescente. As relações existentes estavam em transição, do “oba-oba da década de 60”, repressão dos anos 70, transição para a liberdade de expressão e garantias de direitos 80 e 90. Foi na década 90 que a criança passou a ter as garantias com o ECA, com as leis da educação, em 1996, com a LDB (Lei de diretrizes e bases educacionais) tiveram os direitos educacionais garantidos.

Com todas essas mudanças sociais os sujeitos acabaram sendo moldados a estereótipos de uma abertura social, capitalista, de um neoliberalismo que investia no poder de compra, que impõem padrões de beleza e posições sociais. Dessa forma, houve um impacto significativo na mudança de comportamento dos adolescentes e na formação desse sujeito que está em transição

entre a fase infantil para ser tornar adultos, levando em conta que o lugar do adolescente é um lugar de transição. Ele que, agora, nem é mais criança para ser tratada como tal, e nem tampouco é adulto para ter a função de adulto, está em meio a uma metamorfose. E este lugar em si, já é um local difícil de estar, e de se encontrar como sujeito.

Assim, agregar a psicanálise com a literatura possibilita pensar este Eu, que é conflituoso, não apenas como sujeito agente e dono do seu dizer, como afirmam os estudiosos da linguagem, mas oportuniza, sobretudo, investigar o sujeito psicanalítico sob à luz de Freud desvendando os sonhos, os desejos e o inconsciente desse Eu, pelos efeitos de sentidos que ele exprime nas palavras dos diários. Um Eu que perpassa as linhas escritas e adentra o Eu do inconsciente que aflora a partir da escrita e de suas marcas.

A escrita do texto parte da construção de um enunciado que tem uma tessitura tangível e compreensível, sendo coerente nas suas marcas de expressão, podendo ser oral ou não. Essa expressão muitas vezes pode partir de um ato monológico em que o autor constrói um monólogo, e, na verdade, ele dialoga com os vários outros que estão nele, ou com os leitores/telespectadores. Escrever é ir além das palavras, é voar para o longe, em voo livre em que as palavras são conduzidas pelo seu eu como forma de expressão.

Assim, conforme Bakhtin (1997, p.141)

Não há nada no presente, mesmo o orgulho e o contentamento, que não se complete por conta do futuro (o que se revela através de um discurso satisfeito, seria a tendência de se antecipar a si mesmo). A consciência que tenho de ainda não existir no que é o essencial de mim mesmo vem a ser o princípio organizador de minha vida vivida em meu interior (em minha relação comigo). O fundamento insensato do princípio que faz com que eu não coincida comigo condiciona a forma de minha vida-por-dentro.

Nesse sentido, esse Eu que escreve de si é um sujeito incompleto, por mais que se tenha alguma emoção, ele pode estar incompleto e no futuro. Nessa citação, Bakhtin diz que o Eu, também, é mutável, é incompleto e mesmo o sentimento do orgulho ou do contentamento ele são incompletos e no futuro podem sofrer transformações. Dessa forma, mesmo o nosso interior é incompleto, para ele “A consciência que tenho de ainda não existir no que é o essencial de mim mesmo vem a ser o princípio organizador de minha vida vivida em meu interior (em minha relação comigo) (*Ibd.*)”

Safouan (*apud* NASIO, 1987, p.12)

o sujeito da psicanálise não é o sujeito que fala, nem aquele que se engana ao falar, mas aquele que emerge quando uma palavra foi lançada para além da intenção”. Com efeito, “o inconsciente se rege por duas leis que lhe são estruturais: a pulsão se representa (e nisto ele se constitui) e esta representação será infalivelmente esquecida (recaçada), mas não menos infalivelmente ela se repetirá.

Dessa forma, pensar na escrita de um diário por uma adolescente é refletir muito além do que o que o próprio diário e suas linhas podem nos oferecer. Muito embora já tenha dito que o diário agrega valores pessoais e traz em si uma relação próxima com o seu “dono”, ele nos proporciona a possibilidade de pensar sob a óptica desse Eu que escreve inconsciente sobre si, que joga a palavra para o outro que mais tarde vai absorvê-la, mesmo que esse outro naquele contexto seja ele, que tempos após pode ir às suas páginas e buscar um reencontro com aquele Eu que escreveu, que agora, ele adulto não se identifica nesse reencontro, por que o Eu dele agora é outro, e têm novos outros em si e dialoga com o seu novo contexto.

Posto isso, o diário como gênero híbrido (estrutural) possibilita entender não apenas, a condição desse eu-psicanalítico a partir de conceitos freudianos, mas, sobretudo, pensar esse Eu, a partir das suas impressões e marcas de subjetividade. Em verdade, mesmo que ele escreva a partir de suas impressões, do seu eu mais profundo, nele há impregnado vários outros, várias vozes a partir dos seus registros. Muitas vezes, ali estão os seus desejos e não a partir de fatos que realmente aconteceram, seus escritos são oriundos de fantasias, para a psicanálise e ficção para a literatura.

Para Safouan (1987, p. 13), “O desejo é a representação da coisa, ele é o testemunho de que a pulsão alcançou se significar. Por isso desejo é assunção simbólica, é o dito da Coisa. Consequência: inconsciente é algo estritamente humano, pois o inconsciente “se estrutura como linguagem.”

Assim,

O diário é uma das formas redigida pouco depois da vivência dos acontecimentos (em princípio no próprio dia...). É portanto, uma forma de narração intercalada, isto é, em que a enunciação alterado com a história. Assim, não pode reconstruir os factos de acordo com a prévia escolha sua. (GAMEIRO, 2012, p.41)

A partir do diário, como escrita intimista, pode-se entender o universo dessa menina-mulher, por meio da sua forma de ver o mundo, da sua autobiografia, pois ali encontra-se muito da sua personalidade, e, sobretudo, do seu mundo, tanto interior, como exterior. Nele há os registros dos outros que ela convive em seu meio social e, percebe-se as ausências que são acentuadas pelas transgressões dos valores e pelas transferências. Como é o caso das ausências do núcleo familiar que são evidenciadas pelo convívio e desejo por homens de mais idade. Ali percebe-se a subjetividade da relação com o pai, e como esta relação pode ser antagônica ao modelo da família contemporânea, onde há como base o afeto, o cuidado e o diálogo.

Para Cândido (2006, p.15),

Como indicadora mais manifesta da ficção é por isso bem mais marcante a função da personagem na literatura narrativa (épica). Há numerosos romances que se iniciam com a descrição de um ambiente ou paisagem. Como tal poderiam possivelmente constar de uma carta, um diário, uma obra histórica. É geralmente com o surgir de um ser humano que se declara o caráter fictício (ou não-fictício) do texto, por resultar daí a totalidade de uma situação concreta em que o acréscimo de qualquer detalhe pode revelar a elaboração imaginária.

É possível repensar a respeito da idealização dos desejos dos adolescentes, que muito embora estejam registrados, no universo adolescente, essa idealização nem sempre se concretiza, e o que há muitas vezes são devaneios fictícios, não necessariamente reais de um eu-lírico descobrindo as nuances da vida fora do subjuço dos seus pais. Ali, naquelas linhas, é o local onde este adolescente pode expressar-se com liberdade, sem a ojeriza e as cobranças do Outro, que se mostra alheio aos seus gritos e impulsos. A sua voz impressa naquelas linhas “é delegada, torna-se efetiva, gratificante, uma vez refletida pelo Outro (e aí, encontramos sem dúvida o ideal do *ego*)” (BELLEMIN-NOEL, 2003, p. 43).

Assim, “pensamos estar sozinhos quando lemos, mas inconscientemente lemos com o escritor, de acordo, em eco, em ressonância com ele” (BELLEMIN-NOEL, 2003, p.44). Por analogia essa mesma dialética se dá com o ato de escrever. Quando escrevemos, estamos traçando as letras a partir de um dado local, seja físico ou psíquico, e em nossos registros deixamos nossas marcas de textualidade e de autoria. Marcas essas que nos delimitam como uma digital, uma impressão pessoal que nos coloca ao julgo do olhar desse outro, que de forma inconsciente escrevemos para que um dia esse outro possa nos compreender em nossas inquietações. Em verdade, a escrita traz para nós a possibilidade de eternizarmos nossas inquietações, nossos anseios, sendo a forma mais concreta de gritar em voz alta, e, paradoxalmente, de forma silenciosa, nos transfigurar em palavras. É através da escrita que gritamos em silêncio. “O grito nunca é a dor, é seu representante; o que se escreve é o desenvolvimento do que se gritava” (*Id.*, 2003, p. 48)

A relação entre pensamento e a linguagem é entender o ato da escrita do diário, como um ato em que o sujeito não exterioriza a fala como reprodução do pensamento, mas utiliza-se da escrita para isso. Assim, o sujeito que escreve o diário por meio da sua escrita, utiliza-se da palavra escrita para expressar o seu eu. Para Vigotski, na obra *Pensamento e Linguagem*, a relação entre o pensamento e a linguagem é de suma importância para se entender as relações interfuncionais.

Para Freitas (1994, p.94) “o significado da palavra evolui; na evolução histórica da linguagem mudam a própria estrutura do significado e sua natureza psicológica”. Dessa forma, a relação entre a palavra e o pensamento é vida, ou seja, acontece de forma natural e dialógica,

além de ser evolutiva e possível de mutação, já que o homem é ser social e age pelo meio e no meio social. Para Freitas (1994), a fala não é reflexo do pensamento, além da “essa relação ser de natureza psicológica”. Nesse sentido, a “fala exterior” é a concretização do pensamento. Primeiro pensa e depois profere a fala, que já foi organizada pelo pensamento. Já, quando se fala em silêncio, para Freitas (1994, p.97), essa fala interior é “um pensamento que expressa significados puros.

Para a autora, a linguagem é de suma importância para a criança porque é por meio dela que se comunica com mundo, além de ser “fator importante para o desenvolvimento mental da criança, exercendo uma função organizadora e planejadora de seu pensamento” (1994, p.98). Em outras palavras, o adolescente ao se colocar por meio da escrita, está gritando em silêncio não apenas a sua dor, mas como ela se apresenta para ele. Ele busca uma forma de dialogar com o outro do seu inconsciente que o compreende e entende suas inquietudes. O “ser” imaginário é metamorfoseado na figura do diário, que ele encontra como alento para a sua solidão. É na escrita que ele se reflete como o Outro que dialoga a partir das suas dores e aflições e, por que não dizer, das suas emoções? Que palavra é essa que se torna tão importante?

Para este debate, o próximo capítulo será destinado a tecer sobre o ser adolescente e o sexo feminino, em transição, como sujeito social, em busca de sua identidade e de se colocar em um mundo novo, reconhecendo-se como parte desse e agindo nele por meio situações sociais. Esse ser adolescente, uma menina em transição para o ser mulher, haja vista se enquadra como adolescente, que escreve sobre si, em diários para se refletir e agir no mundo por meio da palavra refletindo por meio da sua escrita situações que demarcam condições psicanalíticas como a histeria e a melancolia, subtemas do próximo capítulo.

CAPUT IV – O ADOLESCENTE COMO SER SOCIAL E PSICANALÍTICO: UM SUJEITO QUE ESCREVE IN (CONSCIENTE) SOBRE SI

Este capítulo se deterá a tecer comentários sobre a criança e o adolescente pelo viés sócio-histórico e psicanalítico, buscado dissertar sobre como estes sujeitos se configuram e como eles são concebidos pelo olhar de historiadores e pesquisadores que se detém a entendê-los em suas limitações e amplitudes, como sujeitos que são, repletos de direitos e deveres.

Além disso, serão inseridas contribuições da Psicanálise tendo como norte Freud e estudiosos da psicanálise, agregado a Bakhtin que entende o sujeito como social movido e constituído por vários outros, no subtema: *Continuidade e descontinuidade na construção humana: do ser menina ao ser mulher como sujeito psicanalítico* que terá como recorte teórico, especialmente, as contribuições freudianas e outros teóricos da Psicanálise e da Adolescência.

Como subtemas este capítulo foi dividido em dois tópicos: *A adolescente: do princípio do prazer à histeria* e, por fim, será apresentado o subtema sobre *o silenciamento e a melancolia na adolescência*.

Posto isso, o objetivo maior desse capítulo é mostrar como os termos criança, adolescência e família foram se configurando ao longo do tempo até chegar ao modelo atual da teoria do garantismo com Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e da liquidez dos valores sociais na adolescência que refletem na escrita dos diários pessoais. Além disso apresentação os subtemas para se entender o perfil do adolescente atual, que é conflitante, e traz em si categorias psicanalíticas que serão instrumentos de análises dessa pesquisa.

CAPÍTULO IV – PERCURSO HISTÓRICO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA CRIANÇA E DOS ADOLESCENTES EM TERRAS BRASILEIRAS: A CONSTRUÇÃO DE UM “EU” PSICANALÍTICO

Os fenômenos humanos são biológicos em suas raízes, sociais em seus fins e mentais em seus meios.
Jean Piaget

Refletir sobre a adolescência é antes de tudo buscar entender como se configuram no contexto macrossocial, e, principalmente, os impactos causados pelas transformações sociais, sobretudo, na família. É bem verdade que com a evolução da humanidade houve uma mudança significativa nas relações sociais, especialmente, no contexto familiar. Hoje temos modelos de famílias adversos aos padrões cristalizados socialmente, em que o casal heterossexual, papai e mamãe, tinham filhos no modelo conhecido como tradicional. Tais mudanças, resultados de lutas e evoluções sociohistóricas, vêm impactando na construção, não só dos laços familiares, mas, sobretudo, na construção social, cidadã das crianças- futuros adultos. Conforme Le Breaton (2017, p.19) “a adolescência não é um acontecimento, mas antes uma questão que atravessa o tempo e o espaço das sociedades.”

Assim, o termo adolescência tem como origem a palavra latina “adolecens”, participio presente de “adolecere”, que significa “crescer”, em oposição ao “adults” (participio) que tem como significado o fato de “não crescer mais”. Nesse sentido, a adolescência, na sua origem, significa que o ser humano ainda está em crescimento, em evolução. Para Le Breaton (2017), o primeiro conceito de adolescência remete à medicina e à psicologia, já que aponta para o fenômeno da puberdade. Além de destacar as peculiaridades psíquicas comportamentais dessa fase. Os dois termos “adulto” e “adolescência” concebidos “de forma significativa foram introduzidos no século XVI. O autor ainda diz que a adolescência para alguns autores é apenas uma fase que dá acesso à juventude. No entanto, ele destaca que a “adolescência tem se tornado cada vez mais precoce”. (2017, p.21).

Outro ponto importante, destacado por Le Breaton (2017), é o fator social, em que muitos adolescentes, se deparam com o desemprego, com a dificuldade de ascensão à Universidade devido à falta de qualidade nas escolas. Para ele “tornar-se um home ou uma mulher não é mais ritualizado, mas se dá por um percurso pessoal. A adolescência é antes de tudo um sentimento (2017, p.21)”.

Assim,

Vivemos um tempo de passagem, de aguda e crítica transição, tempo de desamparo coletivo ainda que comporte, ousado acreditar, um alto potencial de transformação, acenando quem sabe, para novas aberturas e outras modalidades de existências. Mas essa condição de passagem, e que me parece construir uma das marcas mais significativas da atualidade, é fonte de intensa angústia, e, para certos indivíduos, de dor psíquica. (CARDOSO, 2011, p.12)

É nesse contexto de transição que a adolescência se enquadra como algo novo, recente para humanidade já que, até a idade média, estes sujeitos de direitos não eram vistos, olhados, como seres que os são. Mas, como pequenos adultos. Durante as navegações marítimas, no século XVI, Ramos (p.21) postula que “em quaisquer condições eram os miúdos quem mais sofriam com o difícil dia a dia em alto mar [...] Gumetes e pajens eram obrigados a aceitar abusos sexuais de marujos rudes e violentos. (RAMOS, 2015, p.21)

Resgatar este passado significa, primeiramente, dar voz aos documentos históricos, perquirindo-se nas suas menores marcas, exumando-os nas suas informações mais concretas ou mais modernas, iluminando as lembranças mais apagadas. É pela voz de médicos, professores, padres, educadores, legisladores que obtemos informações sobre a infância no passado (PRIORE, 2015, p.15)

Esse resgate do passado é feito por meio dos registros escritos que relatam como essas crianças eram concebidas por diferentes sociedades, quais seus hábitos, costumes, e, sobretudo, qual o seu lugar na família. Para Le Breton,

a adolescência não é evidente, ela nasceu discretamente nas nossas sociedades, nos meios burgueses a partir de uma mudança de afetividades no seio das famílias no decorrer do século XVIII, que consagra além disso a invenção da infância; ela se cristaliza lentamente ao longo do século XIX (2017, p.21)

Em sociedades ditas como primitivas, crianças aprendem a caçar com os adultos, e o dia em que a criança consegue a caça é comemorado, como dia de festa, dessa forma, nessas sociedades desde a sua tenra infância a criança é direcionada para o desenvolvimento das suas competências e habilidades a partir das responsabilidades para com ela e para com a sua família, sendo essa responsabilidade colocada para a criança de forma gradual. Tais discussões a respeito do adolescente como ser social e biológico encontram respaldo em Blos (1998) e Dolto (1990) que discutem este ser a partir não apenas de sujeitos de direitos, mas sobretudo, de sujeitos biológicos e psicanalíticos. Assim, é em meio a este paradoxo entre a infância – adolescência; o lícito- ilícito; o direito e deveres dos adolescentes que discorreremos sobre este sujeito, cidadão em processo de formação moral e ética, porém, hoje configurado a partir dos seus direitos e deveres, como todo e qualquer cidadão.

Dito de outra maneira, conforme Blos (1998), o universo do adolescente é repleto de descobertas, de intensas emoções, pois é nesta fase que o adolescente aprende a lidar com a

liberdade. Além disso, há imposições sociais, desde as posturas comportamentais até situações que estabelecem valores e responsabilidades, que quando crianças eram irrelevantes e desculpáveis. Assim, não há muito tempo havia limites entre o que era lugar de adultos e ambientes de crianças, uma vez que os pais tolham as crianças e os adolescentes do convívio social, sem a presença de um responsável que fizesse parte da família, estando como protetor, os guardando do contato com o estranho, com o inesperado.

Ramos (2015, p.20) aponta a falta de cuidado e de amor com as crianças, mostrando que os pais que estavam em alto mar, quando postos a expectativas de supostos naufrágios, deixavam as suas crianças entregues à própria sorte. Assim, “as crianças que a sorte de escapar da fúria do mar, tornando-se naufragas, entregues à sua própria sorte, mesmo quando os seus se salvavam. Nesta ocasião, devido à fragilidade as crianças eram as primeiras vítimas tanto em terra, quanto no mar”. Ramos, ainda, postula que as expectativas de vida das crianças eram apenas de 14 anos de idade. Enfatiza, ainda, que a falta de mão-de-obra adulta colaborava para que menores entre 9 e 16 anos fossem selecionados, para serem grumetes nas navegações. Além, disso, “não raras às vezes, até com menos idade”.

Mais uma vez, os registros escritos servem de testemunhos:

Aos dezanove de julho, que foi um sábado sobre à noite, [...] fazendo com que o vento muito, por serem de través, estando o gajeiro da gávea e pé em cima para descer, bem descuidado, deu a nau um balanço grande, com que meteu, e lançou o pobre grumete por cima da gávea, que veio pelo mar cais ao mar [...] ²⁸

Além dos Grumetes havia os pajens que eram crianças da nobreza, com a mesma faixa etária, ou talvez até mais jovens, que tinham uma rotina mais amena, com tarefas menos pesadas como servir à mesa, por exemplo, nas embarcações, como servos de oficiais, pois existiam nobres que preferiam escravos adultos como pajens. Por fim, tinham as meninas, que eram intituladas como “órfãs Del rei”. Os objetivos das “órfãs Del Rei “eram amancebar-se ... para a constituição das famílias- [...] prática comum, principalmente, a partir da segunda metade do século XVI.” (RAMOS, 2015, p. 33)

Nossa história é marcada por contradições, por desigualdades, em todas as faixas etárias, inclusive, pelo sangue e pela dor das crianças. Segundo Del Priore “A dicotomia dessa sociedade, dividida entre senhores e escravos, gerou outras impressionantes distorções que estão até hoje presentes”. Ariès, ao abordar a História social da criança e da Família, já na Idade Média a palavra adolescência ainda era inexistente, assim, “Até o século XVIII, a adolescência

²⁸ Textos reunidos em Histórico trágico-mar (1960) In: Del Priori (2015)

foi confundida com a infância...” (2015, p.10). Na verdade, durante longos anos o adolescente não era visto como sujeito de direito, mesmo porque, ele não existia socialmente, uma vez que a nomenclatura era generalizada.

Esses retratos de famílias datados eram documentos de história familiar, como seriam três ou quatro séculos mais tardes os álbuns de fotografias. Frutos desse mesmo espírito eram os diários de famílias, onde eram anotados, além das contas, os acontecimentos domésticos, os nascimentos e mortes. Nesses diários se uniam a preocupação com a precisão cronológica e o sentimento família. (ARIÈS, 2015, p.3)

Percebe-se o cuidado e o desejo de preservar as histórias das famílias, a partir dos registros, sejam por fotos ou pelos registros escritos nos diários. Assim, trazer a escrita para este momento, remete ao nosso objeto: a palavra presente nos diários pessoais, em que o eu que registra sempre fala de um dado lugar, com um fim específico. Nesse caso em tela, o fim seria a precisão dos registros, para que os dados não se perdessem no tempo. Percebe-se, aqui, que a escrita já evoluiu e não era meramente para os registros formais dos contratos financeiros. Aqui, o caráter dado a ela, já é o de registro, de historicizar e guardar memórias.

Ariès, ainda, destaca que: “tratava-se menos das coordenadas dos indivíduos, do que nos membros da família: as pessoas sentiam necessidade de dar à vida familiar uma história, datando-a” (2015, p.03). Nessa passagem fica evidenciado a preocupação na cronologia dos acontecimentos. Para esse fato, Ariès diz que “essa curiosa preocupação em datar não aparecia apenas nos retratos, mas também nos objetos e na mobília” (*ibid.*).

Tal costume ganhou mais forma e foi generalizado no século XVII, em que passaram a datar “camas, baús, armários” e demais objetos da casa. Destaca-se que as datas não eram aleatórias, tinham um significado particular, todas elas estavam relacionadas a um fato, a um momento especial da família, novamente, retomando a eternização dos acontecimentos e a necessidade de memorizá-los. Conforme, Ariès “a data correspondia a um momento solene, geralmente, a um casamento (*Ibid.*)”.

Como exemplo dos diários escritos pela nobreza na juventude, tem-se um fragmento do diário da Princesa Isabel, que demonstra a vida já despojada e descontraída dos jovens da elite com memórias de passeios, banhos de cachoeiras e uma vida social, que não estava restrito a apenas ao meio doméstico e a clausura. Como pode-se ver no fragmento do diário:

Demos um baile e convidamos a mamãe, e de repente vem minha Rosa e a condessa com um rabeção, e depois com um tambor, e papai tocou o rabeção, e eu e a mana também tocamos; jogamos jogos de prendas com papai e mamãe, em era lamerétaitagitée outro dos leques [...] Levantamos as cinco para ir a cascata de Tamarati [...] Eu fui de Petrópolis a pé até a cascata de Tamarati. A mana andou um pouco a cavalo, cheguei e achei a cascata muito bonita (...) ontem me diverti muito e

também dancei muito. Vou lhes contar o que fiz: primeiro toquei de quatro mãos com a mana, dancei a Favorita, a polca e a valsa lisa e a valsa pulada, o schottisch, a varsoviana, duas contradanças, os lanceiros a galope figurado, tomei um sorvete, bebi meia xícara de chá com pão-de-ló [...]. quando vim para cima, faltava um quarto para as dez. Ontem dei muitos beijinhos no retrato da mamãe. (MAUAD²⁹ in: DEL PRIORI, 2015, p. 167)

Percebe-se na escrita do diário da Princesa Isabel marcas da subjetividade e da intimidade de ações do cotidiano, além disso, chama atenção as marcas de afetividade que ela expressa possivelmente, para a sua irmã, chamando-a de “mana”, e encerra dizendo que deu “muitos beijinhos” no retrato da sua mãe. Destaca-se, ainda, como o lugar da mulher, neste período, já tinha sido ressignificado. A Princesa Isabel, uma jovem da elite, relata em seu diário pessoal situações de convívio social, passeios e relações interpessoais com pessoas da família que demonstram afeto, sentimento que até outrora não existia no seio familiar. Desse fragmento pode-se extrair as relações existentes entre as crianças, adolescentes e a juventude da mesma época em que já havia ressignificado o passado do século XIX.

Assim, como a escrita de diário era uma característica presente para o universo feminino, destaca-se o fato de que os meninos e jovens da época também tinha o hábito de registrarem os acontecimentos em seus diários pessoais. Nesse sentido, outro relato que chama atenção é o jovem Dom Pedro II, aos 15 anos quando assume a coroa e a sua maioridade o coloca no trono. O jovem registra em seu diário:

As cinco da manhã os tiros rimbombavam pelos montes de S. Critovão (...) Às seis levantei-me [...] Depois almocei o meu costumado: ovos e café com leite, apazível bebida; às oito para as nove missa no novo oratório, que na verdade ficou bom. Fui me vestir, coitados dos meus ombros gemiam com o peso, com oito libras, afora as ordens, a espada e a banda safa [...] Chegando ao paço descansei um pouco, depois fui para o Te Deum, gradezinho, mas suportável por ser composto por meu pai, houve muita gente, muitos criados que vinham a petiscar honras. Já a tropa estava em ordem e de bandeiras desenroladas; quando cheguei à janela tocaram o Hino Nacional que acenando mandei parar. Depois, a trombeta tocou o seu clarim que outrora me era terrível, principiaram os tiros de artilharia, que antigamente até me faziam verter lágrimas de terror. (In: MAUAD, 2015, p. 174)³⁰

No fragmento do diário do Dom Pedro II encontra-se o dia a dia entediante e exaustivo para um jovem que precisou romper com o ciclo da adolescência para assumir os compromissos da realeza. Ao fim do fragmento percebe como aquilo era dolorido para ele, quando ele diz que “antigamente me faziam verter lágrimas de terror”. Nesse sentido, foi preciso que ele rompesse bruscamente com a infância para atender às imposições da maioridade da coroa real.

²⁹ Fragmentos do diário da Princesa Isabel, sem referência.

³⁰ Diário de Dom Pedro II- 1840-1841, maço 102, doc. 5020, pasta 1, Arquivo Histórico do Museu Imperial de Petrópolis, 1ª fl.

Para descrever as fases da infância e adolescência no século XVIII, Ariès (2015) relata como eram os hábitos. Nesse sentido, ele diz que:

Primeiro, a idade dos brinquedos: as crianças brincam com um cavalo de pau, uma boneca. Um pequeno moinho, ou pássaros amarrados. Depois, a idade da escola: os meninos aprendem a ler, ou seguram um livro ou um estojo; as meninas aprendem a fiar. Em seguida, as idades do amor ou dos esportes da corte e da cavalaria: festas, passeios de rapazes e moças, corte do amor, as bodas ou as caçadas do mês de maio dos calendários. Em seguida, as idades da guerra e da cavalaria: um homem armado. (ARIÉS, 2015, p.9)

Percebe-se que a cronologia humana, em relações as fases, não se restringe apenas “a etapas biológicas, mas às funções sociais” (*idem*), de como cada ser “menino” ou “menina” agirá na sociedade. Para os meninos, quando criança, está o estudo, já para as meninas a função de aprender a “fiar”, para que, assim, se tornasse prendada nas tarefas do lar, de tecer, para posteriormente ser a esposa, a do lar, cuidadora da casa, do marido e dos filhos.

Os princípios norteadores da educação oitocentista eram bem delimitados, o que comportava para os meninos e o que era para as meninas. “Paralelamente a literatura universal, e até mais atemporal, existia uma literatura moralista, típica do século XIX, voltada para as crianças e adolescentes (MAUAD, In: DEL PRIORI, 2015, p. 47)”

Para chamar a atenção para estes direcionamentos a autora cita dois livros que demarcam tais intenções: *Modelos para os meninos ou rasgos de humanidade, piedade filial e de amor fraterno*, obra divertida e moral, publicado em Recife em 1869 e vendido na Corte, e *As manhãs da avó: leitura para a infância* “dedicada as mãis de família”, publicado em 1877.

As duas obras, pelos seus títulos representam qual o perfil dos hábitos para os meninos e para as meninas, que tinham moldes e direcionamentos distintos. A diferença entre as duas maneiras estava em dois paradigmas: para as meninas os atributos manuais, para os meninos, os atributos intelectuais. Os meninos da elite, no caso, “tinham mais tempo de instrução”, estudavam e só concluiriam essa fase, no exterior, só regressando com o diploma de Doutor, quase sempre, advogados. Além de terem opções de estudo, eles ainda podiam participar da vida militar e irem para o Colégio Naval.

Já para as meninas, apenas no século XIX, foram agregadas as habilidades manuais, que se sobressaiam para a educação das meninas, juntamente com “os dotes sociais, já se encontravam no currículo das escolas, desde meados da década de 1870, um conjunto de disciplinas tais como língua nacional, francesa, inglesa, aritmética, história antiga e moderna, mitologia” (MAUAD, In: DEL PRIORI, 2015, p.158)

Um ponto importante a ser considerado no dito da autora é que a escolha do modelo de escola reside na opção da família, para a educação familiar, assim, para ela “certo tipo de instrução arbitravam era a forma de acesso da criança para o mundo adulto, definindo-se os papéis sociais do homem e da mulher desde meninice” (2015, p.155). Para os meninos, o direito de serem direcionados para o negócio das famílias, como herdeiro masculino e viril, passível de levar o nome da família para outras gerações, além de poder ser doutor ou ainda militar, garantindo, assim ascensão social e desenvolvimento intelectual. Para as meninas, a essas eram dadas instruções mais limitadas e o cuidado do lar. Em contrapartida,

Padecia e ambiguidade, pois que as circunscrevia no universo doméstico, incentivando-lhes a maternidade e estabelecendo o lar como seu domínio, as habilitava para a vida mundana, fornecendo-lhes elementos para brilhar em sociedade. Muitas vezes a mensagem era decodificada de forma inesperada, retendo somente a parte da educação que valorizava a exposição das damas nos salões do Segundo Império. Temendo tal perigo, levantava-se a literatura moralista, presente nas bibliotecas das mães de família. (Idem)

Nesse sentido, a literatura voltada para as meninas tinha o intuito de guiá-las para a moral e os bons costumes. Assim, tendo os dois paradigmas bem delimitados, cabia a família educar a escola dá a instrução. No século XIX o modelo das famílias mais uma vez sofreu mudanças nos conceitos dos papéis e dos lugares sociais na família, a criança passou a ser vista a partir da necessidade do cuidado e do afeto. O amor passou a fazer parte do seio familiar. Assim, a criança passou a ser compreendida pela “perenização da linhagem quanto pelo reconhecimento de uma certa especialidade dessa etapa da vida. Por isso, tudo ela inspira carinho e cuidados” (2015, p.216).

A situação brasileira como colônia portuguesa era muito diferente do que era vivenciado em Portugal. Aqui, para as crianças, havia casas dos expostos às Santas Casas, que eram uma espécie de abrigo em que os menores eram deixados, “recebiam e mantinham meninos e meninas até os sete anos.” Desses locais os meninos eram enviados para “trabalharem nos arsenais ou em navios mercantes” (VENANCIO, In: Del Priori, 2015, p.196”).

Em 1840, foram formadas as Companhias dos Aprendizes, instituição pública que recebia menores que “não pudessem permanecer sob custódia dos hospitais ou de responsáveis. (...) havia três grupos: os enjeitados das casas dos expostos, os enviados pela polícia e os voluntários matriculados pelos pais ou tutores” (*Id.*, p.199).

Esses menores eram tratados como escravos, enfrentavam a chibata e recebiam alimentação precária, “baseada em farinha de mandioca e charque” (*ibid.*).

Em oposição a essa realidade, as brincadeiras eram presentes na casa grande, meninos e meninas dos brancos “recebem de suas yayàs toda sorte de mimos e, assistindo abertamente aos castigos reservados aos escravos, assumem também tendência sádicas, divertindo-se em brincadeiras maldosas com outras crianças da casa e já não só com os seus moleques” (SANTOS, In: Del Priori, 2015, p.244).

Conforme Santos (2015, p.245),

São as cantigas de ninas, os mitos, as lendas, levados pela linguagem oral. Vivendo a criança nos campos, os elementos da natureza são apropriados e transformados em brinquedos. Ao pião, ao papagaio, ao bodoque, às bolas, vêm se somar a boneca de trapo e de palha, o arco e o barril. As brincadeiras se multiplicam.

Com a miscigenação, as brincadeiras se mesclam entre várias culturas, entre africanos, indígenas e colonos se criam e fica difícil identificar as influências de muitas delas. Com o crescimento urbano, esses miseráveis renegados pelo Estado, que estavam livres, passaram ser os primeiros moradores da rua. Foi a partir desse momento, que eles passaram a ser vistos como “vagabundos”, “pivetes” que cometiam os pequenos delitos. Para Del Priore (p. 13, 2015) eles tinham “na malícia e na esperteza as principais armas para a sobrevivência”. Com a chegada dos imigrantes para a lida nas fábricas, tivemos, mais uma vez, a força do trabalho infantil como impulsionadora da economia, tornando-se mão-de-obra barata, em substituição aos escravos.

Mais uma vez esses pequenos imigrantes foram empurrados pela miséria e pela ausência do Estado que se empenhasse em sua educação, a passar 11 horas em frente às máquinas de tecelagem, tendo apenas vinte minutos de descanso. Tornaram-se simplesmente substitutos mais baratos do trabalho escravo. (DEL PRIORE, p.13, 2015)

Com a chegada do século XX e os crescimentos das fábricas, as crianças passaram a ser usadas como mão-de-obra, passaram a ser operárias na industrialização. De acordo com Moura (In: DEL PRIORI, 2015, p.216):

Nem sempre é possível conhecer exatamente a origem dos pequenos operários e operárias que a cidade abrigava em princípios do século XX: quantos teriam nascidos em São Paulo, quantos teriam vindo da Itália e mesmo de outros países. Relevante, no caso, é o fato de sua história remonta ao imenso contingente de imigrantes, principalmente, italianos (...)

As crianças e adolescentes eram tratados como adultos, em péssimas condições de forma desumana, para Santos (In: Del Priori, 2015, p.269) “em função da pouca idade, talvez tenham sido, entre os trabalhadores, aqueles que viveram os exemplos mais exacerbados dessa relação: o poder dos patrões e dos superiores hierárquicos, que claramente os transformaram em alvo privilegiado de uma disciplina férrea”.

Figura 11 – Meninos na seção dos fornos da vidraçaria³¹



Trabalho intenso, perigo e privações são o dia a dia

Conforme Santos, os espaços das fábricas acabaram se tornando o lugar das brincadeiras, em função da idade das crianças e dos adolescentes e devido à longa jornada que eles passavam no espaço, então acabavam se tornando brinquedos, o que “estavam ao alcance das mãos (SANTOS, In: Del Priori, 2015, p.269)”

Com as mudanças dos hábitos de século XX, as famílias e os costumes também foram impactados, com ele a vida sexual da população também passou a ser uma preocupação, devido a busca de se ter cidadãos sadios e moralmente éticos. Tal preocupação foi acentuada a partir da segunda metade do século XX. Para Abreu (In: DEL PRIORI, 2015, p.291)

Nada seria melhor do que um trabalhador que já saísse de casa com os hábitos da rotina doméstica, com as responsabilidades do lar e sem desvios sexuais, não só para as crianças crescessem em um meio adequado, como também para que se evitasse, por meio do casamento, o nascimento de filhos ilegítimos. As mulheres mais do que nunca deveriam assumir as tarefas do casamento, da maternidade e da educação dos filhos.

Nesse sentido, o lugar da mulher nesse novo tempo é bem definido, cabe a ela não só manter o seu casamento, mas cuidar para que o seu marido se mantenha fiel a ela, inclusive, para que não constituísse filhos fora da união. Além disso, caberia a ela a educação dos filhos e de primar pelo zelo da moralidade. Se, por um lado, ela já tinha acesso aos espaços públicos, cabia a ela saber se comportar e manter a moralidade e os bons costumes. Conforme Abreu (*id.*)

³¹ Fonte: Santos In: Del Priori, 2015, p.269

“antes de tudo, eram elas a base da moral da sociedade e as responsáveis pela formação de uma descendência saudável, utilizando-se da vigilância sobre o comportamento e as escolas de seus filhos e filhas”. Independente dos tempos as questões fisiobiológicas da adolescência eclodem em todos os humanos. Assim,

Nessa idade, os valores, padrões e leis morais adquirem apreciável independência com relação à autoridade dos pais, tornaram-se egossintônicos e operam em parte dentro do ego. Não obstante, na adolescência inicial o autocontrole ameaça entrar em colapso e, em casos extremos ocorre a delinquência. (BLOS, 1998, p. 103)

Durante muito tempo, às crianças e aos adolescentes, mundialmente, eram renegados os seus direitos e deveres. Basta voltar ao tempo do Brasil colônia para entendermos como as crianças eram vistas. Naquela época elas eram tidas como força de trabalho, caso fossem negras, eram escravizadas, junto aos seus pais, muitas delas ficavam sem as suas mães, para que ela servisse como ama de leite dos filhos dos Senhores de Engenho. Nossa história é marcada por contradições, por desigualdades, em todas as faixas etárias.

O adolescente encontra-se, então, em saí instável procura de si, com uma família igualmente em permanente reconstrução, uma família que não se reconhece como bastião da tradição ou como autoridade a oferecer referências. Às mudanças do adolescente em relação à criança que outrora fora, responde uma família em metamorfose. (LE BREATON, 2017, p.11)

Como exposto ao longo desse trabalho, as relações sociais foram metamorfoseadas ao longo da história das sociedades, e os lugares e as funções ocupadas nos espaços sejam privados ou públicos foram ressignificados. Entretanto, o ser adolescente sempre foi um momento de transição da fase da infância para este novo mundo, nesse sentido, apresenta-se, para este novo sujeito, situações que a ele nunca foram colocadas. É comum nessa fase, sensações de melancolia e desamparo por parte do seu objeto, seja o pai ou mãe, as famílias não são mais vistas como seu lugar seguro, onde encontra abrigo e afeto, pois há a presença de relações conflituosas. Palmeira *et al* (2011, p.157) “como este novo mundo, que parece correr depressa, estaria afetando a travessia na adolescência na qual mudanças corporais e psíquicas ocorrem com igual verdades?”

Para este novo momento tudo é momentâneo e intenso. Aponta-se, ainda, como agravante as fragilidades e os efeitos imediatos da tecnologia, em que tudo é mediada pela “passividade dos sujeitos diante dos atrativos tecnológicos e de busca desenfreada de bens de consumo” (PALMEIRA *et al*, 2011, p.158)

As imagens que se apresentam para o adolescente parecem ter efeitos que acabam por impor não apenas o que ele precisa consumir, mas também dita os padrões, e principalmente, o que ele é. Nesse sentido, há uma escassez do sólido, do concreto, tudo é frágil, e está de fácil acesso, muitas vezes, está a um click, em que a vontade e o desejo de ter algo, basta apenas dar um click, e pronto seu desejo foi atendido.

Posto isso, é necessário não apenas reavaliar o conceito sobre o significado do consumo, mas sobretudo, sob a óptica do que realmente significa o ser adolescente em um mundo que o imediatismo impera e que as relações e os lugares sociais se tornaram escassas. Com efeito, conforme Palmeira *et al* (2011, p.159):

A oferta e o prazer são constantes; tudo se anuncia possível, mas quase nada é suficiente. O prazer dura muito pouco, as informações são geradas na mesma rapidez com que a ilusão de satisfação se esvai. Frente a este panorama, ainda em processo de estruturação. O sujeito se encontra, na adolescência, num momento crucial envolvendo uma série de mecanismos – como os mecanismos identificatórios – que fazem parte de um complexo movimento de estruturação da subjetividade.

Dessa forma, tudo se tem fácil. A oferta acaba por colocar esses adolescentes em um lugar de muitas opções, já que há muita oferta do que ele procura. Em relação ao prazer, cada vez mais cedo eles entram na vida sexual e se colocam em contato com a sexualidade de forma indiscriminada, sem critérios e descompromissados com o outro que está nessas relações fluidas e rápidas. De um lado, tinha-se, até outrora, famílias castradoras que impunham limites e ditavam regras que era preciso segui-las. Na atualidade, não há regras, não há limites. Esses sujeitos psicanalíticos são construídos a partir de vários outros, que, muitas vezes, se encontram perdidos em si e corrobora para que esta fase seja refletida por situações desastrosas, do ponto de vista da moralidade, como, por exemplo, o alto índice de delinquência juvenil, de meninas que engravidam cedo de homens ou garotos que estão envolvidos com a criminalidade. Que mundo é esse que se apresenta para os adolescentes? Que segurança familiar e social a sociedade está fornecendo aos seus adolescentes que estão em construção? Qual a identidade e a construção do ideal desses jovens que a cada vez mais permanecem mais tempo nessa fase?

Percebe-se que tais questões retornam sempre ao ponto principal da constituição do sujeito: a família. É ela a responsável por guiar seus filhos e inculcar os valores morais e éticos, nesse sentido, este adolescente será reflexo do seu meio. Assim, Palmeira *et al* (2011, p.160)

O que percebemos é que também a família encontra-se “desamparada”, confusa diante da tarefa da educação de seus filhos, os pais oscilam entre atitudes contraditórias, ora permissivos em excesso, ora supridores em excesso, ambas referindo-se à dificuldade em colocar e propiciar a constituição de limites indispensáveis ao processo de desenvolvimento.

Em meio aos avanços sociais e a necessidade de se cuidar da humanidade, pelo ponto de vista da cidadania, ao longo dos anos, o debate sobre os direitos humanos foram se delineando e a criança e o adolescente passou a ser palco de embates em prol da proteção e do cuidado para com eles. Com a declaração dos Direitos Humanos, em 1947, passou a resguardado “A maternidade e a infância têm direito a cuidados e assistência especiais. Todas as crianças, nascidas dentro ou fora do matrimônio gozarão da mesma proteção social” (1947, p.13)

A partir da Declaração dos Direitos humanos passamos a ter os postulados que resguardam os principais direitos básicos. Em termos de Brasil, a criança e o adolescente passaram a ter suas garantias, nos moldes, que conhecemos hoje, a partir da Constituição Federal de 1988. Em que:

Art. 203. A assistência social será prestada a quem dela necessitar, independentemente de contribuição à seguridade social, e tem por objetivos:

I - a proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice;

II - o amparo às crianças e adolescentes carentes;

III - a promoção da integração ao mercado de trabalho;

IV - a habilitação e reabilitação das pessoas portadoras de deficiência e a promoção de sua integração à vida comunitária;

V - a garantia de um salário mínimo de benefício mensal à pessoa portadora de deficiência e ao idoso que comprovem não possuir meios de prover à própria manutenção ou de tê-la provida por sua família, conforme dispuser a lei.

Nesse sentido, a partir da Constituição Federal que traz as garantias constitucionais em prol do cidadão, sobretudo, da criança e do adolescente, em 1990, vem a público o Estatuto da Criança e do adolescente, direcionado o tripé da proteção integral, que ficou conhecido como teoria do garantismo. Assim, o ECA (1990) diz que:

Art. 1º Esta Lei dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente.

Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

Parágrafo único. Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade.

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. (ECA, 1990)

Em 2010, por emenda, o tripé da proteção integral (família, sociedade e Estado), passa a fazer parte como Emenda Constitucional, assim:

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (Redação dada Pela Emenda Constitucional nº 65, de 2010)

Dessa forma,

Se é verdade que o garantismo coincide com a forma de tutela dos direitos vitais dos cidadãos que se realiza historicamente pôr meio da sua positivação no Estado de direito, tal não é concebível fora do horizonte teórico do positivismo jurídico. Este horizonte vem se delineando, por sua vez, entre experiência jurídica e política moderna. Modernas, mais exatamente, são, por um lado, a forma estatal do direito e, por outro, a forma jurídica do Estado. (FERRAJOLI, 2002, p. 693)

Tomemos, como exemplo, o tão discutido Trabalho Infantil que tem origem em nosso país desde a colonização, com as crianças trazidas ao Brasil, como escravos, e que já no século XIX, esta exploração de mão de obra infantil fazia com que as crianças não passassem dos 10 anos de vida, dado alarmante e que denuncia como as crianças eram tratadas, sem direito nem ao menos a estar com os seus pais. Era-lhes negado o direito à comida, moradia e tantos outros direitos tão essenciais à vida e à dignidade humana. Assim, conforme explica Ferrajoli (2002), o garantismo vem como forma de tutela em que o Estado toma para si a responsabilidade de dar ao cidadão a garantia de ter os seus direitos garantidos. Dessa forma, ele ainda explica que

Se as lutas pelos direitos são o veículo necessário mediante o qual se afirmam necessidades vitais insatisfeitas, é essencialmente graças a elas que se produzem as mudanças progressivas na esfera do direito positivo: do reconhecimento constitucional de novos direitos fundamentais à elaboração de novas garantias legais para os direitos já reconhecidos, das evoluções da jurisprudência às solicitações de responsabilidade política pela violação dos direitos já garantidos. (FERRAJOLI, 2002, p. 764)

É bem verdade que ao longo dos anos o Brasil tornou-se uma democracia madura com um aparato de leis que, apesar de na prática não funcionar, há uma legislação moderna que traz os pré-requisitos internacionais para garantir o direito ao cidadão. No caso da criança e do adolescente, desde 1988 com a Constituição, e o ECA (Estatuto da criança e do adolescente em 1990, o contexto legislativo para a salvaguarda desses sujeitos ampliou-se consideravelmente, uma vez que eles passaram a ser concebidos como sujeitos de direitos, a partir da óptica do protecionismo integral. Assim, o ECA veio ratificar os direitos já apregoados na Constituição, porém delimitando os espaços das Instituições protetoras: Estado, família e comunidade.

Já Ariès, ao abordar a História social da criança e da Família, já na Idade Média a palavra adolescência ainda era inexistente, assim, “Até o século XVIII, a adolescência foi confundida com a infância...” (2015, p.10). Na verdade, durante longos anos o adolescente não era visto

como sujeito de direito, mesmo porque, ele não existia socialmente, uma vez que nomenclatura era generalizada.

Assim, conforme postula Birman (2011, p. 41) “...com tudo isso, temos uma mistura explosiva” que se configura de maneira cruel para esta juventude atual. Birman (2011) ainda ressalta que:

Porém a fragilização identitária dos jovens se enuncia de modo patente, para quem tem olhos argutos para ver e bons ouvidos para escutar. Não obstante o barulho provocado pelos arroubos da violência e da onipotência, é a impossibilidade e os limites da autora de suas existências que se enunciam aqui de maneira trágica. (BIRMAN, 2011, p.41-42)

Cada vez mais, as crianças se “adultizam”. Têm crianças entrando cada vez mais cedo na vida sexual, com vestes de adultas que sensualizam os corpos de meninas. A maturação da criança, que devia ser guiada pelos mais velhos, quase sempre fica renegado a mais um rito social que não é cumprido. Dessa forma, o adolescente continua entre uma longa fase entre a infância e a adolescência, sem que haja uma definição que balize essa passagem, permanecendo em uma zona intermediária entre a infância e a adolescência que na contemporaneidade há estudos que demonstram que pode perdurar até após os 18 anos, estando relacionado ao grau de dependência dos filhos em relação aos pais, sejam por ordem emocional, física, psicológica ou financeira. Tais estudos apontam a possibilidade da adolescência ir até os 24 anos de idade conforme as adaptações psicossociais, o que muitos teóricos chamam de “adolescência prolongada”.

Para Cintra (*In*: CARDOSO, 2011, p.50)

Um adolescente vive o espanto de ver emergirem suas ambições de sucesso e seus desejos sexuais sob a forma de exigências, exercendo a pressão para se realizar. Podendo ser ajudado por pessoas esclarecidas ou analistas. (...) Tudo isso é, em geral, acompanhado de uma falta de palavras esclarecedora, uma espécie de complô de silêncio e mutismo por parte dos adultos que tiveram que decifrar os mesmos impasses e não se sentem capazes de empatia com as crises dos mais jovens.

Posto isso, tem-se o paradigma: de um lado as descobertas e as sensações que a adolescência traz consigo, do outro o silêncio e o descaso por parte dos adultos que até outrora eram os seus cuidadores e, agora, simplesmente, renegam tais cuidados e direcionamentos. Encontra-se nesse paradigma a combinação perfeita para o gerenciamento e criação dos conflitos tão comuns nessa fase. Muitos adolescentes, em meio a essas ebulições de sensações e acontecimentos, procuram por ajuda profissional, seja uma procura voluntária, seja por direcionado, orientação ou imposições dos adultos que o tutelam.

Nesse sentido, essa relação entre o adolescente e o psicanalista, abordada por Rissial (2005), é caracterizada por Dolto a partir das transferências em que:

O trabalho do analista fundado na relação transferencial, confronta-o com a dificuldade imediata, que ele compartilha sem dúvida com todo profissional que tem que lidar com adolescente: se a adolescência é realmente o momento do trabalho e do luto “da compreensão dos adultos”, o analista deve, desde o início da cura, aceitar que um dia vai ser rejeitado pelo adolescente, não como um inimigo, mas como um sujeito qualquer, por outro lado não deve se refugiar sob o que seria sua “compreensão do outro”. (RISSIAL, 2005, p. 159)

Tais afirmações vislumbra a comparação entre o psicanalista, que faz a escuta do adolescente, e do diário intimista, em que o adolescente também se cura pela palavra, colocando em suas páginas em branco sua rotina, suas dores e suas angústias. Em ambas as situações o adolescente usa a palavra para falar de si, sobre si e sobre os outros que o constituem. Quando a palavra é polida, é ressignificada, até o não dizer diz muito sobre o que o silencia, e quem comete o ato. Não é por acaso as escolhas lexicais, o porquê que tal situação aflige mais do que outras. Nessa tecitura da palavra e das enunciações vão se criando relações, seja com o diário ou com o psicanalista, que ali, naquela situação comunicativa cria-se vínculos de pertencimento, de “um” em relação ao “outro”.

Diferentemente do diário que sempre será visto de forma afetuosa, como o amigo que está pronto para lhe acolher, o analista no primeiro momento não tem receptividade, pois o adolescente o relacionará a mais um adulto que o irá castrar, cecear seus direitos. Nesse sentido, ele, o adolescente, reagirá de forma negativa com o analista e dificultará a escuta. Essa rejeição é comum, visto que o adolescente transfere para o analista suas relações com os adultos que o cercam.

No próximo tópico será tratado o adolescente pelo viés psicanalítico, pelo lugar da menina, adolescente que adentra ao novo mundo por meio das pulsões, do inconsciente, das transferências e tantos outros conceitos freudianos.

4.1 CONTINUIDADE E DESCONTINUIDADE NA CONSTRUÇÃO HUMANA: DO SER MENINA AO SER MULHER COMO SUJEITO PSICANALÍTICO

Como visto ao longo dos capítulos anteriores o sujeito é social, evolui e emerge de suas necessidades, sendo ao mesmo tempo singular em suas especificidades, mas plural e repleto de outros em sua constituição, já que somos construídos a partir dos outros com quem interagimos

socialmente. Sendo assim, este sujeito que se encontra em fase de construção é o fruto da dialética social, em que os sujeitos são construídos a partir do seu próprio meio.

Ser adolescente na atualidade é lidar com as suas dificuldades psicossociais, já que está sendo reconhecido em uma nova fase que lhe é estranho, é lidar com as mudanças do seu corpo, da sua mente e, sobretudo, tentar se adequar ao que a sociedade espera dele (dela).

Como exposto ao longo desse trabalho, a sociedade passou por inúmeras transformações, desde o próprio conceito de família, ao termo mulher ou até mesmo do que é ser criança e adolescente. Além disso, a sociedade foi impactada a partir dos hábitos e costumes sociais que contribuíram para um novo conceito de família, já que essa, hoje, ganhou novos sentidos, podendo ter várias constituições. Família não significa mais pai (homem), mãe (mulher) e filho. Hoje, temos uma pluralidade que, inclusive, concebe possibilidades da não existência dos binômios mulher x homem na constituição hierárquica, as crianças podem ser filhos ou filhas de dois pais ou duas mães, formados por relações homoafetivas e outras configurações possíveis. Tais modificações trazem novos conceitos e, conseqüentemente, refletem na estrutura familiar, inclusive, de cunho psicossocial.

Há crianças criadas à revelia dos direitos primários constitucionais, sem ter estrutura mínima de educação, alimentação e salubridade em seu lar. Há crianças sem lares, que vivem nos orfanatos e, pior, nas ruas entregues à própria sorte. Falar em criança e adolescência é, sobretudo, trazer à tona o conceito primário da sua constituição como ser social. Que lugar é esse que originou essa criança? Em que contexto ela foi constituída? Que sujeitos fizeram parte da sua vida? A partir dessa compreensão macro da sua origem podemos ter a noção de que adolescente ela será, e como este ser adulto será construído por esses diversos outros que impactam na sua vida e atravessam o seu eu.

Para Winnicott (1958, p.4)

Muita coisa acontece no primeiro ano de vida da criança: o desenvolvimento emocional tem lugar desde o princípio; num estudo da evolução da personalidade e do caráter é impossível ignorar as ocorrências dos primeiros dias e horas de vida (e mesmo do último estágio da vida pré-natal, no caso de crianças pós- maturas); e até a experiência do nascimento pode ser significativa.

Além disso, como tendência inata ao desenvolvimento, Winnicott (1958, p. 4) aponta que:

No universo psicológico, há uma tendência ao desenvolvimento que é inata e que corresponde ao crescimento do corpo e ao desenvolvimento gradual de certas funções. Assim como o bebê geralmente senta por volta dos cinco ou seis meses e dá os primeiros passos na época de seu primeiro aniversário, quando talvez já terá aprendido a usar umas duas ou três palavras, assim também há um processo evolutivo no

desenvolvimento emocional. Todavia, esse crescimento natural não se constata na ausência de condições suficientemente boas, e nossa dificuldade consiste em parte em estabelecer quais são essas condições.

Posto isso, entende-se que, embora seja constituída a partir de suas relações sociais, a fase do desenvolvimento humano, também, é “inata”, ou seja, é algo inerente ao indivíduo, e há uma passagem de fases, das quais essas possuem funções. Assim, como também é social, de acordo com o meio, em que este ser está inserido, ele pode ter ou não condições favoráveis para seu pleno desenvolvimento. Assim, esse processo humano faz parte não apenas das atividades e etapas biopsicossocial, mas relaciona-se com outras esferas macros, como por exemplo, com o contexto em que essa criança é inserida, se ela possui uma boa alimentação, se recebe todos os nutrientes necessários para seu desenvolvimento, se está inserida em um ambiente saudável.

Nesse sentido, caso essa criança não receba condições favoráveis, ela não poderá responder da mesma forma que uma criança que provém de uma situação favorável. Além disso, em seus primeiros contatos sociais, ela terá como primeiro contato de interação, em maior predomínio, a mãe ou a pessoa que responde por esta função, haja vista, muitas crianças não convivem com as suas mães biológicas. Mas, partindo do princípio geral, a criança interage nos primeiros momentos externos com a mãe e passará seus próximos dias, meses e anos com a mãe. Ela, a criança, passa a agir de uma maneira, em que seu Eu, ainda não desenvolvido, estará fundido com o da mãe, por ser o ser exterior em maior contato, e dessa maneira, a relação mãe-bebê passa a ser de maneira única, de forma a se complementar e fundida a partir das necessidades que se exterioriza pelo bebê, assim, quando o bebê chora, é o colo da mãe que o acalenta ou o seio da mãe que o alimenta. Nesse sentido,

Este tanto de teoria é necessário se se quiser compreender esta estranha realidade em que vivem as crianças: realidade está em que nada ainda distinguiu-se como não-eu, de modo que ainda não existe um EU. A identificação é aqui aquilo com que a criança começa. Não significa que a criança se identifica com a mãe, mas que não há conhecimento da mãe ou de qualquer objeto externo ao self; e mesmo essa afirmação não pode ser considerada correta, pois não existe ainda um self. Poder-se-ia dizer que, neste estágio, o self da criança é apenas potencial. Retornando a este estado, o indivíduo torna-se fundido com o self da mãe. O self de cada criança ainda não se formou, e logo não pode ser visto como estando fundido, mas as memórias e expectativas podem agora começar a acumular-se e formar-se. Devemos lembrar que estas coisas só ocorrem quando o ego da criança é forte, por ser reforçado. (Id.p.18)

A mãe passa a ser a referência principal desse objeto do desejo e saciedade da sua vontade, que nem sempre será oriunda de uma necessidade real, pois nem sempre quando o bebê chora, será realmente fome, muitas vezes, ou quase sempre, ele está condicionado em “chorar” e ter o seu objeto do desejo a seu dispor, já que será saciado. Posto isso, entende-se

que essa relação, em que a mãe é a extensão do bebê, ainda, que de forma simbiótica, aos poucos vai sendo transformada e o bebê passa a se relacionar com o meio e com outros sujeitos, interagindo e construindo o seu Eu.

Outro motivo, bem mais específico, para o afastamento em relação à mãe, está no efeito do complexo da castração sobre a criatura sem pênis. Algum dia a garota pequena descobre a sua inferioridade orgânica; naturalmente, mais cedo e mais facilmente quando tem irmãos ou há garotos ao seu redor(...) Também podemos acompanhar muito bem como, nas meninas, o desejo inteiramente não feminino de possuir um pênis transforma-se normalmente no desejo de um filho e, depois, de um homem, como portador de um pênis e doador de um filho; (...). (FREUD, [1930-1936], Vol 18, 2010f p. 179)

Nesse sentido,

Por sorte, enquanto as crianças vão descobrindo está difícil realidade, podem alcançar picos de satisfação de uma série de maneiras características da infância. A comida, por exemplo, pode ter muita importância. O sono resolve muita coisa. O defecar e o urinar podem ser experiências extremamente satisfatórias, as sim como uma boa briga, ou uma surra. Não obstante, toda infância apresenta uma série de sintomas que refletem claramente a condição de “estar todo arrumado sem ter para onde ir”: excitado, mas sem condições de atingir um clímax (ataques coléricos, etc.). Essas coisas não são necessariamente anormais. (WINNICOT, 1958, p.25)

Dessa forma, a criança ao longo do seu desenvolvimento vai se descobrindo e conhecendo a sensação de ter satisfação em atingir determinados objetivos e / ou desejos. A autora traz como exemplo o ato de comer que gera a sensação de prazer. É por meio dessa sensação que o nosso paladar se aproxima, se identifica ou não com os sabores e ao ingerirmos determinados alimentos nos causam sensação de prazer e de saciedade.

Da mesma forma a criança se identificará com o pai ou com a mãe, de acordo com o que postula Freud, na teoria do complexo de Édipo. O menino se identificará com a mãe, contudo, no que tange às meninas, isso acontece de modo diferente, já que:

Seu primeiro objeto foi também a mãe, certamente. Mas como acha ela o caminho até o pai? Como, quando e por que ela se desprende da mãe? Há algum tempo vimos que o desenvolvimento da sexualidade feminina é complicado pela tarefa de abandonar a zona genital originalmente dominante, o clitóris, por uma nova, a vagina. Agora uma segunda transformação, a troca do original objeto mãe pelo pai, parece-nos igualmente característica e significativa para o desenvolvimento da mulher. Ainda não podemos perceber de que modo as duas tarefas se vinculam. (FREUD, [1933], 2010f. p. 203)

Para Freud para a menina essa fase está vinculada ao fato de não ter pênis e ao complexo da castração, em que ela percebe que diferentemente do menino, ela não tem o falo. Percebe-se na ausência, mas compreende a sua zona genital, no primeiro momento pelo clitóris e só depois percebe a vagina.

Assim, a fase pré-edípica da mulher assume uma importância que até agora não lhe havíamos atribuído. Como ela pode conter todas as fixações e repressões a que fazemos remontar o surgimento das neuroses, parece necessário abandonar a universalidade da tese de que o complexo de Édipo seria o núcleo da neurose. Mas quem reluta em fazer essa correção não é obrigado a fazê-la. Por um lado, pode-se dar ao complexo de Édipo um conteúdo mais amplo, de modo a abranger todas as relações da criança com os dois genitores; por outro lado, também se podem levar em conta as novas experiências afirmando que a mulher atinge a normal situação edípica positiva somente após haver superado uma época anterior, dominada pelo complexo negativo. De fato, durante essa fase o pai é pouco mais que um incômodo rival para a menina, embora a hostilidade para com ele jamais alcance a altura típica dos meninos. Há muito tempo renunciamos à expectativa de um perfeito paralelismo entre o desenvolvimento sexual masculino e o feminino. (FREUD, [1933], 2010f, p.204)

Dessa forma, percebe-se que Freud aborda a fase edípica da menina de modo a apontar dois momentos, o primeiro em que ela ainda tem a mãe como objeto e enxerga o pai não da mesma forma que o menino, como rival, mas de forma a vê-lo como um “incômodo”, haja vista a mãe, que é seu objeto, por sua vez, divide as atenções entre a menina e o seu cônjuge. Nesse sentido, Freud difere as duas fases edípicas entre os meninos e as meninas. Dizendo de outro modo, o menino sempre terá a sua mãe como o objeto e o seu pai como seu rival, já a menina, em certo momento, redireciona o seu objeto da mãe para o pai. Para Klein (1983, p.8) “Este complexo existe, todavia, muito mais cedo e tem raízes nas primeiras suspeitas do bebê de que o pai lhe tome o amor e a atenção da mãe”.

Klein (1983, p. 10) distingue as fases edípicas entre o menino e a menina afirmando que: “o menino em seu desenvolvimento genital retorna ao seu objeto original, a mãe, (...)” já a menina “tem que se afastar na mãe e encontrar o objeto dos seus desejos no pai e ulteriormente em outros homens.”

Klein (1983) esclarece que o complexo de Édipo não é apenas uma relação de amor e projeção no seu objeto ou de rivalidade em relação ao genitor do mesmo sexo, mas é um sentimento de culpa no que tange ao seu rival. Já no que tange à projeção para o objeto, está se relaciona à identificação, direcionando para este outro que é o objeto de identificação o nosso Eu, direcionando para o “outro” sentimentos e satisfação. Assim, este outro passa a ser, ao mesmo tempo, uma extensão e uma fusão do eu interior do sujeito que nele é projetado, e do eu dele próprio. Para Klein (1983) da mesma forma que há a projeção, há também a introjeção, pois o sujeito absorve e internaliza características desse outro. Para ela a introjeção coloca em risco o eu interior do ser introjetado, uma vez que ele absorve características de outrem, ficando, assim, “o ego inteiramente dominado pelo ser introjetado (KLEIN, 1983, p.11)”

Para Laplanche (2000, p. 251),

A concepção freudiana da sexualidade feminina (4) confere um lugar essencial à inveja do pênis na evolução psicosssexual para a feminidade, que supõe uma mudança de zona erógena (do clitóris para a vagina) e uma mudança de objeto (o apego pré-edipiano à mãe dá lugar ao amor edipiano ao pai). Nesta mudança, são o complexo de castração* e a inveja do pênis que desempenham, a diversos níveis, um papel de articulação: a) Ressentimento para com a mãe, que não munuiu a filha de pênis; h) Depreciação da mãe, que aparece assim como castrada; e) Renúncia à atividade fálica (masturbação clitorica), com predomínio da passividade; Equivalência simbólica entre o pênis e a criança.

Laplanche (2000) resume a concepção freudiana sobre a sexualidade feminina como o complexo de castração, que é a “inveja do pênis”. Assim, a menina passa a culpar a mãe pela ausência do seu falo, haja vista a mãe ser a sua cuidadora e saber de tudo. Nesse sentido, Nasio aponta que se trata de uma “equivalência simbólica entre o pênis e a criança”.

Nesse sentido, Laplanche (2000, p.34) explica que:

Vemos assim que o recalque encontra a sua condição geral no atraso da puberdade” que caracteriza, segundo Freud, a sexualidade humana: Qualquer adolescente tem traços mnésicos que só pode compreender com o aparecimento de sensações propriamente sexuais.” (lc) “O aparecimento tardio da puberdade torna possíveis processos primórdios póstumos.” (lá) Nesta perspectiva, só a segunda cena confere à primeira o seu valor patogénico; “Recalca-se uma recordação que SÓ se tornou traumatismo a posteriori.” (lc) A noção de a posteriori está por isso intimamente ligada à primeira elaboração freudiana da noção de defesa*: a teoria da sedução*.

Assim, percebe-se a importância da infância e dos acontecimentos vivenciados nela, uma vez que é um gatilho para recalques futuros, haja vista seja necessário vivenciar a cena pela segunda vez para que assim possa superar ou, na verdade, ter a saciedade do sabor da primeira cena. Dito isso, o recalque torna-se traumatismo *a posteriori*, ou seja, depois do acontecimento, podendo inclusive, o sujeito, que internalizou tal acontecimento nem o identificar, visto que fica no inconsciente.

Uma criança que passou por acontecimentos negativos, castrações, frustrações e ou até mesmos problemas como violência infantil, pode recalcar tais acontecimentos, e lá adiante isso eclodir de forma danosa tanto para ele, como para a sociedade, com psicopatologias que podem causar danos sociais a ele, ou a outros. Como é o caso de psicopatas que passaram por abusos na infância e repetem atos criminosos como forma de viver a primeira cena.

Nas palavras de Nasio (2011, p.13)

A adolescência é uma passagem obrigatória, a passagem delicada, atormentada, mas igualmente criativa, que vai do fim da infância ao limiar da maturidade. Um adolescente é um menino ou menina que cessa gradativamente de ser uma criança e ruma com dificuldade para o adulto que virá a ser.

Nesse sentido, a adolescência é uma gradação entre o estado de infante para o adolescente e pode ser perturbador e assustador para os humanos, já que uma fase deixa de

existir para dá lugar a outra. Porém essa transição não acontece como uma cisão, os conflitos das duas fases habitarão no eu desse sujeito, até que a fase adulta vença o duelo com a infância e passe a dar lugar a esse eu adulto que deve ser responsável pelos seus atos. Para Nasio (2008, p.17):

Se fôssemos definir o ser humano, diríamos: o ser humano é aquele que tem a vontade irreduzível, a necessidade imperiosa de comunicar-se com outro ser humano. Eis o princípio soberano, a premissa indiscutível que preside a toda escuta analítica e funda o conceito de imagem inconsciente do corpo.

Sob o ponto de vista biológico, Násio (2011) diz que a puberdade é o marco dessa transição, em que o corpo da criança passa por transições hormonais que afetam o físico da criança para que se torne adulto, seja mulher ou homem. Assim,

Para o menino, é a idade em que se produzem as primeiras ereções seguidas por ejaculação, durante uma masturbação, as poluções noturnas, a mudança da voz e o aumento da massa e da tonicidade musculares, tudo isso constituindo germens de uma virilidade nascente. Na menina, desencadeiam-se as primeiras regras e as primeiras sensações ovarianas, os seios ganham volume, a bacia se alarga conferindo à silhueta seu aspecto tipicamente feminino e, sobretudo, despertando nela essa tensão indefinível que emana do corpo de toda mulher e que denominamos charme. Portanto, biologicamente falando, a adolescência é sinônimo de advento de corpo maduro, sexuado, doravante capaz de procriar. (NASIO, 2011, p. 14)

Nesse período o menino e a menina se impactam com as mudanças anatômicas e se percebem em mutação, seus corpos vão tomando formas diferentes. Para a menina, seu corpo dá lugar a formas que lhe deem condições de procriar e de “parir” uma nova vida, suas curvas vão ganhando contornos atribuindo formas femininas e sexuadas.

Para este autor, ao explicar sobre o que é ser humano e suas relações com o outro, ele retoma Dolto e diz que para ela:

a primeira célula embrionária já é uma pessoa totalmente peculiar, porque essa célula é animada pelo impulso poderoso de se unir ao outro, e em primeiro lugar dirigir-se à mãe que a carrega em seu ventre. Logo, o outro já está lá, muito antes do nascimento, como o interlocutor imanente à nossa humanidade. Enquanto Lacan enunciava: “O desejo do homem é o desejo do Outro”, digo eu agora: O desejo do homem é o desejo de se comunicar com o outro. (NASIO, 2008, p.17)

Nesse sentido, esta relação entre o homem, o outro e a necessidade de comunicação por meio na linguagem dialoga com a teoria bakhtiniana em que a linguagem é social e é por meio dela que as relações sociais se estabelecem. Sendo assim, a criança, enquanto sujeito social, busca se encontrar nesse outro de modo a ser acolhido em suas singularidades, a partir

da palavra e da mediação da linguagem, seja verbal ou não. Em consonância com esses preceitos, Nasio (2008, p.18) assevera que ao encontrar uma criança sentada a sua frente:

você tem certeza de que a criança sentada à sua frente, embora aparentemente arredia, espera se comunicar. Espera impacientemente se comunicar, encontrar o seu outro. Quer encontrar alguém que lhe diga palavras que lhe falem, que ressoem nela, palavras que poderiam ter sido as suas se e soubesse dizer seu sofrimento. Quer encontrar alguém que a reconheça tal como é e ali onde é. Ora, é exatamente nesse instante, quando você é chamado a responder à sua expectativa premente, quando sente que deve intervir e não sabe o que dizer, que se lhe impõe a necessidade de recorrer ao conceito de imagem inconsciente do corpo.

Assim, a criança, o sujeito que está ali diante do outro, fala por meio do corpo, dos seus rabiscos, dos seus gestos, dos seus movimentos. Essa forma de linguagem plural representa o eu dessa criança que pede, muitas vezes, por ajuda e que cabe ao outro se conectar com ela por meio de um dos códigos apresentados por ela, para auxiliá-lo no processo do desenvolvimento, nas frustrações, no seu silenciamento que também “fala” da sua dor, do seu lugar, das suas angústias e do seu eu.

A contribuição de Nasio (2008) para este trabalho sobre o corpo e suas imagens colaboram na perspectiva de que no sujeito, a partir do corpo físico que comporta tanto espaços, habitam vários outros que clamam por uma conexão por meio da linguagem com o outro, e, ao mesmo tempo, sempre estará em um dado lugar querendo ser acolhido e entendido em suas especificidades, desde à sua infância até a maturidade.

Com o passar do tempo e com o desenvolvimento das fases infantis as crianças passam a lidar com novos acontecimentos, sensações de satisfação, quando se consegue algo, como já foi abordado, mas também é preciso lidar com a culpa, com a negação de algo que lhe contraria. Tais situações fazem com que a criança passe a desenvolver sentimentos que vão fortalecê-la em suas relações sociais, pois na rotina humana, a criança lidará com conquistas, mas também com fracassos. Nesse sentido, é preciso estar pronto para lidar com as frustrações para agir socialmente frente ao que é desagradável para o seu Eu. Assim, trabalhar essas relações e sensações que não satisfazem o Eu também é parte da construção da personalidade desse sujeito que se encontra em desenvolvimento, haja vista o não desenvolvimento de essa habilidade acarreta problemas sociais, que podem impactar em conduta de personalidade que vão de encontro a preceitos morais e éticos para que o eu busque sempre algo satisfatório e não consiga lidar com o não e nem com a culpa.

Nesse sentido,

Percebe-se, portanto, que existe aqui uma necessidade específica que o ambiente deve prover para que a criança possa elaborar e crescer (tecnicamente: possa atingir a

“posição depressiva” no desenvolvimento emocional). A criança deve ser capaz de tolerar o sentimento de culpa e alterar este estado de coisas através da reparação. Para que isto aconteça, a mãe (ou alguém que a substitua) deve estar lá, viva e alerta, durante o período em que durar a culpa (WINNICOTT, 1958, p.25)

Assim, conforme o exposto percebe-se a importância do adulto para guiar e conduzir a criança na fase de desenvolvimento. Dessa forma, o adulto que exerce a função de cuidar e educar a criança é preciso estar apostos no momento do sentimento de culpa para que conduza a necessidade da reparação. “Ao considerar do ponto de vista psicanalítico o comportamento das pessoas em seu ambiente social, é necessário investigar como o indivíduo se desenvolve desde a infância até a maturidade (KLEIN, 1983, p.01)”.

Para essa autora,

Tanto a capacidade de amar como o sentido de perseguição têm raízes profundas nos processos mentais mais primitivos da criança. Primeiramente eles se dirigem para a mãe. Os impulsos destrutivos e seus concomitantes — tais como o ressentimento por frustração, o ódio que ela desperta, a incapacidade para se reconciliar, e a inveja do objeto todo poderoso, a mãe, de quem dependem sua vida e seu bem-estar (Id., p.4)

Klein (1983) acredita que o ego na criança tem como égide o seu nascimento e tem a função de defender-se contra a ansiedade tanto nos conflitos internos, quanto nas influências externas. Para ela, o amor e o ódio estão relacionados ao fato de a criança ainda muito pequena direcionar para a mãe “suas emoções”, podendo ser “tanto um objeto bom, como perigoso (KLEIN, 1983, p. 5)”.

Já para Dolto (1971), o complexo está relacionado à castração, estando correlacionado às pulsões e ao que impõe a sua realização: a interdição. Nesse sentido, “as pulsões (ímpetos) impulsos primordiais, de origem fisiológica para um determinado objetivo”. Assim, o sujeito age de acordo com essas pulsões “a sua revelia” a partir das “determinações do inconsciente (DOLTO, p.1971, p.17).” A autora ainda traz explicações sobre a castração, afirmando que “no sentido psicanalítico, significa, portanto, frustrações das possibilidades hedonistas”, que são as frustrações em se conseguir o prazer, em saciar-se.

Outros conceitos caros, para essa pesquisa, são as noções do Id, Ego, e Superego, que juntos formam a personalidade dos sujeitos. Nesse sentido, Dolto diz que o Id está para a sexualidade, assim como a fome está para a nutrição. Já o Ego ela enfatiza que é o responsável por intermediar o Id com o mundo exterior. Assim, ela explica que o Id é “sede das satisfações e dos mal-estares consciente (1971, p.18)”. Sobre o superego, Dolto resume da seguinte maneira, como sendo a “espécie de mentor formado pelas experiências, permitidas e proibidas tal como foram vividas nos primeiros anos. Sede de uma força inibidora que também age

cegamente (p.19)”. Nesse sentido, a autora resume que “o Id e o Superego como sendo sede de forças cegas que agem inconscientemente”. Ela ressalta que o ego “age conscientemente”.

Nasio (2008) explica que quando remete ao termo criança, na obra *Meu corpo e suas imagens* nunca estará se restringindo apenas à criança, em seu significado restrito, mas à “eterna criança” que vive no adulto. Nesse sentido, ele enfatiza que:

as palavras “criança”, “corpo da criança” e outras expressões ligadas à infância; saibam, porém, que elas não se limitam à criança enquanto tal, estendendo-se à eterna criança que sobrevive no adulto. Desde as primeiras páginas vocês compreenderão que a imagem inconsciente do corpo formada na cabeça de um bebê permanece ativa durante toda a vida. (NASIO,2008, p.18)

Com efeito, com o passar dos anos, as crianças chegam à puberdade e à adolescência, e, ainda haverá resquícios do que foi a sua infância, de como tudo impactou na sua construção. Sabe-se que a adolescência é uma fase repleta de conflitos biopsicossociais em que há a transição para mais um rito de passagem, em que a criança passa a experienciar novos prazeres, desejos, angústias por não ser aceitos em determinados padrões, e, com isso, muitos conflitos eclodem de forma negativa nesse sujeito que ainda está em desenvolvimento.

Sendo assim, o adolescente, como sujeito psicanalítico, se insere em um contexto social recheado de situações adversas, marcado pela sua própria essência humana que rompe com um mundo infantil e passa abruptamente por mudanças físicas e psíquicas. É nesse momento, que o adolescente, muitas vezes, contra a sua própria vontade, rompe com o estado de dependência da infância e passa a assumir posturas ditadas socialmente que o obrigam a ter padrões físicos e sociais que, quase sempre, vão de encontro a sua psiquê ou biótipo. Na busca desse protótipo do ser ideal, esse sujeito tão antagônica busca se inserir em grupos sociais sejam eles por universos estigmatizados de padrões de belezas, referências musicais, ou, até mesmo, pressão familiar para a escolha da carreira acadêmica que deverá seguir após o ensino médio. Como se enquadrar ou se reconhecer nesse novo universo? De que forma este adolescente pode encontrar o seu eu ou até mesmo se reconhecer como sujeito social, e individual, dono dos seus desejos e de suas escolhas?

Assim,

[...] se impulsos cheios de desejo forem reprimidos, sua libido se transformará em ansiedade. E isto nos faz lembrar que há algo de desconhecido e inconsciente em conexão com a sensação de culpa, a saber, as razões para o ato de repúdio. O caráter de ansiedade que é inerente à sensação de culpa corresponde ao fator desconhecido. (FREUD [1913-1914], p.47/48).

Nessa citação de Freud há muito sobre o ser-adolescente, uma vez que por essência, essa fase é constituída de inquietações, oscilações e impulsos. Como não compreender essas vontades e desejos a partir das relações dos signos/significantes, uma vez que o eu-adolescente reflete em seu comportamento suas histórias e vivências? Além da dialética social coloca o adolescente, como ser oriundo do meio, mas que devido às suas condições psicossociais acaba agindo a partir de suas inquietações e, principalmente dos impulsos. Assim, segundo Bloss (1998, p. 102)

Tanto o menino como a menina voltam-se agora, com maior vigor, para o objeto extrafamiliar libidinoso, isto é, o processo genuíno de separação dos laços objetivos maduros. O caráter marcante da adolescência inicial está na decaatexia dos objetos amorosos e incestuosos; assim, a libido objetiva que está solta, livre, clama por novas acomodações.

Embora a nomenclatura catexia tenha sido utilizada por Freud, em 1913, já havia referência em suas obras sob a nomenclatura de "suprido de energia", "carregado de uma soma de excitação"³². Como a supremacia do ego sobre o superego, a autoridade deste sobre aquele torna-se inferiorizada, conseqüentemente, afeta “seus esforços próprios para mediar as pulsões” (*Idem*). Com os afastamentos dos pais, os conflitos edipianos e a “decaatexia abrangem também suas representações objetivos e seus equivalentes morais internalizados, que residem no superego.” (*Idem*)

Para Bloss (1998, p. 103),

Nessa idade, os valores, padrões e leis morais adquirem apreciável independência com relação à autoridade dos pais, tornaram-se egossintônicos e operam em parte dentro do ego. Não obstante, na adolescência inicial o autocontrole ameaça entrar em colapso e, em casos extremos ocorre a delinquência.

Dito de outra maneira, o ser-adolescente é banhado por situações de continuidade e descontinuidade que marcam esta fase de transformações em diferentes estágios humanos. É nesse momento, que o comportamento e as pulsões afloram com mais efemeridade e, paradoxalmente, com mais força. As relações com a família recaem para um segundo patamar na escala de prioridade, pois já houve ou estar havendo as rupturas edipianas. Cabe salientar que segundo Bloss (1998, p. 103) “algumas crianças não sentem nenhum conflito em relação aos pais; reprimiram a pulsão sexual, ou essa pulsão é baixa, e, portanto, o ego tem a capacidade de dominá-la.”

³² O conceito de decaatexia faz menção ao conceito freudiano em que a catexia é a concentração de energia psíquica de um dado objeto.

Além do caráter da sexualidade está mais a florado, essas pulsões também são direcionadas para o Outro, idealizado, quase sempre para o/ a menino (a) na figura de um (a) amigo (a), com “significações e importância até então desconhecida”. É importante salientar que as escolhas objetivas para esta fase, tem como exemplo o parâmetro narcisista. A figura do amigo é idealizada, de forma que o adolescente passa a desejar certas qualidades identificadas no amigo, e que ele não possui. Para ele (a), a qualidade desejada pelo seu eu-adolescente passa a ser de sua propriedade, já que é do seu amigo (a).

Na adolescência, propriamente dita essa busca, da de relações objetivas assume novos aspectos, diferentes dos que predominaram nas fases da pré-adolescência e adolescência inicial. O encontro de objeto heterossexual, possibilitado pelo abandono das posições narcísica e bissexual, caracteriza o desenvolvimento psicológico da adolescência propriamente dita. Mais precisamente, devemos falar de uma afirmação gradual da pulsão sexual adequada, que entra em ascendência e faz com que a ansiedade conflitual cada vez mais pressione o ego. (BLOS, 1998, p. 118)

Neste sentido, percebemos a clara continuidade do comportamento do adolescente e, como ele vai se adaptando às novas situações e sensações. “Para Freud, a pulsão sexual, diferente do instinto sexual, não se reduz às simples atividades sexuais que costumam ser repertoriadas com seus objetivos e seus objetos, mas é um impulso do qual a libido constitui a energia”. (ROUDINESCO, 1944, p. 629)

Freud, na obra introdução ao narcisismo ([1914-1916], p.55) diz que:

Quando o objeto se torna fonte de sensações prazerosas, produz-se uma tendência motora que busca aproximá-lo do Eu, incorporá-lo ao Eu; fala-se então da “atração” que o objeto dispensador de prazer exerce, e diz-se que se “ama” o objeto. Inversamente, quando o objeto é fonte de sensações desprazerosas, há uma tendência que se esforça por aumentar a distância entre ele e o Eu, repetir a original tentativa de fuga face ao mundo externo emissor de estímulos. Sentimos a “repulsão” do objeto e o odiamos; esse ódio pode então se exacerbar em propensão a agredir o objeto, em intenção de aniquilá-lo.

Assim, o Eu reage e age por pulsões e (ou) por “repulsa”, e de forma contínua explora-se novos desejos e se reconhece por meio da satisfação. Dessa forma, o objeto tanto pode causar a pulsão, do desejo incontrolável ou a repulsa do aniquilamento. Para Roudinesco,

O caráter sexual das pulsões parciais, cuja soma constitui a base da sexualidade infantil, define-se, num primeiro momento, por um processo de apoio* em outras atividades somáticas, ligadas a determinadas zonas do corpo, as quais, dessa maneira, adquirem o estatuto de zonas erógenas. Assim, a satisfação da necessidade de nutrição, obtida através do sugar, é uma fonte de prazer, e os lábios se transformam numa zona erógena, origem de uma pulsão parcial. (ROUDINESCO, 1944, p. 629)

Embora sejam evidentes as novas descobertas e a fase de intensos conflitos, para o adolescente, o novo é assustador, pois além de ele lidar com as suas pulsões, entendido, aqui

como impulsos, situações internas do seu ser, é preciso conviver com a gama de imposições sociais que vão desde à sua sexualidade até o consumismo, o que é dito como moral e amoral.

Para Crochik (p. 21-22):

[...] os conteúdos dos estereótipos que servem ao preconceito não surgem do nada e têm sua função social e individual. Nos dias de hoje, devemos nos defrontar com diversos tipos de conhecimento, precisamos estar a par de muitos fenômenos e, assim, a categorização de vários objetos de uma mesma classe e o estabelecimento de leis que regem os seus movimentos permitem-nos a economia de esforços quando nos defrontamos com um dos objetos daquela categoria, por não termos de pensar novamente sobre ele. De outro lado, é a especificidade do objeto que permite reconhecimento da sua singularidade, mas para aqueles que se sentem ameaçados enquanto indivíduos, esse reconhecimento gera ansiedade e, assim, a evitam através dos estereótipos.

Ser adolescente, hoje, significa possuir determinado estereótipo ditado socialmente, seja por valores ou por comportamentos de determinados grupos sociais. Há na atualidade um engessamento moldado por rótulos sociais que direcionam os sujeitos a fazerem as suas escolhas. Essas situações acabam refletindo no comportamento da sociedade como um todo, e, principalmente, nos adolescentes por eles serem alvos fáceis para uma sociedade consumista. Assim, consumir os bens de consumo impostos por marcas conhecidas, ter o corte de cabelo ou a cor da moda, significa, muitas vezes, ser aceitos no grupo desejado. A partir disso, como dizer que o adolescente é dono de suas vontades e desejos? Como não concordar que o inconsciente está imerso inconscientemente aos ditames dessas vontades? Como o adolescente pode se reconhecer de forma singular por meio de um mundo tão plural?

Simone Beauvoir (1970), ao abordar a mulher adolescente, fala sobre a sobrecarga da menina em relação às tarefas e aos estereótipos sociais imputados, em que ela assume a responsabilidade, ainda muito pequena, das tarefas da casa, com a justificativa de que precisa aprender a ser uma boa dona de casa e de que precisa ajudar a sua mãe.

Tais atribuições são designadas pela mãe. Não se sabe distinguir se isso é de forma inconsciente, ou uma maneira de se livrar da sobrecarga materna e dona do lar. Mas, o fato é que essa menina-adolescente muito nova passa a ter a responsabilidade e a responder por tarefas do lar, como forma de se constituir como mulher para assumir o seu lar e cuidar do seu homem, que será o seu esposo. Nesse ínterim, essa aproximação da vida adulta e das obrigações para a menina-adolescente, não se configura iguais a do menino-adolescente, que não faz parte das obrigatoriedades do lar, e tão pouco se aproxima da responsabilidade do homem adulto, ele passa pela adolescência sem que tenha obrigações, seus deslizos e irresponsabilidades são justificáveis, já no que tange à menina, a lida do lar e a responsabilidade chega à ela muito cedo.

Assim, Beauvoir (1970, p.55),

Essa crise ocorre numa idade ainda tenra; o menino só atinge a adolescência por volta de 15 ou 16 anos; é de 13 a 14 que a menina se transforma em mulher. Mas não é daí que vem a diferença essencial de sua experiência; ela não reside tampouco nas manifestações fisiológicas que, no caso da moça, lhe dão sua horrível aparência: a puberdade assume nos dois sexos uma significação radicalmente diferente porque não é um mesmo futuro que lhes anuncia.

É verdade também que com o avanço e as melhorias atribuídas ao papel da mulher ao longo dos anos há famílias com desenhos diferentes, em que as mães ensinam seus filhos a ajudar nas tarefas de casa, mas isso, ainda são ações bem menores em relação às meninas que já nascem predestinadas às tarefas do lar. Como o sujeito é reflexo do social essa distinção entre a educação dos meninos e das meninas faz com que a menina tenha o papel dentro da família muito similar ao da mãe, sendo responsável por ninar os irmãos mais novos, fazer o alimento deles, organizar a casa, e assumindo o papel da “mãezinha” e da “mulherzinha” da casa. Isso faz com que ela desenvolva a maturidade mais cedo do que os meninos, já que a responsabilidade chegou primeiro. Nesse sentido, Beauvoir (1970) distingue a fase da adolescência entre meninos e meninas da seguinte maneira: “Um simboliza a virilidade, a outra a feminilidade. E é porque a feminilidade significa alteridade e inferioridade que sua revelação é acolhida com escândalo. (p. 56).

Já para Adorno (1955, p.181):

[...] em uma sociedade irracional o eu não posso cumprir adequadamente a função que lhe foi designada por essa mesma sociedade. Necessariamente recaem sobre o eu tarefas psíquicas que não podem se unir com a concepção psicanalítica de eu. Para poder se afirmar na sociedade, o eu tem que reconhecer e desempenhar conscientemente suas funções. Para que o indivíduo leve a cabo suas renúncias tão insensatas que lhe são impostas, entretanto, o eu tenho que estabelecer proibições inconscientes e, mais ainda, manter-se ele mesmo na inconsciência. [...] Na medida em que tem que representar tanto as necessidades libidinosas como as de autoconservação real, impossíveis de se unir com elas, está submetido iniludivelmente a uma exigência excessiva.

É em meio a todas essas inquietações e pulsões que os adolescentes estão imersos e em que se encontram os maiores dilemas e desafios tanto para as escolas, como para as famílias, tendo em vista que a cada tempo que passa as relações entre filhos/pais e escola / família se tornam mais complexas e, ao mesmo tempo, se tornam mais urgentes de serem discutidas em debates sociais. Com efeito, muitos desses adolescentes decidem procurar ajuda profissional.

Para Rassial (2005, 162),

Num primeiro tempo, o adolescente só reconhece o analista a mesma posição que a de que qualquer adulto, igualmente como capaz de entender o que quer que seja a sua demanda. Poder-se-ia dizer que o adolescente antecipa o fim da cura, reduzindo todo percurso possível à constatação repetida desta banalização de efeito depressivo: o analista não conta pela solidez de sua pessoa.

Além disso,

o lugar do analítico é o lugar que é possível calar, de todo modo que o silêncio não seja reduzido a signo de uma potência em falar [...] para formular de outro modo, é preciso deixar o adolescente dizer seu sintoma, além ou aquém de um dito sobre o mesmo, sobre um sintoma que não ocupa para o sujeito a posição principal que pode ter para o meio que o cerca. (*Id.*162-163).

Ao ter o contato com o analista, o adolescente, no primeiro momento, o rejeita, como mais um adulto que o irá impor e o recriminar pelas suas ações. Aos poucos ele vai ganhando confiança até mesmo de não precisar falar, ali naquele espaço, de ficar em silêncio. Então muitas vezes, esses adolescentes possuem patologias que precisam ser tratadas, seja uma depressão uma neurose ou qualquer outro transtorno psíquico, e acaba sendo maquiado pela própria condição de ser adolescente, haja vista, como já dito, é uma fase, em si, conflituosa com os seus pais e seu núcleo familiar e social.

Tem-se na verdade, um adolescente que enfrenta além dos antagonismos psicossociais, da sua própria genética, um ser que é obrigado a lidar com situações adversas às suas vontades e controle, sendo, muitas vezes, reprimido com imposição de padrões de cunhos sexuais, culturais ou até mesmo em suas ideologias religiosas.

Nesse sentido, nessa nova relação adolescente-psicanalista há a presença da transferência. Ao citar a teoria de Winnicott (1958. p. 163-164), entende-se que

o analista deve ter uma atitude profissional sustentada por sua própria análise e confirmada pelas supervisões que pode efetuar. Se essa atitude for uma resistência, ela comprometerá a eficácia da relação transferencial, por um temor de toda manifestação de sua própria transferência, considerada então como uma contratransferência.

Posto isso, Winnicott (*Id.*, p. 104) diz que “O trabalho do psicoterapeuta, em contraste, baseia-se sobretudo na interpretação do inconsciente; da neurose de transferência e de uma série de exemplos da manifestação do conflito pessoal do paciente, cada qual apropriado a um momento específico do contexto terapêutico.”

Para Freud esse fenômeno de transferências pode se relacionar com a libido objetal, em que o adolescente transfere seu objeto sexual, assim,

Nós a vemos, então, concentrar-se em objetos, fixar-se neles, ou então abandonar esses objetos, passar deles para outros e, a partir dessas posições, guiar a atividade sexual do indivíduo, a qual leva à satisfação, isto é, à extinção parcial e temporária da libido. A psicanálise das assim chamadas neuroses de transferência (histeria e neurose obsessiva) nos proporciona uma visão segura nesse ponto. (FREUD, [190I-190S], 2016^a, p.136)

Nessas neuroses de transferências, busca-se a satisfação. Segundo Rassial (2005, p.136), “evidentemente, é excluído que um analista tenha relações sexuais com um jovem; mas, compadecer-se sob um modo histérico com a solidão do adolescente, com efeitos similares, corre o risco de erotizar a relação analítica.”

Em verdade, há uma transferência “fundada na metáfora paterna”, em que a relação tem mão-dupla tanto em relação ao adolescente, bem como ao analista, em que ao fim da cura “o analista não tenha assujeitado o analisando ao seu domínio, e não tenha respondido a demanda histórica de um saber sobre si, que o cliente formula, como se dirige ao seu médico” (RASSIAL, 2005, p.165)

Nesse mesmo viés da busca da cura pela palavra e no fenômeno da transferência há a relação do adolescente com o diário pessoal, em que ele deposita nas páginas em branco a sua “cura”, confessando para “seu amigo” seus conflitos, dores, amores e relatando seu cotidiano. Nesse sentido, o diário atua como um analista, que por meio da palavra faz com que esse adolescente, no caso uma menina ou uma jovem mulher possa usar a palavra sem medo de ser recriminada. Metaforicamente, enquanto ela escreve, se “inscreve” como sujeito agente do seu discurso e se cura.

Assim, Para Freud ([1901-1905], 2016a, p.312)

Que são transferências? São novas edições, reproduções dos impulsos e fantasias que são despertados e tornados conscientes à medida que a análise avança, com a substituição - característica da espécie - de uma pessoa anterior pela pessoa do médico. Colocando de outra forma: toda uma série de vivências psíquicas anteriores é reativada, mas não como algo passado, e sim na relação atual com o médico. Há transferências que em nada se distinguem do seu modelo no conteúdo, salvo na substituição. São, portanto - prosseguindo na metáfora -, simples reimpressões, novas tiragens inalteradas. Outras são feitas de modo mais engenhoso, sofrem uma atenuação do conteúdo, uma sublimação, como eu digo, e podem se tornar conscientes se apoiando em alguma peculiaridade real (habilmente utilizada) da pessoa ou da situação do médico. Já não são reimpressões, mas edições revistas.

Nesse sentido, assim, como nas análises, percebe-se nas páginas dos diários esse fenômeno, em que a adolescente transfere suas relações objetais e, da mesma forma, umas são mais sutis, de modo quase imperceptíveis, já outras são articuladas, de modo intencional, como o próprio Freud relata: “Outras são feitas de modo mais engenhoso, sofrem uma atenuação do conteúdo, uma sublimação, como eu digo, e podem se tornar conscientes...”. Tais afirmações e análises serão confrontadas no último capítulo desse trabalho que será destinado à análise dos diários pessoais que compõem o *corpus* dessa pesquisa.

Já para Cahn (1999) a adolescência tem levantado várias questões para os estudiosos, isso se dá pelo efeito de “reticências e perplexidade”. Para este autor,

As incidências do social, por outro lado, se verificam muito mais complexas, elas viram tanto sem sua dimensão sincrônica, segundo as culturas, os países, os meios sociais, quanto em sua dimensão diacrônica, em função da evolução cada vez mais acelerada dos modos de vida e dos valores. De onde uma infinidade, em nome de mundo, de configurações sócio-econômicas, culturais, políticas em relação às quais os fatores específicos da adolescência se articulam e se disjuntam segundo as modalidades mas diversas e muito frequentemente mutantes. (CAHN, 1999, p.16)

Além disso, pensar no sujeito adolescente, no contexto atual, é retomar o conceito de liquidez de Bauman (2001), em que o líquido escorre, é imediato e não tem como ter constância. É nesse sentido que Le Breaton explora o conceito de adolescência líquida, levando em conta a fugacidade das coisas, objetos, valores, relações, em que tudo é passageiro. Para Le Breaton (2017, p.85),

Essa zona de turbulência implica um período intenso de experimentação, de confronto com os outros, de procura de limites e de sentido. As dificuldades de entrada na vida não se reduzem a uma simples crise de adolescência, são mais profundamente uma crise do sentido da vida, e portanto uma crise de juventude na sua tentativa de acesso à vida adulta.

De um lado há os que prolongam essa fase ao extremo, teoria nomeada como a síndrome de Peter Pan, pois, cada vez mais, “adultos” ficam no seio da família, para enfrentar a realidade e a responsabilidade da vida adulta. Para outros, esta fase é intensa de turbulências e interditos, castrações e dor. Ser adolescente não é uma tarefa das mais fáceis, pois além de lidar com os demônios interiores é preciso lidar com a obrigatoriedade de (re) significar as suas escolhas e colocar, muitas vezes, em cheque os seus desejos por meio das imposições e ditames sociais.

Para a menina, essa transição se dá de forma abrupta e com a menstruação, como bem descreve a Beauvoir (1970, p.56)

A vida da menina sempre lhe apareceu como determinada por essa impalpável essência a que a ausência do pênis não conseguia dar uma figura positiva: é esta que se descobre no fluxo de sangue que lhe escorre entre as coxas. Se já assumiu sua condição é com alegria que ela acolhe o acontecimento. . . "Agora, és uma mulher." Se sempre a recusou, o veredito sangrento a fulmina; o mais das vezes ela hesita: a mácula menstrual inclina-a para a repugnância e o medo: "Es então o que significam estas palavras: ser mulher!" A fatalidade que até então pesava confusamente sobre ela, e de fora, escondeu-se em seu ventre; não há mais meio de escapar; ela sente-se acuada.

Assim, Marcelli e Braconnier (2007, p.21) enfatizam:

as menstruações. – A puberdade, no plano fisiológico, termina com as primeiras menstruações (menarca): estas marcam efetivamente, para o senso comum, a data da puberdade. Essa primeira menstruação ocorre, em média, após os primeiros sinais pubertários, ou seja, por volta dos 12 anos e meio/13 anos. A data da ocorrência em

uma menina costuma ser correlata à das mulheres da família (irmãs, mãe, tias). À parte considerações do ambiente, existe um caráter familiar indiscutível

Nesse sentido, temos o paradoxo do que é imposto e do que é aceitável para a menina. Imagine a situação em que a menina rejeita o fato de se tornar mulher e é criada por um lar com problemas sociais, insalubre, sem diálogo, com o patriarcalismo exacerbado em que ela precisa apenas aceitar as ordens dos pais. De repente, sem que ela queira, “torna-se mulher”. Como agir para esse eu que não aceita tal fato? Sabe-se que, na História, a mulher passou por verdadeiras metamorfoses sociais, e, mesmo assim, o seu lugar ainda está muito distante do que o preceito da equidade e da diversidade pregada atualmente. Imagine o duelo existencial para essa menina que, de repente, se enxerga alheia a si, diferente da menina de outrora e que, mesmo assim, precisa apenas aceitar. Quais os conflitos que essa pequena mulher enfrenta em seu eu? Como lidar com isso sem que haja um suporte de um adulto para a acolher?

Nesse sentido, Nasio (2011) traz o conceito da adolescência sob a óptica da sociologia apontando como, em diferentes culturas, este rito pode se distinguir, sendo uma fase transitória rápida, como uma cisão, ou lenta como uma longa travessia. Para ele a adolescência se inicia entre os 11 ou 12 anos de idade, com a puberdade e pode ir até os 25 anos, como é o caso da cultura ocidental, em que os filhos ficam nas casas dos seus pais sob as suas responsabilidades até mais tarde. Assim, ele destaca que:

“adolescência” cobre o período de transição entre a dependência infantil e a emancipação do jovem adulto. Segundo as culturas, essa fase intermediária pode ser muito curta – quando se limita a um ritual iniciático que, em poucas horas, transforma uma criança grande num adulto –, ou particularmente longa, como em nossa sociedade, em que os jovens conquistam sua autonomia muito tarde, levando-se em conta os estudos prolongados e o desemprego em massa, fatores que alimentam dependência material e afetiva em relação à família. A esse respeito, observemos que, em cada dois jovens adultos, um ainda mora na casa dos pais aos 23 anos, beneficiando-se não apenas de seu teto, cada vez mais longamente, como também de seu apoio financeiro, que, com muita frequência, estende-se além desse período. Em suma, se considerarmos as duas extremidades da travessia adolescente, podemos dizer que a puberdade se inicia em torno dos onze, doze anos, ao passo que a emancipação se completa por volta dos 25 anos. (NASIO, 2011, p.14)

Do ponto de vista da inclusão da mulher na sociedade percebe-se que muitas jovens só saem de casa, ainda, para o casamento, passando da tutoria dos seus pais para a do esposo. Porém, muitas optam pelos estudos para que consigam sua independência financeira, mesmo assim, continuam na dependência dos pais, mesmo trabalhando não contribuem com as responsabilidades financeiras em sua casa, acreditando que os seus pais ainda são os responsáveis por elas. Nessa travessia entre a infância e a vida adulta a jovem, em estado de construção, lida com os seus medos e suas angústias e, muitas vezes, não absorve que ser adulto e livre requer a responsabilidade de arcar com seus e custos para a sobrevivência na sociedade.

Ao lidar com situações adversas às suas vontades, devido à superproteção dos pais, ou até mesmo pela falta de maturidade, os sujeitos não conseguem lidar com as frustrações.

Do ponto de vista da contemporaneidade, temos a era da liquidez e do imediatismo, os valores são inversos, os ritos de passagens perderam o simbolismo, as relações afetivas são fugazes, os amores plurais e momentâneos, os laços familiares são frágeis, os limites são tênues entre o poder quase tudo e não ter quase nada. Assim, a família se perde e se dilui em meio a uma complexidade que transcende os laços sanguíneos. Para Bauman (2001),

Pergunte-se o que é realmente uma família hoje em dia? O que significa? É claro que há crianças, meus filhos, nossos filhos. Mas, mesmo a paternidade e a maternidade, o núcleo da vida familiar, estão começando a se desintegrar no divórcio ... Avós e avôs são incluídos e excluídos sem meios de participar nas decisões de seus filhos e filhas. Do ponto de vista de seus netos, o significado das avós e dos avôs tem que ser determinado por decisões e escolhas individuais. (BAUMAN, 2001, p. 8)

Em suma, os valores familiares foram banalizados e derretidos, sentimentos esfriados e condensados às turbulências momentâneas e passageiras de sujeitos estranhos aos outros, e, sobretudo, a si mesmo. O não reconhecimento e o não pertencimento imperam em uma sociedade “líquida”, onde os autores são os responsáveis por se projetarem desde às ascensões meteóricas e passageiras, sob o efeito das redes sociais até o obscurecimento forjado por complexos, esquecimentos, preconceitos sociais, que passam despercebidos em meio a uma amontoado de valores esvaziados. Diante de tudo isso, se encontra o adolescente, perdidos em si mesmo, em seus turbilhões biológicos, sem referência familiares, diluídos em relações passageiras, porque não dizer entregues ao seu Eu, conflitante que pulsa em busca de si e de um Outro que nunca está disposto a ouvi-lo, a acolhê-lo em sua complexidade e em suas singularidades.

Como forma de discorrer o adolescente pelo viés da atualidade, Nasio (2011) o coloca em um duelo consigo mesmo, em alguns momentos, quando briga com o seu eu, e em outros momentos com os outros que estão em sua volta. Com a mesma facilidade que se sentem alheio a tudo e distante de todos que estão em sua volta, aproximam-se excessivamente de outros sujeitos, de outros sabores, situações, sendo quase fundidos de tão próximos que ficam. Assim, Nasio (2011) aponta que:

O jovem, ou a jovem, de hoje é um ser conturbado que, sucessivamente, corre alegre à frente da vida e para de repente, arrasado, desesperançado, para deslanchar novamente, arrebatado pelo fogo da ação. Tudo nele é contraste e contradição. Ele pode ser tanto agitado quanto indolente, eufórico e taciturno, revoltado e conformista, intransigente e esclarecido; num certo momento, entusiasta e, bruscamente, apático e deprimido.

O adolescente de hoje é muito distante daqueles apresentados no trabalho. do início do século, entre a década de 90 e 2000. Mesmo sempre existindo as ebulições hormonais, os prazeres e desprazeres dessa fase, naquela época o contexto social era outro. O conceito social entre a família, a hierarquia, o respeito e o limite imposto pelos pais eram muito distantes dos da atualidade. Hoje se presencia uma crise familiar e na sociedade sem precedentes, a liberdade em excesso faz com que os jovens cresçam perdidos de si e dos outros. Os pais não têm mais tempo para a educação dos seus filhos e a terceirizam para as escolas ou babás. O sentimento e o amor que adentraram as famílias lá na Idade Média, hoje, esfriaram, as crianças crescem sem orientações e sua personalidade é moldada sem alicerces firmes. Por compras de sentimentos em troca de presentes, por saciar os seus desejos sem lhe oferecer os sentimentos de frustrações que também são responsáveis por moldarem a personalidade.

Tiba (2002, p.52) na obra *Quem Ama Educa* agrega a essa reflexão o papel da família em que:

Figuras paternas frágeis e mãe permissivas transformam os filhos em parafusos de geléia. O parafuso de geléia é comumente encontrado nesta seqüência: avós autoritários, pais permissivos (= antiautoritarismo), netos sem limites (parafusos de geléia). Quando foram pais, os avós mostraram-se muito autoritários tendo sido mais adestradores de crianças que educadores. Bastava o pai olhar, o filho tinha de obedecer, do contrário os pais abusavam da paciência curta, da voz grossa e da mão pesada. Não tinham conhecimento da adolescência. Adolescente com vontade própria era sinônimo de desobediência. Não reconheciam a possibilidade de o filho pensar diferente: “Eu sei o que é bom para o meu filho e ele tem que aceitar”, “Filho não tem vontade, não tem querer’ Eram onipotentes e abusavam da lei animal do mais forte. Os filhos desses pais se revoltaram contra o autoritarismo. Sofreram tanto com esse método de educação que resolveram dispensá-lo ao se tornar pais. Então trataram de negá-lo fazendo o contrário. Assim, tornaram-se extrema mente permissivos.

Como lidar com o adolescente que chegou a essa fase sem uma base sólida? Com pais permissivos, ausentes e até mesmo repressores ou violentos? Temos adolescentes frutos de lares e contextos caóticos, frutos não só da permissividade, mas também da escassez. Faltou-lhes tudo! Faltou-lhe cuidado e amor dos seus genitores e do Estado que é o responsável maior por cuidar dos seus filhos. Em solo pátrio é renegado o básico para a subsistência humana, faltam-lhe o essencial. Têm-se adolescentes frutos das ausências da família, da sociedade e do Estado, a tríade responsável pelo protecionismo, imposta pelo ECA (1990), é falha com muitas crianças e negligência as suas obrigações morais com os seus filhos brasileiros.

Os adolescentes contemporâneos vivem em constantes polos existenciais. Tudo é intenso e vivenciado ao extremo. São volúveis e imprecisos, são inconstantes e, ao mesmo tempo, clamam por constância. Vivem em um eterno paradoxo para se encontrarem em um mundo que nem sempre lhes acolhem em suas singularidades. Querem pertencer, ao passo que

negam quaisquer laços que os amarrem. Como acolher os outros que estão em si, se eles se digladiam com o seu eu? Como apaziguar situações se o que lhes atormentam são os conflitos morais e éticos que vão de encontro aos seus desejos? Que Eu é este que trava batalha com o seu ego? Quais os outros que não lhe acolheram que são “culpados” por recalques que lhes atormentam? Que espelho é esse que não o reconhece?

Como reflexo da ausência e da falta de direcionamento esses filhos, de hoje, fruto do autoritarismo, têm pais permissivos e o impacto dessa falta de hierarquia atinge a personalidade e a construção da identidade desse adolescente, pois ele não foi pronto para lidar com a vida e as negações que lhes oferece. A esses filhos, o Içami Tiba nomeia como pés de geleia. Para ele:

A permissividade é a outra face do autoritarismo regada a ocasionais crises autoritárias. Não consiste num novo caminho educativo. O pai permissivo deixa, deixa, até um ponto em que não agüenta mais e dá um grito: chega!’ De repente, manifesta um comportamento que não condiz em nada com a permissividade. É a perda de referência educativa. Os filhos desses pais, portanto os netos dos avós autoritários, tornam-se onipotentes com pés de barro: para eles tudo pode, mas não suportam nenhuma frustração. Sentem-se fortes, mas são parafusos de geléia, isto é, não suportam os apertões” que a vida naturalmente dá em todos os seres viventes. Se levam um apertão, espanam. Não agüentam ser contrariados. Não foram educados para suportar o “não”. O “sim” só tem valor para quem conhece o “não”. Mas a geração parafusos de geléia desconhece o “não” [é permitido. E a permissividade não gera um estado de poder. (IÇAMI TIBA, 2002, p. 52)

Em outras palavras, a discussão que foi mostrada sob a óptica da psicanálise e do biológico se complementa com a social, uma vez que, como já dito, o sujeito é fruto das interações sociais. Sendo assim, do ponto de vista da sociologia, a família tem importante papel na construção desse ser, haja vista é ela a responsável por conduzir e moldar a personalidade da criança a partir da educação a ela concedida. Os pais, ou os que exercem essa função, precisam definir os papéis presentes no seio familiar e conduzirem essa criança para ser um cidadão ou uma cidadã pronta para a vida. Saber dizer o não é uma forma de lhe entregar o sim, mais adiante.

Os jovens da atualidade não ostentam os seus genitores como seus heróis, como modelo a ser seguido. Eles trazem em si, a contestação, a idolatria desmedida, muitas vezes, por pessoas que cometem atos ilícitos como forma de contestar o sistema. Nesse sentido, Nasio (2011, p.15) afirma:

Às vezes, é muito individualista e exibe um orgulho desmedido, ou, ao contrário, não se ama, sente-se insignificante e desconfia de tudo. Coloca nas nuvens alguém mais velho que admira, como um rapper, um líder de gangue ou um personagem de videogame, com a condição de que seu ídolo seja diametralmente oposto aos valores familiares. Os únicos ideais aos quais adere, o mais das vezes com paixão e sectarismo, são os ideais – ora nobres, ora contestáveis – de seu grupo de colegas.

Este jovem se encontra perdido em si mesmo, transfere os seus anseios e desejos para outros que nem sempre são de sua realidade. Transferências, muitas vezes, que são de um contexto social alheio a sua realidade e que os leva a necessidade de se enquadrar em estereótipos impostos que não lhe são acessíveis. Nesse sentido, a juventude sofre pela ausência de valores, ao mesmo tempo que buscam tudo em excesso, não amam nada, não há laços afetivos sólidos. Tudo é líquido, tudo é passageiro. O seu Eu vive em constante conflito e ameaça. Este eu que ao mesmo tempo é perturbador com entraves para a paz familiar e social, pode ser um eu solitário que clama por um afago pelos vários não que a família não o impôs. Quem é esse adolescente/jovem? De que lugar ele fala? O que ele busca? São respostas que a ciência e os teóricos buscam para compreendê-lo e direcioná-lo a encontrar o caminho para a construção do ser humano. Tais respostas ainda continuaram sem ser preenchidas para a sociedade, porém o fato é que a sociedade e a família precisam se encontrar em prol da construção humana, pois a criança e ao adolescente serão o futuro da nação, serão eles que vão governar e gerir o país. E qual o futuro de uma nação alicerçada em pés de barro? O que se pode esperar de uma geração sem valores morais e éticos? Faz-se necessário olhar para estas crianças e adolescentes, com olhar para o cuidado.

Cuidado, aqui, no contexto amplo. Hoje há relações frias, mediadas pela liquidez. É preciso olhar para o outro com o cuidado, pois ele é o reflexo do social, das marcas que o seu meio deixou nele. Como seres sociais, o ser adolescente é condicionado tanto para o bem, como para aquilo que vai de encontro ao estipulado, como correto socialmente. Os maus tratos, os abusos, a falta de amor, a ausência do cuidado, todas as violências sociais sejam de ordem familiar ou por má conduta na construção da criança, impactarão em adolescentes rebeldes, em jovens amorais, e adultos que podem ter um futuro promissor ou não.

Violentar a criança não é apenas agredi-la fisicamente, a agressão está em renegar quaisquer dos seus direitos subjetivos, inclusive, o direito de receber um não, o de ser recriminado, o de ser guiado pelo caminho certo para que se torne um cidadão de bem, e que possa conviver em uma sociedade justa e igualitária.

É preciso saber cuidar, saber conduzir esses adolescentes. Ao mesmo tempo em que eles se encontram cheios de amigos, na efervescência da vida contemporânea, eles se encontram perdidos em si, em uma solidão sem fim, porque ao passo que tem muitos em sua volta, em si, no seu eu, a solidão e as ausências são a marca que plasmam em seu ser. Estão sós em sua dor, clamam por algo que nem eles mesmos sabem o que buscam, querem pertencer e não sabem ao quê, nem a quem. Estão doentes e precisam que a família saiba olhar para eles e auxiliá-los em sua dor. É preciso cuidar deles, tanto no que tange aos princípios basilares constitucionais,

bem como construí-los a partir de bases sólidas com valores e preceitos, para que o nosso amanhã esteja entregue em boas mãos, pois o futuro estará nas mãos deles. O amanhã será guiado pela juventude de hoje e se ela estiver “atolada em pés de barro”, quem vai mover a nação para o progresso da humanidade e escrever os próximos capítulos da História?

4.4.1 A adolescência: do princípio do prazer à histeria

A adolescência, como já dito, é uma fase de constantes conflitos e mudanças comportamentais. Esse novo ser, que adentra nessa fase, é conflituoso, tanto no que tange ao seu “velho mundo” (infância e núcleo familiar) como à aceitação do “novo mundo”(a adolescência) que se apresenta para ele. Em meio a todas as transformações, não seria diferente com a sua psiquê que passa por uma fase de acomodações e assimilação de tudo que lhe é apresentado para que esse ser possa assimilar. A adaptação ao novo produz inquietações e conflitos crescentes a cada dia.

Nesse sentido, os “fantasmas” da infância vem à tona de forma mais presente, e o que era apenas lembranças ruins podem ser verdadeiros tormentos psíquicos, como é o caso do conflito edipiano que eclode nessa fase com mais severidade.

Para Freud (2010j, p. 121)

não hesitamos em supor que o curso dos processos psíquicos é regulado automaticamente pelo princípio do prazer; isto é, acreditamos que ele é sempre incitado por uma tensão desprazerosa e toma uma direção tal que o seu resultado final coincide com um abaixamento dessa tensão, ou seja, com uma evitação do desprazer ou geração do prazer.

Posto isso, para a teoria freudiana o comportamento humano está condicionado ao princípio do prazer. Assim, se a adolescente teve, em sua infância, situações que vão de encontro ao ‘prazer’, essa sensação na busca da saciedade tenta vir de forma mais forte como na primeira tentativa que fora recalcada.

Muitas vezes essa busca da sensação primeira causa traumas e estado de melancolia por se tratar de situações desprazerosas, visto que muitas crianças passam por lares insalubres. Assim, o recalque vem dessa ausência do objeto desejado que não fora saciado.

Infelizmente, em termos de Brasil é muito comum a violência infantil, seja por agressões físicas, psicológicas ou abusos sexuais. Tais crianças tendem a ter comportamentos na adolescência que respondem e refletem essas agressões silenciadas e armazenadas em sua psique. Mesmo que o ECA seja a garantia do protecionismo infantil dos seus direitos, na

condição de crianças, sabe-se que muitos pais não seguem o dever de proteger seus filhos e acabam por ser seus agressores e violadores.

Tais agressões repercutirão na vida dos adolescentes a partir do Complexo de Édipo e das neuroses, como é o caso da histeria que faz com que o sujeito transgrida princípios sociais e não se culpe por isso, naturalizando situações ditas “anormais” para a sociedade. Como exemplo disso, podemos partir da Literatura Brasileira, dando foco para a personagem feminina Luísa, de Eça de Queiroz, em que sendo mulher burguesa, esposa do século XIX, é transgressora do seu tempo com comportamentos libidinosos e adúlteros o que a leva a diversos envolvimento sexuais com outras pessoas, mantendo relações extra-conjugais, e mesmo assim, não se culpa pelo dano causado ao seu casamento. Seu desfecho ocorre com o adoecimento do corpo e seu óbito no fim da narrativa. A Luísa, de Eça de Queiroz, é um típico caso de histeria, e, sobretudo, um exemplo do retrato da nova mulher na Literatura. A Obra do “O primo Basílio” (1878), do escritor lusitano Eça de Queiroz (1845 – 1900), é, antes de tudo, buscar compreender o lugar da mulher em uma sociedade alicerçada nos valores do patriarcado que, de maneira arbitrária, circunscreve o corpo feminino ao espaço doméstico.

Com o advento da burguesia, as mudanças sociais e com a decadência do capitalismo e dos valores da família, a literatura passa a retratar esse cenário decrépito e conflitante. É nesse contexto que se insere a Luísa, colocar em cena o caos e a hipocrisia da família e da sociedade, pelo lugar da mulher, que passa a agir socialmente de forma transgressora, agredindo, assim, os costumes patriarcais daquela época, tendo como cenário para o enredo Lisboa. O romance rompe com os padrões do Romantismo e insere o Realismo³³, corrente literária que tem como fim mostrar as chagas sociais e suas ruínas morais.

Assim, o sujeito histórico usa o fato de rememorar acontecimentos como forma de reviver a primeira vez da sensação conforme Nasio (1991, p.03) “é —quando conseguimos trazer com clareza a lembrança do fato que o havia provocado é despertar o afeto que o acompanhara”.

Conceituando a histeria, para Nasio (1991, p13) “Se nos situarmos inicialmente no lugar de um observador externo, reconheceremos na histeria uma neurose geralmente latente que, na

³³ Como a Literatura é uma das formas de se representar a sociedade, e, sobretudo, de mostrar a humanidade por meio da escrita, como o homem e a mulher se colocam frente ao mundo e ao tempo. Nesse sentido, para Eaglington (2001, p. 2006) “Muitas tem sido as tentativas de se definir a Literatura, é possível, por exemplo, defini-la como escrita “imaginativa” no sentido de ficção— escrita essa que não é literalmente verdadeira.” Além disso, para o Eaglington a Literatura ao passo que se tem a escrita imaginativa, também há a factual, a que é representação da realidade, sendo assim, a Literatura “também exclui uma boa parte de ficção” (2006, p.02).

maioria das vezes, eclode por ocasião de acontecimentos marcantes ou em períodos críticos da vida, do sujeito, como, por exemplo, na adolescência.”

É nessa fase de intensos conflitos que o sujeito se vê acuado entre o “velho” e o “novo” e acaba por se constituir como histérico, assim, como a personagem Luísa, do Primo Basílio de Eça de Queiros, esse sujeito não enxerga o limite entre o certo e o errado, o moral e o amoral e passa a cometer transgressões sociais que até então iam de encontro aos seus valores, e que agora seu núcleo familiar e os sujeitos que o compõem passam a não ter mais valor para ele, fase quando ocorre as transferências do espelho familiar e as relações edipianas para o espaço exterior e as transferências objetais.

O sujeito histérico é sempre um sujeito insatisfeito, por isso a busca incessante pelo prazer e as desmedidas substituições dos objetos na adolescência. Assim, conforme Freud,

Tem-se pensado com freqüência que os autores dos Estudos atribuíam os fenômenos da histeria apenas aos traumas e às lembranças inextirpáveis deles, e que só mais tarde é que Freud, depois de deslocar a ênfase dos traumas infantis para as fantasias infantis, chegou a sua momentosa concepção “dinâmica” dos processos da mente. Ver-se-á, contudo, pelo que acaba de ser dito, que uma hipótese dinâmica sob a forma do princípio da constância já estava subjacente à teoria do trauma e da ab-reação. E quando chegou o momento de ampliar os horizontes e atribuir uma importância muito maior às pulsões, em contraste com a experiência, não houve necessidade de modificar a hipótese básica. (FREUD [1983-1985], 2010I, p.11)

Além disso,

Na realidade, Breuer já ressalta o papel desempenhado pelas “principais necessidades e pulsões fisiológicas do organismo” na gênese dos aumentos de excitação que exigem descarga (ver em [1]), e frisa a importância da “pulsão sexual” como “a fonte mais poderosa dos acúmulos sistemáticos de excitação (e, conseqüentemente, de neuroses)” (ver em [1]). Além disso, toda a noção de conflito e do recalçamento das idéias incompatíveis é explicitamente baseada no ocorrência dos aumentos desagradáveis de excitação (*Ibid.*)

Nesse sentido, Freud saliente que:

ocorre que só conseguimos apresentar provas muito incompletas em favor de nosso ponto de vista de que a sexualidade parece desempenhar um papel fundamental na patogênese da histeria, como fonte de traumas psíquicos e como motivação para a “defesa” - isto é, para que as idéias sejam recalçadas da consciência. Foram precisamente as observações de natureza marcadamente sexual que nos vimos obrigados a não publicar. (*Id.* p.17)

Nasio (2011), ao descrever a crise da adolescência, substituiu a nomenclatura “crise da adolescência” por “histeria salutar na adolescência. Ele ainda afirma que mesmo um adolescente “normal” é “moderadamente neurótico”, do ponto de vista da Psicanálise. Com efeito, para conceituar a “fase tempestiva” da adolescência:

Podemos, primeiro, utilizar o modelo do conflito que opõe de um lado as pulsões pubertárias que se exteriorizam em comportamentos impulsivos e, de outro, a repressão brutal dessas pulsões por um supereu impiedoso. Essa luta entre as pulsões e o supereu, entre o corpo e a cabeça, traduz-se no adolescente por uma neurose histérica difícil de ser administrada pelos pais: neurose não obstante saudável, evoluindo ao longo de todo o período adolescente e se dissipando por si só no limiar da vida adulta. (NASIO, 2011, p.28)

Nesse sentido, essa fase conflituosa é, sobretudo, de neurose histérica, que se configura a partir dessa “luta entre as pulsões e o supereu, entre o corpo e a cabeça (Id.)” . Para ele, tais consequências são de origem orgânica e só se “dissipam” ao chegar à fase adulta. É em meio a esse embate, entre a cabeça e o corpo, que ocorrem os conflitos mais intensos com os pais e seu núcleo mais próximo.

Nasio (2011) explica que, na verdade, há “um luto da infância” que todo adolescente enfrenta, pois ele perde a cada dia o que foi na sua infância, vai ficando para trás, muitas vezes, o que se tinha de mais puro e precioso, de forma imperiosa. Nesse sentido, “a adolescência é aqui não apenas uma neurose histérica ruidosa, mas um processo silencioso, doloroso, lento e subterrâneo de desligamento do mundo infantil (Id. p.31).

É assim que o (a) adolescente se encontra nesse silenciamento, sozinho com os seus medos e conflitos, tendo que os reconhecer e se adaptar à nova realidade para sua existência nesse novo universo, tão novo e tão alheio. Dessa forma, quanto mais salutar for a sua relação com os seus pais e seu núcleo familiar, mais ameno e danoso esse processo pode se apresentar para este adolescente, haja vista se existir uma relação sadia e afetuosa, oriunda de uma relação edipiana sadia, sem maiores traumas e agressões, esse jovem pode ser tornar um adolescente “normal” ou se constituir em um(a) delinquente juvenil, já que ele (ela) é reflexo do meio, como ser social.

Assim, Nasio (2011, p.31) explica que

O adolescente, portanto, cresce realizando, aos poucos e à sua revelia, o luto de sua infância. Entre os diferentes sinais que atestarão o fim dessa luta e a entrada na idade adulta, há, para nós, um essencial, e ao qual voltaremos: o aprendizado de outra maneira de amar seus novos parceiros e de amar a si mesmo. Ter amadurecido é ter adquirido uma nova maneira de amar o outro e de amar-se a si mesmo.

Em outras palavras Nasio (*Ibid.*) resume: “a adolescência é, ao mesmo tempo, uma histeria e um luto necessários para se tornar adulto”. Para caracterizar o adolescente, Nasio divide em:

três estados do eu do adolescente histérico: um estado angustiado, um estado triste e um estado revoltado, este último sendo justamente o estado do eu mais característico da histeria juvenil. O primeiro estado, por assim dizer, passivo, é aquele no qual o

jovem angustiado sente-se impedido de agir, desejar ou pensar. O adolescente é tímido, medroso e indeciso. Algumas vezes, seu supereu é tão repressivo diante de toda sensação ou pensamento sexual perturbador que o jovem termina por execrar seu corpo, ou, pior, ter vergonha de sentir qualquer prazer. É também a virulência de seu supereuhipermoral que leva o adolescente a se mostrar intratável em família e hostil a todo compromisso. Nesse sentido, não há nada mais sectário do que um adolescente!

Os outros dois casos: o eu triste é “sobretudo o caso das adolescentes decepcionadas consigo mesmas e com a vida, cuja personalidade parece totalmente impregnada de um humor melancólico. A adolescente fica desencorajada, ensimesmada e fechada aos outros (*Ibid.*)”, e por fim, o último caso é:

terceiro estado do eu do adolescente, o mais frequente na população adolescente masculina e o mais semelhante ao eu histérico. O jovem é suscetível, irritadiço, provocador e agressivo; um esfolado vivo que só vive no presente, ignora o passado e despreza o futuro. Seu foco é uma revolta permanente, e essa revolta é quase sempre a expressão paradoxal de uma depressão qualificada acima de hostil. (*id.*)

Nasio (2011, p.37), resume os três casos em:

a histeria de angústia ou fobia, a histeria depressiva e a histeria paranoide. A histeria de angústia caracteriza-se pela predominância dos sintomas fóbicos; é o caso do nosso adolescente angustiado. A histeria depressiva caracteriza-se pela predominância de sintomas como a apatia, as queixas frequentes ou a mágoa de sentir-se mal-amado; é o caso do adolescente triste. Por fim, temos a histeria paranoide, forma clínica que se aproxima mais do perfil do nosso adolescente suscetível e revoltado. A histeria paranoide caracteriza-se por uma insatisfação permanente do jovem;

O histérico, na verdade, é um eterno “mal-amado”, pois “o amor infeliz está sempre no âmago da histeria” (*ibid.*), ao aproximar a histeria e a adolescência, Nasio alega que há semelhanças no fato do “adolescente, assim como a histérica, tem uma concepção infantil do amor, do ódio e da relação afetiva em geral” (*id.* p.38)

Assim, para o eu histérico a importância está no seu próprio eu. Nesse sentido, Nasio(*id.*) assevera que:

O falo do adolescente histérico, o que ele preza acima de tudo, é seu próprio eu, seu amor-próprio. A rigor, o jovem não teme perder sua virilidade ou sua força, entidades que ele teria podido erigir como inestimáveis falos. Quanto à garota, não é seu charme nem sua capacidade de seduzir que ela teme perder, nem sequer o amor de seu companheiro, tudo coisas que ela poderia eleger como falos. Não, o falo para um adolescente ou uma adolescente é, insisto, seu próprio eu. Aquilo que os jovens mais prezam é seu eu, isto é, a autoestima. É intolerável para eles verem seu eu maltratado, humilhado ou degradado.

E ainda, “falo é seu eu, o amor de si; e a castração é a angústia, o medo paranoico de que atentem contra seu eu embrionário vivido como mais frágil do que é de fato” (*Ibid.*). Nesse sentido,

Na realidade, Breuer já ressalta o papel desempenhado pelas “principais necessidades e pulsões fisiológicas do organismo” na gênese dos aumentos de excitação que exigem descarga (ver em [1]), e frisa a importância da “pulsão sexual” como “a fonte mais poderosa dos acúmulos sistemáticos de excitação (e, conseqüentemente, de neuroses)” (ver em [1]). Além disso, toda a noção de conflito e do recalçamento das idéias incompatíveis é explicitamente baseada na ocorrência dos aumentos desagradáveis de excitação. (FREUD, 2010I, p.11)

Tanto Freud quanto Breuer concordam com a importância do papel das pulsões no histórico, em que há um importante papel dos impulsos sexuais na histeria. O adolescente histórico tem a inteligência aguçada, nesse sentido, Freud o define:

A produtividade exuberante de suas mentes levou um de meus amigos a afirmar que os históricos são a flor da humanidade - tão estereis, sem dúvida, mas tão belos quanto as flores. Sua vivacidade e inquietude, sua ânsia de sensações e atividade mental, sua intolerância à monotonia e ao tédio podem ser assim formuladas: eles se situam entre aquelas pessoas cujo sistema nervoso, enquanto em repouso, libera um excesso de excitação que exige ser utilizado (ver em [1]). Durante o desenvolvimento na puberdade e em conseqüência dele, esse excesso original é complementado pelo poderoso aumento da excitação que decorre do despertar da sexualidade, das glândulas sexuais. A partir daí há uma quantidade excedente de energia nervosa livre disponível para a produção de fenômenos patológicos. (FREUD, 2010I, p.174)

Freud ainda explica que nem todos os adolescentes são históricos, e que é necessário que haja alguma predisposição do organismo para que a histeria se desenvolva. Isso implica dizer que nem todos os adolescentes serão históricos, apenas aqueles que possuem essa predisposição, nomeada por Freud como “idiosincrasia”, como “excitabilidade anormal do sistema nervoso” (id.), irão desenvolver a histeria.

Diferentemente do adolescente, dito normal, o histórico não sacia as suas pulsões, “enquanto nas pessoas normais uma quantidade de excitação, depois de catexizar uma via sensitiva, sempre a abandona, isto não ocorre nestes casos. Aquela quantidade, ademais, não só permanece ali como é constantemente aumentada pelo influxo de novas excitações (id.)”.

Assim, o adolescente histórico duela entre o seu lugar comum e as suas lembranças de infância, com essa ruptura do lugar do afago e do afeto, e com os turbilhões interiores que passaram a fazer parte de si. Nesse contexto, esse eu-histórico que é insaciável também é incapaz de viver uma rotina monótona e o tédio. O ócio para o histórico é algo impossível de ser tolerado.

Para este autor, (*Ibid.* p.177)

O amadurecimento sexual incide sobre todo o sistema nervoso, aumentando a excitabilidade e reduzindo as resistências por toda parte. Isso nos é ensinado pela observação de adolescentes que não são históricos, e temos assim justificativas para crer que o amadurecimento sexual também estabelece a predisposição histórica, na medida em que consiste precisamente nessa característica do sistema nervoso. Ao

afirmarmos isso, já estamos reconhecendo a sexualidade como um dos principais componentes da histeria. Veremos que o papel que desempenha nela é ainda muito maior e que contribui das mais diversas maneiras para a constituição da doença.

Ele ainda postula que os casos de histeria,

Surgem como conseqüências de afetos em pessoas com uma predisposição histérica e, a princípio, são apenas uma “expressão anormal das emoções. Esta se transforma, pela repetição, num sintoma histérico autêntico e, na aparência, puramente somático, enquanto a idéia que deu lugar a ele se torna imperceptível (ver em [1]) ou é rechaçada e, portanto, repelida da consciência. As mais numerosas e importantes das representações que são rechaçadas e convertidas possuem um contexto sexual. (*Ibid.*)

Nesse sentido, a histeria vem como resultado da predisposição, sendo uma neurose autêntica que acomete uma parte dos adolescentes, sendo a sexualidade um dos principais componentes do histérico. Em suma, o ser histérico é insaciável nas suas pulsões, além de ser “a princípio, são apenas uma “expressão anormal das emoções”. Segundo Freud, o maior número das “representações rechaçadas” são de valores sexuais e estão relacionadas com a puberdade. Por este motivo, na adolescência há os conflitos com a sexualidade, com as descobertas e com as transferências objetais para o núcleo externo aos genitores.

No que tange às moças, Freud destaca que são “as mais numerosas e importantes das representações que são rechaçadas e convertidas,” assim,

Elas se acham na base de grande parte dos casos de histeria da puberdade. As moças que se aproximam da maturidade - e é principalmente delas que se trata - comportam-se de maneiras muito diferentes em relação às representações e sentimentos sexuais que se avolumam nelas. (FREUD, 2010I, p.176.)

Percebe-se que a histeria tem como base a puberdade, e, no que tange à moça, possui comportamento diferente em relação às representações e aos sentimentos, já que eles se acumulam. É nesse sentido que as moças tendem a ter relacionamentos frenéticos e instáveis, como afirma Nasio (2011). Como o Eu é sua única preocupação, a vaidade e o eu delas passam a ter lugar de destaque e de preocupação, aproximando-se assim do narcisismo. Tais análises e aproximações serão demonstradas com o estudo de caso dos diários pessoais do sujeito de pesquisa que foi nomeada de Maria para manter o sigilo da pesquisa.

Assim, no próximo tópico, destinado às análises do *corpus*, será tecido o confronto entre a teoria psicanalítica e da Literatura apresentado na fundamentação teórica como forma de dar suporte teórico para o estudo de caso dessa pesquisa.

4.1.1.2 Do silenciamento ao estado de luto e melancolia

Com as mudanças sociais, as relações familiares e os papéis (lugares) se redefiniram. Com efeito, os valores morais e éticos foram ressignificados, educação modificada, novos padrões foram criados e impostos para os sujeitos sociais. São famílias com constituições diferentes, hoje os lugares dos pais foram ressignificados, esse lugar, não necessariamente são os dos seus genitores, pois ser pai ou mãe é uma função que pode ser assumida por qualquer um. Além de toda essa mudança no seio da família, o capitalismo veio para modificar as relações de consumo, impondo estereótipos que são inacessíveis para muitos adolescentes, afetando o psicológico desse sujeito que está em transformação e clama por um novo lugar de pertencimento.

Em termos de Brasil, com a desigualdade social que se tem em todo o país, na década de 80 e 90, que marca o nosso recorte temporal da infância e adolescência do nosso sujeito de pesquisa, esse distanciamento ainda era maior. Devido à pobreza ser mais severa, havia poucas políticas públicas e, no que tange aos direitos constitucionais, só vieram a público no fim da década de 90. Nesse sentido, as crianças que nasceram na década de 90, como é o caso do sujeito de pesquisa em questão, seus direitos à educação e à proteção integral só vieram ter garantias consolidadas com o ECA. Assim, as crianças que nasciam em condições insalubres ficavam à mercê apenas da família, que, quando esta não tinha condições sociais para as garantias mínimas de dignidade, a fome, a miséria e a violência familiar se instauravam no seio daquele lar que deveria ser para cuidar e passava ser o local, onde as crianças eram furtadas do seu direito.

Com a chegada da década de 90, vieram as políticas públicas, as garantias constitucionais, o ECA e, de forma ainda precária, o acesso à educação como direito para todos. Além disso, o capitalismo e o desenvolvimento social passaram a impor padrões por meio das mídias que tiveram seu crescimento acelerado com a tecnologia que passava a ser de ponta com as expansões da informática.

Muitas vezes, pela impossibilidade de se enquadrar em estereótipos capitalistas impostos socialmente, esse adolescente, que estava em desenvolvimento, na década de 90, começou a entrar em novos conflitos de pertencimento em busca de ter ou ser o que não eram proporcionados devido às suas condições. Na ausência do objeto do desejo outros problemas psicossociais começaram a ganhar contornos na década de 90, tomando maior proporção e apogeu nos anos 2000. A depressão e a melancolia chegam ao seio familiar com mais força na adolescência, eram jovens mocinhas com os sonhos desenfreado de serem modelos, sendo

guiados por padrões de estereótipos de modelos de repercussão nacional e internacional. Aos meninos, o desejo de ser um campeão mundial de futebol, como os atletas do Brasil que ganhou a Copa do mundo em 94 ganhava proporção. Nesse sentido, as meninas buscavam se impor pela sua beleza e estilo, queriam ter determinada marca, poder consumir os produtos que a mídia ostentava e, como nem sempre o poder aquisitivo poderia proporcionar tais acessos, essas meninas acabavam por entrar em um estado de tristeza profunda, com crises de choro, entrando em estágios melancólicos por desejarem pertencer a um lugar tão distante do seu.

No estudo de caso que será analisado, Maria³⁴ se caracteriza com características de histeria que culmina em um processo melancólico, devido ao fato de não conseguir ser modelo profissional. Assim, no caso do adolescente histérico, que tem como característica a “eterna insatisfação”, as imagens da infância e da adolescência podem ecoar de forma perturbadora no adulto, já que ele é reflexo das suas vivências. Nesse sentido, Beauvoir postula que (1971, p.343)

As preocupações da infância e da puberdade reavivam-se, a mulher remói indefinidamente a história de seus jovens anos e sentimentos adormecidos pelos pais, os irmãos, as irmãs, amigos de infância, exaltam-se novamente. Por vezes, entrega-se a uma melancolia sonhadora e passiva.

Dessa forma, essas preocupações da infância e dos sonhos não realizados na puberdade, ou, no início da adolescência, podem reverberar ainda no estágio que antecede a fase adulta, fazendo com que esse adolescente entre em estado de melancolia ou luto por perda de algo desejado, contribuindo, assim, para desenvolvimentos de patologias, como é o caso, por exemplo, da histeria. Para Freud (vol2, p. 71), “os sintomas psíquicos de nosso caso de histeria com pouca conversão podem ser agrupados em modificações de humor (angústia, depressão melancólica), fobias e abulias (inibições da vontade)”.

E ainda, “o neurótico em cuja consciência de si raramente falta um traço de depressão, de expectativa angustiada, forma um número maior de tais ideias contrastantes ou as percebem com mais facilidade, e elas também lhe parecem mais significativas. (id.)”. Isso porque o histérico vive no que Nasio (2011) nomeia como histeria salutar da adolescência, além de postular que mesmo os ditos “normais” possuem alguma neurose.

Para Nasio (1991) a melancolia mantém uma relação com a histeria, assim, o sujeito histérico pode desenvolver estágios de melancolia. Nesse sentido, tal patologia pode acometer os adolescentes, a partir de traumas que foram acometidos, porém nem sempre o sujeito tem

³⁴ Nome atribuído de forma fictícia para manter o sigilo da identidade da pesquisada

conhecimento do real motivo. Ao citar Klein, Nasio (id.) diz que na teoria kleiniana o histérico é um “melancólico em potencial”. Segundo o autor, a clínica psicanalista confirma essa afirmação, mas não o inverso, em relação à histeria para com a melancolia. Nesse sentido, para Freud ([1915-1917], 1972, p.32) na obra “Luto e melancolia”:

A consideração conjunta de melancolia e luto parece justificada pelo quadro geral desses dois estados. As influências vitais que os ocasionam também coincidem, sempre que podemos discerni-las. O luto, via de regra, é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal etc.

Em geral o luto “profundo” é em relação à morte de um ente querido, porém pode contemplar também o que Freud nomeia como as abstrações “como pátria, liberdade, ideal”. Essa segunda categoria das abstrações é fulcral para este trabalho, uma vez que a adolescente, analisada no estudo de caso, é resultado de uma ambiente violento com seu genitor agressor e que estipula como objetivo de vida se tornar uma modelo para conseguir a sua liberdade. Maria, como nomeamos para manter sua identidade em sigilo, entra em estado profundo de melancolia devido ao fato de não ter conseguido realizar o seu ideal de vida: ser modelo e sair do local que a limita e a aprisiona. Para Freud (Id, p.32)

A melancolia se caracteriza por um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e um rebaixamento do sentimento de autoestima, que se expressa em autorrecriminações e autoinsultos, chegando até a expectativa delirante de punição.

O sujeito melancólico vive em constante estado de tristeza “ansiando pelo retorno ao objeto bom” (KLEIN, 1981, p.132), estando em estado de solidão interna, em que mesmo entre muitos, o sujeito se sente só, ou se isola ao confinamento como forma de se punir. Essa necessidade de estar só, é oriunda de desejo premente de se conseguir algo que pode ser inatingível. Conforme Klein (1981, p. 133) tal sentimento, experimentado de alguma forma por todos, tem como origem a infância. Para esta autora o “ego atua desde o nascimento”, então uma criança que não fora amada e desejada pelos seus genitores acaba crescendo com o sentimento de rejeição. Conforme Klein, mesmo em uma relação saudável de amor e afeto entre mãe e filho, “parece perdurar um anseio insatisfeito (Id. p.135)”.

Klein reitera o fato da impossibilidade da integração plena, em que a completa aceitação do eu, das suas fantasias desejos, acabam por ser impossibilitados de ser conquistado, contribuindo, assim, para a sensação de não pertencimento. Assim, o sentimento se assemelha a uma perda irreparável. Outro fator determinante para a solidão é a idealização do objeto bom, que conforme Klein (Id. 143):

Na medida em que, em sua relação com o objeto bom, ainda há uma grande quantidade de ódio e, portanto, de temor ele se sente incapaz de reparar adequadamente o objeto donde sua relação com ele lhe trazem nenhum alívio, mas apenas um sentimento de não ser amado e ser odiado [...].

É nesse ínterim que a adolescência se configura como fase conflituosa, em que o adolescente vive suas transformações e ao mesmo tempo, sofre o luto de não fazer mais parte da infância, adentra em um novo ciclo que lhe é alheio. Logo, ele nem pertence mais ao encantamento da infância, em que seus genitores têm cuidados e carinho, e passa a rivalizar com seus pais, abandonando, assim, o seio familiar, e projetando seu objeto de desejo para um universo exterior a família, como afirma Nasio (2011). Se em uma relação saudável pais e filhos, via de regra, a adolescência já se constitui por ser uma fase conflituosa, imaginemos pois, um adolescente que teve uma infância difícil, marcada por violência e rejeição? Como este adolescente se projeta para o outro? Como ele lida com seus medos? Temores? Solidão? Luto por tudo que não teve e não viveu?

Postas essas questões, cabe destacar o luto como conceito fulcral para este trabalho a partir do que Freud chama de “abstrações, que nada mais é do que “a coisa perdida”, assim, “o que incomoda não é o fato de perder, mas de reencontrar aquilo que já havíamos perdido, sabendo que o perdemos irremediavelmente” (NASIO, 1991, p.101).

Freud, ao aproximar a melancolia do luto, revela que ambos são semelhantes exceto pelo fato de no luto “falta nele a perturbação do sentimento de autoestima”. Sobre o luto Freud (Id. p.33) descreve da seguinte maneira:

Creio que não é forçado descrevê-lo da seguinte maneira: a prova de realidade mostrou que o objeto amado já não existe mais e agora exige que toda a libido seja retirada de suas ligações com esse objeto. Contra isso se levanta uma compreensível oposição; em geral observa-se que o homem não abandona de bom grado uma posição da libido, nem mesmo quando um substituto já se lhe acena. Essa oposição pode ser tão intensa que ocorre um afastamento da realidade e uma adesão ao objeto por meio de uma psicose alucinatória de desejo (ver o artigo anterior a este). O normal é que vença o respeito à realidade. Mas sua incumbência não pode ser imediatamente atendida

Na verdade, a dor do enlutado é a perda da projeção dele mesmo no que ele perdeu. Quando se morre um ente querido, a dor não é só da ausência que ele fará, mas a necessidade de se projetar a libido para outro objeto. É essa acomodação de “abandonar uma posição de libido” faz com o que o sujeito entre em estado de “luto profundo”. Segal ao retomar a teoria kleniana (1975, p.87) postula que

O sofrimento do luto experimentado na posição depressiva e os impulsos reparadores desenvolvidos para restaurar os objetos amados, internos e externos, constituem a base da criatividade e da sublimação. Essas atividades reparadoras são dirigidas tanto ao objeto quanto ao eu (self). Realizam-se em parte por preocupação e culpa em relação ao objeto, pelo desejo de restaurá-lo, preservá-lo e dar-lhe vida eterna; e em parte no interesse da autopreservação, agora mais realisticamente orientada.

É nessa tentativa de reparar e de dar vida ao objeto que o Eu se encontra no luto, em que os impulsos reparadores estão orientados para essa restauração, que no caso do luto por algo irreparável, a sensação de culpa e de não conseguir preservar o objeto acaba por culminar na melancolia. O mesmo se dá em relação ao luto das abstrações em que o Eu não vencendo as dificuldades para se atingir o objeto, ou se vendo sem ele de forma irreparável entra em estado melancólico. E ainda,

Ao mesmo tempo, seu desejo de poupar seus objetos leva-o a sublimar seus impulsos quando são sentidos como destrutivos. Assim, sua preocupação por seu objeto modifica seus objetivos instintuais e produz uma inibição dos impulsos instintuais. E, à medida que o ego se torna mais organizado e que as projeções se enfraquecem, a repressão toma o lugar da divisão (*splitting*) (Id.)

Nesse sentido, o estado de luto e melancolia acabam por ser uma constância em muitos adolescentes, é o caso do estudo de caso que será analisado no capítulo destinado às análises, em que a Maria³⁵, adolescente que escreve diários pessoais, relata apenas situações alegres com os seus amigos ao longo da maioria das narrativas, e ao chegar ao desfecho dos quatro anos de escrita intimista, ela se encontra em estado melancólico por não ter conseguido realizar o seu sonho de ser modelo profissional. Com efeito, no estágio anterior à melancolia, ela sublima em pulsões voltadas para o sexo oposto, envolvendo-se de forma efêmera com alguns garotos em que permeiam fatos que podem ser reais, mas há muita ficção, como ela própria afirma: “escrevo sobre sonhos”.

Dessa forma, a melancolia é a perda do objeto desejado, assim, como no luto. Isso porque ao sofrer uma perda, o sujeito introjeta a sensação de não ter mais o objeto. Freud (1972, p.34) explica que “o objeto não é algo que realmente morreu, mas que se perdeu como objeto de amor (por exemplo, o caso de uma noiva abandonada)”. A sensação para o sujeito é de morte do objeto, posto que não o terá mais, então é uma morte metafórica. E ele percebe e sente essa perda melancolicamente, podendo chegar a casos mais severos de neuroses. Freud (Id.), ainda, assegura que na melancolia o doente não sabe o que ele perdeu. “Isso nos levaria a

³⁵ Nome fictício dado ao sujeito que constitui nosso estudo de caso

relacionar a melancolia com uma perda de objeto que foi retirada da consciência, à diferença do luto, no qual nada do que diz respeito à perda é inconsciente. (Id.)”

De maneira sucinta, Freud (*Ibid.*, p.34) explica que: “O melancólico nos mostra ainda algo que falta no luto: um rebaixamento extraordinário do seu sentimento de autoestima, um enorme empobrecimento do ego. No luto é o mundo que se tornou pobre e vazio; na melancolia é o próprio ego”.

O melancólico vive um delírio de inferioridade suprema, ele se coloca abaixo de todos, passível de punição, tendo o quadro agravado pela insônia e falta de apetite. Já no que tange ao luto “deveríamos concluir que ele sofreu uma perda no objeto; de suas afirmações surge uma perda em seu ego. (Id. p. 36).

Em suma,

Se pudéssemos supor uma coincidência da observação com nossas deduções, não hesitaríamos em incluir na caracterização da melancolia a regressão do investimento de objeto à fase oral da libido, que ainda pertence ao narcisismo. Também nas neuroses de transferência as identificações com o objeto não são de modo algum raras e constituem até mesmo um conhecido mecanismo da formação de sintomas, em especial na histeria. (*Ibid.*, p.39)

Com efeito, a melancolia está condicionada à histeria e às transferências, posto que na fase narcísica da histérica há o abandono do objeto. Já na segunda situação, nas transferências há a persistência para o objeto. Na primeira, pode significar amor, já na narcísica “é a mais arcaica e nos abre acesso à compreensão da histérica, menos bem estudada (*Ibid.*)”.

Muitas vezes, mesmo esse adolescente tendo muitas qualidades, ele não as enxerga, vive em um complexo de inferioridade, colocando-se como feio, magro ou gordo demais, limitando-se a não ser inteligente, não conseguir nada, não ser amado, não pertencer a nada nem a ninguém. Esses são alguns exemplos comuns para um adolescente melancólico.

Na verdade, o que o adolescente anseia é pertencer, ele ser sozinho na sua dor, na sua solidão sem fim, se vê longe dos pais, mesmo morando junto, mas que não há canal de diálogo, e o vínculo de afeto não é mais tão premente como na infância. Na busca por pertencer a algo ou alguém ele se perde, podendo ir por dois caminhos: enclausurar-se em si mesmo, no estado melancólico profundo ou sair em busca de pertencimento de forma desenfreada de objetos de desejos, podendo se encontrar em situações mais complicadas como o envolvimento com drogas ilícitas ou com a delinquência juvenil. No caso das meninas essa busca desenfreada pode ter consequência de gravidez indesejada, criando uma teia de afetos “indesejados”, filhos que são frutos do “nada” que acabam por também dar continuidade a “filhos sem amores”,

contribuindo, assim, para o avanço de crianças abandonadas ou criadas em situações precárias, vítimas de pais irresponsáveis e de uma sociedade desigual.

CAPÍTULO V – ANÁLISES DO CORPUS

DESVENDANDO UMA ADOLESCENTE PELO OLHAR DA LINGUAGEM E DA PSICANÁLISE NA ESCRITA DO SEU DIÁRIO PESSOAL

Quanto à garota, não é seu charme nem sua capacidade de seduzir que ela teme perder, nem sequer o amor de seu companheiro, tudo coisas que ela poderia eleger como falos. Não, o falo para um adolescente ou uma adolescente é, insisto, seu próprio eu. (NASIO, 2011, p.38)

Esse capítulo se deterá a analisar os registros de uma adolescente em três diários pessoais, entre os períodos de 1996 e 2000. Tais registros vão desde a sua caracterização, em que a adolescente se autodescreve. Suas narrativas permeiam entre o factual e o ficcional, haja vista há muitos desejos da adolescência que implicam na concretude dos fatos. Além disso, a partir de 1999, chama a atenção como a adolescente passeia entre o profano, em que ela passa pelas suas descobertas amorosas e inquietações típicas da idade, e o suposto desejo de ser freira, vontade mais presente no penúltimo diário quando ela completa 15 anos de idade.

Em cada diário na abertura, a adolescente registra seu nome, o ano, sua idade e a cidade. Nos dois últimos diários ela registra a lista com os nomes dos “paqueras” e namorados daquele período, em um dele há 16 nomes na lista. No primeiro diário, aos 12 anos ela inaugura as primeiras páginas com uma codificação relacionada a cada letra do alfabeto, assim, quando ela quer escrever algo, que talvez não queira deixar tão claro, usa o código como forma de esconder o verdadeiro signo (palavra). No último diário pessoal, aos 15 anos, ela faz abertura com os sacramentos da Igreja Católica, período que ela estava no Crisma, um dos sacramentos.

Na busca de decodificar e entender essa adolescente, por meio dos seus registros, essa pesquisa se propôs analisar três diários pessoais, para explicar o comportamento e a sua psique. Assim, o sujeito será analisado sob a óptica da Psicanálise, Literatura e dos conceitos da filosófica da linguagem.

Para que se possa manter o sigilo e a identidade, dos envolvidos nas narrativas, serão usados uma tarja nos nomes dos personagens das narrativas e nas transcrições serão utilizados nomes fictícios ou códigos aleatórios.

5.1 SITUANDO QUEM É O SUJEITO DE PESQUISA

A pesquisada, nosso sujeito de pesquisa, é uma adolescente entre 12 e 17 anos, com marco temporal entre os anos de 1996 e 2000. Como o contexto é sócio-histórico, a Maria (nome fictício) é uma adolescente que reside no Seridó do Rio Grande do Norte, que teve uma infância bem difícil, marcada pela pobreza, violência e a escassez dessa região nordestina. Conforme dados coletados em conversas realizadas para entender o seu universo sócio-histórico. Nos diários (1996-2000) a pesquisada relata situações da sua rotina, ao longo da adolescência, as quais possibilita a análise pela óptica da psicanálise, sobretudo, pelo narcisismo, histeria e melancolia. Já no texto intimista (2021) os relatos demonstram que a adolescente de outrora fora vítima de violência e agressões físicas desde quando bebê, em que o agressor era o seu pai, e devido às agressões passou a morar com a avó. Tais situações são abordadas ao longo das nossas análises a partir de óptica dos conceitos de transferências, apagamentos do núcleo familiar e de como esse sujeito marcado pela violência reagiu como forma de recalque, (in) consciente e outras categorias freudianas e bakhtinianas para se possa entender quem é esse sujeito psicanalítico e social. Na escrita intimista são apresentadas categorias literárias como narrativas, denominadas de “Minhas Histórias” que com trechos que oscilam, entre ficção e realidade, além disso, nos diários há presença de marca poéticas que serão analisadas à luz da Literatura.

5.1.1 O lugar do sujeito no discurso: Quem é este sujeito socio-discursivo?

O sujeito é marcado pelos vários Eus que o constitui. Nesse sentido, falar em sujeito é, sobretudo, falar sobre como este Eu se encontra frente a si mesmo e àqueles que fazem parte do seu meio. Para entender quem é esse eu-adolescente, objeto das análises, é necessário compreender o seu universo, qual o seu núcleo familiar, suas relações dialógicas e como tais enunciados se constituem na tessitura dos diários.

Como principais espaços registrados nos diários a adolescente registra a escola, praça, ruas, festas sempre com os seus amigos e a sua irmã, que ora se faz presente nas narrativas, ora não aparece. Os núcleos urbanos eram constituídos, especialmente, pela região do Seridó do Rio Grande do Norte e nas cidades da redondeza, além de, no último diário pessoal, ter a presença da zona rural, no sítio que a Maria vivia com os seus genitores e irmãos.

O primeiro diário que será analisado é datado de 1996 e vai até 1998. A sequência das narrativas consta em apenas um dos diários, com recortes temporais, assim, o diário tem registros aleatórios, ou seja, que não são diariamente, mas que há uma certa sequência cronológica. No diário de 1996 a adolescente inicia a narrativa aos 12 anos de idade e conclui entre 13 ou 14 anos, data que ela não esclarece na narrativa, mas que fica registrada em uma das Histórias analisadas, denominada como História Especial o ano de 1998. Para não usar o nome real da adolescente analisada, ela será chamada de Maria, para manter a sua identidade em sigilo, como já mencionado anteriormente.

Percebe-se que mesmo que se tenha uma narrativa de dificuldades e de escassez havia uma certa liberdade de ir e vir, pois ela participava de muitas festas, passeios e vendia joias, bordava fazia crochê para comprar suas roupas, maquiagens e calçados. Dessa forma, a Maria conheceu o trabalho muito cedo, como forma de poder pertencer ao núcleo urbano. Não fica claro nas narrativas de como era o custeio, se os pais davam algum valor, ou se era tudo do seu esforço. Em algumas partes, das narrativas, ela se mostrava cansada do trabalho, mas parece que era muito relativo à labuta do sítio e dos afazeres do lar. Em alguns trechos ela relata que arrumou a casa, botou água e/ou cozinhou. Além disso, os nomes do núcleo familiar são citados com pouca frequência, exceto a irmã, que sempre está com ela, e o do seu irmão, também é citado de forma bem esporádica. Sobre a sua irmã não há descrições apenas aparece em rodas de conversa ou em alguns passeios, pois estudava na mesma escola e estava presente no grupo dos amigos, embora a Maria não dê tanta evidência a ela em suas narrativas, como o espaço destinado às suas amigas ou garotos.

Um ponto importante ao longo dessas análises que será retomado é o eu Freud nomeará de ato falho em que:

Refiro-me aos chamados atos falhos, como o lapso verbal [Versprechen], que ocorre quando alguém, pretendendo dizer uma palavra, diz outra em seu lugar, ou quando isso lhe acontece ao escrever, podendo a pessoa notar ou não o equívoco; ou como o lapso de leitura [Verlesen], que se dá quando, em um texto impresso ou manuscrito, lemos algo diferente do que está escrito; ou o lapso de audição [Verhören], em que se ouve algo diferente do que foi dito, sem que, é claro, se possa atribuir o equívoco a um distúrbio orgânico da capacidade auditiva. Outra série de fenômenos semelhantes se baseia em um lapso de memória, um esquecimento [Vergessen] que não é permanente, mas temporário, como quando alguém não consegue se lembrar de um nome [...] (FREUD, [1916-1917], 2014, p.25)

Este apagamento ou projeções da sua rotina e os registros estarem direcionados a apenas os pontos mais agradáveis do seu dia a dia, se dará ao logo dos quase cinco anos relatados.

Nesse sentido, alguns espaços são prestigiados para serem o palco das narrativas, já outros serão completamente ofuscados ou apagados.

Cabe situar a relação conflituosa entre a adolescente e o seu núcleo familiar que ao longo dos diários analisados, no recorte temporal, fica por quase em completo apagamento. Em alguns dos contatos com a Maria, para compreender o seu universo, ela se deteve a dizer que a relação fora problemática, de violência familiar e que isso repercutiu na adolescência e, ainda repercute ao longo da fase adulta. No fim dessas análises terá um encontro da Maria adulta com a menina e a adolescente, ela volta à escrita intimista, como forma de esclarecer algumas questões para essa pesquisa.

Nesse sentido, mesmo que não se tenha total esclarecimentos dos fatos, sabe-se que houve impacto na formação da personalidade dessa adolescência, culminado em relações amorosas passageiras, sem vínculos sólidos e, por fim, após adulta uma relação abusiva, em seu casamento, o qual se libertou por meio de terapias com psicólogos. Assim, esse sujeito que, é social, responde aos seus traumas da infância com o apagamento parcial ou por completo das suas causas, deixando, assim, evidente em seus registros as consequências e como tudo o que não foi dito, acaba por impactar no dito em palavras. Os atos falhos repercutem ao longo da sua escrita como forma de dizer muito mais sobre si, do que as palavras escritas.

Sobre essa relação entre o sujeito e o outro, Bakhtin (2006b, pp.43-44) assevera que:

A exotopia concreta que beneficia só a mim, e a de todos os outros a meu respeito, sem exceção, assim como o excedente de minha visão que ela condiciona, em comparação a cada um dos outros (e, correlativamente, uma certa carência — o que vejo do outro é precisamente o que só o outro vê quando se trata de mim, mas isso não é essencial para nosso propósito pois, em minha vida, a inter-relação “eu-o outro” é concretamente irreversível); tudo isso é compensado pelo conhecimento que constrói um mundo de significados comuns, independente dessa posição concreta que um indivíduo é o único a ocupar, e onde a relação “eu e todos os Outros” não é absolutamente não-invertível, pois a relação “eu e o outro” é, no abstrato, relativa e invertível, porque o sujeito cognoscente como tal não ocupa um lugar concreto na existência.

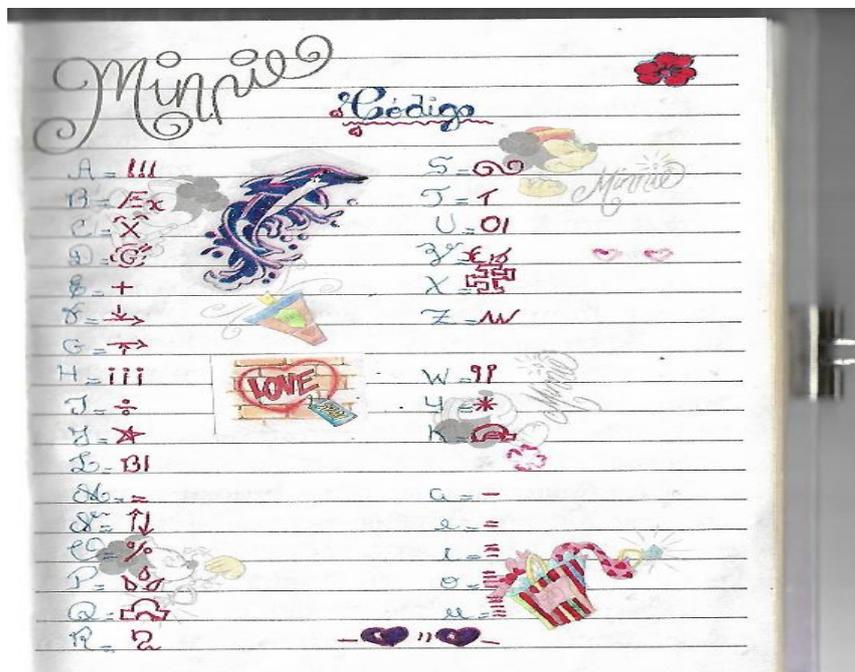
Nesse sentido, o dialogismo que é construído a partir das relação entre esse eu e o outro que o constitui, para Bakhtin é irreversível. As marcas deixadas pelo outro no eu se perpetua de forma bem delimitada nesse eu. Assim, esse “excedente de minha visão que ela condiciona, em comparação a cada um dos outros (e, correlativamente, uma certa carência — o que vejo do outro é precisamente o que só o outro vê quando se trata de mim... (Id.)”

Muitas vezes o desejo de não dizer ou a omissão estão condicionados ao que isso pode implicar nas minhas escolhas, ou ser projetado em relação a esse outro, nesse sentido, tecer a construção de

sentidos dessas análises será um desafio particularmente instigante e, ao mesmo tempo, desafiador por não saber ao certo em que ponto tais conclusões poderão chegar sobre a construção dessa Maria, que retratará, aqui, muitas outras “Marias” vividas, acuadas, assustadas e que como respostas têm comportamentos que desafiam o seu tempo. Por ser um sujeito de atitudes efêmeras e ao mesmo tempo personalidade forte e instigante, ela proporciona um leque de opções possíveis a serem trilhadas.

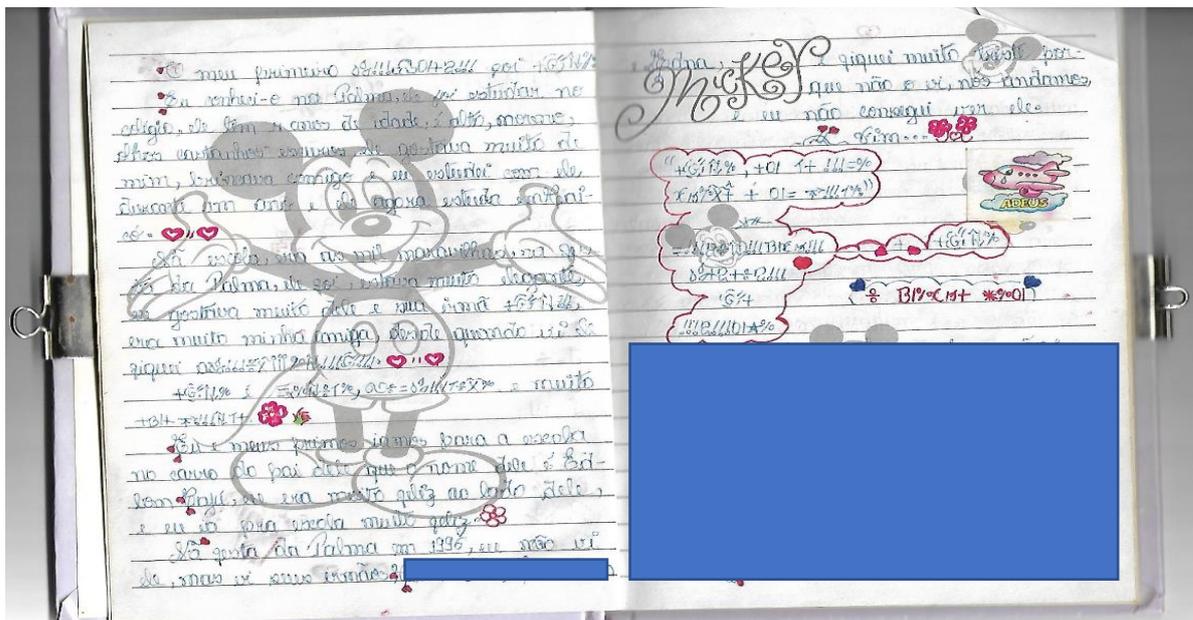
No diário de 1996, logo na primeira página é uma codificação alfabética, muito comum entre as adolescentes da década de 90. Essa codificação ela utilizará ao longo das páginas quando quer codificar algum nome ou dificultar a interpretação de alguma passagem. Este diário, entre os três entregues à pesquisa, é o único que possui o cadeado.

Figura 12 – Codificação alfabética



Logo na página 02 do diário pessoal há a entrada da Maria na adolescência e a caracterização da pulsão e do desejo, em que ela já transfere o seu objeto de desejo para o seu “paquerinha”.

Figura 13 – Meu primeiro Paquera



Na figura acima a Maria inicia falando sobre o seu primeiro “paquera”, e o descreve da seguinte maneira:

eu conheci-o na Palma, ele foi estudar no colégio, ele tem 14 anos de idade, é alto, moreno, olhos castanhos escuros, ele gostava muito de mim, brincava comigo e eu estudei com ele durante um ano e ele agora estuda em Caicó... Na escola era as mil maravilha, na festa de Palma, ele foi, estava muito elegante, eu gostava muito dele e sua irmã... era muito minha amiga, desde que vi ele fiquei....³⁶

No fragmento percebe-se que a Maria tem consciência que está apaixonada pelo “amiguinho” de turma, ela descreve o “paquera” em detalhes, e diz que *ele gostava muito de mim, brincava comigo e eu estudei com ele durante um ano e ele agora estuda em Caicó*. Como é possível que as descrições, não necessariamente, sejam reais o fato desse primeiro amor ser ou não correspondido será desvendado ao longo do diário.

Na obra “Três ensaios sobre a Sexualidade” de Freud (2016) traz a teoria das descobertas sexuais pela óptica da Psicanálise e como a sexualidade é presente desde a mais tenra idade. Freud ao refletir sobre a sexualidade retoma a fase da infância e aborda a barreira do incesto, entre os genitores e os filhos, para ele:

³⁶ (...) Os espaços que usaremos as reticências serão destinados aos locais que ela usa o código para não nomear ou não expor algo.

A observância dessa barreira é, antes de tudo, uma exigência cultural da sociedade, que tem de defender-se contra a absorção, pela família, dos interesses de que necessita para produzir unidades sociais mais elevadas, e por isso atua, com todos os meios, no sentido de afrouxar em cada indivíduo, especialmente no jovem, os laços com a família, que eram os únicos decisivos na infância. (FREUD, 2016, p.147)

E ainda, “mas a escolha do objeto é realizada primeiramente na imaginação, e a vida sexual do adolescente não tem outra opção, praticamente, senão entregar-se a fantasias, ou seja, a ideias não destinadas à concretização (*Ibid.*)”. Nesse sentido, a adolescência se apresenta a esse sujeito como a possibilidade de se concretizar o desejo que fora reprimido, assim, ele/ ela irá transferi-lo, dos seus genitores, de acordo com o complexo de Édipo, na busca de se saciar o desejo que também será nomeada por Freud de pulsão.

Para explicar sobre o instinto (pulsão) Freud (2016) retoma os conceitos de estímulo e instinto, colocando-os como sendo de ordem fisiológica, e agindo a partir do interior e não do exterior, na primeira ordem. Posto isso, para ele:

[...] age sobre a psique. Primeiro, o estímulo instintual não provém do mundo exterior, mas do interior do próprio organismo. Por isso atua de modo diferente sobre a psique e requer outras ações para ser eliminado. Além disso, tudo de essencial no estímulo está na suposição de que ele age como um impacto único; então pode ser liquidado também com uma única ação apropriada, cujo exemplo típico está na fuga motora diante da fonte de estímulo. (FREUD, [1914-1916], 2010b, p. 40)

Com efeito, como a relação à fase edipiana que também ocorre na menina, esta por sua vez, quando vindo de uma sobrecarga abusiva impacta de forma mais agressiva na formação dessa garota, já que ela tenderá a transferir aquele primeiro contato, com o seu primeiro amor, o seu pai, para todos os demais homens que se relacionar. Assim, como não houve laços afetivos sólidos com o seu primeiro amor, esta relação de transferência tenderá a se repetir, fato este que será atestado ao longo dos diários pessoais por vários relacionamentos passageiros, em que ela própria contabiliza e resume na capa de um dos diários, totalizando 16 meninos que ela nomeou como os que mais a marcaram.

O instinto, por sua vez, não atua jamais como uma força momentânea de impacto, mas sempre como uma força constante. Desde que não ataca de fora, mas do interior do corpo, nenhuma fuga pode servir contra ele. Uma denominação melhor para o estímulo instintual é “necessidade”; o que suprime essa necessidade é a “satisfação”. Ela pode ser alcançada por meio de uma modificação pertinente (adequada) da fonte interior de estímulo. (*Id.*p.40)

Essa relação instintual será vista nessa análise, a partir de dois prismas: primeiro para saciar o seu desejo por meio das relações amorosas; segundo, como instinto natural de sobrevivência a partir das mentiras e omissões que ela comete para ocultar sua realidade difícil do pau de arara e da escassez da vida do sítio, lembrando que para se apoiar no segundo prisma

estará sendo revivido as memórias da adolescente por meio do contato com a mulher contemporânea e do texto enviado para as análises.

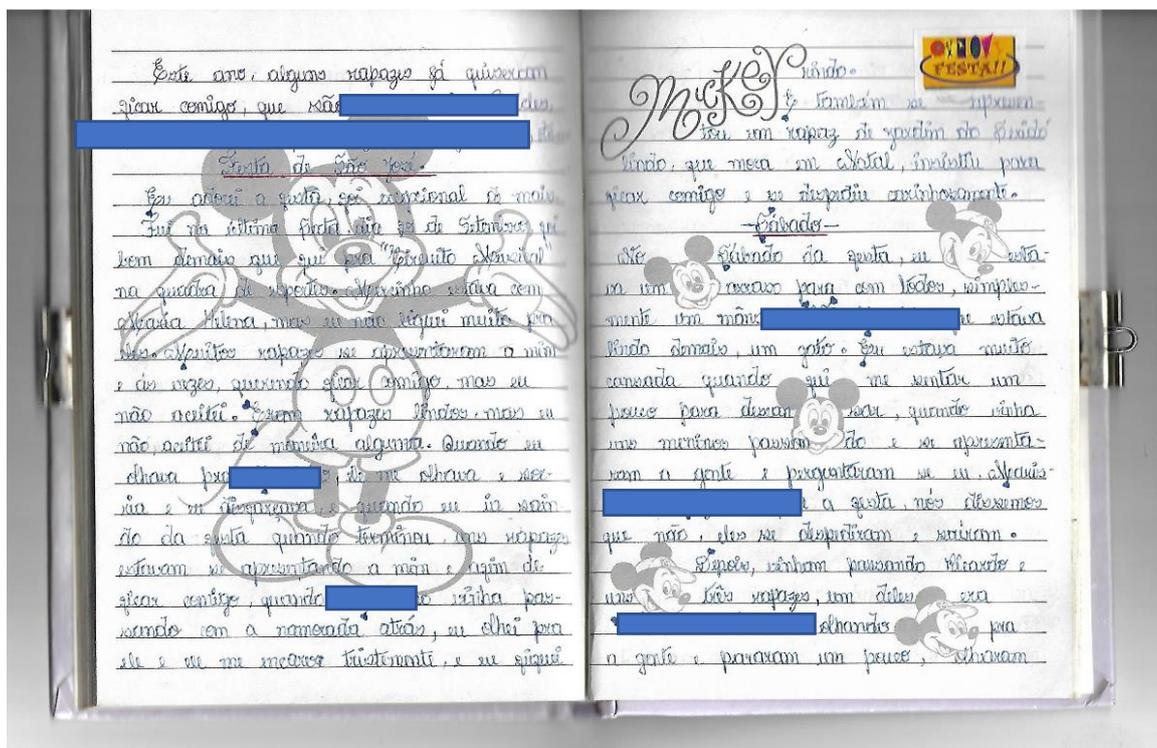
Na página seguinte ela descreve a sua primeira decepção: “*Na festa de Palma em 1996, eu não vi ele, mas vi seus irmãos... fiquei muito triste porque não o vi, nós andamos e eu não consegui ver ele*”

Quando há a decepção ou o cancelamento do objeto desejado Freud (2016) explique:

Havia uma escolha de objeto, uma ligação da libido a certa pessoa; por influência de uma real ofensa ou decepção vinda da pessoa amada, ocorreu um abalo nessa relação de objeto. O resultado não foi o normal — a libido ser retirada desse objeto e deslocada para um novo —, e sim outro, que parece requerer várias condições para se produzir. O investimento objetal demonstrou ser pouco resistente, foi cancelado, mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto, e sim recuada para o Eu. Mas lá ela não encontrou uma utilização qualquer: serviu para estabelecer uma identificação do Eu com o objeto abandonado. (*Id.* p. 133)

Em relação à escolha do objeto, mesmo que a adolescente tenha dito que ficou triste, parece que esse primeiro “paquera” não teve grande impacto para ela, porém há uma importância significativa, pois foi a descoberta do desejo para o sexo oposto. Nesse sentido, para essa garota após esse colega de sua turma, da 5ª série, logo vieram outros que também foram sendo substituídos sem maiores cisões. Em oposição a afirmação que a libido não fora deslocada para outro objeto, no caso dessa adolescente, esse deslocamento era realizado com facilidade e sem impacto premente em sua rotina no seu grupo de amigos.

Figura 144 – Desfecho do diário pessoal 01



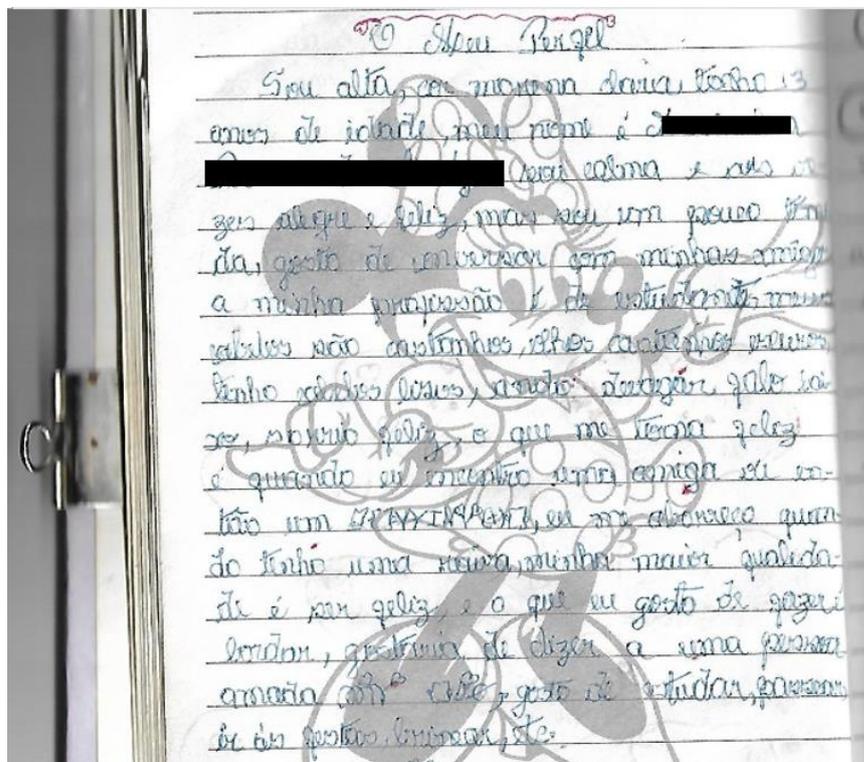
A página acima já faz parte quase do desfecho de diário do pessoal de 1996-1997-1998, nela há três pontos a serem destacados sobre a personalidade dessa adolescente e o seu mundo:

- Este ano, alguns rapazes já quiseram ficar comigo, que são: A, B, C, D, E, F, G, H etc...
- 2-Muitos rapazes se apresentaram a mim, e às vezes, querendo ficar comigo, mas eu não aceitei.
- 3- Paulo (se ex-namorado) estava com x0x, mas eu não liguei muito para eles” (...) quando eu olhava para Paulo ele me olhava, e sorria e eu disfarçava, e quando eu ia saindo da festa quando Paulo vinha passado com a namorada atrás, eu olhei para ele e ele me encarou tristemente e eu fiquei rindo. (MARIA)

Nas três transcrições: o primeiro fato é a necessidade de enumerar a quantidade de rapazes interessados nela, e que era muito desejada por todos; o segundo, é o fato de, à interpretação da Maria, do seu lugar de fala, que mesmo que esses rapazes estivessem com outras namoradas e felizes quando a viam eles ficavam tristes, lamentando por não estarem com ela. E o terceiro e, não menos importante, o fato dela ir a muitas festas, ter uma rotina social com bastante liberdade e transgressões, que vão de encontro a uma educação castradora, não permissiva e de escassez. Mesmo ela morando no sítio iria diariamente à cidade, não apenas para estudar, mas para ir a festas e aos passeios com seus amigos e “namoradinhos”. Na figura

14, a Maria nomeia uma série de nomes de rapazes que quiseram ficar com ela, na verdade, da sequência citada, há dois que ela se envolveu “afetivamente” e chegou a ter um breve romance.

Figura 15 – Meu perfil



No recorte, na figura 14, verifica-se como a adolescente se descreve a partir de suas características físicas, na descrição ela ressalta apenas as qualidades positivas. Chama-se atenção, aqui, para os subentendidos, no qual Freud nomeia de “ato falho” e Bakhtin de “ato do dizer”.

Fragmento 1:

*sou calma, e às vezes alegre e feliz, mas sou uma pouco tímida..
...ano devagar, falo baixo, sorrio feliz, o que me torna feliz é quando
eu encontro uma amiga ou então um paquera*³⁷
... gosto de estudar, passear, ir às festas, brincar etc...*

No seu perfil percebe-se, mais uma vez, a família não descrita em seus momentos felizes, além do fato dela enfatizar que “às vezes” é feliz, nesse sentido, há uma omissão do que a deixa realmente triste e lhe atormenta. Freud chama a atenção para o fato de:

Quase todos esses acontecimentos, cujo íntimo parentesco se expressa [em alemão] na designação com o mesmo prefixo (ver—), são de natureza desimportante, e a

³⁷ Termo codificado, mas como ela deixou a codificação, a pesquisadora consultou o código para decodificá-lo.

maioria possui duração bastante fugaz, sem grande significado na vida das pessoas. Raramente algum deles adquire certa importância prática, como na perda de objetos. Por isso, eles não chamam muita atenção, despertam somente pequenos afetos e assim por diante. (FREUD [1916-1917, 2014, p.16)

E ainda, “subestimemos, pois, os pequenos indícios; a partir deles, talvez seja possível encontrar a pista de coisa maior (*Ibid.*)”. Para Freud os lapsos falhos podem acontecer de diferentes maneiras, inclusive, por esquecimento devido ao stress, a sobrecargas e outras situações possíveis, porém ressalta-se a carga psicológica desse lapso, em que o sujeito “afirma o contrário pretendido”. Assim, “em substituição a eles, podemos invocar o fato de que opostos guardam forte parentesco conceitual um com o outro e se apresentam bastante próximos do ponto de vista da associação psicológico (*Id.* p.35)”

Para Bakhtin a importância do eu em relação ao Outro está na sua constituição, assim:

A forma concreta da vivência real do homem emana de uma correlação entre as categorias representativas do eu e do outro; as formas do eu através das quais sou o único a vivenciar-me se distinguem fundamentalmente das formas do outro através das quais vivencio a todos os outros sem exceção. Vivencio o eu do outro de um modo totalmente diferente daquele como vivencio meu próprio eu. (2006b, p. 57)

Nesse sentido, o Eu é constituído a partir de relações dialógicas com o outro e com o meio. Além disso, a linguagem como sendo dialógica ela se estrutura a partir das esferas sociais a partir dos discursos que são adequados à estrutura de cada esfera comunicativa. Dessa forma, o eu atravessado pelo outro jamais será igual, uma vez que sempre será distinto, devido às suas peculiaridades. Assim:

O discurso cujo objeto é compreendido (e o discurso-objeto requer a compreensão — senão não seria discurso —, mas e da mesma forma o discurso no qual a compreensão enfraquece o fator dialógico) pode ser incluído num encadeamento causal explicativo. Um discurso sem objetos (fundamentado puramente no sentido, na função) permanece um diálogo factual inacabado (um estudo científico, por exemplo). (*Id.* p. 340)

Esse discurso além de estar inserido em uma esfera social, aqui, analisada pelo viés do diário pessoal e da escrita intimista, que fala sobre si, ele ainda é social, e responsivo, já que este sujeito age de modo dialógico com tudo que está em sua volta. Essa adolescente responde por meio da linguagem a partir de todas as relações que a constituem, mesmo as que são omitidas conscientemente ou não. No seu ato do dizer, conforme Bakhtin, ela age de forma não aleatória, como sujeito agente do seu meio, mas sobretudo, a partir de suas escolhas, embora ela seja moldada socialmente e ideologicamente pelos diversos outros e tendo a sua voz atravessada por estes. Assim, a responsividade está em todo e qualquer enunciado, conforme Bakhtin explica:

De fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (lingüística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor. A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prehe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor. (BAKHTIN, 2016b, p. 290)

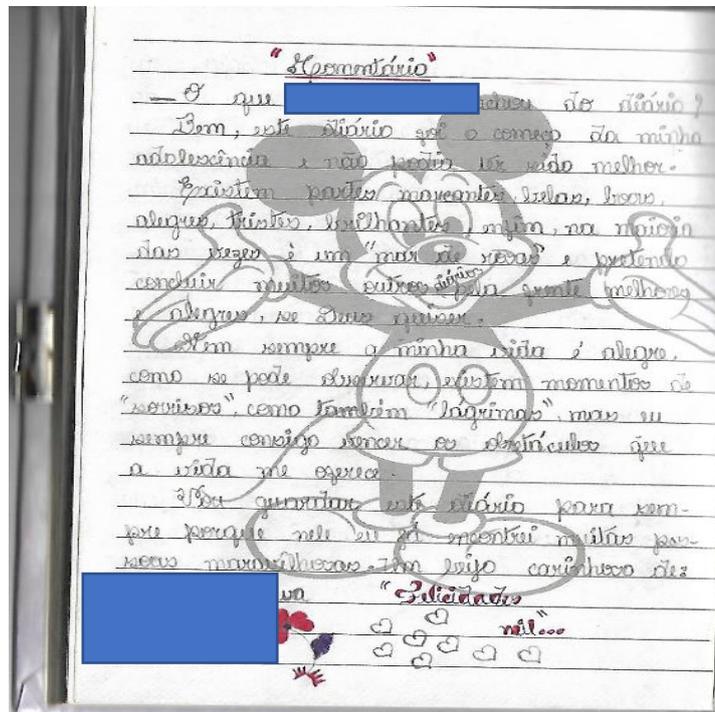
Dessa forma, todo ato enunciativo é também responsivo haja vista os interlocutores, ali presente, agem responsivamente, seja em um texto verbal ou não; oral ou escrito. Portanto, no ato da escrita do diário pessoal, tanto a autora, dialoga no instante da escrita consigo, como com os vários outros que habitam nela, no seu interior, como também com a narrativa que narra, ou seja, com todo o contexto de produção do momento do ato. Sobre o ato responsivo do dizer, Bakhtin (2017, p.44) assevera:

Cada um dos meus pensamentos, com o seu conteúdo, é um ato singular responsável meu; é um dos atos se compõe a minha vida singular inteira como agir ininterrupto, porque a vida inteira na sua totalidade pode ser considerada como uma espécie de ato complexo: eu ajo com toda a minha vida, e cada ato singular e cada experiência que vivo são um momento d meu viver-agir.

Nesse sentido, esse viver-agir está impregnado das relações sociais desse sujeito ao longo de todo o seu “viver”, isso significa, que o lugar do sujeito é um misto de vários outros lugares e de muitos “Tus”, que são, na verdade, os outros que agem por meio do eu. Dessa forma, esse ato do dizer é singular e carregado de muitos outros. Para isso, esse ato é historicamente situado a partir de “condições determinadas” e determinantes para a produção do discurso.

Pelo viés da escrita feminina e o lugar da mulher, que essa adolescente assume, ela se encontra à frente do seu tempo, por agir socialmente e fazer parte de vários espaços públicos, com seus amigos, mesmo ainda sendo de menor, entre os 13 e 16 anos, estava em espaços destinados a adultos. Nesse sentido, Maria fazia parte da década de 90, mas que já estava à frente com educação e liberdade bem próxima da que se tem no século XXI, em que os pais são permissivos e deixam seus filhos terem acesso a tudo sem que haja limites, nem horários para chegar em casa.

Figura 16 – Desfecho do diário pessoal de 1996



Ao finalizar o seu primeiro diário, Maria reconhece que ele é o registro do início da sua adolescência, com marcas de momentos felizes e tristes. Como ela descreve no trecho a seguir:

existem partes marcantes, belas, boas, alegres, tristes, brilhantes, enfim, na maioria das vezes é um “mar de rosas”, e pretendo concluir muitos outros diários....

Nem sempre a minha vida é alegre como se pode observar, existem momentos de “sorrisos”, como também de “lágrimas”, mas eu sempre consigo vencer os obstáculos que a vida me oferece....

Nos fragmentos que foram destacadas para serem comentados a Maria reconhece que nem tudo é “um mar de rosas” e que há momentos de “sorrisos” e “lágrimas”, mas fica evidente pelas aspas a ressalva que ela quis dar aos pares opostos “sorriso e lágrima” e ao termo “mar de rosa”, em que como assevera Freud, muitas vezes o lapso está em querer dizer o inverso. Na verdade, na maioria do tempo os sujeitos não estão nos lugares que os fazem felizes, como ela descreve em festas ou situações alegres com os amigos. Assim, o seu lugar, o seu lar, onde ela passa o maior tempo é omitido e que, provavelmente, é o real. Porém, o seu mundo real tem uma carga para ela de tanta dor e sofrimento que é mais fácil omiti-lo e dar evidência apenas ao que parece ser bom e feliz com os seus amigos, reflexo das suas projeções e transferências.

Além disso, Nasio (2011), Dolto (1971), autores que se debruçam sobre o tema do ser adolescente, afirmam que essa é uma fase que o sujeito está imerso em situações de turbulências

psíquicas, sociais e biológicas, assim, a Maria estava se descobrindo nessa nova fase em que suas questões da infância estavam eclodindo, e ao mesmo tempo sendo sobrepostas à adolescência. Nesse sentido, tudo estava sendo efêmero e vivido com intensidade, na busca do novo objeto, naquela tentativa de se viver o desejo recalcada pela figura paterna da época edipiana.

Com efeito, o binômio realidade x irrealidade é retomado por Nasio (2012, p.10) da seguinte maneira:

Para mim a realidade é uma criação, claro, mas uma criação que se fecha com a aparição, por exemplo, da manifestação psicossomática. Quero dizer que a formação do objeto “a” seria a criação de uma nova realidade local, mas que esta realidade local irá se fechar com a aparição daquela formação. Isso implica, comporta ideias, que a realidade é uma de questão de limite, de borda...

Nesse sentido, ele ainda retoma o conceito de que para Freud, a realidade é:

Constantemente uma questão empírica da realidade, uma realidade estava fora, circundava o sujeito e que, em última instância, era uma realidade tangível. Em segundo plano essa realidade está voltada para quando o sujeito tenta conseguir o prazer com o objeto “a” e fracassa, nesse momento ele projeta para outros objetos na tentativa de se satisfazer. Em terceiro plano está para o fato da relação da palavra realidade com “percepção-consciência do Eu. (Id.)

Nasio retoma a orientação de Freud para desprezar o fato do evento ser verdadeiro ou falso, dessa forma:

Nunca se deixem levar a introduzir o padrão de realidade nas formações psíquicas recalçadas. Arriscar-se-ia, aí, a subestimar o valor das fantasias nas formação dos sintomas, ao invocar, justamente, que não são realidades, ou fazer derivar de uma outra origem um sentimento de culpa neurótico; porque não se pode provar a existência de um crime realmente cometido. Em outras palavras, não usem o padrão da realidade para medir fantasias psíquicas. (FREUD, *apud* NASIO, 2013, p.12)

É exatamente a partir desse conceito de realidade psíquica que se contesta a veracidade e legitimidade de todos os acontecimentos narrados e supostamente vivenciados, sejam as formas ditas e registradas nos diários, ou até mesmo aquelas que são omitidas ou recalçadas. Para Nasio a adolescência é: “é uma passagem obrigatória, a passagem delicada, atormentada, mas igualmente criativa, que vai do fim da infância ao limiar da maturidade. Um adolescente é um menino ou menina que cessa gradativamente de ser uma criança e rumo com dificuldade para o adulto que virá a ser. (2011, p.13)”

Para ele:

Na menina, desencadeiam-se as primeiras regras e as primeiras sensações ovarianas, os seios ganham volume, a bacia se alarga conferindo à silhueta seu aspecto tipicamente feminino e, sobretudo, despertando nela essa tensão indefinível que emana do corpo de toda mulher e que denominamos charme. Portanto, biologicamente falando, a adolescência é sinônimo de advento de corpo maduro, sexuado, doravante capaz de procriar. (Id. p.14)

Isso explica as inúmeras vezes relatadas no diário pessoal em que a Maria se define como bonita, sensual, atraente e demais adjetivos que ressaltam o seu “charme”, como, por exemplo, no trecho que ela é preterida por outras meninas.

“na segunda, foram as minhas primeiras surpresas colhidas, nem vi ele, mas achei ele muito cínico de me trocar por outras meninas mais feias, sem futuro, que não tem inteligência, importâncias, elegâncias, forma e beleza...”³⁸

Em Bloss (1994) tem-se uma das explicações pelas sucessivas relações heterossexuais da Maria, para ele “uma das maiores diferenças entre os sexos é a extensão enorme em que a sexualidade infantil é reprimida na menina (BLOSS, apud, MACK BRUNSWIK, 1994, p.69).

Assim “a menina que não pode manter a repressão de sua pré-genitalidade encontra com dificuldades em seu desenvolvimento... a jovem adolescente normalmente exagera seus desejos heterossexuais e estabelece ligações com rapazes numa sucessão frenética (Id.)”

Nesse sentido, como a Maria tem recalques da infância, ainda não compreendidos e que não se sabe a dimensão do impacto em seu comportamento e no seu agir, provavelmente, a fase edipiana dela se estendeu até mais tarde, já que conforme Bloss esta fase na menina é mais prologada do que a do menino. Dessa forma, Bloss (1994) para esclarecer a fase edipiana na menina diz que:

A menina continua na situação edípica por um período indefinido; ela só abandona mais tarde, e de maneira incompleta. Em consequência a menina luta com as relações objetais de maneira mais intensa durante a adolescência; na verdade, a separação prolongada e dolorosa da mãe constitui a principal tarefa desse período. A falha ou fraqueza de uma tentativa pré-pubertária de libertação da mãe, pode inibir o crescimento psicológico futuro e deixar uma marca claramente infantil em toda a personalidade da mulher. (BLOSS, apud DEUTSCH, 1994, p.69)

Nesse sentido, esse sujeito é desenhado e marcado pelo outro possui o seu “viver-agir” determinado e condicionado por situações intra e extra a si mesmo. Como as marcas em seus registros remetem a apagamentos do seu núcleo familiar, sobretudo, sobre os seus genitores, é provável que a omissão seja uma transferência para situações que ela mesma nomeia como momentos felizes “estar com as amigas e paqueras”, na imagem nomeada como “Meu Perfil”, provavelmente, uma fuga da sua realidade diária.

³⁸ Fragmento transcrito do diário de 1996-1997.

Posto isso, o lugar do dizer é: “tal pensamento enquanto ato forma um todo integral: tanto o seu conteúdo-sentido quanto o fato de sua presença em minha consciência real de ser humano singular, precisamente determinado em condições determinadas - ou seja, toda a historicidade concreta da realização (BAKHTIN, 2017, p.44).

5.2.2 Do ato do dizer ao uso da palavra: O Eu feminino (adolescente) na escrita dos diários pessoais x marcas de autoria nas narrativas de ficção

Este tópico das análises será destinado à escrita em que a autora do diário pessoal intitula como “História ou “Minha história”, e ainda uma análise nomeada como “História especial”. Nessa escrita, especialmente, há uma projeção entre datas, sejam passadas ou futuras que ficam perceptíveis a criação, ficção ou desejo que tudo aquilo fosse real, nesse sentido, não será discutido o valor de realidade, como acontecimento, mas a partir da óptica freudiana, em que para quem escreve os fatos são reais, mesmo que seja dentro da psique, do seu desejo, ou do seu mundo interior. Como o recorte temporal é entre 1996 – 2000, já que o último diário a sua conclusão se dá nos anos 2000, assim, serão escolhidas algumas dessas escritas para a análise, exemplificando os três momentos da adolescente.

5.2.3 Marcas poéticas e subjetivas na escrita do diário pessoal

Ao longo dos três diários percebe-se que a adolescente tem desenvoltura com a escrita, escreve bem e tem gosto pela poesia. Ela registra alguns pensamentos, como ditados populares com marcas poética, ou versos, mas há outros que são de suas criações em estrutura de versos, alguns são livres e outros rimados, como nos exemplos que serão analisados nesse tópico.

Nos seus registros há um domínio da língua portuguesa, o quanto norma, que para a sua pouca idade, é incomum, especialmente, entre alunos de escola pública, além de utilização de alguns termos bem peculiares, fato comum apenas a quem tem um bom nível de leitura. A escrita intimista em diários, é inclusive, uma forma de exercitar e criar o hábito da leitura e da escrita, e, como a Maria tinha o hábito de escrever, isso pode ter sido um fator decisivo para a sua desenvoltura, tanto no uso dos vocabulários como na tessitura textual das narrativas, aliás não há problemas mais sérios de coesão ou de coerência.

Nesse sentido, a escrita é uma das formas de registros, servindo como uma das maneiras de se eternizar os momentos, ou de rememorar os fatos ou os acontecimentos. Ela também é

uma das maneiras possíveis para a criação e para a arte literária. Como já abordado com o advento da escrita houve uma reorganização, com significativas mudanças sociais. Posto isso, salienta-se que é por meio da leitura e da escrita que a educação pode mudar a condição social das crianças e adolescentes menos favorecidos. É exatamente nesse contexto que a Maria se insere, ela mesmo sendo de origem humilde, precisando ir à escola em carro de pau de arara, sempre se mostrou em sua escrita como sendo aluna aplicada, com boas notas, atuante nas atividades escolares e disciplinada.

Além disso, como característica feminina a escrita intimista, como o próprio nome já diz vem do íntimo, traz como alicerces a escrita de si e das suas emoções, nesse sentido, é comum haver a presença de resquícios de poesias e dos sentimentos que afloram da alma da mulher que escreve sobre si. É nesse sentido que o eu que escreve, muitas vezes é poético, utiliza-se de recursos líricos ou da prosa para dizer sobre si, sobre seu eu, sobre seus amores e dores.

No caso da Maria, ela se utiliza da prosa para narrar suas aventuras de adolescentes, mas ao longo dos diários há fragmentos de poesia em versos, rimados ou livres para falar dos “seus amores”. Embora haja resquícios de autorias, não dar para afirmar se todos os “pensamentos” expostos são autorais ou se é uma representação de si, pelos olhos dos outros. No entanto, enfatiza-se o fato de nos versos não haver nomes dos autores, em alguns há as aspas que demarcam que se trata da escrita de outro e não sua.

Assim, retomando Compagnon (2001) “todo julgamento de valor, consiste em uma exclusão”, assim, emitir valor a um texto, muitas vezes é uma forma de incluí-lo ou não em um dado padrão a partir de valores, quem nem sempre são atribuídos naquele dado momento. É o caso, por exemplo, de William Shakespeare que só foi ter o valor que lhe é dado, atualmente, de forma póstuma. O mesmo ocorreu com o diário de Anny Frank, por exemplo, em que uma adolescente narra os tristes capítulos do holocausto, e, na contemporaneidade, essa obra escrita em meio as sombras de tanta dor, é tida como literária.

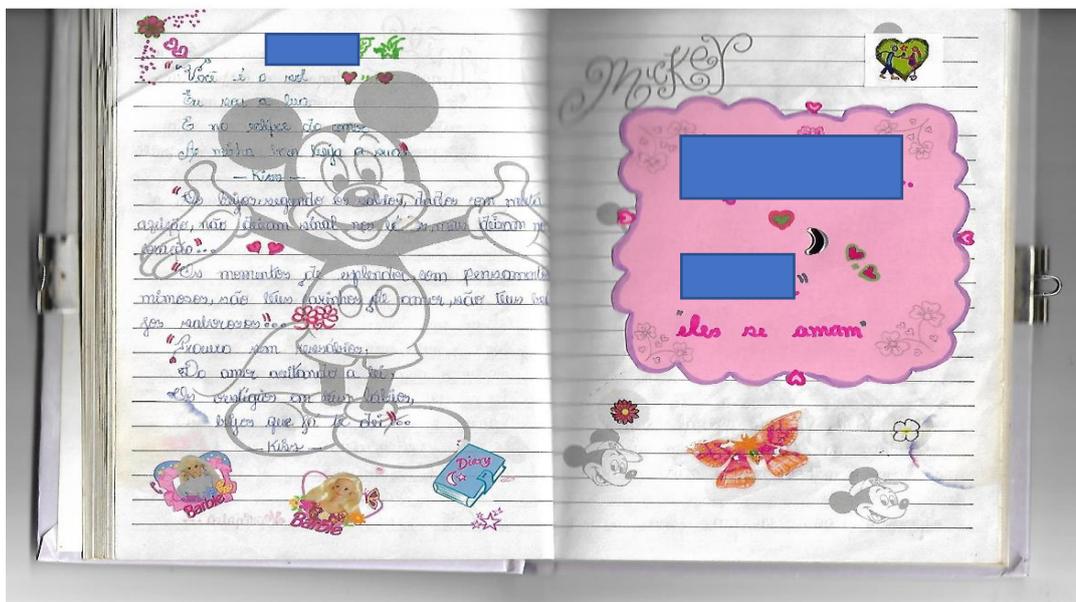
Para Cândido *et al* (1983, p. 14) o “eu lírico” não deve ser confundido com o Eu empírico do autor”. Para eles, é:

absurdo falar de juízos, mesmo subjetivos, referentes, passo a passo, a estados psíquicos reais da poetisa 7. É perfeitamente possível que haja referência indireta a vivências reais; estas, porém, foram transfiguradas pela energia da imaginação e da linguagem poética que visam a uma expressão “mais verdadeira”, mais definitiva e mais absoluta do que outros textos.

É nesse contexto que Compagnon (2001) afirma que o valor da obra é dada pelos seus leitores e, que esse valor não será igual em tempos distintos, com públicos distintos, para cada

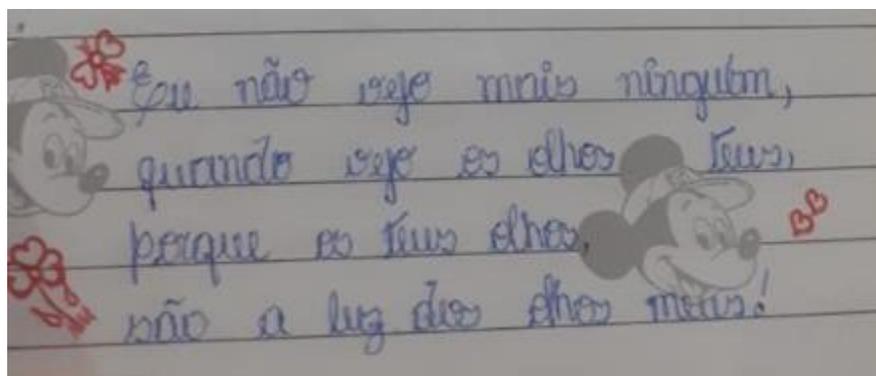
tempo a obra assume o seu valor, para a aquele dado momento. Para este autor a literatura é “tudo que é impresso ou manuscrito” (Id. p. 31)

Figura 17 – Fragmentos de poesia 01



Os versos acima, provavelmente, não são da autoria da Maria, mas são dedicados a um dos seus “amores”, talvez um que ela mais se envolveu emocionalmente. Os versos talvez sejam cristalizados socialmente, de autoria desconhecida ou um misto da sua criação. Foi com ela que ela constituiu um triângulo amoroso com outro “namoradinho”. De toda forma, de algum modo a Maria se identifica com esse eu lírico. Já na figura abaixo há vestígios da autoria:

Figura 18 – vestígios de autoria poética



No diário 01 dos anos de 1996 e 1997 há marcas poéticas em versos, como o fragmento em destaque acima, já nos demais dedicados aos anos de 1999 a 2000, a presença da escrita

em versos é mais marcante, do que no primeiro diário analisado. Nas próximas análises terão exemplos da escrita da Maria nos anos subsequentes em versos.

Veja que nos versos acima, na figura 19, constituem um quarteto, com quatro versos, com versos livres no primeiro e no terceiro, e com rimas no segundo e no quarto verso, demonstrando, assim, que a Maria tinha o conhecimento da estrutura de versos rimados e livres e de como organizar uma estrofe.

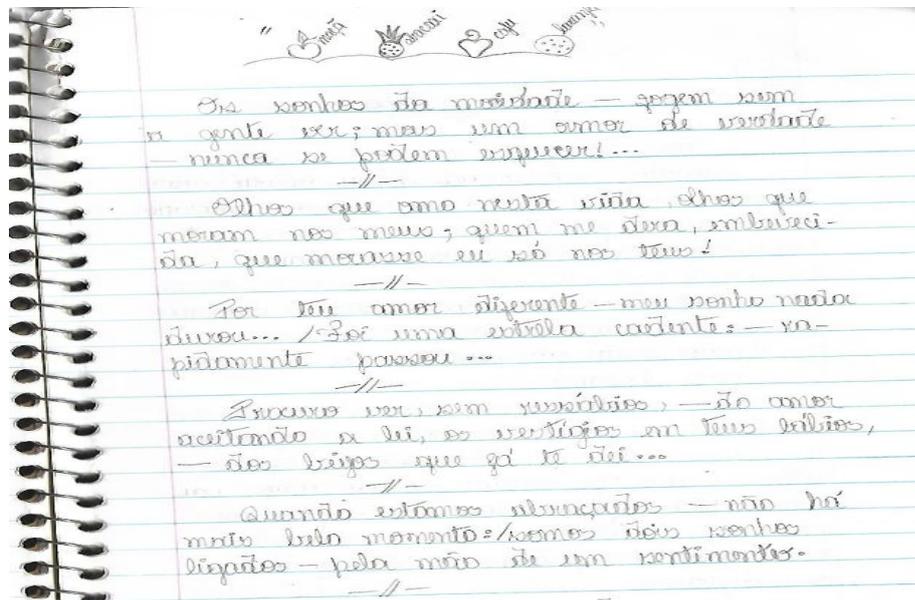
Os fragmentos abaixo, na figura 20, são do diário de 1999, nele já se percebe marcas autorais, e, segundo a Maria, esses são de sua autoria, já que não possuem as aspas. Nesse sentido, diferentemente dos versos analisados acima, esses possuem o caráter de “pensamentos”. Porém, a Maria afirmou que fazia “poemas curtos”, com estrutura de versos rimados, embora não haja a organização do verso com a habitual estrofe. No entanto, percebe-se que há a separação dos versos com a pontuação. Na página dos trechos em versos, abaixo, há a presença de frases que remetem a brincadeira salada mista, muito comum na fase da adolescência entre meninos e meninas.

Cândido *et al* (1983, p.15) explica que:

O poema não é uma “foto” e nem sequer um “retrato artístico” de estados psíquicos; exprime uma visão estilizada, altamente simbólica, de certas experiências. Mesmo em versos aparentemente confessionais como estes de Safo: “A lua se pôs e as Plêiades, pelo meio anda a noite, esvai-se a juventude, mas eu estou deitada, sòzinha” — não se deve confundir o Eu lírico dentro do poema com o Eu empírico fora dele. Este último se desdobra e objetiva, através das categorias estéticas, constituindo-se na personagem universal da mulher ansiosa por amor.

Assim, a Maria se inscreve em seus versos, a partir do lugar do eu lírico que busca ou anseia pelo seu amor, quase sempre idealizado, na tentativa de pertencer a algo ou alguém. O eu lírico presente em sua escrita, mesmo nos versos que não são autorais de alguma maneira há a identificação com versos de “outros”. Comforme Cândido *et al* (1983) não se pode confundir o eu que plasma em sua escrita, com o eu que, verdadeiramente, habita nela, como sujeito interior.

Figura 19 – versos poéticos



“Os sonhos da mocidade fogem sem a gente ver; mas um amor de verdade – nunca se pode esquecer!...”

“Por teu amor diferente – meu sonho nada durou.../Foi uma estrela cadente:- rapidamente passou...”

“Quando estamos abraçados - não há mais belos momentos:/ somos dois sonhos ligados- pela mão de um sentimento.”

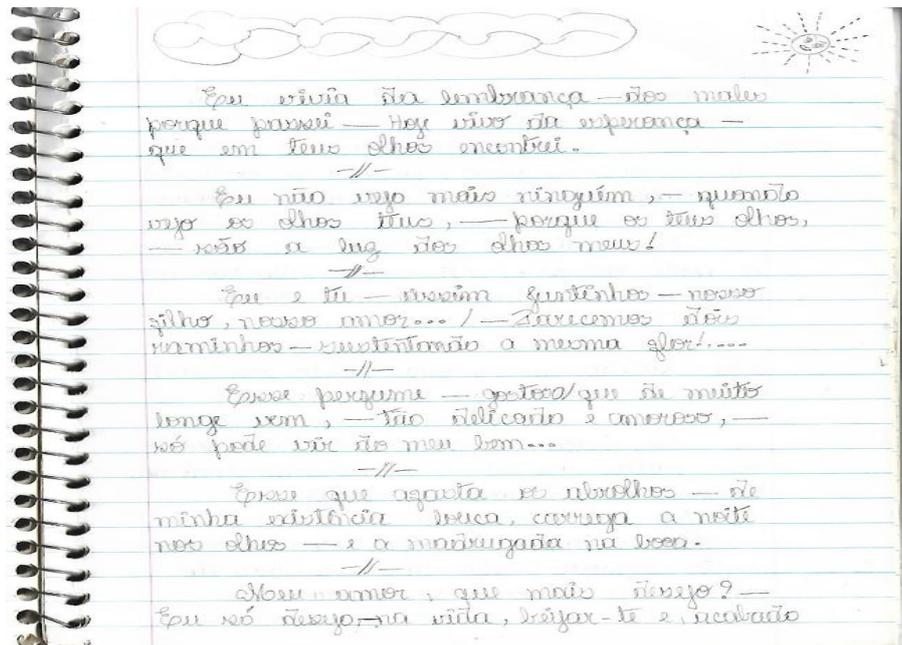
Os exemplos transcritos demonstram dois formatos distintos: na figura 20 há a construção de uma estrofe com quatro versos, com rimas nos versos 3 e 4, já o segundo, na figura 20, os versos são demarcados com ponto e vírgula e travessão, seguindo o mesmo esquema rimático, com a construção de quatro versos, com rimas alternadas.

Para Cândido *et al* (1983, p.16)

Contudo, a personagem do poema lírico não se define nitidamente. Antes de tudo pelo fato de o Eu lírico manifestar-se apenas no monólogo, fundido com o mundo (“A chuva de outono molha / O pêso da minha altura”), de modo que não adquire contornos marcantes; depois, porque exprime em geral apenas estados enquanto a personagem se define com nitidez somente na distensão temporal do evento ou da ação.

Enquanto Lerner ao falar da escrita e do lugar da mulher diz que: “a escrita, os registros, o pensamento matemático e a elaboração de vários sistemas de símbolos alteraram a percepção que as pessoas tinham de sua relação com o tempo e o espaço (LERNER, 2019, p.194).”

Figura 20 – Marcas poéticas



Os versos, da figura 21, possuem mais marcas autorais, a Maria fala do seu lugar, do seu eu e sobre suas emoções. Exemplos: Versos 1: “*Eu e tu- assim juntinhos- nosso filho, nosso amor.../- Parecemos dois raminhos-sustentando a mesma flor!..*” Verso 2: “*Esse perfume gostoso/ que de muito longe vem,- tão delicado e amoroso, - só pode vir do meu bem...*”

Sejam em versos ou em prosas, ela usa a escrita para se exprimir, para ser o seu divã e se confessar, não sobre suas culpas, porque ela parece não as ter, mas, para confessar suas pulsões, seus desejos, o seu ego aflorado e descrever como tudo isso impacta em si e nos outros.

5.2 UMA ADOLESCENTE QUE ESCREVE SOBRE SI SOB A ÓPTICA DA PSICANÁLISE: DA PALAVRA ÀS DESCOBERTAS DA ADOLESCÊNCIA

Para este tópico destaca-se os fragmentos que serão analisados pela óptica da psicanálise, a partir das descobertas da adolescência. Nesse sentido, farão parte dessas análises as categorias das pulsões, transferências, recalque, narcisismo, consciente x inconsciente, relações edipianas entre outras características psicanalíticas.

5.2.1 As transferências objetais e a descoberta do “prazer”

Na fase da adolescência é comum que este sujeito transfira o seu objeto que antes, na relação edipiana, como já abordado, era projetado para o seu genitor do sexo oposto, nessa fase ela é transferida para outros objetos, como amigos e professores. A esse despeito Nasio (2008) diz que: “as imagens inconscientes nunca se manifestam tais quais, mas sempre em filigrana; só tomamos consciência delas se um psicanalista as decodifica e as revela para nós no quadro de uma relação transferencial (NASIO, 2008, p.23).” Nesse sentido, a transferência se dá de modo inconsciente, assim: “O inconsciente só existe com a condição de ser desvelado por um psicanalista, isto é, por alguém que pressupõe sua existência (*Ibid.*)

Percebe-se ao longo das narrativas que a adolescente não tem dimensão de como suas “faltas com os outros”, que ela se relaciona, pode afetá-los. Ao mesmo tempo que ela se envolve com amigos, mesmo namorando um dos meninos. Os relacionamentos da Maria são efêmeros e, em alguns momentos há trocas e traições, tanto em relação aos amigos que ficam com a Maria, como em relação a ela, com o suposto namorado. Na verdade, parece existir uma conduta consensual de todos os envolvidos, já que isso acaba por se estender ao longo dos anos registrados (1996-2000).

Para Nasio (2009, p.60) isso se dá devido à percepção da imagem, já que essa é projetada a partir no seu eu e, como isso, tem resposta para o sujeito em questão. Assim,

A imagem de um objeto percebido é falsa quando amo ou odeio esse objeto; é falsa também quando o objeto percebido desperta a criança que existe em mim; e falsa ainda quando esse mesmo objeto, percebido com meus olhos de amor ou de ódio e minha candura infantil, é percebido igualmente com o olhar severo do pai que existe em mim, que julga e me julga.

Para explicar essa transferência de sentidos, Nasio (2008) toma como exemplo uma simples garrafinha, que de repente pode ser atribuída um valor afetivo e passar ter um significado diferente para o sujeito.

Devo ainda acrescentar um quarto elemento da fantasia, um quarto constituinte que não devemos esquecer e ao qual devemos voltar, a saber, a própria imagem, isto é, a imagem gravada na minha memória do objeto amado que descubro hoje. Tomemos o exemplo dessa garrafinha de água mineral à minha frente. Porém, se, observando sua cor verde e seu bojo característico, lembro que ela era antigamente a bebida favorita de minha mãe, sou subitamente tocado pela mencionada garrafa e, assim, dispenso-lhe uma atenção inteiramente afetiva. Redescubro-a agora como um objeto de minha história. Não a vejo mais tal como é, neutra e anônima, mas maior, radiosa e mais fresca do que era. A garrafa tornou-se sugestiva, (NASIO, 2008, p.61)

Assim, a memória afetiva pode interferir nas escolhas e nos valores atribuídos a elas, sem que o sujeito se dê conta do porquê, já que as relações podem ser inconscientes. Conforme,

Nasio (id.) “O passado faz-se presente e o presente encontra o passado. Agora não verei mais a garrafinha de água mineral tal como ela é, mas tal como meu desejo quer que ela seja.”

Nesse sentido, conforme, o exemplo o que até poucos instantes era apenas um objeto, agora, devido a uma memória afetiva, toma uma nova significação e valor para o sujeito. Da mesma forma, acontece com as narrativas em que o desejo, a vontade que determinado acontecimento seja real, pode ganhar configuração de realidade no desejo do sujeito e, para ele pode realmente, ser real. Dessa forma, a realidade e o irreal se confundem, assim, como as ações realizadas pelo inconsciente e consciente do sujeito. Assim, de repente o melhor amigo pode ser projetada uma relação afetiva diferente da amizade, de desejo, de impulso apenas de forma momentânea, sem que isso gere um efeito duradouro.

Figura 21 – Entre “dois amores”- o dito e o codificado

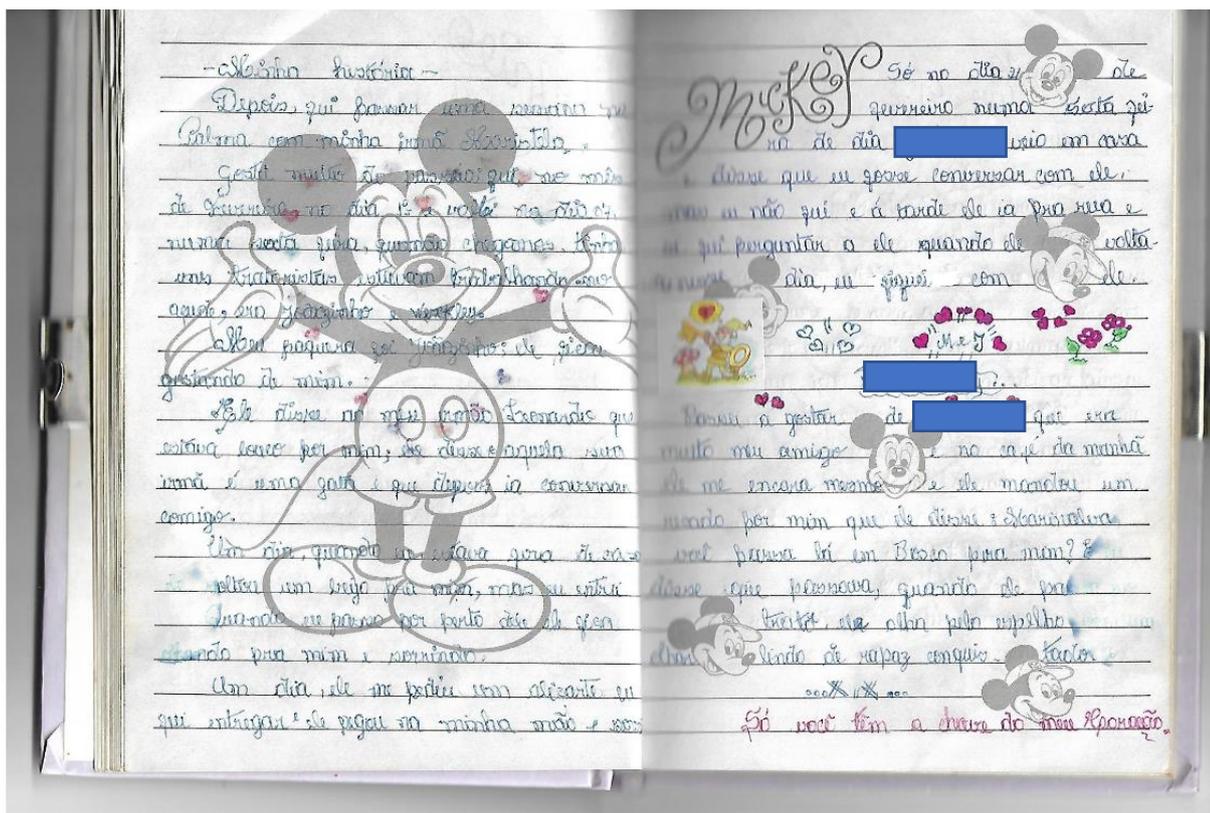
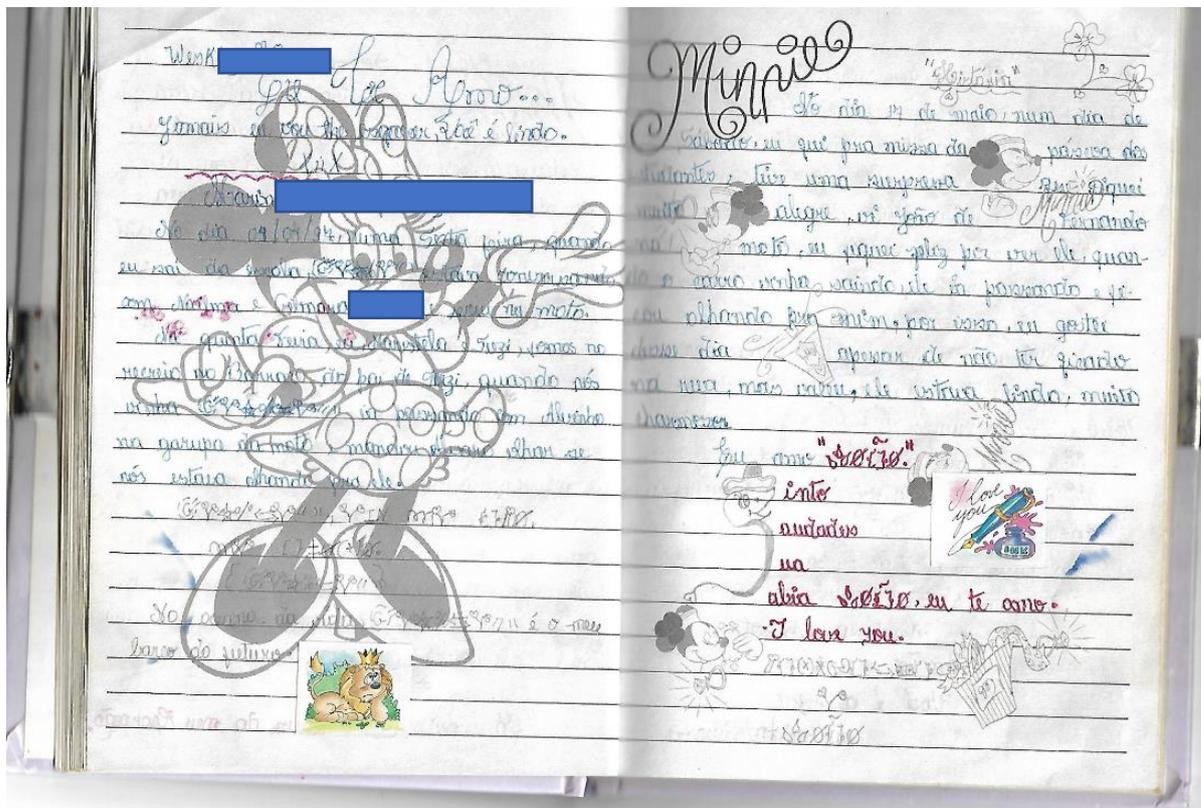


Figura 22 – A ou B, eis a questão?



A imagem acima, recorte de uma das narrativas da Maria, é consequência de um dos passeios a Palmas, cidade circunvizinha de onde ela morava. Para contextualizar segue a transcrição de um trecho que antecede a imagem acima:

Gostei muito do passeio, fui no mês de fevereiro, no dia 1º e voltei no dia 7, numa sexta-feira, quando chegamos tinham uns trabalhadores no açude, era Pedro e Paulo³⁹.

Meu paquera foi Pedro, ele ficou gostando de mim... Ele disse ao meu irmão que estava louco por mim... um dia quando eu estava fora de casa ele soltou um beijo pra mim... ”

..no dia 21 de fevereiro... eu fiquei com ele...Passei a gostar de Paulo que muito meu amigo...

Foram transcritos alguns fragmentos da narrativa que antecedem a figura 23 (resultado de 2 partes da narrativa), acima para que se possa contextualizar o lugar do sujeito e das ações da Maria, haja vista, ela conheceu o “Pedro” e o “Paulo” em um passeio, pela narrativa que antecede, primeiro ela paquera o Joãozinho, fica com ele, e só depois se envolve com o Paulo.

³⁹ Nomes fictícios para preservar a identidade dos sujeitos citados.

Na página do diário que será analisada, percebe-se que de um lado a Maria usa a palavra, para dizer que ama o Paulo, na página seguinte, ela já se declarou pelo codificação para o outro. Embora no texto acima, que antecede a codificação ela cita um terceiro, dessa forma, não se sabe se é o mesmo que ela nomeia como o segundo, ou já é um terceiro, já que ela usa o nome em diminutivo. Por fim, ela escreve que sente saudades do primeiro em letras vermelhas.

No trecho:

Eu amo Pedro... (Pedro vem codificado, lembrando que ela apresenta o alfabeto e o seu devido código para cada letra, que possibilita que se tenha a decodificação)

Percebe-se desse o início da adolescência da Maria sua inconstância e como ela é volúvel, ao passo que diz amar loucamente, já se entrega aos desejos e as vontades de ficar com outros. Como já explicado, nas palavras de Blos, é comum a entrega “frenética” nas meninas a ter muitos “namorados”.

Blos (1994, p.10) explica que isso se dá em relação a fase pré-edípica na menina, em que “a qualidade fálica de sua sexualidade é destacada nessa fase e lhe proporciona, por um breve período um sentimento excepcional de adequação e plenitude”. Deutsch descreve (*apud* Blos, Id.) “a pré-puberdade da menina como o período de maior liberdade em relação à sexualidade infantil (...),” sendo assim, “uma inclinação para a realidade” (id.), já que agora a pulsão do desejo pode ser concretizada com a satisfação e não ser recalçada.

Para Blos (id.) “o conflito da fase da pré-adolescência feminina revela particularmente bem sua natureza defensiva nos casos em que um desenvolvimento progressivo não foi mantido”. Assim, o “desenvolvimento feminino normal, a organização das pulsões pré-adolescentes é denominada pela defesa do emprego regressivo em direção a mãe pré-edípica”, é nesse sentido, que há “muitos conflitos” entre mãe e filha nessa fase. Em relação à adolescência “a menina é marcada pela emergência de sentimentos edípicos que são inicialmente deslocados, e, finalmente, eliminados, por um processo irreversível de deslocamento, convenientemente denominado por Any Katan (1973) de eliminação do objeto. (Id. p.71)”

5.2.1.1 Do “princípio do Prazer” às inconstâncias nas relações dos amores efêmeros

No que tange às descobertas amorosas e o prazer do “agir-viver” da Maria é bem intenso, nos primeiros anos da sua adolescência. Ela tem um grupo de amigos que é o responsável por protagonizar as narrativas dos diários, desse grupo, as meninas são colocadas como suas amigas, companheiras de aventuras, e já os meninos elas trocam “de namoradinhos”. A Maria é heterossexual, sempre gosta de se elogiar e se colocar como a mais bonitas do que as outras, postula sempre que “todos” os meninos são “loucos por ela”. O fato é que muitos dos meninos que fazem parte do seu ciclo de amigos, em algum momento ou em várias situações chegaram a “ficar com ela”.

Embora haja muitas narrativas sobre suas relações amorosas há três casos que ela se detém um pouco mais, são eles: O xxx, o yyy e o zzz. Nas narrativas há momentos ingênuos das descobertas da adolescência, mas há momentos em que a Maria define como “quentes”. Como bem ressalta Blos (1994) há um completo desprendimento em relação à família e seus núcleos narrativos giram em torno dos seus colegas de escola e das situações e aventuras vivenciadas com eles. Para o autor: “a tendência da separação da família e a gradual disposição hierárquica dos componentes da pulsão e das funções do ego. Uma crescente autoconsciência social com a angústia e a culpa (Id. p.75).”

A fase da adolescência, tanto para o menino quanto para a menina, é um momento do novo, de ressignificações de se entender quanto “novo ser”, haja vista a ruptura com a infância muitas vezes se dar de forma abrupta. Porém, para a menina, com a chegada das regras menstruais, aos poucos o corpo vai se transformando, ganhando novas formas, e novas sensações, nem sempre boas, como é o caso da cólica, da acne que aparece no rosto, dos contornos do corpo até serem delineados, das mudanças nas mamas, por exemplo. Todas essas mudanças tomam proporção no eu, de cada uma de uma maneira diferente, além, é claro, das mudanças objetais.

Para Blos (1994, p.76)

Temos apenas de lembrar que a necessidade que a criança tem de ser amada só gradualmente se funde com a necessidade de amar; a necessidade de receber só lentamente desperta a sua contrapartida, a necessidade de dar; e a necessidade de ser “recebedor” e mais ou menos forçosamente transformada na necessidade de “fazer para os outros”. O papel passivo de ser controlado é aos poucos, e parcialmente, substituído pela necessidade infantil de controle ativo do mundo exterior.

Nesse sentido, tais ambivalências surgem na adolescência como imperativas, em que o sujeito adolescente encontra imerso em si, e ao passo que tudo tem a necessidade de ser intenso, é na mesma proporção passageiro; é instantâneo e imediato. Tudo é excessivamente valorado, ao passo que é volátil e líquido. Como nomeado por Le Breaton, a “adolescência é líquida”, por tudo ser imediato, “escorrer fácil pelas mãos, assim, como o líquido.”

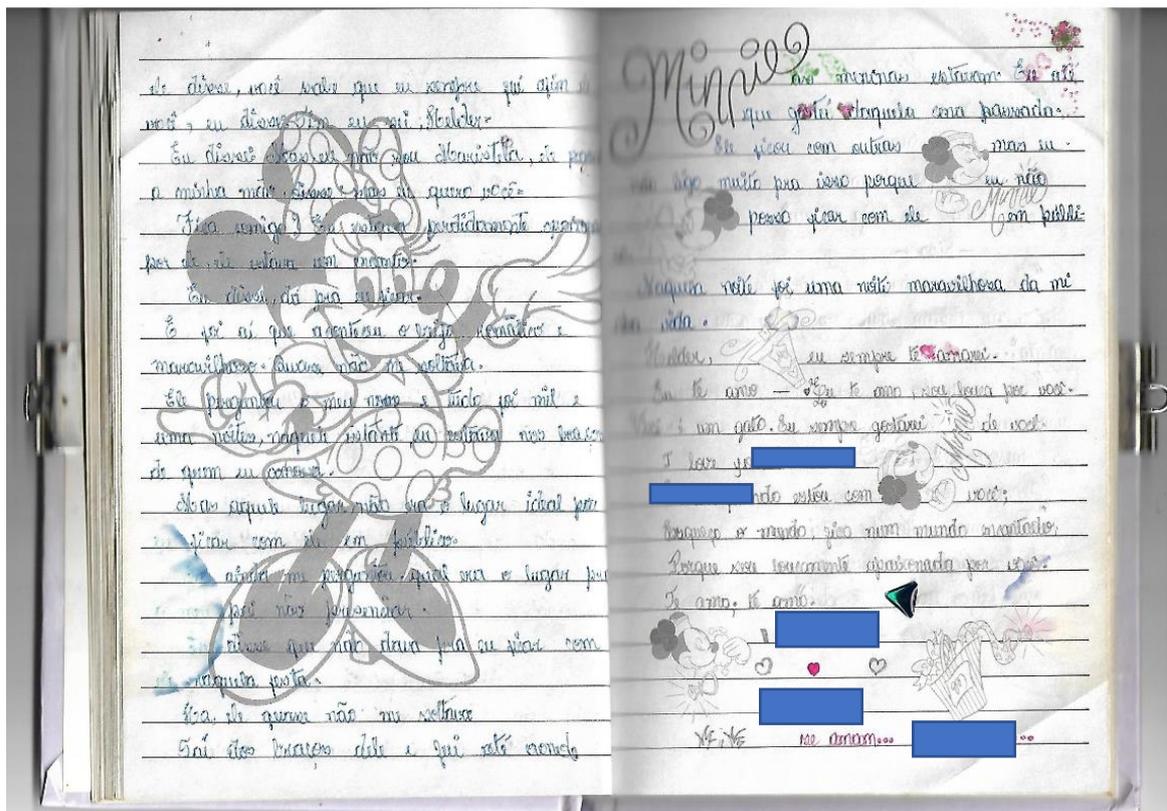
Essa reorganização simbólica e afetiva induz um período de turbulência difícil de viver pelo jovem e pelos pais... o jovem procura, o caminho está aberto, mas uma indecisão reina, numerosas possibilidades se abrem diante dos seus olhos... a adolescência é o tempo progressivo do amadurecimento, da construção de alicerces de um sentimento de identidade mais elaborada. (LE BREATON, 2017, p.87)

Essa reorganização implica muitas vezes em escolher, e o ato de escolher também é o ato de abdicar de alguma coisa, e isso, é o que torna difícil, para esse novo ser em construção. Como escolher entre tantas opções? Como optar entre tantas possibilidades de se entregar ao desejo? Por que não todos? Por que só é possível se relacionar com um por vez?

É nesse liame, que a Maria se encontra, ao passo que ela tem muitas opções, ela acaba por ser só, ao passo que se envolve com muitos “paqueras”, como ela nomeia, ela acaba por não pertencer a ninguém, e nem tem ninguém de forma mais séria, como as suas amigas. Assim, devido à “oferta” acaba por não levar ninguém a sério, e nem tampouco é levada. Em seus relacionamentos não há uma progressão, são sempre inconstantes, curtos, intensos e líquidos. “O sentimento de identidade é particularmente sensível aos acontecimentos externos ou íntimos, constantemente recolocados em jogo na busca de bases nascidas sólidas (LE BREATON, 2017, p.91).” Conforme Le Breaton (2017) o adolescente se aproxima mais “dos seus pares” e se distancia dos familiares, como uma negação da infância, para se reafirmar e desenhar a sua identidade e autonomia. Nesse sentido, “a promiscuidade” ganha espaço e substitui a “familiaridade”.

É nesse sentido, que a Maria passa ter relacionamentos líquidos, sem bases sólidas e tendo uma fase de completo apagamento do núcleo familiar nas suas narrativas. Abaixo será analisada mais uma narrativa, agora, com um dos personagens que consta nos três diários: O Pedro.

Figura 23 – “História”



O Pedro, personagem que terá seu envolvimento com a Maria analisado, faz parte do núcleo dos amigos dela, porém ele parece não estudar na mesma escola, uma vez que não há menção sobre ele no espaço da escola, apenas na praça, ruas e festas que ocorrem na cidade. A página do diário que antecede a exposta acima narra o início da participação do Pedro na vida da Maria, em que será transcrito abaixo para contextualizar:

Intitulada como **“História”** a narrativa tem início da seguinte maneira:

No dia 04 de novembro eu fui uma festa em São José de Banda Alegria e Aleijadinho de Pombal. XXX(irmã) estava em Caicó e eu fui com Suzi e adorei a festa, foi uma festa inesquecível e maravilhosa... eu estava muito feliz na festa quando vi um gato, maravilhoso, lindo... Pedro eu até que gostei de vê ele naquele momento... quando vi ele..ele me chamou de Maristela...eu não gostei bem....

Na página acima, já inicia com o diálogo dos dois:

*Você sabe que sempre fui afim de você, eu disse: sim, eu sei, Pedro.
Eu disse, mas eu não sou XXX(irmã), ele pegando a minha mão disse: mas eu quero você. Fica comigo? Eu estava perdidamente apaixonada por ele, ele estava um encanto.
Eu disse, dá pra ficar.*

E foi ai que aconteceu primeiro beijo romântico e maravilhoso. Quase não me soltava.

Ele perguntou o meu nome tudo foi mil e uma noites, naquele instante, nos braços de quem eu amava.

Mas naquele lugar não era o lugar para eu ficar em público. Ele ainda me perguntou qual era o lugar para meu pai não presenciar... sai dos braços dele e fui até onde as meninas estavam.

Nesse fragmento há uma das poucas menções ao pai da Maria, aqui, parece que o pai se encontra no mesmo espaço, e, por este motivo, ela receou de ficar com o Pedro em público. Destaca-se o fato da Maria dizer que foi a festa com a XX, mas ao longo da narrativa parece que o pai estava presente. Além disso, em todos os outros namoros sejam em festas, escolas ou na praça não parece haver empecilho ou proibições por parte da família, uma vez que ela tem bastante liberdade de sair sozinha com o seu grupo de amigos, inclusive, para outras cidades e chegar apenas no dia seguinte pela manhã.

Mais uma vez, destaca-se, também, a vulnerabilidade dela em relação aos seus amores, o rapaz que ela acabou de conhecer, que nem o nome dela sabia, conforme grifo na citação, e ela na página seguinte já diz que o ama, ressalta-se o fato de duas ou três páginas anteriores do diário ela está amando um outro rapaz. Assim, fica bem nítido como a Maria se encontra em meio a suas pulsões, de maneira desencontrada e imersas nas controvérsias da fase da adolescência e dos desejos.

“Pedro eu sempre te amarei.

Eu te amo... te amo...sou louca por você...

Você é um gato, eu sempre gostarei de você”

Essa instabilidade se dá devido às pulsões e a intensidade que isso dá no eu do adolescente. Para Beauvoir,

Ao contrário, a vida sexual da menina sempre foi clandestina; quando seu erotismo se transforma e invade toda a carne, o mistério vira angústia: ela suporta a comoção como se se tratasse de uma doença vergonhosa; não é ativa: é um estado, e mesmo em imaginação não pode livrar-se dela mediante nenhuma decisão autônoma; não sonha com pegar, amassar, violentar: é espera e apelo; sente-se dependente; e em perigo na sua carne alienada. (1971, p.61)

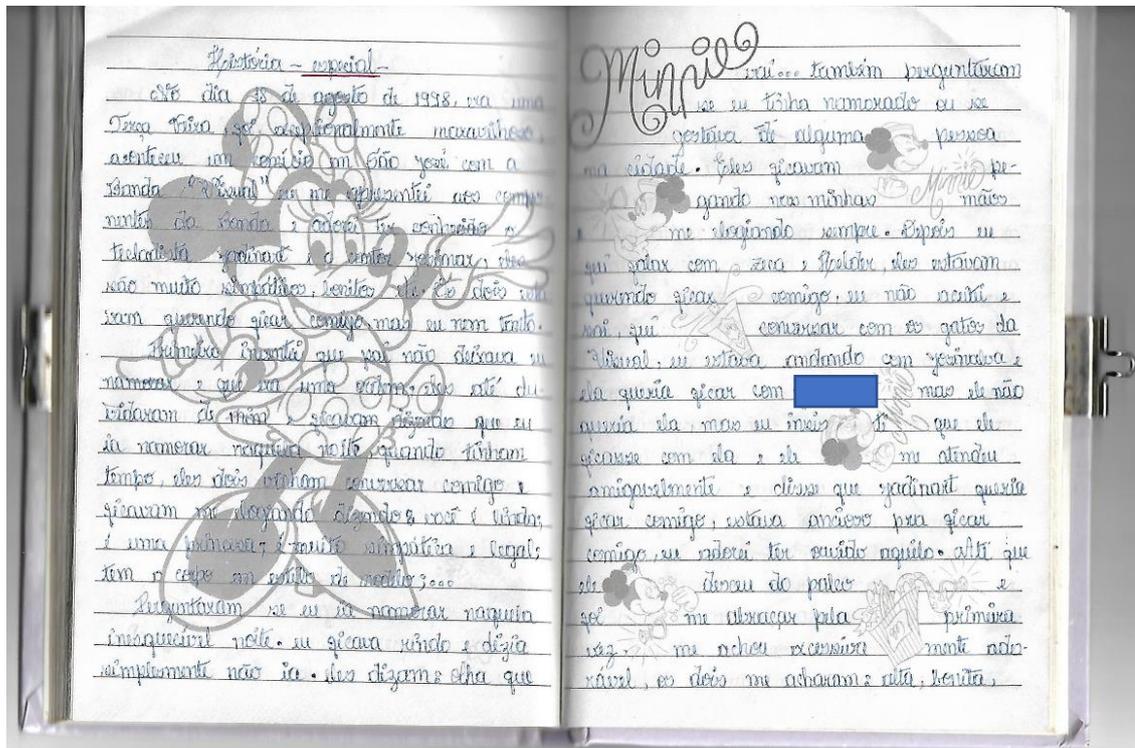
Nesse sentido, retoma-se, aqui, o complexo de castração em que a menina sente a ausência do falo, e, diferentemente do menino, sua zona erógena é guardada, escondida precisando assim, a menina costuma ser caçada, “não sonha com pegar, amassar, violentar: é espera e apelo; sente-se dependente (*Id.*)”. Assim, a Maria embora seja “muito desejada pelos

meninos”, como em suas palavras, ela não é só caçada, ela deseja, ela busca, ela sacia-se como adolescente que segue o seu instinto.

Para Freud ([1901-1905], 2016a, p.146) “...a escolha do objeto é realizada primeiramente na imaginação, e a vida sexual do adolescente não tem outra opção, praticamente, senão entregar-se a fantasias, ou seja, a ideias não destinadas à concretização.”

Para Freud (Id. p.253) “O desejo que cria o sonho vem sempre da infância, ele quer sempre (re) despertá-la e torná-la realidade, corrigir o presente segundo a infância. No conteúdo do sonho acreditei já identificar os elementos que podiam ser juntados numa alusão a um evento da infância.”

Figura 24 – História Especial



Essa narrativa intitulada como “**História Especial**”, talvez seja a que mais tenha o perfil de ficção, porém não se pode atestar nem que tudo é criação do se desejo, e é irreal, e nem tampouco atestar que todos os fatos narrados são reais. O que se sabe é que na escrita intimista o fato e a ficção se mesclam e forma uma teia de sentidos que denunciam o seu ator. Desse modo, o texto se aproxima do literário com categorias sólidas como personagens, narrativa, enredo, ficção x verossimilhança. A esse respeito Cândido *et al* (1981, p.10) diz que:

A delimitação do campo da beletrística pelo caráter ficcional ou imaginário tem a vantagem de basear-se em momentos de “lógica literária” que, na maioria dos casos, podem ser verificados com certo rigor, sem que seja necessário recorrer a valorizações estéticas. Contudo o critério do caráter ficcional ou imaginário não satisfaz inteiramente o propósito de delimitar o campo da literatura no sentido restrito.

Nesse sentido, relebrando o pensamento de Bakhtin:

A primeira palavra e a última, o começo e o fim de uma enunciação permitem-nos já colocar o problema do todo. O processo da fala, compreendida no sentido amplo como processo de atividade de linguagem tanto exterior como interior, é ininterrupto, não tem começo nem fim. A enunciação realizada é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior. As dimensões e as formas dessa ilha são determinadas pela situação da enunciação e por seu auditório. (2016b, p.127)

Posto isso, o texto do diário pessoal é uma teia discursiva de sentidos inacabados, com características dialógicas em que o autor impregnado do outro que habita em si, constitui a enunciação de um dado lugar, que é social, único e a partir do lugar da palavra e do ato do dizer. Além disso, a palavra que “é prenhe de respostas”, a partir do discurso interior que plasma a escrita intimista, também é responsiva. Nesse sentido, a escrita de si, também envolve vários “outros exteriores” (personagens) que fazem parte do enredo, e, sobretudo, dos outros que habitam nesse eu, que é dialógico, que pode ser consciente, do ponto de vista da teoria da Linguagem, mas inconsciente a partir da Psicanálise. O diário intimista se personifica em um divã em que o eu se confessa, se molda, se transborda, se esvazia de si e se enche de outras vozes.

Assim, a “enunciação realizada é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior (Id.)”. Esse oceano sem limite se personifica em palavras, ganha sentidos múltiplos, polissêmicos, porém regido por regras textuais que precisam ser seguidas e guiadas como peças de um quebra-cabeças para entender esse eu-adolescente que é múltiplo e antagônico; pleno, e ao mesmo tempo despedaçado em suas dores e angústias. É um eu que apela pelo afeto do outro e receia se entregar e ser ferido, assim, como fora da fase edípica. É um eu que transborda pulsões e se esvazia do outro e de si mesmo, até se completar, se entender como novo e ficar pronto para viver a nova fase, saindo do tormento que para ele é a adolescência, uma fase líquida repleta de tudo e escassa de tanto cuidado e do olhar adulto acolhedor.

5.2.1.2 Das narrativas dos encontros amorosos- Entre um e outro: Por que escolher se posso ter os dois?

Ao longo de boa parte das narrativas a Maria transita entre se relacionar com Pedro e com o Paulo, sempre envolvimento passageiros, mas que há a presença dos dois em sua rotina na adolescência, sejam por um reencontro em alguma festa, ou simplesmente na praça, na escola ou em alguma esquina qualquer. Paulo era um dos colegas da escola, fazia parte do grupo de amigos, ele e Maria sempre foram amigos, certo dia se descobriram sexualmente e se atraíram. A narrativa se inicia da seguinte maneira:

No dia 08 de março, num belo dia de domingo, eu fui pra São José... quando cheguei na rua vi Pedro de longe... à noite, eu sai com XX e YY, às 07:00hrs: sentamos num banco da praça e logo mais Helder apareceu e Izzz perguntou a ele se ele queria ficar comigo naquela noite... Ele disse que depois queria conversar comigo... Paulo e Tiago vinham passando e eu chamei atenção, eles viram onde nós estávamos e eu disse a Paulo que MX tinha mandado um beijo e que estava com saudades dele. Ele mandou outro para ela... Eles até me deram uma força para eu não ficar muito ligada em Pedro que não estava nem ligando pra mim...Aquele dia foi ótimo pra mim, porque eu estava adorando os meninos ali comigo. Paulo pertinho de mim, abraçado comigo...

No fragmento transcrito percebe-se que a Maria tinha a intenção, o seu desejo inicial de ficar com o Pedro, que era seu atual “paquera”, mas acabou por ser rejeitada como ela expressa no trecho: *Eles até me deram uma força para eu não ficar muito ligada em Pedro que não estava nem ligando pra mim.*

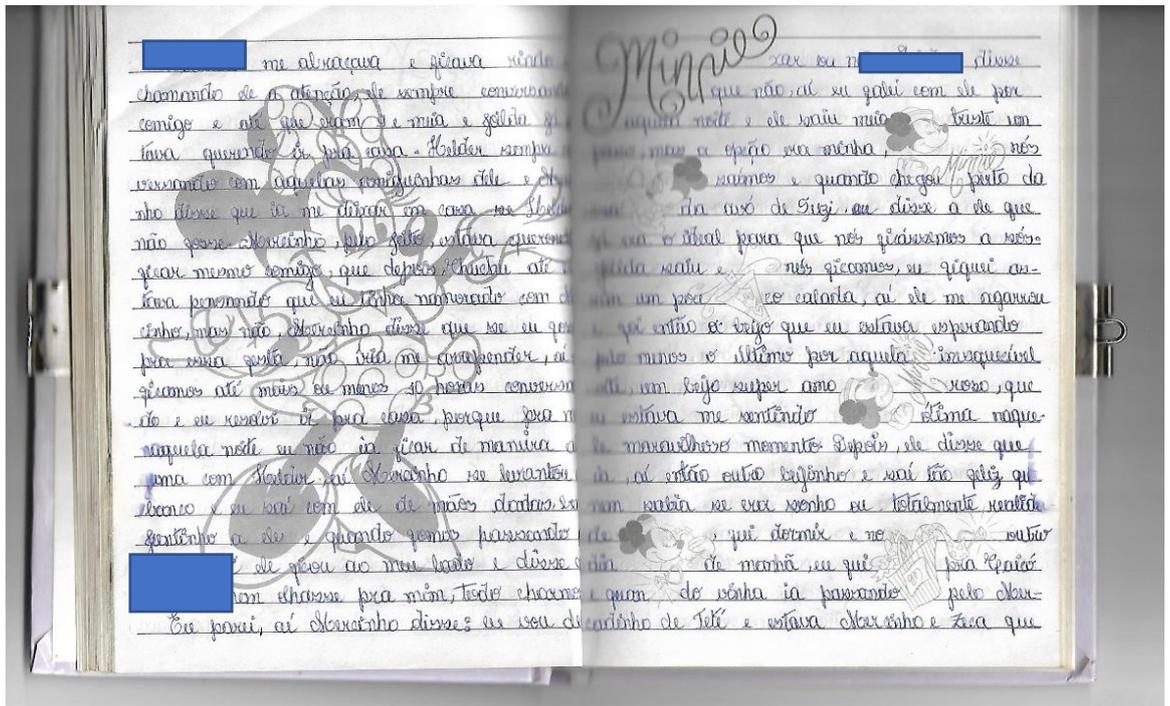
A essa situação acrescenta-se o fato de, possivelmente, a sua irmã MX ser interessada em Paulo, já que a Maria deu o seguinte recado: *“MX tinha mandado um beijo e que estava com saudades dele. Ele mandou outro para ela...”*

Então nesses dois fragmentos têm duas situações que diz muito do lugar do sujeito da Maria e de como ela vê o outro, ou, simplesmente, não o vê, já que possivelmente, não levou em conta que poderia magoar a sua irmã, envolvendo-se com o Paulo, mesmo sendo, uma forma de mostrar para o Pedro que não estava “ligando”. Nesse sentido, a Maria parece não se importar se as suas atitudes afetam o outro, mesmo que esse outro, seja a sua irmã, mostrando, assim, a condição narcisista em que ela só se preocupa consigo e, com o fato de ser o centro das atenções e dos desejos dos meninos do grupo. Assim, para Nasio (2011, p. 104) “A jubilação narcísica está para a criança do espelho assim como os excessos de amor e de ódio de si estão para o adolescente.”

Nasio (2011) nomeia adolescência como “a salutar histeria do crescimento”, nessa condição, a Maria tem a inclinação apontada, conforme Nasio, para a histeria adolescente em

que, para ele, o eu-adolescente está no liame entre duas forças antagônicas, “as pulsões que advêm do corpo e o supereu, que tenta contra-atacá-las. Essa dupla pressão exercida sobre o eu termina quase sempre por distorcê-lo em sua substância mesma e por instalar no jovem o sentimento inconsciente de uma profunda e penosa desunião entre seu corpo e seu espírito. (NASIO, 2011, p.44)

Figura 25 – Primeiros contatos com Paulo: do amigo ao “paquera” e, por fim, aos instintos



Na figura 26, da página do diário, a Maria dá continuidade os seus primeiros contatos com Paulo e em instantes deixou de perceber o Pedro, e voltou a sua atenção para o amigo que estava lhe dando atenção e afago.

Segue o trecho para análise:

Paulo me abraçava e ficava rindo... Pedro sempre conversando com aquelas amiguinhas dele e Paulo disse que ia me deixar em casa se Pedro não fosse, Paulo pelo jeito estava querendo ficar mesmo comigo... eu resolvi ir pra casa, porque pra mim naquela noite eu não ia ficar de maneira alguma com Pedro, ai Paulo se levantou do banco e eu saímos de mãos dadas bem juntinho a ele.. Eu parei, ai Paulo disse: eu vou deixar ou não. Pedro disse que não, ai eu falei com ele por aquela noite e ele saiu meio triste, um pouco mas a opção era minha..

Na análise da transcrição acima, percebe-se, mais uma vez, que a Maria não se incomoda como as suas ações pode tocar o outro, pode magoar ou feri-lo, assim, de acordo com Freud e Nasio, ela pode ser analisada pela óptica da histeria, em que:

o histérico nunca percebe seus próprios objetos internos ou externos... Ele transforma sua realidade material, numa fantasiada: numa palavra histeriza o mundo. Ele procura no outro o poder que o subjuga ou a impotência que o atrai e o desaponta...”. (NASIO, 1991, p.17)

Seus envolvimento sejam com os amigos ou com os “seus paqueras”, como ela nomeia, são volúveis, efêmeros, além do que não se mostra culpada, ou sentimento de compaixão quando a suas ações afetam o outro. Nesse sentido, a Maria “inventa e cria aquilo que percebe. Instala no corpo do outro, um novo corpo, tão literalmente intenso e fantástico quanto o é o próprio corpo histérico (Id.)”. Veja que na transcrição acima, mesmo o Pedro não dando atenção a ela, e até a própria Maria transcrevendo essa rejeição, ela não o responsabiliza por essa negação, uma vez que ela encerra a narrativa dizendo que a escolha foi dela. Dessa forma, a Maria, mais uma vez mostra o seu ego aflorado, não assimilando a rejeição, ou será que a sua ação de estar paquerando com o Paulo, na frente do Pedro fez com que ele não a quisesse naquela noite?

No trecho em destaque: “*Pedro disse que não, ai eu falei com ele por aquela noite e ele saiu meio triste, um pouco mas a opção era minha..*” A Maria diz que o Pedro saiu triste. Até que ponto essa impressão não é criação ou fantasia dela, ou será que não foi ela que ficou triste com a falta de atenção dada pelo Pedro? Perceba que logo depois de “triste” vem “um pouco”, sendo provavelmente uma marca de um ato falho, em que a Maria vê, do lugar dela, do desejo dela, que ele ficou “pelo menos um pouco triste”. Mesmo assim, ela segue com o Paulo, que supostamente seria um “paquera” da sua irmã e, não absorvendo como isso pode impactá-la. A Maria acaba namorando com Paulo naquela noite.

Para Nasio (1991) o primeiro plano do histérico é o insatisfeito, assim, como a Maria que parece nunca está satisfeita com os seus amores, mesmo dizendo que os ama, parece que ela não chegou a conhecer esse sentimento até então. Para Freud, nos estudos sobre a histeria ([1983-1985] 2010i, p.21) “os histéricos sofrem principalmente de reminiscências”, suas lembranças eclodem nos sonhos ou quando posto em terapia. Assim, “o esmaecimento de uma lembrança ou a perda de seu afeto dependem de vários fatores. O mais importante destes é se houve uma reação energética ao fato capaz de provocar um afeto (2010i, p. 22).”

Com efeito, a Maria parece não ter consciência dos seus traumas de infância, ou se tem não transcreve em seu diário. O fato é que ela usa a palavra apenas para expressar momentos bons para ela, e mesmo quando a situação não é favorável, em que o outro a rechaça, ela coloca o outro em situação de vítima e traz para ela o ato da negação, de ter tomado a decisão, mesmo quando isso fica evidente em suas palavras que a decisão foi tomada pelo outro.

Freud (2010i, p.23)

O uso da linguagem comprova esse fato de observação cotidiana com expressões como “desabafar pelo pranto” [“sich ausweinen”] e “desabafar através de um acesso de cólera” [“sich austoben”, literalmente esvair-se em cólera”]. Quando a reação é reprimida, o afeto permanece vinculado à lembrança. Uma ofensa revidada, mesmo que apenas com palavras, é recordada de modo bem diferente de outra que teve que ser aceita. A linguagem também reconhece essa distinção, em suas conseqüências mentais e físicas; de maneira bem característica, ela descreve uma ofensa sofrida em silêncio como “uma mortificação” [“Kränkung”, literalmente, um “fazer adoecer”].

No caso da Maria, ela parece não reagir a raiva, ou a ira, ao longo dos diários pessoais não há presença de cólera, porém como a palavra é a melhor das expressões, e ela usa o diário confessional para expor suas rotinas, esse pode ter sido um aliado para o “desabafar”, sendo naquela situação “o ombro amigo”, como por exemplo no fragmento: “Pedro sempre conversando com aquelas amiguinhas dele”. Veja: Mesmo a Maria tendo saído com o Paulo, pela expressão “*conversando com aquelas amiguinhas dela*”, percebe-se que ela estava com ciúmes, e não à vontade com o fato de ter sido preterida, mesmo que em suas palavras ela diga que a opção foi dela, fica subentendido no ato falho, que o seu desejo, naquele instante, era está com o Pedro.

Dando sequência a narrativa, Maria continua contando como foram seus encontros seguintes com o Paulo, Pedro, e agora aparece um outro personagem: o Rafael. Dias após ela narra que o Paulo disse que poderia trocá-la por MX a sua irmã, confirmando, assim, o fato anterior, dela ser ciente que ele tinha algo com a sua irmã. Maria narra: *Paulo disse que não sabia se ia me satisfazer namorar com ele, mas que pra ele ia adorar. Disse que se fosse possível e se eu quisesse ele até poderia trocar a XXX por mim, disse que gostava de mim e eu era mais legal pra ele.*

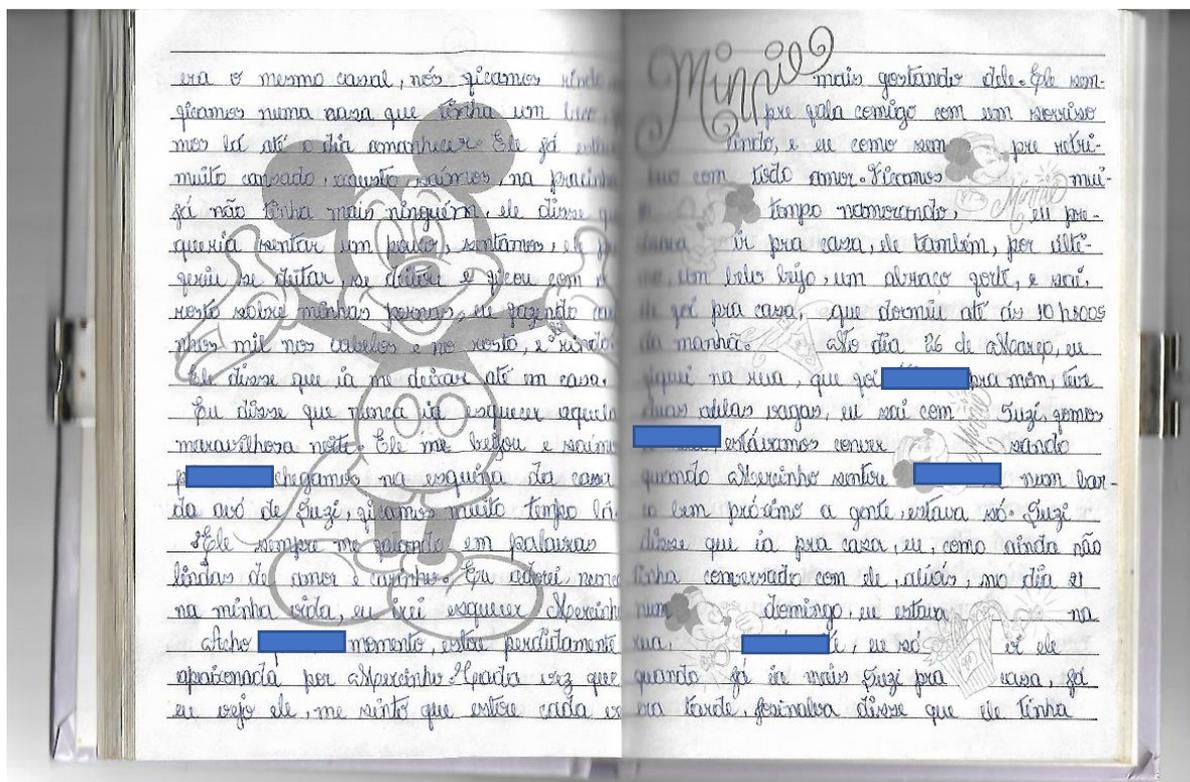
Pelo discurso transcrito a Maria se coloca como “sendo mais legal” do que a sua irmã, embora na transcrição, ela diga que foi o Paulo que disse. Como é comum em suas narrativas ela desprezar o outro e ostentar as suas qualidades, pelas análises do seu discurso, essa postura se repete em várias outras situações.

No dia 19 de março ocorreu mais um encontro, entre Maria e Paulo, conforme transcrição:

(...) então aconteceu o nosso primeiro beijo. Aquele beijo super suave e emocionante. Nesse momento, eu estava tão feliz.. fomos pra pacinha do colégio... estava sendo um namoro muito quente e apaixonante, muito romântico, era totalmente diferente de Pedro...

Perceba que mesmo ela se sentindo bem com o Paulo há a lembrança do Pedro, comparando-o, mesmo sendo rechaçada, no fundo ela o desejava, embora ele a desdenhasse. Tal situação entre os dois “Paulo” e “Pedro”, com o triângulo amoroso, prolongou-se durante todo o diário 1996-1997, com retomados em 1999. O triângulo amoroso foi encerrado quando o Paulo iniciou um namoro mais sério com outra garota. O relacionamento com o Paulo talvez tenha sido o “namoro” que chegou mais próximo de ser “estável”, haja vista tiveram outros encontros, todos tendo como cenário as ruas, escola ou festas.

Figura 26 – Segundo passo com Paulo....



era o mesmo casal, nós ficamos rindo, ficamos numa casa... até o dia amanhecer.. saímos da pracinha já não tinha mais ninguém... se deitou e ficou com o rosto sobre minhas pernas e eu fazendo carinhos nos

cabelos e no rosto... eu disse que nunca ia esquecer aquela maravilhosa noite...

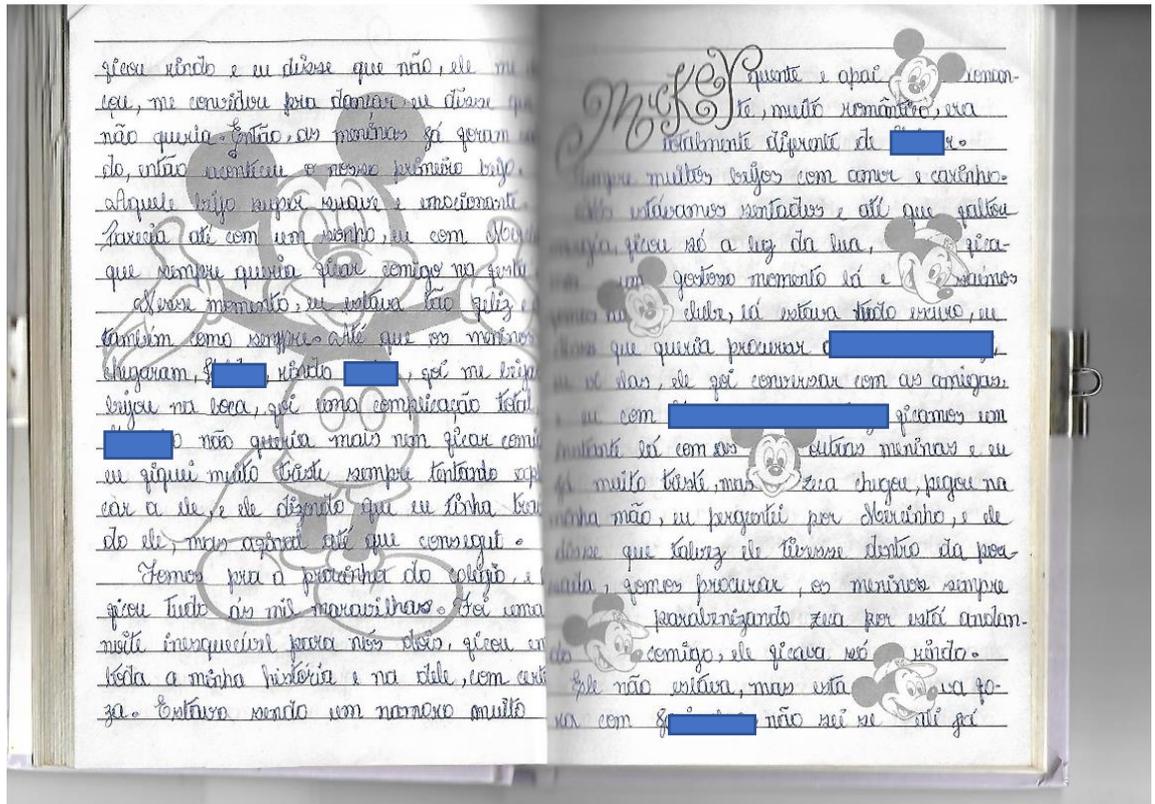
Nas páginas, da imagem acima, há o relato de uma forma terna de um dos encontros entre a Maria e o Paulo. Ela demonstra que está apaixonada por ele e que, aparentemente, vem sendo correspondida. Conforme, Blos (1998, p. 102)

Tanto o menino como a menina voltam-se agora, com maior vigor, para o objeto extrafamiliar libidinoso, isto é, o processo genuíno de separação dos laços objetivos maduros. O caráter marcante da adolescência inicial está na decaída dos objetos amorosos e incestuosos; assim, a libido objetiva que está solta, livre, clama por novas acomodações.

Assim, neste momento suprime-se no adolescente os desejos amorosos e incestuosos, passando, assim, a acomodar essas vontades em outros desejos. Dessa forma, como tudo que é novo é perturbador, esses desejos chegam aos adolescentes como pulsões. Em outras palavras, o superego “entidade controladora cujas funções são inibir e regular a auto-estima, diminuir de eficiência, deixando o ego sem orientações simples e permanentes da consciência.” (BLOS, 1998, p. 102).

Nesse sentido, Blos assevera que: “esse tema do conflito reflete a modificação das pulsões e a tentativa de colocá-los em harmonia com o ego, o ideal do ego, o superego e a condição somática da puberdade”

Figura 27 – Das pulsões à saciedade na adolescência



Fragmento:

foi uma noite inesquecível para nós dois, ficou em toda a minha história, com certeza. Estava sendo um namoro muito quente, muito romântico, era totalmente diferente de Pedro. Sempre muitos beijos com amor e carinho. Nós estávamos sentados e até que faltou energia, ficou só a luz da lua...

Percebe-se pela transcrição, acima, uma das características da Maria de descrever como são os seus encontros, de valorar a pessoa que está com ela naquele momento, comparando-o com os outros. Aqui, ela compara o Paulo com o Pedro, com os quais ela formará o triângulo amoroso ao longo das próximas páginas dos diários. Mesmo na escrita em prosa, ela traz imagens poéticas e subjetivas para a sua escrita, como por exemplo, o fato de ter faltado energia e a lua vir iluminá-los.

Assim, conforme Cândido *et al* (1981, p.16)

Como indicadora mais manifesta da ficção é por isso bem mais marcante a função da personagem na literatura narrativa (épica). Há numerosos romances que se iniciam com a descrição de um ambiente ou paisagem. Como tal poderiam possivelmente constar de uma carta, um diário, uma obra histórica.

Assim para Compagnon (2001, p.34) o critério do valor que inclui um texto, não é meramente literário ou teórico, é, sobretudo de cunho “estético, social, ideológico e de qualquer forma extra linguístico”. No dizer de Bakhtin (2006, p.63),

Uma análise mais aprofundada revelaria que as formas mínimas do discurso interior são constituídas por monólogos completos, análogos a parágrafos, ou então por enunciações completas. Mas elas assemelham-se ainda mais às réplicas de um diálogo. Não é por acaso que os pensadores da Antiguidade já concebiam o discurso interior como um diálogo interior.

Nesse sentido, esse discurso interior desse eu dialoga com os vários outros que habitam em si, sendo formados “por monólogos completos, análogos a parágrafos, ou então por enunciações (id.). Com efeito, é nesse interim que se constitui a partir da teia dialógica em que o eu se inscreve a partir do outro na linguagem nas esferas comunicativas que possuem estruturas “relativamente estáveis”.

5.2.1.3 Das traições “consentidas”

A Maria possui um perfil que caracteriza uma adolescente que tem Histeria, conforme exposto por Nasio (2008/2012), e analisado anteriormente, além de narcista, característica já intrínseca a quem possui a histeria. Nesse sentido, verifica-se que a Maria tem o seu ego bem afluído e o desejo latente em estar com o sexo oposto e, não só de se sentir desejada, mas verbalizar que todos os meninos que a cercam a deseja. Na narrativa que se segue é possível identificar tais características, em alguns trechos transcritos.

Para iniciar a análise dessa narrativa serão retomados alguns fragmentos para posterior análise: A narrativa se inicia no dia 24 de abril e prossegue até alguns dias após, tendo como cenário a praça e como personagens os amigos da escola e da cidade...

Fragmento 01:

“logo vi Paulo que olhou para mim, eu fiquei só num banco, muito triste... falei com Paulo, ele pegou na minha mão e falou comigo, disse que estava bem, e que estava maravilhosa como sempre...ficou de pé de frente a mim pegado na minha mão com muito carinho e emoção, eu realmente perdi totalmente o controle necessário de ver xx dando em cima de Paulo, mas tive de aceitar, estava tudo muito mais difícil do que eu imaginava, dizendo que eu não era confiável e também era fácil, que os meninos vinham dar em cima de mim e eu simplesmente aceitava com todo prazer, simplesmente, ele ficou muito chocado com o que

aconteceu quando eu estava com ele... ele só o que sabia falar era do meu beijo com Tiago, então foi para mim uma decepção... Eu com muito charme disse que não gostava de “saciedade” daquele tipo, ele disse que também não... Por fim, já não me dava atenção...”

No fragmento 01 dessa narrativa percebe-se como as pulsões da Maria são latentes, mas que ela consegue ter controle na ira e não agredir ninguém verbalmente, mesmo quando a situação vai de encontro ao que ela deseja. Ela narra o fato de Paulo questioná-la sobre o beijo na festa em outro amigo, quando estava “ficando com ele”. Ela narra que não gostou da amiga “dá em cima” de Paulo, assim:

Fragmento 02:

tive de aceitar, estava tudo muito mais difícil do que eu imaginava, dizendo que eu não era confiável e também era fácil, que os meninos vinham dar em cima de mim e eu simplesmente aceitava com todo prazer, ele ficou muito chocado com o que aconteceu quando eu estava com ele... ele só o que sabia falar era do meu beijo com Tiago, então foi para mim uma decepção...

Nesse fragmento percebe-se como a Maria não se sente culpada em ter beijado outro rapaz na frente do Paulo, e, conforme o trecho: *“ele só o que sabia falar era do meu beijo com Tiago, então foi para mim uma decepção...”*

Percebe-se pelo enunciado que no lugar dela tentar reverter, se é que este era o objetivo, ela ignora a reação de Paulo, dizendo que foi uma decepção ser questionada, entendendo que o fato não deveria nem ao menos ser questionado. Nesse sentido, os valores para ela são questionáveis, valores esses, que vão de encontro ao cristalizado socialmente, especialmente nos anos 90, em que as relações eram mais sólidas, do que as do momento contemporâneo, em que são mais fluídas e passageiras, com mais liberdades, inclusive, com relacionamentos abertos. Naquele período era mais comum ter namoro mais sólido e prolongado com o intuito da constituição da família.

Assim, como afirma Nasio (2011, p.38) “o histérico, na verdade, ele é um eterno “mal-amado”, assim, “o amor infeliz está sempre no âmago da histeria”. Nesse sentido, a escrita do diário pessoal para Maria confirma o exposto por Nasio (2011) que “é —quando conseguimos trazer com clareza a lembrança do fato que o havia provocado é despertar o afeto que o acompanhara”. Nesse sentido, de acordo com Nasio “o falo do adolescente histérico, o que ele preza acima de tudo, é seu próprio eu, seu amor-próprio (id.)”. Além disso, esse lugar

do dizer, como sendo social, cabe levar em consideração a valoração do que é posto pela Maria, uma vez que o pensamento-juízo, conforme Bakhtin (2016 b, p. 326)

Quando se analisa uma oração isolada, tirada de seu contexto, encobrem-se os indícios que revelariam seu caráter de dirigir-se a alguém, a influência da resposta pressuposta, a ressonância dialógica que remete aos enunciados anteriores do outro, as marcas atenuadas da alternância dos sujeitos falantes que sulcaram o enunciado por dentro. Tudo isso, sendo alheio à natureza da oração como unidade da língua, perde-se e apaga-se. Esses fenômenos se relacionam com o todo do enunciado e deixam de existir desde que esse todo é perdido de vista.

Assim, para se ter uma relação de um todo acabado, sujeito-texto, é preciso se ter além do que está dito nos registros escritos, haja vista as questões de produções interferem no texto, além das intenções do autor, dessa forma, o texto se relaciona com o todo, inclusive, com o que não é dito, seja de forma intencional ou não. Mesmo buscando se aproximar da real Maria da época e da completude do texto, o se terá é uma aproximação, nunca uma completude em sua significância, já que será feita uma interpretação a partir dos ditos e das pistas fornecidas.

É nesse interim entre o dito e o não dito, o signo interior e suas representações que a palavra na escrita intimista ganha contorno nos diários pessoais, em que o eu que se coloca, ao mesmo tempo que fala de um lugar único, no ato único, ele é plural e dialoga com vários outros contextos que não se repetem devido à singularidade do ato.

A Maria é sempre calma, age com precisão e pelos seus impulsos. Mesmo quando a situação não é favorável, ela não revida, ela simplesmente segue para outras relações de pertencimentos, se não for com o parceiro do momento, que seja um próximo. Chama-se atenção, especialmente, para o fato dela usar o termo *saciedade*, inclusive entre aspas: *Eu com muito charme disse que não gostava de “saciedade” daquele tipo, ele disse que também não... Por fim, já não me dava atenção...*

Na conversa com o Paulo, o seu suposto “namorado”, ela diz que não gostava de “saciedade daquele tipo”, assim, o uso desse termo chama atenção, por fazer parte do perfil do histórico, mas ao mesmo tempo, não se sabe se ela em qual significado ela utiliza nesse contexto, uma vez que ela diz que não gostava de se saciar daquele jeito. Dessa forma, há a possibilidade dela ter dito que não gostava de se saciar só “com um beijo roubado ou não”, ou em público, ou, ainda, se justificado pela possibilidade dela entender o erro, porém, essa possibilidade é posta em segundo plano, já que na hora do ato ela tentou se explicar e convencer o “namorado”.

De fato a Maria leva os seus impulsos e o seu “eu” como pontos mais representativos em sua escrita, para chegar ao seu objetivo, ela não se preocupa como e quem pode ser atingido.

Isso fica bem nítido, ainda, aos 12 anos, quando ela induz uma colega a escrever uma carta com a letra feia e coloca a culpa em uma terceira pessoa, que ela jugava está paquerando o seu alvo “paquerado”, e mesmo quando foi descoberta, não houve o pedido de desculpas ou arrependimento da atitude. Assim, o que era um desejo “frenético” passou a ser visto com menosprezo, como se pode ver na transcrição:

*Naquele dia ele estava ainda mais bonito do que nunca, quando eu via aqueles lábios lindos e suaves, me dava até certa vontade de beijar pelo resto das nossas vidas. Eu disse: Paulo mais uma coisa você conseguiu! Ele disse: te deixar irritada? Eu sugeri que não que simplesmente teria sido deixar de gostar de Pedro. Ele disse: Senão você já estaria obcecada, eu afirmei, rindo. **Eu disse que pelo menos queria ganhar a amizade dele, ele me destrutando muito, disse que estava bom... eu sai com os olhos cheios de lágrimas, foi um arrazo para mim, eu só consegui pensar...***

No fragmento acima, percebe-se que embora a Maria se sinta atraída pelo Paulo, ela parecia gostar do Pedro, e isso era do conhecimento dos dois, ainda que essa afirmação seja compartilhada pelos dois (Pedro e Paulo) embora Pedro parece não compatilhar da mesma afeição em relação à Maria. Ao ler todas as narrativas os três personagens constituem um triângulo amoroso, no qual o Paulo parece nutrir um sentimento mais verdadeiro pela Maria, mas que devido ao seu comportamento duvidoso, desleal nas suas relações, especialmente, no que tange a Pedro, ele procura não se envolver mais sério e acaba se afastando. Já no caso do Pedro, parece que para ele é como se fosse apenas uma das formas de provar que ele era o desejado, então quando Maria iria se estabilizando com o Paulo, ele aparecia para desestabilizá-la, conseguia o queria e sumia novamente.

Percebe-se, ainda, que o desejo da Maria pelo Pedro se sobressaia, em relação ao de Paulo. E que este, ainda, estava magoado com o fato do beijo dado em outro rapaz, em uma festa na sua frente, isso demonstra que a situação não foi digerida por ele e que o magoou. Mesmo assim, a Maria não consegue vê o lugar do Paulo, o direito dele está ofendido. Para ela o que importa é apenas o seu desejo, o seu “eu”, a vontade de se saciar e querer beijá-lo. No fragmento: “Eu disse que pelo menos queria ganhar a amizade dele, ele me destrutando muito, disse que estava bom... eu sai com os olhos cheios de lágrimas, foi um arrazo para mim, eu só consegui pensar...”

Fica nítido que ela não se importa para o sentimento do Paulo e que não se incomodava pelo fato dele está magoado pelo beijo, ao dizer que queria a sua amizade, e na concordância do Paulo, ela entende isso como uma ofensa, caracterizado pelo termo “ ele me destrutando”.

Nas palavras de Nasio (2011, p.38) “Quanto à garota, não é seu charme nem sua capacidade de seduzir que ela teme perder, nem sequer o amor de seu companheiro, tudo coisas que ela poderia eleger como falos. Não, o falo para um adolescente ou uma adolescente é, insisto, seu próprio eu.”

Assim, a sua única preocupação é o seu eu, e como ele está acima de tudo e não pode ser rechaçado, renegado, dessa forma, a culpa ou o direito do outro não são assimilados, uma vez que para ela o “seu eu” é o que importa.

Passando alguns dias, iniciou-se com o Paulo a reconciliação, e mais uma vez o clima de romancesguido de traições. Como se pode verificar na transcrição.

Dia 27 de abril... vi Paulo.. vinha andando, veio até onde eu estava, eu falei educadamente com ele, ele ficou por trás de mim e botou os braços sobre os meus ombros, eu fiquei tão feliz, que não podia nem acreditar, ele realmente estava muito romântico, foi simplesmente maravilhoso o clima de amor e carinho....eu conversei muito com ele a sós... finalmente chegou a hora de eu ir... dei um beijo chiquerrimo no pescoço, sai tão feliz que mais ninguém poderia me dar aquela alegria...

Quando parecia que estava havendo o perdão por parte de Paulo, a remissão por parte da Maria em querer agradá-lo, reconhecendo do seu modo o seu erro, eis que Pedro reaparece e ela acaba mais uma vez cedendo aos seus impulsos.

Nesse sentido, Nasio (1991, p. 33) assevera que “se pensarmos agora nas mulheres históricas, o paradoxo parecerá muito mais complicado e obscuro. De fato, a multiplicidade de aventuras amorosas com algumas mulheres contrasta com o sofrimento manifestado por diferentes tipos de inibições”.

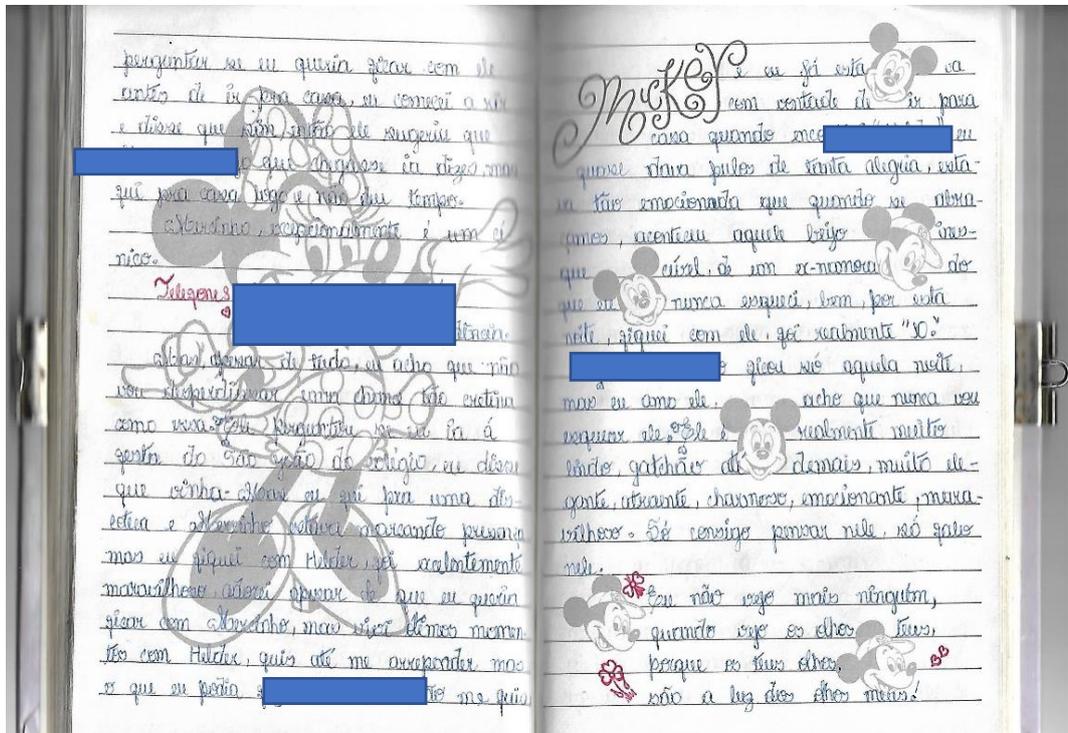
Retomando o pensamento de Blos (1994, p.10) “a qualidade fálica de sua sexualidade é destacada nessa frase e lhe proporciona, por um breve período um sentimento excepcional de adequação e plenitude”. Além de “a pré-puberdade da menina com o período de maior liberdade em relação à sexualidade infantil (...)”, nesse sentido, na adolescência ela vai em busca de saciar o que fora reprimido, tornando real o seu desejo de viver aquela primeira ânsia que foi impedida na fase edipiana.

Blos (1994) explica que “a ambivalência tão característica da adolescência compreende não só a alternativa amor-ódio, como também se manifesta com pungência ainda maior da polaridade das metas instituídas ativa e passiva. (...tanto para o menino, quanto para a menina). É importante salientar que a transferência dos objetos primários do núcleo familiar, para a projeção para outros, externos a esse núcleo, encontrará empecilho do ego do adolescente,

“produzindo mudanças catéticas que influenciam tanto nas representações objetais existentes como a auto-representação. Assim, o sentimento do eu, ou sentimento de identidade, adquire uma instabilidade até então desconhecida. (Id. p.77)”

É nessa relação de instabilidade do eu e do desejo que a Maria alicerça a sua relação com o seu triângulo amoroso, o pêndulo dela em relação a um dos dois vai de acordo com a sua pulsão do desejo do momento, como se pode ver na figura 30, da página do diário abaixo, ela mais uma vez retorna com o Pedro, mesmo estando em vias de se reconciliar com o Paulo.

Figura 28 – Retornando ao triângulo amoroso: Eu, Paulo e Pedro- eis a questão



Para contextualizar a página, do diário acima, será transcrita alguns gramentos anteriores do diário da Maria:

Fragmento 1:

Até que dia 13/05/98 houve 1 aula vaga, sai e quando cheguei à praça estavam: Paulo, Pedro e Tiago, até que os outros saíram e só ficamos eu e Pedro, ele me chamou e disse que Paulo mandou perguntar se eu queria ficar com ele antes de ir para casa, eu disse que sim...
Paulo, excepcionalmente, é um cinico...

No fragmento acima, percebe-se que o Pedro volta ao cenário do triângulo, como a escrita é livre e tem fragmentos de ficção, não se pode atestar a veracidade de todas as falas colocadas, porém quando a Maria coloca que o Paulo saiu com os demais colegas e a deixou só com o Pedro, pode-se pensar duas situações: 1- Ele a estava testando para ver se ela realmente não era “fácil”, pois sabia que o Pedro iria investir nela; 2- Ele havia virado a página e resolvido sair de cena. Destaca-se para outro fato: ele ter deixado recado com o rival para saber se a Maria queria ficar com ele. Possíveis situações: o Pedro agora que estava testando a Maria ou o Paulo estava testando o Pedro. Em qualquer uma das hipóteses, a Maria achou que era cinismo apenas da parte do Paulo querer saber se ela queria ficar com ele, e mandar o recado pelo rival, sem cogitar a veracidade da postura do Pedro. Nesse dia ela acabou indo para casa sem se nenhum dos dois.

Fragmento 2: (dias após...)

... eu fui para uma discoteca, Paulo estava marcando a presença, mas eu fiquei com Pedro... apesar de que eu queria ficar com Paulo, até quis me arrepender, mas o que podia fazer.. Paulo não me quis..eu já estava indo para casa, quando vi Pedro, eu quase dava pulos de tanta alegria, estava tão emocionada que quando se abraçávamos, aconteceu aquele beijo inesquecível, de um ex-namorado que eu nunca esqueci.... E Paulo ficou só aquela noite, mas eu amo ele, acho que nunca vou esquecer ele...

*Eu não vejo mais ninguém
Quando vejo os olhos teus
Porque os teus olhos,
são a luz dos olhos meus*

No fragmento 2, acima, infere-se como a Maria é vulnerável ao Pedro, em uma situação pública, sentiu-se rejeitada pelo Paulo, que, provavelmente, estava chateado, e ela acabou cedendo aos impulsos para o Pedro. Nessa passagem há uma situação que chama atenção: o fato dela dizer que até “quis se arrepender”. E o fato dois e que afirma as impressões deixadas em sua escrita é que ela nunca esqueceu o Pedro. Como citado no trecho “*eu quase dava pulos de tanta alegria, estava tão emocionada que quando se abraçávamos, aconteceu aquele beijo inesquecível, de um ex-namorado que eu nunca esqueci....*”

Por fim, ela afirma que ama Paulo e que não vai esquecê-lo, e constrói um verso

*“Eu não vejo mais ninguém
Quando vejo os olhos teus”*

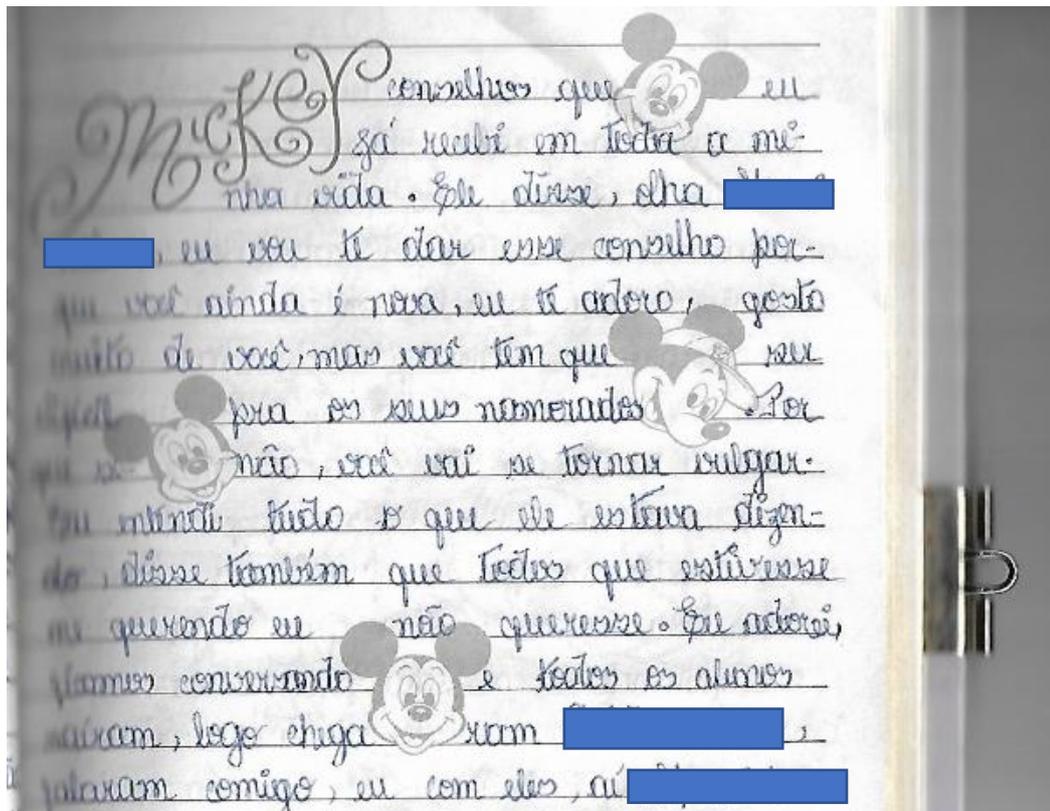
O interessante no verso é que vai de encontro a sua postura histórica, de buscar saciar-se com o Pedro e outros. Bloss (1998, p. 103),

Nessa idade, os valores, padrões e leis morais adquirem apreciável independência com relação à autoridade dos pais, tornaram-se egossintônicos e operam em parte dentro do ego. Não obstante, na adolescência inicial o autocontrole ameaça entrar em colapso e, em casos extremos ocorre a delinquência.

É exatamente nesse liame entre as novas descobertas e a libido objetal que a Maria é transgressora, pensando que o recorte temporal é da década de 90 e início dos anos 2000. Se na atual conjuntura o lugar da mulher ainda é espaço de preconceitos e restrições, imaginem esse lugar há quase duas décadas? Certamente a adolescente tinha um lugar mais vigiado, castrador e punitivo, haja vista a mulher era criada para o casamento e procriação, como foi visto no contexto socio-histórico da mulher. Dessa forma, a mulher que se relacionava com muitos pretendente era rotulada como “vulgar” e “fácil”, como o próprio Paulo pontuou, aconselhando-a a mudar a sua postura. Assim, torna-se fulcral refletir sobre o lugar dessa adolescente em seu tempo e como ela dialogava com tudo que a envolvia. Nesse sentido, para os valores e padrões da época a adolescentes ainda era para sair da casa dos pais e ser encaminhada para o casamento, sair da tutela do pai e ir para o esposo. Ademais, por se tratar de uma cidade do interior onde os padrões familiares são mais rigorosos. Tal fato fica evidente na fala do Paulo quando a questiona sobre o fato dela ser “fácil” para ela não se tornar “vulgar”.

Como se pode ver no fragmento abaixo transcrito do diário:

Figura 29 – Conselho machista x aceitação



Fragmento:

olha Maria eu vou te dar esse conselho, porque você ainda é nova, eu te adoro, gosto muito de você, mas você tem de ser difícil para os seus namorados, porque senão você vai se tornar vulgar.... Eu entendo tudo que ele estava dizendo, disse também que todos que estivesse me querendo, eu não queresse. Eu adorei...

Do trecho acima pode-se inferir como os valores ainda eram impregnados nos costumes sociais patriarcais, na verdade, esse lugar da mulher o quanto objeto sexual, embora seja ostentado pelos homens, e pela mídia, o quanto produto de “consumo”, isto ainda é cristalizado com sinônimo negativo, uma vez que, as mulheres ainda são vistas como o fato de a mulher “boa” é aquela que sai da tutela do pai e “passa para a do seu marido”, sendo ele o único homem a possuí-la, de preferência sendo virgem. Então, por muito tempo a virgindade da mulher foi sinônimo de ostentação e do valor da mulher. A jovem que perdia a virgindade antes do casamento era rotulada, como uma mácula para a família. Nos diários não há presença que demarque que a Maria nesse período perdeu a sua virgindade, porém há o que o Pedro nomeia

como “sendo fácil” e, por ela ser nova ainda pode mudar o seu comportamento e não “se tornar vulgar”.

Nesse sentido, a presença do machismo e do patriarcalismo se faz presente tanto na fala do Pedro, como da própria Maria que diz que entendeu e que “adorou” o conselho. Embora nas próximas páginas do diário ela não o seguiu e o trocou várias vezes pelo Pedro e outros, até que ele, o Paulo, decidiu se afastar dela. Na verdade, talvez a tentativa do conselho foi para que ela pudesse seguir leal a ele e ao relacionamento deles, como ela não o fez, ele seguiu para próximas namoradas tidas “como sérias e de família”.

Assim, tal postura dialoga com Lerner (2019) quando aborda o lugar da mulher na História e a teoria do patriarcalismo, onde a mulher é tida como mão de obra do lar, para o cuidado da casa e da família. Dessa forma, ele postula que:

O patriarcado mantém e sustenta a dominação masculina, baseando-se em instituições como família, as religiões, as escolas e as leis. São ideologias que nos ensinam que as mulheres são naturalmente inferiores. Foi por exemplo por meio do patriarcado que se estabeleceu que o trabalho doméstico deve ser exercido por mulheres, e que não se deve ser remunerado, sequer reconhecido como trabalho. (LERNER, 2019, p. 18)

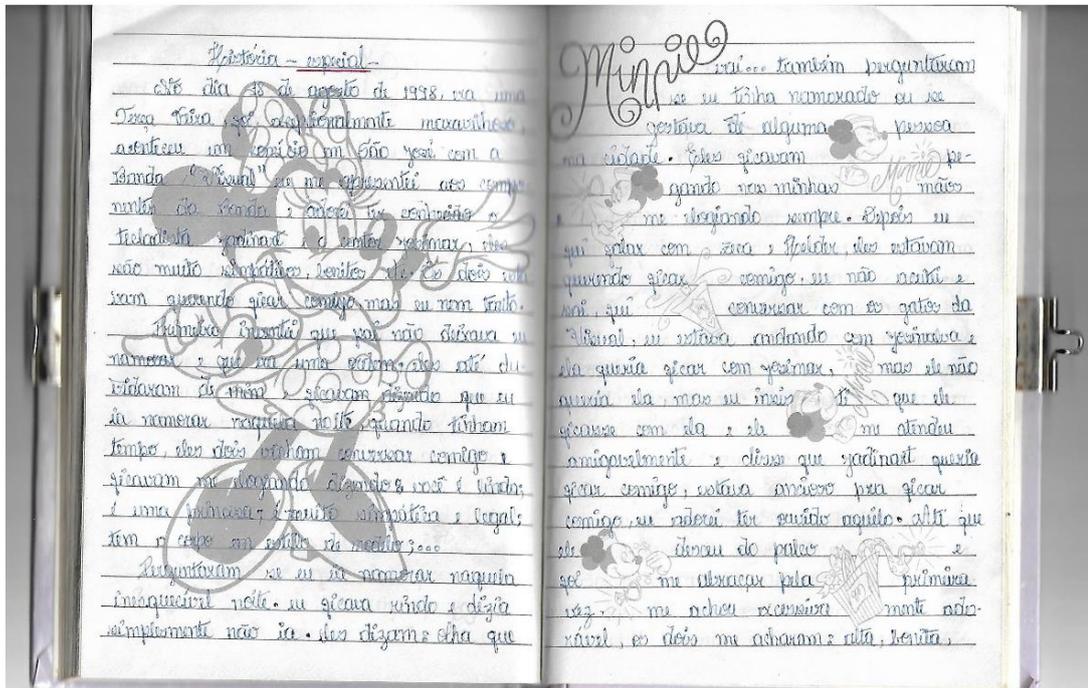
Percebe-se na fala do Paulo que ele questiona a postura da Maria, e não a dele, que também faz parte do mesmo grupo, e de certo modo compactua com o jogo vivido no triângulo amoroso, e “os casos” fora dele, haja vista ele também se envolve com outras meninas, nos cenários e enredos envolvidos nas narrativas.

Lerner, ainda, postula (2019, p.183),

A dependência vitalícia que as mulheres tinham de seus pais e maridos estabeleceu-se de forma tão firme na lei e no hábito, a ponto de ser considerada ‘natural’ e uma dádiva divina. Para mulheres de classe baixa, sua força de trabalho estava a serviço da família ou de quem possuísse a servidão de sua família. Suas funções sexuais e reprodutivas foram transformadas em mercadoria, comercializadas, alugadas ou vendidas conforme interesse dos homens da família.

Nos diários embora haja poucas falas do lar da Maria, em alguns momentos ela diz ter arrumado a casa, ter feito almoço no lugar da mãe, quando ela não estava em casa. Em outros momentos ela se diz cansada, ficando, assim, bem evidente o papel da menina, como “a mulherzinha do lar”, assumindo o papel do cuidar da casa e da família, em oposição ao papel do menino que não tem as mesmas atribuições nem domésticas, e nem em assumir o papel do homem da casa.

Figura 30 – Novo pretendente em comício- Real ou imaginário?



A figura 31 é o recorte de uma narrativa intitulada como “História Especial” e analisada pelo viés do misto entre a ficção e a realidade, tem como marco temporal 1998, e como cenário um comício, no qual a Maria narra que conheceu os participantes da banda e se envolveu com um dos componentes.

*...eu me apresentei aos componentes da banda e adorei ter conhecido o tecladista xx e o cantor yy eles são muito simpáticos, bonitos e etc. Os dois estariam querendo ficar comigo, mas eu nem tanto. Primeiro inventei que pai não deixava eu namorar e que era uma ordem... eles até duvidam de mim e ficavam dizendo que eu ia namorar naquela noite, ... quando tinham tempo, eles vinham conversar comigo e ficavam me elogiando: você é linda, é uma princesa; é muito simpática e legal; tem o corpo em estilo de modelo... Depois fui encontrar **Pedro e Tiago estavam querendo ficar comigo, mas eu não quis...fui conversar com os gatos da banda... yy queria ficar comigo... até que ele desceu do palco e foi me abraçar pela primeira vez, me achou excessivamente adorável, os dois me acharam: alta, bonita, educada, bem modelo mesmo..yy desceu do palco e foi logo correndo para o meus braços..xx como muita inveja comentava: ela não vai resistir..começou no excesso dos beijos, no rosto, quase na boca, totalmente na boca, eu não resisti, ele me abraçou forte e eu correspondi o beijo, foi maravilhoso, um beijo que eu jamais tinha provado.. xx disse com todo respeito que queria um lugar mais reservado para nós ficarmos...então saímos pelas ruas conversando sobre nós dois, até que paramos por trás da padaria e ele me beijou..eu fiquei super feliz quando ele disse que não gostava da maneira de que ela se comportava, disse gostar do meu comportamento eu sorri espontaneamente e ele me beijou provavelmente.***

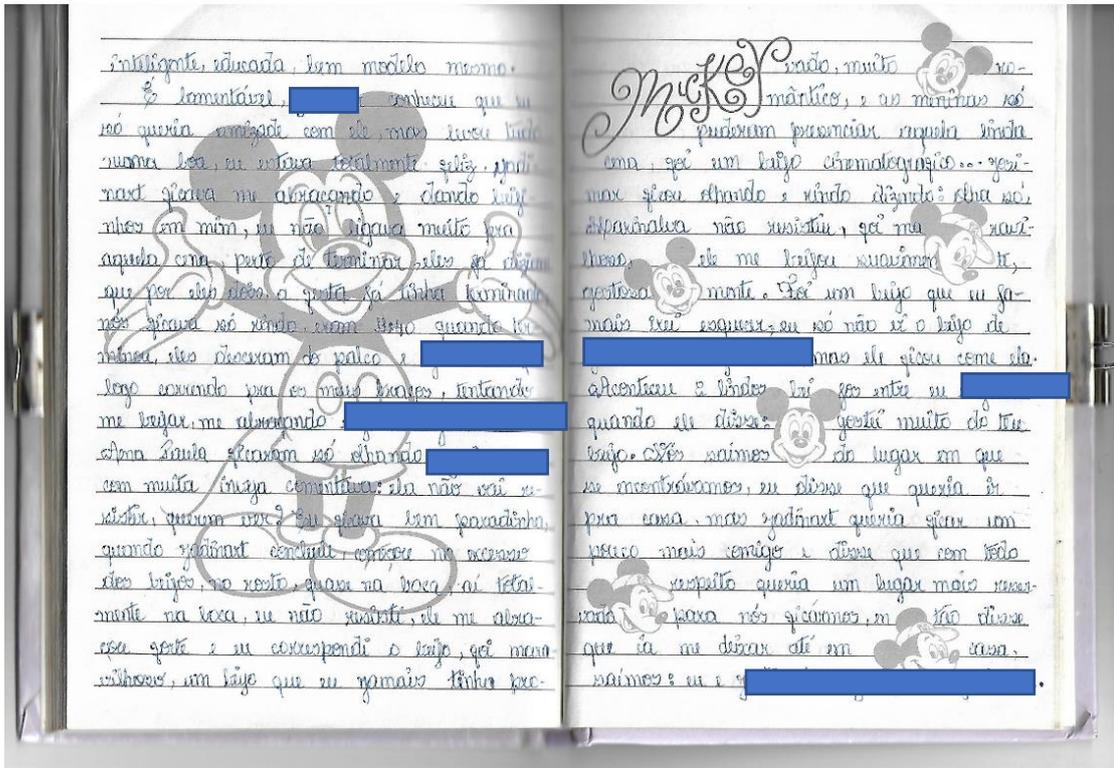
Na narrativa acima percebe que se passa em um comício na cidade. Segundo a narrativa a Maria conhece os participantes da banda e acaba por namorar, naquela noite, um deles. Pela primeira vez, ela descreve que ver o Pedro e opta por não ficar com ele, descrevendo como foi que namorou o rapaz que era de outra cidade. Mais uma vez, o eu da Maria é condicionado para os elogios a si, como no trecho: *me achou excessivamente adorável, os dois me acharam: alta, bonita, educada, bem modelo mesmo...*

Percebe-se que no final ela diz “bem modelo mesmo”, desejo bem premente a ela, de se sentir e ser “a modelo. Assim, pode ser que haja muito de sua imaginação, agindo de forma inconsciente na narrativa, e que isso seja um desejo dela, e não necessariamente um fato real. Além disso, no fim da descrição acima, ela usa o termo “provavelmente”, marcador linguístico que marca a possibilidade, e não que algo, verdadeiramente, aconteceu. Apota-se para o fato do narrativa ser intitulada como “História especial”, e que há marcas de possíveis delírios de adolescentes como o desejo de namorar cantores. Além disso, ao fim do diário há a lista dos nomes dos rapazes que ela se envolveu e não aparece o nome do XX como possível “namorado” ou que quis ficar com ela. Assim,

Uma das diferenças entre o texto ficcional e outros textos reside no fato de, no primeiro, as orações projetarem contextos objectuais e, através destes, sêres e mundos puramente intencionais, que não se referem, a não ser de modo indireto, a sêres também intencionais (ônticamente autônomos), ou seja, a objetos determinados que independem do texto. Na obra de ficção, o raio da intenção detém-se nestes sêres puramente intencionais, samente se teferindo de um modo indireto — e isso nem em todos os casos — a qualquer tipo de realidade extraliterária. (CÂNDIDO, et al. 1981, p.9-10)

Nesse sentido, a ficção e a realidade se mesclam na narrativa, mostrando a forma intencional da Maria criar suas “histórias” e tecê-las a partir dos seus desejos. Ademais, mais uma vez, a necessidade da Maria se auto elogiar e explorar suas qualidades, apontando o desejo dos rapazes em relação a ela se detaca no texto, mostrando seu perfil narcisista, tópico que será abordado na próxima análise.

Figura 31 – do desejo ao delírio narcisista



Na figura 32 há a narrativa de uma possível história criada, como um desejo, delírio de uma adolescente. Em um dos trechos a Maria diz:

Eles dedicaram uma música que por sinal é adorada por mim: “animal faminto”...fiquei apaixonada por XX foi muito difícil para ele ter namorado comigo, mas na despedida eu quase morria, mas eu não posso fazer nada. Os rapazes de SJ só puderam olhar a gente e lamentar terrivelmente...

Ela encerra a narrativa dizendo que foi muito difícil, contrariando, assim, a fala do Paulo que a chamou de “fácil” e que ela ficava com qualquer um, ela ainda diz que os rapazes lamentavam terrivelmente, fazendo, assim, alusão ao desejo de todos por ela e, como ela optou por namorar o rapaz de fora os demais só poderiam lamentar.

Outro ponto, é que mais uma vez, ela cita uma série de elogios para ela, e descreve como que a postura da amiga não é a ideal, sendo assim, caso o fato seja verídico, ela colocou a pessoa que acabara de conhecer contra uma “amiga”. Além disso, pela primeira vez ela se insinua como modelo, essa vontade virá mais forte e representativa nos próximos diários pessoais. Enfatiza-se o fato da Maria sempre está atribuindo os mesmos elogios, como por exemplo, enfatizando suas características físicas, citadas lá na página do primeir diário destinada ao “meu perfil”. Nesse sentido, tais elogios podem ser mais a forma que ela se vê, do que necessariamente os outros.

Conforme Freud (2010d) em tecer sobre o Narcisismo,

A conclusão que pede nossa teoria, de que a predisposição a adoecer de melancolia, ou parte dela, reside na predominância do tipo narcísico de escolha de objeto, infelizmente ainda carece de confirmação através da pesquisa (...) Se nos fosse permitido supor que a observação concorda com nossas inferências, não hesitaríamos em acolher em nossa caracterização da melancolia a regressão do investimento objetal à fase oral da libido, ainda pertencente ao narcisismo. Identificações com o objeto também não são raras nas neuroses de transferência, são mesmo um conhecido (2010d, p. 134).

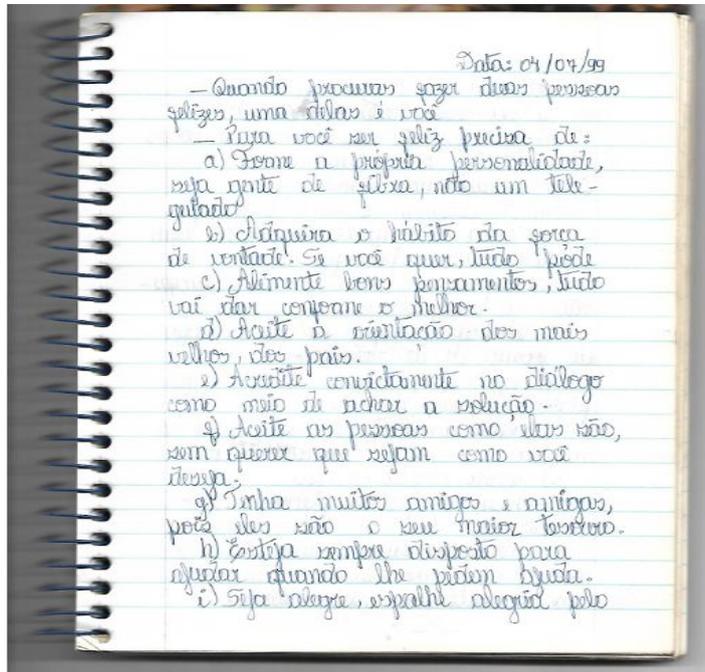
No desfecho dessas análises abordaremos o estado de melancolia correlacionando-o com a histeria e o narcisismo, haja vista, devido ao fato da Maria não conseguir se satisfazer em seu sonho, ela entrará em estado melancólico.

5.2.1.4 Recortes dos diários pessoais (02 e 03/ Período 1999- 2000) : Os anos passaram e o que mudou em Maria e na sua escrita intimista?

Diferentemente do primeiro diário pessoal com registros entre 1996-1997 que possui cadeado, como o típico diário pessoal da década de 90, com a função de guardar os segredos, os dois próximos diários pessoais que serão analisados não possuem cadeados e os registros foram feitos em um caderno pequeno. Nesses dois próximos diários a Maria continua com o perfil narcisista, porém mais acentuado do que nos três primeiros anos registrados. Além disso, há mais marcas de escrita poética, com escrita de versos. Percebe-se, também, que as fases voltadas para os rapazes e a frenética troca de namorados efêmeros ficaram mais espaçadas. Assim, há momentos que ela se diz sozinha e triste que ninguém a quer mais. Além disso, há a presença mais forte da religiosidade sempre descrevendo momentos com Deus, idas às Missas ou as ouvindo no rádio. Também é perceptível a retomada da aproximação com o núcleo familiar, com a presença das descrições em sua casa do sítio e da lida com o trabalho doméstico.

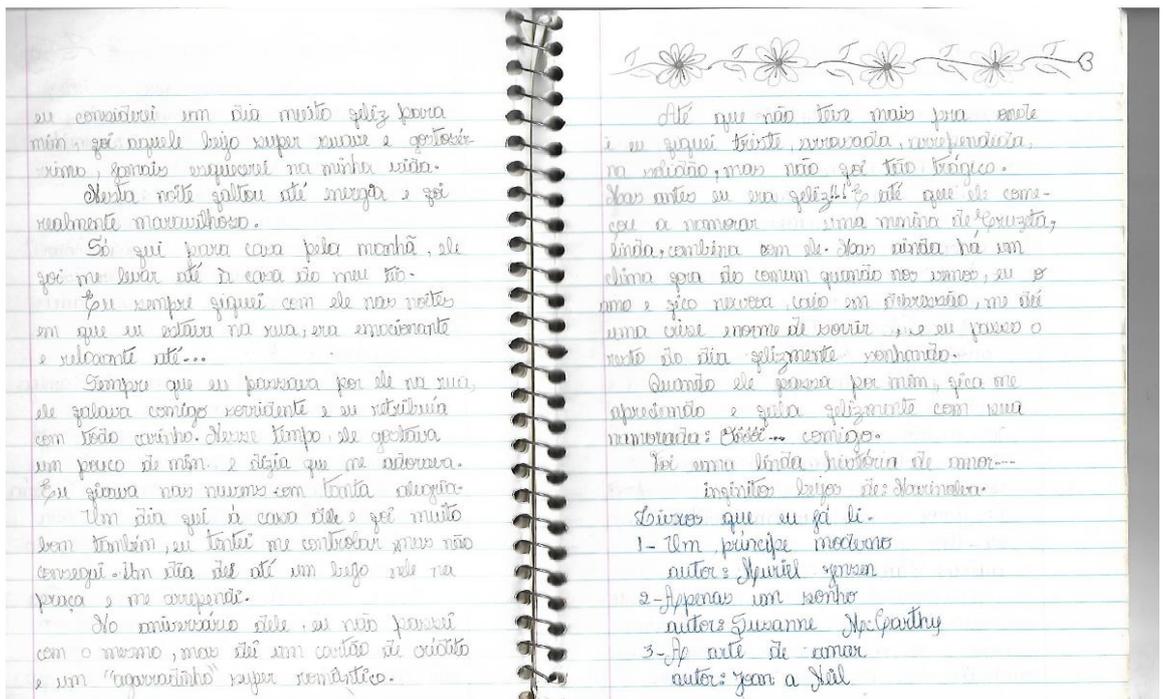
Essa fase da escrita dos diários tem como término o réveillon de 2000 e com a nova idade dos 17 anos. Os registros desse período são anos mais tranquilos no que tange às pulsões, não que não haja registros, tem sim, alguns, mas não essencialmente encontros amorosos e festas como no diário anterior. No último diário o foco está voltado para o desejo de ser modelo, com características para o narcisismo e a religiosidade com mais ênfase.

Figura 32 – Como ser Feliz?



Em 1999 ela registra uma “receita” para ser feliz, elencando algumas “dicas” a serem seguidas. Como na década de 90, esse tipo de publicação, era muito comum nas revistas voltadas para o público adolescente, então é possível que essas dicas, não sejam da Maria, mas, sim, vistas e copiadas de algum outro meio.

Figura 33 – novos romances e decepções

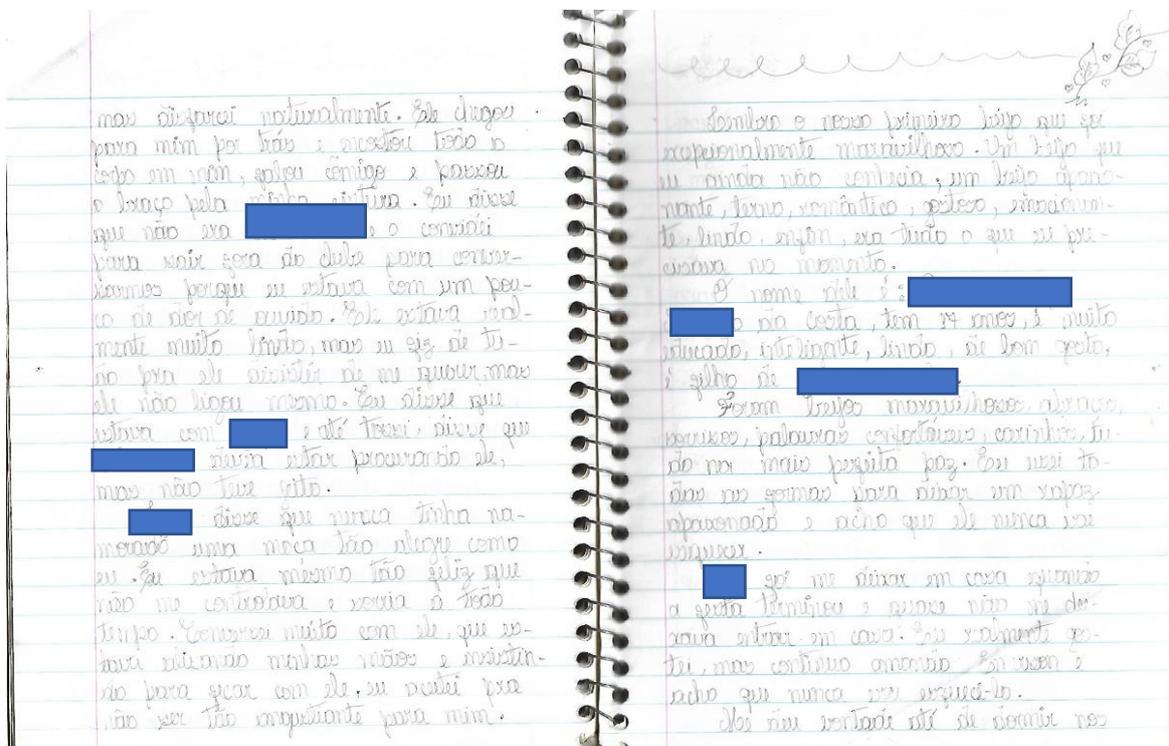


Fragmento:

...eu considerei um dia muito feliz para mim, foi aquele beijo super suave e gostosíssimo, jamais esquecerei na minha vida. Nesta noite faltou até energia e foi maravilhoso... eu sempre fiquei com ele nas noites em que eu estava na rua, era emocionante e relaxante até... nesse tempo ele gostava de mim e dizia que me adorava...um dia fui à casa dele e foi muito bom também, eu tentei me controlar, mas não consegui. Um dia dei até um beijo nele na praça e me arrependi...Até que não tinha mais pra onde ir, e eu fiquei triste, arrasada, arrependida, na solidão, mas não foi tão trágico...antes eu era feliz..

No fragmento percebe-se que a Maria experimenta a decepção de ser trocada, ela narra como era feliz e como ficou quando foi trocada. Infere-se pelo texto que mesmo sendo preterida, ela continua dizendo que ele a aprecia. No trecho há uma novidade, os registros das suas leituras, fato este, que continuará presente nos diários pessoais, visto que ela se torna uma leitora nata, de obras bem peculiares, com um gosto apurado pelos livros. A Maria passa a elencar algumas obras que já lidas, essa descrição percorrerá ao longo do diário.

Figura 34 – Novo “amor”



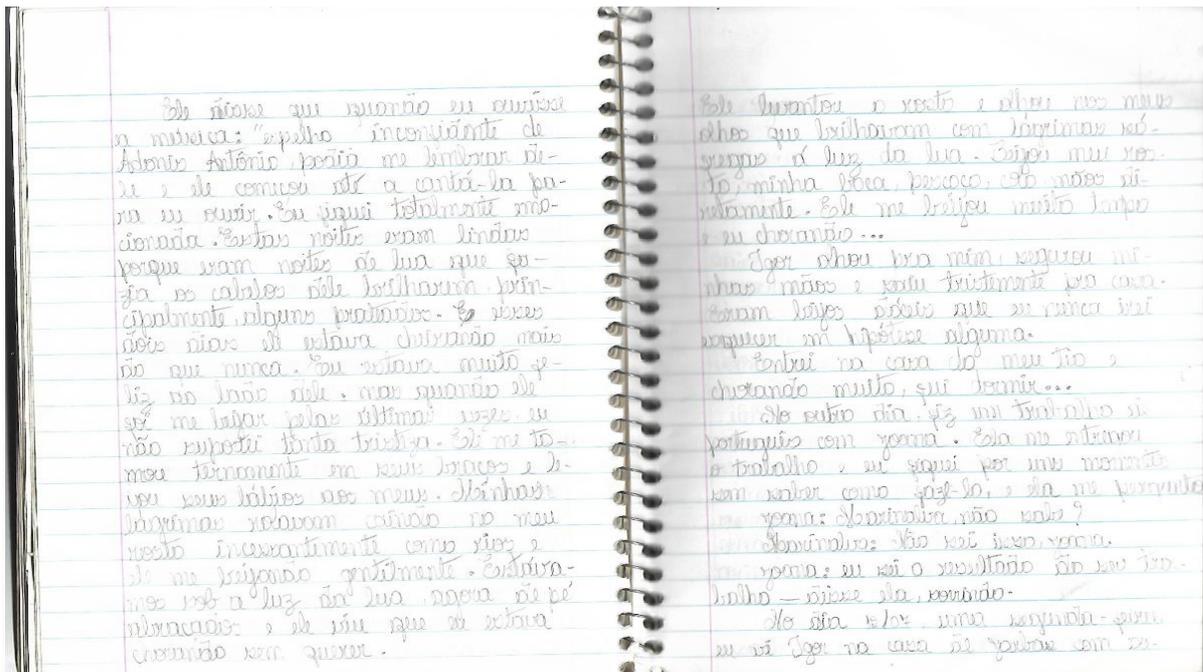
Fragmentos:

... ele chegou por trás e encostou todo o corpo em mim, falou comigo e passou o braço pela minha cintura...eu disse que não era XXX e o convidei para sair fora do clube... ele estava realmente muito lindo...eu fiz de tudo para ele não me querer... João disse que nunca tinha namorado uma moça tão alegre quanto eu...ele estava insistindo...eu aceitei para não ser tão angustiante para mim... Lembro do nosso primeiro beijo que foi excepcionalmente maravilhoso. Um beijo que eu ainda não conhecia, terno, romântico, gostoso, emocionalmente lindo, era tudo que eu precisava naquele momento... eu usei todas as formas para deixar um rapaz apaixonado e acho que ele nunca vai esquecer...

No trecho acima há marcas da escrita intimista que ainda conservam as mesmas características da autoria dos primeiros anos do diário de 1996-1999, fazendo usos de adjetivos para descrever os encontros, o namorado e a si mesmo. Se observar a transcrição dos beijos, em todos os momentos da sua escrita são semelhantes, todos com uma sequência de adjetivos, e sempre dizendo que “foi único” de uma forma que não conhecia.

Percebe-se que a sua característica de autoria na prosa foi aprimorada, há uso de recursos estilísticos descritivos que mostram a gradação dos fatos, além do domínio da norma da língua portuguesa, com uso de vocabulário que demonstra o alto nível de leitura para a sua idade. Ao fim do recorte, chama-se a atenção para o fato dela manter a característica de querer seduzir e se mostrar encantadora para os homens que se envolve.

Figura 35 – Dos beijos ao luar: características poética na prosa



Fragmento:

(...) estas noites eram lindas porque eram noites de lua que faziam os cabelos deles brilharem... e esses dois dias ele estava cheirando mais do que nunca..eu estava muito feliz ao lado dele, mas quando ele foi me beijar...eu não suportei tanta tristeza...ele me tomou ternamente em seus braços e levou seus lábios aos meus...minhas lágrimas rolaram caindo em meu rosto incessantemente como rios.. estávamos sob a luz da lua agora, de pé abraçados e ele viu que eu estava chorando sem querer...Ele levantou o rosto e olhou nos meus olhos que brilhavam com lágrimas sôfregas sob a luz da lua. Beijou minha boca, pescoço, colo, mãos... João olhou para mim, segurou minhas mãos e saiu tristemente...

No último recorte destinado às análises de como a Maria se insere como autora aos 16 e 17 anos, percebe-se o amadurecimento tanto dela como sujeito e como isso reflete na sua escrita. Há o uso de termos que não são comuns para a sua idade, mas que são refletidos nela, por meio do seu universo de leitora. Nessa fase, ela cria o hábito da leitura, inclusive, nos diários há espaços destinados às leituras das obras, onde ela enumera todos os livros já lidos, assim, o seu léxico foi ampliado consideravelmente. Na transcrição acima é um exemplo do seu progresso na escrita intimista, em especial, na prosa, que é como se constituem as narrativas. A Maria ainda traz na sua escrita as características das suas narrativas amorosas, mesmo que nessa fase estes encontros ficaram mais escassos. Assim, permanecem as descrições, a presença da lua e de sempre faltar energia para que a lua possa iluminar o casal. Como é um fato repetitivo, possa ser que seja fictício para acentuar a beleza da descrição na escrita da prosa dando efeito poético.

O exemplo acima é de uma riqueza descritiva e de uma tessitura textual que se aproxima da escrita de obras romanescas, com descrições bem delimitadas e desenvolvidas e com vocabulário e organização estrutural bem acabados. Além disso, traz vocabulário inovador que dá um peculiar acabamento à escrita. No fragmento: *“Ele levantou o rosto e olhou nos meus olhos que brilhavam com lágrimas sôfregas sob a luz da lua...”*

Tal fragmento demonstra a veia da poetiza e de como a Maria substituiu termos como o excesso do uso de adjetivos e advérbios, nos primeiros anos da sua adolescência, para construções bem acabadas e poéticas, sempre tendo como enredo os encontros amorosos e como testemunha a lua.

O termo “sôfregas”, por exemplo, não é um vocábulo comum, é uma característica da literatura, isso demonstra que a Maria tem o domínio da leitura, e sobretudo, de recursos literários para desenvolver tal escrita intimista.

Retomando Cândido (2006, p.15),

Como indicadora mais manifesta da ficção é por isso bem mais marcante a função da personagem na literatura narrativa (épica). Há numerosos romances que se iniciam com a descrição de um ambiente ou paisagem. Como tal poderiam possivelmente constar de uma carta, um diário, uma obra histórica. É geralmente com o surgir de um ser humano que se declara o caráter fictício (ou não-fictício) do texto, por resultar daí a totalidade de uma situação concreta em que o acréscimo de qualquer detalhe pode revelar a elaboração imaginária.

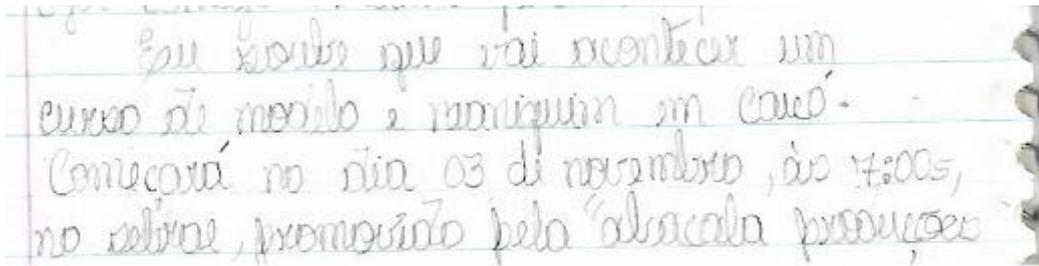
Assim, essa relação entre o fato e a ficção é muito presente em textos que têm narrativas, e no diário não seria diferente, é por meio dessa escrita que a adolescente se expõe, se coloca a partir do seu lugar e do seu mundo. É na escrita que ela tem liberdade de ser quem ela quiser, inclusive, outra pessoa, criar uma personagem para si, a partir dos seus desejos e anseios, sendo a mais desejada, a mais inteligente, a mais bonita, a modelo - como é o seu sonho ser modelo, para ser livre e conquistar o mundo, saindo da sua realidade que a enclausura. É por meio da escrita que se pode ampliar os fatos, criar novos acontecimentos e tornar o seu mundo, que é só seu e do seu amigo diário, pronto para viver suas aventuras, tornando-as reais ali, nos registros intimistas.

5.3 ENTRE O SAGRADO E O PROFANO: DO NARCISISMO E DESEJO DA CARNE À RELIGIOSIDADE

Em 1999 o desejo de ser modelo se torna mais premente e suas pulsões se voltam para alcançar essa meta. Nos fragmentos que serão analisados, nesse tópico, mostrarão a “saga” que se prolongou ao longo das páginas dos diários para conseguir o objetivo de ser modelo. Além disso, fica mais presente a busca da ajuda dos familiares, e a decepção causada pela ausência do apoio. Nesse período, a Maria se mostra cansada devido às tarefas domésticas da labuta no sítio onde mora. Com o passar do tempo essa vontade de ser modelo vai se intensificando e ela vai ficando obstinada para consegui-la, fato, esse, que culminará no desfecho melancólico no final de 1999.

Como o narcisismo já era uma característica muito presente na Maria, nessa fase, isso fica mais evidente e mais forte. Nas páginas dos diários sempre têm relatos de ostentação às suas características e às suas formas, e a depreciação das demais garotas do seu ciclo. É um misto entre excessos de elogios para si, mostrar que todos a admira e a deseja, e o “recalque” quando alguém vai de encontro a esses seus dotes e feitos. Agregados a isso há a presença do estado melancólico e do exílio no sítio, causado pela tristeza em não conseguir ser modelo.

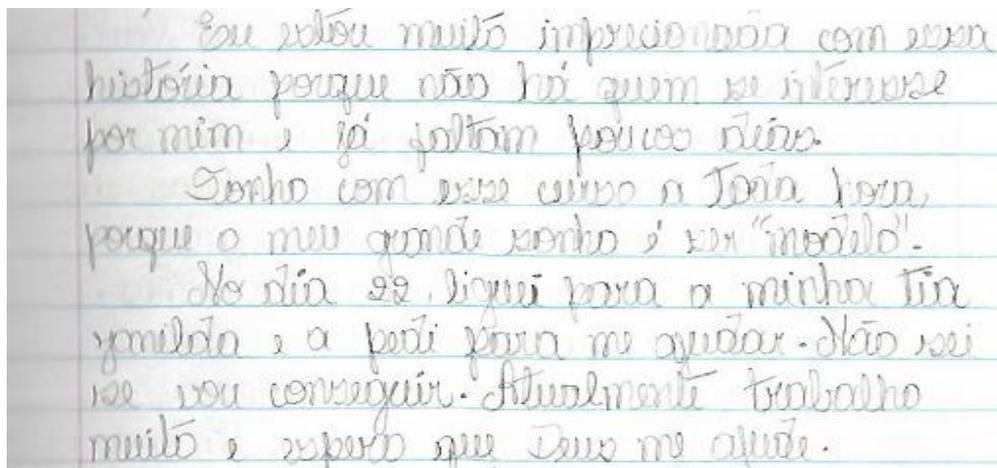
Figura 36 – Interesse em ser modelo



Eu soube que vai acontecer um curso de modelo e manequim em Caicó. Começará no dia 03 de novembro, às 17:00h, no colégio, promovido pela "abacala produções".

Trecho: “Eu soube que vai acontecer um curso de modelo e manequim em Caicó...”

Figura 37 – Desejo de ser modelo



Eu estou muito impressionada com essa história porque não foi quem se interessou por mim e já faltam poucos dias. Sonho com esse curso a toda hora, porque o meu grande sonho é ser "modelo". No dia 22, liqui para a minha tia ymilata e a pedi para me ajudar. Não sei se vou conseguir. Atualmente trabalho muito e espero que Deus me ajude.

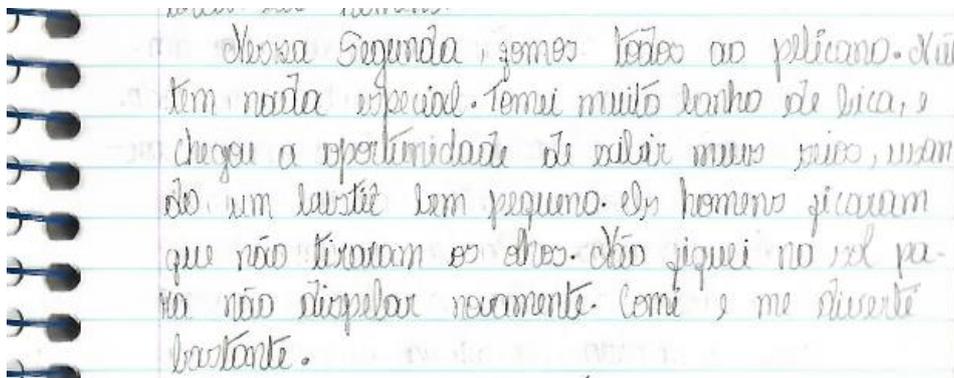
As figuras acima, 37 e 38 demonstra a fase da Maria entre os 16 aos 17 anos, em que ela se projeta para dois lugares: Deus com a provável ida ao convento, e o desejo de ser modelo. Assim, ela irá estar entre o sagrado (Deus) e o Profano (modelo e o mundo da pulsões). O sentimento de solidão e lágrimas se tornam mais presentes nos seus relatos. Para essas análises a fundamentação teórica será alicerçada nas seguintes categorias freudianas: “instinto” que será denominado de “pulsão”, “repressão” por “recalque”, ou “Eu” por “ego”, narcisismo e histeria. Assim, as pulsões, recalque, histeria e o ego estarão sendo evidenciados nessa análise, em especial, o ego e o recalque, já que as pulsões já foram abordadas em outros tópicos dessa análise. Para Freud ([1914-1916], 2010d, p.10) “o narcisismo não seria uma perversão, mas o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autoconservação, do qual justificadamente atribuímos uma porção a cada ser vivo.”

Além disso, Freud (Id. p.11) explica que: “(...) por um lado substituem os objetos reais por objetos imaginários de sua lembrança, ou os misturam com estes, e por outro lado renunciam a empreender as ações motoras para alcançar as metas relativas a esses objetos.”

Assim, “a libido retirada do mundo externo foi dirigida ao Eu, de modo a surgir uma conduta que podemos chamar de narcisismo. (id.)”

Essa ênfase do “eu” em evidência é muito presente ao longo de todos os diários, porém é mais forte entre os 15 e 16 anos, culminando no desfecho dos diários quando ela completa os 17 anos e encerra a escrita. Como a Maria deseja ser modelo, o foco volta-se para a suas formas física, roupas, cabelos, tudo que a possa deixar pronta para conseguir o seu objeto de desejo.

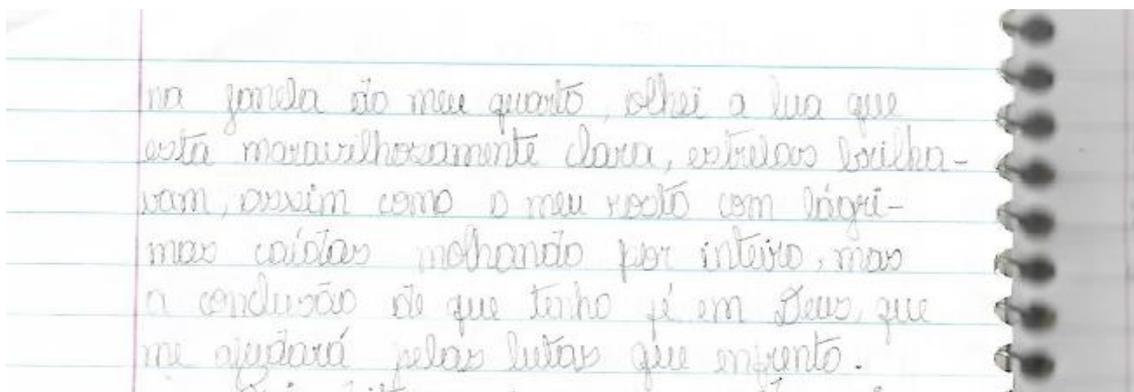
Figura 38 – Carnaval e exibicionismo



No fragmento a Maria diz: *“chegou a oportunidade de exhibir meus seios, usando um bustiê bem pequeno. Os homens ficaram que não tiraram os olhos”*

No trecho acima, da figura 39, percebe-se a necessidade de se exhibir e de ser desejada pelos homens, assim, como era no início da sua adolescência. Nessa fase, a Maria permeia entre o sagrado e o profano, também relatando momentos de conflitos consigo, colocando sempre Deus como forma de solução, mostrando, assim, a sua religiosidade mais presente. Passa a existir muitos relatos que representa essa religiosidade, tais como: momentos de oração, missas seja na Igreja ou pela rádio. Como se pode ver no fragmento abaixo:

Figura 39 – Presença de Deus



No trecho da figura 40 é possível perceber a tristeza e o lamento da Maria, além de ratificar a veia poética pela construção: “... *estrelas brilhavam, assim, como o meu rosto em lágrimas caídas... (...)*”

Já no trecho 2: “*mas a conclusão que tenho fé em Deus que me ajudará a pelas lutas que enfrento.*”

No segundo trecho há a presença da religiosidade da Maria, no sagrado, vencendo o profano. Assim, o conflito interior da Maria ainda é bem premente. Assim, para Freud ([1893-1895], 1977, p.164) assevera que:

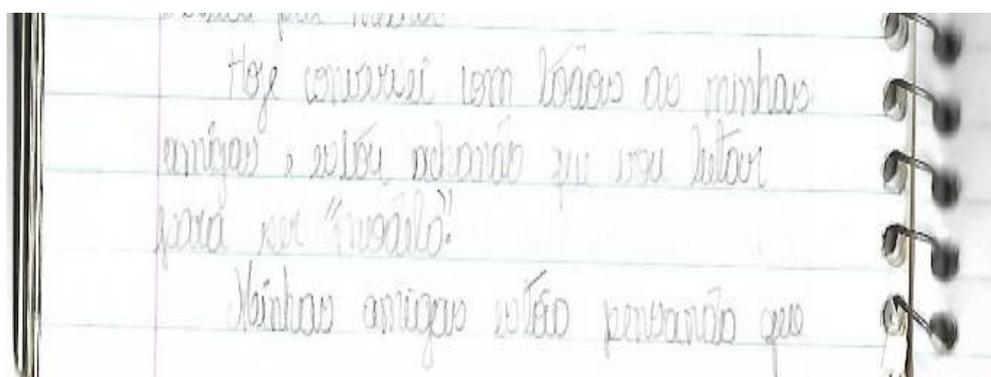
O interesse da vontade, de aprazer-se com a própria personalidade, de estar satisfeito com ela, entra então em ação e aumenta ao máximo a excitação decorrente da inibição das associações. É fato da experiência diária que tal conflito de ideias incompatíveis exerce ação patogênica. Trata-se, na maioria das vezes, de ideias e ocorrências da vida sexual: a masturbação, em adolescentes moralmente sensíveis; a consciência da inclinação por um homem desconhecido, numa mulher de hábitos austeros. Com muita frequência, o primeiro aflorar de sensações e ideias sexuais já é suficiente para criar, pelo conflito com a ideia de pureza moral profundamente enraizada, um estado extremo de excitação.

Essa fusão psíquica é explicada por Freud (1977) como um processo somatório, podendo, inclusive, ter crises de vômitos, quando o sujeito tem asco, nojo de alguma situação. Além disso, pode vir junto com angústias, como é o caso da Maria que mostra constantemente, crises de choro sem motivo aparente e um descontentamento desmedido. Nessa fase, a Maria se isola dos seus amigos, mesmo, ainda, havendo convivência social, momentos em festas, clubes e praças, esses são cada vez mais esporádicos, contribuindo para a sua reclusão e o antagonismo de entre o profano (modelo e as pulsões) e o sagrado (Deus e a possibilidade de ser freira). Sobre a histeria Freud diz que:

A comunicação alivia, ela descarrega a tensão mesmo quando não se dirige ao padre e não é seguida de absolvição. Se essa saída é vedada à excitação, às vezes ela se converte em fenômeno somático, da mesma forma que a excitação de afetos traumáticos, e, acompanhando Freud, podemos designar todo o grupo de manifestações históricas que têm essa origem como fenômenos históricos de retenção. (FREUD, [1983-1985], 2010i, p. 165)

É nesse sentido, que a escrita intimista e os diários pessoais se inscrevem para a Maria, como uma forma dela concretizar e dar voz ao seu eu, conflituoso, cheio de complexos e dores, mas, sobretudo, com o ego latente que mesmo nas suas dores ele continua a florescer e a se destacar em seus registros.

Figura 40 – Inicia-se a saga para ser modelo



A abertura do último diário, aos 16 anos, ela transcreve os sacramentos. É nele que constam mais presentes esses dois desejos: o primeiro de ser modelo, e menos aparente o de ser freira, provavelmente, vontade mais evidente devido ao fato de ter feito o curso para o crisma e ter vivenciado o sacramento, porém, esse desejo é sobreposto ao de ser modelo que segue ao longo de todo os 16 anos, de forma bem presente nos registros, inclusive, se sobrepondo as pulsões sexuais. Vontade presente no trecho: *“Hoje conversei com todas as amigas e estou achando que vou lutar para ser “modelo”.*

Figura 41 – Dos sacramentos a religiosidade premente

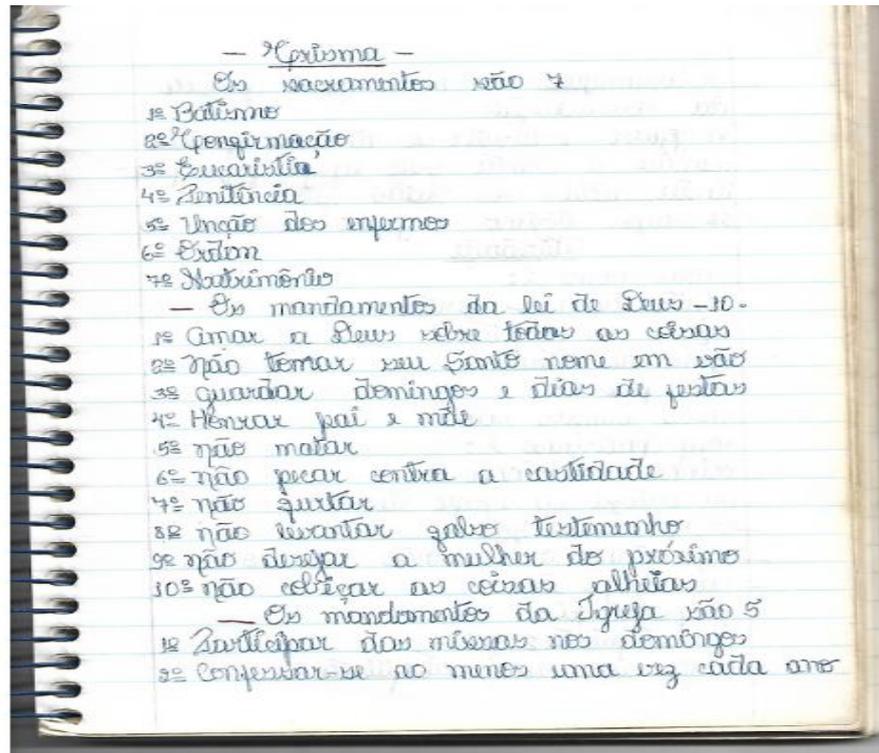
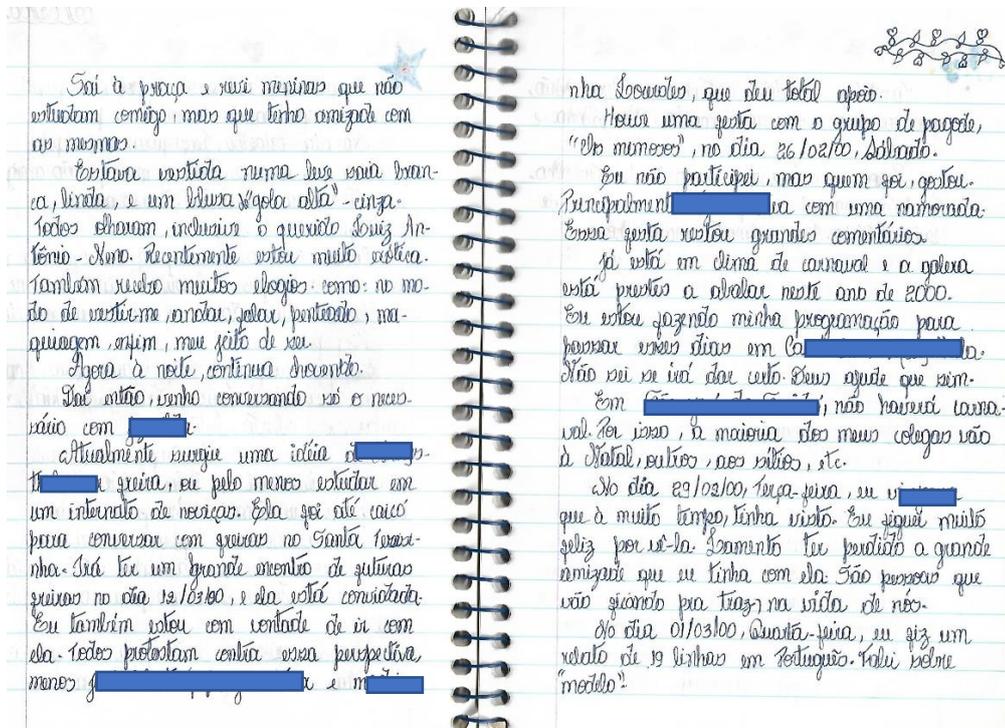


Figura 42 – entre o profano e o religioso

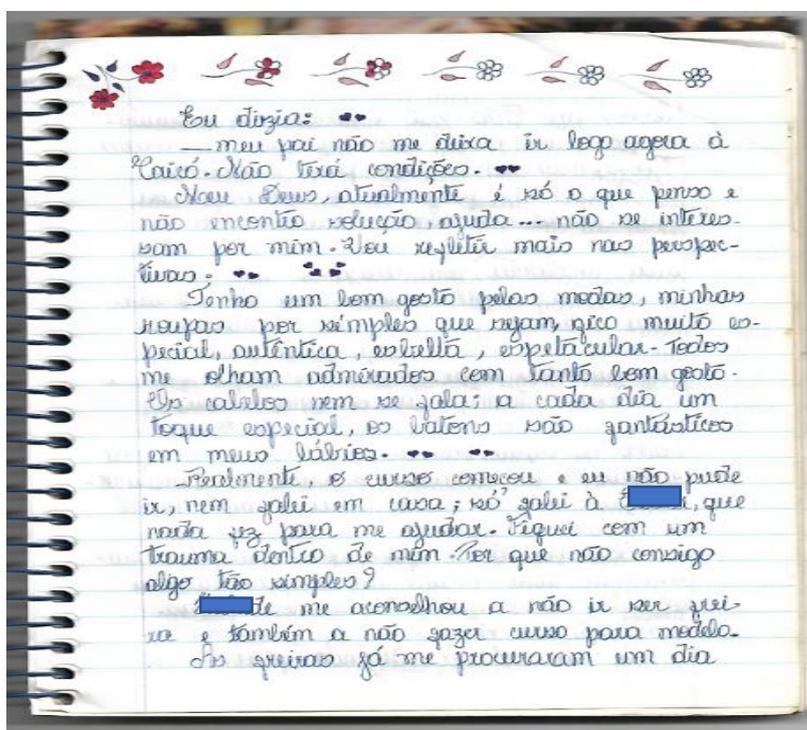


Nas figuras 42 e 43 ficam bem evidente como a Maria está entre os dois polos, de um lado da página do diário, ela fala sobre a sua irmã está indo ao convento ao encontro das freiras,

e dela também ter vontade, na mesma página mais uma vez, o seu narcisismo em evidência... evidenciado no trecho: *recentemente estou muito exótica, também recebo muitos elogios...* na página seguinte, ela já coloca o seu lado profano mais latente, festas, carnaval..

Mostrando assim o paradoxo interno dos seus desejos e como esse Eu estava perdido em suas vontades, embora tais características antagônicas sejam bem comuns da adolescência, como já pontuado pelos teóricos que se destinam a estudar sobre essa fase, há um paradoxo bem presente entre o sagrado e o profano nessa última fase da Maria registrada nos diários.

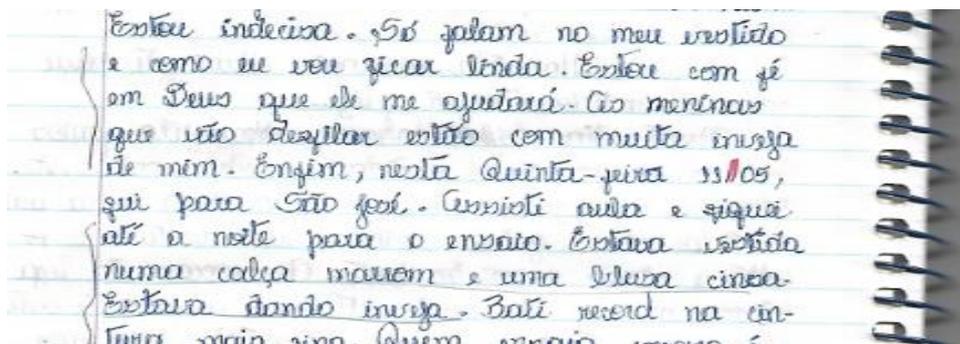
Figura 43 – Gosto pela moda e desilusão



Como já dito, nas páginas do diário de 1999, a Maria passa a abordar mais do seu núcleo família, menciona o pai, a mãe, seus irmãos, tios e avós. No caso do pai, ela sempre o menciona, como “ele não deixa”, “ não permite”, “ vou pedir permissão ao meu pai”, “estou de castigo”, assim, o coloca como castrador. Na página acima ela fala do desejo de ser modelo “*meu Deus é só o que penso e não vejo solução, ajuda... não interessam por mim*”... “*tenho um bom gosto pelas modas, minhas roupas por mais simples que sejam... fico muito especial, autêntica...*”

A Maria ainda lamenta o fato de não ter feito o curso de modelo e dos seus familiares não terem a ajudado, dizendo que ficou traumatizada por não conseguir algo tão simples.

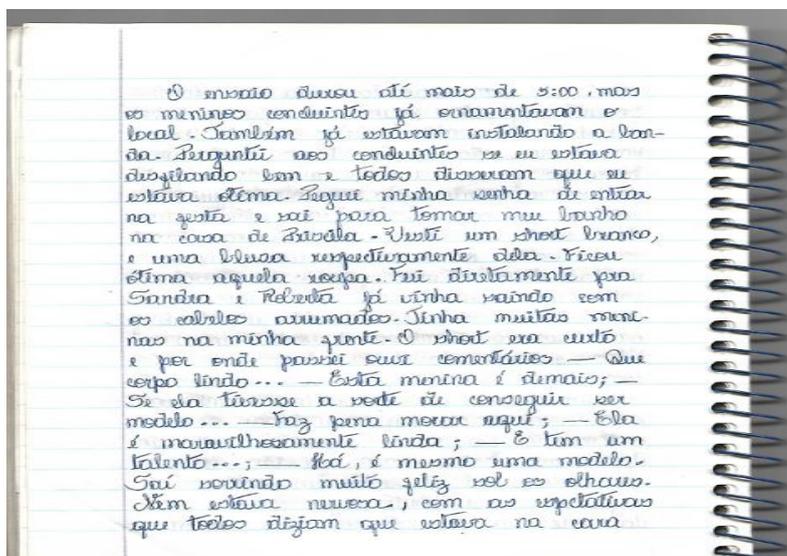
Figura 44 – Do vestido que vai ao desfile



Então indecisa. Só jalam no meu vestido
e como eu vou ficar linda. Então com fé
em Deus que ele me ajudará. Os meninos
que vão desfilam estão com muita inveja
de mim. Enfim, nesta Quinta-feira 13/05,
fui para São José. Arrastei aula e fiquei
até a noite para o ensaio. Estava vestida
numa calça marrom e uma blusa cinza.
Estava dando inveja. Bati record na cir-
cunscritura minha. Quem inveja sempre é

O fragmento acima é um recorte dos preparativos para o desfile na escola, tal evento tem um longo período de preparação e dura alguns meses do ano 1999. A Maria e as suas amigas se envolvem em todos os preparativos, e ela se candidata a “mais bela estudante 2000” da escola. Destaca-se o fato dela querer concorrer pelo lugar da garota “Mais bela”, e sempre enfatizar que a garota que ganhou no ano anterior foi a sua irmã, e que ela passaria a faixa para a ganhadora. Então, desse fato, pode-se inferir da Maria desejar o lugar da irmã, de querer o título para mostrar que é mais bonita do que ela, e não apenas o fato de ser ‘modelo’, já que muitas vezes os garotos ao abordá-la trocava o nome dela pelo da irmã, e nas ocasiões a Maria diz o seu nome, e segundo as suas falas, eles dizem “quero é você”, “você é mais bonita”, “mais inteligente”. Sabe-se que são comuns rivalidades e concorrências entre irmãs por lugares ou status, nesse sentido o desejo dela pode ser muito em relação ao lugar da irmã e não necessariamente um desejo genuíno dela.

Figura 45 – Os olhos do outros ou os meus?



O ensaio dessa foi mais de 5:00, mas
os meninos convidados já estavam no
local. Também já estavam instalando a lan-
da. Perguntei aos convidados se eu estava
desfilando bem e todos disseram que eu
estava ótima. Fiquei minha senha de entrar
na festa e fui para tomar meu banho
na casa de Sábala. Vesti um short branco,
e uma blusa respectivamente dela. Fiquei
ótima aquela roupa. Fui diretamente pra
Sábala e Rebeca já vinha vindo com
os cabelos arrumados. Tinha muitos men-
inos na minha frente. O short era curto
e por onde passai sua comentários — Que
corpo lindo... — Esta menina é demais; —
Se da tarde a noite de conseguir ser
modelo... — Faz para meca aqui; — Ela
é maravilhosamente linda; — É tem um
talento...; — Hei, é mesmo uma modelo.
Sou bonito muito feliz por os olhos.
Não estava nunca; com os espetáculos
que todos dizem que estava na casa

No trecho acima retirado da narrativa do momento que antecedeu o desfile da escola, mais uma vez ela se “elogia” e se coloca sob a atenção de todos.

o short era curto e branco... e por onde eu passei ouvi os comentários... “esta menina é demais; - se ela tivesse a sorte de conseguir ser modelo...- faz pena morar aqui... ela é maravilhosamente linda; e tem um talento... há é mesmo uma modelo...sai sorrindo e feliz sob os olhares...

Nesse sentido, Freud, (2010i, p.30) relata um exemplo de um caso de histeria que:

Essa garota de vitalidade intelectual transbordante levava, no seio da família de tendência puritana, uma vida extremamente monótona, que ela embelezava de um modo provavelmente decisivo para sua doença. Cultivava sistematicamente o devaneio, que denominava seu “teatro particular”. Enquanto todos a julgavam presente, ela vivia contos de fada no pensamento; mas se a chamavam, sempre atendia, de modo que ninguém se apercebia disso. Essa atividade mental desenrolava-se quase continuamente, paralela às ocupações da vida doméstica, das quais cuidava de maneira impecável.

Percebe-se pela sua escrita que muitas vezes as colocações não passam das suas vontades, do seu “eu” falando, seu inconsciente agindo, e não necessariamente que os fatos realmente ocorreram conforme os relatos. Ao falar do seu eu, ela acredita que as pessoas pensam e dizem isso, mas tais fatos podem ser frutos do seu desejo das suas fantasias de adolescentes. É o que Freud chama de “teatro particular”, vivendo assim, “contos de fadas no pensamento”.

Para Freud o estado do inconsciente é oriundo de “forte repressão”, assim, o desejo, da Maria de ser modelo, é reflexo da tentativa de sair do sítio, da repressão, da labuta exaustiva, do lugar que a aprisiona e que a limita. Nesse sentido, o desejo de ser modelo vem como uma tentativa de se libertar de tudo que a aprisiona. Assim, conforme Freud ([1914-1916], 2010d, p.64).

O segundo estágio da repressão, a repressão propriamente dita, afeta os derivados psíquicos da representante reprimida ou as cadeias de pensamentos que, originando-se de outra parte, entraram em vínculo associativo com ela. Graças a essa relação, tais representações sofrem o mesmo destino que o que foi reprimido primordialmente. A repressão propriamente dita é, portanto, uma “pós-repressão”.

Nas suas escritas não há marcas da sua infância e de como os traumas chegaram até essa adolescente, porém há lacunas que apontam para uma vida, cheia de repressões e agressões, sejam verbais ou físicas, por parte dos seus genitores. Assim, ao longo da sua escrita a Maria vai se delineando com o desejo premente de sair daquele local e daquele mundo que ela não se sente pertencente, fato este que realmente ocorrerá na fase adulta, em que ela passa em um

concurso para docente e sai do seu estado para morar na capital paraibana. Esses apagamentos e os traumas serão retomados mais adiante.

Figura 46 – como a Maria se vê para o “grande dia”: o desfile da escola

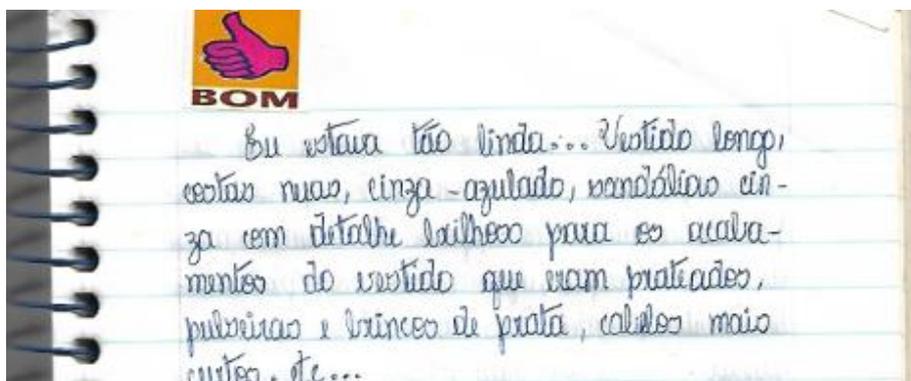
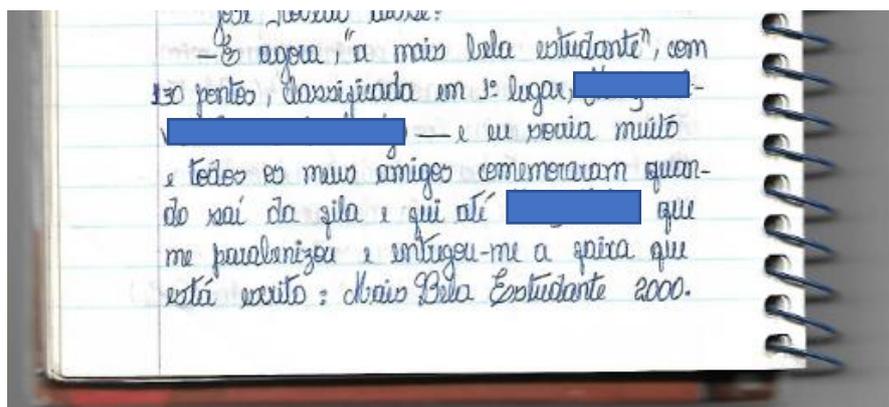


Figura 47 – Do resultado: a mais bela garota de 2000



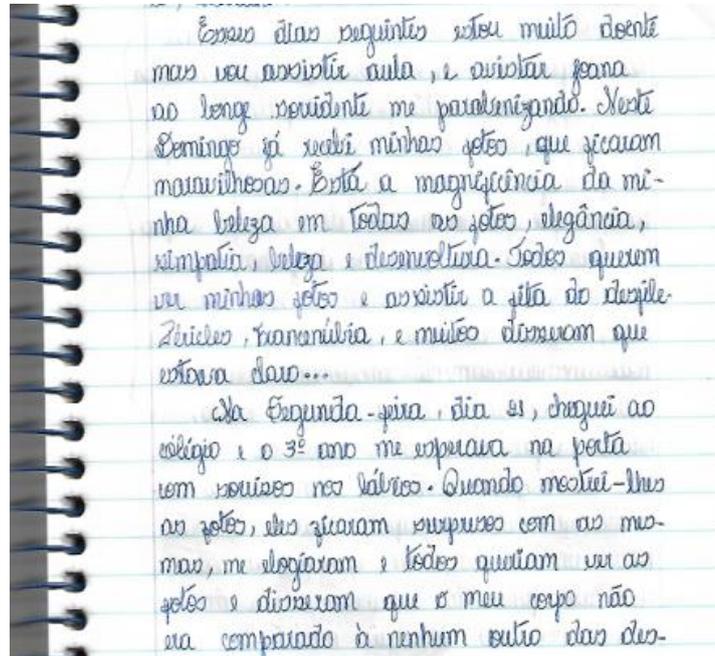
Nas figuras 47 e 48 descrevem o momento que antecede o desfile, e como a Maria se vê “linda” para o grande momento, e por fim, o grande resultado: a vitória da “Mais bela estudante de 2000”, que para ela foi a consagração da sua beleza. Como narcísica que era, nesse momento o seu Eu ficou em evidência. Assim, conforme, Freud ([1912-1914], 2010d, p.10) “o narcisismo não seria uma perversão, mas o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autoconservação, do qual justificadamente atribuímos uma porção a cada ser vivo.”

E ainda, “A libido retirada do mundo externo foi dirigida ao Eu, de modo a surgir uma conduta que podemos chamar de narcisismo. (Id.)”

Nesse sentido, a Maria volta-se para o seu Eu, talvez como uma forma de proteção de tudo que o cerca, assim, voltada para si, preocupa-se exacerbadamente com o Eu, como uma forma de suprimir as suas dores e traumas da rejeição paterna e da vida escassa que tem junto

a sua família. Dessa forma, ela vê no fato de ser modelo uma “tábua de salva-vidas” que possa ajudá-la, salvando-a daquela situação de tanto sofrimento, fato este e será confirmado na última análise pelo relato autobiográfico.

Figura 48 – da descrição das fotos do desfile e da repercussão no colégio



Mais uma vez o narcisismo se sobressai nas descrições com a necessidade de se elogiar e de se colocar como a mais bela, além da necessidade de receber elogios.. “*disseram que o meu corpo não era comparado à nenhum outro...*” Freud aponta a importância da repressão nos estados das consequências para o narcisismo. Assim, para ele:

Portanto, a repressão trabalha de maneira altamente individual; cada derivado do inconsciente pode ter seu destino particular; um pouco mais ou um pouco menos de deformação altera completamente o resultado. Nisto se compreende que os objetos favoritos dos homens, seus ideais, esmas percepções e vivências que os mais execrados por eles, e que originalmente eles se diferenciam uns dos outros apenas por mudanças mínimas. Pode mesmo ocorrer, como vimos na gênese do fetiche, que a representante original do instinto se decomponha em duas partes, das quais uma sucumbe à repressão, e a restante, precisamente devido a esse íntimo enlace, tem o destino da idealização. (Id. p. 65-66)

Nesse sentido, a representação do instinto está na repressão, por um lado, e na idealização do outro, assim, o instinto (pulsão do desejo de ser modelo) está no fato dela ter sido reprimida por tudo que a envolve e, assim, a Maria “sucumbe” na situação de “enclausuramento” que a limita na vida do sítio e a faz não pertencer aquele local, seja rural, seja da cidade pequena. Assim, a pulsão vem como uma forma de idealização para sair daquele

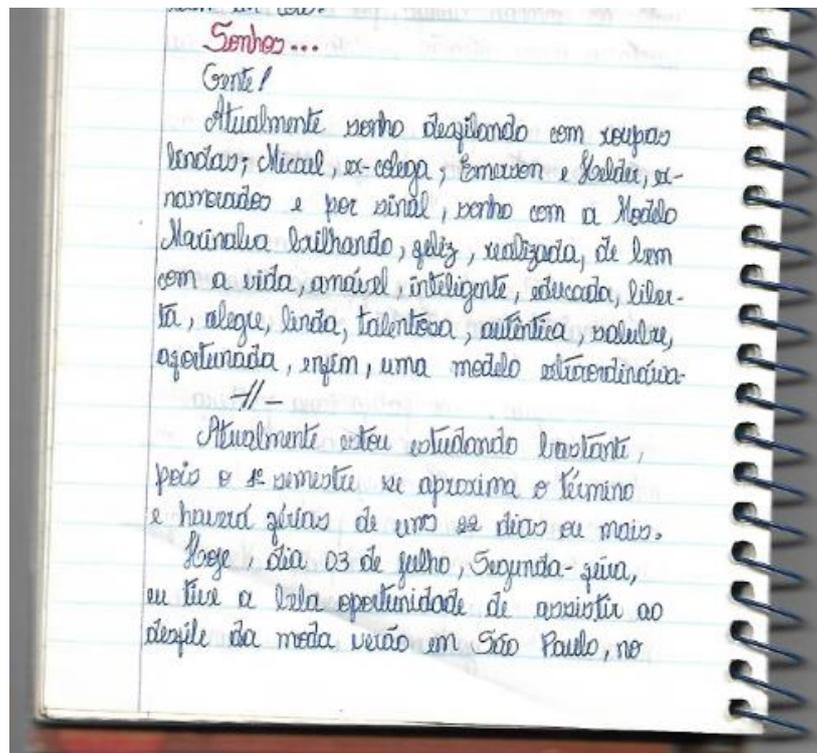
local. Dessa forma, o “eu” se encontra no liame entre o “interior” que emerge os seus conflitos e o “exterior” que a encurrala a uma vida que ela não deseja.

Desse modo,

[...] permanece como traço comum a tentativa de fuga do Eu, que se manifesta na retirada do investimento consciente. E a mais superficial reflexão nos ensina que essa tentativa de fuga, essa fuga do Eu, realiza-se de maneira bem mais profunda e radical nas neuroses narcísicas. (id. p.107)

Conforme, estipula Freud esse Eu busca a fuga e acaba por se direcionar às neuroses narcísicas, colocando seu ego acima de qualquer coisa, um eu que sucumbe em si, e se vê com o ego aflorado, como o centro das atrações.

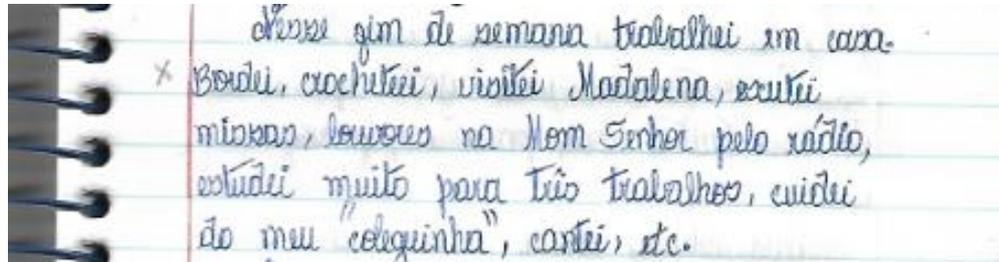
Figura 49 – Dos desejos aos sonhos...



Conforme os estudos freudianos os sonhos são representações do nosso inconsciente, como a Maria estava imersa no desejo de desfilar, essa vontade permeava seus sonhos quando ela estava dormindo. Assim, “até onde vejo atualmente, os sonhos das neuroses traumáticas são a única exceção real da tendência à satisfação de desejos presente nos sonhos, e os sonhos de castigo, a única exceção aparente. (FREUD, [1923-1925], 2010b, p.284). E ainda, “uma tal interferência no sonho pode vir apenas da instância crítica do Eu, e temos de supor que essa,

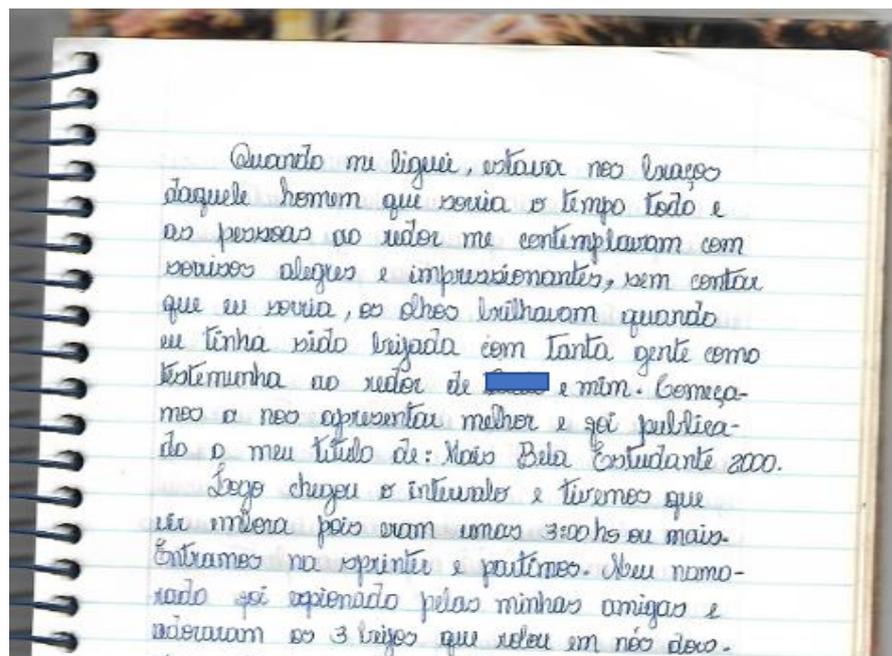
provocada pela inconsciente realização do desejo, também se restabelece temporariamente durante o sono (id.)”.

Figura 50 – do relato de “casa” ao sagrado



No fragmento acima a Maria narra um pouco da sua rotina em casa, ela borda e faz crochê, aliás, essa é uma das formas dela conseguir recursos para comprar suas roupas, maquiagens e custear suas “festinhas”, além disso, ela também faz bijuterias para vender. Agregado a esse trabalho, ela ainda faz os afazeres domésticos. Nessa fase, que ela se encontra em casa, há muitos momentos que ela se diz cansada do trabalho. Além disso, há vários relatos que demonstram o seu viés religioso com a constante escuta de missas pela rádio, louvores, sermões, consolidando, assim, o paradoxo profano x sagrado.

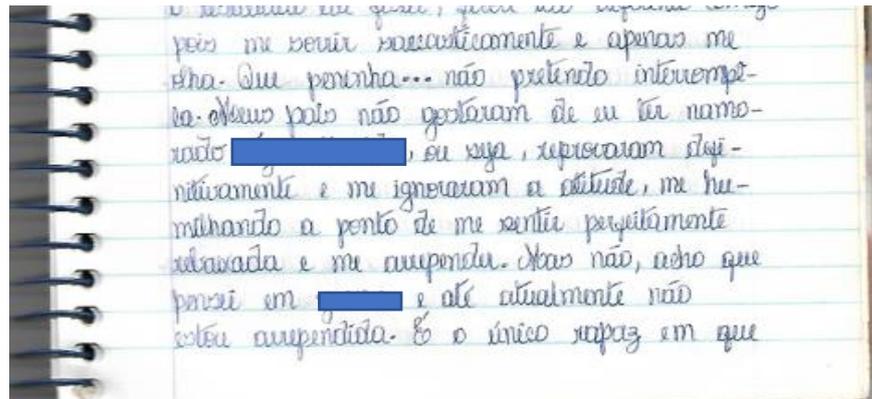
Figura 51 – Pausa nos sonhos para retorno às pulsões carnis



Na figura 52 há uma das poucas passagens desse diário em que ela “fica” com alguém, em festa (em público) pois ela sempre saía do espaço. Nessa fase, a Maria está mais conectada

em si, voltada para as coisas de casa, tarefas, estudo e sua nova obsessão por ser modelo. No relato acima, percebe que foge o padrão descritivo dos encontros, dos beijos e de como foi o momento com o “novo namorado”. Embora com poucos detalhes descritivos, ela ainda segue o padrão da necessidade de mostrar o que os outros acharam dela e do namorado.

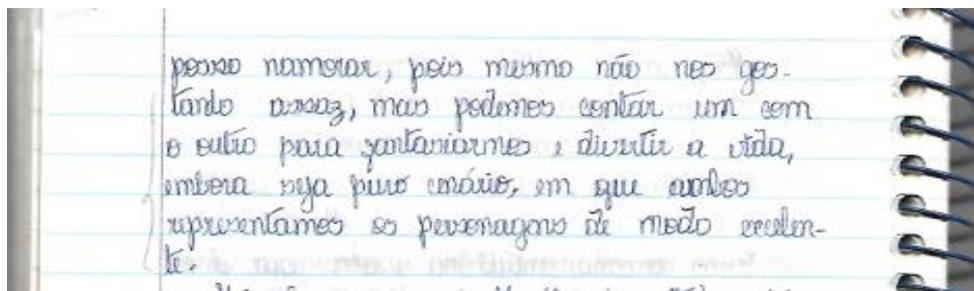
Figura 52 – do desejo ao descontentamento



No trecho acima ela relata que os pais não gostaram de saber sobre ela ter namorado com um garoto. Enfatiza-se o fato de em outras análises, quando ela não queria namorar alguém, ela sempre dava a desculpa do pai não deixar, assim, mesmo com muita liberdade, para a década de 90, e indo muito a festas, o pai, provavelmente, não permitia o namoro, talvez esse seja o motivo dela não ter namoro duradouro, e levar seus namorados à sua casa. Na fala: *“reprovaram definitivamente a ponto e me ignoraram a atitude, me humilhando a ponto de me sentir perfeitamente rebaixada e me arrepender... não estou arrependida”*

Veja que na mesma fala, ao mesmo tempo que ela diz que ficou humilhada e arrependida, ela diz não está. Posto isso, fica nítido como essa adolescente se encontra ainda em conflito e o ato falho demarca isso. Além disso, o fato dela dizer que a família a humilhou, também pode ser a “mania da perseguição” comum nessa fase, ou realmente houve a proibição e o recalque desse desejo. Lembrando que conforme Freud repressão é sinônimo de recalque.

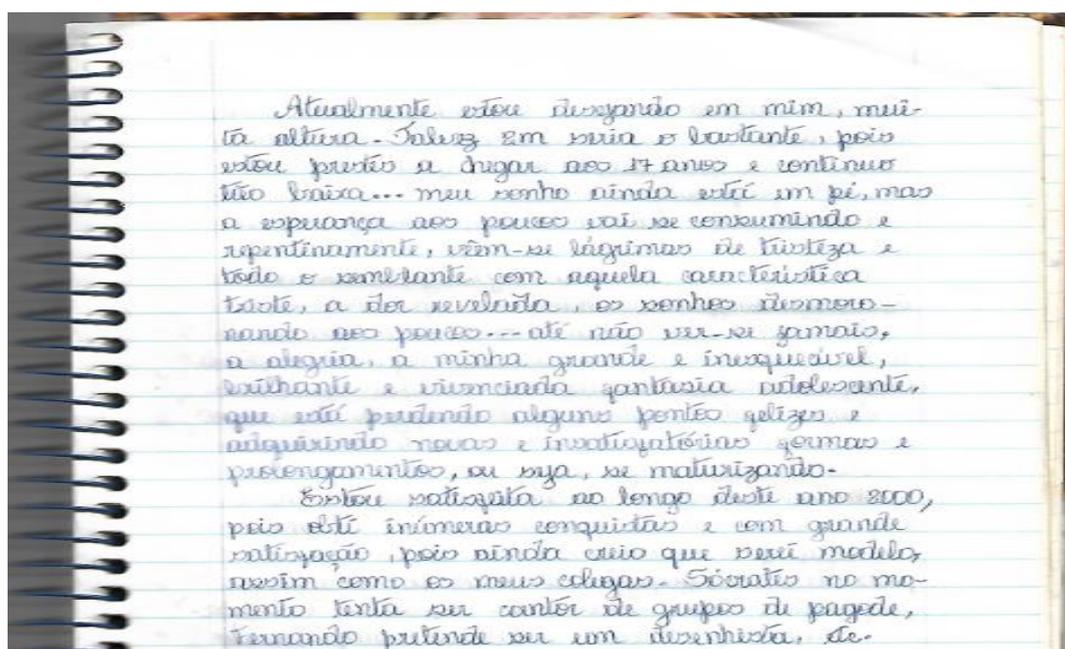
Figura 53 – um admirador sem possibilidades de realização das pulsões



No trecho acima há uma peculiaridade interessante no fato da Maria dizer que não tem ninguém, mas que há um rapaz que a deseja, porém chama atenção o fato dela afirmar “*não nos gostando assaz (suficiente), mas podemos um com o outro para fantasiarmos e divertir a vida, embora seja puro cenário, em que ambos representamos de modo excelente*”.

No fragmento transcrito, chama atenção o termo “assaz” por não ser comum, e está bem empregado, mostrando, assim, o conhecimento vocabular, além do fato dela colocar os dois como personagens que podem representar no cenário, mostrando a possibilidade da criação e da ficção, ou representar no sentido de estar junto sem se gostar, mas sendo possível aproveitar de alguma maneira. Como a Maria era uma leitora nata, o mundo literário faz parte do seu contexto e ela traz isso para a sua escrita intimista, como já dito anteriormente. Salienta-se o fato dela usar o termo “fantasiar”, empregando-o como “criar” e “projetar”.

Figura 54 – do descontentamento em não realizar o sonho de ser modelo



No recorte acima fica evidente como o distanciamento do seu sonho, de ser modelo, a Maria vai percebendo a impossibilidade, e, isso vai afetando o seu comportamento, tornando-a triste. Há várias passagens que ela relata choro e tristeza profunda, apontando o fato dessa não realização para a falta da ajuda da família em não a auxiliá-la em seu desejo. *“meu sonho ainda está de pé, mas a esperança vai aos poucos se consumindo e repentinamente veem-se as lágrimas de tristeza e todo o semblante com aquela característica triste, a dor revelada, os sonhos desmoronados aos poucos...”*

Note que aqui, ela já consegue ver “detalhes” que antes não os viam. O fato de ser muito baixa para ser modelo. *“atualmente estou desejando, talvez 2m seria o bastante... continuo tão baixa.”* Assim, além de se perceber baixa, ela deseja uma altura muito elevada, e ainda coloca como talvez fosse o ideal, para ser modelo. Embora ela não coloque na escrita que a altura era para ser modelo, como este é o seu desejo, fica subentendido esse desejo.

No trecho transcrito, mais uma vez, evidencia-se o domínio da escrita, além da precisão dos termos e o perfil poético em descrever a sua tristeza. Na transcrição ela se mostra muito triste, com o avanço da idade, e com a chegada dos 17 anos, a Maria vê seu sonho mais distante. Assim, *“e repentinamente veem as lágrimas de tristeza e todo o semblante com aquela característica triste, a dor revelada...”*

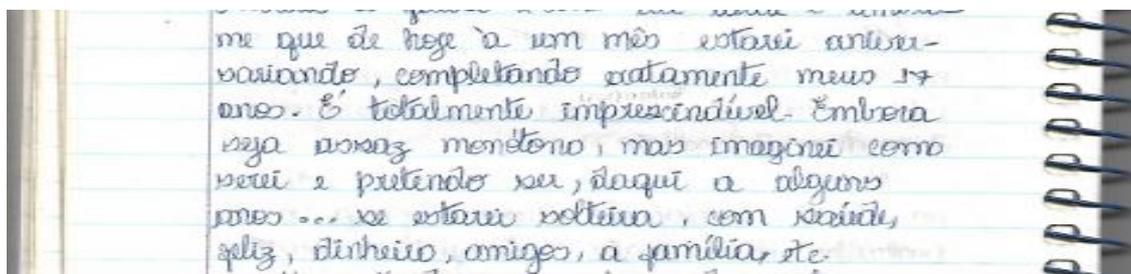
Ressalta-se, aqui, o fato da retomada da fase edípica e na repressão vivenciada lá, no primeiro momento, retomado e vivenciado novamente na fase da adolescência. Assim,

Não vejo razão para recusar*** o nome de “repressão” ao afastamento do Eu do complexo de Édipo, embora as repressões posteriores se originem mais frequentemente com a participação do Super-eu, que aqui ainda está sendo formado. Mas o processo descrito é mais que uma repressão, ele equivale, quando realizado de maneira ideal, a uma destruição e abolição do complexo. Cabe supor que deparamos, aqui, com a linha divisória entre o normal e o patológico, que jamais é inteiramente nítida. Se o Eu realmente não alcançou muito mais que uma repressão do complexo, este persiste de modo inconsciente no Id,* e manifestará depois a sua ação patogênica. (FREUD, [1923-1925]2010b, p.187)

A Maria é um reflexo do seu meio, do seu ambiente humilde, sem muitos recursos, mas que fez da sua força o meio de vencer seus limites; foi transgressora para seu tempo, driblou as repressões da família e as limitações impostas para vivenciar as suas pulsões. Vivenciou o sonho da passarela no desfile da escola, ganhou o primeiro lugar. Ela não conseguiu sair do seu mundinho para ganhar a liberdade por meio das passarelas, mas a educação a fez ir além dos limites impostos e dos limites da sua cidadezinha. O complexo de Édipo se tornou presente ao longo de toda a sua adolescência, e ainda há ressonância na fase adulta. No tópico destinado ao

encontro entre a mulher e a criança será tecida a colcha de retalhos dos fragmentos dos diários para a construção da mulher adulta.

Figura 55 – Como se imagina no futuro?



Como reflexo de toda as suas relações amorosas, a Maria não se enxerga no futuro casada, como a maioria das adolescentes que querem casar e constituir família, como modelo de uma sociedade patriarcal. Assim, isso constitui mais uma quebra de estereótipos, por querer ser solteira, ter dinheiro, amigos e família... além disso, aqui, tem-se mais uma das características desse último diário: a presença mais forte da família em sua rotina.

5.3.1 A ausência do núcleo familiar nos registros dos diários pessoais e o regresso “para casa” aos 16 anos: a incógnita a ser compreendida

É natural que ao chegar à adolescência haja um distanciamento do núcleo familiar, conforme explica a teoria da psicanálise. Nessa fase a relação objetal entre os pais x filhos é projetada para os espaços externos ao lar, e muitas vezes transferidas para professores, amigos, o psicanalista, ou até mesmo pessoas distantes como os ídolos.

Retomando Nasio (2011, p.15),

Às vezes, é muito individualista e exibe um orgulho desmedido, ou, ao contrário, não se ama, sente-se insignificante e desconfia de tudo. Coloca nas nuvens alguém mais velho que admira, como um rapper, um líder de gangue ou um personagem de videogame, com a condição de que seu ídolo seja diametralmente oposto aos valores familiares. Os únicos ideais aos quais adere, o mais das vezes com paixão e sectarismo, são os ideais – ora nobres, ora contestáveis – de seu grupo de colegas.

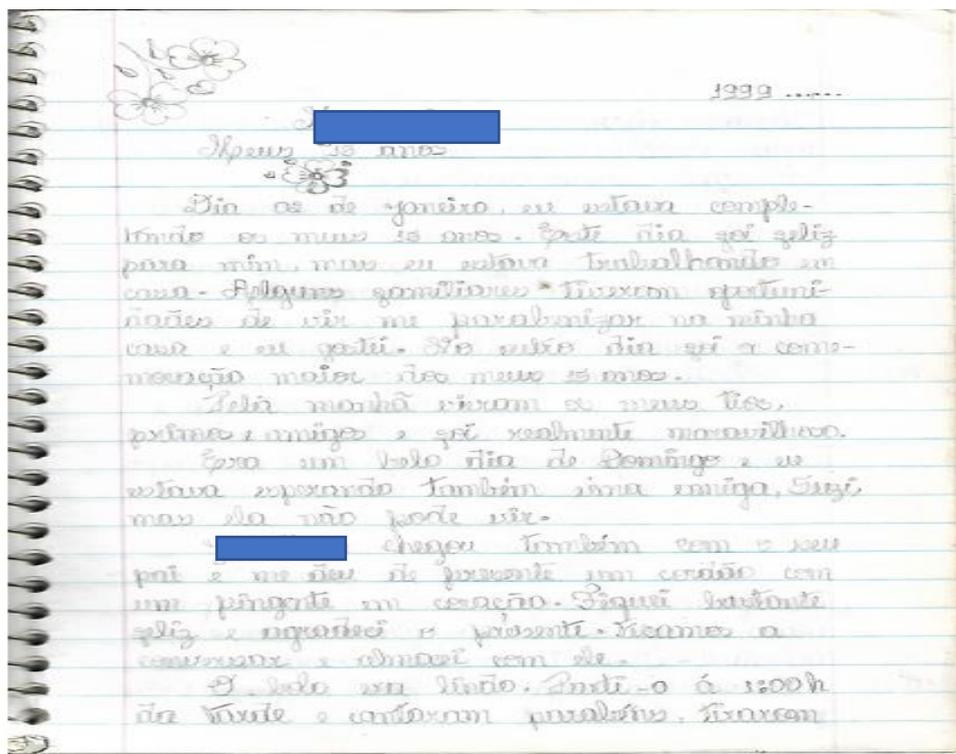
Ao receber os diários pessoais, entregues à pesquisa, no início do mês de janeiro em 2021, percebeu-se a frieza, da Maria, e o distanciamento em relação àquele passado tão distante, haja vista os diários foram enviados do Seridó do Rio Grande do Norte, para a casa da pesquisada, via sedex, e a Maria não se interessou em abrir as caixas e manusear o seu passado. Após a Maria receber os diários veio deixá-los na residência da pesquisadora, sem sequer abrir a caixa do sedex para conferir o que havia recebido. Questionada sobre o porquê, ela apenas respondeu:- “faça uma entrevista comigo que você entenderá os reais motivos.”

Passando desse primeiro momento, ao manusear os diários ficou evidente que mesmo em situações familiares, que são poucos presentes nas narrativas, há o apagamento dos seus genitores, especialmente, do seu pai, e apenas aparece com mais ênfase a sua irmã e, poucas vezes, o irmão é citado. No último diário pessoal relativo a 2000 há um retorno a esse núcleo com relatos do seu lar, em que a Maria se mostra cansada pela labuta do sítio.

Os núcleos mais presentes nas narrativas são o espaço da escola, as ruas, onde se passam a maior parte das narrativas, tendo como cenário a praça, becos, clube e ruelas em que têm festinhas e que a Maria participa. Os personagens mais presentes nas narrativas continuam sendo do universo externo ao seu lar, havendo um apagamento das relações afetivas compostas dentro do espaço da família. Até que haja o regresso da Maria ao seu lar.

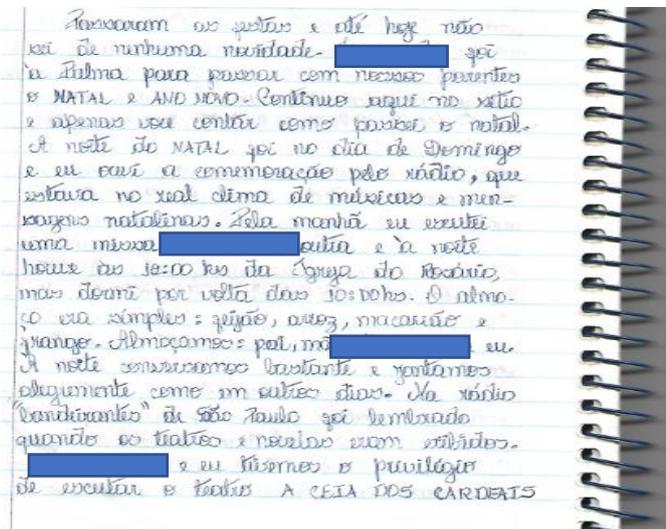
Dessa forma, serão analisados dois acontecimentos que envolvem momentos familiares, o primeiro: o aniversário dos 15 anos da Maria, que tem o apagamento do núcleo familiar; e o segundo- as passagens do Natal e do réveillon de 2000 que demonstram esse retorno ao lar, onde ela se encontra reclusa em casa e com a família, narrando com detalhes a passagem para 2001, com o reencontro e o afeto envolvido entre ela e o seu núcleo familiar.

Figura 56 – Meus 15 anos...



No relato acima percebe-se o distanciamento em relação aos fatos descritivos tão minuciosamente detalhados ao longo dos diários pessoais, se comparar os “Meus 15 anos” com o desfile e o desejo de ser modelo há uma divergência enorme entre os detalhamentos das duas narrativas. A primeira fora destinada muitas páginas e muito detalhamento nas descrições, já na segunda, há apenas o registro “Dos meus 15 anos. e com poucos detalhes. Isso talvez seja devido ao fato de nessa fase a Maria não relatar situações em seu lar, e como foi o seu aniversário ela apenas registrou. Além disso, não há marcas dos seus genitores, nos seus 15 anos e nem na festa da escola em que ela desfilou. Isso significa dizer que não havia a presença deles em momentos importantes para ela, ou que ela, simplesmente, optava por não os mencionar.

Figura 57 – Natal em família (2000)



Na narrativa acima vão chegando as festas do fim do ano de 2000, e com elas o fim da escrita do diário do referido ano. A Maria se encontra reclusa, provavelmente, com o fim do ano letivo também, mas ela se coloca ao longo dos últimos meses como estando triste, chorando muito, ouvindo missas e louvores pelo rádio, sem contato com os seus amigos. No fragmento: “*passaram as festas e até hoje não sei de nenhuma novidade*”, ela se coloca a partir do seu lugar de fala, como “*lamento*”, por traz dessa fala está um sujeito que lamenta o fato de não ter ido, e nem de saber das novidades, isso talvez pelo fato de estar reclusa no sítio, sem o contato com os amigos.

Fragmento:

continuo aqui no sítio e apenas vou contar como foi o Natal... à noite de Natal foi no domingo e eu ouvi a comemoração pelo rádio...pela manhã escutei uma missa [...] e à noite... às 10h na Igreja do Rosário... o almoço era simples: arroz, feijão, macarrão e frango... Almoçamos: pai, mãe, xx (irmã) e eu...conversamos bastante e jantamos alegremente como em outros dias...

Na transcrição há uma das partes mais importantes do diário, que é o retorno dessa adolescente para o convívio familiar, após alguns anos de distanciamento, e de transferências dessa relação dos genitores para os amigos. Ao abordar a adolescência Nasio (2011) explica que é uma fase individualista que “*exibe um orgulho desmedido*”. O adolescente fica egocêntrico, ver nos pais rivais, controladores como adultos impositores e castradores, assim, acaba por se afastar do seu núcleo, direcionando suas pulsões e relações para espaços externos ao lar. Assim, Nasio (2011) assevera que nem sempre as suas aderências são “*nobres*”, pois se

direcionam para afetos e valores que muitas vezes são líderes de questões e valores que vão de encontro a princípios morais e éticos, como por exemplo, líderes de gangues contestadores. Na fala de Nasio (2011, p.13) “com a condição de que seu ídolo seja diametralmente oposto aos valores familiares...”

Assim, retomando Freud ([1911-1913], 2016 a, p.136) salienta que:

Nós a vemos, então, concentrar-se em objetos, fixar-se neles, ou então abandonar esses objetos, passar deles para outros e, a partir dessas posições, guiar a atividade sexual do indivíduo, a qual leva à satisfação, isto é, à extinção parcial e temporária da libido. A psicanálise das assim chamadas neuroses de transferência (histeria e neurose obsessiva) nos proporciona uma visão segura nesse ponto.

A despeito dessa fixação por objeto Freud explica que a psicanálise a nomeia como neurose de transferências. Como na Maria há características bem acentuadas da histeria, ela transferiu situações e objetos, como por exemplo, para a obsessão de ser modelo, que a conduziu ao longo, Tal desejo foi iniciado em 1999 e prolongou ao longo de todo o ano de 2000, culminando em um desfecho depressivo e de isolamento ao fim da narrativa, regressando, assim, para o convívio familiar.

Assim, para Beauvoir (1971) em abordar o fato de se tornar mulher, a autora diz que a “mulher se torna mulher”, sendo educada por mulheres, assim “NINGUÉM nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade (Id.09).” É este lugar que é, sobretudo, social que define a Maria a partir das suas relações dialógicas com tudo que a envolve. Ser mulher em uma condição em que até o estudo se torna difícil, haja vista era preciso ir de pau de arara para a escola, é acima de tudo um símbolo de resistência e superação.

A Maria é um exemplo real da descrição da Beauvoir (1971, p.25)

Mulher antes da idade, ela conhece cedo demais os limites que essa especificação impõe ao ser humano; chega adulta à adolescência, o que dá à sua história um caráter singular. A menina sobrecarregada de tarefas pode ser prematuramente escrava, condenada a uma existência sem alegria. Mas se só lhe pedem um esforço ao seu alcance, ela experimenta o orgulho de ser eficiente como um adulto e regozija-se de ser solidária com as "pessoas grandes".

Nesse sentido, a “menina” Maria precisou se tornar “adulta” muito cedo, tendo de assumir as responsabilidades do lar, assim, como tantas outras meninas que crescem em lares mais humildes e as mães transferem muitas das obrigações do lar para as filhas, como uma forma de educá-las para serem esposas ou até mesmo como uma maneira de divisão de tarefas. Nesse sentido, há nos diários de 1999 e 2000 alguns relatos, em que a Maria se diz cansada da

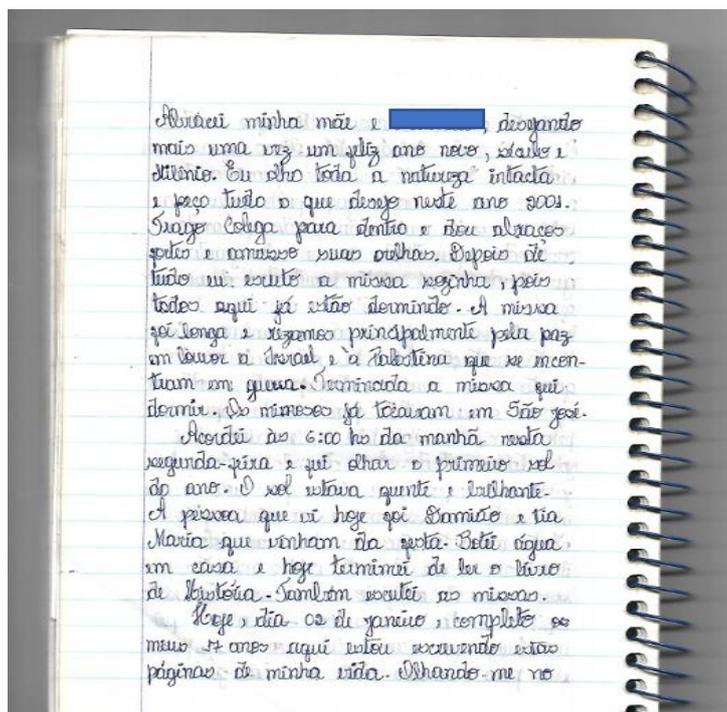
lida diária, tendo que se dividir entre os estudos e as tarefas do lar. Nos relatos, ela narra que “botou água”, sem muitos detalhes, sempre se diz muito cansada. Como é comum no nordeste em áreas de seca e escassez de água, as pessoas da região precisavam ir buscar a água em galões, muitas vezes em locais mais distante, isso exigia muito esforço físico e era bem exaustivo.

Nesse registro desse retorno ao lar tem-se um reencontro da família completa, com exceção do seu irmão, em uma noite de Natal, conforme a narrativa: “*e à noite...às 10h na Igreja do Rosário... o almoço era simples: arroz, feijão, macarrão e frango[...] Almoçamos: pai, mãe, xx (irmã) e eu...conversamos bastante e jantamos alegremente como em outros dias...*”

A Maria diz que o almoço era simples, mas que almoçou com seu pai, mãe e irmã, “conversando bastante e alegremente como em outros dias”, isso significa, que naquele momento, e nos dias que ela estava reclusa, houve esse reencontro harmônico com os seus genitores.

Em relação à descrição do momento, chama-se atenção para ser realizado em poucas palavras sem maiores detalhes, fato bem característico da escrita da Maria, uma vez que ela usa muitas descrições e detalhes, aqui, na sua própria fala ela diz: “*continuo aqui no sítio e apenas vou contar como foi o Natal[...]*”, como uma forma de apenas registrar de forma sucinta, demonstrando, assim, como o seu “eu” estava retraído e melancólico, embora esteja naquele momento conversando “alegremente” com seus genitores e irmã.

Figura 58 – Enfim... o fim de 2000...



Ao concluir a escrita dos diários, ao fim de 2000, a Maria descreve a noite de réveillon e o dia 02, de janeiro, dia do seu aniversário, nessas páginas, ela faz um reencontro consigo e com a sua mãe, sua irmã e o Colega - que era o seu cachorro, e, por fim agradece a Deus pelo ano de 2000.

Segue a transcrição das últimas páginas do diário:

Eu olho toda a incerteza intacta e peço tudo o que eu desejo nesse ano de 2001. Trago Colega para dentro e dou abraços fortes e amasso as sua orelhas. Depois de tudo eu escuto a missa sozinha, pois todos aqui já estão dormindo. A missa foi longa e rezamos principalmente pela Paz eu louvor a Israel... acordei às 06h da manhã e fui olha o primeiro sol do ano[...] botei água em casa, terminei o livro de História... também escutei as missas[...] Hoje dia 02 de janeiro, completo 17 anos, cá estou escrevendo essas páginas da minha vida...

“bem terminei meus 16 anos[...]ah .. já estou com saudades em nem bem estar saindo e vivendo por completo a minha tão bela idade. Confesso que as lágrimas escorrem pelo meu rosto ao lembrar da principal profissão que eu desejosamente gostaria de ser...

Analizando as alegrias e tristeza, vejo que fui até feliz e transmiti também as alegrias às pessoas, o desejo a força e a fome de vive[...] Agradeço primeiramente à Deus por tudo que conquistei e estou naturalmente satisfeita, feliz pelo título oferecido a mim de “mais bela estudante em 2000.

Agradeço a todas as pessoas que acreditaram em mim, como também aos que mesmo não acreditando, assistiram a minha vitória, principalmente aos meus pais e demais familiares que chegaram a se envergonhar pelas excepcionais atitudes.

Obrigada, meu Deus, pela força que me deste, pela fé que me anima, pelos amigos que ajudaram carinhosamente, pela minha saúde física e espiritual, pela diversão com o senhor XX (namorado) pela minha dedicação ao trabalho e estudo, enfim, OBRIGADOOOOOOOOOO... meu Deus...

Assinando como: “Modelo, formação escolar”

O desfecho da escrita da Maria é surpreendente e emocionante, ela se encontra afetivamente com os seus genitores no período natalino, em que é conhecidamente, cristalizado como sendo o tempo de se voltar para as famílias e para o que representa os valores cristãos, com a comemoração do natalício do menino Jesus. Aqui, metaforicamente, a Maria renasce para uma nova idade, um novo ano que se anuncia para ela com a chegada dos seus 17 anos. Ela se mostra grata por tudo, mas também melancólica, por não ter conseguido realizar o seu sonho de ser modelo profissional, fato este, que é reafirmado na sua assinatura no fim do diário como “Modelo formação escolar”. Assim, ela demarca o seu lugar de fala, lamentando o fato de não ser modelo profissional, mas agradecida por ter conseguido ser “modelo de escola”, haja vista ela de alguma forma realizou o sonho de ser modelo por um dia, na passarela do concurso da “Mais bela estudante 2000”. O lamento dela é muito destinado aos familiares por não ter a auxiliado na realização do seu sonho.

Ao desfecho, no resumo do ano de 2000, ela reafirma a sua conduta religiosa, e mostrando que o ano de 2000 que foi intitulado nessas análises como sendo entre o “profano e o religioso”, o religioso se sobressaiu, ela passou a ter a rotina de ouvir missas pela rádio e fazer orações diárias. A Maria não foi nem freira, nem modelo, mas se tornou uma cristã devota, relatando muitas experiências com Deus, com momentos de lamentos e lágrimas e que teve Deus como seu principal sustentáculo. Nesse sentido, teve o seu desejo de ser modelo recalçado e seguiu a sua vida para os 17 anos, e todos os demais, escrevendo outras páginas da sua vida, metaforicamente, com a caneta entregue por Deus e pela sua forte personalidade.

Com a saída da adolescência vem a fase adulta e as obrigações que ela nos impõe. O complexo edipiano que seguiu a Maria ao longo de sua adolescência e com a decepção em não conseguir ser modelo, para ela, esse foi mais um trauma, assim, como a própria Maria nomeia, após ela não ter conseguido fazer o curso para alavancar a sua tão sonhada carreira. Assim, o

sonho virou recalque e a Maria se exilou no sítio com os seus familiares, quando houve a “reconciliação” e a volta ao lar de forma mais presente. Nesse sentido, ela passou a vivenciar o estado de luto e melancolia, em que o sujeito quando passa por um trauma ele precisa ressignificar a situação, para assim puder fazer uma nova transferência objetal.

Assim, “é principalmente na perda e no processo do luto que o indivíduo luta para preservar a relação boa que anteriormente existia e participar da força e do conforto dessa companhia interna (KLEIN, 1983, p.54)”. Nesse sentido, a Maria buscou reviver as memórias do desfile em que foi vencedora como forma de sentir novamente o mesmo prazer da passarela, e, assim, manter em si o desejo, mesmo que recalçado, de alguma forma, como “modelo escolar” foi realizado.

Com efeito, a Maria projetou o seu objeto no desejo de ser modelo, dessa forma, na obra “Pulsões e Destinos da Pulsão”, Freud ([1917], p.1972), “objeto da pulsão é aquilo em que, ou por meio de que, a pulsão pode alcançar sua meta. Ele é o elemento mais variável da pulsão, [...] em rigor, não é preciso ser o outro objeto externo, pode ser muito bem uma parte de nosso próprio corpo (p. 149).” Nesse sentido, Freud assevera que:

Devo examinar a depressão periódica, a um ataque de angústia com duração de semanas ou meses, como uma terceira forma de neurose de angústia. Essa forma de depressão, em contraste com a melancolia propriamente dita, quase sempre tem uma conexão aparentemente racional com um trauma psíquico. Este, no entanto, é apenas a causa precipitante. Ademais, essa depressão periódica não é acompanhada por anestesia [sexual] psíquica, que é característica da melancolia ([1911-1913], 2016 a, p. 205).

Posto isso, pode-se presumir que os constantes estágios relatados da melancolia regado a momentos de choro e a volta para Deus, como uma saída, pode caracterizar que a Maria teve um trauma, o que acarretou um momento depressivo, visto que para ela ser modelo era a única forma dela sair daquela condição que a enclausurava ao trabalho no sítio e a uma vida que ela não desejava.

A Maria finaliza agradecendo a Deus: “*Obrigada, meu Deus, pela força que me deste, pela fé que me anima, pelos amigos que ajudaram carinhosamente, pela minha saúde física e espiritual, pela diversão com o senhor XX (namorado) pela minha dedicação ao trabalho e estudo, enfim, OBRIGADOOOOOOOOOO... meu Deus...*”

Assim, esse período vivenciado sem contato com os amigos e de isolamento, representa o estado de luto que a Maria precisou para se reestabelecer da decepção da não conquista objetal. Dessa forma, ela agradece a Deus “*pela força que me deste, pela fé que me anima...*”

Para Freud “o complexo melancólico se comporta como uma ferida aberta” ([1914-1916], 2010h, p.10), é assim, que a Maria reage para com o fato de não ser modelo profissional,

para ela “é uma feridade que está aberta” e ainda sangra muito. Além disso, na obra luto e melancolia “A lamentação que caracteriza a melancolia deve ser entendida (eis aí um exemplo da fina escuta freudiana) como uma acusação contra alguém, um outro que o doente não é capaz de identificar”, acusação essa, que a Maria direciona aos seus pais e aos que não ajudaram, como no trecho “*Confesso que as lágrimas escorrem pelo meu rosto ao lembrar da principal profissão que eu desejosamente gostaria de ser[...]*”, lamentando o fato de não ser modelo, e no trecho “*Agradeço a todas as pessoas que acreditaram em mim, como também aos que mesmo não acreditando, assistiram a minha vitória, principalmente aos meus pais e demais familiares que chegaram a se envergonhar pelas excepcionais atitudes.*”

No trecho acima é possível identificar um estado de melancolia e de tristeza profunda por não ter conseguido o seu objeto de desejo, assim, relembro Freud (Id, p.32)

A melancolia se caracteriza por um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e um rebaixamento do sentimento de autoestima, que se expressa em autorrecriminações e autoinsultos, chegando até a expectativa delirante de punição.

O sujeito melancólico vive em constante estado de tristeza “ansiando pelo retorno ao objeto bom (KLEIN, 1983, p. 28), estando em estado de solidão interna, em que mesmo estando entre muitos, o sujeito se sente só, ou se isola ao confinamento como forma de se punir.

Na ocasião que teve o curso de modelo ela afirmou que os familiares não a ajudaram, a “humilharam e gargalharam da situação”. Nesse sentido, ela introjetou a situação como uma forma de recalcar o desejo.

Assim,

a representação inconsciente (de coisa) do objeto é abandonada pela libido”. Mas na realidade essa representação está no lugar de incontáveis impressões singulares (seus traços inconscientes) e a execução dessa retirada de libido não pode ser um fenômeno de um instante, mas, como no luto, certamente um processo moroso, que progride pouco a pouco. (Id. p.44)

Pelo viés da Filosofia da Linguagem esse sujeito enunciativo que escreve sobre si, sendo social, escreve de um dado lugar que é socio-histórico, e representa um todo do ato do dizer. Nesse sentido, retomando Bakhtin (2016 a) o lugar da palavra é o lugar da arena, onde o sujeito se coloca por meio das suas relações dialógicas. Assim, na escrita intimista dos diários pessoais, tem o que Bakhtin coloca como “essas palavras e maneiras de dizer são introduzidas de tal forma que sua especificidade, sua subjetividade, seu caráter típico são claramente percebidos. (2016a, p. 157), dessa forma, é a partir dessa subjetividade que o sujeito se revela pelo uso da palavra, demarcando em seu discurso o “eu” que habita nele, e os vários outros que o constituem. Assim, pela palavra escrita ou verbalizada pode-se inferir muito do sujeito e do

seu lugar, no caso na Maria, pela sua subjetividade, infere-se o seu desejo premente de sair daquela vida que a aprisionava, e como ela via na profissão de modelo a única forma de se libertar, acabou por se entregar a um estado melancólico, por acreditar que estaria presa naquela situação pelo resto dos seus dias. E ao se entregar ao exílio foi uma forma dela naquele estado, aceitar que era o seu destino e ressignificá-lo em gratidão a Deus.

5.4 RESULTADOS – “MARIA”, MAIS UMA ENTRE TANTAS NORDESTINAS: VÍTIMA DO PATRIARCALISMO

Quando as análises dos diários pessoais foram concluídas, a Maria foi contactada, e ela propôs enviar um texto escrito sobre as suas memórias. Quando o texto foi entregue à pesquisa, ela solicitou para ser entrevistada e dá respostas às lacunas, assim, a Maria regressa à escrita de si, mantendo o padrão da escrita do gênero diário. Abaixo será transcrito o texto na íntegra, para que se possa confrontar o processo da formação da adolescente e da Mulher com as suas memórias, buscando responder lacunas deixadas na escrita e os apagamentos propositais, ou não, do núcleo familiar, bem como responder como o meio social interferiu na sua construção e em seu comportamento frente ao outro.

O último diário pessoal tem término a data escrita o dia 02 de 2001, quando a Maria completou 17 anos. Assim, após 20 anos, ela volta à escrita intimista para se conectar com as suas memórias e responder algumas lacunas ou “atos falhos” deixados ao longo da sua escrita. Nesse sentido, o diário é uma forma do sujeito ressignificar a sua rotina, diferentemente da autobiografia, o seu registro é pouco tempo depois dos fatos ocorridos, logo, embora a Maria tenha escrito o texto abaixo no formato de diário, ele segue mais próximo de uma autobiografia, onde o autor busca em suas memórias resgatar fatos ocorridos para construir a sua escrita. Por este motivo, atribuímos o título para distingui-lo do diário pessoal, e para que ele pudesse entrar na parte dos nossos resultados para confrontar com as análises anteriores, atestando ou contradizendo-as.

Texto 1

Voltando à escrita de si: Revirando as memórias

Domingo, 27 de junho de 2021

Querido diário,

Após vários anos, volto a escrever neste gênero discursivo para recobrir um pouco as memórias acerca da minha infância e adolescência e aproveitarei para fazer uma breve descrição de como me sinto hoje. Esse relato será útil a uma pesquisa científica.

Mantive a escrita de diários durante a adolescência, porém, nunca consegui lê-los, após esses anos. Talvez porque, mesmo selecionando para registro apenas momentos que condiziam com um bem-estar subjetivo, o vácuo das datas não escritas ecoam um silêncio perturbador, cheio de sofrimento.

Não lembro bem, mas nos meus diários, pouco ou nunca menciono os meus pais. Para entender um pouco sobre esse aspecto, direi como constituí minhas primeiras autoimagens, sempre a partir do outro. E esse outro encontra-se representado, principalmente, na figura materna da minha avó, com quem morei dos 6 aos 9 anos de idade.

De acordo com relatos dos adultos da família, nasci em condições precárias, em Castelo do Piauí – PI, em 02 de janeiro de 1984. O meu pai tinha completado seus 17 anos e, ao saber da gestação da minha mãe, viajou para a casa dos tios, no interior do Rio Grande do Norte. Dizem que um tio o “obrigou” a retornar para “assumir” a minha mãe e o bebê.

De acordo com as histórias contadas, logo nos primeiros dias do meu nascimento, eu estava chorando com cólicas no horário do almoço enquanto mãe me concluiu o almoço de pai. Diante do choro incessante, ele foi até a rede e bateu em mim, o que mobilizou muitos para tentarem me salvar. Fui internada por vários dias e apelaram para benzedeiras de todo tipo.

As minhas primeiras memórias se remetem a uma casa de taipa (feita de varas finas e argila), onde eu acordava no meio da noite com uma lamparina acesa, pai chegando ébrio e espancando minha mãe. Outras vezes, lembro dele bêbado batendo em mim e nos meus dois irmãos. Segundo o que eu ouvia indiretamente, mãe e vovó nos davam banho com água e sal para ajudar a cicatrizar as feridas. Não são lembranças agradáveis. Era um caos de crise, de fome, onde éramos sustentados nos anos 80 pelo trabalho braçal do meu pai e através de feiras das assistências do governo.

O lugar da minha mãe era de fragilidade, de submissão frente a uma cultura machista, um patriarcado que abominava e que ainda despreza a mulher que se liberta de relações tóxicas ou abusivas. E assim, arrastou-se a família. Quando meus pais tiveram a oportunidade de se mudarem para uma zona rural distante do Distrito Palma, onde até então moravam próximos aos meus avós maternos, vovó pediu para ficar comigo sob o argumento de que eu ficaria mais próxima do acesso à escola.

Passsei a morar na casa de vovó, onde morava minha tia com duas filhas e dois filhos de outra tia. Havia saudade de algum tipo dos meus pais e irmãos. Lembro de ter recebido um dos maiores gestos de carinho do meu avó (agricultor), que me presenteou com uma caneta BIC azul, achada na estrada de barro, quando vinha da roça. Naquela tarde, eu brincava de escolinha, onde o quadro era o silo de alumínio onde guardavam os mantimentos colhidos nas lavouras.

Passava as férias de janeiro na casa dos meus pais, mas entendia que aquele momento era de encontro feliz com meus dois irmãozinhos. Lá, brincávamos debaixo das árvores e tomávamos banho nos riachos. Lembro que minha irmã relatava pesadelos assustadores. Hoje, percebo que havia uma preferência afetiva dos meus pais pelo filho caçula, principalmente, por ser do sexo masculino. O carinho era destinado mais a ele. Ainda naquele período, eu soube que minha irmã havia sido gravemente espancada pelo meu pai porque, nas brincadeiras, minha irmã acabou jogando areia nos olhos do meu irmão.

Ao passar a morar aos nove anos com eles, lembro que pai havia recebido a oportunidade de ser morador de um sítio de um prefeito da cidade, onde cuidava de gado, da produção de leite e da alimentação dos animais. A bebida estava sempre presente nos fins de semana, quando ele saía com o dinheiro da feira. Houve situações em que ele viajou para Caicó e voltou após dois dias, sem dinheiro e cheio de inverdades, gritando para minha mãe que havia sido assaltado.

Mãe trabalhava desde a madrugada fazendo queijo e comida para os trabalhadores do dono do sítio. Mas não tinha voz na relação. Quando se posicionava, era agredida. Nesse período, pai já tinha um revólver em casa, e cada conflito entre os dois implicava em medo para nós, os filhos. Lembro que eu não conseguia dormir assustada, com medo de ele matá-la. Eu vivia revoltada, não conversava muito, mas buscava equilíbrio na natureza, lia bastante e escrevia sobre sonhos, sobre a possibilidade de fuga de toda aquela vivência.

Naquele sistema, a família inteira trabalhava para garantir o único salário do meu pai. Estudávamos à tarde, após caminhar 30 minutos ao meio dia até chegar a uma porteira, onde passava o carro que conduzia os estudantes daquela área para a escola, em São José do Seridó – RN. Antes, acordávamos bem cedo para preparar a casa, cortar capim para as ovelhas e ir até o açude buscar água. Lembro que a média eram oito ou a nove cargas de água em barril. Quando mãe ia lavar roupa no açude ou ia à rua, precisávamos cuidar de tudo, inclusive fazer o queijo.

O tempo foi passando e passei a ver nos estudos a oportunidade de abrir horizontes e transformar a minha realidade. Por isto, desde cedo já lia literatura, filosofia e sentia mais afinidade em ficar na biblioteca durante o intervalo. Passei a estudar toda noite, mesmo sob luz de lamparina, pois no fim dos anos 1990, muitas áreas rurais ainda não tinham recebido energia elétrica.

Bem, após migrarmos para uma residência na zona urbana de São José do Seridó, lembro que o desrespeito e a violência ainda eram preponderantes na família. Fui aprovada no vestibular para Pedagogia na UFRN e viajei de São José para Caicó por uns meses, em um carro de estudantes que cobrava um valor mensal. Diante da falta de condições financeiras dos meus pais para arcarem com as despesas de apostilas, lanche e transporte, consegui uma vaga na residência universitária. Lá, passei a compartilhar uma casa com 16 universitárias de diferentes cidades e comportamentos. Comecei a dar aulas de reforço e logo fui conseguindo participar de projetos de extensão e de pesquisa.

Aos poucos, fui me afastando do ambiente familiar, arquivando as memórias mais grotescas no subsolo da inconsciência. Hoje, consigo ver no meu eu nuances das vivências que me marcaram tanto. Já fiz terapia, porém, não em abordagem psicanalítica. Após esses anos, volto à casa dos meus pais sempre que possível. Eles amam conviver com meu filho de cinco anos. Temos diálogos divertidos, sempre decoro a casa e reúno a família no Natal. Meu pai se livrou da bebida devido a problemas cardíacos.

Com relação à vida afetiva, mantive uma união estável por cinco anos, porém, finalizei em 2019. Mantenho a amizade com o pai do meu filho e se precisar, diante de qualquer situação, estarei com ele para ajudá-lo. Por enquanto, estou bem sozinha e desejo que ele seja feliz com alguém que o ame.

Eu aprendi a me jogar no mundo. Não tenho medo. Sofro preconceito por ser “separada”, por ser “mãe solteira”, recebo propostas para ser amante como se eu estivesse à deriva e em desespero, necessitando de sexo casual. Costumo receber mensagens penosas de parte dos colegas de trabalho, que usam da religião para afirmar que preciso de um homem para sobreviver: “Que o Senhor cuide de você e do seu filho”. O machismo reina! Não tenho medo. Sou mulher. Gosto de ler. Sou uma entre tantas que trazem em si as marcas de uma tradição familiar patriarcal, cheia de violência incrustada no silêncio da vida privada. (MARIA, 2021)

Como dito, na introdução desse tópico, o texto acima só chegou à pesquisa após a sua conclusão, e em contato com a Maria para o feedback sobre as análises do corpus e devolutiva dos diários pessoais, ela pediu para que fosse inserido mais um texto nas análises, como forma

de esclarecer alguns fatos. O texto acima, segue mais próximo de uma autobiografia, que também se insere como texto intimista, já que ela segue o padrão do gênero, com o formato do “Querido diário”. Assim a autobiografia se distingue do diário, ao passo que este é mais próximo dos fatos ocorridos recentemente, e aquele é mais voltado ao regresso às memórias. Dessa forma, como nesse texto há um regresso às memórias com mais de duas décadas após dos fatos, o gênero seria autobiografia, que também é caracterizada pela escrita de si.

Assim, conforme Gameiro (2012, p.33),

Com efeito, uma das funções da autobiografia é, pelo menos a partir do século XIX, a de satisfazer a curiosidade dos leitores sobre o autor. Ou então, a de satisfazer a vontade de um autor que, julgando-se incompreendido ou injustiçado, tenta repor a sua verdade junto dos hipotéticos leitores presentes ou futuros.

É exatamente nessa condição que a Maria volta à escrita, como forma de se satisfazer e satisfazer o interesse dos leitores, que ora se debruçam sobre a sua escrita, e de todos os outros que a lerão após a conclusão da tese. Nesse sentido, o texto autobiográfico é um regresso aos fatos vivenciados pelos sujeitos. Assim, conforme Gameiro (2012, *apud* LEJEUNE, p.35):

a autobiografia também pressupõe que o que se diz lá remeta para factos reais e, portanto, susceptíveis de verificação. (...) No entanto, este pacto, que normalmente é encarado como indissociável do primeiro, pode ser cumprido com maior ou menor exatidão. Ele depende da memória do Eu que pode mentir voluntariamente ou não. Nem por isso a obra deixará de ser autobiográfica.

Assim, conforme Cândido o valor de verdade não se questiona, mesmo porque o texto de ficção também é literatura, retomando Cândido *et al* (1983, p. 11)

têrmo “verdade”, quando usado com referência a obras de arte ou de ficção, tem significado diverso. Designa com freqüência qualquer coisa como a genuinidade, sinceridade ou autenticidade (têrmos que em geral visam à atitude subjetiva do autor); ou a verossimilhança, isto é, na expressão de Aristóteles, não a adequação àquilo que aconteceu, mas àquilo que poderia ter acontecido; ou a coerência interna no que tange ao mundo imaginário das personagens e situações miméticas; ou mesmo a visão profunda — de ordem filosófica, psicológica ou sociológica — da realidade.

Com efeito, a partir desse texto autobiográfico foi possível atestar que a Maria, como já se havia suposto no tópico destinado aos apagamentos do seu núcleo familiar, era vítima de violência familiar, com traumas de infância que foram recalçados, sendo assim, ela era reflexo do seu meio. Nesse sentido, esse texto vem como forma de atestar os “seus vários não ditos”, e o que Freud nomeia como “ato falho”. Ao ler os diários o que não estava escrito ecoava muito mais do que os registros, uma vez que havia pistas que apontavam para situações extras textuais, nitidamente, tinham recortes temporais, já que só tinham registros dos momentos alegres com os amigos e em ambientes externos ao seu lar. Além disso, sempre havia registros que

apontavam os momentos registrados como os alegres, demarcando, assim, inconscientemente, que os demais não eram alegres.

Para a análise e o confronto com a teoria desse texto, da Maria, agora adulta, será trazido para o debate teórico desse texto Lerner (2019), Beauvoir (1971), Wolf (2019), Del Priori (2015) por se tratar da base teórica que discorre sobre o lugar da mulher frente ao patriarcalismo e a construção da sua identidade.

Trazer à tona essas memórias, provavelmente, foi muito difícil para a Maria, haja vista ela já havia declinado da ideia de tal confronto, por dizer que ainda não estava pronta. No entanto, como foi mantido o diálogo com a Maria ao longo da pesquisa, e, talvez sabendo o caminhar e o desenho que tinha sido proposto, ela sentiu a necessidade de se dar essas respostas, não para a pesquisa, mas talvez sentiu o desejo de usar a palavra para expor como ela se enxerga a partir das suas memórias. É bem verdade, que o texto que será analisado é escrito do lugar da Maria hoje, além disso, ela fala a partir das suas verdades, que não significam que necessariamente sejam as reais, já que o lugar do sujeito também é questionado a partir do seu inconsciente e das ações do seu Eu. Posto isso, cabe ressaltar que os fatos narrados, após um certo tempo, podem ter o agravante da memória não lembrar todos os acontecimentos, além do que esse Eu que narra pode inconscientemente ampliar ou omitir alguns fatos, podendo, assim, interferir nas interpretações ou na realidade dos acontecimentos. Do ponto de vista de Bakhtin, o ato da enunciação só tem completude do seu momento real, já que o enunciado dialoga com tudo que o cerca, assim, como está sendo narrado após os acontecimentos, esse enunciado sofre transformações que implicam no seu contexto enunciativo.

Nesse sentido, como o caráter da pesquisa é não julgar o que é real, mas sim, analisar como o sujeito adolescente foi constituído, de toda forma, hoje temos a concretização da Maria adulta constituída a partir dos seus traumas e das suas vivências, tanto na infância, como nas demais fases da sua vida. Assim, este é o resultado da Maria e como ela se vê hoje a partir das suas memórias. Dessa forma, o seu dizer, hoje, representa quem é esse sujeito agora, moldado a partir de tudo que ela vivenciou, forjada pela linguagem e reflexo do seu meio social.

Fragmento:

“Mantive a escrita de diários durante a adolescência, porém, nunca consegui lê-los, após esses anos. Talvez porque, mesmo selecionando para registro apenas momentos que condiziam com um bem-estar subjetivo, o vácuo das datas não escritas ecoam um silêncio perturbador, cheio de sofrimento.

Não lembro bem, mas nos meus diários, pouco ou nunca menciono os meus pais. Para entender um pouco sobre esse aspecto, direi como constituí minhas primeiras autoimagens, sempre a partir do outro. E esse outro

encontra-se representado, principalmente, na figura materna da minha avó, com quem morei dos 6 aos 9 anos de idade.

De acordo com relatos dos adultos da família, nasci em condições precárias, em Castelo do Piauí – PI, em 02 de janeiro de 1984. O meu pai tinha completado seus 17 anos e, ao saber da gestação da minha mãe, viajou para a casa dos tios, no interior do Rio Grande do Norte. Dizem que um tio o “obrigou” a retornar para “assumir” a minha mãe e o bebê.

De acordo com as histórias contadas, logo nos primeiros dias do meu nascimento, eu estava chorando com cólicas no horário do almoço enquanto mãe me concluía o almoço de pai. Diante do choro incessante, ele foi até a rede e bateu em mim, o que mobilizou muitos para tentarem me salvar. Fui internada por vários dias e apelaram para benzedeiras de todo tipo.”

O relato acima demonstra como a Maria se vê em relação aos seus genitores, e certamente, essa seja a causa do apagamento em relação ao pai, que a rejeitou desde bebê, que maltratava rotineiramente, com agressões físicas; e, também, em relação à mãe, que inconscientemente, a Maria a culpava pela subserviência e a aceitação de toda a violência sofrida por todos. De fato, uma criança não consegue entender como uma Mulher se permite ser violentada e, ainda vê o pai agredindo os filhos. São cenas fortes e doloridas que têm ecos na construção dessa criança para as próximas fases do seu desenvolvimento humano. Como ter afeição por quem lhe maltrata e agride? Como a Maria bem define “o meu pai tinha completado seus 17 anos e, ao saber da gestação da minha mãe, viajou para a casa dos tios, no interior do Rio Grande do Norte. Dizem que um tio o “obrigou” a retornar para “assumir” a minha mãe e o bebê.”

Nesse sentido, mesmo ela demarcando a pouca idade do pai, e o fato dele ter casado obrigado a assumi-la, ela deixa bem evidente o fato dele ser violento e “ébrio”. Dessa forma, além da Maria crescer em um ambiente de rejeição, pelo fato de, simplesmente, ser menina, já que também a preferência era pelo filho do sexo masculino, ela ainda era agredida tanto fisicamente, como em sua infância, com o trabalho infantil de forma que beira “a escravidão”. Além disso, ela precisava cuidar não só das tarefas de casa, mas também do trabalho duro do sítio. Como fica explícito na narrativa:

“Naquele sistema, a família inteira trabalhava para garantir o único salário do meu pai. Estudávamos à tarde, após caminhar 30 minutos ao meio dia até chegar a uma porteira, onde passava o carro que conduzia os estudantes daquela área para a escola, em São José do Seridó – RN. Antes, acordávamos bem cedo para preparar a casa, cortar capim para as ovelhas e ir até o açude buscar água. Lembro que a média eram oito ou a nove cargas de água em barril. Quando mãe ia lavar roupa no açude ou ia à rua, precisávamos cuidar de tudo, inclusive fazer o queijo.” (MARIA, 2021)

Nesse reencontro da Maria adulta com a menina que foi, na década de 90, percebe-se nas marcas linguísticas a sua dor, e de certo modo há o reconhecimento que a mãe também foi uma vítima da relação abusiva no seu casamento. Fato que ela desmarca no texto: *“Mãe trabalhava desde a madrugada fazendo queijo e comida para os trabalhadores do dono do sítio. Mas não tinha voz na relação. Quando se posicionava, era agredida”*.

Embora ela reconheça que a mãe também era vítima, quando vai falar de vínculos afetivos, ela se direciona para a avó que a protegia que cuidava dos seus ferimentos, que cuidou dela para salvar da violência do pai, durante três anos. Mesmo que ela deixe claro que quando regressou aos cuidados dos pais, as violências novamente reiniciaram. Em um dos trechos do relato, ela diz que a irmã tinha sonhos assustadores, provavelmente, devidos às violências que também ocorriam com elas. Como reflexo e resultado desse meio a Maria se tornou uma adolescente que tinha características de histeria, vivendo em um mundo de fantasias, criando situações, que ela mesma reconhece que *“escrevia sobre seus sonhos...”*

Outro ponto que merece destaque é a fala sobre os apagamentos em que a Maria diz: *“mesmo selecionando para registro apenas momentos que condiziam com um bem-estar subjetivo, o vácuo das datas não escritas ecoa um silêncio perturbador, cheio de sofrimento.”*

No trecho fica evidente como esse silenciamento *“do não narrado”* afetava e ainda toca a Maria de forma dolorosa. Dessa forma, embora haja apagamento, isso era uma forma de não dizer, mas de certa forma, deixava implícito a sua dor e o seu lamento silenciado. Fato este atestado pela fala, da Maria adulta: *“o vácuo das datas não escritas ecoa um silêncio perturbador, cheio de sofrimento.”*

Nesse sentido, inconscientemente, a Maria recorria aos recortes temporais e as fantasias da adolescência, como forma de *“apagar suas dores”*, conforme explica Nasio (2011):

por que fantasiar e vivenciar a insatisfação, quando, em princípio, são a felicidade e o prazer que procuraríamos alcançar? A razão é clara: o histérico é fundamentalmente um ser de medo que, para atenuar sua angústia, não encontrou outro recurso senão manter incessantemente, em suas fantasias e em sua vida, o doloroso estado de insatisfação. Enquanto eu estiver insatisfeito, diria ele, ficarei protegido do perigo que me espreita. (NASIO, 2011, p. 15)

No primeiro diário de 1996- 1997 ao longo das páginas são recorrentes as narrativas de encontros amorosos, em que há a presença descritiva de como ela vê os meninos que se envolve, sempre belos e perfeitos; em relação às amigas ela sempre se vê mais bela e mais inteligente do que as demais; já em relação às narrativas dos encontros, a Maria sempre os descrevem de modo bem detalhado, descrevendo como ocorrem os contatos amorosos, os beijos, os toques...

Há uma transferência libidinal para os meninos, com muitos envolvimento efêmeros que acabam por não evoluírem em namoro. Talvez essa ausência de relacionamentos duradouros fosse uma forma de evitar um provável “casamento” abusivo, violento como o da sua mãe. Ao invés dela, assim como as amigas, se envolver e buscar algo sólido, a Maria sempre acaba traindo e não se envolvendo efetivamente com os seus relacionamentos, que nunca saem do primeiro estágio da “paquera” e dos primeiros encontros.

Já nas narrativas dos diários de 1999 e 2000 são recorrentes os sonhos de ser modelo, período que se inicia uma verdadeira saga de obstinação em busca do desejo de ser modelo, que acaba por tendo um momento em que ela desfila, na escola, e é eleita “A Mais bela estudante de 2000”. Além disso, ao longo dos três diários a Maria possui características narcisista, em que ela sempre se elogia e de se coloca em situações de superioridade em relações as outras meninas. Talvez essa maneira tenha sido uma forma de se defender da rejeição que ecoava em seu inconsciente. Para a Maria, em suas descrições, ela sempre se via desejada e muito elogiada, uma simples caminha pela rua, ela narra os suspiros dos homens que supostamente a elogiavam. A descrição sempre se dá da mesma forma, como ela sendo “bonita, alta, inteligente, simpática e muito desejada”, e já em relação às meninas os olhares eram sempre de inveja. Por esta óptica a analisamos pelo lugar da histeria de acordo com a psicanálise. Nesse sentido, o Nasio (2011) assevera que para o histérico:

Há apenas um perigo essencial que o ameaça, um perigo absoluto, puro, sem imagem nem figura, mais pressentido do que definido, a saber, o perigo de viver a satisfação de um gozo máximo. Um gozo tal que, se o vivesse, ele o faria enlouquecer, dissolver-se ou desaparecer. (Id.)

O Eu do histérico é o que Nasio (2011) nomeia como “eu histericizante”, para este autor: “O histérico nunca percebe seus próprios objetos internos ou os objetos externos do mundo tal como são comumente percebidos, mas transforma sua realidade material numa realidade fantasiada: numa palavra, histericiza o mundo.” Nesse sentido, a Maria fantasia a sua realidade, assim,

é que o corpo do histérico não é seu corpo real, mas um corpo sensação-pura, aberto para o exterior como um animal vivo, uma espécie de ameba extremamente voraz que se estende para o outro, toca o, desperta nele uma sensação, intensa e dela se alimenta. Histericizar é fazer nascer no corpo do outro uma fornalha ardente em libido.

É exatamente nesse sentido, que a Maria narra seus encontros, como quentes, desejantes, beijos ardentes, sempre diz amar muito o rapaz, e, logo em seguida, se envolve com outro, já esquecendo “aquele amor ardente”. A Maria explica que escrevia sobre sonhos, ou seja, nem tudo que estava ali, era real, eram sonhos, fantasias de um desejo premente do corpo do outro

e depois, na segunda fase das análises, o desejo de ser modelo, de ser livre, de ser tão desejada, como não fora pelo seu genitor, nesse interim, jaz o conflito de Édipo, além do complexo da castração do falo em que a menina, conforme Beauvoir (1971, p. 497)

(...) desde a primeira infância a menina fosse educada com as mesmas exigências, as mesmas honras, as mesmas severidades e as mesmas licenças que seus irmãos, participando dos mesmos estudos, dos mesmos jogos, prometida a um mesmo futuro, cercada de mulheres e de homens que se lhe afigurassem iguais sem equívoco, o sentido do "complexo de castração" e do "complexo de Édipo" seria profundamente modificado.

Paralelamente ao exposto pela Maria, se comparar com a citação acima há a semelhança com a vida da Maria, em que o irmão, por ser menino era mais desejado e mais cuidado, aliás, no texto não há relatos de agressões a ele; porém, aborda a irmã, quando diz que ela tinha “sonhos assustadores”. Mas, quando fala do irmão, ela diz apenas que os pais tinham preferências por ele. Posto isso, percebe-se como a Maria se sentia rejeitada e como o sujeito é forjado pelo outro. Além disso, ela é constituída o quanto sujeito pelas relações dialógicas, assim, toda a violência enfrentada quando criança e adolescente acaba ecoando na constituição da Maria, inclusive, na vida adulta, fato este relatado quando ela narra que não teve uma relação bem sucedida com o pai do seu filho, enxergando-se forte e podendo viver sem um homem presente.

Na fala:

Eu aprendi a me jogar no mundo. Não tenho medo. Sofro preconceito por ser "separada", por ser "mãe solteira", recebo propostas para ser amante como se eu estivesse à deriva e em desespero, necessitando de sexo casual. Costumo receber mensagens penosas de parte dos colegas de trabalho, que usam da religião para afirmar que preciso de um homem para sobreviver: "Que o Senhor cuide de você e do seu filho". O machismo reina! Não tenho medo. Sou mulher. Gosto de ler. Sou uma entre tantas que trazem em si as marcas de uma tradição familiar patriarcal, cheia de violência incrustada no silêncio da vida privada.

No fragmento acima a Maria se coloca como mulher independente que cuida de si e do seu filho, sendo autossuficiente, sem precisar do homem, talvez esteja de alguma forma em sua memória, as relações abusivas e violentas que presenciou no casamento da sua mãe, em que a mãe era submissa. E, como forma de se impor e negar a submissão de uma sociedade patriarcal, ela nega um envolvimento sólido que seja preciso se dedicar a alguém, a um outro que esteja mutuamente em condições de troca, de cumplicidade e de amor, e, sobretudo, de cuidado, talvez por ela nunca ter sido cuidada, ela não se reconhece como quem precisa de cuidados. A Maria aprendeu a ser só, a não dividir com o que lhe é de mais precioso, o seu “eu”.

Se os diários pessoais fossem um romance a Maria, certamente, seria uma típica heroína que mesmo nas dificuldades impostas pela vida, ela resiste e luta pelos seus sonhos em busca de dias melhores. Nesse sentido, a ficção e a realidade se cruzam e dão o tom em sua escrita, do retrato de uma sociedade que ainda é patriarcal, castradora, mas que hoje, diferentemente de outrora, a mulher mesmo ainda sofrendo preconceito por “ser mãe solteira” e “divorciada”, essa mulher tem vez e voz. Ela pode morar só, optar por não ter “um marido” e se cuidar sozinha. A Maria é o reflexo de uma construção social, em que a sua identidade como Mulher reverbera a sua essência, as suas dores, as suas lacunas, assim, ela prefere se colocar como forte e sem medos, do que se confrontar com o seu passado.

Eu aprendi a me jogar no mundo. Não tenho medo. Sofro preconceito por ser “separada”, por ser “mãe solteira”, recebo propostas para ser amante como se eu estivesse à deriva e em desespero, necessitando de sexo casual. Costumo receber mensagens penosas de parte dos colegas de trabalho, que usam da religião para afirmar que preciso de um homem para sobreviver: “Que o Senhor cuide de você e do seu filho”. O machismo reina! Não tenho medo. Sou mulher. Gosto de ler. Sou uma entre tantas que trazem em si as marcas de uma tradição familiar patriarcal, cheia de violência incrustada no silêncio da vida privada.

Chegando ao fim do texto a Maria demarca bem o seu lugar de mulher e se reconhece, assim, como tantas outras foram vítimas de uma sociedade patriarcal que precisa se colocar quanto mulher, no trecho: “Sou uma entre tantas que trazem em si as marcas de uma tradição familiar patriarcal, cheia de violência incrustada no silêncio da vida privada”.

Os diários pessoais são registros do final de década de 90 e início de 2000 e, mesmo assim, ainda há a prevalência da violência doméstica e a submissão da mulher. É bem verdade, que hoje em pleno século XXI, ainda há muitas famílias que, assim como a da Maria, teve/ tem o silenciamento imposto pelo sistema patriarcal em que o homem é a figura dominante, provedor e agressor das mulheres e dos filhos. Esses filhos crescem com marcas em suas almas, muitas vezes, viram cicatrizes abertas que eclodem na construção psicossocial desses sujeitos, tornando-os adultos conflituosos. Como no caso da Maria que alega que já fez análises para vencer seus traumas.

Na verdade, a construção social da identidade da mulher é historicamente de lutas e resistências, como afirma Lerner (2019) houve momentos históricos que até a vida sexual da mulher era vigiada e direcionada. Retomando Lerner (2019, p.183)

A dependência vitalícia que as mulheres tinham de seus pais e maridos estabeleceu-se de forma tão firme na lei e no hábito, a ponto de ser considerada ‘natural’ e uma dádiva divina. Para mulheres de classe baixa, sua força de trabalho estava a serviço da família ou de quem possuísse a servidão de sua família. Suas funções sexuais e reprodutivas foram transformadas em mercadoria, comercializadas, alugadas ou vendidas conforme interesse dos homens da família.

Pode inferir que a narrativa da Maria se assemelha com a citação acima, que descreve a mulher na sociedade mesopotâmica, e como essas ações de servidão a família ainda são comuns. A Maria representa essa mulher que teve uma criação familiar voltada para a lida doméstica e da zona rural, em que era preciso mesmo, ainda, muito criança era necessário trabalhar na lida pesada do sítio e estudar à noite na lamparina para que por meio do estudo tivesse a possibilidade de mudar de vida.

Conforme Lerner (2019) o lugar da submissão e do silenciamento são impostos a mulher como verdade absoluta, em que mesmo, na atualidade, ajudando a prover o lar, a palavra do homem, ainda é a decisiva na maioria dos lares. Isso demonstra como ainda é distante uma sociedade que tenha equidade e que todos possam ter o mesmo direito à voz, à palavra, a decidir o seu caminho. Esse lugar da palavra e da mulher submissa vêm sendo desenhado e repetido desde o mito de EVA, em que a Mulher é colocada como a culpada pelo pecado e pelo castigo aos humanos. Já Del Priori (2004, p.39) mostra que muitas mulheres eram rotuladas como feiticeiras e, por isso, eram queimadas vivas, assim, “as feiticeiras eram teimosas. (...) manipulavam anseios, reforçavam crenças, aguçavam ardores”.

Retomando Duby e Michelle Perrot (1990, p.7), “Escrever a história das mulheres? Durante muito tempo foi uma questão incongruente ou ausente. Voltadas ao silêncio da reprodução materna e doméstica, na sombra da domesticidade que não merece ser quantificada nem narrada, terão mesmo as mulheres uma história?”

Assim, como tantas outras mulheres ao longo da história a Maria buscou nas páginas do diário o alento, o amigo que pudesse dar asas a sua imaginação, a sonhar e escrever situações que talvez nunca tenham saído do seu “eu”, nunca tenha sido real, mas em si, para ela, era a realidade desejada. Será que todas as aventuras narradas foram reais? Como uma pessoa que vive em completa miséria social e opressão pode ter recursos para lazer? Não se sabe onde está o ponto de incógnita, mas há lacunas, deixadas nos textos que representam atos falhos, ou o que se pode nomear de fantasias, ficções que nem tudo pode ser levado como o real. Entre o real e o imaginário a Maria transita, em situações típicas das esferas da adolescência do lugar de uma menina/ adolescente do sertão nordestino da década de 90.

Nesse sentido, a escrita de muitas mulheres fora por muito tempo restrita aos diários em que tinham anseios, memórias ou até mesmo fantasias adolescentes. Assim, como os diários da Maria tal história “está fechada em velhos diários, afundada em velhas gavetas, meio apagada da memória dos antigos (WOOLF, 2019, p.10)”. Outra semelhança encontrada na escrita da Maria com o que postula Woolf é o silenciamento temporal, não há uma continuidade em sua escrita, há páginas que não possuem datas, outras em grande parte há apagamentos por completo de situações rotineiras, havendo, assim, “Estranhos intervalos de silêncio parecem separar um período de atividade do outro. (id.)”

O diário pessoal para a Maria foi um instrumento não só de registro, mas sobretudo, um lugar de acolhida, em que ela poderia ser livre, expondo-se como ela quisesse, sendo lugar de acolhida em que era possível ela ser ela mesma a partir do seu lugar, muitas vezes travestida de situações fantasiosas, dando margem, assim, para a sua imaginação.

No final do relato autobiográfico enviado para a pesquisa, ela traz um pouco do resultado da sua infância, da adolescência, e do que ela se tornou. Em 2021 já amadurecida pela vida e no lugar de Mulher dependente, ela se coloca como sendo forte e sem medo. Para Beauvoir (1971), “amadurecida pela experiência, pensa que é capaz enfim de se valorizar; gostaria de recomeçar. (BEAUVOIR,1971, p.345)”

E ainda,

Entre outras coisas, a mulher esforçar-se-á por realizar, antes que seja tarde demais, todos os seus desejos de criança e de adolescente: uma volta ao piano, outra à escultura, ou a escrever, a viajar, aprende a esquiar ou línguas estrangeiras. Tudo o que recusara voluntariamente até então, ela resolve — antes que seja tarde demais — acolher. (Id.)

Assim, a Maria encarou o recomeço, e por meio do estudo conseguiu mudar a sua realidade, tornou-se Pedagoga, professora do ensino fundamental I e cuida de crianças, talvez de forma, inconscientemente, ela tenha escolhido essa profissão para poder acolher outras crianças em suas singularidades, para poder de alguma forma se vê naquelas meninas, da rede pública, que também passa por escassez e, em muitos casos, por violência doméstica. Talvez essa seja uma forma dela ressignificar seus traumas, auxiliando outras crianças a vencerem seus obstáculos e limitações. Dessa forma, a Maria é apenas mais uma entre tantas “Marias que têm marcas da violência domésticas, mas que de alguma forma conseguiu ressignificar a sua dor e se tornar uma Mulher que se refez para sobreviver em uma sociedade patriarcal que ainda oprime a Mulher.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fato que a humanidade foi se reconfigurando ao longo do processo histórico, e com isso, a arte de viver foi se tornando mais desafiadora mediante aos novos tempos. Assim, a arte imita a vida a partir do momento em que ela é o reflexo da realidade, pela *mimese*, e ao mesmo tempo a “vida” imita a arte, já que ela é refletida e da mesma forma, em uma teia dialógica ela se transforma, se recria e vai tecendo novos formatos e contornos para o ato de viver em sociedade.

A concepção que se tem na modernidade da mulher que é “tagarela”, que “fala muito”, é um conceito atual, é bem verdade, porém como foi exposto ao longo desse trabalho, há na História um silenciamento da Mulher imposto por uma sociedade patriarcal e segregacionista, em que por séculos a mulher viveu à margem da sociedade, cabendo-lhe apenas o espaço doméstico e do cuidado com os filhos. A elas eram imputados o silêncio e a clausura, e por muito tempo, mesmo com o advento da escrita o diário pessoal era o seu local de acolhida, de poder deixar se transbordar em seu Eu e escrever naquelas páginas em branco sobre a sua dor, medos, amores e a clausura imposta pelos homens da sociedade e pela Igreja. Por muito tempo, a escrita foi destinada apenas aos homens, só na Idade Média que a mulher pôde escrever romances, mesmos que esses ainda tivessem a escrita orientada pelos homens, pois eram eles que ditavam o modo de escrever e como as mulheres precisavam se comportar na sociedade.

Assim, mesmo, ainda, nesse período o diário foi o companheiro da mulher, era o seu confidente, seu fiel amigo, onde se criavam vínculos confessionais. Os historiadores que se debruçam ao estudo da escrita feminina apontam que há um enorme vácuo da escrita da mulher na História, e que muita coisa se perdeu dos seus registros, restando apenas “diários perdidos nos fundos dos baús da História” (LERNER, 2019), que servem para mostrar por meio da História o lugar da mulher na clausura e no silenciamento ao longo dos tempos.

Nesse sentido, adentrar ao universo da adolescência pelo viés feminino, ao passo que foi desafiador, foi instigante, pois aos poucos foram surgindo novos caminhos possíveis para se entender essa área humana tão estudada, inquietante e que ainda precisa de muitas respostas. Assim, à medida que a pesquisa foi avançando, ganhando suas limitações outras questões iriam surgindo e se tornando necessárias para esse estudo. Não bastava saber apenas sobre a adolescência, era preciso mais, tornava-se premente construir uma teia discursiva com o debate de outras teorias, como a Psicanálise, a Literatura e a escrita desde o seu advento até o momento contemporâneo, já que os diários pessoais são da década de 90 e início dos anos 2000. Além disso, foi preciso trazer a mulher como personagem principal desde o longo silenciamento do

seu papel na História, até o seu “grito” por meio da palavra e de resistência na escrita e na sociedade. O caminho foi trilhado desde o mito de Adão e Eva, ao silenciamento e à subordinação patriarcal, e assim, chegou-se ao desenho almejado, compreendendo a adolescente, mulher e nordestina, por meio da sua escrita de diários pessoais, sobretudo, tendo como égide uma família, tradicionalmente, patriarcal em que a figura do homem oprime, subordina e agride a figura feminina.

Nesse interim, para entender o enredo traçado nas narrativas dos diários pessoais foi preciso atrelar as teorias abordadas ao longo dessa pesquisa por meio de organização das ocorrências das passagens das situações, possibilitando assim, uma estrutura de repetições que convergiam para fatores psicanalíticos, e do ponto de vista da literatura e da escrita intimista. Foi a partir dessa organização que o capítulo das análises foi organizado, buscando obedecer a uma ocorrências que se repetiam ao longo do recorte temporal.

Assim, ao longo da escrita a Maria foi deixando pistas a partir dos lapsos de memória, ou pelos atos falhos, que possibilitou montar o quebra cabeça à luz das teorias abordadas. Conforme Freud ([1916-1917] 2014, p.31) em que: “Além disso, nos atos falhos há muitos pequenos fenômenos secundários incompreensíveis, que as explicações oferecidas até o momento não ajudam a elucidar. [...] Há também casos em que os atos falhos se multiplicam, se ligam uns aos outros ou se sucedem.”

É exatamente nessa sucessão de atos falhos em que a teia discursiva se entrelaça e ao mesmo tempo se une, que foi necessário entender os motivos pelos quais eram repetidos os apagamentos ao longo de quase cinco anos, já que a escrita iniciou aos 12 anos e foram até o início dos 17 anos, com o aniversário da Maria. Enfatiza-se o fato de a última página ter sido escrita exatamente no dia 02 de janeiro de 2001, em que ela aniversariou e nunca mais teve o seu retorno aos diários. Segundo ela, reviver aquelas páginas era trazer à tona muita dor e mágoa. Então, nesse sentido, talvez ela ter escrito exatamente nesse dia, foi uma forma simbólica de se despedir da adolescência e entrar para a vida adulta. Ali, naquele dia 02 de janeiro, ela finalizou os registros da sua adolescência, e, por algum motivo, diferentemente, de muitas adolescentes, guardou os diários por toda sua vida, não em seu poder, mas lá, na cidade e na casa dos seus pais, talvez por entender que lá, naquela “cidadezinha” era o lugar deles, e não o dela. Nesse sentido, como afirma Freud (1914-1916] 2010d, p.62)

Em determinadas condições, que passaremos a examinar mais detidamente, ele chega ao estado da repressão. Tratando-se do efeito de um estímulo externo, a fuga seria, obviamente, o recurso adequado. No caso de um instinto a fuga não serve, pois o Eu não pode fugir de si mesmo.

Dessa forma, a fuga do espaço para a Maria foi o “fôlego” necessário para que ela pudesse se refazer, se tornar a mulher forte e sem medo como ela mesma alega no texto enviado para a pesquisa: “*Não tenho medo. Sou mulher. Gosto de ler. Sou uma entre tantas que trazem em si as marcas de uma tradição familiar patriarcal, cheia de violência incrustada no silêncio da vida privada. (MARIA, 2021)*”. Mas, como ela também atesta nesse último registro, as suas mágoas e traumas ainda a fazem visitar o psicanalista na busca da cura das suas dores, na fase adulta. Assim, a fala da Maria confirma o que os teóricos da Psicanálise apontam que os sujeitos são constituídos de vários outros, e que as marcas deixadas na infância acompanham os adultos, além disso, em cada adulto há uma “eterna criança” que ainda sente as dores e ausências das marcas deixadas.

O caminho que foi trilhado, para esta pesquisa, aos poucos foi sendo condicionado pelas possibilidades apresentados nos registros, assim os rastros deixados na escrita foram guiando as análises conforme as necessidades para interpretá-las. Ao mesmo tempo que era necessário ir acrescentado novas teorias, pois não bastava apenas falar do lugar da mulher na escrita e na Literatura, era preciso trazer teorias sobre a ficção, haja vista na escrita dos diários pessoais havia a presença de textos ficcionais, em que a Maria nomeava como “sonhos”. Além de ser de suma importância a Psicanálise para compreender este Eu que escreve, de forma (in) consciente sobre si.

Para Candido et al (1981, p.11) “o termo “verdade”, quando usado com referência a obras de arte ou de ficção, tem significado diverso. Designa com frequência qualquer coisa como a genuinidade, sinceridade ou autenticidade (termos que em geral visam à atitude subjetiva do autor)”. Assim, os diários pessoais da Maria é um misto entre o factual e a ficção com narrativas, predominantemente, por meio da prosa ela se define como personagem, e ao mesmo tempo traz a sua marca autoral, tendo como testemunha de muitos dos seus enredos a lua, o céu com estrelas, e a escuridão, de forma poética ela descreve muitos dos seus encontros amorosos, que como as cenas são repetidas, talvez, como ela era uma leitora nata de romances, ela transfigurou para a sua escrita características que gostava de ler nos romances. E foi exatamente, assim, que ela se descreveu quando questionada acerca da veracidade, ela disse: “*eu gostava de ler e de sonhar, então, provavelmente, havia muitos delírios de adolescentes...*”

Como afirma Gameiro (2012) a escrita do diário deve ser realizada logo após os acontecimentos, diferentemente da autobiografia que o autor pode partir do presente para o passado. Porém, na escrita intimista da Maria se mescla o diário, com relatos do dia a dia, mas há relatos de memórias que ela narra acontecimentos passados, e, é exatamente, nesses relatos

que ela nomeia como “Histórias” que se cruzam a ficção com a realidade. Para Gameiro (2012, p. 40) “é uma escrita datada, que se segue a actualidade nos seus meandros, segundo a disposição dos acontecimentos.” Assim, nessas passagens nomeadas como “Histórias” há uma aproximação muito mais com a autobiografia, que ela resgata as suas memórias, ou criação, já que há muito presente a ficção nessas narrativas. Outro ponto importante apontado por Gameiro (2012, p.42) é o fato que o “eu desvenda a sua intimidade até aos pormenores mais secretos”

Assim, quando a Maria foi questionada acerca da veracidade dos fatos, ela disse que, possivelmente, havia muitos desejos, vontade que tudo fosse real, mas que certamente nem tudo o que fora descrito eram reais, poderiam ser fantasias propícias da fase da adolescência. Como ela era uma leitora assídua, isso a possibilitou desenvolver a habilidade da escrita e influenciou na sua forma de escrever, desenvolvendo, também habilidades poéticas com escrita de “poemas curtinhos”, como ela mesma nomeou. *“Recordo-me que escrevia, sim, poemas curtinhos, mas esses com aspas e travessões eram poemas ou frases que eu me identificava” (MARIA, 2021)*

Assim, Bakhtin (2016b, p. 51)

o que importa é transpor-me da linguagem interna de minha percepção para a linguagem externa da expressividade externa e entrelaçar-me por inteiro, sem resíduo, na textura plástico-pictural da vida, enquanto homem entre outros homens, enquanto herói entre outros heróis.

É assim nessa tessitura textual de forma plena, inteira que se pode descrever a Maria, como mais uma “heroína” entre tantas adolescentes nordestinas que buscam em si, em seu interior, a força para se expressar e vencer as suas limitações. Como a Maria devido aos seus traumas de infância se tornou uma adolescente conflituosa com características de histeria, ao longo de boa parte das análises, e por fim, entrou em estado melancólico e de luto. Para entender esse período foi necessário se debruçar sobre essas teorias freudianas para que se pudesse construir sentidos a partir dos seus registros, já que ela se apresentava como uma grande colcha de retalhos, que desafiava e ao mesmo tempo era instigante para a pesquisa.

Nesse sentido, esta pesquisa teve como principal função buscar compreender a fase da adolescência, a partir do lugar do ser Mulher, e como se processa a construção desse sujeito de direitos, e, sobretudo, psicanalítico a partir da óptica do lugar da mulher, visto que o estudo de caso se tratava de uma adolescente do Seridó do Rio Grande do Norte, que passou por muita escassez, violência doméstica e psicológica. A partir disso, buscou-se contribuir com uma pesquisa que suscitasse o debate acerca da adolescência, pontuando o quão fulcral é o sujeito o quanto social e como a Psicanálise é de suma importância para desvendar a sua construção da Maria, em meio ao contexto tão adverso que ela vivia.

Como não pensar esta adolescente a partir das suas escolhas? Dos seus vínculos de afetos? Da sua maneira de se comportar na sociedade? Como não a entender a partir das suas marcas deixadas na escrita subjetiva de si, bem como nos apagamentos (in) conscientes ou não? Foram movidas por tais questões que se buscou tecer a construção dessa tese, tendo em vista que o sujeito é social e psicanalítico, sendo possível compreendê-la a partir dos seus registros e do processo de continuidade e da descontinuidade que é a fase da adolescência.

Como o diário pessoal, também é denominado como diário íntimo, é constituído a partir do Eu de quem escreve, a partir do seu lugar, do seu Eu, revelando a sua intimidade, assim, como afirma Grameiro (2012, p. 42) “ao tratar de uma escrita íntima, há, certamente, menos preocupação técnico-formais e linguísticas, sendo, também uma escrita mais “descontraída”. Para este autor, quem escreve o diário “é quem se sente só (Id.). É nesse interim, que se insere a Maria, mesmo que em meio de muitos amigos, ela se sentia só, não tinha o afago e aconchego de um lar saudável, e que não conseguia se estabelecer em relacionamentos amorosos, haja vista, todos descritos foram efêmeros. Gameiro (2012) assevera que há na escrita intimista um caminho duplo narcisista, já que tanto quem o ler, como quem o escreve possui tal característica. Além disso, como o diário, geralmente, é lido apenas por quem o escreve, caberá a ele fazer a sua leitura e apreciar as narrativas do lugar do narcísico.

Para compreender a Maria, como personagem feminina e complexa, foi preciso se debruçar na teoria freudiana, especialmente, sobre a Histeria, Luto e Melancolia, Narcisismo, além de outras categorias que constituem o universo da adolescência. Escrever as suas memórias, enfatizado seu poder de sedução, de manipular as situações em seu favor é uma forma da Maria se firmar no seu lugar social como agente do seu meio, tendo controle sobre os “seus paquerinhas” e as situações que a ela eram propostas. Na verdade, talvez, essa, seja uma forma dela querer pertencer a algo ou alguém, como uma necessidade latente de possuir e ser possuída, mesmo que seja em relações efêmeras. Dessa forma, é através da escrita que se grita em palavras silenciosas. “O grito nunca é a dor, é seu representante; o que se escreve é o desenvolvimento do que se gritava” (BELLAME- NOEL, 2003, p. 48).

Assim, Maria usa a palavra como uma forma de “gritar em palavras”, mesmo que ela apague os momentos de dores, há em grande maioria os registros bons, que não se sabe se todos são reais ou não, pois segundo a Maria ela sonhava muito, e, certamente, há muitos “delírios de adolescente”.

Para Bakhtin (2017, p.46),

De fato o dever, o dever se revelam apenas na correlação da verdade (válida em si mesma) com a ação cognitiva real de cada um de nós, e tal momento de correlação é historicamente um momento único, é sempre um ato individual, que não afeta em nada a validade teórica objetiva do juízo – é um ato que é avaliável é imputável no contexto único da vida real única de um sujeito.

Nesse sentido, o ato é real, é histórico e situado, destaca-se o fato dele ser “avaliável e “imputável”, ou seja, o sujeito responde pela sua autoria. Sendo assim, “todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes (Bakhtin, 2016 a, p.30)”. Dito de outro modo, “o signo interior por excelência é a palavra, o discurso interior. (id, p.42)

E nesse discurso interior está a égide da escrita do Eu da Maria, em que a sua subjetividade em falar de si, coloca a partir do seu lugar de adolescente, as suas marcas em seus registros, não cabe, aqui, questionar a veracidade dos fatos, mas pontuar que para ela, para a Maria em si, no seu Eu, estava ancorado em seu desejo, posto que estavam em seus “sonhos”, assim, no eu psíquico existiam, logo, para ela era real.

Dessa forma, o uso da escrita foi uma forma de eternizar os momentos e suas emoções, rememorando, registrando para preservá-los eternos, ali, nos registros. Assim, “pensamos estar sozinhos quando lemos, mas inconscientemente lemos com o escritor, de acordo, em eco, em ressonância com ele” (BELLEMIN-NOEL, 2003, p.44). É uma forma de transfigurar o que é abstrato no concreto, dando formas concretas por meio das palavras as dores, as emoções, as inquietações que são tão premente na adolescência, por isso, a escrita é tão presente e necessária para muitas meninas, sendo uma forma de externar o seu eu e suas dores. Nesse sentido, o diário é um aliado, um “parceiro” confidente, que ela pode se expressar revelando os mais escondidos segredos. Ali, naquele espaço, não haverá censura, nem recriminações, ele apenas a “ouve” em sua dor e nas suas emoções.

Como transgressora do seu tempo e com “a caneta na mão para escrever a sua própria História”, a Maria foi se metamorfoseando de adolescente histérica que tinha o narcisismo como sua principal característica que se deixava agir pelas pulsões em detrimento aos demais, aos poucos a efervescência e o viço da sua beleza que ela tanto ostentava foi dando lugar a uma jovem triste e melancólica. No primeiro diário pessoal há a presença mais premente das pulsões e das descobertas da adolescência, é nele que se presencia mais forte a histeria e o desejo heterossexual da Maria em relação aos garotos e seus relacionamentos efêmeros. Este período se dá entre 1996 a 1998. Nos próximos dois diários datados de 1999 – 2000, a Maria se apresentou diferente tanto na sua escrita como nos seus desejos, em uma fase intitulada, por

esta pesquisa, como o período “entre o sagrado e o profano”, haja vista há uma possível vontade de ser freira e se entregar a Deus; o outro desejo e mais premente é o de ser modelo e sair do seu lugar, como forma de romper com tudo o que representava viver no sítio e na escassez. Dessa forma, ser modelo representava a possibilidade de deixar a servidão à sua família e a “cidadezinha”, termo esse muitas vezes utilizado por ela, para enaltecer a sua beleza, que ela “era tão bela para ser perder naquela cidadezinha”.

Desvendar a Maria foi desafiador por elas se demonstrar com muitas incongruências passeando entre a Histeria, o narcisismo, as pulsões características da própria fase da adolescência, ela se metamorfoseava à medida que se ia avançando nas análises, iria percebendo como as histeria ficava presente. Para Nasio (2012) mesmo os adolescentes ditos “normas” também são histéricos. No entanto, a histeria “eclode” a partir de “fatos traumáticos e nos períodos críticos da vida de um sujeito, como por exemplo na adolescência.” (NASIO, 1994, p. 9). E assim, a histeria vai se fundindo com a adolescência e tecendo a Maria até chegar na obsessão de ser modelo, que acaba por confiná-la à melancolia por não ter conseguido alcançar o seu desejo objetual. Como afirma Freud na obra “Luto e melancolia”, a Maria se aproxima nesse desejo a uma neurose de transferência, pois as “transferência as identificações com o objeto não são de modo algum raras e constituem até mesmo um conhecido mecanismo da formação de sintomas, em especial na histeria. (FREUD, 2010h, p. 39)”. Fato é, que a não realizar o seu sonho, a Maria culmina enclausurada no sítio, no retorno ao seio familiar e conclui a escrita dos diários, simbolicamente, acabando com os seus desejos de adolescentes.

Nas palavras de Nasio (2011, p.12) “a menina histérica diferentemente do menino, ela se volta contra si mesma”, no menino, ele se torna violento, já na menina a depressão eclode. Conforme, Nasio (2011) isso é causado pelo medo de ser humilhado, no caso da Maria a sua histeria se encontrava associada ao narcisismo. Assim, nas palavras de Nasio pode-se descrever a Maria a partir da histeria em que conforme este autor: “na histeria, trata-se sempre de um amor decepcionado. Seja angustiado, depressivo ou paranoide, nosso jovem histérico sofre invariavelmente por julgar-se mal-amado” (*Id.*p.37). Como uma forma de se proteger dos “outros” ela “, sentindo seu Eu mais frágil do que é de fato, superprotege-o desenvolvendo um amor-próprio exacerbado (*Id.* p.43)”

Nesse sentido, no medo de ser ultrajada, humilhada, a Maria sempre se mostrou forte, nos primeiros anos dos diários, o seu narcisismo latente a impulsionava como forma de defesa. Como mecanismo de defesa, ela era sempre a mais bela, a mais inteligente e a mais desejada por todos, talvez, como uma forma de maquiagem a dor da rejeição dos genitores. Ela nunca estava satisfeita, nas palavras dela em seu texto, intitulado de “Voltando à escrita de si: Revirando as

memórias”, na última análise dessa pesquisa, ela se denomina como rejeitada e preterida, pelos seus pais que tinham preferência pelo seu irmão homem. Essa rejeição, inconscientemente, sempre a acompanhou em seus relacionamentos, haja vista o complexo de Édipo, conforme, Nasio (2011, p.103) “Os fragmentos, os detritos mais ou menos incompletamente recalçados do Édipo vão ressurgir no nível da puberdade sob a forma de sintomas neuróticos.”

Na adolescência, o adolescente lida com as pulsões e imposições biológicas, além de lidar com as pressões sociais e da família para que ele passe a se comportar não mais como aquela criança, iniciando-se as cobranças para comportamentos responsáveis, já que essa fase é a travessia para a adulta. Assim, o sujeito que se encontra mergulhado em seu Eu e nas turbulências psicossociais, nem sempre consegue dominar seus instintos. No caso da Maria, ela tinha uma trajetória de rejeição, de violência e de escassez que impactaram de forma bem nítida no que se apontou, nessa pesquisa, como um caso de histeria da adolescência. Assim, essa histeria foi desenvolvida a partir dos seus traumas, e que ainda repercutem na fase adulta, como ela bem descreveu em seu texto.

Assim, Nasio (Id, p.20) assevera que:

A adolescência é a idade em que as sensações corporais são tão prementes quanto o juízo crítico proveniente dos outros. É esse juízo negativo, interiorizado como autocrítica, que chamamos de supereu, (...). Isso explica por que a neurose é justamente o resultado da incapacidade que tem o eu adolescente, ainda imaturo, de conciliar as tirânicas exigências pulsionais com as tirânicas exigências do supereu.

Então, nesse duelo entre a tirania das pulsões e do supereu, a Maria cedeu para as pulsões sem se importar com os juízos atribuídos a ela ou ao seu comportamento, denominado como “fácil” por um dos seus “namoradinhos”. Segundo ele, como ela era nova era possível mudar para não se tornar “fácil e vulgar”. Na ocasião a Maria não revidou, pelo contrário, se curvou à postura machista, dizendo que gostou do conselho e entendeu o que ele quis dizer. Talvez ali, tenha aflorado nela a ideia do “homem” como tendo direito a “palavra”, como o seu genitor que era castrador. Ou uma outra hipótese é ela pode ter entendido como “cuidado”, haja vista ela era carente de ser cuidada, e de alguma forma a necessidade dela de pertencer a algo ou alguém, nesse momento, tenha sido mais acentuada. Mesmo porque, ela não seguiu o conselho e seguiu em sua busca de pertencimento. Para ela, o que importava era viver o momento, aparentemente porque que era prazeroso, dava-lhe satisfação, longe do seu estado real, da vida dura do sítio e que lhe atormentava.

A Maria era livre de alma, transgressora em seu tempo e seu meio social. A Maria é o exemplo de mais uma brasileira, nordestina, que venceu na vida por meio dos estudos e reescreve a sua História a partir dos seus sonhos e do desejo de torná-los reais. Assim, como

afirma Beauvoir (1971) a menina, diferentemente do menino, vem de uma educação voltada ao lar, em que a mãe transfere para ela a obrigação dos cuidados da casa, dos irmãos, da lida diária se que substitui as brincadeiras pelo trabalho doméstico. Em um exemplo claro, da educação machista e que ainda insiste em diferenciar a criação dos meninos que crescem livres sem obrigações, com a das meninas que são obrigadas desde cedo a cuidar do lar e dos outros. Até muito tempo a boneca das meninas eram logo substituídas pela cozinha, pela louça para lavar e a casa para ser arrumada.

Esse fato é cada vez mais presente nas camadas sociais menos prestigiadas, aos poucos a menina precocemente aprende a “controlar” o fogão e os dotes culinários para ser a substituta da sua mãe, com todas as atribuições que ela tem. Na sorte da Maria além dos cuidados intensos com a casa, também vieram a lida pesada do sítio, que ainda em sua pouca idade teve de se reconhecer a partir da sua força física e franzina para o peso dos galões de água para abastecer a sua casa.

Sendo assim, a Maria, como quanto sujeito social, é reflexo do seu meio. Desse modo, conforme Bakhtin (2016b, p.57)

forma concreta da vivência real do homem emana de uma correlação entre as categorias representativas do eu e do outro; as formas do eu através das quais sou o único a vivenciar-me se distinguem fundamentalmente das formas do outro através das quais vivencio a todos os outros sem exceção. Vivencio o eu do outro de um modo totalmente diferente daquele como vivencio meu próprio eu.

Nesse sentido, o sujeito se reconhece a partir do outro que habita em si, porém, este outro faz com que se constitua o Eu, e forma única, singular, embora seja constituído de forma plural, já que nele há inúmeros “outros” e vozes. Dessa forma, ele age de forma responsiva, ou seja, a palavra emitida nunca retornará da mesma forma, com o mesmo sentido, ela sempre será ressignificada, revestindo-se de novos e atribuídos e valores de acordo com a esfera comunicativa. Esses novos significados são influenciados por tudo que está em torno do contexto de produção, inclusive, o sujeito, pois de cada com o seu lugar de fala será atribuído um novo sentido que dependerá das suas relações com o mundo e com os outros.

Ademais, conforme Bakhtin (Id. p. 290) “um fato real que é o todo constituído pela compreensão responsiva ativa e que se materializa no ato real [...]” Ou seja, é preciso considerar o ato de produção dos diários pessoais da Maria, pois a responsividade ativa só tem sua plenitude a partir da singularidade do ato e em contexto de produção. Nesse sentido, embora tenha sido procurado absorver essa singularidade e a compreensão do contexto de produção, sempre existirão lacunas, que nem a própria Maria, hoje, adulta, poderá responder, haja vista a

singularidade do ato jamais será reproduzido com seus mesmos efeitos do momento de produção.

O fato é que em todo adulto habita uma criança, que brinca, que sofre e que ainda ecoam seus traumas de infância. Na Maria, ainda, há uma eterna criança que não venceu as mágoas, as histórias de silenciamentos e de “luta” vivenciados na sua infância, mas que aprendeu a conviver com eles, fazendo disso uma mola propulsora para alcançar novos caminhos e conseguir sua tão sonhada liberdade. Quando a Maria se refere a sua infância ela sempre diz em tom de lamento “foi de sofrimento, fome e de muita miséria”.

Em Maria há muitas outras Marias, meninas que são consequências das lutas diárias, de violência doméstica, que teve uma infância e adolescência regada pelo trabalho doméstico, sendo a “mulherzinha da casa”, arrumando, botando água com “galão ou balde” para seu próprio sustento. A Maria teve que trabalhar cedo fazendo “crochê”, bordado ou vendendo bijuterias para suprir seus desejos de consumo e chegar mais próximo do padrão das adolescentes do seu tempo. Em Maria se encontra uma adolescente com características da histeria e do narcisismo, que a impulsionaram para vivenciar suas aventuras da adolescência em busca de ser apenas “normal”, como todas as outras adolescentes que estavam em seu ciclo de amizade.

Além disso, cabe destacar, ainda, a necessidade de pertencimento de fazer parte de um meio, de um grupo, e que para isso havia padrões impostos e o consumo era um deles. Assim, para ela conseguir fazer parte do seu grupo, ela trabalhava vendendo bijuterias, crochê e bordado. A vida da Maria, nos registros, transitava entre a factual e a real, essas duas se entrelaçavam, muitas vezes dificultando a identificação por meio da escrita, a distinção entre o que era real ou apenas anseios de uma adolescente. Há fragmento nos diários que ela já melancólica, sozinha, diz que apenas um garoto a deseja, mas ela não poderia se entregar a esse desejo dele, porque ela não sente o mesmo por ele. Nessa fala ela lamenta por estar sozinha e sem namorados. Essa narrativa, ela encerra dizendo que eles não podem se entregar às fantasias e as aventuras da adolescência, talvez já entenda que a sua idade já não cabia mais os mesmos comportamentos dos 12 ou 13 anos, visto que já estava com quase 17 anos de idade.

Freud ([1914-1916], 2010h) assevera que na puberdade é comum a mulher ser narcísica, ter o seu próprio Eu acima dos demais, além do que não a importa o amor do outro, mas o dela mesma. Assim,

não é propício à constituição de um regular amor objetual com superestimação sexual. Em particular quando se torna bela, produz-se na mulher uma autossuficiência que para ela compensa a pouca liberdade que a sociedade lhe impõe na escolha de objeto.

A rigor, tais mulheres amam apenas a si mesmas com intensidade semelhante à que são amadas pelo homem. Sua necessidade não reside tanto em amar quanto em serem amadas, e o homem que lhes agrada é o que preenche tal condição. (FREUD, 2010h, p.23)

Era exatamente assim que a Maria se via, não se sabe ao certo, se o desejo dos homens era real, ou apenas uma projeção das suas fantasias, mas o que Freud postula, acima, descreve a Maria como ela se via e como se apresenta ao longo dos diários, como sendo a mais bela, a mais desejada e cobiçada entre todas as outras. O narcisismo, para Maria, era uma condição dela se impor às limitações e de se sustentar de pé, tendo personalidade e sendo forte para a labuta diária, regada de muitas pulsões e lágrimas de desalento. Assim, conforme Freud (*Id.* p.128)

A melancolia se caracteriza, em termos psíquicos, por um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e diminuição da autoestima, que se expressa em recriminações e ofensas à própria pessoa e pode chegar a uma delirante expectativa de punição.

No desfecho do diário pessoal a Maria se mostra melancólica por não ter conseguido realizar seu desejo de ser modelo profissional. Assim, no final da sua escrita a Maria se encontra a partir do enclausuramento e imbuída na tristeza, em um estado melancólico. Se os diários pessoais fossem um romance tinha sido concluído com o ápice da heroína, com o desfecho do regresso ao lar e o reencontro poético com a sua genitora, sua mãe e seu cachorro, lembrando o ano de 2000 e desejando boas-vindas para 2001.

Nos diários pessoais há a construção social de uma adolescente que passa por todos os conflitos da fase que é biopsico-social e histórica de maneira a se impor por meio do narcisismo, e buscando ser a melhor em tudo que fazia, como é o caso dela sempre se colocar como inteligente e ser quase sempre a número 1 (hum) nos estudos na sua classe. Nesse sentido, a escrita intimista e o diário são para a Maria o lugar mais próximo onde ela pode ser ela mesma, expondo-se e falando de si e dos vários outros que a constituem o quanto sujeito, sendo por onde ela se inscreve como sujeito social e psicanalítico, na tessitura dialógica dos diários pessoais ao longo de quase cinco anos, por meio da sua escrita intimista do lugar de mulher.

A Maria é mais uma “Maria”, sertaneja, “cangaceira” que tem a força como seu maior símbolo, sendo resistente as intemperes da vida difícil da mulher nordestina. Ela é mais uma história de resistência que venceu as imposições sociais e a escassez por meio da educação, conseguindo se colocar socialmente, como Mulher que tem uma História de luta e de conquistas. Assim, a Maria reescreve a sua História e ressignifica suas dores como sendo

mulher, mãe, professora e mais uma entre tantas a sobreviver em sociedade patriarcal e castradora. A mulher na atualidade, mesmo em suas limitações, tem direito a seu lugar de fala, podendo ser quem ela quiser e onde ela quiser, até mesmo longe do seu ninho se assim desejar.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira. **Os jovens e sua vulnerabilidade social**. 1. ed. São Paulo: AAPCS –Associação de Apoio ao Programa Capacitação Solidária, 2001.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. tradução de Dora Flaksman. 2ª edição. [Reimpressão]. Rio de Janeiro: LTC, 2015.
- ARISTÓTELES. **Política**. São Paulo, SP: Martin Claret, 2007.
- _____. **Poética**. 2ª edição. Edição bilíngüe; Tradução, introdução e notas de Paulo Pinheiro- São Paulo: Editora 34, 2017.
- AURELIO, Buarque de Holanda. **Dicionário de Língua Portuguesa**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/aurelio-2/> acessado: 20/09/2018.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12 ed. HUCITEC. 2006a.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.
- _____. **Para uma filosofia do ato responsável**. [Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco]. São Carlos: Pedro e João Editores, 2017.
- _____. **Os gêneros do discurso**. [organização e tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas e edição russa de Seguei Botcharov]- São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. BESSI, Vânia Gisele. GRISCI, Carmem Ligia.
- BATHES, Roland. **O Prazer de Ler o Texto**. Lisboa, Edições 70, col. 2001.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo – fatos e mitos**; tradução de Sérgio Millet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1981.
- _____. **O Segundo Sexo – a experiência vivida**; tradução de Sérgio Millet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1981.
- BELLEMIN-NOEL, Jean. **Psicanálise e Literatura**. São Paulo: Cultrix, 1978. BLOS, Peter. O ego na adolescência. In: *Adolescência: uma interpretação psicanalítica*/Peter Blos; tradução de Waltensir Dutra; Revisão Monica Stahel.- 2ª ed.- São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BIBLÍA SAGRADA. **Genesis**. Disponível em: <https://www.bibliaon.com/> Acesso em: 25 de maio de 2021.
- BLOS, Peter. **O ego na adolescência**. In: *Adolescência: uma interpretação psicanalítica*/Peter Blos; tradução de Waltensir Dutra; Revisão Monica Stahel.- 2ª ed.- São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Diário Oficial da União. Brasília. 05 de Outubro de 1988.

BRASIL. **Constituição Federal do Brasil**. Disponível em :
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/16697.htm

_____. **LEI Nº 8.069 DE 13 DE JULHO DE 1990- Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/16697.htm

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Vol.1 Editora Vozes, Petrópolis. 2003.

BREATON, Le David. **Uma breve história da adolescência**. Tradutores: Andrea Máris Campos Guerra...[et al.] Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: **feminismo e subversão da identidade**. 21ª ed. Judith Butler; tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2021.

CAMINHA, Pero Váz. **Carta de descobrimento do Brasil**. 1500. Disponível em:
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000283.pdf>

CAHN, Raymond. O adolescente na Psicanálise: **a aventura da subjetivação**. Tradução: Sandra Regina Felgueiras, Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

CÂNDIDO, Antônio, ROSENFELD, Anatol, PRADO, Décio de Almeida Prado & GOMES, Paulo Emílio Salles. **A Personagem de Ficção**. 2ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.

CÂNDIDO, Antônio. Literatura e sociedade: **estudos de teoria e história literária**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2008.

_____. Crítica e sociologia. In: **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010, p. 13 e 14.

CARDOSO, Maria Rezende (org). **Adolescente**. São Paulo: Editora Escuta, 2011.

COMPAGNON, Antoine. O Demônio da teoria: **literatura e senso comum**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 1999. (Humanitas).de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

CORDEIRO, Ewerton Fernandes. O inconsciente em Freud. In: Portal da Psicologia. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0745.pdf>.

COULMAS, Florian. **Escrita e Sociedade**; tradução Marcos Bagno.- 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

CROCHIK, J. L. (2005). **Preconceito e formação**. Em R. M. C. Libório & D. J. Silva (Orgs.), Valores, Preconceitos e Práticas Educativas (pp. 17-48). São Paulo: Casa do Psicólogo.

CROCHIK, J. L. (2006). **Preconceito, indivíduo e cultura** (3a ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.

DAL POS, Angela Care. Há critérios para o perdão? Um olhar sobre o subjetivismo na remissão e medida socioeducativa. In: TRINDADE, Jorge (org). **Direito da Criança e do Adolescente: Uma abordagem Multidisciplinar**. Ed.: Livraria dos advogados. Porto Alegre, 2005.

DEL PRIORE, Mary (org). **História da Criança no Brasil**. 7ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

_____. **História das mulheres no Brasil** / Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. – São Paulo : Contexto, 2004.

DERRIDA, 2002, p. 232)- Derrida, Jacques. A escritura e a diferença. Trad. Maria Beatriz M.N. da Silva. 3.ª ed., São Paulo: Ed. Perspectiva, 2002. p. 232.

DOLTO, Françoise. A Causa da adolescência: **Uma nova abordagem das inquietações dos adolescentes, numa linguagem acessível a jovens e adultos**. Tradução de Julieta Leite. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

DOLTO, Françoise. Psicanálise e Pedriatria: **As grandes lições de Psicanálise- dezesseis observações de crianças**. 4º edição; Editora Guanabara. 1971; Rio de Janeiro.

EAGLETON, Terry Teoria da literatura : **Uma introdução** / Terry Eagleton i tradução Waltensir Outra ; [revisão da tradução João Azenha Jr_] - 6" ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2006. - (Biblioteca universal)

FAEDRICH, Anna Martins. Autoconfições: **do conceito teórico à prática na literatura brasileira contemporânea**. (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

FERRAJOLI, Luigi. Direito e Razão: **Teoria do Garantismo Penal**. São Paulo: RT, 2002.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao Pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si**. Ética, sexualidade e política. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbaso. Rio de Janeiro: Forense, 2006, p. 144-162 (Ditos & Escritos V).

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa. Passagens. 1992. Pp. 129-160.

FREUD, Sigmund, 1856-1939. Obras completas, volume 6 : **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)** I Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. -11 ed.- São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber")**, artigos sobre técnica e outros textos [1911-1913]. Obras Completas Vol 10. Tradução e notas de Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das letras, 2010a.

_____. **Totem e Tabu** [1912-1914]. Obras Completas Vol 11. Tradução e notas de Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das letras, 2016b.

_____. “O Eu e o Id” . In : FREUD, S. **O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos** (1923-1925); tradução Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, vol.16. 2010 b.

FREUD, S. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos** [1914-1916]. Obras Completas, Vol 12. Tradução e notas de Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das letras, 2010d.

_____. **Conferências introdutórias à psicanálise** [1916-1917]. Obras completas, vol 13. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. **Inibição, sintoma e angústia** (1926). In. Obras Completas [tradução Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, vol. 17, p. 13- 123.

. _____. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos** (1923-1925); tradução Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, Vol.18.2010.

_____. **À guisa de introdução do narcisismo** (1914). In FREUD, S. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Rio de Janeiro: Imago Ed. 2004, vol. I. p. 95- 132

_____. Novas Conferências sobre Psicanálise: 31ª **A dissecção da personalidade psíquica**. In: FREUD, S. O Mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias e outros textos (1923-1925). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1933/2010 g.

_____. **Luto e melancolia** . In FREUD, S. Introdução ao narcisismo, Ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916); tradução Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2010h.

_____. **Novas Conferências sobre psicanálise – 32ª Angústia e instintos”** In FREUD, S. O Mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1936); tradução Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **Psicologia das Massas e Análise do Eu**. In: FREUD, S. Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1921/2011.

FRYE, Northrop. **Anatomia da Crítica: Quatro ensaios**. Editora: Realizações. São Paulo. 2006.

FREITAS, Maria Tereza de Assunção. Vygotsky & Bakhtin Psicologia e educação: **Um intertexto**. Editora Ática. 1994.

GAMEIRO, Costa Armindo da. Escrever na primeira pessoa. **In: Os espaço autobiográfico em José Craveirinha**. Lisboa. Escolar Editora, 2012.

GAY, Peter. O coração desvelado: **a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud**. Trad. Sergio Bath. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** / Antonio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, A. C. **Sociologia geral**. São Paulo: Atlas, 2011.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário de mitologia grega e romana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. 10ª edição - São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

HESÍODO. Teogonia: **a origem dos deuses**. 4. ed. São Paulo: Iluminuras, 2001.

KLEIN, Melanie. O sentimento de solidão: **Nosso Mundo adultos e outros ensaios**. 1ª edição IMAGO EDITORA LTDA, 1983. Rio de Janeiro.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

LACAN, J. (1946 / 1998). Formulações sobre a causalidade psíquica. In: **Escritos**. Rio

LACAN, J. (1960b / 1998). **Posição do inconsciente**. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ O seminário, livro 8: **a transferência** (1960-1961), Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário da psicanálise** / Laplanche e Pontalis ; sob a direção de Daniel Lagache; tradução Pedro Tamen. - 4a ed. - São Paulo : Martins Fontes, 2001.

LERNER, Gerda. A criação do Patriarcalismo: **História da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo. Cultrix, 2019.

LUKÁCS, Georg, 1885-1971. **A teoria do romance: um ensaio histórico filosófico sobre as formas da grande épica**/ Georg Lukács; tradução, posfácio e notas de José Marcos Mariani de Macedo.- São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000. Perspectiva, 1976, 5ª edição.

MAUAD, Ana Maria. A vida das crianças de Elite durante o império. In: Del Priori. Mary (org). **História da Criança no Brasil**. 7ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

MASSAUD, Moisés. **Dicionário de termos literários**. Ed. 12, São Paulo: Cultrix, 2004.

MARCELLI, Daniel. **Adolescência e psicopatologia** [recurso eletrônico] / Daniel Marcelli, Alain Braconnier; tradução Fátima Murad. – 6. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : Artmed, 2007.

MINAYO, M. C. de S. O desafio da pesquisa social. In: Pesquisa Social: **teoria, método e criatividade**. (Org.) MINAYO, M. C. de S. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. (Série Manuais Acadêmicos).

NASIO, J.-D.. **Meu corpo e suas imagens**. Rio de Janeiro Tradução: André Telles. Editora Zahar, Rio de Janeiro. 2008.

_____. A histeria: **teoria e clínica psicanalítica**. Tradução, Vera Ribeiro. -Rio de Janeiro: Jorge .:Zahar, 1991.

_____. 1942- Como **agir com um adolescente difícil?: um livro para pais e profissionais** / J.-D. Nasio; tradução André Telles. – Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história I**. Tradução Viviane Ribeiro . Bauru, SP; EDUSC, 2005. (Coleção História)

PIAGET, Jean. **O Juízo Moral na Criança**. São Paulo: Summus, 1994.

RAGO, Luzia Maragereth. A aventura de constar-se: **feminismos, escrita de si e invenção da subjetividade**. Campinas. SP: Editora Unicamp, 2013.

RAMOS, Fábio Pestana. A história trágico-marítima das crianças nas embarcações portuguesas. In: Del Priori. Mary (org). **História da Criança no Brasil**. 7ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

RASSIAL, Jean-Jacques. **O adolescente e o psicanalista**. Tradução Lêda Mariza Fischer Bernardino. Rio de Janeiro: Companhia da Letras, 1999.

ROUDINESCO, Elisabeth, 1944 — R765d **Dicionário de psicanálise**/Elisabeth Roudinesco, Michel Plon; tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge. — Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SAFOUAN, Moustapha. **O inconsciente e seu escriba**; Tradução Regina Steffen. Campinas, SP: Papyrus, 1987.

SAINT-VICTOR, Paul de. As Máscaras: **a cultura da Grécia em seu teatro**. Tradução: Gilson César Cardoso de Sousa, Germape, 2003.

SANTO, Marco Antonio Cabral. Criança e criminalidade no início do século XX. In: Del Priori. Mary (org). **História da Criança no Brasil**. 7ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

SEGAL, Hana. **Introdução à obra de Melanie Klein**. Introduction to the Work of Melanie Klein. Traduzido da segunda edição, revista e aumentada pela autora, publicada em 1973 por The Hogarth Press Ltd., 40 William IV Street, London W .C . 2. Direitos para a língua portuguesa adquiridos por IM A G O E D I T O R A L T D A, Rio de Janeiro, 1973.

TAVARES, Leandro Anselmo Todesqui A depressão como "mal-estar" contemporâneo: **medicalização e (ex)-sistência do sujeito depressivo** / Leandro Anselmo Todesqui Tavares. - São Paulo : Cultura Acadêmica, 2010.

TIBA, Içami. **Quem ama, educa** / Içami Tiba — São Paulo Editora Gente. 2002. Bibliografia. ISBN: 85-7312-382-6.

THOMAS, Rosalind. **Letramento e Oralidade na Grécia Antiga**. Tradução Raul Fiker. São Paul: Odysseus Editora, 2005.

VIEIRA, Trajano. **Édipo Rei de Sófocles**. Editora Perspectiva. 2001.

VENCÂNCIO, Renato Pinto. Os aprendizes de guerra. In: Del Priori. Mary (org). **História da Criança no Brasil**. 7ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

VOLÓCHINOV, Valentin, 1985-1936. A palavra na vida e a palavra na poesia: **ensaios, artigos, resenhas e poemas**. [Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova e Américo] – São Paulo, Editora 34, 2019.

VYGOTSKY, L. **Pensamento e Linguagem**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **A formação social da mente**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1975.

WOLF, Virgínia. **Mulheres e ficção**. Tradução de Leonardo Fróes, -1ª ed. São Paulo: Pinguin Classics Companhia das Letras, 2019.

ZINANI, Celil Jeanine Albert. Literatura e gênero: **a construção da identidade feminina**. 2ª ed. Caxias do Sul, RS: Educ, 2013.

APÊNDICE A – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Idade quando fez os diários: _____ idade hoje: _____

Morava: _____ mora: _____ Profissão atual: _____

- 1- Como era o seu lar? Havia quantas pessoas? Quais os residentes na casa?
- 2- Como você caracteriza seu lar? E as relações lá existentes?
- 3- Como era a relação com seus pais? Eram difíceis, amistosas?
- 4- Quem foi a criança existente em você? E como se constituiu adolescente?
- 5- Olhando para o passado quem você enxerga?
- 6- Como são suas memórias afetivas?
- 7- Há a ausência das descrições do seu lar nos diários, especialmente, do seu pai, por que você acha que não escrevia sobre ele?
- 8- Qual a relação que você tinha com a escrita e qual a importância dos diários naquela fase? Como você via essa relação? E qual a importância dela?
- 9- Olhando para trás, hoje como mulher, qual a relação da menina, adolescente com a mulher de hoje?
- 10- Ainda há marcas daquela menina, adolescente na mulher de hoje?
- 11- Qual o seu lugar de fala hoje? O que difere daquela menina e adolescente?

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

O(A) Sr.(a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada: **MARCAS DE IMPRESSÕES POÉTICAS E PSICANALÍTICAS PELO OLHAR DE ADOLESCENTES EM ESCRITAS DE DIÁRIOS PESSOAIS**, desenvolvida por ROSILENE FELIX MAMEDES, aluno regularmente matriculado no **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - Nível Doutorado do CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES** da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof. Dr. HERMANO DE FRANÇA RODRIGUES.

O presente estudo tem como objetivo geral: Discutir a continuidade e a descontinuidade do comportamento do Eu- adolescente a partir das marcas que plasmam na escrita de diários pessoais, de adolescentes da década de 1990, a partir da óptica da Psicanálise e da Literatura e como objetivos específicos: Identificar na psicanálise e na literatura subsídios para compreender as subjetividades apresentadas nos diários dos adolescentes; Compreender como os adolescentes se constituem como sujeito psicanalítico; Discutir à luz da psicanálise as marcas da continuidade e da descontinuidade deixadas nos diários; Compreender o diário como além de um mero registro, colocando-o dentro da literatura e de todas as características que emanam dessa arte, Extrair dos diários o simbolismo, os conflitos e os valores psicossociais dos registros e Compreender os adolescentes como sujeitos repletos de vontades e desejos (conceitos psicanalítico), mas que podem ser conflituosos a partir de imposições sejam de caráter físicos, sociais ou biológicos.

Justifica-se o presente estudo por se tratar da necessidade de compreendermos a construção do sujeito a partir da sua escrita, uma vez que nos registros os autores deixam marcas psicanalíticas que nos proporcionam condições de analisa-las à luz da teoria da literatura e da psicanálise. Nesse sentido, ao longo dos anos a humanidade vem passando por constantes transformações, sejam elas sociais, políticas, psicossocial, culturais ou até mesmo históricas. Paralelamente a essas transformações a escrita também foi evoluindo até chegar no estágio que a conhecemos. Assim, além da necessidade de evoluirmos, também possuímos uma série de outras, sejam de caráter individuais ou sociais, dessa forma, uma das necessidades mais urgentes que temos é a de nos comunicarmos, de expressarmos nossas necessidades, emoções, ou até mesmo apenas transmitir uma mera informação a outrem.

Talvez seja este o motivo que ao longo dos anos a ciência e pesquisadores vêm procurando compreender mais sobre a fase da adolescência, buscando colaborar e atenuar os dilemas vividos, não só pelos adolescentes, mas como por todas as famílias, independentes de

classes sociais. E é, exatamente, na busca de respostas que alicerçamos as nossas inquietudes, a despeito da continuidade e da descontinuidade da adolescência. Para isso, recorreremos aos teóricos da Psicanálise, para compreendermos o universo psicanalítico, em que esses adolescentes vivenciam seus conflitos e inquietações sejam elas de caráter individual ou social.

A participação do(a) sr.(a) na presente pesquisa é de fundamental importância, mas será voluntária, não lhe cabendo qualquer obrigação de fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelos pesquisadores se não concordar com isso, bem como, participando ou não, nenhum valor lhe será cobrado, como também não lhe será devido qualquer valor.

Caso decida não participar do estudo ou resolver a qualquer momento dele desistir, nenhum prejuízo lhe será atribuído, sendo importante o esclarecimento de que os riscos da sua participação são considerados mínimos, limitados à possibilidade de eventual desconforto psicológico ao ceder os diários pessoais, uma vez que a partir das suas leituras, terceiros, no caso o pesquisador, saberá as suas intimidades e como você se desenhava como sujeito a partir da sua escrita. Retificamos, porém, que o sigilo e a confidencialidade da sua identidade será mantida, não cabendo, assim, a pesquisa analisar você o quanto sujeito, e apenas a sua escrita e como ela te mostra o quanto sujeito social e psicanalítico.

Em todas as etapas da pesquisa serão fielmente obedecidos os Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme Resolução nº. 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que disciplina as pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil.

Solicita-se, ainda, a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos científicos ou divulgá-los em revistas científicas, assegurando-se que o seu nome será mantido no mais absoluto sigilo por ocasião da publicação dos resultados.

Caso a participação de vossa senhoria implique em algum tipo de despesas, as mesmas serão ressarcidas pela pesquisadora responsável, o mesmo ocorrendo caso ocorra algum dano.

A pesquisadora responsável estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Eu, Abaynara Fúria de Araújo, declaro que fui devidamente esclarecido (a) quanto aos objetivos, justificativa, riscos e benefícios da pesquisa, e dou o meu consentimento para dela participar e para a publicação dos resultados, assim como o uso de minha imagem nos slides destinados à apresentação do trabalho final. Estou ciente de que receberei uma cópia deste documento, assinada por mim e pela pesquisadora responsável, como trata-se de um documento em duas páginas, a primeira deverá ser rubricada tanto pela pesquisadora responsável quanto por mim e a segunda assinada por ambos(as).

João Pessoa-PB, 30 de junho de 2021.

Rosilene Félix Mamede
Pesquisadora Responsável

Marinalva Araujo de Araújo
Participante da Pesquisa

Pesquisadora Responsável, Rosilene Félix Mamede.
Endereço da Pesquisadora Responsável: Rua Tenente Francisco de Assis Moreira, N193, apto 102 - João Pessoa-PB - CEP: 51.051-020.
Fone: (83) 98704.1581 - E-mail: rosileneffmamede@gmail.com
E-mail do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba: eticarccs@ccs.ufpb.br - fone:
(83) 3216-7791 - Endereço: Cidade Universitária - Campus I - Conj. Castelo Branco - CCS-CT90 - João Pessoa-PB - CEP 58.021-000

ANEXO B – AUTORIZAÇÃO DO CONSELHO DE ÉTICA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: MARCAS DE IMPRESSÕES POÉTICAS E PSICANALÍTICAS PELO OLHAR DE ADOLESCENTES EM ESCRITAS DE DIÁRIOS PESSOAIS

Pesquisador: ROSILENE FELIX MAMEDES

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 39492520.0.0000.5188

Instituição Proponente: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.430.703

Apresentação do Projeto: tema desafiador envolve a personalidade dos sujeitos pesquisados

Objetivo da Pesquisa: coerentes a proposta da pesquisa

Avaliação dos Riscos e Benefícios: inerentes a pesquisa dessa natureza

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa: o tema proposto envolve e exige, uma atenção especial ao pesquisador, por se tratar de adolescentes com personalidade em construção e afirmação, pela instabilidade que a idade apresenta. A dificuldade na personalidade, na análise e discussão de dados será, importante para otimização dos resultados

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória: atende as exigências institucionais

Recomendações: atenção as análises dos dados com a diversidade de resultados

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações: Nenhuma

Considerações Finais a critério do CEP: Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou a execução do referido projeto de pesquisa. Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à submissão do Relatório Final na Plataforma Brasil, via Notificação, para fins de apreciação e aprovação por este egrégio Comitê.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1450006.pdf	22/10/2020 10:51:42		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	6_TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_ESCLARECIDO.pdf	22/10/2020 10:49:39	ROSILENE FELIX MAMEDES	Aceito
Orçamento	5_ORCAMENTO.pdf	22/10/2020 10:49:24	ROSILENE FELIX MAMEDES	Aceito
Cronograma	4_CRONOGRAMA.pdf	22/10/2020 10:48:16	ROSILENE FELIX MAMEDES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	3_PROJETO_DETALHADO.pdf	22/10/2020 10:47:51	ROSILENE FELIX MAMEDES	Aceito
Outros	2_CERTIDAO_DE_APROVACAO_DO_PROJETO_DE_PESQUISA.pdf	22/10/2020 10:47:37	ROSILENE FELIX MAMEDES	Aceito
Folha de Rosto	1_FOLHA_DE_ROSTO.pdf	22/10/2020 10:47:16	ROSILENE FELIX MAMEDES	Aceito

Situação do Parecer: Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP: Não

JOAO PESSOA, 01 de dezembro de 2020.

Assinado por:

**Eliane Marques Duarte de Sousa
(Coordenador(a))**

ANEXO C – TEXTO ENVIADO (2021)

Domingo, 27 de junho de 2021

Querido diário,

Após vários anos, volto a escrever neste gênero discursivo para recobrar um pouco as memórias acerca da minha infância e adolescência e aproveitarei para fazer uma breve descrição de como me sinto hoje. Esse relato será útil a uma pesquisa científica.

Mantive a escrita de diários durante a adolescência, porém, nunca consegui lê-los, após esses anos. Talvez porque, mesmo selecionando para registro apenas momentos que condiziam com um bem-estar subjetivo, o vácuo das datas não escritas ecoam um silêncio perturbador, cheio de sofrimento.

Não lembro bem, mas nos meus diários, pouco ou nunca menciono os meus pais. Para entender um pouco sobre esse aspecto, direi como constituí minhas primeiras autoimagens, sempre a partir do outro. E esse outro encontra-se representado, principalmente, na figura materna da minha avó, com quem morei dos 6 aos 9 anos de idade.

De acordo com relatos dos adultos da família, nasci em condições precárias, em Castelo do Piauí – PI, em 02 de janeiro de 1984. O meu pai tinha completado seus 17 anos e, ao saber da gestação da minha mãe, viajou para a casa dos tios, no interior do Rio Grande do Norte. Dizem que um tio o “obrigou” a retornar para “assumir” a minha mãe e o bebê.

De acordo com as histórias contadas, logo nos primeiros dias do meu nascimento, eu estava chorando com cólicas no horário do almoço enquanto mãe me concluía o almoço de pai. Diante do choro incessante, ele foi até a rede e bateu em mim, o que mobilizou muitos para tentarem me salvar. Fui internada por vários dias e apelaram para benzedeiros de todo tipo.

As minhas primeiras memórias se remetem a uma casa de taipa (feita de varas finas e argila), onde eu acordava no meio da noite com uma lamparina acesa, pai chegando ébrio e espancando minha mãe. Outras vezes, lembro dele bêbado batendo em mim e nos meus dois irmãos. Segundo o que eu ouvia indiretamente, mãe e vovó nos davam banho com água e sal para ajudar a cicatrizar as feridas. Não são lembranças agradáveis. Era um caos de crise, de fome, onde éramos sustentados nos anos 80 pelo trabalho braçal do meu pai e através de feiras das assistências do governo.

O lugar da minha mãe era de fragilidade, de submissão frente a uma cultura machista, um patriarcado que abominava e que ainda despreza a mulher que se liberta de relações tóxicas ou abusivas. E assim, arrastou-se a família. Quando meus pais tiveram a oportunidade de se mudarem para uma zona rural distante do Distrito Palma, onde até então moravam próximos aos meus avós maternos, vovó pediu para ficar comigo sob o argumento de que eu ficaria mais próxima do acesso à escola.

Passei a morar na casa de vovó, onde morava minha tia com duas filhas e dois filhos de outra tia. Havia saudade de algum tipo dos meus pais e irmãos. Lembro de ter recebido um dos maiores gestos de carinho do meu avó (agricultor), que me presenteou com uma caneta BIC azul, achada na estrada de barro, quando vinha da roça. Naquela tarde, eu brincava de escolinha, onde o quadro era o silo de alumínio onde guardavam os mantimentos colhidos nas lavouras.

Passava as férias de janeiro na casa dos meus pais, mas entendia que aquele momento era de encontro feliz com meus dois irmãozinhos. Lá, brincávamos debaixo das árvores e tomávamos banho nos riachos. Lembro que minha irmã relatava pesadelos assustadores. Hoje, percebo que havia uma preferência afetiva dos meus pais pelo filho caçula, principalmente, por ser do sexo masculino. O carinho era destinado mais a ele. Ainda naquele período, eu soube que minha irmã havia sido gravemente espancada pelo meu pai porque, nas brincadeiras, minha irmã acabou jogando areia nos olhos do meu irmão.

Ao passar a morar aos nove anos com eles, lembro que pai havia recebido a oportunidade de ser morador de um sítio de um prefeito da cidade, onde cuidava de gado, da produção de leite e da alimentação dos animais. A bebida estava sempre presente nos fins de semana, quando ele saía com o dinheiro da feira. Houve situações em que ele viajou para Caicó e voltou após dois dias, sem dinheiro e cheio de inverdades, gritando para minha mãe que havia sido assaltado.

Mãe trabalhava desde a madrugada fazendo queijo e comida para os trabalhadores do dono do sítio. Mas não tinha voz na relação. Quando se posicionava, era agredida. Nesse período, pai já tinha um revólver em casa, e cada conflito entre os dois implicava em medo para nós, os filhos. Lembro que eu não conseguia dormir assustada, com medo de ele matá-la. Eu vivia revoltada, não conversava muito, mas buscava equilíbrio na natureza, lia bastante e escrevia sobre sonhos, sobre a possibilidade de fuga de toda aquela vivência.

Naquele sistema, a família inteira trabalhava para garantir o único salário do meu pai. Estudávamos à tarde, após caminhar 30 minutos ao meio dia até chegar a uma porteira, onde passava o carro que conduzia os estudantes daquela área para a escola, em São José do Seridó – RN. Antes, acordávamos bem cedo para preparar a casa, cortar capim para as ovelhas e ir até

o açude buscar água. Lembro que a média eram oito ou a nove cargas de água em barril. Quando mãe ia lavar roupa no açude ou ia à rua, precisávamos cuidar de tudo, inclusive fazer o queijo.

O tempo foi passando e passei a ver nos estudos a oportunidade de abrir horizontes e transformar a minha realidade. Por isto, desde cedo já lia literatura, filosofia e sentia mais afinidade em ficar na biblioteca durante o intervalo. Passei a estudar toda noite, mesmo sob luz de lamparina, pois no fim dos anos 1990, muitas áreas rurais ainda não tinham recebido energia elétrica.

Bem, após migrarmos para uma residência na zona urbana de São José do Seridó, lembro que o desrespeito e a violência ainda eram preponderantes na família. Fui aprovada no vestibular para Pedagogia na UFRN e viajei de São José para Caicó por uns meses, em um carro de estudantes que cobrava um valor mensal. Diante da falta de condições financeiras dos meus pais para arcarem com as despesas de apostilas, lanche e transporte, consegui uma vaga na residência universitária. Lá, passei a compartilhar uma casa com 16 universitárias de diferentes cidades e comportamentos. Comecei a dar aulas de reforço e logo fui conseguindo participar de projetos de extensão e de pesquisa.

Aos poucos, fui me afastando do ambiente familiar, arquivando as memórias mais grotescas no subsolo da inconsciência. Hoje, consigo ver no meu eu nuances das vivências que me marcaram tanto. Já fiz terapia, porém, não em abordagem psicanalítica. Após esses anos, volto à casa dos meus pais sempre que possível. Eles amam conviver com meu filho de cinco anos. Temos diálogos divertidos, sempre decoro a casa e reúno a família no Natal. Meu pai se livrou da bebida devido a problemas cardíacos.

Com relação à vida afetiva, mantive uma união estável por cinco anos, porém, finalizei em 2019. Mantenho a amizade com o pai do meu filho e se precisar, diante de qualquer situação, estarei com ele para ajudá-lo. Por enquanto, estou bem sozinha e desejo que ele seja feliz com alguém que o ame.

Eu aprendi a me jogar no mundo. Não tenho medo. Sofro preconceito por ser “separada”, por ser “mãe solteira”, recebo propostas para ser amante como se eu estivesse à deriva e em desespero, necessitando de sexo casual. Costumo receber mensagens penosas de parte dos colegas de trabalho, que usam da religião para afirmar que preciso de um homem para sobreviver: “Que o Senhor cuide de você e do seu filho”. O machismo reina! Não tenho medo. Sou mulher. Gosto de ler. Sou uma entre tantas que trazem em si as marcas de uma tradição familiar patriarcal, cheia de violência incrustada no silêncio da vida privada.